UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS

ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA

Tese

OS SENTIDOS DA CARREIRA DOCENTE NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

IVAN BREMM DE OLIVEIRA

PELOTAS, 2020

IVAN BREMM DE OLIVEIRA

OS SENTIDOS DA CARREIRA DOCENTE NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Escola Superior de Educação Física da Universidade Federal de Pelotas, como requisito parcial à obtenção do título de Doutor em Educação Física na Linha de Formação Profissional e Prática Pedagógica.

Orientador: Prof. Dr. Giovanni Felipe Ernst Frizzo

Pelotas, 2020

Universidade Federal de Pelotas / Sistema de Bibliotecas
Catalogação na Publicação

O48s Oliveira, Ivan Bremm de

Os sentidos da carreira docente na educação física escolar / Ivan Bremm de Oliveira ; Giovanni Felipe Ernst Frizzo, orientador. — Pelotas, 2020.

442 f.

Tese (Doutorado) — Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Escola Superior de Educação Física, Universidade Federal de Pelotas, 2020.

1. Carreira docente. 2. Educação física escolar. 3. Trabalho docente e pedagógico. 4. Professores e professoras. 5. Escola pública. I. Frizzo, Giovanni Felipe Ernst, orient. II. Título.

CDD : 796

Elaborada por Daiane de Almeida Schramm CRB: 10/1881

IVAN BREMM DE OLIVEIRA

OS SENTIDOS DA CARREIRA DOCENTE NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

Tese aprovada, como requisito parcial, para obtenção do grau de Doutor em Educação Física, na área de concentração Movimento Humano, Educação e Sociedade, linha de pesquisa Formação e Prática Profissional, Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Escola Superior de Educação Física, Universidade Federal de Pelotas.

Data da Defesa: 21/12/2020 às 14h

Banca Examinadora:

.....
Prof. Dr. Giovanni Felipe Ernst Frizzo (Orientador)
Doutor em Ciência do Movimento Humano pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul

.....
Profª Drª Valdelaine da Rosa Mendes
Doutora em Educação pela Universidade de São Paulo

.....
Profª Drª Andrize Ramires Costa
Doutora em Educação Física pela Universidade Federal de Santa Catarina

.....
Profª Drª Mariângela da Rosa Afonso
Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul

.....
Profª Drª Franciele Roos da Silva Ilha (Suplente)
Doutora em Educação pela Universidade Federal de Pelotas

Dedico este trabalho “aos trabalhadores e trabalhadoras do Brasil.”

“Nenhum direito a menos!”

Agradecimentos

Aos ex-colegas e sempre amigos servidores públicos do IBGE, Prefeitura Municipal de São Luiz Gonzaga, Governo Estado RS, UERGS, UNIPAMPA, UFSM, IFSul que juntos tentamos construir uma nação mais justa. “Nenhum direito a menos!”

Aos colegas do IFSul, Campus Pelotas, especialmente aos do setores APDA/DIREN e Coordenadoria de EF- PL-EDFIS pela amizade alicerçada.

Aos colegas do Curso de Licenciatura em Educação Física- Noturno e do PPGEF/UFPel, pelo companheirismo.

Aos colegas, corpo docente, técnicos administrativos e terceirizados e comunidade em geral da Escola Superior de Educação Física- ESEF/UFPEL, pelos ensinamentos e convívio ao longo desses 10 anos de formação.

Á Secretaria Municipal de Educação e Desporto, direções e supervisores e supervisoras das escolas, ao professorado e ao alunado, servidores e servidoras em geral pela atenção e autorização para esta pesquisa.

Ao professorado em geral e aos de Educação Física da Rede Municipal de Ensino de Pelotas, em especial aos que confiaram em mim para contar elementos de suas carreiras e vidas e pela disponibilidade e esforço para o êxito deste estudo.

À Franciele Gomes de Medeiros, pelo exemplo de ser humano, de dedicação, de carinho, por lutar e acreditar em teus sonhos.

À banca examinadora, por aceitarem contribuir com o estudo e com meu desenvolvimento profissional e pessoal e pela admiração minha por todas.

Ao meu camarada e orientador Prof. Giovanni Frizzo, por ter aceitado este desafio, confiado em mim e contribuído decisivamente por este momento, mas principalmente por me tornar mais humano e lutar e acreditar na transformação da sociedade e do mundo.

Aos meus pais (pai, mãe e madrasta) e irmãos, família pela minha existência e formação do meu caráter, peço desculpas por não estar presente quase sempre.

UNI-VOS!

Meu cordial obrigado.

[...] Faremos esforços grandiosos para ir mudando, o que ainda não pode ser mudado, sendo com toda força e beleza, exemplo pedagógico à sociedade e aos pobres que perecem nas cidades embrutecidas pela lógica abismal de que cada um é aquilo que consome, e que sabemos não tem mais nada a perder, pois já perderam por demais na vida, que a luta é o único encontro possível que possa livrá-los da barbárie e do aniquilamento social! [...]

*(*Manifesto das Famílias do Assentamento 17 de Abril à sociedade paraense e ao povo brasileiro, de Eldorado do Carajás, Pará)

Resumo

OLIVEIRA, Ivan Bremm de. **Os sentidos da carreira docente na Educação Física Escolar.** 2020. 442f. Tese (Doutorado em Educação Física) – Programa de Pós-Graduação em Educação Física. Universidade Federal de Pelotas, Pelotas/RS.

O objetivo desta pesquisa foi analisar os sentidos da carreira docente para o professorado de EF da Rede Municipal de Ensino de Pelotas (RMEPel). Adotamos, para isso, a corrente teórica do Materialismo Histórico Dialético. Trata-se de um estudo descritivo, de natureza analítico-interpretativa, com 11 docentes de EF com mais de 20 anos de docência. Para a coleta de dados, utilizamos a escrita de cartas autobiográficas e entrevistas semiestruturadas. Na análise dos dados, recorremos à triangulação de dados e à análise de conteúdo. Buscamos compreender a carreira docente desde a escolha da graduação em EF até os anos que antecedem a aposentadoria. Identificamos que os motivos pela escolha da graduação em EF não teve relação com a docência em si, mas pelo esporte aliado a outro determinante, com exceção de uma professora. Constatamos que suas formações iniciais foram esportivistas e apresentaram limitações para o trabalho no ambiente escolar, e que o ingresso na carreira docente, ocorreu principalmente, pelos direitos/vantagens da esfera pública. No tocante à EF na escola, a mesma foi considerada como pouco reconhecida e as condições de trabalho gerais, como carga horária elevada, a situação de multiempregos, plano de carreira e salários defasados, o não pagamento do piso e específicas da área, como infraestruturas precárias e falta de materiais para as aulas de EF, apresentaram-se como dificuldades ao longo de toda carreira. Apontamos como sentidos da carreira docente para o professorado de EF da RMEPel: *A) A Realização como professor e professora:* apesar da desvalorização profissional percebida ao longo de suas carreiras, os docentes exprimiram um sentimento de realização profissional e pessoal de serem professores e professoras. *B) As Relações com o alunado:* principalmente na possibilidade de colaboração na transformação da realidade dos mesmos. *C) O Dom/Vocação para a docência:* o professorado acredita na existência de um dom ou vocação para permanecerem na precarizada carreira docente, e como essa descoberta ocorreu durante a própria profissão e apenas uma professora relatou querer ser docente desde infância, denominamos de vocação tardia. *D) O Público e o Privado na carreira docente:* o ingresso na esfera pública e principalmente a permanência na carreira docente se deu também pelos direitos/vantagens presentes na esfera pública em relação à esfera privada. A precarização, a intensificação e a desprofissionalização que constatamos na função e na carreira docente afetam os sentidos da carreira docente, principalmente quando seus efeitos impactam negativamente na formação do alunado. O professorado mostrou-se preocupado com o futuro da Educação Pública e o fim de direitos trabalhistas e previdenciários, isso se deve às transformações ocorridas pelas políticas de cunho neoliberal capitalista que desestruturaram a carreira, a escola, a educação e a sociedade. Consideramos que, apesar disso, ainda há sentidos no trabalho e na carreira docente ocupando a centralidade na vida humana e na formação do ser social.

Palavras-chave: Carreira docente. Educação Física escolar. Professores e professoras. Trabalho docente e pedagógico. Escola pública

Abstract

OLIVEIRA, Ivan Bremm de. **The meanings of the teaching career in Physical Education at School.** 2020. 442f. Thesis (Doctorate in Physical Education)- Post-Graduate Program in Physical Education. Universidade Federal de Pelotas, Pelotas.

The aim of this research was to understand the meanings of the teaching career for RMEPel PE teachers. We adopted, for this, the theoretical current of Dialectical Historical Materialism, with a philosophical basis of Marxism. This is a descriptive study of an analytical-interpretative nature with 11 PE teachers over 20 years of teaching. For data collection we used the writing of autobiographical letters and semi-structured interviews. In data analysis, we use data triangulation and content analysis. We seek to understand the teaching career from the choice of undergraduate PE in the years leading up to retirement. We found that, with the exception of one teacher, the reasons for choosing a PE degree were not related to teaching itself, but because of sport combined with another determinant. We found that his initial training was sports and had limitations for work in the school environment and that the entry into the teaching career occurred mainly due to the rights / advantages of the public sphere. Regarding PE at school, it was considered to be poorly recognized and the general working conditions, such as high hours, the situation of multi-jobs, career plan and lagged wages, non-payment of the floor and specific area, such as infrastructure precarious and lack of materials for PE classes, presented as difficulties throughout their career. We point out as meanings of the teaching career for RMEPel PE teachers: A) Achievement as a teacher and teacher: despite the professional devaluation perceived throughout their careers, they expressed a sense of professional and personal fulfillment of being teachers and teachers. B) Relations with students: mainly in the possibility of collaboration in transforming their reality. C) The Gift / Vocation for teaching: the teacher believes in the existence of a gift or vocation to remain in the precarious teaching career and as this discovery occurred during the profession itself and only one teacher reported wanting to be a teacher since she was a child, we call it a late vocation . D) The Public and the Private in the teaching career: the entry into the public sphere and especially the permanence in the teaching career was also due to the rights / advantages present in the public sphere in relation to the private sphere. The precariousness, the intensification and the deprofessionalization that we see in the teaching function and career affect the meanings of the teaching career, especially when its effects negatively impact on the formation of students. The professors were concerned with the future of Public Education and the end of labor and social security rights, this is due to the transformations occurred by the neoliberal capitalist policies that disrupted the career, the school, the education and the society. We consider that, despite this, there are still meanings in the work and in the teaching career occupying the centrality in human life and in the formation of the social being.

Keywords: teaching career, Physical Education, male and female teachers, teaching and pedagogical work, public school.

Lista de tabelas

Quadro 1	Comparativo ciclos desenvolvimento profissional Huberman e Farias.....	44
Quadro 2	Matricula alunado RMEPEL Censo 2019.....	51
Quadro 3	Dados sociodemográficos, formação e titulação.....	53
Quadro 4	Sistematização do trabalho de campo.....	56
Quadro 5	Dados da formação inicial.....	64
Quadro 6	Caracterização do trabalho docente.....	84
Quadro 7	Regime trabalho na RMEPel, outras redes e outros.....	101
Quadro 8	Dados da titulação.....	112

Lista de Abreviaturas e Siglas

BMH	Biodinâmica do Movimento Humano
BID	Banco Interamericano de Desenvolvimento
BIRD	Banco Internacional para Reconstrução e Desenvolvimento
BNCC	Base Nacional Curricular Comum
CEFD	Centro de Educação Física e Desportos
CPERS	Centro dos Professores do Estado do Rio Grande do Sul
CEP	Comitê de Ética e Pesquisa
CH	Carga Horária
DIEESE	Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos
EAD	Educação à Distância
EBBT	Ensino Básico, Técnico e Tecnológico
EF	Educação Física
ECS	Estágio Curricular Supervisionado
EJA	Educação de Jovens e Adultos
ENEM	Exame Nacional do Ensino Médio
ESEF	Escola Superior de Educação Física
FC	Formação Continuada
FNDE	Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação
FI	Formação Inicial
GPEFE	Grupo de Pesquisas em Educação Física e Educação
GOTPEF	Grupo de Pesquisa Organização do Trabalho Pedagógico da EF
GRUPEL	Grupo de Pesquisa em Educação Física, Esporte e Lazer
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IDEB	Índice de Desenvolvimento da Educação Básica
IDH	Índice de Desenvolvimento Humano
IFSUL	Instituto Federal Sul-Rio-Grandense
IES	Instituições de Ensino Superior
INEP	Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira
LABESP	Laboratório de Ensino, Pesquisa e Extensão em Esportes
LABFEX	Laboratório de Fisiologia do Exercício
LACOM	Laboratório de Comportamento Motor
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
MEC	Ministério da Educação e Cultura

MHES	Movimento Humano Educação e Sociedade
OIT	Organização Internacional do Trabalho
ONU	Organização das Nações Unidas
OS	Organizações Sociais
OXFAM	Oxford Committee for Famine Reliefe/Comitê Oxford para Alívio da Fome
PARFOR	Programa de Consolidação das Licenciaturas
PEC	Proposta de Emenda Constitucional
PIBID	Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência
PNE	Plano Nacional de Educação
PPGEF	Programa de Pós Graduação em Educação Física
RDH	Relatório de Desenvolvimento Humano
RMEPEL	Rede Municipal de Ensino de Pelotas
RS	Rio Grande do Sul
SAEB	Sistema de Avaliação da Educação Básica
SC	Santa Catarina
SIMP	Sindicato dos Municipários de Pelotas
SMED	Secretaria Municipal da Educação e Desporto
TCC	Trabalho de Conclusão de Curso
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
UERGS	Universidade Estadual do Rio Grande do Sul
UFPEL	Universidade Federal de Pelotas
UFSM	Universidade Federal de Santa Maria
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura
URCAMP	Universidade da Região da Campanha
UNIPAMPA	Universidade Federal do Pampa

Sumário

1- Contextualização: a compreensão da realidade e os objetivos do estudo..... 12

1.1 Compreendendo a realidade 16

1.2 A relação Trabalho e Educação..... 30

1.3 Educação Física, trabalho e carreira docente..... 39

2- Pressupostos teórico-metodológicos..... 49

2.1 Caracterização da RMEPel e dos colaboradores da pesquisa..... 51

2.2 Instrumentos de pesquisa, análise de dados e aspectos éticos..... 53

3- Da escolha da graduação ao ingresso na docência..... 59

3.1 Os motivos pela escolha da graduação em Educação Física..... 59

3.2 Da formação inicial ao ingresso na carreira docente..... 64

4- Docência, Educação Física, carreira docente, escola e sociedade..... 84

4.1 A Educação Física na escola é reconhecida?..... 85

4.2 As condições de trabalho do professorado de EF na RMEPel..... 98

4.3 Carreira docente, escola e sociedade..... 120

5- Os sentidos da carreira docente para o professorado de EF da RMEPel..... 138

5.1 A realização pessoal e profissional como professor e professora..... 148

5.2 As relações estabelecidas com o alunado..... 153

5.3 O dom e/ou a vocação para a docência..... 161

5.4 O Público e o Privado na carreira docente..... 164

6- Entre a precarização e os sentidos da carreira docente: a formação do alunado..... 185

Considerações finais..... 192

Referências..... 198

Apêndices

Apêndice I- Cartas elaboradas pelo professorado para um novo docente..... 210

Apêndice II- Roteiro básico entrevistas semiestruturada..... 241

Apêndice III- Transcrições entrevistas 243

Apêndice IV- Produção acadêmica durante doutoramento..... 412

Apêndice V - Produto - artigo submetido em periódico listado no *WebQualis* da área 21 na tese- Artigo oriundo da tese (Regimento PPGEF 2013)..... 414

Anexos

Anexo I- Carta "Razones del profesorado para seguir con entusiasmo" de Sonia Nieto (2006)... 429

Anexo II- Autorização SMED..... 433

Anexo III- Termo de Consentimento Livre e Esclarecido..... 434

Anexo IV- Cartas de apresentação e autorização pesquisa a SMED, diretores(as) e docentes. 435

Anexo V- Termo de autorização de pesquisa e uso de depoimento..... 428

Anexo VI- Parecer aprovação Comitê Ética e Pesquisa ESEF/UFPel..... 439

1. CONTEXTUALIZAÇÃO: A COMPREENSÃO DA REALIDADE E OS OBJETIVOS DO ESTUDO

Esta tese, que objetiva analisar o(s) sentido(s) da carreira docente para o professorado de Educação Física (EF) da Rede Municipal de Pelotas (RMEPel), está inserida na linha de pesquisa Formação Profissional e Prática Pedagógica, da área de concentração Movimento Humano, Educação e Sociedade (MHES), do Programa de Pós- Graduação em Educação Física, da Universidade Federal de Pelotas (PPGEF/UFPel). Além disso, é integrante das pesquisas desenvolvidas pelo Grupo de Pesquisa Organização do Trabalho Pedagógico da Educação Física (OTPEF). A referida linha de pesquisa prioriza investigações voltadas à escola e ao professorado de Educação Física (EF) e abrange tanto investigações relativas à formação inicial e continuada, quanto do Trabalho Pedagógico nos diferentes níveis de ensino relacionado ao mundo do trabalho. Assim sendo, esta tese está organizada da seguinte forma:

O capítulo 1 *"Contextualização: a compreensão da realidade aos objetivos do estudo"* aborda a relação do pesquisador com a temática e a trajetória até esse momento. Apresenta dados iniciais para a compreensão da realidade existente a respeito da categoria carreira e trabalho docente, dados que são relevantes para situar a Educação, a Escola e a Sociedade até os dias atuais e subsidiam e justificam a pesquisa. Expõe a questão de pesquisa bem como os objetivos geral e específicos. Relaciona o Trabalho com a categoria Educação bem como suas transformações dentro do modo de produção capitalista e, aproximamos a relações entre as categorias Educação Física, Trabalho e carreia docente, que serão analisadas ao longo de todo o trabalho.

No Capítulo 2 apresento os *"Pressupostos teórico-metodológicos"* escolhidos para a consecução dos objetivos do estudo propostos contextualizado.

O capítulo 3 "*Da escolha da graduação ao ingresso na docência*" pretende apresentar e explorar os motivos da escolha do curso de graduação em EF pelos docentes colaboradores do estudo. Objetiva ainda verificar se essa formação atendeu e preparou satisfatoriamente para o trabalho no âmbito escolar, além de analisar como ocorreu o ingresso dos mesmos na docência propriamente dita e suas dificuldades iniciais.

O capítulo 4 intitulado “*Docência, Educação Física, carreira docente, escola e sociedade*” traz a análise da legitimação e reconhecimento da EF no coletivo escolar ao longo da carreira desses docentes, as suas condições de trabalho docente e pedagógicas, além de questões acerca da formação continuada e da relação da EF, escola e sociedade.

No capítulo 5 “*Os sentidos da carreira docente para o professorado de EF da RMEPel*”, partimos para a compreensão dos sentidos da carreira docente para o professorado de EF da RMEPel. Segundo a análise dos dados do trabalho de campo, emergiram as seguintes categorias que foram discutidas: a) A realização profissional e pessoal como professor e professora, b) As relações estabelecidas com o alunado, c) O dom ou a vocação para a docência e, d) O Público e Privado na carreira docente.

O capítulo 6 “*Entre a precarização e os sentidos da carreira docente: a formação do alunado*”, confrontamos os achados encontrados nos capítulos 4 e 5 para compreendermos, a partir dessa relação, qual o impacto na formação do alunado, pois cremos que os processos de precarização, desprofissionalização e intensificação do trabalho e da carreira docente interferem na atividade docente em todos os níveis. Dessa forma, refletimos criticamente os seus impactos na formação do alunado da educação pública.

Por fim, no capítulo 7 apresentamos as “Considerações finais” da pesquisa.

Apresentada incialmente a tese, considero inevitável chegar a esse momento e não olhar para trás, assim, refaço um pouco minha trajetória acadêmica (e de vida) para contextualizar o pesquisador com o estudo. Conclui o ensino médio em 1998, numa cidade pequena do interior do Rio Grande do Sul (RS), São Luiz Gonzaga, onde não havia universidade pública no município ou nas proximidades, as únicas possibilidades de escolhas então para me sustentar eram de ingressar no serviço militar ou a realização de concursos públicos. Escolhi a segunda opção, e então trabalhei no cargo temporário de recenseador do IBGE, no Censo de 2000 como primeiro emprego, em 2001 realizei um concurso público para o município no cargo de secretário de escola, obtive aprovação e fui trabalhar numa escola carente do município, onde devido às condições da educação pública, como a escassez de profissionais, além ser secretário da escola, realizava outras funções como a de monitor,

cuidava recreio, e tinha contato direto com a comunidade escolar como um todo.

Em 2004 fiz outro concurso e fui aprovado para o cargo de Agente Administrativo- Secretaria Escolar do RS, e então fui trabalhar em uma escola estadual. Em 2006 prestei concurso e fui aprovado para Agente Administrativo da Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (UERGS), campus de São Borja. Já no ano de 2007, em outro concurso, fui nomeado para o cargo de Assistente em Administração de uma nova Universidade Federal, a UNIPAMPA, campus São Borja, e em 2010 solicitei remoção para o campus de Uruguaiana. Pude participar efetivamente da implantação de uma nova universidade em uma região que carecia de uma educação superior pública gratuita e de qualidade. Em 2011, prestei concurso para o mesmo cargo no Instituto Federal Sul- rio- grandense (IFSul), campus Pelotas. A existência do curso de licenciatura em EF, bem como ter maiores possibilidades de continuar meus estudos em nível de pós-graduação existentes na cidade foram os motivos que me fizeram prestar novamente um concurso e vir para Pelotas.

Os motivos iniciais que me levaram a escolher pelo curso de EF devem-se às boas experiências que tive nesta disciplina em âmbito escolar bem como o incentivo e amizade que tive na minha formação pessoal pelos professores desta disciplina ao longo de meu percurso escolar. Acrescento a isto, que a opção pela modalidade de licenciatura em EF deve- se ao fato de eu ter como projeto seguir a carreira docente.

Em relação ao curso de EF, em 2001 e 2002 realizei vestibular na Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) e não obtive aprovação por uma questão, no ano de 2008 na Universidade Regional da Campanha (URCAMP), de São Borja inicio o curso de EF e em 2009 fui aprovado em EF na UFSM, porém não consigo redistribuição do trabalho e tranco os cursos, tanto da UFSM quanto da URCAMP.

No ano de 2010 tive aprovação no curso de EF da Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA) campus de Uruguaiana e então reinicio o curso. Por fim, em 2011.2 ingresso em EF na ESEF/UFPel.

Desde o início no curso de formação, ingressei em Grupos de Pesquisa: a) Grupo de Pesquisas em Educação Física, Esporte e Lazer (GRUPEL), b) Laboratório de Fisiologia do Exercício (LABFex), c) Laboratório de

Comportamento Motor (LACOM) e d) Grupo de Pesquisa em Educação Física e Educação (GPEFE). Além disso, tive a oportunidade de participar durante 03 anos da minha graduação do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID/CAPES). O PIBID me proporcionou desde o início de meu curso o contato com a realidade da escola pública. Para tanto, elaborei, executei e avaliei ações que envolveram estudos, pesquisas e intervenções na área da Educação e da EF nas escolas da rede pública de ensino fundamental e médio da cidade de Pelotas- RS. No tocante à extensão, tive a satisfação de participar e adquirir experiência no Laboratório de Ensino, Pesquisa e Extensão em Esportes (LABESP), no Projeto de Basquete para Cadeirantes e do Grupo de Capoeira Biribá. Como defensor de uma formação única e generalista busquei experimentar as diferentes possibilidades que a Universidade pública oferece e diferentes linhas e áreas de pesquisa para considerar a que mais tivesse afinidade comigo, e foram as relacionadas com a Escola e a Educação Pública.

Colei grau como licenciado em EF no dia 14 de agosto de 2015 e no dia 31 do mesmo mês, ingressei no, na área de concentração MHES e linha de pesquisa Formação Profissional e Prática Pedagógica e no Grupo de Pesquisa em Organização do Trabalho Pedagógico da Educação Física. Por fim, em setembro de 2017 ingresso no doutorado no PPGEF/UFPel que agora em dezembro de 2020 me proponho a defender esta pesquisa.

Apresentada a tese e exposto brevemente um pouco da compreensão dos motivos que me trouxeram até este momento, proponho então com esta pesquisa, a partir do aporte teórico marxiano[1], dar prosseguimento a esta história, articulado com minha concepção de ser humano, sociedade e mundo, na possível mudança e transformação dos mesmos.

1.1 Compreendendo a realidade

É importante também um esforço inicial para a *compreensão da realidade* e do atual momento histórico da humanidade, ou seja, o modo de

[1] Apesar dessa pesquisa utilizar-se do aporte teórico marxiano, não é objetivo deste trabalho ser um manual sobre o marxismo, dessa forma, são sugeridas aos leitores e leitoras como forma de aprofundamento deste aporte teórico e suas categorias, sugestões de leituras em formas de notas de rodapé.

produção capitalista em seu estágio de desenvolvimento vigente, monopolista-financeiro. A humanidade e a sociedade passaram por determinados modos de produção ao longo da história, esse modos de produção são as maneiras como os seres humanos se associam e produzem a sua existência, ou seja, o modo como produzimos e conduzimos a nossa existência material, a nossa sobrevivência, os modos de circulação das mercadorias, bem como as pessoas fazem o intercâmbio, as trocas e o consumo, isto é, como as diferentes classes sociais consomem essa produção.

Ao longo da história, as formas de produzir, organizar o trabalho e distribuir as riquezas produzidas coletivamente foram se modificando, assim, dizemos que a história da humanidade é composta por uma sucessão de tipos diferentes de modos de produção de bens para satisfazer as diferentes necessidades humanas.

Os modos de produção[2] são compostos pela relação entre forças produtivas e relações de produção, onde as forças produtivas são o grau de domínio técnico e humano sobre a natureza, ou seja, como os seres humanos e a sociedade em geral promovem as técnicas e tecnologias que fazem o intercâmbio com a natureza (ferramentas, fábricas, máquinas, a divisão do trabalho, as ciências) e, as relações sociais de produção, que são o modo como organizamos a nossa vida material, o modo de disciplinamento destas relações sociais, incluindo as leis e os direitos, bem como a própria força de trabalho.

Existe uma tendência histórica voltada para a transformação radical do processo histórico, e essa tendência acontece nos momentos históricos em que relações sociais de produção e as forças produtivas acirram o seu antagonismo e a sua contradição (MARX, 2008). Assim, quando as relações sociais de produção se tornam obstáculos para as forças produtivas, é o momento em que as revoluções e as grandes transformações podem ocorrer. Isto lógico, dependendo da força material das classes em disputa, ou seja, quando as lutas de classe tomam corpo e consciência.

[2] Sobre Modos de Produção e Relações Sociais de Produção ver:
MARX, Karl. Formações econômicas pré-capitalistas. 5. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra,1986;
MARX, Karl Contribuição à crítica da economia política. 2ed. São Paulo: Martins Fontes, 1983.

Ao longo da história da humanidade já tivemos diferentes modos de produção e suas características básicas:

A) Comunismo primitivo: desenvolvido pelas sociedades primitivas, onde a propriedade era coletiva e as relações sociais entre os membros da comunidade eram de cooperação e não existiam classes sociais muito menos o Estado.

B) Modo de produção asiático: os donos das terras estabeleciam que escravos deviam cultivá-las. Temos aqui duas classes fundamentais: os governantes (faraós, reis, imperadores) e os escravos. O Estado também controlava o destino da produção e os governantes muitas vezes assumiam papéis de figuras religiosas, divinas.

C) Escravismo da Antiguidade: baseado na propriedade das terras, na relação de domínio (senhor) e de sujeição (escravos);

D) Feudalismo na Idade Média: onde a propriedade era feudal, com uma sociedade estamental de rígida hierarquia (clero, nobreza e servos), e onde o dinheiro passou a substituir aos poucos a troca de mercadorias;

E) Capitalismo a partir da Idade Moderna: houve o surgimento da propriedade privada dos meios de produção por uma classe dominante, a burguesia, e outra classe dominada, o proletariado, onde o trabalho passou a ser também uma mercadoria baseado na venda da força de trabalho por parte deste proletariado, ou seja, temos o surgimento do trabalho na forma assalariada.

As transformações dos modos de produção - escravismo, feudal, capitalista - desenvolvem-se através de suas próprias contradições (tese versus antítese) sempre superadas (pela síntese). Para Marx (2008), a história passou a ser compreendida tendo por motor a luta de classes antagônicas (senhor versus escravo; senhor Feudal *versus* servo; burguês versus proletário). Ou seja, da contradição entre o senhor e o escravo derivou a síntese do feudalismo, da contradição entre clero e burguesia/servos surge o capitalismo que, por sua vez, gerou a contradição entre a burguesia e proletário, cuja síntese, deveria ser o socialismo e o comunismo.

Vimos pela análise histórica que passamos de uma sociedade agrária-feudal para uma sociedade industrial- capitalista, mais precisamente para o desenvolvimento sociometabólico do capital, que segundo Mészáros:

> As unidades básicas das formas antigas de controle sociometabólico eram caracterizadas por um grau elevado de *auto-suficiência* no relacionamento entre a produção material e seu controle. Isto se aplica não apenas às comunidades tribais primitivas, mas também à economia doméstica das antigas sociedades escravistas e ao sistema feudal da Idade Média. Quando esta auto-suficiência se quebra e progressivamente dá lugar a conexões metabólicas/reprodutivas mais amplas, já estamos testemunhando o vitorioso avanço do modo de controle do capital, trazendo consigo, no devido tempo, também a difusão universal da alienação e da reificação. (MÉSZÁROS, 2002, p. 101).

Segundo Marx no Manifesto comunista de 1848 “a história de toda a sociedade é a história da luta de classes”, bem como a sociedade sempre foi dividida em 2 grupos: os dominantes e os dominados que, ao longo do tempo os dominantes ganharam denominações específicas: homens livres, patrícios, senhores feudais, mestres de corporação (opressores) e os dominados também ganharam tiveram diferentes denominações, escravos, plebeus, servos, aprendizes (oprimidos). Então, classe social e luta de classe estão em uma perspectiva concreta, interligadas ao longo da história da humanidade, assim:

> As classes sociais não são coisas nem idéias, mas são relações sociais determinadas pelo modo como os homens, na produção de suas condições materiais de existência, se dividem no trabalho, instauram formas determinadas da propriedade, reproduzem e legitimam aquela divisão e aquelas formas por meio das instituições sociais e políticas, representam para si mesmos o significado dessas instituições através de sistemas determinados de idéias que exprimem e escondem o significado real de suas relações. As classes sociais são o fazer-se classe dos indivíduos em suas atividades econômicas, políticas e culturais (CHAUÍ, 1980, p.53).

No capitalismo, os dominantes são a burguesia e dominados são os proletários, essa separação acontece pela propriedade privada dos meios de produção (MARX, 2008), ou seja, a posse privada daquilo que garante a vida material da sociedade em um dado momento histórico. Assim, de um lado temos os proprietários dos meios de produção, e do outro os não proprietários dos meios de produção, que possuem somente a própria força de trabalho. Os burgueses são os donos das fábricas, dos instrumentos, das terras, das tecnologias, que fazem parte da infraestrutura e que garantem a produção material e a “sobrevivência” da humanidade.

Porém, não adianta a burguesia deter os meios de produção e não ter ninguém para trabalhar nesses meios de produção. Por conta, da retirada de tudo que o proletariado detinha, seus saberes, seus costumes, e seu

conhecimento técnico e instrumentalizados para fora deles, ou seja, incorporado às máquinas. Diante disso o que restou para o proletáriado foi vender o seu corpo como forma de sobrevivência, dessa maneira, vendem a sua força de trabalho e o seu tempo para os possuidores dos meios de produção, a burguesia. Ressalto que essa é a base do trabalho no modo de produção capitalista, alguém que possui algo contrata alguém que só possui a sua força de trabalho, seja de forma física ou mesmo intelectual.

Essa relação não nos parece ser justa, pois, tudo aquilo o trabalhador produz no seu dia de trabalho apenas uma parte mínima volta para ele na forma de salário. Esse montante, que é o valor excedente da produção e que fica somente para os donos do meio de produção é denominado de mais valia[3] (MARX, 2008). Assim sendo, o trabalhador produz muito mais do que aquilo que ele recebe em troca, e essa mais valia pode ser tanto mais-valia absoluta que pode ser por exemplo o aumento da jornada de trabalho, ou relativa, através implantação de novas tecnologias no processo produtivo por exemplo.

As relações de trabalho no capitalismo funcionam em um sistema de produção diferente dos modos de produção anteriores, no capitalismo o trabalho é remunerado, parcialmente pelo valor de seu trabalho, e a mais valia, ou seja o lucro, que permite o dono do meio dos meios de produção investir mais no seu negócio, ampliar sua estrutura e empregar mais pessoas nesse sistema e ter por conseguinte, mais relação de mais valia para acumular.

O confronto derivado da exploração é uma característica das relações de produção, nas quais uma classe, detentora dos meios de produção, atualmente a burguesia, usurpa o produto do trabalho da classe que não detém os meios de produção (o proletariado), por meio da mais valia, e a luta dessas duas classes antagônicas é o que para Marx, move a história.

O proletariado se sujeita a isso porque senão trabalharem assim, não há muitas vezes como sobreviver, e enquanto a classe proletária não tomar consciência da sua condição e buscar uma revolução, as coisas seguirão assim, até porque, no capitalismo, o trabalho é alienado e há a questão da Ideologia.

---

[3] "A produção de mais valia absoluta gira exclusivamente em torno da duração da jornada de trabalho; a produção da mais valia relativa revoluciona totalmente os processos técnicos de trabalho e as combinações sociais'' (MARX, O Capital, Livro 1, Vol. 2, p. 586).

Como foi dito anteriormente, no capitalismo existem duas classes sociais com interesses antagônicos, a burguesia e o proletariado, sendo que para os últimos, que nada possuem a não ser o seu corpo, vendem a sua força de trabalho para os detentores dos meios de produção (a burguesia). Esse trabalho, que produz mais valia para a burguesia, é um trabalho alienado, pois:

> O trabalhador se torna tanto mais pobre quanto mais riqueza produz, quanto mais a sua produção aumenta em poder e extensão. O trabalhador se torna uma mercadoria tão mais barata quanto mais mercadorias cria. Com a valorização do mundo das coisas aumenta em proporção direta a desvalorização do mundo dos homens. O trabalho não produz somente mercadorias; ele produz a si mesmo e ao trabalhador como uma mercadoria, e isto na medida em que produz, de fato, mercadorias em geral. [...] O trabalhador encerra a sua vida no objeto; mas agora ela não pertence mais a ele, mas sim ao objeto. Por conseguinte, quão maior esta atividade, tanto mais sem-objeto é o trabalhador. Ele não é o que é o produto do seu trabalho. Portanto, quanto maior este produto, tanto menor ele mesmo é. A exteriorização do trabalhador em seu produto tem o significado não somente de que seu trabalho se torna um objeto, uma existência externa, mas, bem além disso, que existe fora dele, independente dele e estranha a ele, tornando-se uma potência autônoma diante dele, que a vida que ele concedeu ao objeto se lhe defronta hostil e estranha [...] (MARX, 2008, p.80).

Para Marx, alienação[4] é o estranhamento do produto do trabalho que no capitalismo está separado do trabalhador, por mais que seja ele que executa o trabalho. A alienação ocorre em 3 dimensões: 1º: o trabalhador(a) não é dono do que produz, pois ele trabalha para alguém que é dono de tudo aquilo que ele produz e recebe um salário no final do mês, essa condição faz com que o trabalhador não se identifique com o trabalho, pois o que lhe interessa é somente o dinheiro que vai ganhar com aquilo, e que não passa de uma parte mínima de tudo aquilo que ele produz no período, durante o mês por exemplo; 2º: o trabalho serve apenas para a obtenção de sua sobrevivência, não serve para fazer o trabalhador "melhor", nesse tipo de trabalho que o trabalhador(a) não se realiza, ele(a) não sente que sua vida está melhorando, ou seja, "o seu trabalho não é portanto voluntário, mas forçado, trabalho obrigatório. O trabalho não é, por isso, a satisfação de uma carência, mas somente um meio para satisfazer necessidades fora dele" (MARX, 2008, p. 82).

O que o realiza o trabalhador(a) não está vinculado ao trabalho, por exemplo, podemos citar o número de vezes que esperamos as horas passarem

[4] Para maior apropriação acerca deste tema, consultar: MÉSZÁROS, István. **A teoria da alienação em Marx**. Boitempo Editorial, 2017.

para nos “livrarmos” do trabalho e podermos, enfim, nos realizarmos após esse trabalho; e, 3º: o processo de fragmentação do trabalho no capitalismo, pois os(as) trabalhadores(as) quando trabalham no sistema industrial são cada vez mais especializados em fazer apenas uma única tarefa e a fazê-la infinitamente e repetitivamente, ele realiza um trabalho fragmentado, desinteressado, e o foco está somente no salário e no que poderá comprar a partir desse trabalho alienado.

O trabalho alienado é hegemônico na sociedade capitalista, ele está presente desde a produção de coisas materiais e até no mundo acadêmico, nas pesquisas científicas e na produção do conhecimento nas mais diversas áreas como, por exemplo, na avaliação da pós-graduação e divulgação da produção acadêmica, que valoriza excessivamente a quantidade da produção e desconsidera muitas vezes a qualidade.

No modo de produção capitalista o trabalho é alienado e continuamos a trabalhar assim, nessas condições precárias e alienantes, por causa de algo denominado de ideologia, que é como se fosse uma máscara da realidade, ou uma inversão de como as coisas realmente estão postas e serve para esconder como realmente são. São vários instrumentos usados pela ideologia, a religião, hábitos alimentares, jogos, leis, etc... tudo isso funciona para esconder a realidade da vida material, por isso:

> [...] não partimos do que os homens dizem, imaginam e representam, tampouco do que eles são nas palavras, no pensamento, na imaginação e na representação dos outros, para depois se chegar aos homens de carne e osso; mas partimos dos homens em sua atividade real, é a partir de seu processo de vida real que representamos também o desenvolvimento dos reflexos e das repercussões ideológicas desse processo vital. (MARX; ENGELS, 1998, p. 19).

E, nessa sociedade capitalista, a educação institucionalizada serve para este sistema produtivo não só para “fornecer os conhecimentos e o pessoal necessário à máquina produtiva em expansão do sistema do capital, como também gerar e transmitir um quadro de valores que legitima os interesses dominantes” (MÉSZÁROS, 2008, p. 35), essa “internalização” da ideologia dominante faz com que os seres humanos se tornem passivos e aceitem como “naturais” a divisão de classe imposta pelo capitalismo e a aceitarem diferentes formas de opressões, e de expressões como “sempre foi assim e sempre será”. Como forma de superação o autor sugere a “contra-internalização” que é uma

forma de consciência social necessária para a superação dos limites restritos do controle do capital, de que é apenas no sentido amplo de educação que a educação formal, institucionalizada, pode contribuir para a superação do capital, realizando as suas “muito necessárias aspirações emancipadoras”, o que requer “um progressivo e consciente intercâmbio com processos de educação abrangentes com a nossa própria vida” (MÉSZÁROS, 2008, p. 59), ou seja, não basta uma mudança superficial, é necessário uma transformação radical no atual modo de produção.

E, assim sendo, “o modo de produção da vida material condiciona o processo de vida social, política e intelectual. Não é a consciência dos homens que determina o seu ser; ao contrário, é o seu ser social que determina a sua consciência” (MARX, 2008, p. 24), ou seja, a ideologia só pode ser entendida a partir da realidade material, pois, “a ideologia não é um processo subjetivo consciente, mas um fenômeno objetivo e subjetivo involuntário produzido pelas condições objetivas da existência social dos indivíduos”. (CHAUÍ, 1980, p. 78) e, nesse caso confirma que "as idéias dominantes de uma época sempre foram as idéias da classe dominante". (MARX; ENGELS, 1999, p. 40).

Assim, através da alienação e da ideologia, ficamos horas por dia fazendo algo (trabalho alienado), mas o que nos interessa é somente o salário do final do mês, e que já está programado para gastar em algum objeto e, depois de comprado, entramos no mesmo ciclo vicioso novamente, “detestando” o trabalho, mas trabalhando para comprar coisas que serão substituídas logo (obsolescência). Essas características destes processos é tão forte e não somente teórica que faz “humanizar” as mercadorias (reificação) e “coisificar” o ser humano. Até o ponto da mercadoria parecer ter emergido independente do trabalhador, o que Marx denominou de fetichismo da mercadoria e que segundo Duarte (2004) “ é um fenômeno próprio do mundo da cotidianidade alienada [...]” (p.9), e assim, para Marx (1994, p. 81):

> “A mercadoria é misteriosa simplesmente por encobrir as características sociais do próprio trabalho dos homens, apresentando-as como características materiais e propriedades sociais inerentes aos produtos do trabalho; por ocultar, portanto, a relação social entre os trabalhos individuais dos produtores e o trabalho social total, ao refleti-la como relação social existente, à margem deles, entre os produtos do deu próprio trabalho”.

Ou seja, ocultam as relações sociais de exploração do trabalho. A ideia de Marx para superar isso é a partir da consciência dessa condição e da consciência de classe, essa tomada de consciência levará ao rompimento com a alienação através de prática transformadora, denominada de práxis, pois não basta conhecer o mundo e interpretá-lo teoricamente, é preciso transformá-lo (práxis), sendo assim, uma "atividade concreta pela qual os sujeitos humanos se afirmam no mundo, modificando a realidade objetiva e, para poderem alterá-la, transformando- se a si mesmos" (KONDER, 1992).

Descrito brevemente o modo de produção capitalista, passamos a expor dados da realidade que mostram e confirmam a exploração desse modo de produção: O relatório 'Bem Público ou Riqueza Privada?' aponta que o 1% mais rico da América Latina e Caribe concentra 40% da riqueza da região, já o ranking 2018 publicado em 2019 do Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) compilado pela Organização das Nações Unidas (ONU) o Brasil está na 79ª posição atrás, por exemplo, de Cuba (72º) país atacado pela mídia e atual (des)governo[5] brasileiro. As marcas do modo de produção capitalista são as desigualdades nos mais variados aspectos, de acordo com o Relatório de Desenvolvimento Humano (RDH) da ONU, no Brasil o 1% mais rico concentra 28,3% da renda total do país, isso quer dizer que quase um terço da renda total do Brasil está nas mãos do 1% mais rico e essa desigualdade social representa a 2ª maior concentração de renda do mundo. Segundo o IBGE, no último ano, o Brasil passou a ter quase 2 milhões de pessoas a mais vivendo em situação de pobreza (IBGE, 2019).

Um relatório produzido pelo Comitê de Oxford para Alívio da Fome OXFAM (2020) relatou que os 73 bilionários da América Latina e do Caribe aumentaram suas fortunas em 17%, mesmo em tempos de pandemia, em contrapartida, o número de desempregados cresce exponencialmente, de acordo com Organização Internacional do Trabalho (OIT) a pandemia de coronavírus deixou 41 milhões de desempregados nessas regiões. Em nível de Brasil, o patrimônio dos bilionários brasileiros aumentou US$ 34 bilhões (cerca de R$ 177 bilhões) durante a pandemia de coronavírus, ou seja, a miséria e a crise não acabam porque gera lucro (à burguesia).

[5] Pela atual conjectura político-administrativa- econômica, chamaremos por (des)governo a gestão presidencial no Brasil que se iniciou em 2019.

Ao analisarmos o percentual de domicílios do Brasil em 2019, em situação de pobreza, onde a renda total do domicílio dividida por cada membro equivale a até 1/2 salário mínimo por pessoa é de 44,93% (Pelotas/RS 24,5%) e em situação de extrema pobreza, onde a renda total do domicílio dividida por cada membro equivale a até 1/4 de salário mínimo por pessoa o percentual em nível nacional é de 22,49% (Pelotas/RS 8,7%).

Em relação à categoria docente, no Brasil há aproximadamente 2,5 milhões de professores e professoras (2.226.223) na educação básica e superior, sendo 117.520 no Rio Grande dos Sul (RS) e 4033 na cidade de Pelotas e especificamente na Rede Municipal de Ensino de Pelotas (RMEPel) onde essa pesquisa será desenvolvida são 1901 docentes segundo dados do último Censo Escolar (MEC, 2019). Estes números são bastante expressivos como constituição dessa categoria como classe trabalhadora na luta e defesa de seus direitos.

Então, ao falarmos em Educação, a categoria docente deveria ter centralidade nos programas educacionais, pois constituem um dos componentes mais relevantes no processo educacional, assim, ao nos referirmos em qualidade da educação e da importância do trabalho docente, devemos levar em consideração aspectos fundamentais que garantam condições efetivas para o trabalho docente, o que nos remete a: 1) uma formação inicial adequada desses docentes para o enfrentamento da realidade concreta das escolas, 2) condições de trabalho; 3) remuneração e plano de carreiras adequados em virtude da formação e relevância social de seu trabalho, 3) incentivos para formação continuada com vista ao desenvolvimento profissional por meio de planos de carreira docente. Estes são pontos basilares para a melhoria da qualidade da educação.

As condições de trabalho do professorado indicam a desvalorização política e social da docência para o exercício profissional, consideramos ainda que os objetivos educacionais não podem ser atrelados apenas a metas econômicas, porém, sabemos que a educação é fruto de determinantes econômicos e sociais, que incidem no trabalho docente e pedagógico.

Pesquisas apontam que por conta dessa precarização, intensificação e desprofissionalização do trabalho docente, têm diminuído a procura pela carreira docente (DUARTE, 2013; MORICONI, 2008; LEME, 2011), porém, o

recente livro “Professores do Brasil: Novos cenários de formação” (GATTI, BARRETTO, ANDRÉ, ALMEIDA, 2018) nos mostra que o número de matrículas nos cursos de licenciatura passou de 982.603 em 2005 para 1.524.329 (aumento de mais de 50%) e o aumento de mais de 1500% em matriculas em licenciaturas EAD de Universidades privadas passou de 34.972 em 2005 para 559.699 em 2016.

Além disso, segundo o documento “Notas Estatísticas do Censo da Educação Superior 2019” indica que:

- 88,2% das instituições de educação superior são privadas;

- No período compreendido entre 2008 e 2018, a rede privada de ensino cresceu 59,3%, enquanto a rede pública aumentou 7,9% no mesmo período

- O aumento do número de ingressantes entre 2017 e 2018 é ocasionado, exclusivamente, pela modalidade a distância, que teve uma variação positiva de 27,9% entre esses anos, enquanto nos cursos presenciais houve uma variação de -3,7% (menos);

- Os cursos de bacharelado continuam concentrando a maioria dos ingressantes da educação superior (58,0%), seguidos pelos cursos tecnológicos (20,9%) e **os de licenciatura (20,5%)** (Grifos nossos)**;**

- Entre 2017 e 2018, houve um aumento no número de ingressantes no grau acadêmico bacharelado (3,1%). Entretanto, os cursos tecnológicos apresentaram a maior variação, 16,6%. **Já os cursos de licenciatura registraram uma alta de 8,9%** (Grifos nossos)**;**

- As IES privadas têm uma participação de 75,4% (6.373.274) no total de matrículas de graduação. **A rede pública, portanto, participa com 24,6% (2.077.481)** (Grifos nossos)**;**

- De 2008 a 2018, as matrículas nos cursos tecnológicos aumentaram mais de 103%. No mesmo período, os cursos de bacharelado aumentaram mais de 50% o número de alunos matriculados, enquanto nos cursos de licenciatura o aumento foi de 40,4%

- Pela primeira vez na série histórica, o número de alunos matriculados em licenciatura nos cursos à distância (50,2%) superou o número de alunos matriculados nos cursos presenciais (49,8%).

- Das matrículas nos cursos de licenciatura registradas em 2018, 37,6% estão em instituições públicas e 62,4% estão em IES privadas;

- 71,3% das matrículas em cursos de licenciatura são do sexo feminino, enquanto 28,7% são do sexo masculino;

- Em 2018, o número de concluintes nos cursos tecnológicos aumentou 7,6%. Bacharelado também registrou aumento (6,9%), enquanto a licenciatura teve uma pequena queda no número de concluintes (-1,0%) (menos).

Esses dados, que mostram um aumento de cursos, de vagas iniciais e de matrículas em licenciaturas (devido a EAD e privada) contradizem alguns estudos que relataram a diminuição do interesse (inicial) nessa carreira, pelo menos no aspecto do número de alunos e alunas matriculados em cursos de formação inicial pedagógica, exceto em relação aos alunos concluintes, que houve diminuição, isso nos faz inferir que com o conhecimento da realidade da precarização da Educação Pública, e do trabalho docente os mesmos acabam por desistir ao longo do curso, o que reafirma o aspecto excludente do sistema piramidal do sistema educativo brasileiro.

Especificamente em relação à formação de Professorado de EF no Brasil, temos a seguinte caracterização dos dados da Sinopse Estatística da Educação Superior (INEP) de 2018 caracterizam atualmente, a formação inicial do Professorado de EF como de origem privada e na forma EAD, bem diferente dos dados do professorado colaborador desse estudo, formados no final da década de 80 e início da década de 90, todos foram formados em Universidades Federais e na modalidade presencial. Assim, os maiores desafios além da preparação destes profissionais de ensino são de permanência nos curso para poderem concluir, e também dar condições de trabalho para esse professorado pode atuar, de carreira, salariais, de infraestrutura.

Para tornar atrativa a carreira docente os mesmos devem saber como será a organização da carreira ao ingressarem como trabalhadores e trabalhadoras da educação, a remuneração inicial da profissão escolhida, os rendimentos no meio da carreira e, por fim, as possibilidades no fim de carreira salariais e de tempo de serviço. Assim, uma política de formação “só tem sentido quando integrada à estruturação da carreira docente, à uma política salarial que assegure a dignidade do professor e à garantia de condições adequadas de trabalho” (KUENZER, 2011, p. 672).

Reforçamos que essa precarização, intensificação e desprofissionalização do trabalho docente têm suas singularidades e se manifestam principalmente nas circunstâncias citadas anteriormente e que se interpenetram: formação inicial e continuada indevida, infraestrutura imprópria, remuneração e planos de carreira inadequados e jornada de trabalho extensa.

Os elementos de precarização do trabalho docente identificados repercutem também na vida do professorado. A falta de perspectivas em relação à educação e à sua carreira, acompanhadas da exaustão do trabalho, tornam os docentes mais desmotivados e em uma constante busca por melhores condições de vida, seja na carreira docente ou fora dela, e impacta negativamente na qualidade da educação, ocasionando prejuízos para a formação dos estudantes e crescente descontentamento dos docentes com as condições de trabalho e trazem consequências prejudiciais à qualidade do ensino da EF nas escolas.

Percebemos que as políticas públicas partem um projeto educacional voltado à lógica da mercantilização da educação, na medida em que se intensificam processos de precarização das escolas e produtividade de docentes e estudantes sob um viés de gestão empresarial, na qual são exigidos melhorias de desempenho sem que as condições de qualidade do ensino sejam garantidas.

Então, se o professorado é peça-chave para qualidade educação, se faz necessário que se criem condições para essa efetivação, porém não pode ser o único responsável pelo fracasso ou sucesso do alunado nem da qualidade da educação.

Conforme Codo (2006) existe uma relação entre os trabalhadores e seu trabalho, e uma alta correlação entre condições de trabalho, satisfação e comprometimento do trabalhador, no caso, o educador. Além disso, aponta que com os rumos da educação dos últimos anos o docente tem assumido novas responsabilidades além do ensino, cuida do afetivo, integração tudo isso devido à redução de outros agentes sociais como a família.

Assim, estudos apontam a diminuição do nível de satisfação com a profissão docente com o passar dos anos de magistério (GOMES *et al.,* 2007), fato este que interfere na organização do trabalho pedagógico dos mesmos e na reflexão da escolha pela carreira docente em suas vidas.

Nesse contexto, este estudo traz como temática central a carreira docente a partir da categoria experiência dos professores e professoras de EF da Rede Municipal de Ensino de Pelotas (RMEPEL) com 20 ou mais anos de docência, experiência essa considerada como “um conceito fundamental no processo educativo” (DIEHL; WITTIZORECKI; MOLINA NETO, 2017 p. 186). Acreditamos que a partir dessa experiência, os docentes tenham condições de analisarem e refletirem sobre a sua opção pela carreira docente e que os mesmos possuam um conhecimento não somente tácito, mas científico, acerca de sua profissão e da relação de seu trabalho com a sociedade bem como já vislumbre uma possível aposentadoria.

Além disso, uma revisão sistemática de FOLLE (2008) apontou a carência estudos sobre a temática carreira e desenvolvimento profissional com docentes EF e o contexto e realidade brasileiras, principalmente pesquisas específicas com docentes na final de carreira, pois de 65 produções encontradas, apenas 3 tratavam sobre a fase final carreira, sendo apenas uma com docentes da EF da educação básica

Tendo em vista ainda as características do modo de produção capitalista em seu atual estágio de desenvolvimento, a relação entre trabalho e educação, as políticas públicas de caráter neoliberal a partir principalmente da década de 90 no Brasil e atuais, a precariedade da carreira docente desde a formação inicial inadequada, salários baixos e precárias condições de trabalho que geram desinteresse pela atividade, questionamos e trazemos a seguinte questão de pesquisa: Quais são os condicionantes para a permanência e quais os sentidos da carreira docente?

A partir dessa problemática, elencamos o **objetivo geral** do estudo:

“Analisar o(s) sentido(s) da carreira docente para o professorado de EF da Rede Municipal de Ensino de Pelotas”.

E, por conseguinte, os **objetivos específicos** da pesquisa:

- Identificar aspectos relevantes referentes à trajetória da carreira do professorado de EF.

- Aprofundar o conhecimento acerca do período final da carreira e da constituição da identidade docente.

- Analisar a legitimação e o reconhecimento (ou não) da EF ao longo da carreira docente.

- Verificar se os possíveis elementos precarizantes da carreira docente impactam na formação do alunado.

1.2 A relação Trabalho e Educação

O Trabalho é uma categoria fundante do ser social (LUKÁCS, 2013), uma objetivação elementar, a partir da qual todas se desenvolvem, assim, ele constitui o ser social. O conjunto dessas objetivações é a práxis, ou seja, a interdependência entre ideias (teoria) e relações materiais (prática), na busca de uma totalidade e da transformação da realidade. O trabalho[6] ocupa posição central em Marx, pois ele é a interação entre o ser humano e a natureza, é a relação dialética humana com a natureza, pois ao mesmo tempo é transformada e transforma os seres humanos.

Neste sentido, Marx (2006, p. 134) nos traz que:

> Antes de tudo o trabalho é um processo de que participam o homem e a natureza, processo em que o ser humano com sua própria ação impulsiona, regula e controla seu intercâmbio material com a natureza como uma de suas forças. (...) atuando assim sobre a natureza externa e modificando-a, ao mesmo tempo modifica sua própria natureza (MARX, 2006, p. 134).

Assim sendo, o Trabalho é uma síntese de múltiplas determinações, e deve ser não somente o ponto de partida, mas também, o resultado da busca de sua compreensão e transformação ao longo da humanidade. Podemos dizer então que sem trabalho não existiria sociedade e nem história, dessa noção básica e essencial do trabalho na construção da história humana, temos a seguinte perspectiva: a sociedade não determina o ser humano, muito menos o ser humano determina a sociedade, não existe apenas um “lado da moeda”, mas ser humano e sociedade se relacionam e se constrõem simultaneamente, pois “os homens fazem sua própria história, mas não a fazem arbitrariamente, sob circunstâncias escolhidas por eles mesmos, mas sob circunstâncias diretamente dadas e herdadas do passado” (MARX, 1851).

Dizemos então que as condições materiais que hoje encontramos para dar continuidade com a nossa existência advêm de nossos antepassados que

[6] Mais sobre a categoria Trabalho na concepção Marx:
ANTUNES, Ricardo (org.). A dialética do trabalho. São Paulo: Expressão Popular, 2013.
MARX, Karl. O capital. Livro I. São Paulo: Boitempo, 2011.

por sua vez, também herdaram as condições materiais dos antepassados deles, e assim, por diante. Tudo isso só é possível de se perceber quando voltamos nossa perspectiva para a categoria Trabalho, da própria história humana.

Portanto, é com a produção da vida material que devemos no preocupar, pois é isso que condiciona todas as outras esferas, política, cultural, social, pois:

> [...] na produção social da própria existência, os homens entram em relações determinadas, necessárias, independentes de sua vontade; essas relações de produção correspondem a um grau determinado de desenvolvimento de suas forças produtivas materiais. A totalidade dessas relações de produção constitui a estrutura econômica da sociedade, a base real sobre a qual se eleva uma superestrutura jurídica e política e a qual correspondem formas sociais determinadas de consciência. O modo de produção da vida material condiciona o processo de vida social. Não é a consciência que determina o seu ser; ao contrário, é o seu ser social que determina sua consciência. (MARX, 2008 p.47)

Ou seja, ao produzir socialmente a própria existência, os seres humanos entram em determinadas relações (sociais) que não dependem da sua vontade para acontecer. A estrutura da sociedade se dá a partir de uma produção social que pode ser explicado pelo modo de produção de um determinado período, e esse por sua vez compreende 3 aspectos: a) forças produtivas: é ação dos indivíduos sobre a natureza, ou seja, como os seres humanos obtém o que necessitam; b) os meios de produção: são as fermentas, as máquinas, a força de trabalho, e; c) as relações de produção: que é o modo como é organizada as atividades produtivas, as forças produtivas, a distribuição dos meios de produção, ou seja, a divisão do trabalho.

É nessa constante interação entre forças produtivas[7], meios de produção e relações de produção que temos o modo de produção e conseguinte a produção social de uma sociedade em um determinado momento histórico. Esse modo de produção é constituído pela infraestrutura (a produção material), que são as condições materiais de existência humana em determinado momento histórico, só que não existe somente a condição material, decorrente da infraestrutura surge outra dimensão social, a super

[7] Ver: MARX, K. Manuscritos econômico-filosóficos. Tradução e notas: Jesus Ranieri. São Paulo: Boi Tempo, 2004.
_____. O Capital, crítica da economia política: Livro primeiro: O processo de produção do capital. 8.ed. Tradução de Reginaldo Sant´anna. São Paulo: DIFEL, 1982. v.2.
MARX, K.; ENGELS, F. A Ideologia Alemã. 3.ed. Tradução de Luis Claudio de Castro e Costa. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

estrutura (a produção imaterial), que é composta pelo Estado, pela religião, política e também a cultura e que afirma, coaduna, correspondendo a configuração da infraestrutura. Assim, a infraestrutura social forma a base econômica da sociedade, através dos meios de produção e relações de produção e a superestrutura é a base ideológica da sociedade.

A relação da infraestrutura e a superestrutura está no sentido que "[…] as relações jurídicas, bem como as formas de Estado, não podem ser explicadas por si mesmas, nem pela chamada evolução geral do espírito humano; estas relações têm, ao contrário, suas raízes nas condições materiais de existência" (MARX, 1992, p. 83).

O Trabalho deveria ser uma categoria que permitisse o pleno desenvolvimento do ser humano e potencializá-lo, ou seja, uma mediação de primeira ordem, porém, no Sistema Sociometabólico do Capital, o trabalho passou a ser uma mediação de segunda ordem, pois impede o ser humano das possibilidades de desenvolvimento, de humanização, de condições históricas favoráveis, onde, mais precisamente:

> As mediações de segunda ordem do capital – ou seja, os meios alienados de produção e suas 'personificações'; o dinheiro; a produção para troca; as variedades da formação do Estado pelo capital em seu contexto global; o mercado mundial – sobrepõem-se, na própria realidade, à atividade produtiva essencial dos indivíduos sociais e na mediação primária entre eles. (MÉSZÁROS, 2002, p. 71).

E, se através do trabalho o ser humano transforma a natureza e com os demais seres humanos cria a sociedade, a educação é outra categoria humana indispensável nesse processo, além disso:

> Nenhuma sociedade pode perdurar sem seu sistema de educação próprio. Mencionar apenas os mecanismos de produção e troca para explicar o funcionamento real da sociedade capitalista é procedimento inadequado. As sociedades existem através dos atos dos indivíduos, que buscam realizar seus próprios fins. Em conseqüência, a questão crucial, para qualquer sociedade, é a reprodução bem-sucedida desses indivíduos, cujos 'fins próprios' não negam as potencialidades do sistema de produção predominante. É essa a extensão real do problema educacional: a 'educação formal' é apenas um pequeno segmento dele. (MÉSZÁROS, 1981, p. 260).

Porém, na sociedade há "[...] uma *subordinação estrutural do trabalho ao capital* e sua consequente divisão social hierarquizada, fundada sobre o trabalho assalariado e fetichizado" (ANTUNES, 2002, p. 177-178, grifo do autor). Há então, uma relação ineliminável e ontológica entre as esferas do Trabalho e da Educação, além disso se o Trabalho, no capitalismo, na forma

assalariada é explorada, também as demais práxis sociais, como a educação, que integra a totalidade da vida social, também sofrem com os processos decorrentes do trabalho alienado (ANTUNES, 2012). Além disso a educação também tem seu caráter teleológico, capaz de realizar uma ação transformadora e com uma finalidade consciente (MARX, 1985).

A Educação e os processos educativos, assim como o trabalho, também são modificados de acordo com o modelo de produção de determinado momento histórico. No caso atual, ela é influenciada pelo sistema capitalista, pelas novas tecnologias e comunicações e tem passado do plano social para o individual, assim, “a educação passou, pois, a ser concebida como dotada de um valor econômico próprio e considerada um bem de produção (capital) e não apenas de consumo” (SAVIANI, 2005, p. 22).

A “mediação” é a relação entre o imediato e o mediato e, para Marx esta relação está presente na correlação entre natureza e seres humanos onde a natureza é o imediato e o ser humano é o mediato, mediados pelo trabalho. Em relação à educação, a mesma “não transforma de modo direto e imediato e sim de modo indireto e mediato, isto é, agindo sobre os sujeitos da prática” (SAVIANI, 2003, p. 73), assim, a escola e a educação como partes integrantes da sociedade podem afirmar essa sociedade, ou como defendemos, superá-la.

A Educação que trataremos é a Educação escolarizada, que ocorre nos estabelecimentos oficiais de ensino, a partir de uma relação de dialética com a sociedade, é então uma parcela do que chamamos de educação e que compõe uma totalidade social, mas, que, ao mesmo tempo, possui sua especificidade e particularidades. Assim, a educação escolar (particular) é a principal mediação entre o ser humano (singular) e todo o conhecimento produzido e acumulado pela humanidade ao longo do tempo (geral e histórico), inserida no modo de produção vigente (capitalista) com seus limites e possibilidades.

Assim, se o ser humano transforma a natureza para sobreviver e desta forma cria o seu próprio mundo, no momento em que passa a se apropriar e a transformar esse mundo, pode-se dizer que ocorre o fenômeno da educação. Desta forma, Educação e Trabalho se integram no sentido que a educação é uma exigência do e para o processo de trabalho, bem como é ela própria um processo de trabalho (SAVIANI, 2011).

Porém, a escola pública, gerida em uma sociedade industrial (capitalista) preocupa-se em maximizar os resultados aliados a um menor investimento possível em educação. Com este intuito os empresários dos sistemas de produção e de organização do trabalho financiam a educação através de suas fundações, e assim, a educação manteve seus feitos sendo uma eficiente ferramenta de formação de trabalhadores e trabalhadoras úteis ao sistema e à perpetuação da estrutura da sociedade.

Exemplificamos isso quando a escola pode ser comparada a uma fábrica (MCLAREN,1992) e a sala de aula a uma linha de montagem. Neste sentido, a educação é comparada a um processo de manufatura de um produto, separadas por idade, etapas (anos/séries), em que seriam trabalhados diferentes elementos (conteúdos), pensados por um especialista (professor), em uma pequena parte do processo insuficiente da compreensão da totalidade com profundidade e, no final do processo (da vida escolar) todo processo foi mecânico.

Da mesma forma, Thompsom (1991), defende que apesar da escola ter sido e ainda ser uma instituição não industrial, acabou sendo usada para vincular o uso econômico do tempo, a ensinar o trabalho, a ordem, a regularidade, a pontualidade, ou seja, “acostumar com o trabalho”, formando crianças tratáveis e obedientes, inserindo-os no universo do tempo disciplinado e sendo o rigor aplicado aos estudantes nas escolas na realidade, um tipo de criação de um costume para com a disciplina em suas atividades.

Deste ponto de vista, segundo Frigotto (2003, p. 88):

> Para compreender os vínculos e desvínculos entre a prática educativa escolar ou não- escolar e o mundo da produção, do trabalho, implica apreender concretamente a especificidade do modo de produção, onde essa prática se efetiva. Implica, de outra forma, apreender o movimento concreto, as formas que historicamente assume este modo de produção em contexto e épocas diversas.

Se na organização do trabalho pautado no modelo taylorista/fordista caracterizou-se pela divisão técnica do traballho, especialização e repetição de movimentos e produção em massa, no campo educacional, caracterizou-se pela priorização da memorização, fragmentação do conhecimento e conteúdos rígidos onde:

> O princípio educativo que determinou o projeto pedagógico da educação escolar para atender a essas demandas da organização do trabalho de base taylorista/fordista, ainda dominante em nossas

> escolas, deu origem às tendências pedagógicas conservadoras em todas as suas modalidades, as quais, embora privilegiassem ora a racionalidade formal, ora a racionalidade técnica, sempre se fundaram na divisão entre pensamento e ação. (KUENZER, 2006, p. 35).

Porém, com a crise desencadeada no início dos anos 1970, a base técnica de produção e organização taylorista/fordista vai aos poucos sendo substituída por um novo paradigma tecnológico e produtivo, crise esta que:

> [...] não é uma crise fortuita e meramente conjuntural, mas uma manifestação específica de uma crise estrutural. O que entrou em crise nos anos 70 constituiu-se em mecanismo de solução da crise nos anos 30: políticas estatais, mediante o fundo público, financiando o padrão de acumulação capitalista nos últimos cinqüenta anos [...] (FRIGOTTO, 2003, p. 62).

O processo de reestruturação produtiva do sistema econômico, através do Toyotismo baseado nas novas tecnologias como a microeletrônica, mudanças organizacionais noas formas de trabalho e nas gerenciais e institucionais na área de recursos humanos e estratégias empresariais:

> [...] o toyotismo (via particular de consolidação do capitalismo monopolista do Japão do pós-1945) pode ser entendido como uma forma de organização do trabalho que nasce a partir da fábrica Toyota, no Japão, e que vem se expandindo pelo Ocidente capitalista, tanto nos países avançados quanto naqueles que se encontram subordinados. Suas características básicas (em contraposição ao taylorismo/fordismo) são: 1) sua produção é muito vinculada à demanda; 2) ela é variada e bastante heterogênea; 3) fundamenta-se no trabalho operário em equipe, com multivariedade de funções; 4) tem como princípio o *just in time*, o melhor aproveitamento possível do tempo de produção e funciona segundo o sistema de *kanban,* placas ou senhas de comando para reposição de peças e de estoque (que, no toyotismo, deve ser mínimo). (ANTUNES, 2001, p. 21).

A partir das novas características do modelo de produção Toyotista que tem como pilar a acumulação flexível, se passou dos princípios rígidos de organização do trabalho (Taylorismo/Fordismo) para outro de caráter flexível (Toyotismo), o que elevou a produtividade e para a classe trabalhadora, apenas modificou as formas de sua exploração, e a alienação do mesmo pelo trabalho, que antes era um especialista, agora deve tornar-se um trabalhador "polivalente", que segundo Maués (2000, p. 30), é "[...] aquele que domine alguns conhecimentos, possua uma boa formação geral, tenha flexibilidade, versatilidade, e outras características que não envolvem fundamentos científico-intelectuais, privilégio de apenas uma minoria", ou seja, nessa nova fase do capitalismo o trabalhador deve ser completo e adaptável para garantir a

sua empregabilidade, onde esse qualificar significa somente manter um patamar mínimo de empregabilidade.

Temos então a alteração de investimentos antes pautados na fragmentação e especialização (fordisyta), portanto produtivista, para uma educação que visa desenvolver habilidades e competências para aturarem em todo o processo, pois:

> No âmbito da pedagogia toyotista, as capacidades mudam e são chamadas de “competências”. Ao invés de habilidades psicofísicas, fala-se em desenvolvimento de competências cognitivas complexas, mas sempre com o objetivo de atender às exigências do processo de valorização do capital. Nesse sentido, as ferramentas que buscam superar os obstáculos decorrentes da fragmentação do trabalho, em particular no que diz respeito a todas as formas de desperdício, tais como multitarefa ou o controle de qualidade feito pelo trabalhador, não têm como objetivo reconstituir a unidade rompida, mas evitar todas as formas de perda e assim ampliar as possibilidades de valorização do capital (KUENZER, 2005, p. 80).

Em relação aos trabalhadores(as) da educação, o trabalho no interior da atual organização escolar é um trabalho que tem sido desvinculado da prática social mais ampla:

> [...] seja porque a concepção de conhecimento que orienta a organização da escola admite a separa o sujeito/objeto, teoria/prática, seja porque a escola nasceu como escola para as classes ociosas e, portanto, para quem não trabalha [...], seja porque a tarefa da escola inclui a necessidade de legitimar hierarquias sociais, através de hierarquias escolares (FREITAS, 2012, p. 99).

Dessa forma muitos trabalhadores que antes lutavam por melhores condições, hoje se veem muitas vezes diante da conjectura a contentar-se somente em manter-se empregados com trabalho assalariado porque senão, terão de brigar entre si no trabalho informal e/ou prestação de serviços. No mercado de trabalho precarizado, a partir da organização capitalista burguesa, os trabalhadores e trabalhadoras se submetem e/ou incorporam a cultura da flexibilidade e da rotatividade de empregos como meio de manutenção de sua empregabilidade. Isto faz com que ocorram as diferenças salariais, de direitos e benefícios sociais (subcontratado, tempo parcial, temporário, conta própria, sem-carteira) em relação aos trabalhadores(as) formais, como parte das "regras do jogo" do mundo do trabalho atual.

Nesse bojo, as “inovações e transformações” são ideologicamente apresentadas como revolucionárias e transformadoras, mas apenas legitimam o interesse da classe burguesa. Estas verdadeiras “revoluções conservadoras”

só podem se dar através da ocultação e dissimulação da realidade concreta, o que Marx sugere ao enfatizar o suposto “esquecimento” de Hegel sobre o fato de que, quando acontecimentos e personagens históricos parecem repetir-se, isto só é possível pelo expediente da farsa.

Marx e Engels indicavam essa característica do capitalismo da seguinte forma no *Manifesto Comunista*:

> “A burguesia não pode existir sem revolucionar permanentemente os instrumentos de produção, por conseguinte as relações de produção, por conseguinte todas as relações sociais. [...] O permanente revolucionar da produção, o abalar ininterrupto de todas as condições sociais, a incerteza e o movimento eternos, distinguem a época da burguesia de todas as outras.” (MARX; Engels, 1987, p.37).

No capital, seu poder metabólico trata de asfixiar constantemente as potencialidades emancipatórias inscritas na gênese onto-histórica da educação. Nesse sentido, vale lembrar com Mészáros (1981, p.272-273), que:

> a ‘contestação’ da educação no sentido mais amplo é o maior desafio para o capitalismo, pois afeta diretamente os processos mesmos de ‘interiorização’ através dos quais a alienação e a reificação puderam até agora predominar sobre a consciência dos indivíduos.

Como por exemplo, o discurso pedagógico de habilidades e competências para a educação dentro do ideário liberal empresarial, como forma de serem mais flexíveis, propósitos do saber-fazer ou do aprender a aprender, para legitimar e acentuar o processo da precarização e desvalorização em uma lógica de mercado.

Dessa forma os estabelecimentos educacionais sua organização, gestão, processos formativos, metodológicos e avaliativos assumem também a responsabilidade de desenvolver e preparar o para esse novo perfil de trabalhador, e assim preparar a mão-de-obra para o mercado de trabalho, para o vir-a-ser.

Observamos então, que não só a organização do trabalho humano, mas a organização do trabalho pedagógico e docente acaba sendo condicionada pelo contexto socioeconômico e político de um país e a formação de cidadãos e cidadãs na escola assume características semelhantes as que ocorrem no desenvolvimento dos modelos de produção permeados de ideologias, presentes na superestrutura e que alienam.

Assim como o trabalho deixou de ser uma característica histórica do ser humano e se reduziu a um emprego assalariado que serve para atender a

outras necessidades, a educação passou a ser então exigida como forma de manter-se empregável, deixando de ser uma prática social, política e se reduz meramente a uma transmissora de competências técnicas, formadora de “recursos humanos”, de capital humano; resumindo, perde a sua função social em relação ao mundo do trabalho e tem sua atenção voltada para o mercado de trabalho.

O trabalho como princípio educativo deve ser a base fundamental da organização do trabalho pedagógico na escola, que deve ser pensada a partir das relações dialéticas estabelecidas entre a escola e a sociedade, por ser espaço privilegiado de educação, como uma das bases para a superação desse modo de produção capitalista.

Assim como ocorreu a divisão social do trabalho e a cisão em duas classes antagônicas, o trabalhador foi separado dos meios de produção, separou-se o pensar e o fazer, a teoria e a prática, o trabalho em trabalho manual e trabalho intelectual, e uma educação para a burguesia e outra para a classe trabalhadora, então “nada mais adequado do que uma escola que, para realizar o trabalho pedagógico assim definido, se organizasse de forma rigidamente hierarquizada e centralizada para assegurar o pré- disciplinamento necessário à vida social e produtiva” (KUENZER, 2006, p. 36-37).

Dessa forma, "a classe trabalhadora hoje incorpora tanto os trabalhadores materiais como aqueles e aquelas que exercem trabalho imaterial, predominantemente intelectual” (ANTUNES, 2007, p.21), como a atividade docente, cuja força de trabalho é predominantemente intelectual, porém, o professor(a) assim como outro trabalhador(a) tem a sua vida também controlada pelo capital, e no trabalho docente, o ato de produção e o ato de consumo imbricam-se, ou seja, um não é separado do outro. Em síntese, podemos dizer que o processo educativo em si, é antes de tudo Trabalho, ou seja, uma atividade humana deliberada e teleológica, não material, produtora de ideias, valores, conceitos, símbolos.

As atividades imanentemente humanas, e que se configuram como práxis humana, como a docência, que passam de acordo com as condições a valorizar o capital podem se configurar como também trabalho produtivo, pois são utilizadas pelo e para o interesse do capital, pois:

> A produção capitalista não é apenas produção de mercadorias, é essencialmente produção de mais-valia. O trabalhador produz não para si, mas para o capital. Não basta portanto, que produza em geral. Ele tem de produzir mais-valia. Apenas é produtivo o trabalhador que produz mais-valia para o capitalista ou serve à autovalorização do capital (MARX, 1984, p. 105).

Marx exemplifica ainda que:

> Uma cantora que canta como um pássaro é uma trabalhadora improdutiva. Na medida em que vende o seu canto é uma assalariada ou uma comerciante. Porém, a mesma cantora contratada por um empresário que a põe a cantar para ganhar dinheiro, é uma trabalhadora produtiva, pois produz diretamente capital. Um mestre-escola que é contratado com outros para valorizar, mediante o seu trabalho, o dinheiro do empresário da instituição que trafica conhecimento é um trabalhador produtivo (MARX, 1985, p. 115).

Por isso o capital tem interesse em dominar todo o processo produtivo, seja em trabalho material, como nas fábricas ou quando o resultado não separa- se do ato de produção, como é a Educação formal. Assim, caracterizamos o trabalho docente como também uma atividade não material, mas que pode ser utilizada para atender os interesses da classe dominante, a burguesia.

1.3 Educação Física, Trabalho e Carreira docente

A EF é uma prática humana, historicamente produzida pertencente a uma totalidade histórica e, portanto, uma forma de produção e reprodução da existência. Já vimos que a formação para o trabalho (a educação institucionalizada e seus sistemas de ensino) tem ocupado centralidade no processo de atender as demandas do atual modo de produção. Nesse sistema complexo, a EF em muitos momentos se encaixou perfeitamente para concretização dos interesses capitalistas formando seres humanos preparados para o mercado de trabalho.

A história da EF no Brasil segundo Castellani Filho (1992) divide-se em algumas fases: a) Higienista: até 1930; b) Militarização: de 1930 à 1945; c) Pedagogização: de 1945 à 1964; d) Competitivista: de 1964 até a década de 70; e) Popular: após a abertura política na década 80 e; F) De tendência social. Diante do pensar do autor, é importante ressaltar que essas fases representaram o caráter hegemônico da EF com suas características predominantes relacionadas com um dado momento histórico, porém, outros

métodos e práticas também coexistiram, mas, de forma menos representativa durante cada período.

Assim, a EF brasileira foi baseada em alguns referenciais, o primeiro foi de caráter higienista/médica, com a função de educar o corpo para a saúde, formar indivíduos fortes e higiênicos; o segundo momento foi de ordem militarista, com o intuito de “forjar o ser” para enfrentamento militar, baseada no nacionalismo e no patriotismo. Importante salientar que ambos foram formulados a partir dos referenciais biológicos e com o objetivo de fortalecer o corpo e o conteúdo EFE escolar era a ginástica, a partir dos modelos europeus (DARIDO, 2003), fortemente baseada no aspecto militar (calistênico). Após a 2ª guerra, durante o Estado Novo e na ditadura militar, novas tendências surgem na EF brasileira onde o esporte se torna um forte integrante através do Método da EF Desportivo Generalizado, igualmente de origem nas culturas europeias. Com o militarismo, o Esporte é fortalecido na EF escolar para trazer resultados internacionais para Brasil visando torná-lo uma potência e assim ainda mascarar problemas internos da nação.

O Esporte vira então sinônimo da EF escolar com o objetivo de aptidão física e detecção de talentos esportivos, temos então o método desportivo da EF brasileira. Assim, o Esporte que era na escola um conteúdo informal, flexível, além, lógico, do competitivo, passa a ter a formalidade do Esporte em si, rígido, com regras normatizadoras onde o professor tem o controle das resoluções dos problemas, direcionado para competição e como meta o rendimento (BARROSO; DARIDO, 2006).

Nessa transição da ginástica para o viés do Esportivista não alterou a essência da disciplina de EF, de interação no corpo como uma máquina visando melhorar o funcionamento orgânico do ser, uma simples reprodução de movimento, sem maiores reflexões sobre essa prática, a ponto de não termos o esporte “da” escola, mas sim, o esporte “na” escola (BRACHT, 1999).

Nessa perspectiva, do esporte “na” escola, poucos alunos têm oportunidade de sucesso mas muitas chances de fracasso, ou seja, é um equívoco pedagógico, é necessário então, na escola, que o Esporte tenha a sua transformação didático-pedagógica (KUNZ, 1994).

Quando temos o esporte “na” escola, o professor teria a função de ser apenas um treinador e o aluno a de atleta, sendo o Esporte um fim em si

mesmo, de padronização esportiva, porém o Esporte deve ser um meio para formar aluno (COLETIVO DE AUTORES, 1992)

Após, temos o surgimento de propostas se EF com tendência social, que entendem que a educação de trabalhadores e trabalhadoras está ligada aos movimentos de organização das classes populares para embate da pratica social. No caso as lutas de classes sociais, a partir das propostas crítico-emancipatória e crítico-superadora.

Essas e outras fases da EF contribuíram para a formação e status da área atualmente, em que estudos sobre a EF no ambiente escolar apontam o seu baixo status profissional. GUNTHER (2000) e SOARES (1986) observaram que no coletivo escolar a disciplina possui estigma de trabalho fácil, sem reprovação, de pouca exigência, além de ser vista com preconceitos por outros componentes curriculares (GHILARDI, 1998; DAOLIO, 2003). Além disso, é lembrada por não ter objetivos claros e um corpo de conhecimentos específicos e organizados, cuja aprendizagem possa colaborar para que os objetivos da educação escolarizada sejam alcançados (FREIRE,1999) e, de sua valorização depender também das atitudes dos professores desta área (LOVIOSO, 1996).

Após essa contextualização, é importante referir que a carreira docente trata-se de uma condição importante para o exercício pleno da docência e, ao longo da história, vem sendo permeada de lutas e tensões para melhoria de suas condições, aspectos como condições salariais, planos de carreira, jornada de trabalho, precarização, a intensificação do trabalho e os processos de expropriação e subordinação da produção do conhecimento a espaços de poder extra-educacionais possuem fortes impactos na carreira docente impactando consequentemente na totalidade da educação básica e sua qualidade.

Ao compararmos a carreira da educação básica do professorado brasileiro, com outros países de perfil semelhante, no Brasil estão as menores remunerações conforme a Organização Internacional do Trabalho (OIT) e dados da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO).

Ao analisarmos o valor do piso salarial do magistério, que não é cumprido na maioria dos estados e municípios brasileiros que é de R$ 2.886,24 o salário mínimo “necessário”, de acordo com o Departamento Intersindical de

Estatística e Estudos Socioeconômicos (DIEESE) deveria ser em setembro de 2020 de R$ 4.536,12.

Algumas alternativas governamentais para melhoria da educação básica como o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), o Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica (PARFOR), o Programa de Consolidação das Licenciaturas (PRODOCÊNCIA) e mais recentemente o Programa de Residência Pedagógica, ainda se apresentam como medidas paliativas diante dos problemas concretos e estruturais da educação básica brasileira e pública.

Percebemos atualmente a subsunção da Educação ao capital repercute diretamente na formação de professores nas universidades estão referenciadas em diretrizes curriculares com foco nas chamadas competências centradas em indivíduos.

Observa-se também o abandono da docência por parte do professorado por se encontram desmotivados pelas poucas perspectivas na carreira, baixos salários, condições precárias nas infraestruturas escolares, desprestígio profissional e insatisfação no trabalho, fenômenos os quais levam os mesmos ao abandono da profissão.

Se o abandono da carreira docente se constitui um processo, o contrário, seguir e continuar na carreira docente, também é um continum do percurso profissional, porém de formas e consequências diferentes e nem sempre fáceis no âmbito escolar, pois a insatisfação no trabalho docente contribui decisivamente para o evento de abandono do exercício do magistério, que ocorre de forma lenta através de fatores pessoais, sociais e institucionais (BUENO; LAPO, 2003).

Em relação à carreira docente, alguns pesquisadores desenvolveram “ciclos de desenvolvimento profissional docente”, onde, a partir de diferentes trajetórias, a carreira docente poderia ser identificada por ciclos ou fases de desenvolvimento profissional (GONÇALVES, 1995; HUBERMAN, 1995; FARIAS; NASCIMENTO, 2012). Esses ciclos profissionais são fontes de referência sobre a prática profissional ao longo da carreira docente, onde há pontos em comuns nas trajetórias profissionais, considerando as trajetórias pessoais (GODSFRIEDT, 2015).

Esses ciclos ou fases profissionais foram estudados profundamente Huberman, desde a década de 70, sendo esse o pioneiro que procurou sistematizar os professores através de ciclos da carreira docente. Em seu principal estudo (HUBERMAN, 2000) o autor aponta cinco ciclos na vida profissional de professores, tomando como referência os anos de experiência e momentos característicos configurados da seguinte forma:

1) Fase do início da carreira: do início da carreira até 3 anos de docência. É a fase da “sobrevivência” e da “descoberta”.

2) Fase da estabilização: entre 4 e 6 anos de experiência docente é marcado pela estabilização e consolidação de um repertório pedagógico, além da construção de uma identidade profissional que supõe a afirmação de si mesmo como professor.

3) Fase da experimentação e diversificação: entre os 7 e os 25 anos de experiência, que pode estar marcado por uma atitude geral de diversificação, mudança e ativismo, bem como uma atitude de revisão, cheia de interrogações peculiares da metade da carreira.

4) Fase da serenidade/conservantismo: compreende dos 25 aos 35 anos de experiência, nesta fase, chega-se a um patamar do desenvolvimento da carreira.

5) Fase do desinvestimento/preparação para a aposentadoria: entre os 35 e 40 anos de experiência é o quinto e último ciclo da carreira profissional. Esta etapa está fortemente marcada pela preparação para a aposentadoria e pelo progressivo abandono das responsabilidades profissionais, podendo a retirada pode ser serena ou amarga.

Com a mesma intenção do autor, outros pesquisadores procuraram investigar a carreira docente de professores de uma forma mais coerente com seus países, como Nascimento e Graça (1998) que buscaram estabelecer uma classificação que fosse mais conexo com os anos de docência portugueses de EF, apresentando fase de entrada/sobrevivência (0 a 3 anos de docência), a fase de consolidação (4 a 6 anos), a fase de diversificação/renovação (7 a 19 anos) e a fase da maturidade/estabilização (20 a 35 anos de docência).

No Brasil, o estudo proposto por Farias e Nascimento (2012), procurou adaptar às características do professorado brasileiro e classifica os professores nos seguintes ciclos:

1) Entrada na carreira: 1 a 4 anos de docência, caracterizado pelo período de tomada de decisão, choque com a realidade, quando as situações vivenciadas exigem a aquisição de competências profissionais;

2) Consolidação das competências profissionais na carreira: 5 a 9 anos de docência. É o ciclo da diversificação das fontes de conhecimento no qual há aquisição de competências profissionais além da mudança de estratégias metodológicas;

3) Afirmação e diversificação na carreira: 10 a 19 anos de docência, neste ciclo começa a predominar o domínio de rotinas básicas, há partilha com os pares da EF e das outras áreas, mudam-se as trajetórias, surgem outras expectativas profissionais;

4) Renovação da carreira: 20 a 27 anos de docência, é a fase na qual há professores ainda encantados com a docência, defensores da causa docente e dispostos a renovar sua forma de atuação profissional;

5) Maturidade na carreira: 28 a 38 anos de docência*,* caracteriza-se pelo conhecimento tácito e pela chegada da aposentadoria; nesse ciclo o docente experimenta sentimentos de realização profissional (FARIAS; NASCIMENTO, 2012).

Quadro 1: Comparativo ciclos desenvolvimento profissional Huberman e Farias.

Ciclos desenvolvimento da carreira			
Huberman (1995)		Farias; Nascimento (2012)	
Fase	**Anos**	**Fase**	**Anos**
Início da carreira	1 a 3	Entrada na carreira	1 a 4
Estabilização	4 a 6	Consolidação das competências profissionais na carreira	5 a 9
Experimentação e diversificação	7 a 25	Afirmação e diversificação na carreira	10 a 19
Serenidade/conservantismo	25 a 35	Renovação da carreira	20 a 27
Desinvestimento/preparação para a aposentadoria:	35 a 40	Maturidade na carreira	28 a 38

Fonte: Os autores, 2020 .

Apesar de apresentarem analogias e aspectos que divergem, as diferentes formas de classificação dos ciclos de desenvolvimento docente nos dão bases que nos ajudam a identificar como a carreira pode se desenvolver ao longo dos anos de experiência.

Ao analisarmos o quadro 1, com o comparativo dos principais formas de organização dos ciclos profissionais, no caso específico da atual legislação brasileira, após a reforma da previdência (retirada de direitos) do atual (des)governo, os professores e professoras com atuação somente na educação básica e em sala de aula, poderão se aposentar com o idade mínima de 60 anos para homens e 57 anos para mulheres, com 25 anos de contribuição para ambos, porém, ao se aposentarem, vários direitos foram retirados dos trabalhadores e trabalhadoras da educação, entre eles a perda da integralidade de seus vencimentos, então muitos docentes, apesar das dificuldades que se encontra a educação básica pública, decidem por continuar na docência, e ficar até mais próximo da aposentadoria compulsória, hoje aos 75 anos (BRASIL, 2015). Este pode ser o fato dos ciclos conterem etapas além do “mínimo” necessário para a aposentadoria voluntária. Isto contribui ainda em aumentar o dilema docente de seguir a profissão ou se aposentar.

Em relação à última fase do ciclo da carreira docente, Huberman (2007) reconhece que essa fase de desinvestimento profissional não está claramente analisada nas pesquisas específicas sobre o ensino pois não é possível compreender a carreira como um conjunto de acontecimentos lineares, já que os docentes são pessoas singulares e existem diferentes contextos tanto profissionais quanto pessoais.

Corroborando com Huberman (2007), Folle (2008) em uma revisão sistemática apontou a carência estudos sobre a temática carreira e desenvolvimento profissional com docentes EF e o contexto e realidade brasileiras, principalmente pesquisas específicas com docentes na final de carreira, pois de 65 produções encontradas, apenas 3 tratavam sobre a fase final carreira, sendo apenas uma com docentes da EF da educação básica. Em relação aos aspectos metodológicos, estes estudos abordaram principalmente as histórias de vida de formação docentes com abordagens (auto)biográficas e métodos biográficos, cujo principal instrumento de coleta de dados foi a entrevista.

O tempo na profissão, as experiências profissionais, condições de trabalho, integração e relevância social da vida no trabalho é fundamental para o aprimoramento da organização do trabalho docente em Educação Física (POZZATTI et. al, 2015), assim, Huberman (2007) relatou que docentes que

tinham de 25-35 anos de carreira possuem maior grau de controle sobre a organização deste trabalho pedagógico devido ao conhecimento tácito das rotinas de trabalho, e que os mesmos possuem conhecimento da realidade concreta da Educação e em geral sua insatisfação, está na estagnação da carreira nessa fase, por já terem alcançado o final dos planos de carreira e não terem mais progressões.

As pesquisas com docentes em fase final da carreira têm demonstrado como os mesmos refletem sobre a sua vida profissional (ANACLETO; CELY, 2016; FOLLE; NASCIMENTO, 2009; FREITAS, 2002; HOFP, 2002) e a partir da experiência acumulada ao longo da carreira, passam então a assumir cargos administrativos como direção/vice-direção de escolas e supervisão ou em as demais atividades de administração em secretarias municipais e estaduais de educação e esportes, e acordo com HUBERMAN (2000) essa característica de mudança de percurso profissional é típica dessa fase da carreira, em que o professor se sente motivado a buscar mais responsabilidade, autoridade e prestígio por meio do acesso a funções administrativas.

O desinvestimento pode ser amargo quando permeado por experiências e sentimentos mais negativos e afastamento afetivo, ou sereno quando observamos que “a postura geral é, até certo ponto, positiva, as pessoas libertam-se, progressivamente, sem o lamentar, do investimento no trabalho, para consagrar mais tempo a si próprias, aos interesses exteriores à escola e a uma vida social de maior reflexão” (HUBERMAN, 2007, p. 46). Em docentes universitários de instituições públicas, percebe-se mais que os mesmos podendo se aposentar, ou já aposentados, engajam-se em atividades docentes, ainda que voluntariamente para manterem-se “ativos” (HOPF, 2002; BRAGANÇA, 2004)

Se no ciclo de inicio/entrada da carreia os saberes acadêmicos orientam a prática pedagógica, nos ciclos mais avançados de desenvolvimento profissional, a experiência prepondera e orienta a organização do trabalho pedagógico e a elaboração de suas aulas, porém, almejam o reconhecimento e a valorização profissional, e nos ciclos mais avançados os objetivos da EF tornam-se mais ligados aos objetivos da educação em geral (OLIVEIRA, 2017).

Na fase final da carreira docente em Educação Física, ressalta-se que o professorado, de acordo com sua trajetória pode ter um: *a) Desinvestimento Sereno:* relacionado ao fato de se afastarem da docência essa transição é tranquila para a aposentadoria, manifestam o sentimento de gratidão pelas conquistas ao longo da carreira, o reconhecimento dos estudantes e da comunidade provoca um desejo de aposentadoria marcado pela realização profissional. Poderão investir em seus projetos pessoais pois de acordo com Huberman (2000) o desinvestimento da carreira docente é marcado pela libertação progressiva do investimento no trabalho, o substituindo pela dedicação a interesses exteriores à escola e a uma vida social de maior reflexão ou, *b) Desinvestimento Amargo:* referente à profissão docente, onde as experiências negativas podem acelerar o desejo de aposentadoria e até de abandono da carreira, ocasionando constantes questionamentos, impaciência e distanciamento afetivo (GONÇALVES, 2000; 2009; HUBERMAN, 2000; NASCIMENTO; GRAÇA, 1998), o componente remuneração apresenta o maior índice insatisfação (BOTH et. al, 2013), é pautado pelo sentimento de descaso governamental e segundo Gonçalves (2000) os professores demonstram cansaço, saturação, impaciência e ansiosos pela aposentadoria, marcado pelos ressentimentos acumulados ao longo da carreira, e também pode provocar o sentimento de saudosismo de experiências do passado.

O Desinvestimento pedagógico em si é “sempre como um produto resultante de um emaranhado de fatores relacionados entre si, o que nos permite classificá-lo como um fenômeno de caráter multifatorial” (MACHADO et. al, p. 131) e não somente um como uma fase ou ciclo profissional.

O último ciclo da carreira docente é compreendido de diferentes formas, dependendo da abordagem adotada pelos autores consultados, Nascimento e Graça (1998) vêem esta etapa como um momento de estabilização, no qual os professores apresentam-se questionadores de si próprios e do ensino já Farias et. al (2010) a denomina maturidade e a caracteriza pelo conhecimento tácito, nela se apresentando a aposentadoria como um sentimento de realização pessoal e profissional,

Santos, Bracht e Almeida (2009) destacam que a interação entre a vida profissional e a vida pessoal do docente e a relação com os planos de cargos e salários e legislações, pois com as freqüentes mudanças na legislação

referente à aposentadoria docente, as quais resultaram em aumento no tempo de atuação profissional, levando-os a adiarem seus novos planos pessoais. Os investigados expressam forte preocupação com o futuro da profissão, assim como com os novos profissionais de Educação Física que estão se formando e se inserindo no contexto escolar.

Em relação à formação continuada, na fase de iniciação à docência podemos dizer que o professorado, busca ações formativas para aprimorar o trabalho pedagógico, bem como aprimoramento para diminuir o choque com o real dessa fase profissional; já na fase de serenidade/desinvestimento há a necessidade de frequentar atividades formativas em espaços diferentes da escola como forma para inovar suas práticas cotidianas (ROSSI, HUNGER, 2012).

Os docentes chegam um determinado estágio da vida e da carreira que conforme Huberman (2000) começam a se perguntar o que fizeram de sua vida profissional, ou seja, “se põem em questão” e refletem sobre a imagem que têm de si mesmos como professores, o que almejavam fazer e o que efetivamente fizeram. Trazemos uma dessas imagens de um docente sobre si mesmo presente em um estudo de Santos, Bracht e Almeida (2009, p. 156) sobre seu percurso profissional e que ao ler nos impactou bastante:

> [...] a minha imagem de hoje? Você quer que faça um retrato meu de hoje? Como profissional? Você quer uma autoavaliação minha? Eu digo mesmo, uma autoavaliação minha hoje. Eu acho que hoje eu sou uma merda! [risos] Porque eu digo mesmo eu não estou conseguindo alcançar aquilo que eu sempre consegui. Então, não sou eu que não estou sendo capaz, são eles [alunos] que não tão mais me respondendo aquilo que eu queria. Então com isso você se frustra um pouco. Aí então chega o ponto final de carreira, é o pior que tem. Não é porque você está cansado, é pela situação também, porque como eu estou desestimulada de uns cinco anos pra cá. Eu falo para todo mundo que está entrando na escola que eu tenho pena deles, porque vocês, no caso, vocês não vão se aposentar na profissão de vocês, porque vocês não vão aguentar, entendeu? Porque eu tenho pena. Vocês não vão aguentar! Vocês já estão entrando numa fase terrível, entendeu? Eu já tô no final da minha fase, agora vocês estão começando. Tudo bem que vocês estão cheios de gás, mas só que isso não é tudo.

Consideramos assim, que o desenvolvimento profissional não se separa do desenvolvimento pessoal e ambos se relacionam com as transformações da sociedade nos âmbitos social, econômico e culturais, desde a escolha do curso, passando pela opção da docência até a aposentadoria, estabelecendo sempre que possível uma tentativa de mudança da realidade concreta.

2 PRESSUPOSTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

Para este estudo, como tentativa de interpretação da realidade que queremos compreender, adotamos a corrente teórica do Materialismo Histórico Dialético[8], de base filosófica do marxismo, que busca “explicações coerentes, lógicas e racionais para os fenômenos da natureza, da sociedade e do pensamento” (TRIVINÕS, 1987 p. 51).

A dialética é um método antigo existente desde a época dos filósofos clássicos gregos, onde era conhecida como “a arte do diálogo”, mas foi com Hegel (1770 – 1831) que a lógica dialética se constituiu como base da epistemologia, porém, sua concepção de história era essencialmente idealista, ela subordinava os movimentos da realidade material à lógica de um princípio que ele chamava de Ideia Absoluta (KONDER, 1998), ou seja, as ideias determinavam o ser e sua a consciência. Para Marx são as condições materiais de existência que irão determinar o ser e seu pensamento (consciência). Marx o supera no sentido de incorporar e ir além, as posições de Hegel em relação à dialética, reinterpretando-a e conferiu-lhe um caráter materialista e histórico. A dialética marxiana é a dialética que se contrapôs aos filósofos metafísicos que acreditavam que as coisas possuíam uma essência imutável, as coisas, o mundo e a sociedade, estão em constante movimentação, em transformação, por que tudo é intrinsecamente contraditório, a existência contém em si a sua própria negação (principio da contradição), isso pode ser afirmado pela tese (momento da afirmação), pela antítese (momento da negação/contradição) e a síntese (momento da negação da negação).

Assim, todas as coisas que existem são uma tese e ao mesmo tempo possuem a sua negação ou contradição (antítese), dizemos que o encontro dessas realidades distintas gera a síntese, que não é uma coisa nem outra, mas algo que se transformou. Em linhas gerais, tese é a matéria (natureza); a antítese seria o trabalho e, por fim, a síntese desses dois elementos é a sociedade (história), assim, a dialética de Marx não se limita a interpretar, ou simplesmente “olhar” o mundo, como os filósofos idealistas, mas pretende

[8] Usaremos o referencial teórico do Materialismo Histórico Dialético, porém, não é intuito desde trabalho ser um manual sobre o mesmo.

transformá-lo, pois “os filósofos têm apenas interpretado o mundo de maneiras diferentes; a questão, porém, é transformá-lo” (MARX, 1845).

Dessa ideia de dialética, do eterno movimento de contrários e aplica na materialidade da história humana, o método dialético tenta explicar como os seres humanos viveram (e vivem) ao longo da história, e a resposta desse processo está na vida material humana, ou seja, no que conseguimos tocar, desse modo, tenta compreender como que, vivendo, através da vida material, chegamos em cada determinado momento histórico. Engels, companheiro de Marx, para defender o caráter materialista da dialética formulou os “princípios da dialética da natureza”, reduzidas, no essencial, a três (KONDER, 1984, p.56-57):

1) Lei da passagem da quantidade à qualidade (e vice-versa): se refere ao fato de que, ao mudarem, as coisas, os fenômenos não mudam sempre no mesmo ritmo; o processo de transformação por meio do qual elas existem passa por períodos lentos (nos quais se sucedem pequenas alterações quantitativas) e por períodos de aceleração (que precipitam alterações qualitativas, isto é, “saltos”, modificações radicais).

2) Lei da interpenetração dos contrários: é aquela que nos lembra que tudo está relacionado com tudo, que os diversos aspectos da realidade se entrelaçam e, em diferentes níveis, dependem uns dos outros, de modo que os fenômenos, não podem ser compreendidas isoladamente, uma por uma, sem levarmos em conta a conexão que cada uma delas mantém com outros fenômenos. Conforme essas conexões, o contexto em que elas estão situadas, prevalecem, um lado ou o outro da realidade (que é intrinsecamente contraditória). Os dois lados se opõem e, no entanto, constituem uma unidade e, por isso, essa lei já foi também chamada de unidade e luta dos contrários, ou melhor dizendo, a eterna luta de contrários.

3) Lei da negação da negação: dá conta do fato de que o movimento geral da realidade faz sentido, quer dizer, não é absoluto, não se esgota em contradições irracionais, ininteligíveis, nem se perde na eterna repetição do conflito entre teses e antíteses, entre afirmações e negações. A afirmação engendra necessariamente a sua negação, porém a negação não prevalece como tal: “tanto a afirmação como a negação são superadas e o que acaba por prevalecer é uma síntese, que é a negação da negação (KONDER, 1987,

p.59). Assim, existe uma relação dialética no princípio de união dos contrários abrangendo as totalidades parciais e as totalidades fundamentais: a) entre a aparência e a essência no dado fenômeno e entre as leis e o fenômeno; b) entre o singular e o universal e entre o particular e o geral; c) entre a base material e a consciência, d) entre a teoria e a prática; e) entre o objetivo e o subjetivo.

Compreendemos, de forma breve, mas necessária, o principio da base teórica de nossa pesquisa. Procuraremos estabelecer a relação Totalidade (processo para conhecer o mundo) e de Singularidade, pois somos produtos e produtores da realidade, através do processo de análise e síntese (síntese de múltiplas determinações), análise partindo do geral para o específico, decompondo o todo em partes, em categorias do fenômeno e síntese, do específico para o geral, processo inverso da análise. Em relação aos objetivos, adotamos uma metodologia de cunho descritiva, que segundo Triviños (1987 p. 110) “pretende descrever com exatidão os fatos e fenômenos de determinada realidade” e analítico-interpretativa.

2.1 Caracterização da RMEPel dos coloboradores

A RMEPel possui de acordo com a SMED 89 escolas e segundo os dados do Censo Escolar de 2019 (quadro 2), atendeu a 28772 alunos e alunos, considerando a Educação Básica (Educação Infantil, Ensino Fundamental, Ensino Médio, Educação de Jovens e Adultos, Educação Especial, Educação Profissional de Nível Técnico, Ensino Médio Normal/Magistério, Ensino Médio Integrado).

Quadro 2: Matricula alunado RMEPEL Censo 2019.

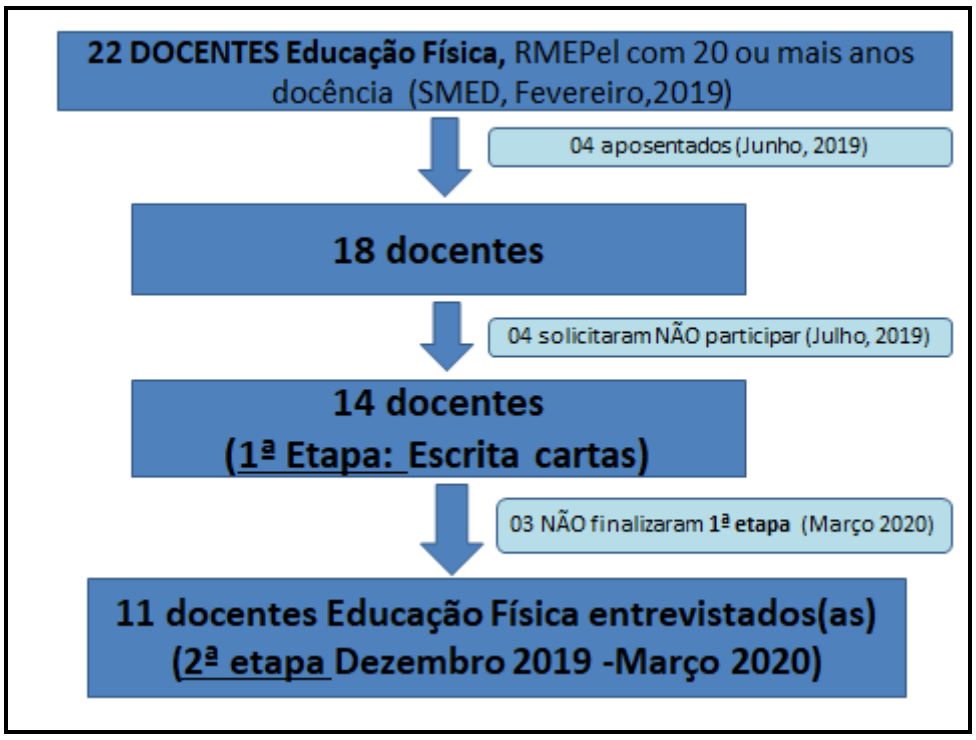
RMEPel	Matrícula inicial												
	Ensino Regular										EJA		
	Educação Infantil				Ensino Fundamental				Médio		EJA Presencial		
	Creche		Pré- escola		Anos Iniciais		Anos Finais				Fundamental	Médio	**Total**
	Parcial	Integral	Parcial	Integral	Parcial	Integral	Parcial	Integral	Parcial	Integral			
Municipal Urbana	150	1.649	3.576	1.083	8.836	170	5.731	41	548	0	2.142	335	24.261
Educação Especial	8	26	65	32	822	10	448	8	26	0	186	12	1.643
Municipal Rural	0	0	420	0	1.099	0	881	0	0	0	173	0	2.573
Educação Especial	0	0	9	0	147	0	104	0	0	0	35	0	295
Total	**158**	**1.675**	**4.070**	**1.115**	**10.904**	**180**	**7.164**	**49**	**574**	**0**	**2.536**	**347**	**28.772**

Fonte: Adaptado Censo escolar INEP, 2019.

A RMEPel têm em torno de 150 docentes de EF, e em fevereiro de 2019 solicitamos à SMED uma listagem do professorado de EF com 20 ou mais anos

de docência e suas respectivas escolas e haviam 22 docentes da RMEPel que se enquadram nos critérios de inclusão: a)ser professor (a) de EF; b) pertencer ao quadro efetivo da escola; c) ter 20 ou mais anos de docência em EF na RMEPel. Após isso, em junho/julho de 2019 com a autorização da pesquisa, fizemos contato inicial com as escolas e fomos informados que 04 destes docentes se aposentaram nesse período. Acreditamos que os mesmos possam ter solicitado a aposentadoria no meio do ano devido à reforma de previdência, a qual poderia retirar diversos direitos dos mesmos. Para os 18 possíveis colaboradores e colaboradoras conversamos e explicamos o estudo, 04 docentes optaram por não participar da pesquisa. Aos 14 restantes entregamos o 1º instrumento de pesquisa (escrita da carta a um novo docente), e demos um período para a entrega, após contatos e idas às escolas e com o início da pandemia em março de 2020, 03 docentes não realizaram a 1ª etapa, sendo assim 11 docentes foram colaboradores e colaboradoras para a 2ª etapa do estudo, as entrevistas, conforme figura 1:

Figura 1: Professorado colaborador do estudo.



Fonte: os autores.

Em relação aos dados sociodemográficos, os mesmo estão apresentados no quadro 3, do professorado colaborador (n=11) da pesquisa: 55%(n=6) são do gênero masculino e 45%(n=5) do gênero feminino; 64%(n=7)

são casados(as), 27%(n=3) solteiros(as) e 9%(n=1) divorciado(as); 73%(n=8) com filhos(as) e 27%(n=3) sem filhos(as); 45%(n=5) com idade entre 56-60 anos; 36%(n=4) entre 45-50 anos e 9%(n=1) com idade acima de 60 anos e igualmente 9% (n=1) com 44 anos de idade..

Quadro 3: Dados sociodemográficos, formação e titulação

N	Docente	Gênero	Idade	Estado Civil	Filhos	Formação Inicial/ano	Titulação (Qte)
1	Alex	M	60	Casado	2	ESEF/UFPel- 1986	Especialização (3)
2	Bianca	F	56	Solteira	0	ESEF/UFPel- 1984	Especialização (2)
3	Cléber	M	54	Casado	4	ESEF/UFPel- 1986	Especialização (1)
4	Débora	F	51	Solteira	0	ESEF/UFPel- 1993	Especialização (2)
5	Ernesto	M	56	Casado	1	ESEF/UFPel- 1988	Especialização (1)
6	Fabiano	M	56	Casado	1	ESEF/UFPel- 1988	Especialização (1)
7	Graça	F	51	Casada	2	ESEF/UFPel- 1993	Especialização (2)
8	Heitor	M	56	Casado	2	ESEF/UFPel- 1988	Graduação
9	Iara	F	51	Divorciada	1	ESEF/UFPel- 1988	Especialização (1)
10	João	M	64	Casado	3	ESEF/UFPel- 1986	Especialização (1)
11	Luiza	F	44	Solteira	0	ESEF/UFPel- 1997	Especialização(1) e Mestrado

*Professor Alex também é formado em Farmácia e cursa mestrado em Educação Física, a Professora Iara formou depois em Direito e o Professor Heitor iniciou curso de Filosofia mas abandonou.
Fonte: Os autores, 2020.
Legenda: M: Masculino, F: Feminino- ESEF/UFPel: Escola Superior de Educação Física/Universidade Federal de Pelotas, Qtde: Quantidade; N: número.

2.2 Instrumentos de pesquisa, análise de dados e aspectos éticos da pesquisa

Para a melhor compreensão do fenômeno a ser estudado, utilizamos instrumentos tradicionais das Ciências Sociais e Humanas: como a análise de documentos, entrevista semiestruturada e um estudo preliminar/piloto. Por fim, fizemos a triangulação e análise de dados para a melhor compreensão do fenômeno pesquisado:

a) **Análise de documentos:** se fez uma revisão bibliográfica com vistas à discussão das temáticas Políticas Públicas Educacionais, Experiência profissional, Educação, Educação Física, Trabalho e Carreira docente. foram objetos de análise ainda os documentos que norteiam a Educação em geral e a EF como: Lei Nº 9.394, de 20 de dezembro 1996 (LDB); Plano Nacional de Educação (2014-2024); Diretrizes Curriculares Nacionais; Lei 11.738/2008 que institui o piso salarial profissional nacional para os profissionais do magistério público da educação básica; BNCC, Lei 9696/98 Dispõe sobre a regulamentação da Profissão de Educação Física; Plano de carreira professorado RMEPel.

Sobre a análise documental para Ludke e André (1986) ela constitui uma técnica importante na pesquisa qualitativa, pois complementará informações obtidas por outras técnicas, seja desvelando aspectos novos de um tema ou problema. Estes mesmos autores destacam ainda que:

> "Os documentos constituem também uma fonte poderosa de onde podem ser retiradas evidências que fundamentem afirmações e declarações do pesquisador. Representam ainda uma fonte 'natural' de informação. Não são apenas uma fonte de informação contextualizada, mas surgem num determinado contexto e fornecem informações sobre esse mesmo contexto". (p.39).

b) Cartas: Na 1ª etapa da pesquisa solicitamos para o professorado de EF escrevesse uma carta em forma de escrita dialogada com o leitor, ou seja, instigamos os colaboradores para que escrevessem uma carta com caráter autobiográfico a um novo docente tendo inspiração uma carta escrita por um professor norte-americano endereçado a um novo docente e está presente no livro "Razones del profesorado para seguir con entusiasmo" de Sonia Nieto (2006) (APÊNDICE I), que por sua vez foi inspirado no livros de Paulo Freire "Cartas a quem ousa ensinar". Na área da educação, encontram-se alguns exemplos deste modelo de diálogo/reflexão em Paulo Freire que em 1993 publica "Professora sim, tia não: cartas a quem ousar ensinar".

Em relação às cartas, para Bolleme (1988, p. 201) as mesmas são:

> "[...] formas de se expor, de compartilhar experiências, construir elos invisíveis e, muitas vezes, duradouros. A carta como uma prática de escrita, tanto fala de quem a escreve como revela sempre algo sobre quem a recebe, enunciando a intensidade do relacionamento entre os envolvidos, pois 'nunca se escreve senão para viver, a fim de fazer frente a uma situação, para explicar, justificar-se, informar, dirigir-se a, apelar, queixar-se, sofrer menos [...]".

Ou seja, escrever cartas é uma prática epistolar que, de alguma forma, os docentes puderam partilhar suas experiências e vivências, inseridos no seu tempo e no seu espaço social, e que num tom/contexto autobiográfico contribuiu para a recuperação de informações que revelassem o cotidiano dos mesmos e seus embates, possibilitando construir narrativas sobre a vida e a obra do sujeito histórico, culturalmente e socialmente situado.

Após a escrita dessas cartas analisamos as mesmas como documentos de informações e memórias, voltados para os aspectos da memória da carreira docente, as mesmas serviram ainda para nos guiar e contextualizar para a 2ª etapa da pesquisa, as entrevista com o professorado.

c) Entrevista Semiestruturada: foram realizadas 11 entrevistas semiestruturadas individuais (APÊNDICE II). A entrevista é uma conversa a dois, feita por iniciativa do entrevistador, destinada a fornecer informações pertinentes a um objeto de pesquisa (MINAYO, 1993). A autora relata ainda que a entrevista do tipo semiestruturada é um fenômeno que permite aproximarmos os fatos ocorridos na realidade da teoria existente sobre o assunto analisado, a partir da combinação entre ambos.

Para Triviños (1987, p. 146) a entrevista semiestruturada tem como característica questionamentos básicos que são apoiados em teorias e hipóteses que se relacionam ao tema da pesquisa. Esses questionamentos dão frutos a novas hipóteses surgidas a partir das respostas dos informantes. O foco principal foi colocado pelo investigador- entrevistador. Complementa o autor, afirmando que a entrevista semiestruturada "[...] favorece não só a descrição dos fenômenos sociais, mas também sua explicação e a compreensão de sua totalidade [...]" além de manter a presença consciente e atuante do pesquisador no processo de coleta de informações (TRIVIÑOS, 1987, p. 152).

Triviños (1987) acrescenta ainda que a entrevista semiestruturada*,* em geral, aquela que parte de certos questionamentos básicos, apoiados em teorias e hipóteses, que interessam à pesquisa, e que, em seguida, oferecem amplo campo de interrogativas, fruto de novas hipóteses que vão surgindo à medida que se recebem as respostas do informante. Desta maneira, o informante, seguindo espontaneamente a linha de seu pensamento e de suas experiências dentro do foco principal colocado pelo investigador, começa a participa da elaboração do conteúdo da pesquisa.

As questões elaboradas para a entrevista levaram em conta o embasamento teórico da investigação e as informações que o pesquisador recolheu sobre o fenômeno social (Triviños, 1987), as cartas produzidas pelo professorado também trouxeram elementos para as entrevistas.

Após as entrevistas, as mesmas foram transcritas, enviadas por email para os entrevistados(as) lerem, concordarem ou sugerissem e acrescentassem informações como forma de autenticidade e fidedignidade das informações, além da autorização para a sua reprodução.

Para uma melhor visualização, elaboramos o quadro 4 de sistematização do trabalho de campo:

Quadro 4: Sistematização do trabalho de campo.

Nº	Docente	Nº laudas Carta*	Duração Entrevista	Local Entrevista	Data
1	Alex	3	52m	Residência Professor	14/12/2019
2	Bianca	2	43m	Escola	16/12/2019
3	Cléber	2	42m	Escola	16/12/2019
4	Débora	2	41m	Residência Professora	17/12/2019
5	Ernesto	2	43m	Escola	12/03/2020
6	Fabiano	3	44m	Escola	17/12/2019
7	Graça	2	40m	Escola	12/12/2019
8	Heitor	4**	1h	Escola	18/12/2019
9	Iara	3	46m	SMED	16/03/2020
10	João	2	1h25m	ESEF/UFPel	19/12/2019
11	Luiza	6	45m	ESEF/UFPel	20/12/2019
Total		**31**	**9h01m**		

*Arial 12, espaçamento 1,5 entre linhas
**Professor Heitor anexou a sua carta uma redação de um ex aluno que que está em outra escola e foi solicitado para escolher e escrever sobre um professor que tivesse marcado a sua vida.
Fonte: Os autores, 2020.

Foi realizado ainda de um estudo preliminar com vistas a existência de inconsistência ou complexidade das questões, ambiguidades ou linguagem inacessível, perguntas supérfluas ou que causem embaraço ao informante e estabelecimento de uma determinada ordem de questões, pois alguns autores (TRIVIÑOS, 1987; MANZINI 1991; REA e PARKER, 2000) sugerem o pré-teste, ou estudo piloto, para verificar a estrutura e a clareza do roteiro, por meio de uma entrevista preliminar com pessoas que possuam características semelhantes a da população alvo.

Por fim, como forma de uma melhor compreensão e análise de dados do estudo utilizamos a técnica de triangulação de dados (Triviños, 1987), onde o autor determina 03 perspectivas de análise: 1- Processos e produtos centrados nos sujeitos (entrevistas, questionários, diários); 2- Elementos produzidos pelo meio do sujeito (documentos, instrumentos legais e oficiais) e, 3- Processos e Produtos originados pela estrutura sócio- econômica e cultural do macro- organismo social do sujeito (modos de produção e forças e relações de produção, propriedade dos meios de produção e classes sociais).

A partir desta triangulação de dados, emergiram as categorias que foram analisadas e discutidas no transcorrer do trabalho.

No tocante a análise de dados, esta etapa foi realizada concomitantemente com o estudo de campo, e em relação às entrevistas, depois de gravadas as informações, as entrevistas serão transcritas e enviadas aos entrevistados como como forma de validação, para acréscimo ou supressão de trecho. Após estas etapas mesmas foram analisadas, categorizadas e discutidas a partir da análise de conteúdo de Bardin (2011), constituída em três fases: 1) pré-análise: Fase de organização que abrange a escolha do material, a formulação de suposições e objetivos e a elaboração de indicadores para a interpretação dos resultados; 2) exploração do material: Etapa mais longa, de realização das decisões tomadas na pré- análise, e consistiu na exploração do material com a definição de categorias (sistemas de codificação) e a identificação das unidades de registro (unidade de significação a codificar corresponde ao segmento de conteúdo a considerar como unidade base, visando à categorização e à contagem frequencial) e das unidades de contexto nos documentos (unidade de compreensão para codificar a unidade de registro que corresponde ao segmento da mensagem, a fim de compreender a significação exata da unidade de registro) e; 3) tratamento dos resultados, inferência e interpretação: é destinada ao tratamento dos resultados; ocorre nela a condensação e o destaque das informações para análise, culminando nas interpretações inferenciais; é o momento da intuição, da análise reflexiva e crítica (BARDIN, 2011).

Em relação aos aspectos éticos, antes da realização das etapas esta pesquisa foi submetida ao Comitê de Ética e Pesquisa (CEP) da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), através da Plataforma Brasil e aprovada pelo parecer nº 3.118.862 de 23/01/2019 e autorizada pela Secretaria Municipal de Educação (SMED) (ANEXO I).

Além disso, todos os sujeitos que participaram deste estudo foram convidados a participar voluntariamente e puderam a qualquer momento deixar de participar do mesmo se assim desejassem. Os docentes assinaram ainda o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (ANEXO III). As cartas do professorado (APÊNDICE II) escritas à mão foram assinadas, e após foram transcritas em “word”, mantendo toda sua integralidade, as demais foram

enviadas digitadas via email com confirmação de recebimento, como forma de autenticidade e fidedignidade das informações, além dos colaboradores assinarem a autorização para a reprodução dos elementos elencados nas mesmas

Para identificarmos os participantes e suas respostas, utilizamos os seguintes nomes fictícios: Adão, Bianca, Cléber, Débora, Ernesto, Fabiano, Graça, Heitor, João, Iara e Luiza, haja vista que nenhum participante necessitou se identificar.

3. DA ESCOLHA DA GRADUAÇÃO AO INGRESSO NA CARREIRA DOCENTE

Este capítulo pretende apresentar e explorar os motivos da escolha do curso de graduação em EF pelos docentes colaboradores do estudo. Objetivamos ainda verificar se essa formação atendeu e os preparou satisfatoriamente para o trabalho no âmbito escolar, além de analisar como ocorreu o ingresso dos mesmos na carreira docente propriamente dita e suas dificuldades iniciais.

3.1 Os motivos pela escolha da graduação em EF

A escolha de um curso de graduação e de uma profissão se deve a diversos fatores, como a influência familiar, vocação, desejo, a baixa concorrência no vestibular/ENEM, falta de opção, de informação, ou mesmo da necessidade de inserção precoce no mercado de trabalho, ainda mais quando se trata das camadas populares, onde a necessidade muitas vezes se sobrepõe aos desejos e anseios pessoais. Em relação aos docentes colaboradores da pesquisa a escolha pelo curso de formação inicial em EF se deu a um conjunto de fatores, porém, o gosto e a ligação com o esporte apareceram na maioria dos relatos:

> O que mais influenciou foi que **eu jogava, eu era atleta, nadava.** Então, eu **fui para a Educação Física por isso**, por esse motivo (Entrevista Professora Bianca) [grifos meus].
>
> Eu **sempre fui ligado a esportes**, então eu acho que pelo que eu me lembro, eu acredito que tenha sido mais por isso [...] (Entrevista Professor Cléber) [grifos meus].
>
> [...] a gente **praticava bastante esporte, jogava futebol – não profissional** [...] e aquilo isso fez com que eu me voltasse para a área da educação física. Então eu acho que o que mais me levou a essa formação da educação física **foi essa questão do desporto em si**, assim (Entrevista Professor João) [grifos meus].

Inclusive o esporte no âmbito escolar através da participação dos mesmos nas aulas de EF e em equipes escolares em suas respectivas épocas de alunos e alunas na educação básica, o que mostra a influência positiva das aulas e dos docentes de EF:

> Na verdade eu sempre fui atleta, atleta não, mas sempre **fiz muita atividade física na escola** onde eu estudei, **fazia atividade extraclasse,** fazia vôlei, fazia atletismo, e **sempre tive muito bons professores de educação física,** isso foi o que **me influenciou a gostar, e a depois seguir a carreira** (Entrevista Professora Graça) [grifos meus].

> [...] acredito que o que me levou a escolher a graduação em educação física foi a **minha vida anterior como atleta**, porque eu **sempre participei das equipes escolares** em mais de uma modalidade, [...] eu gostava da área, **gostava da questão do magistério**, e aí resolvi fazer educação física (Entrevista Professora Iara) [grifos meus].

> Bom, o que mais me influenciou **foi o gostar da educação física.** Sempre pratiquei, sempre gostei [...] **o professor incentivava bastante a prática do esporte**, gostava muito, tratava bem a gente, foi mais isso. (Entrevista Professor Ernesto) [grifos meus].

Não só das aulas de EF, mas durante o curso de magistério conforme relata a Professora Débora:

> Na época eu fiz magistério. E aí eu **tinha uma professora que me dava didática de Educação Físic**a, e foi através dela que eu comecei a gostar da Educação Física (Entrevista Professora Débora) [grifos meus].

Também do esporte aliado à família e a EF escolar:

> Bom, eu escolhi educação física porque, um dos motivos é porque a **minha tia era professora de educação física na mesma escola que eu trabalho até hoje**, e eu ia bastante com ela para a escola, e gostava, **tinha um amor, comecei a gostar, achava legal aquela coisa do ginásio, dos alunos participando** e tal, desde que eu estava na primeira série eu ia com ela, ela dava aula de dança uma época também, e eu assistia várias aulas, ginástica, vôlei, coisa assim, e então eu gostava, **desde pequena eu já dizia que eu ia ser professora de educação física**. E mais tarde eu acho que porque eu sempre gostei de participar dessas coisas, depois mais velha um pouco eu entrei para a dança, eu entrei para a ginástica, eu fazia natação, então era uma coisa que **eu gostava, apesar de eu não ter ideia do que era realmente ser professora de educação física** (Entrevista Professora Luiza) [grifos meus].

E, ainda no caso da Professora Luiza, o contrário, a partir de experiências negativas nas aulas de EF escolar a influenciou e contribuiu para a escolha do curso de EF:

> **Nunca fui "boa" aluna em Educação Física,** sempre tive "dificuldades", por ser baixa e fraca**, me considerava sempre um pouco "inferior"** as minhas colegas que sabiam jogar os esportes coletivos **(eu, sempre era uma das últimas a ser escolhida).** Com o tempo entrei para a dança na escola, onde comecei a me reconhecer de forma diferente, onde me senti valorizada. A dança e a forma que era abordada me fez visualizar a educação física de uma forma diferenciada das práticas nas aulas. A prática da ginástica artística e principalmente da dança na escola reforçou minha escolha de ser professora de educação física, sendo assim, minhas experiências como aluna nas aulas em si de Educação Física, com o tempo **me**

> **fizeram visualizar o que eu não queria ser como professora (práticas excludentes, que faziam o aluno se sentir mal e desprovido de qualidades próprias para a prática das atividades)** (Carta Professora Luiza) [grifos meus].

Porém, foi a única dos participantes que citou que antes mesmo de ingressar no curso, queria ser professora de EF:

> **[...] minha tia era professora de educação física na mesma escola que eu trabalho até hoje**, e eu ia bastante com ela para a escola, e gostava, **tinha um amor, comecei a gostar, achava legal aquela coisa do ginásio, dos alunos participando** e tal, desde que eu estava na primeira série eu ia com ela, ela dava aula de dança uma época também, e eu assistia várias aulas, ginástica, vôlei, coisa assim, e então eu gostava, **desde pequena eu já dizia que eu ia ser professora de educação física**. E mais tarde eu acho que porque eu sempre gostei de participar dessas coisas, depois mais velha um pouco eu entrei para a dança, eu entrei para a ginástica, eu fazia natação, então era uma coisa que **eu gostava, apesar de eu não ter ideia do que era realmente ser professora de educação física** (Entrevista Professora Luiza) [grifos meus].

Junto com o esporte, aliado a outros fatores, as opções de cursos na época eram poucas comparadas a hoje, mesmo assim, por terem que decidir ainda novos por essa escolha, alguns tentaram outras graduações antes de efetivamente cursarem EF:

> Pelo histórico de vida na adolescência, a tendência a querer ser jogador de futebol, **e apesar da pressão da família** eu não iniciei nessa área, eu iniciei na área da **farmácia e bioquímica**, mas depois de 1 ano e meio, meio que **frustrado com essa graduação que eu estava fazendo, eu optei pela educação física**. E por incrível que pareça foi fazendo um *cooper*, uma corrida que me encontrei com uma jovem que fazia educação física, e corremos juntos, e naquele dia eu **decidi que minha área era essa a**í (Entrevista Professor Heitor) [grifos meus].

> Porque desde a **época do colégio eu sempre fui de praticar muito esporte, todos os esportes** que apareciam, eu tentava conhecer ou tentava ver se teria condições de praticar e isso marcou minha vida desde a época de colégio, apesar de eu ter ido fazer um outro curso quando eu terminei o colégio, me formei nesse outro curso, **de farmácia e bioquímica.** Quando **surgiu oportunidade de fazer na época vestibular para educação física eu fiz, passei de primeira**, comecei a cursar, **trabalhava paralelamente e nunca mais parei**, nunca mais larguei. **Larguei o outro ramo, mas não larguei educação física** (Entrevista Professor Alex) [grifos meus].

> Na verdade, quando eu estava **terminando o ensino médio não tinha ideia muito ainda de fazer Educação Física**. Mas na verdade eu estava inclinado a fazer meu primeiro vestibular até foi para **agronomia por causa da minha família que tinha terra para fora,** meu pai criava boi e tinha plantação e tal. **Mas não era uma coisa assim que eu tinha muito interesse**. Daí no ensino médio, no final, estudando no Colégio (retirado motivo anonimato) que tem um DNA esportivo muito grande aqui, equipes, joguei basquete pela escola durante todo o tempo, e acabei me interessando muito mais por essa área mais esportiva. Na verdade, **não para ser professor, eu tinha**

> **interesse pelo esporte em si, na verdade, como a maioria das pessoas eu acho que acaba escolhendo Educação Física porque gostam de esporte o que na verdade de certa forma é um erro**. Mas e aí, no final assim eu **acabei fazendo agronomia, mas já com uma intenção de tentar Educação Física mesmo**, entrando nessa área mais agrícola. E acabei realmente depois fazendo um novo vestibular **em função do esporte, mas acho que foi o esporte, ter jogado na escola**, ter estudado no Colégio (retirado motivo anonimato) que é muito, muito voltado para essa área esportiva na Educação Física, e que eu acabei fazendo (Entrevista Professor Fabiano) [grifos meus].

Em alguns casos, a família questionou essa escolha, como no caso do Professor João:

> Isto me faz lembrar quando passei em educação física, **meu pai me perguntou: "tu achas que podes sustentar uma família com este salário?"** Eu respondi **"não sei". Hoje posso dizer que consegui sim** (apesar de ter passado por muitas greves, sem receber o salário por vários meses), **conseguimos sobreviver** (Carta Professor João) [grifos meus].

Esta recordação relatada na carta do Professor João nos chamou atenção e foi aprofundada na entrevista:

> É, porque o meu pai, como eu te falei na carta, ele era militar. E aí quando eu resolvi fazer EF, quando passei no curso de educação física, ele me perguntou. E outras vezes, **três vezes eu passei, e ele não concordava com que eu fizesse educação física** [...] na terceira vez ele pegou, me chamou, e disse, "olha, vamos lá". Sabe que todo milico é cheio de coisa, como é que se diz, um escritório dele lá, me colocou ali e disse, "cara, vamos lá, vamos conversar". Aí eu sentei lá e disse, **"olha, eu quero saber se é isso realmente o que tu quer,** ele disse, **"sim pai, quero fazer, quero cursar".** Aí ele disse para mim, me perguntou, **eu me lembro bem, "tu acha que tu tens condições de manter e sustentar uma família com salário de professor?"**. Aí eu disse, **"não sei, pai".** Aí **eu entendi por que ele perguntou isso** aí, porque eu tinha **três irmãs professoras do estado, as irmãs minhas ele ajudava**. Ajudava naquela época em 1975, 70 e poucos, ele já auxiliava elas para pagar aluguel, [...] Então aí claro, **justamente ele ficou pensando, "cara, mais outro professor? Logo de EF"** (Entrevista Professor João) [grifos meus].

A partir de nossa análise podemos notar que com exceção da Professora Luiza que informou querer ser professora de EF desde os tempos em que ia para a escola com sua tia professora de EF, todos os demais docentes escolheram cursar EF não com o intuito de serem professores ou professoras de EF e/ou seguirem a carreira docente, mas sim, por terem uma ligação com o esporte, aliado a outros determinantes, como terem participado de equipes escolares, influência das aulas e do professor de EF, gostar de praticar atividades física, ter sido ou querer ser atleta, isso nos mostra que o

descrédito da carreira docente como profissão é de outrora, e este fato permanece ocorrendo ao longo dos anos na área da EF.

Em relação à escolha pelo curso de EF, a literatura (HOPF; CANFIELD, 2001) nos mostra que o gosto pelo esporte é o principal elemento para essa escolha, Razeira et al. (2014) ao investigar os motivos que levaram a escolha da graduação em licenciatura EF, com 122 acadêmicos da ESEF/UFPel, mesma instituição que se formou todos os colaboradores desse nosso estudo apontou como principal motivo para essa escolha o gosto pelo esporte em 69,67%, além disso estar relacionado com as suas experiências anteriores ao ingresso no curso.

E, embora, muitas vezes, escolham o curso de EF para realmente trabalharem na área, muitas vezes, ingressam no curso sem a ideia do que é a profissão em si e da sua importância na sociedade, ou seja, a escolha por uma graduação e consequente profissão é estabelecida sem a informação necessária para isso (COUTINHO; MACHADO; NARDES, 2005). Esse fato podem levar os mesmos a evasão ao longo do curso, os resultados da pesquisa de Silva et.al (2012) revelaram que entre os fatores responsáveis pela evasão dos alunos no curso de Licenciatura Plena em EF da Universidade Federal do Piauí estão a falta de informações sobre o curso, o descontentamento com a profissão e a imaturidade ao escolher o curso.

Sobre a influência do docente e das aulas de EF e participação nas equipes escolares na motivação da graduação em EF, cabe destacar que na muitas vezes, para o docente de EF, essas horas de treinamento e de participação em jogos das equipes escolares não fazem parte da carga horária dos mesmos e muitas vezes não são remunerados para isso, nem se quer recebem folga (SOARES; MILLEN NETO; FERREIRA, 2013; MOURA, 2009).

E de acordo com a pesquisa de Andrade (2011) os docentes que trabalham com esporte extra escolar muitas vezes buscam recursos privados para a aquisição de materiais esportivos e realização de viagens para disputas de campeonatos escolares, assim como, as horas destinadas às viagens e competições estudantis não são remuneradas, ou seja, isso apresenta um fator bastante pertinente para a compreensão dos impactos que a precarização do trabalho docente podem ocasionar para o desenvolvimento das atividades escolares.

3.2 Da formação inicial ao ingresso na carreira docente

Após identificarmos que a relação com o esporte associado a outros elementos como o principal motivo da escolha de EF como curso de formação inicial, solicitamos que os mesmos comentassem dos componentes constituintes dessa graduação, quais conhecimentos e conteúdos foram mais trabalhados no curso. O intuito da apropriação desses elementos foi o de nos dar subsídios para sabermos se essa formação inicial influenciou a escolha de serem docentes da rede pública de ensino bem como se essa formação os preparou para o trabalho e a realidade escolar, visto que, a escolha do curso em si não foi balizada com a intenção de serem professores e professoras no âmbito formal da Educação.

Em relação ao curso em si, 73% (n=8) do professorado se formaram entre os anos de 1984-1988, entre 1969 a 1986 a modalidade de formação do curso era Licenciatura em EF e Técnico Desportivo em EF (Resolução CFE/69), de duração de 03 anos, os outros 27% (n=3) se formaram no início da década de 90, sendo 02 em 1993 e 01 em 1997, a partir de 1987 através da Resolução 03/CFE/87 a formação seria Licenciatura e/ou Bacharelado em EF de duração de 04 anos, conforme o quadro 5 abaixo:

Quadro 5: Dados da formação inicial.

N	Docente	Formação Inicial/ano	Modalidade Formação
1	Alex	ESEF/UFPel- 1986	Licenciatura em EF e Técnico Desportivo em EF (Resolução CFE/69)
2	Bianca	ESEF/UFPel- 1984	Licenciatura em EF e Técnico Desportivo em EF (Resolução CFE/69)
3	Cléber	ESEF/UFPel- 1986	Licenciatura em EF e Técnico Desportivo em EF (Resolução CFE/69)
4	Débora	ESEF/UFPel- 1993	Resolução 03/CFE/87 formação Licenciatura e/ou Bacharelado
5	Ernesto	ESEF/UFPel- 1988	Licenciatura em EF e Técnico Desportivo em EF (Resolução CFE/69)
6	Fabiano	ESEF/UFPel- 1988	Licenciatura em EF e Técnico Desportivo em EF (Resolução CFE/69)
7	Graça	ESEF/UFPel- 1993	Resolução 03/CFE/87 formação Licenciatura e/ou Bacharelado
8	Heitor	ESEF/UFPel- 1988	Licenciatura em EF e Técnico Desportivo em EF (Resolução CFE/69)
9	Iara	ESEF/UFPel- 1988	Licenciatura em EF e Técnico Desportivo em EF (Resolução CFE/69)
10	João	ESEF/UFPel- 1986	Licenciatura em EF e Técnico Desportivo em EF (Resolução CFE/69)
11	Luiza	ESEF/UFPel- 1997	Resolução 03/CFE/87 formação Licenciatura e/ou Bacharelado

Fonte: Adaptado de Taffarel (2010).

Os docentes formados a partir da Resolução CFE/69- Técnico Desportivo disseram que sua formação foi muito rápida:

> Foi tudo muito rápido. **Eu peguei o último ano da graduação em três anos.** Eu fiz o último ingresso, que nós cursamos em três anos. **Então tudo muito sintetizado, tudo muito rápido,** num momento também que a ESEF não tinha um espaço físico dela mesmo, então **nós corríamos durante o dia em vários e vários lugares para**

> **fazer as aulas,** por exemplo musculação, coisa assim, uma coisa assim muito elementar, muito por cima. Então eu acho que ficou muito nas lembranças bem daquela **parte pedagógica, didática da licenciatura mesmo, trabalho com as crianças**. Mas assim, **foi muito rápido. Três anos passou que não deu para sentir muito** (Entrevista Professor Heitor) [grifos meus].

E, outros, independente da modalidade de formação, consideraram que sua formação foi esportivizada e predominantemente prática, mesmo assim relataram haver uma parte pedagógica, de didática conforme relatos:

> Trabalhei bastante atletismo, quando me formei em educação física **era ainda 3 anos**, mas era tempo integral, e **tu fazia técnico em desporto.** Aí **fiz os quatro desportos: handebol, basquete, futebol e vôlei, aí saía técnico em quatro desporto**s, nesses quatro. E ginástica, gostava bastante da ginástica. E foram esses mais (Entrevista Professor Ernesto) [grifos meus].

> [...] eu fui atleta de atletismo. Fui corredor e saltador, então foi um conteúdo que eu gostava muito, que eram das aulas de atletismo; **tive 5 semestres de atletismo naquela época**. Então até hoje é um conteúdo que **eu passo aos alunos na escola**, mesmo que rapidamente. **O local, o pátio da escola atual, não nos proporciona muito** a realização dos saltos e arremessos (Entrevista Professor Alex) [grifos meus].

> [...] **Tu via muito parte técnica de esportes,** tu via questão de fisiologia, biologia, **a parte de pedagogia, filosofia**. Eu acho que foi um curso que era bem abrangente até, na época (Entrevista Professor Cléber) [grifos meus].

> [..] **tinha os dois lados**, o lado que era **mais voltado para a escola**, e um lado **mais voltado para o esporte**, para a parte **mais tecnicista** assim. O que eu vou te dizer **a respeito dos conteúdos é que eram mais esportivos**, tinham as disciplinas eletivas que a gente podia escolher o que fazer e tal, mas era mais voltado para os conteúdos esportivos, assim, apesar de **já ter algumas coisas mais sociais, mais voltadas para a escola de didática**, mas **muito pouco, a meu ver era muito pouco para a nossa formação** (Entrevista Professora Luiza) [grifos meus].

Segundo o Professor João “tinha parte pedagógica”, porém, “a gente não tinha uma vivência da escola [...] só nos estágios” (Entrevista Professor João). Apesar de predominantemente esportiva, alguns docentes como o Professor Fabiano relata que: “eu me dei conta que eu seria professor durante o curso” (Entrevista Professor Fabiano), igualmente, a professora Bianca relata que aprendeu durante o curso que ser professora é diferente de ser ou ter sido atleta:

> Na graduação, aos poucos a gente vai gostando do curso. E é o momento que a gente vai conhecendo as disciplinas, a gente vai se apaixonando pelo curso. E uma coisa importante assim, que a gente aprendeu mesmo, é dar aula. **Eu era atleta, e é bem diferente ser atleta e ser professora**, então, ali no curso a gente aprendeu

> bastante [...] E mais assim, **a parte didática, que foi muito importante para mim durante o curso** (Entrevista Professora Bianca) [grifos meus].

A docente Débora nos relatou lacunas em sua FI em relação à EF para alunos com deficiência:

> Acho que assim, a opinião minha, **em alguns aspectos eu acho que ficou bem deficitário na época**. Eu mesmo que gosto, que sempre quis **trabalhar com os alunos com deficiência, a gente não viu nenhuma cadeira com relação a isso**, eu me lembro de fazer 2 abaixo-assinados na época, mas não foi possível [...] Mas a parte de recreação, a parte de voleibol, foram as melhores trabalhadas (Entrevista Professora Débora) [grifos meus].

Em relação a disciplinas no curso de graduação relacionadas com a temática alunas e alunos com deficiência, somente em 1987 a partir do Parecer nº 215 de 11 de março de 1987 do Conselho Federal de Educação é que ocorreu a inserção da disciplina Educação Física Adaptada nos currículos da graduação em EF a partir de 1990 (CHICON, 2005), e, além disso, até hoje se percebe que entre os aspectos problemáticos da formação inicial, destaca-se a formação inicial frágil para o trabalho de inclusão de pessoas com deficiência (COSTA, 2009).

Apesar do tema esportivização do currículo da EF já ser bastante abordado nas pesquisas da área, sendo esse o conteúdo quase hegemônico dos cursos na década de 70 e existente ainda hoje em dia, isso se deu por dois vieses de currículo, o tradicional-esportivo balizadas por disciplinas "práticas" como atletismo, futebol, voleibol, ou seja, esportivas, que se baseiam no ato de execução/demonstração de habilidades e gestos motores, onde o que a determina ser “prática” é a sua ocorrência numa pista, campo, quadra de acordo com a modalidade e a teoria ocorreria em um momento separado e em sala de aula e o currículo de orientação técnico-científica que apesar de ter abertura para as Ciências Humanas, tem como base o "ensinar a ensinar" como as chamadas "sequências pedagógicas" onde o futuro professor aprende a "executar" uma sequência, exemplificando num processo de ensino e aprendizagem de habilidades motoras, mas não ensina a aplicá-la diretamente (BETTI, BETTI, 1996). Esses 02 modelos de currículos que afetaram a formação do professorado colaborador do estudo e ainda são alguns dos problemas e limitações que afetam hoje os cursos formadores do professorado de EF.

Nesse aspecto, Arroyo (1999) relata que:

> Faz parte do pensar mais tradicional que a qualificação dos profissionais se coloque como pré-requisito e uma precondição à implantação de mudanças na escola. [...] o caráter antecedente de toda a qualificação é aceito como algo inquestionável, não apenas quando pensamos na formação de professores, como também quando estes pensam na educação de seu alunos. [...] Ao tempo de intervir terá de preceder o tempo de aprender, de qualificar-se para intervir com qualidade. Sempre nos disseram que o domínio da teoria precede à prática. Essa concepção de educação precedente polariza a vida em dois tempos: de aprender e de fazer, de formação e de ação. Polariza a teoria e a prática, o pensar e o fazer, o trabalho intelectual e o manual. Polariza e separa as minorias pensantes e as maiorias apenas ativas. Essa mesma concepção tem inspirado o pensar a formação e a qualificação de professores. Tem marcado as políticas e os currículos (p. 146).

Como forma de aprofundamento da questão da formação esportivista e tecnicista, questionamos o professorado se esses conhecimentos adquiridos na FI os preparou satisfatoriamente para atuar na escola, a maioria respondeu que "deu o básico" ou "em parte":

> Eu tenho uma ideia que aquilo o que se vê na graduação, em qualquer curso, seja educação física, seja farmácia, direito, medicina, eu acho que aquilo ali **te dá o básico para tu entrar na profissão**. Mas, realmente, a gente tem que procurar mais coisas para ir melhorando, aperfeiçoando, descobrindo, mas tenho a ideia de que a educação física te dá uma base para isso. **Eu acho que qualquer curso te dá só para arrancada inicial, depois quem quiser mais vai atrás de mais.** Então não pode se acomodar e ficar achando que só aquilo ali o que tu viu durante a graduação vai ser suficiente para a tua lida diária (Entrevista Professor Alex) [grifos meus].

> [...] eu acho que a universidade, **ela te dá o primeiro passo. O resto depende da gente,** do trabalho da gente na escola e **a gente aprende mesmo dando aula** (Entrevista Professora Bianca) [grifos meus].

> Não, eu acho que **se tu tiver só o conhecimento da universidade fica difícil quando tu vai ingressar**, mas nós tínhamos vários, na época, eu acho que hoje voltou isso, era de praxe tu sair para fazer um mini estágio e estar atuando [...] muitas vezes fiz projetos para sair ou alguns estágios que precisava (Entrevista Professor Cléber) [grifos meus].

> Na época eu achei que **algumas coisas estavam e outras não estavam tão distante**, em algumas disciplinas, principalmente nos jogos esportivos, eu acho que não até. Porque a gente fazia as atividades, teoria e prática, fazia prática como se fosse assim, para a gente aprender como a gente tem que ensinar, mas também pensando como seria se não tivesse esse material, como é que a gente poderia adaptar. Até porque muita gente que fazia na época já trabalhava. Então, isso é bom, porque já vai dando mais ou menos o que é que é possível fazer (Entrevista Professora Débora) [grifos meus].

E muitas vezes, essa constatação ocorre ao iniciarem suas carreiras docentes:

> Eu acho que me **deu uma base**. **Eu acho que ninguém sai preparado para trabalhar em escola.** Na verdade, a gente se dá conta disso depois de um período de alguns anos dando aula, que a gente vai aprender e que a gente aprende mesmo e continua aprendendo até hoje na escola e no dia a dia a preparação da aula, no feedback depois da aula, no que os alunos te ensinam, naquilo que vem dos alunos. **Eu acho que ninguém sai preparado para dar aula.** Acho muito difícil, **a gente aprende trabalhando.** E até questiono um pouco às vezes alguns autores que escrevem algumas coisas que a gente não vê na prática. E muitas vezes tu vai ver, o autor nunca deu uma aula na vida ou deu muito pouca aula. Na verdade**, eu acho que porque a gente aprende é dando aula.** Eu acho que o que a faculdade prepara e os livros te preparam é que **te dão uma base** para tu começar a buscar o teu conhecimento e poder voltar lá na teoria e comprovar algumas coisas e comparar algumas coisas. **Eu acho que a prática é que te ensina** (Entrevista Professor Fabiano) [grifos meus].

> Olha, o conteúdo até a gente trabalhou bastante na escola; a forma, a maneira de chegar em uma sala de aula, em uma classe de sala de aula, é que a gente **só no dia a dia a gente consegue ter uma noção do que é, ela é diferente de tudo que é passado para nós na graduação**, com certeza (Entrevista Professora Graça) [grifos meus].

> **Satisfatoriamente não**. **Deu o básico** que é o necessário para ti ter condições de aplicar. Agora **o problema é a realidade**, no meu caso que eu encontrei na escola para trabalhar, pelas escolas que eu trabalhei, de ser na zona rural. Então as escolas, **a estrutura totalmente não adequada para ti, para aulas de EF. Tu tinha que fazer um monte de adaptação,** algumas coisas tu não poderia fazer por correr o risco da questão do problema da integridade física do aluno te envolver em algum problema. [...] (Entrevista Professor João) [grifos meus].

Três docentes disseram que esse conhecimento foi suficiente e satisfatório para atuarem na escola:

> **Eu tenho certeza que sim**, porque nós fazíamos bastante extensão, o professor principalmente de atletismo nos levava para as escolas, a gente tinha projetos, a gente trabalhava bastante na escola. Em recreação também trabalhei no instituto de menores. E isso ajudou bastante. **Eu acho que está bem tranquilo para iniciar** [...] (Entrevista Professor Ernesto).

> Sim, Eu lembro que quando **eu comecei a trabalhar, porque eu me formei e fui trabalhar na esfera privada, com natação, com certeza, ali eu me sentia extremamente bem preparada** para trabalhar, **quando eu ingressei na rede pública municipal para trabalhar com crianças pequenas, aí eu tive que dar uma estudada**, mas acho tranquilo também, acho que faz parte, acho que a formação, por isso, a formação inicial, acho que **enquanto formação inicial sim, ela supriu as necessidades** (Entrevista Professora Iara).

> Eu acho que assim, a questão da graduação é uma coisa que eu acho que a gente tem, pelo menos eu fiz isso, **de buscar alguns conhecimentos que tu acha que não são suficientes dentro da graduação.** Por exemplo, eu fiz faculdade, mas eu vivia dentro da ESEF, então eu fazia de tudo, tudo que eles ofereciam eu fazia, pré estágios, eu fiz mais do que eu deveria fazer, então eu acho que **isso é mais uma questão do aluno buscar também,** eu acho que **a graduação, ela tem uma formação que é satisfatória, não totalmente**, mas que a gente tem que buscar aquilo que a gente tem interesse. Eu quando eu fiz a questão da escola, assim, eu fiz vários estágios, fiz várias coisas, mas eu fui atrás, eu e os meus colegas, assim, a gente tinha essa coisa de ir atrás e de buscar, porque se não buscar, realmente, aí fica meio complicado (Entrevista Professora Luiza) [grifos meus].

Notamos nas falas dos docente, que os mesmos consideram que, por ter dado “o básico”, há uma certa internalização dos mesmos de que, após se formarem, é dever de cada um ir atrás de melhor qualificação para atender as diferentes demandas, ao invés de buscarem uma forma coletiva de reivindicar melhorias em suas formações iniciais, senão em suas, na dos futuros colegas que se formarão e atuarão nas escolas públicas.

Assim, o docente Heitor relata que considera a FI muito aquém do necessário para iniciar na docência:

> Sinceramente eu creio que **muito aquém da minha necessidade de estar chegando no outro dia, fazer um concurso ou entrar numa escola**. Tanto é que **eu me sentia completamente inseguro para desenvolver ali.** Eu só trabalhei em escolas, eu nunca trabalhei em academia. E com certeza eu teria que fazer outros cursos, me preparando, me aperfeiçoando para assumir uma outra área, dentro da área da educação física. **Resumidamente eu creio que ficou muito aquém** (Entrevista Professor Heitor) [grifos meus].

Em relação à formação inicial à docência, a mesma deve ser compreendida como um trabalho que exige formação de qualidade para que se possam ter condições de transformar os conhecimentos adquiridos no meio acadêmico em conhecimentos ensináveis no âmbito escolar e na sua realidade concreta. A formação inicial em EF ainda é limitada em muitos aspectos como em relação a avaliação da aprendizagem na EF (BERMUDES, 2010); o currículo de graduação pode ser considerado esvaziado para questões políticas e de gestão da educação (OST, 2012). Sendo que um dos aspectos que influenciam no despreparo de docentes para atuação na escola, segundo os estudos de Both (2009) e Lemos (2011), é oriundo da fragmentação da formação em EF em dois cursos distintos - Licenciatura e

Bacharelado - que trouxeram prejuízos para a formação do professorado de EF em todos os campos de atuação em virtude da fragmentação do conhecimento.

> A dicotomia, ou seja, a fragmentação do curso de Educação Física foi um fator que os(as) egressos(as), em sua grande maioria, acredita ser equivocada. A separação da formação entre licenciatura e bacharelado foi demasiadamente refutada. As consequências, segundo os(as) egressos(as) da dicotomia intensificou ainda mais a fragmentação do conhecimento da área (LEMOS, 2011, p. 261)

A partir das críticas à fragmentação da formação indicada pelos sujeitos da sua pesquisa, Both (2009) estabelece uma relação entre a realidade de precarização da formação com os movimentos mais gerais do capital e da restruturação produtiva decorrente da atual crise sistêmica.

> [...] A formação que vem sendo realizada nos cursos de graduação em Educação Física atende aos interesses do capital, pois ao invés do debate centrar-se no aspecto epistemológico, ou seja, colocar como centro da discussão o objeto central da Educação Física ser a docência, independente do local de atuação, e então ver como se poderia estruturar o currículo com vistas ao trabalhador da área compreender e trabalhar nos diferentes campos de atuação, o debate é realizado a partir da necessidade da formação de um trabalhador para atuar num dito novo mercado de trabalho, cindindo tanto o conhecimento a ser produzido e socializado, bem como, dificultando uma compreensão sob a perspectiva da totalidade por parte dos trabalhadores da área (BOTH, 2009, p. 97).

Apesar de alguns docentes alegarem estarem afastados do ambiente universitário e não saberem como está a formação inicial para os novos docentes atualmente, ou se essa formação está distante daquilo que acontece nos cotidianos escolares, alguns consideram de que a universidade está distante da realidade das escolas públicas, os seguintes relatos refletiram isso:

> Eu, às vezes, conversando com os professores que são orientadores do estágio, quando eles vão lá ver os estagiários, às vezes eu acho que **fica um pouquinho fora da realidade**. [...] **Chegam na escola (os estagiários), e muitas vezes se apavoram porque chega lá e tem uma bola para trabalhar para todas as turmas** (Entrevista Professor Alex) [grifos meus].

> Hoje eu não sei bem como é que está a universidade, mas para nós lá **eu acho que faltou muito**, **faltou muita coisa para a gente poder trabalhar bem**. Realmente eu **aprendi bastante com os alunos**. Então não sei, hoje eu não sei, eu **sei que hoje a universidade está mais direcionado para pesquisa** também. Mas eu não sei como é que está hoje (Entrevista Professora Bianca).

A Professora Bianca relata ainda que na universidade ela aprendeu a trabalhar com determinados espaços, materiais e condições que a universidade proporcionava, porém, na escola é bem diferente:

> [...] Não porque a gente tinha um espaço, isso aí também eu acho que é importante assim, às vezes. **O que a gente estuda na universidade, pelo menos na época que eu estudei, não era preparada para o espaço escolar, que muitas vezes é um pátio, é um campo.** Então, a gente tem que ser bem criativo, em trabalhar bem com os alunos, isso é importante porque a gente vê, a gente ouve muito que a Educação Física é só jogo. Então, é uma coisa que é importante é isso, **a gente aprende a trabalhar no espaço, o que lá naquela época a gente não foi muito preparada para isso** (Entrevista Professora Bianca) [grifos meus].

Esse distanciamento, entre a Universidade e a realidade concreta da escola pública foi também percebida em seus estágios ou quando assumiram a docência foi relatada pelos docentes abaixo:

> Eu não posso dizer exatamente hoje, mas o meu filho fez Educação Física numa faculdade particular, e fez a licenciatura, **mas eu acho que continua distante**. **No meu tempo parecia um pouco distante.** Eu acho que pelo que eu pude **perceber hoje, continua distante um pouco da realidade**. A gente se dá conta desse choque da realidade na hora do estágio, eu acho. A gente faz o estágio, quando pega uma escola um pouco maior assim, **tu te dá conta muito cedo de que tu não está preparado para a escola** (Entrevista Professor Fabiano) [grifos meus].

> [...] quando você sai da universidade e encontra a realidade lá e não consegue trabalhar como tu pensava em trabalhar, **tu se sente frustrado** (Entrevista Professor João) [grifos meus].

Ainda como forma de aprofundar essa temática ponderamos sobre a atuação dos estagiários e estagiárias que os docentes tiveram ao longo da carreira sobre essa distancia da realidade escolar e sobre o choque de realidade durante o período de estágio. As docentes Bianca e Graça nunca tiveram estagiários, mas maioria relatou que percebe este “choque da realidade” nos estagiários:

> **Eu percebi isso no meu estágio** que a gente não estava assim, tão preparado para dar aula e a gente precisava buscar mais. E **eu me dei conta também que os meus estagiários, que eles tomam um choque de realidade assim, na hora de dar uma aula.** Não de preparar, acho que na parte teórica não, mas eu digo assim, que a aula em si, o dia a dia, **ele não é aquela coisa idealizada de planejamento maravilhoso e tal. Acho que falta um pouco da realidade em questão, o material que se tem, como é que o aluno se comporta,** o que é que o aluno precisa do professor, e **ele não precisa de um professor assim, somente técnico. Ele precisa de um ser humano, alguém que seja realmente um educador**, que entenda, **alguns precisam de quase de pai assim, de uma mãe**, entendeu? Então, a ideia é complicada, **a gente não está preparado mesmo quando sai** (Entrevista Professor Fabiano) [grifos meus].

> Não sei se assustados, um pouco, mas eu acho que é assim, **a falta de experiência, e o ambiente novo.** E depende também da recepção. Eu acho que sempre recebi bem o estagiário, estava

> sempre junto com eles, eu não me afastava. Junto eu digo: ficava na escola. [...] eu acho que foi **só aquela questão da experiência, de não ter essa experiência.** Mais ou menos isso (Entrevista Professor Ernesto) [grifos meus].

Inclusive a ponto de alguns graduandos desistirem do curso devido o estágio:

> Poucos cursos eu fiz onde eu tive novamente o retorno junto à faculdade, junto aos professores. Fiz alguns simpósios, algumas coisas assim. Então eu me distanciei muito na vida ali, na faculdade. **Quando eu transmiti isso na carta,** é com certeza pelo o que eu via desses comentários dos estagiários que chegavam. Tanto que **teve até estagiário que deu a primeira aula e no outro dia ele veio e disse, "eu desisti da educação física, isso aqui não é para mim".** Numa quadra com 20, 30 crianças e aquela loucura. Não, isso não é para mim. Então eu presenciei isso também. Então quando eu mencionei era mais pelas colocações dos próprios estagiários que diziam que **ficavam muito lá nas quatro paredes e tal. E quando cai ali na escola que tu vê a realidade** [...] aqui nós trabalhamos é uma clientela muito tranquila, eu acho que favorece muito a chegada de um novo que vai iniciar. Agora quando dou aula em outras escolas lá, em escola de periferia lá, é bem complicado assim o choque, **pode ser bem cruel** (Entrevista Professor Heitor) [grifos meus].

A Professora Luiza considera que hoje os estagiários estão mais cientes da realidade que os espera nos estágios em relação ao tempo em que a docente realizou o seu estágio, porém informa que os estagiários não observam a escola como um todo e ficam focados apenas em sua turma de estágio, conforme relato abaixo:

> Ultimamente eles não têm comentado isso, porque eu vejo que agora o estágio deles, eu não sei como é que é direito, mas eu acho que o estágio deles é mais cedo. **Quando eu me formei em estágio, era só no último semestre, e aí era estágio**, estágio mesmo, e aí **era um choque bem forte, assim, bem complicado**. Mas eu não sei, eu vejo eles agora no sentido que tu fala do choque, **eu vejo eles mais bem preparados, não sei se é porque já vem fazendo outras coisas** e tal, o que **eu sinto às vezes é meio um deixar a escola meio de lado**, parece que pelo menos os que fizeram estágio comigo, não era o que eles tinham de interesse, era o estágio só por fazer o estágio, por cumprir uma coisa, entendeu? (Entrevista Professor Luiza) [grifos meus].

Podemos dizer que assim como o TCC, que é um item obrigatório para ter a habilitação de licenciado, o estágio também é um elemento marcante da graduação, ainda mais nos cursos de licenciaturas, onde temos uma formação etapista em que a prática e a teoria muitas vezes estão dissociadas. Assim como alguns docentes em seus estágios relataram que foi durante essa etapa do curso que se deram conta que poderiam em algum momento trabalhar em uma escola pública, nesse momento, além do nervosismo e ansiedade

considerados normais diante “do novo”, tiveram ainda o “choque com a realidade” e como o contexto das escolas públicas brasileiras, ou seja, foi quando a realidade se apresentou aos licenciandos.

A nosso ver, não é o estágio em si que determinará se os mesmos serão ou não professores ou professoras futuramente, muito menos ser o estágio a “parte prática do curso”, ou ser determinante de uma vocação ou não para a docência, mas a experiência do estágio pode ser marcante (positiva ou negativamente) para essa escolha, além disso, ele acaba sendo muitas vezes em nosso sistema piramidal de educação, sendo uma etapa seletiva, conforme foi o relato de alguns docentes que tiveram estagiários que durante o estágio, desistiram do curso.

Cremos então, que o Estágio Curricular Supervisionado (ECS) como uma categoria do conhecimento que é a particularidade e, portanto, se constitui no momento da mediação entre o conhecimento singular e o universal, chamado de prática social global do trabalho docente (SAVIANI, 2000). Porém, como dito anteriormente, com os currículos tradicionais-esportivos ou técnicos científicos, temos tendências extremamente pragmáticas da educação que legitima uma política que depositam os problemas da educação unicamente nas debilidades da prática docente (no caso, o estagiário(a)), deixando de fora os determinantes políticos, econômicos que interferem no andamento da educação pública e na formação docente.

Além disso, os currículos que se fundamentam em ter “competências” e “habilidades”, que se encontram na “capacidade de mobilizar diversos recursos cognitivos para enfrentar situações” (PERRENOUD, 2000, p.15), o que na verdade funciona como outro mecanismo de exclusão e esconde uma crise do centro da produção capitalista, a de não conseguir mais incorporar a grande massa da força de trabalho à produção, mas apenas os “adaptáveis” que tenham determinadas “competências e habilidades”. Além disso, “selecionar” possíveis futuros docentes não deve ser o objetivo dos estágios, ainda mais nos cursos de licenciaturas.

Após analisarmos que não foi o interesse em ser professor ou professora os motivos que influenciaram a escolha do curso de graduação em EF, mas sim o esporte, e dos principais elementos formativos dessa formação serem de caráter técnico-esportivo, partimos agora para sabermos como foi o

ingresso na carreira docente e a tomada de decisão do tornar-se professor e professora de EF na Educação Básica pública:

Na carta, o Professor Alex escreveu que “não sabia o que estava fazendo”, pois:

> [...] em seguida que a gente se forma e começa a trabalhar, **eu acho que a gente tem uma dúvida exatamente do que vai trabalhar e qual é o ramo que vai seguir.** Então **eu tinha essa dúvida se eu seguiria como professor numa escola por muito tempo**, porque hoje se vão 29 anos, e a gente não sabe se vai continuar, se vai aparecer uma proposta para outro ramo, para outro braço que acabe te induzindo, então eu acho que, muitas vezes, a gente vai achar uma coisa no início e vai mudar, ou pensa que já sabe exatamente o que quer, e a vida te mostra que, às vezes, por você estar iniciando e que muita coisa você tem que aprender, muitos percalços tu vais ter que transpor, muitas coisas, muitos caminhos tu vais ter que percorrer (Entrevista Professor Alex) [grifos meus].

Também na carta, a docente Graça teve dúvidas sobre entrar ou não na carreira de professora de EF na rede pública e algumas vantagens e direitos pesaram para que ela assumisse:

> Me formei na ESEF- UFPEL em 1993 e durante a graduação e logo após pensei em trabalhar sempre em academia e clubes e foi o que aconteceu no início da minha carreira. Trabalhava em academias com ginástica, musculação, natação e hidroginástica e era feliz e realizada no que fazia. Logo após me formar abriram inscrições para o Concurso da Prefeitura de Pelotas e resolvi realizá-lo, embora, **sem intenção efetiva de assumir o cargo,** mais como experiência e para minha surpresa fui aprovada, como a minha classificação não era uma das primeiras levei dois anos para ser chamada. Quando recebi a notícia que estava sendo chamada**, vieram as dúvidas e incertezas. Deveria assumir? Será que seria feliz trabalhando com crianças? O que fazer?** Nessa **época já tinha um filho e as vantagens de aceitar o cargo começaram a pesar na balança,** na Escola trabalharia mais durante o dia, academia trabalhava muito à noite, **estabilidade profissional, plano de saúde e etc. Então, assumi a carreira de magistério com muitas dúvidas e incertezas** (Carta Professora Graça) [grifos meus].

No caso do Professor Alex, o mesmo relata a influência família nessa decisão:

> **O meu pai era professor na universidade**. Então eu, desde pequeno, lembro no fim de semana ele corrigindo as provas [...] Porque querendo ou não, meu avô também foi professor na faculdade de direito, **querendo ou não acaba que influencia [...]** (Entrevista Professor Alex) [grifos meus].

Alguns docentes foram convidados a trabalhar em escolas e depois realizaram concurso:

> Eu estudei nesse colégio que eu trabalho, eu saí daqui em 1983, como aluno, voltei em 1988, depois, na época não tinha ainda concurso, mas como eu era uma pessoa que trabalhava com

> arbitragem, já trabalhava em clube, precisavam de professores aqui, sabiam que eu era ex-aluno, entrou eu e mais quatro ao mesmo tempo, então foi uma época que se aposentaram alguns professores, e aí estavam precisando, **convidaram eu e mais quatro**. Dos outros quatro, os outros três também eram ex-alunos do colégio, era, sei lá, comum isso na época. Aí em 1990, eu acho, **teve concurso, eu fiz o concurso.** Depois 1991, eu acho que teve concurso ou 1991 ou 1992 teve concurso, e aí sim, que aí as pessoas só entram depois de 1990-1991, só entraram através de concurso (Entrevista Professor Cléber) [grifos meus].

Outros iniciaram trabalhando na área não formal, ou ministrando aulas na rede particular, com contrato e depois realizaram concurso público:

> [...] **comecei em seguida** porque também quando eu nadava também, eu fui convidada a dar aula de natação também num clube. E como eu jogava basquete também, eu jogava basquete pela cidade, então, eu era conhecida, então, **me convidaram para dar aula numa escola particular, treino de basquete, e na época também numa escola municipal**. [...] **Fiz concurso para o município** depois de alguns anos. Que **eu fui contratada primeiro e depois eu fiz concurso também** (Entrevista Professora Bianca) [grifos meus].

> [...] Na verdade eu trabalhei muito em academia e **realmente não tinha certeza e não sabia se eu ia gostar de trabalhar com adolescente, com criança na educação básica**, e foi uma coisa que **nos primeiros anos foi muito difícil, foi bem dificultoso, e em função de toda a faltas de estrutura, da falta de apoio das famílias, de muitas** coisas que dão essas dúvidas na gente, essas dificuldades no trabalho no dia a dia (Entrevista Professora Graça) [grifos meus].

> Ah, **eu acho que foi meio natural, porque eu não gostava de trabalhar na área de academia**, que era uma área bem comum... agora novamente, tinha muitas academias naquela época em Pelotas, **mas eu nunca gostei de trabalhar em academia**, e como eu saí da faculdade e fui trabalhar, mais especificamente eu trabalhava na área da saúde, que eu trabalhava em uma clínica de reabilitação, trabalhava só com pessoas de mais idade e com necessidades de melhora de saúde, e trabalhava em um clube privado com natação, **com o tempo eu fui sentindo que não era exatamente aquilo que eu queria trabalhar, aí surgiu o concurso e eu fui para trabalhar em escolas** (Entrevista Professora Iara) [grifos meus].

A docente Débora logo após se formar prestou concurso e ingressou na carreira docente:

> **Direto para a escola, porque em seguida que eu me formei, já fiz o concurso, já entrei**. E **quando eu estava fazendo ESEF, eu já dava aula em escolinha particular.** Aí eu vi que eu gostava, e assim eu não gosto de rotina e gosto de lidar com as pessoas, aí eu pensei que era uma profissão que eu pelo menos vou estar sempre mudando lugares e pessoas se quiser. [...] Mais nesse sentido, e também porque eu gosto de trabalhar com o corpo. Por exemplo, se eu fosse escolher, que eu penso: “Gostaria de ser professora”. Mas entre todas as disciplinas, eu não escolheria outra sem ser Educação Física, porque primeiro não trabalha entre 4 paredes também, por

> mais que tu tente ser criativo. E segundo que não é aquela coisa mais formal. Eu prefiro uma coisa mais que tu trabalhe o todo (Entrevista Professora Débora) [grifos meus].

Juntamente com a Professora Luiza que "já vinha com isso estipulado, quando eu fui fazer educação física, já era ser professora" (Entrevista Professora Luiza), foi durante a graduação o Professor Ernesto vislumbrou a área escolar:

> [...] **Eu não me via em outra área** porque a gente podia trabalhar, quando eu me formei, em academia, assim, mas **eu sempre procurei a educação física na parte escolar**. E sempre gostei de trabalhar com escola, isso foi uma coisa que aprendi aquilo do professor que te falei, de tratar o aluno bem, de incentivar o aluno quando eu estudava e aquilo foi ficando em mim e eu acho que **foi isso o que me fez optar pela escola, pelo trabalho com os alunos**. Me satisfaz, me satisfez bastante (Entrevista Professor Ernesto) [grifos meus].

Também o curso de graduação em EF em si, os docentes do curso, pelo convívio fez com que o docente Fabiano seguisse a docência:

> [...]**Eu tive alguns professores que eu acho que me inspiraram, tive colegas que também me inspiraram e motivaram.** E é como eu te disse no início ali, a própria gama de conteúdos, de disciplinas, **aquilo começa a te encantar também se tu tiver o DNA para isso.** Que as pessoas precisam, eu digo às vezes, eu vejo colegas professores que parece que não gostam de gente**. É impossível tu ser professor e não gostar das pessoas.** Parece assim que não entendem, não querem entender, não têm aquela empatia com o aluno. O professor, ele pode ser um técnico de algum esporte, mesmo assim precisa saber gerir grupo e entender as pessoas. Mas eu fui técnico também de basquete, sou técnico de basquete durante a minha vida toda, quase 30 anos como técnico de basquete. E é um pouco diferente, mas igual, é preciso entender as pessoas. Então, eu acho que assim, **eu acho que a gama de disciplina, de pessoas e todos os conteúdos que englobam aí a Educação Física em si, eu acho que me mudaram um pouquinho aquela minha intenção que era só de talvez de jogar, a gente é muito, como eu disse no início inexperiente,** a gente gosta de Educação Física é porque quer jogar. Educação Física é as vezes é a que todo mundo gosta, porque vai jogar, que vai jogar, jogar. Mas quando tu vai ser professor, não é só isso, isso é um conteúdo lá, um pedacinho. Então, eu acho que **o que me inspirou a ser professor e eu me dei conta que eu seria professor durante o curso.** Claro, tu vai ser professor tu vai trabalhar aqui com escola, trabalhar com criança, com adolescente [...] Com pais, com tudo. Esse envolvimento eu fui aos pouquinhos me dando conta durante o curso**. Mas a realidade mesmo é quando você faz lá o primeiro concurso, vai para a primeira escola e aí é que tu vai ver se tu quer ou não quer, muita gente desiste no 1º e 2º ano de trabalho, tive muitos colegas que desistiram no 1º ano aqui** (Entrevista Professor Fabiano) [grifos meus].

Em relação ao Professor João, que teve contestação de seu pai em relação a escolha do curso de EF, notamos que depois, o mesmo o apoiou a

ficar e terminar o curso e a permanecer em Pelotas até conseguir emprego, conforme relatou:

> Na minha época, quando eu fiquei aqui, que **eu não queria ficar aqui, queria ir embora.** Queria voltar para lá e meu pai disse, "não, não vem para cá porque não tem nada para ti". **Tu vai trabalhar numa academia que o cara vai te explorar e eu tenho que te sustentar aqui.** Aí depois de 1995 eu com a guria, minha esposa estava grávida desse meu filho mais velho, e **pai me ajudou a terminar o curso, ele me ajudou. Mesmo até depois, 1 ano ele me ajudou financeiramen**te e ele disse, "não, fica por aí". Aí **eu consegui um contrato que era tipo de CLT, por tempo indeterminado, e comecei a trabalhar.** Que hoje é cidade Morro Redondo que era distrito de Pelotas. Então aí fiquei**, acabei ficando por Pelotas** (Entrevista Professor João) [grifos meus].

As dificuldades de trabalhar, de conseguir emprego na área após o término da graduação também foi relatado pelo Professor Heitor que veio cursar EF com intuito de ser jogador de futebol profissional:

> Eu vim do interior de Santa Catarina, não tinha muita visão, era gurizão. **Meu sonho era ser atleta. Eu sempre disse "um dia vou ser jogador".** Até fiz cursinho em Santa Maria e joguei durante quase um ano lá no clube de Santa Maria. E ainda era meu sonho ao entrar, eu imaginava ser atleta, na minha visão. **E quando eu entrei que a coisa ficou canalizada para, realmente, eu ser professor. Eu não imaginava isso. Então foi algo que eu tive que aprender meio que na prática, meio que aceitar.** [...] eu fiquei 2 anos esperando concurso. Como eu não era daqui, eu não conhecia ninguém assim também, escolas particulares, até botei currículo. Mas dificilmente seria chamado pela lista que tinha ali de pessoas e não tinha **nenhuma indicação, sei lá. Então eu esperei** concurso. Não me chamava a atenção em nada na área de academia, aquilo não.

Inclusive trabalhou e prestou concursos para outras áreas:

> [...] eu estava longe da minha família, eu estava aqui, **eu tinha que arranjar um dinheiro,** não tinha concurso, eu teria que fazer mais alguns cursos, talvez **eu cheguei num ponto de idade e de circunstância longe da família, eu tinha que me sustentar e eu digo, "eu tenho que trabalhar".** Tanto é que **eu trabalhei algum tempo de taxista, trabalhei,** fiz concurso em várias áreas, então não consegui dar muita continuidade em me preparar mais tempo, me formar mais. [...] **Eu tinha que ter um salário e eu fui para a luta nesse sentido**. E quando **surgiu o concurso público que mais me facilitou**, então o ingresso, e foi aí que adentrei na área da educação física mesmo (Entrevista Professor Heitor) [grifos meus].

Notamos que a dúvida em iniciar a carreira docente e ser ou não docente da esfera pública preponderou na maioria do professorado, tanto que a maioria após se formarem, foram trabalhar na área não formal da EF, em academias, clubes ou em áreas não específicas da EF para se sustentarem.

O início na docência e as primeiras aulas como professor e professora de EF, é permeado de angústias, seja pelas lacunas na formação, como foi

citada pelo professorado, seja pelo fato que a inexperiência e não conhecimento da realidade concreta das escolas públicas brasileiras e podem se apresentar como grandes dificuldades, porém, para o docente Cléber e a para a Professora Bianca, os seus inicios na carreira docente sem dificuldades:

> **Não tive dificuldade, não tive**. Porque eu comecei, na verdade eu fui para essa escola municipal para dar aula, para dar treinamento de basquete. E como era a minha área assim, foi bem fácil de trabalhar. Depois aos poucos eu fui recebendo alunos de turmas (Entrevista Professor Bianca) [grifos meus].

> Nunca tive, **eu entrei me divertindo dando aula**, é uma coisa que eu sempre gostei muito dos alunos, foram meus primeiros alunos ou durante a carreira, são meus amigos hoje, de ir à minha casa, da gente fazer churrasco junto. Então é uma coisa que para mim **sempre foi uma diversão também, não só trabalho, uma coisa que eu sempre gostei de fazer.** Não me lembro, assim, mas certamente **teve dificuldades mais pontuais, mas não assim uma coisa que me marcou** (Entrevista Professor Cléber) [grifos meus].

Os demais colaboradores relataram como dificuldade inicial a insegurança inicial:

> Eu acho que até que – isso eu falo para os meus estagiários, quando eu tenho lá no colégio. Inclusive eu estava com uma estagiária até duas semanas atrás. **É normal o pessoal ficar muito inseguro**, que acha que vai **ficar muito nervoso.** Então eu digo para eles, "olha, pessoal, **isso aí o que vocês estão passando agora, todo mundo passou, essa insegurança, essa coisa da gente achar que não vai se lembrar o que tem que passar para os alunos, tem que fazer uma colinha, tem que fazer uma orientação. É normal".** Então eu acho que isso aí, até depois de a gente estar trabalhando um certo tempo, a gente ainda faz, eu fazia, **hoje já não faço mais, já me planejo na véspera e tal, já está tudo na minha cabeça, depois de todo esse tempo,** bastante coisa. Mas eu acho normal do pessoal fazer isso aí e **ter essa insegurança inicial.** E eu acho que isso é normal em todas as profissões da gente, "será que eu vou me lembrar, será que vou saber fazer?". [...] Então é normal que se faça isso, que se tenha essa insegurança desde os primeiros momentos (Entrevista Professor Alex) [grifos meus].

> [...] É **aquela falta de experiência, eu acho que talvez compensou pelo ímpeto, pelo zelo, pelo desejo de fazer, pela interação da vida.** Então talvez a**quela interação com aluno eu acho que compensou muito**, talvez **uma dificuldade mais de administrar a turma, os espaços, e tudo mais.** Mas assim, com as **primeiras aulas foram bem difíceis no sentido da ansiedade** (Entrevista Professor Heitor) [grifos meus].

Além da insegurança inicial, a falta de infraestrutura para as aulas de EF nas escolas que ingressaram da RMEPel foi bastante relatado pelo professorado:

> **As dificuldades eram muitas.** Dificuldade, **primeiro que tu para chegar até a escola era quase 1 hora de ônibus, para ir e 1 hora para voltar**. Isso foi **em 1988, a escola não tinha quadra, não tinha campinho** de futebol, não tinha espaço para tu trabalhar. **Trabalhava no terreno de um vizinho que ele cedeu e fizemos um campinho, mas com sol, com chuva, então era muita dificuldade, muitas vezes tinha que trabalhar em sala de aula.** Não tinha espaço bom. Essa foi a maior dificuldade de iniciar lá, mas era escola de zona rural, os alunos, os pais, professores, o ambiente era muito bom. Alunos interessados, educados, era bem interessante. Mas essa parte, da estrutura física e material **até hoje a gente tem esse problema nas escolas** (Entrevista Professor Ernesto) [grifos meus].

> [...] Na verdade eu trabalhei muito em academia e **realmente não tinha certeza e não sabia se eu ia gostar de trabalhar com adolescente, com criança na educação básica, e foi uma coisa que nos primeiros anos foi muito difícil, foi bem dificultoso, e em função de toda a faltas de estrutura, da falta de apoio das famílias, de muitas coisas que dão essas dúvidas na gente, essas dificuldades no trabalho no dia a dia** (Entrevista Professora Graça) [grifos meus].

> Eu sempre digo que **na educação física, a nossa dificuldade é mais com os colegas do que com os alunos**. Com os alunos eu nunca tive, sempre muito bem aceita, os alunos sempre gostaram, **é aquela aula que eles esperam a semana tod**a, sempre tem aquele convencimento daquela aluna que não gosta de fazer nada, mas também bem tranquilo, **não lembro de ter dificuldades.** [...] Então nessa escola que eu trabalhei os 18 anos, nós **tínhamos problema do local da prática da educação física, porque nós tínhamos somente era um pátio de chão batido, então se chovia muito, demorava muito para secar, se fazia frio era direto no frio, se fazia muito sol era direto no sol,** aí alguns anos depois foi construído uma área coberta, deu uma melhorada, e bem no finalzinho quando eu estava saindo da escola foi construído uma quadra coberta. Então a dificuldade maior era o ambiente, o ambiente para a prática da atividade física, e eventualmente alguma falta de material adequado, que nós não tínhamos, nunca tivemos assim, todo o material em quantidade suficiente, eventualmente a gente tinha maior quantidade**, os problemas eram estruturais, não da prática em si, que se contornava** (Entrevista Professora Iara) [grifos meus].

Em sua carta, o professor João relata que ficou desmotivado ao ver a realidade as condições que iria iniciar sua carreira:

> Com toda esta situação sendo enfrentada nos anos de docência, **é difícil dizer algo para alguém que quer seguir nesta careira.** Lembro quando comecei a trabalhar no primeiro dia de aula geralmente o diretor (a) vai mostrar o espaço físico e o material para executar as aulas, **é desmotivaste, ai tu enfrenta a realidade ou desiste , resolvi lutar na esperança que iria melhorar e continuo na esperança até hoje** [...](Carta Professor João) [grifos meus].

E mesmo assim, só com uma bola, iniciou a carreira docente:

> [...] **A primeira dificuldade da aula é questão assim: estrutura, espaço físico e material. Praticamente não tinha nada**. Aí eu me lembro muito bem, que tinha um senhor que me disse assim... porque minha experiência foi assim: antes, nessa escola que eu comecei

> num contrato num distrito de São Lourenço. **Nessa escola eu cheguei lá, não tinha nada. Nem material, tinha eu acho que uma bola só.** Aí comecei a tentar, trabalhar voleibol com a gurizada [...] (Entrevista Professor João) [grifos meus].

O Professor Fabiano nos traz uma reflexão sobre a diferença da idealização de uma aula de EF durante a FI e a realidade concreta da prática inicial de novos docentes e o contexto das escolas públicas do Brasil:

> Bah, faz tempo, hein? Mas o que eu me lembro assim é que a gente sai da faculdade, como eu disse, **não nos prepara totalmente para a realidade,** a gente tem uma ideia**, tudo idealizado naquela aulinha bonitinha, preparadinha, com começo, meio e fim. Na verdade, isso não existe porque toda aula – isso é uma coisa característica** – tu sabe, toda aula é diferente, não tem nenhuma aula igual a outra. Nenhuma aula igual a outra. Mesmo que seja com a mesma turma, **ela nunca é igual**, porque a gente está tratando com as pessoas. **As pessoas entram aqui e carregam coisas que trazem de tudo que é lugar, da casa**. Então, um ótimo aluno num dia está fazendo certinho aquilo que tu meio que planejou, idealizou para ele, ele pode fazer completamente diferente no dia seguinte. Então, o que **eu acho que a gente vem, quando vem novinho assim, fresquinho, da faculdade, é idealizar aquela coisa da aula, de ter parte inicial e tal, e a parte principal da aula, tu buscou conteúdo daqui e tentou joguinho pré desportivo ali, enfim um final de aula legal, diferente**. E tu vem com aquilo e muda tudo porque tu tem um tempo curto, tu tem problema com material, tu tem a turma que está... espaço físico, aquele dia tu não tem o espaço que tu imaginava.... choveu, tu foi para dentro da sala de aula. Aquele aluno veio com problema, a turma estava rebelde naquele dia, então, **não existe receita, entendeu?** Tu vai... e aí quando a gente vem da faculdade a gente vem com essa ideia de que... entusiasmado de dar aquela aula perfeita. **Mas não existe aula perfeita, não tem como.** Então, eu acho que é isso, **a gente vai se preparando ao longo do tempo, a gente vai ficando cascudo com o tempo** (Entrevista Professor Fabiano) [grifos meus].

A professora Débora nos relata que os novos docentes são alocados em escolas com as estruturas mais precárias para as aulas de EF:

> É que tem a ver como é que a gente começa. **Geralmente quando tu entra num concurso, infelizmente, os que estão com tempo de serviço vão para as melhores escolas** não porque é melhor ou pior, porque as crianças, eu acho ótimo em qualquer lugar. **O problema é a organização dos espaços**. [...] Aí o que é que acontece? **Aí tu leva aquele choque, por isso que muita gente desiste**. **Porque já vai direto às vezes para aquele lugar que todo mundo já quis sair e botam uma pessoa nova ali que é justamente aquela que não tem experiência, não sabe o que é que você vai fazer ainda e não tem apoio nenhum. Devia ser o contrário**. Só que claro, como aquele outro já está há um tempo (de serviço), então, eles resolvem tipo “melhorar” para aquela pessoa e botar um novo. Só que nem sempre isso aí é melhor e aí **na época eu levei um choque por isso, porque era muito desorganizado** (Entrevista Professora Débora) [grifos meus].

Informa ainda que no seu caso, não teve nenhum apoio em seu início na carreira docente:

> **Não tive apoio.** E era aquela coisa porque na época: **"Ah, faltava um professor, e por ser na rua, eles ficavam todo mundo na rua".** Eu me lembro que era lá na escola. **Depois tu te acostuma, mas a gente é observado o tempo inteiro,** porque trabalhar na rua, quando vê sempre tem gente olhando. E assim ficava um monte de gente sentado, então não tinha o que fazer, com as mães e coisas, tipo dando palpite, sabe? Cuidando de um, cuidando de outro, e aí mais aquele monte de gente que tu não sabia nem da onde saía, que estava esperando aula daqui, aula dali, aquilo tudo solto assim, **aquilo meio que fiquei apavorada, na época** (Entrevista Professora Débora) [grifos meus].

Essa dificuldade também foi relatada pela docente Luiza, a mesma informou que no início de sua carreira chegou na escola com as turmas já distribuídas, e com a discrepância na forma de ministrar aulas entre ela e o docente anterior, no caso ela em inicio, saída da universidade pública, cheia de ideias e assume turmas do docente anterior adepto do "largobol":

> **Horríveis.** Não assim, porque o que acontece? Quando eu comecei a trabalhar, eu comecei, **eu me formei no final de 97, em 98 eu já comecei a trabalhar como contrato emergencial no município, nessa mesma escola que eu trabalho hoje.** Então quando eu fui trabalhar, eu fui acho que no final de março, as turmas já estavam divididas, e eu peguei somente assim, **o que sobrou**. O que acontece? Naquela época as turmas eram divididas, meninos e meninas, e eu peguei várias turmas de meninas, e turmas que eram os finais das letras, assim, que eles chamam, ABCD geralmente são os alunos que estão frequentando a escola dentro da sua idade e tal, **lá para o final (C e D) já são os alunos que rodaram, são repetentes e tudo, e aí eu peguei turmas de meninos e mais assim, dos repetentes** e tal., então assim, o que acontece? Eles tinham professor que jogava bola e eles jogavam futebol, era futebol que eles queriam, **então quando eu cheguei da minha formação, recém tinha me formado, e eu cheia de coisas para fazer, coisas diferentes, propostas diferenciadas, eles não queriam, então era muito difícil nesse sentido de tentar convencer, de mostrar o que era educação física, que não era só jogar futebol, então foi um ano difícil nesse sentido**, no sentido de... uma **porque eu era muito nova também**, tinha isso, e a outra questão, assim, **eles me tiravam para colega deles**, entendeu? E **outra questão era essa de querer trabalhar educação física da forma que eu acreditava que era e deles não aceitarem, eles só queriam futebol.** Aí eu fazia outras atividades e eles chutavam a bola para longe, então foi uma luta constante durante o ano, até conseguir convencê-los de que educação física não era só futebol, **mas foi uma coisa legal, porque até o final a gente conseguiu sim fazer um trabalho legal** (Entrevista Professora Luiza) [grifos meus].

Inclusive, para alguns docentes, o início de trabalho foram os anos "mais difíceis" de suas carreiras:

> Ah, **com certeza os primeiros anos foram bem difíceis até saber que é isso que eu quero, é isso que eu vou seguir, é dessa**

> **forma,** então eu vou ter que achar alternativas para que a coisa melhore, porque também ficar trabalhando frustrada não dá, e é isso mesmo, com o decorrer a gente vai... E uma coisa, **o resultado dos alunos, o carinho, isso aí vai ultrapassando os pontos negativos** (Entrevista Professor Graça) [grifos meus].

> Pois é, sabes que eu nunca tinha pensado sobre isso, mas eu acho até que foi um ano difícil, e além disso, eu trabalhei em uma outra escola também junto, que era uma escola lá do bairro "X" e tudo, então eu vi muita coisa, assim, eu não sei se eu citei isso na carta, mas **eu vi muita coisa complicada**, assim, **de questão de direção com alunos, e direção daquele tipo que é assistencialista**, sabe? **De dar merenda em troca de favores com alunos, com os pais, então é outra coisa que é muito... Eu acho que aí... isso também** foi **no primeiro ou segundo ano, foi a época mais difícil sim, eu me lembro que eu chegava em casa e às vezes chorava, chorava,** porque eu achava que aquilo ali não tinha...eu não via digamos assim, solução para aquele tipo de coisa que acontecia, entende? Não só assim, de ver alunos com uma estrutura de vida completamente difícil, carente, sei lá, passando fome e esse tipo de coisa assim, e aí eu pensava, **"o que a educação física pode ajudar na vida dessas pessoas"?** (Entrevista Professora Luiza) [grifos meus].

> É, **pela falta de experiência, pelo nervosismo. Naquele zelo de querer fazer tudo direitinho e tudo mais.** E daqui a pouco **tu não tinha aquele domínio, em sabia se impor de alguma forma para ter os alunos contigo** ali e tal. **Mas não que tenha demandado muito tempo assim, eu acho que sempre foi muito compatível a vontade do aluno com a disciplina em si, então essa interação de jogar junto, brincar junto. Então eu acho que não teve muitas dificuldades** (Entrevista Professor Heitor) [grifos meus].

Depreendemos que o começo da carreira docente é/foi marcada com diversas questões não só referentes ao nervosismo, à inexperiência e a insegurança com o inicio de seus trabalhos pedagógicos, de se iniciar em algo "novo", que "não saberia se iria gostar" ou "não sabia o que estava fazendo", mas podemos dizer que houve desde o início na maioria, um princípio de decepção com a infraestrutura oferecida para ministrar as aulas: "escola não tinha quadra", "tínhamos um pátio de chão batido", "tinha uma bola só eu acho", primeiro dia de trabalho foi "desmotivante" e "sem apoio". Esse período de início da carreira docente que já é considerada como uma fase da "sobrevivência" e de "descoberta" que segundo Huberman (2000) vai até os 3 anos de carreira docente e que Farias e Nascimento (2012), identifica de entrada na carreira compreendida até 4 anos de docência, se caracterizada como um período de tomada de decisão, choque com a realidade, onde as situações vivenciadas exigem a aquisição de competências profissionais que muitas vezes não contempladas em uma formação esportivizada e distantes da

realidade concreta da Educação Pública, como a que os docentes deste estudo apontaram ter.

Após essa fase de choque com a realidade, com o conhecimento da realidade e com a experiência docente, passam por uma estabilização e consolidação de um repertório pedagógico, além da construção de uma identidade profissional que supõe a afirmação de si mesmo como professor (HUBERMAN, 2000), até o predomínio do domínio de rotinas básicas, mudança de trajetórias, surgem outras expectativas profissionais como assumir cargos administrativos (FARIAS; NASCIMENTO, 2012).

Consideramos ainda, que suas formações iniciais forma esportivizadas e descontextualizadas da realidade das escolas públicas com base nos padrões de formação baseados na formação profissional apenas, restringe o conjunto de conhecimentos a situações momentâneas da área e não permite ao professorado lastros de bases e fundamentos científicos para produzirmos conhecimento ao longo de uma trajetória profissional, ficando restritos à modelos de atividades estanques no tempo, descontextualizados da realidade concreta das escolas públicas brasileira. A decepção dos docentes em relação a questões estruturais das escolas e que ainda veremos de forma mais aprofundada a seguir, os acompanhará ao longo da carreira, fragilizam e apresentam limitações para o desenvolvimento do trabalho docente na rede pública, cujos relatos dos docentes é de que sentem-se muitas vezes despreparados para exercerem suas funções pedagógicas no momento em que ingressam na rede pública de ensino

4. CARREIRA DOCENTE, EDUCAÇÃO FÍSICA, ESCOLA E SOCIEDADE

Após a análise de que a opção pela FI em EF não ter sido pela possibilidade da docência em si, e que os conhecimentos produzidos nessa formação terem sido esportivistas de caráter técnico e instrumental, apesar de "dar o básico" se apresentou distante da realidade escolar e deixou lacunas em relação a realidade do trabalho nas escolas públicas. E que o ingresso na docência foi marcado por um princípio de decepção por conta das questões estruturais das escolas, seguimos agora para a análise da EF no coletivo escolar ao longo da carreira desses docentes, se os mesmos consideram a EF uma área do conhecimento reconhecida e como ela se legitima no coletivo escolar, as suas condições de trabalho docente e pedagógicas, questões acerca da formação continuada e relação da EF, Escola e Sociedade.

Inicialmente apresentamos o quadro 6, que apresenta a caracterização do trabalho do docente dos participantes do estudo e que serão contextualizadas com as diferentes categorias ao longo da análise dessa pesquisa.

Quadro 6: Caracterização do trabalho docente

Docente	Idade	Tempo/ano ingresso RMEPel	Tempo Geral Docência	CH RMEPel	Nº escolas trabalha	Outro trabalho/renda	CH total
Alex	60	29(1991)	30	20h	1	Coordenador de Academia(38h)	**58h**
Bianca	56	33(1987)	33	50h	1	Aposentada RMEPel(30h)	**50h**
Cléber	54	32(1988)	32	40h	2(1RMEPel +1Particular)	Rede particular(25h)	**65h**
Débora	51	25(1995)	25	40h	1	-	**40h**
Ernesto	56	32(1988)	32	40h	2	-	**40h**
Fabiano	56	29(1991)	29	40h	2(1RMEPel+1Particular)	Rede particular(16h)	**56h**
Graça	51	23(1997)	23	40h	2	*Personal Trainner* (10h)	**50h**
Heitor	56	27(1993)	27	35h	2(1RMEPel+ 1estadual)	Rede Estadual(20h)	**55h**
Iara	51	28(1992)	31	40h	1	-	**40h**
João	64	33(1987)	33	20h	1	Aposentada RMEPel(20h)	**20h**
Luiza	44	22(1998)	24	20h	2(1RMEPel+1Rio Grande)	RM Rio Grande(30h)	**50h**

*Professor Cléber atua ainda com arbitragem nos finais de semana
* Professor Alex cursa mestrado em Educação Física sem redução de carga horária
Fonte: Os autores, 2020.

4.1 A Educação Física na escola é reconhecida?

De acordo com a Lei de Diretrizes e Bases da educação nacional (LDB), a EF deve estar integrada a proposta pedagógica da escola, e é caracterizada como um "componente curricular obrigatório" da Educação Básica, porém, ao ter a sua facultatividade ao ensino noturno e para o alunado que trabalha 6h por dia, que tenha filhos ou acima de 30 anos, ela deixa uma parte considerável do alunado sem acesso a um importante conhecimento produzido e acumulado pela humanidade, a cultura corporal. Essas bases "legais" da sua não ocorrência e não oferecimento repercute inicialmente em uma não valorização desse componente curricular “obrigatório” no coletivo escolar, sendo, em relação aos demais componentes curriculares, o único passível de dispensa.

Em relação ao reconhecimento da EF no coletivo escolar de nosso professorado colaborador, apenas um docente considerou que a mesma é reconhecida:

> Olha, **eu acho que sim.** Porque se eu for olhar aqui os conselhos de classe, **sempre sou solicitado para dar meu parecer para os alunos**. [...] tu poder ali opinar, ser respeitado, **eu acho que tem essa valorização**. E propriamente toda a tentativa de treino, que é uma coisa muito difícil, nós não temos horário específico, para participar de jogos escolares, por exemplo, onde eu tenho a solicitação de um aluno, prontamente **os professores tentam agilizar, administrar, fazer prova no outro dia, compensar aquele estudo que ele está pe rdendo.** Então eles entendem que aquilo ali é importante também para o aluno, aquela parte de ele fazer ali a educação física, participar, socializar, interagir. Então **eu vejo que tem esse grau de importância sim, tem esse reconhecimento.** E propriamente **toda solicitação que eu faço em termos de material, em termos de possibilidades e agilização de horários, eu sempre sou atendido. Então eu acho que tem essa valorização** (Entrevista Professor Heitor) [grifos meus].

Cinco docentes relataram que esse reconhecimento depende a escola e/ou do professor:

> Olha, **em alguns lugares eu acho que é.** Mas **têm outros lugares a gente vê que Educação Física é só para cobrir horário**, a gente vê bastante em algumas escolas. Mas tem escolas que a educação física **é valorizada,** inclusive os professores de Educação Física trabalham com os professores das séries, então, isso aí é importante (Entrevista Professora Bianca) [grifos meus].

> **Em alguns aspectos sim, e outros ainda não,** a educação física **não é muito reconhecida por causa da atuação de alguns professores**, e ainda é vista como aquela disciplina que o professor larga a bola (Entrevista Professor Cléber) [grifos meus].

> [...] Eu coloquei aí na carta, **depende da escola, depende da tua parceria, depende** [...] Aqui na escola os professores são bem conscientes, sabe. Tem claro que pode ter um ou outro que até disfarce. Mas eu acredito que **a maioria valoriza bastante sim [...]** sempre pedem de todas as áreas, e aí depois eles discutem para ver o que é que dá para cada um contemplar; **No caso, e sempre é na Educação Física é sempre contemplada**, Artes, biblioteca (Entrevista Professora Débora) [grifos meus].
>
> **Eu acho que já foi mais**. Mas isso porque nós nos fazíamos ser respeitados assim, porque não existe muito isso, de: "Ah, não". Tu tem que te fazer ser respeitado. **Educação Física aqui era forte porque o grupo era forte, porque nós participávamos politicamente da escola,** nós participávamos de tudo. Então, nós participávamos de todos os eventos da escola e **o grupo era reconhecido.** Evidentemente tu deve saber disso, a Educação Física – **e isso é mais forte ainda no ensino particular – ela não tem o mesmo status que uma matemática, que uma física, porque não cai lá no ENEM, porque não cai no PAVE, porque não cai no vestibular. Então, isso às vezes a gente se sente um pouquinho à margem.** Isso é natural das pessoas, dos professores dessas disciplinas que se julgam mais importante, então, em função do vestibular. **Mas eu acho que o grupo aqui sempre se fez respeitar**. [...] (Entrevista Professor Fabiano) [grifos meus].
>
> **Acho que está bem melhor**, pelo menos aqui na escola que eu trabalho está muito diferente da época que eu entrei. **O professor que dava educação física era um professor que não era formado, não tinha habilitação nenhuma em educação física**, e quando eu entrei aqui, ainda foi com aquele comentário assim, "olha, tudo bem, a gente tem vaga para de tarde, mas fica sabendo que as horas do professor da manhã são dele, tu não vai conseguir...", tipo assim. Qualquer um ia lá e dava aula, e outra coisa que acontecia muito e que hoje e ainda acontece, mas menos, assim, **faltou o professor, tem três turmas, "bota lá na quadra com a professora de educação física",** aí todo o planejamento, tanto a forma de trabalho, vai tudo por água abaixo (Entrevista Professora Graça) [grifos meus].

Em relação a estas falas, notamos que o reconhecimento ou não da EF pode variar de escola para escola e que isso depende muito da atuação do professor ou professora da disciplina, não só das aulas sem si, mas da sua participação no funcionamento da escola como um todo.

O docente Fabiano que comentou que a EF não é reconhecida no coletivo escolar também por causa da sua não presença no ENEM, esclarecemos que a EF está presente no ENEM, porém com poucas questões e segundo Pontes Júnior, Souza e Silva (2015) que classificaram os itens dessa disciplina no ENEM das edições de 2009 a 2014 e a categoria mais enfatizada no exame foi a de compreensão, com poucos números de itens e com baixa complexidade na sua elaboração, mostrando que a EF não é tão valorizada pelos organizadores do certame. Isso tem reflexão e influencia no

coletivo escolar, na não valorização desse componente curricular. E valendo-se de uma revisão sistemática sobre EF e ENEM de Pontes Júnior (2017) onde os achados do estudo apontam como positivos a revelação de que os itens apresentam discussões acerca de diferentes esportes e uma oportunidade de legitimação da EF no âmbito escolar, todavia, observamos que os aspectos negativos se sobressaem como: a) não requererem um aprofundamento dos conteúdos, b) desvantagens dos alunos que estudam no período noturno ou dos que são dispensados das aulas de EF, interferindo em seus processos formativos, contribuindo para o baixo desempenho no ENEM, c) pode provocar "desequilíbrios pedagógicos" quanto aos seus objetivos de ensino, d) inadequada consistência interna dos itens de nível fácil ou moderado das questões, e e) além das práticas pedagógicas do professorado de EF poderem ser influenciadas, como todas avaliações em larga escala em geral prejudicam a autonomia das escolas na sua organização curricular.

E, nesse aspecto, para Beltrão (2014, p.835):

> O sistema de avaliação da educação básica brasileira, o qual o ENEM faz parte, age no sentido de estimular a competição entre os alunos, e entre as escolas, entendendo que a competição gera qualidade. O Estado alimenta essa competição, objetivando a qualidade, quando oferece bônus às escolas e aos professores, e vagas no ensino superior aos alunos. Com essas iniciativas, o Estado se consolida como Estado-regulador. As mudanças/metamorfoses do ENEM levaram esse exame a incorporar as funções e a lógica do vestibular, e com um discurso democrático busca se distanciar das críticas historicamente recebidas pelos vestibulares, transferindo, cada vez mais, o ônus da culpa aos estudantes e professores. Esse processo esconde as péssimas condições da educação básica e pequeno número de vagas no ensino superior. Essas e outras questões levantadas nesse trabalho indicam a necessidade que temos (universidade – escola básica – sociedade) em discutir como a Educação está se desenvolvendo em nosso país.

Outros cinco docentes relataram que ela não é reconhecida ou não é como deveria:

> Não, eu continuo achando e dependendo da direção das escolas, **ela é muito pouco valorizada, inclusive a direção da minha escola,** a diretora nunca se furtou de me dizer **que não gosta de educação física, que tinha dificuldade** [...] **mas que ela (diretora) não dá o mesmo valor como ela dá para matemática, como dá para ciências, como dá para geografia,** e que **muitas vezes a gente tem que pegar duas ou três turmas para cobrir os horários dos colegas que não vão, ou de colegas que se atrasam, que estão com problema, ou para dar folga para os próprios colegas.** Eu ainda continuo vivendo um problema desse esse ano, tinha um buraco numa turma lá e a coordenadora disse que ela teria ela que dar aula por causa disso. E como era uma turma que eu estaria dando dois períodos anteriores, eu falei, "não, deixa que eu dou três

> períodos". **É a única turma que tem três períodos na escola, exatamente para fechar a folga daquela professora naquele dia** (Entrevista Professor Alex) [grifos meus].

A redução da carga horária da disciplina de EF também foi citada como uma forma de desvalorizar a área em si:

> Olha, **eu acho que não**. Estão até **diminuindo a carga horária**. Esse ano, por exemplo, aqui na escola nós tínhamos do sexto ano ao nono três aulas, agora diminuíram para duas. Eu não sei se é em todas as escolas. **E cada vez diminuem menos a carga horária**. E uma cobrança a mais dos professores. O próprio espaço físico, se pensa em toda a escola, nas salas de aula e tudo. **A sala de aula do professor não é só a quadra, o espaço físico**. Tem escola que não tem espaço físico para trabalhar. **Eles pensam na escola, constrói a escola e esquecem da educação física**. E tem escolas assim mesmo, eu conheço outras escolas, converso com colegas e a própria direção da escola às vezes não valoriza**, "ah, manda para a educação física, ah o professor de educação física"**. **Então tudo é o professor de educação física** (Entrevista Professor Ernesto) [grifos meus].

A precariedade da estrutura física, bem como a atuação de alguns docentes e a organização escolar em si, também seguiram sendo relatadas:

> **Ainda não, como deveria, de um modo geral ainda não**, por vários fatores. Ainda temos **escolas com estrutura precária**, porque o ideal seria que todas as escolas tivessem uma quadra coberta para realmente ter uma atividade bem feita. **Muitos dirigentes escolares ainda veem o professor de educação física como aquele profissional que consegue ajeitar o horário porque no pátio tu coloca três, quatro, cinco turmas, então isso ainda é usado, claro**, como eu não estou em escola, mas a gente escuta os relatos, então ainda tem isso, **"ah, tem uma professora que chegou atrasada, bota para o pátio, que o professor tal está lá e ele repara", ainda tem muito isso.** E continua por vezes **além da falta da estrutura física, a falta de material**, **e ainda infelizmente temos colegas que só jogam a bola, também isso é falado**, então ainda temos um longo caminho a percorrer, eu acho que a educação física não foi plenamente desenvolvida junto aos nossos alunos, infelizmente (Entrevista Professora Iara) [grifos meus].

> **Eu acho que ela não é valorizada na escola,** porque eu ia até te colocar uma coisa. Quando eu comecei [...] não tinha nada assim de estrutura, nem material. Mas o que acontece? E quando eu comecei, a gente dos mais antigos e talvez os professores antes de mim devem pensar, **"nós professores de educação física não participávamos nas reuniões pedagógicas, nós éramos excluídos".** Depois, de uns anos passados, começou o professor de EF a participar das reuniões pedagógicas. **Já era uma conquista, porque claro, não poderia até hoje acontecer uma coisa dessa**, porque eu acho que no momento **que o professor de educação física começou a se tornar assim, até porque era muito crítico, era um cara que interferia nas coisas e queria mudança.** [...] Só que **a nossa disciplina é uma coisa que eles parece que não querem enxergar, os outros professores**. E até nós somos assim: algumas, como tem um dia que é **a folga dos professores, nesse dia eles juntam educação física, educação artística, e colocam no mesmo dia, para dar folga para o currículo. Aí aquilo é uma coisa meio que nós somos usados naquele dia, desvaloriza, que não**

> **deveria ser. Mas é, infelizmente não tem o que fazer. [...]** Aí quando tu falta, mesmo que as tuas aulas sejam uma porcaria, fato, eles dizem, “ah, professor faltou”. Mas o bom é que as crianças também dizem, a educação física faltou, elas te cobram. **“Professor, já está devendo uma aula de educação física”. Os outros então, matemática, eles dão graças a Deus quando o cara não vem** (Entrevista Professor João) [grifos meus].

Em relação ao uso da EF para “dar folga” aos docentes de outras disciplinas ou ao professor ou professora regente da turma, na verdade isso não é uma “folga” como parece “internalizado” nos relatos dos docentes e comumente empregado em muitos casos, mas sim um horário dentro da carga horária docente que são disponibilizados para que os mesmos façam outras atividade relacionadas ao ensino, como preparar suas aulas, corrigir trabalhos e provas, entre outras atividades exigidas do professor e da professora. Aliás, esse tempo dedicado para isso está presente na LDB, para que o professorado se dediquem a atividades de estudo, planejamento e avaliação, incluídos na carga de trabalho, porém, a LDB, não delimita o percentual exato para isso, ficando a cargo dos respectivos sistemas de ensino gerenciar, como no caso da RMEPel, a custo de disciplinas como EF e Educação Artística, o que para os docentes de EF, desvaloriza a sua área.

> **Não, não é valorizada.** Até porque eu acho que **a gente que acaba meio que queimando a educação física dentro da escola**, entendeu? Não querendo falar dos outros, **mas tem muito professor de educação física que não leva a sério**, entendeu? Então isso faz com que a própria profissão seja desrespeitada, assim. Porque **aquela questão de só jogar bola e deixar os alunos livres, a nossa profissão é uma profissão que todo mundo vê o que a gente está fazendo.** Apesar de ser meio isolado, todo mundo enxerga o que a gente faz **e os alunos também comentam.** Então **quando a gente faz uma coisa desse tipo todo mundo está enxergando, não é como um professor que está dentro da sala de aula**. Isso leva muitas críticas e **ajuda a desvalorizar a nossa profissão**, eu acho. (Entrevista Professora Luiza) [grifos meus].

Os relatos do professorado da EF trazem memórias de práticas que desnudam um pouco o universo pedagógico desses profissionais no coletivo da escola. Tais relatos dizem respeito aos sentimentos publicitados através de registros que se ressentem de que, por vezes, a EF serve como "tapa buraco" ou serviria para "cobrir horários", para as ocasiões em que não houvesse professor para ministrar as aulas para determinada turma, ou ainda, para dar "folga ao currículo".

Esses relatos apontam que o trabalho no interior da atual organização escolar é um trabalho que tem sido desvinculado da prática social mais ampla e vincula-se apenas ao mercado de trabalho, onde uma ou outra disciplina tem maior importância devido ao fato delas caírem em avaliações de larga escala padronizadas, provas estas que não revelam as condições precárias que os professores e professoras das escolas públicas do Brasil desenvolvem (ou tentam desenvolver) seu trabalho, assim:

> [...] seja porque a concepção de conhecimento que orienta a organização da escola admite a separa o sujeito/objeto, teoria/prática, seja porque a escola nasceu como escola para as classes ociosas e, portanto, para quem não trabalha [...], seja porque a tarefa da escola inclui a necessidade de legitimar hierarquias sociais, através de hierarquias escolares (FREITAS, 2012, p. 99).

Conforme esses relatos, percebemos que a EF não possui ainda uma legitimação e reconhecimento no ambiente escolar, assim, se no capítulo anterior, identificamos que as condições precárias da estrutura física para as suas aulas de EF como uma decepção inicial no início de suas carreiras, um segundo momento de dificuldade e decepção ao longo da carreira docente está relacionado ao pouco reconhecimento da EF na escola para os docentes de EF. Sobre o reconhecimento da EF escolar, estudos sobre a EF no ambiente escolar apontam o seu baixo status profissional. GUNTHER (2000) e SOARES (1986) observaram que no coletivo escolar a disciplina possui estigma de trabalho fácil, sem reprovação, de pouca exigência, além de ser vista com preconceitos por outros componentes curriculares (GHILARDI, 1998; DAOLIO, 2003). Além disso, é lembrada por não ter objetivos claros e um corpo de conhecimentos específicos e organizados, cuja aprendizagem possa colaborar para que os objetivos da educação escolarizada sejam alcançados (FREIRE,1999) e, de sua valorização depender também das atitudes dos professores desta área (LOVIOSO, 1996).

Aliado a isso, se tem uma visão de disciplina meramente prática e do simples fazer por fazer, sem percepção de que “a teoria sem a prática é oca, a prática sem a teoria é cega” (WINTERSTEIN, 1995, p.39). Um dos motivos deve-se provavelmente entre outros motivos, aos currículos de formação do professorado em EF, de caráter esportivo e distante da realidade concreta das escolas, além de sua atrelação ao mercado de trabalho.

Neste sentido, BACCIN (2010), ao entrevistar professores e professoras de EF da rede estadual do RS e observar as suas aulas, diagnosticou tanto nas entrevistas, como nas observações, o processo de secundarização da disciplina e a sua perda de espaço na escola.

Outras pesquisas apontam ainda que com o avanço dos anos escolares, a EF vai tornando-se cada vez mais secundária e menos interessante para os próprios alunos, visto que os mesmos estão preocupados com outras questões de seu cotidiano, como o vestibular e o ingresso no mercado de trabalho a partir do ensino médio (BETTI, ZULIANI, 2002; DARIDO, 2003).

Além do mais, a simples presença do esporte (de rendimento) na escola não transferiu ao componente curricular EF a certeza de sua presença nos currículos escolares, e não foi um argumento capaz de mantê-la e legitimá-la na Educação escolarizada, tratou-se de uma pseudovalorização, (BRACHT; ALMEIDA, 2003).

Segundo Loyola (2008) a EF aparece como curinga, como uma disciplina “menor”, tida como secundária, pois vincula-se ao trabalho corporal, sendo uma prática compensatória ou de apoio às demais disciplinas, como organizadora das festividades e lugar de acirrada tensão entre profissionalização e desprofissionalização e entre valorização e desvalorização com predominância da sua desvalorização, se comparada com as demais disciplinas que compõem o currículo escolar e que são consideradas “sérias”.

Como possíveis formas de superação deste quadro deve-se buscar uma legitimação autônoma da EF (BRACHT,1992), ou seja a EF ter uma importância situada nela própria, apresentando elementos humanos fundamentais que a justifique no âmbito escolar por si só, e não como vem ocorrendo, uma legitimação de forma heterônima, através da instrumentalização da EF, seja na sua atrelação ao mercado do trabalho, como auxiliar de outras disciplinas, como instrumento de negociação quanto ao comportamento dos alunos, ou ainda sendo reconhecida somente a partir de resultados externos a partir da conquista de medalhas e troféus em jogos escolares para a escola.

Além disso, a implantação de sistemas de avaliação limita a atuação do professorado e acaba submetendo-o a lógica do capital, faz com que as

Políticas Públicas Educacionais a partir da década de 90 e ainda mais claras nos últimos governos reordenassem o sistema educacional brasileiro, os currículos, implantaram sistemas de avaliação e financiamento da Educação e dessa forma todo o trabalho docente e da gestão escolar, assim, a educação assume características semelhantes as que se desenvolvem no âmbito econômico, voltados para a empregabilidade e para o disciplinamento com vistas ao mercado de trabalho alienado. Exemplificando estas modificações podemos citar a construção da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) que estabeleceu parâmetros de formação articulada nacionalmente e a recente aprovação da Reforma do Ensino Médio que aprofunda a concepção mercadológica na Educação escolarizada. Nesse sentido, Furtado e Borges (2020) a partir da literatura encontrada, relatam que pelas influências político-ideológicas constituintes da BNCC, há motivos para crer que a EF corre sérios riscos da perda de espaço para disciplinas como Língua Portuguesa e a Língua Inglesa.

Nesse sentido, Bracht (2001, p. 75-76) caracteriza que:

> [...] para o projeto liberal-burguês de educação, a Educação Física (moderna) perde importância. O neotecnicismo do projeto liberal-burguês enfatiza de forma pragmática a preparação para o trabalho. Se esse neotecnicismo tem como foco as novas tecnologias do trabalho e a flexibilização das relações de trabalho que exigem um sujeito que se adapte rapidamente às novas exigências tecnológicas, e as relações de trabalho, que são capacidades fundamentalmente de caráter intelectual, por que desperdiçar tempo com a Educação Física no currículo oficial básico?

Então, a desvalorização da EF na escola tem a ver com o modelo formativo escolar que privilegia a formação de mão-de-obra para o mercado e a EF não tem um lugar importante para isso. Além disso, em 2019 houve por parte da Prefeitura Municipal de Pelotas uma reestruturação curricular visando padronizar os currículos das escolas ferindo a autonomia das mesmas, pois as impedem de se articular de acordo com as realidades específicas de suas comunidades, onde houve redução da carga horária da disciplina de EF, Artes e outras disciplinas em toda RMEPel em detrimento de outras disciplinas que estão presentes em avaliações em larga escala (Português e Matemática), ou seja, articula a Educação escolarizada sob a chancela do mercado e das imposições de organismos internacionais que realizam avaliações padronizadas, currículos por competências como forma de inserir o alunado no

mundo da empregabilidade, adaptando o sistema educacional aos ditames do capital.

Dessa forma os estabelecimentos educacionais em sua organização, gestão, processos formativos, metodológicos e avaliativos assumem também a responsabilidade de desenvolver e preparar o para esse novo perfil de trabalhador, e assim preparar a mão-de-obra para o mercado de trabalho, para o vir-a-ser.

Observamos então, que não só a organização do trabalho humano, mas a organização do trabalho pedagógico e docente acabam sendo condicionadas pelo contexto sócio-econômico e político de um país e a formação de cidadãos na escola assume características semelhantes as que ocorrem no desenvolvimento dos modelos de produção permeados de ideologias, presentes na superestrutura e que alienam.

Assim como o Trabalho deixou de ser uma característica histórica do ser humano e se reduziu a um emprego assalariado que serve para atender a outras necessidades, a Educação passou a ser então exigida como forma de manter-se empregável, deixando de ser uma prática social, política e se reduz meramente a uma transmissora de competências técnicas, formadora de "recursos humanos", de capital humano; resumindo, perde a sua função social em relação ao mundo do trabalho e tem sua atenção voltada para o mercado de trabalho.

Atualmente, a Professora Bianca é vice-diretora de uma escola, e a Professora Iara ocupa um cargo administrativo/pedagógico na SMED, o Professor Alex comentou que durante anos foi coordenador de uma pós-graduação de uma faculdade particular, o Professor Heitor também relatou ter sido convidado diversas vezes a compor chapa e não quis devido a outras demandas e preferir atuar somente como professor, já a professora Luiza nunca exerceu cargo administrativo. Os 08 demais docentes ocuparam cargos administrativos de diretor (a), vice-diretor (a), Coordenador (a) Pedagógico (a), Coordenador Laboratório de Informática. Abaixo, o relato dos mesmos:

> [...] Não quis saber, fui convidado uma vez para fazer parte de uma chapa, não quis saber de fazer parte dessa chapa e apoiei uma outra chapa. E **essa chapa que eu apoiei acabou perdendo, eu fui perseguido dentro da escola com outros colegas**. (Entrevista Professor Alex) [grifos meus].

Questionamos de que forma perseguição e o mesmo relatou:

> **Mexendo nos teus horários, tentando desestruturar o teu dia a dia, que eu trabalhava em outros locais, querendo que tu saísse da escola, pedisse para passar para outra escola, ou inventando coisas que não eram a realidade**. [...] **Já tivemos períodos difíceis,** acho que agora vamos enfrentar um período difícil dentro da escola porque nossa direção atual está rachada, completamente rachada. A diretora atual é uma pessoa que eu fui um dos mentores dela, se é que assim pode-se dizer, batalhei para ela ser diretora, porque eu não queria a outra que estava concorrendo, achava que não tinha que ganhar, e ganhamos, hoje depois de 3 anos que ela está, ela se mostra uma pessoa completamente diferente, parece que subiu a cabeça. Inclusive ela **começou a me criar problemas por causa das aulas, das vezes que eu tenho que trocar a cada semestre eu tenho que trocar as aulas, porque bate com as aulas do mestrado, ela começou a me criar problema**, enquanto que os colegas sempre se colocaram à disposição de ajeitar aquilo ali. Ela já começou a criar problema. Não sei exatamente por que e o problema não é só comigo, eu estou vendo que brigaram dentro da própria direção. E conversando com colegas a gente vê **que ela é uma pessoa que foi completamente diferente daquilo o que a gente esperava,** dos primeiros anos não sei se subiu a cabeça, e eu acho que se tu está em cargo diretivo, é tu estar naquele cargo. Aquilo vai passar e tu vai voltar para a sala de aula. E essas pessoas parece que às vezes não se dão conta. Tu estas diretora, mas não vai ser diretora ou vai ser diretora a vida inteira (Entrevista Professor Alex) [grifos meus].

E comentaram sobre suas experiências em cargos administrativos e pedagógicos:

> **Eu estou na vice- direção**.[...] As duas vezes que eu fui diretora, diretora do currículo e diretora, e hoje eu sou vice-diretora. Eu não concorri, eu sempre fui convidada para trabalhar. Aqui a gente não tem eleição, na escola dos surdos não tinha eleição, era o presidente que escolhia. E na outra era a chapa que ganhava então, eu entrei junto na chapa e eu fiquei. (Entrevista Professora Bianca) [grifos meus].

> Eu fui coordenadora uma época. Mas aí eu não ia continuar... queriam que eu continuasse, mas eu não quis. [...] Mas eu fui, **mas achei horrível**. Se dá certo, ninguém te valoriza. E o que dá errado, parece que a culpa é tua sempre é uma coisa meio louca assim. **Então não é para mim não.** E aí tu faz menos trabalho de coordenação muitas vezes porque tu tem que fazer tantas outras coisas que tu acaba que não faz a tua parte, acaba não fazendo. [...] primeiro porque eu não sei se... **eu não sou líder assim, eu não gosto de mandar, eu gosto de fazer a minha parte e o que eu acho que está certo, está certo.** E que eu começo a ver as coisas erradas, eu tenho dificuldade de dizer para o outro assim, ainda mais sendo colega. Que está errado, coisa assim. E outra coisa, e **coordenação, tu trabalha mais do que ser direção, serviço de direção** (Entrevista Professora Débora) [grifos meus].

> Fiquei em 1998, até 2009 fiquei na direção, 40 horas, foram 11 anos. Depois eu fiquei 20 horas de coordenação durante 3 anos, e 20 horas à tarde dando aula. Depois desses 3 anos de coordenação aí só dando aula, 40 horas. [...] (Entrevista Professor Ernesto).

Solicitamos que comentassem mais sobre como foi esse longo período administrativo e dando aulas, se mudou algo na sua visão sobre Educação e EF:

> A gente sempre muda. Eu assumi direção numa escola que a escola era pequena, 200 e tanto alunos, e não só eu, como professores, colegas, comunidade em geral **conseguimos ampliar a escola que era só até quinta-série na época e agora virou até o nono ano, com o pré eram 200 e tantos alunos, depois foi 400 e tantos**. É, porque tem muita cobrança. Uma coisa é quando tu é professor, na sala de aula, no caso nosso pátio. Quando tu é professor, sua responsabilidade é uma; quando tu entra na direção, quando eu entrei os primeiros cinco anos na direção, era só eu de diretor e 20h uma coordenadora, **eu não tinha vice, não tinha nada. Então era tu e tu, então tu tinha muita cobrança** (Entrevista Professor Ernesto) [grifos meus].

E os demais relatos:

> Não concorri, mas trabalhei em vários lugares. **Eu fui coordenador do laboratório de informática durante muitos anos.** Tu vê, eu sou professor de Educação Física, mas **eu sempre gostei de informática**, como eu te disse, eu já trabalhei fora com outras coisas, ganhei dinheiro com isso também, trabalhei, trabalhei com essa parte, até ganhei dinheiro com isso. Mas trabalhei aqui na informática educativa, fiz curso para isso aqui, trabalhei**, ajudei a direção em várias coisas, como em confecção de horários, eu já tive várias funções assim como colaborador, mas eu nunca quis concorrer a cargo diretivo** (Entrevista Professor Fabiano) [grifos meus].

> [...] 2004 eu fui para vice- direção e em 2005 eu fui para direção e fiquei até 2010. [...] eu entrei na vice- direção por insistência da que era candidata a diretora, que era a diretora anterior **dizendo que eu tinha perfil, que ia ser bom,** que eu ia trabalhar com ela, que eram para ser três anos na vice e três anos na direção, aí ela teve que sair, por isso que eu fiquei. **E aí me convenceu, e eu gostei da parte administrativa.** [...] **Os pais a gente controla, mas trabalhar com professor, com os funcionários da escola é difícil, é complicado.** Claro que não vão agradar nunca todas as pessoas, mas é complicado (Entrevista Professora Graça) [grifos meus].

> **Algumas vezes solicitado**, mas como eu tenho outra atividade paralela, me e envolve noites e fim de semana, e ali é cargo de responsabilidade. **Eu digo, se eu pegar mais alguma coisa, eu acho que eu não vou dar conta**, eu não vou fazer um bom trabalho, eu vou pegar demais. E sei lá, eu acho que eu peguei o gosto do contato com o aluno. **Me chama muito mais a atenção estar dando aula, ter o contato com o aluno e desenvolver aquilo, me envolver daquela forma do que uma parte mais administrativa**. Mas **talvez tivesse pegado se eu não tivesse outra atividade paralela** (Entrevista Professor Heitor) [grifos meus].

> Eu sempre digo que **o professor de EF tem uma visão privilegiada da escola, assim como todo mundo nos enxerga, a gente também enxerga a escola em si. A gente enxerga o trabalho, o movimento da escola**. E os alunos te falam muito dos demais professores, porque aqueles professores que trabalham nas salas de aulas fechadas, que tu não enxerga o que eles estão fazendo ali. Na

> educação física eles te passam isso. [...] **E eu acho que o professor de educação física tem essa visão mais ampla das coisas, não fica só ali restrito**. [...] mas **eu fui para a direção porque tinha coisas e procedimentos de colegas que eu via que precisavam mudar, tratamento com alunos, a questão do acolhimento aos alunos,** aquilo o que se discutia há 20 anos e continua se discutindo agora que aluno não é só para despejar conteúdo em sala de aula, que a escola não é só isso. Foi por aí. (Entrevista Professora Iara) [grifos meus].

O Professor João relatou um pouco como era a rotina de ser diretor no início da carreira e na sua época, sem dinheiro do FUNDEB:

> **Eu fui diretor.** Não, cara, **não concorri.** O que aconteceu assim, colocando para ti, eu quando estava lá de 1990 a 1995, a Secretaria de Educação criou uma norma, só poderia ser diretor quem tinha curso superior, uma lei orgânica deles lá. E o que aconteceu foi, como eu estava lá, o pessoal disse, "vamos botar ele como diretor da escola". E eu caí na asneira de aceitar, sem ter experiência, foi bom, mas eu não tinha experiência. Eram aquelas coisas burocráticas, essas coisas eu não tinha nada. [...]Aceitei, não sabia nada daqueles troços lá, mas foi bom porque me deu uma outra visão da coisa de como funciona. [...] E a realidade da escola naquela minha época, de 1990 a 1995, que não tinha esse FUNDEB, não tinha nada de dinheiro que viesse para a escola. Tu ia lá (SMED) e pegava umas 500 folhas de ofício. Tu lembra do mimeógrafo? Eu peguava, do álcool e coisa. Então algumas coisas assim, batalhei para que... eu e o outro professor fizemos um projeto. Tu viu aquele lado da escola todo? Ali, de um lado? Aquilo ali fui eu e um outro professor, que até ele foi professor e já faleceu, nós fizemos um projeto, e o secretário, [...] a gente levou o projeto, e a gente achou que nunca iria sair aquele projeto, nunca ia sair aquele lado. A gente pediu mais três salas de aula, que é todo aquele lado, um refeitório e os banheiros, que não tinha. Só tinha aquela parte da casinha. Você viu aquela parte que eu entrei contigo? Só existia aquilo ali. Aí foi... o pessoal não acreditava que a gente não iria sair, eu digo, "olha...", aí o cara chamou um dia lá os secretários, "professor, tem... eu acho que vai sair a ampliação da escola". Foi um troço assim (Entrevista Professor João) [grifos meus].

Questionado sobre melhorias para as aulas de EF, o Professor João relata que acabou não pleiteando:

> [...] Eu acho que **no sentido de tu pensar no geral, nos outros, eu pequei, não pedi essa quadra, pelo menos.** Eu, apesar de ser mais para mim, como diz o outro**, "graças a Deus que saiu algo",** mas eu pequei, deveria ter pedido isso aí, porque os governos faziam isso aí, **eles fazem uma escola e o espaço que eles menos dão importância é o espaço para a área da educação física.** Pode ver. Se é ou não é muitas vezes adequado, e aí nesse lado eu pequei (Entrevista Professor João) [grifos meus].

Sobre o professorado de EF ocupando cargos diretivos, Quintana (2010) identificou como os mesmos se constituíram gestores das escolas da rede estadual de ensino da cidade de Pelotas-RS, e seus resultados apontaram que: a) a orientação sobre gestão escolar nos cursos de licenciatura das

entrevistadas não foram suficientes para o exercício da função na gestão; b) a vivência familiar influenciou na escolha pelo magistério; c) a prática da EF na infância, dentro e fora da escola, influenciou a escolha da graduação nesta área; e d) a opção pelo exercício da direção e vice- direção se deu, na maioria dos casos, devido ao assédio de colegas de trabalho e alunos; igualmente como apontado pelo professorado colaborador de nossa pesquisa. O estudo demonstrou também que tiveram problemas com a implantação das novas políticas educacionais, além de acreditarem que os professores de EF interessam-se pelo exercício da gestão escolar, na função de diretores por "estarem acostumados a trabalhar em conjunto, organizar grandes grupos e dinamizar os locais por onde passam; além disso, apresentam facilidade para manter vínculo afetivo com as pessoas" (QUINTANA, 2010, p. 114).

A busca pelo entendimento e contextualização desse cenário, que se vê agravado pelas reestruturações curriculares implementadas pela SMED de Pelotas, sem o debate necessário com os docentes e suas respectivas comunidades escolares que fazem parte da RMEPel bem como a precária estrutura física básica associada à oferta mínima de material para as práticas do componente curricular que acompanhou muitos docentes por toda a carreira, nos faz inferir que a EF possui pouco reconhecimento e não é considerado um componente curricular importante dentro do coletivo escolar.

Mesmo diante dessa evidência, ao fazermos o cruzamento destas informações com o levantamento dos docentes da EF que ocuparam ou foram convidados a compor ou que ainda integravam equipes diretivas no momento da pesquisa, nos faz compreender que apesar do componente curricular da EF não ser reconhecido da forma como os profissionais dessa área desejariam, o professor e a professora de EF possuem certo reconhecimento dentro do coletivo da escola. Tal reconhecimento ocorre, pelo fato de, apesar das questões atinentes às condições físicas e materiais precários e demais condicionantes da realidade expostos pelos mesmos, o professorado de EF, realizam bons trabalhos, conhecem a realidade da escola pública e de certa forma contornam essas situações e convivem há tempos com as mesmas, são requeridos para comporem as equipes diretivas. Assim sendo, o docente de EF é um profissional com certo grau de reconhecido pela comunidade escolar, todavia, a EF como área do conhecimento, não possui esse reconhecimento.

4.2 As Condições de Trabalho do professorado de EF da RMEPel

As condições de trabalho, gerais e específicas da EF, como da infra estrutura, carga horária de trabalho, condições para a formação continuada, plano de carreira, piso salarial são elementos importantes para desenvolvimento integral da carreira e do trabalho docente. A infraestrutura foi citada como uma dificuldade e frustação no inicio da carreira dos docentes, e muitos relataram que este ponto ainda é uma de suas dificuldades, ou seja, essa limitação os acompanhou por toda a carreira:

> Bom, **a principal dificuldade que eu encontro lá hoje eu acho que é o espaço físico**, porque há 7 anos nós trocamos de local e eu faço muito essa comparação, que eu digo que **eu era feliz e não sabia**, porque lá eu tinha um espaço que era talvez seis, sete vezes maior do que eu tenho atual (Entrevista Professor Alex) [grifos meus].

> [...] **as dificuldades maiores que nós tivemos para trabalhar em si aqui foi quando a gente perdeu o ginásio, quando o ginásio foi interditado**, isso foi em 2014, o ginásio foi interditado por falta de manutenção. E aí **nós tivemos um baque porque perdemos nossa referênci**a, não só... "Ah, mas é uma quadra só"... não, tudo bem, é uma quadra coberta, a única quadra coberta que tinha, muito no dia de chuva, tinham salas aqui também, tinha a nossa sala da Educação Física, nosso material, **a gente perdeu toda a nossa identidade aqui.** [...] nós perdemos também as quadras da rua. Então, nós ficamos sem quadra, trabalhávamos no pátio como qualquer escolinha pequena de um tempo atrás que tinha, eu sei que as escolas pequenas os professores trabalham de forma maravilhosa às vezes, na rua sem quadra, risca no chão a quadrinha. Nós passamos mais de ano trabalhando na rua. E isso, essa foi a nossa dificuldade maior aqui, assim, foi um baque muito grande para o colégio, eu sei que talvez para uma escola menor não fosse um baque. **Mas para esse colégio que tinha uma estrutura de escola particular foi, foi um baque** (Entrevista Professor Fabiano) [grifos meus].

> [...] **infraestrutura faz falta, porque pensa bem: frio, dia de chuva. Dia de chuva** tu está trabalhando na sala de aula, aí hoje tem alguns recursos de jogos para eles estarem dentro da sala, mas não existem, na escola não existe uma sala como não tem para educação artística, uma peça que tu botasse um material para educação física e os alunos, seria luxo, se fossem para lá e pudessem. Não. **Então você tem que improvisar.** Na escola mesmo que eu trabalho, é um espaço assim, tem uma tela na volta, então **já aconteceu de alguns alunos se engancharem na tela, se machucarem, mas dá para ti adaptar e fazer uma aula**. Só que o que ocorre é que **algumas coisas que tu tem, que tu poderia fazer, tu acaba não fazendo, porque tu vai evitar o risco que tu vai correr,** entende? Na área de algumas modalidades. [...] **Olha, difícil, sempre fo**i. Porque o que acontece? Eu sempre comecei em escola de zona rural. Então tu ficar muitas vezes, ir para fora para a escola na zonar rural, como tu mesmo teve lá, num dia de chuva, com uma chuvarada forte, tu pega aquele micro-ônibus, ou tu pega, nós pegávamos, tem uns micros – não sei se tu viu lá – e vai para a faixa esperar o ônibus. Na faixa tu não tem cobertura. Alguns lugares tem. [...] Mas quando está

> chovendo tu desce ali com um guarda-chuva, espera na beira da faixa até vir te buscar. Ou se tu tem um abrigo, como eu não tinha, a gente entrava lá para dentro e ficava lá. É, mais parte, **em grande parte de carreira, durante quase todos esses 30 anos, é barro, atoleiro, barro de tu ficar embarrado, atolado muitas vezes no ônibus. Toda essa dificuldade** (Entrevista Professor João) [grifos meus].

Outo fator que esteve presente para quase a totalidade dos docentes é que os mesmos relataram terem usados e ainda usam dinheiro de seus próprios rendimentos para a compra de materiais para as suas aulas, mesmo que de forma "pontual" (Entrevista Professora Iara), ou "Bastante" (Entrevista Professora Luiza), principalmente "para comprar bola, algum material, algumas coisas" (Entrevista Professor João) e conforme demais relatos:

> **Muitas vezes. Uma vez não, muitas vezes**. Eu já cheguei uma vez a brigar com uma coordenadora que eu tive porque não existia material na escola, e lá sabia que eu comprava do meu bolso e ela me proibiu de comprar, porque ela queria que tivesse um estouro para que realmente tomassem uma decisão, **eu continuei comprando**, ela brigando comigo que eu não podia fazer aquilo e eu dizendo para ela, "o dinheiro é meu e eu resolvo da maneira que achar que devo". E acabo eu sei que acabo **me prejudicand**o, muitas vezes, porque às vezes eles veem que tem material, a direção da escola vê que tem material, mas diz, "tem material", **mas muitas vezes eu consegui esse material do meu bolso, ou vou pedir lá para alguém**, ou vou pedir um material que num local está encostado porque já está com bastante uso. Então é **porque eu não deixo as coisas ficaram a cair do céu, eu vou atrás. Mas muitas vezes tirei dinheiro do meu bolso** (Entrevista Professor Alex) [grifos meus].

> Ah, certo. Esse ano mesmo. Acabei fazendo isso aí, mas isso aí, **eu acho que não tem professor que não faça, é difícil.** Porque se tu queres conseguir uma coisa e às vezes tu não consegue, e não vai ser por algum problema que tu vai deixar de fazer, se é uma coisa que é tão importante (Entrevista Professora Débora) [grifos meus].

> **Muitas vezes. Trouxe material de casa, trouxe material meu.** E propriamente para fazer essas campanhas para adquirir uma coisa, botei dinheiro em cima. **O próprio tempo de organização para fazer determinadas atividades. E botei sim, com certeza** (Entrevista Professor Heitor) [grifos meus].

Relatamos anteriormente que as condições de infraestrutura para as aulas de EF foi uma primeira decepção e dificuldade do professorado de EF no início da careira docente, percebemos que em muitos casos, essa dificuldade os acompanhou ao longo da carreira até o atual momento, próximo da aposentadoria. Notamos que, igualmente aos problemas relatados na formação inicial, para a falta de materiais para as aulas, que podemos considerar como estrutural na RMEPel, a solução encontrada também é individual, como a compra dos mesmos com os seus próprios rendimentos, e não coletiva, por

meio de reinvindicação aos órgãos públicos. Os espaços utilizados pelos docentes da EF nas escolas foram avaliados de forma negativa tanto no sentido da escola não possuir, como também a qualidade destas estruturas. Apenas uma das 08 escolas das escolas dos 11 docentes deste estudo tinha ginásio poliesportivo e embora duas das escolas não tenham quadras esportivas cobertas, muitas das existentes não estão em condições adequadas para as atividades desenvolvidas nas aulas de EF, principalmente em dias de chuva, frios e de calor, ou seja, as instalações não são adequadas. Constam reclamações sobre as condições das quadras esportivas, quadras sem tabelas para a prática do basquete, onde foi possível perceber o descaso com a manutenção das escolas para as aulas de EF em certas escolas.

A carência em relação à infraestrutura e materiais para as aulas de EF nas escolas públicas das redes de ensino públicas de Pelotas já foi constatado em outros estiudos, como escolas sem condições para inclusão escolar (COSTA, 2009); turmas lotadas de estudantes, diminuição de professores, precária infraestrutura, poucos materiais para aulas de EF e com péssima qualidade (BACCIN, 2010). Sobre este aspecto, Lemos (2011, p 197) é bastante significativo sobre o que pensam os docentes de EF:

> Tais reclamações advêm da pouca segurança que a escola oferece aos seus professores, alunos e funcionários, das precárias condições de trabalho quanto à infraestrutura, praticamente sem espaço físico para o professor de educação física desenvolver suas aula, o material de trabalho das escolas é muito escasso e ruim. Ainda sabemos que o professor de educação física da área escolar trabalha no sol, no frio e muitas vezes na neblina e não recebe insalubridade por conta disso.

Esses problemas de infraestrutura prejudicam o desenvolvimento das aulas, pois as escolas não possuem as condições necessárias para a realização das aulas de EF. Desta maneira, o professorado é ciente da realidade estrutural que envolvem os seus trabalhos. O que faz refletir que muitas vezes os docentes de EF têm que se adaptar a espaços que não seriam próprios para uma atividade anteriormente planejada, fazendo com que os docentes improvisem ou adaptem-se a espaços precários para as aulas de EF.

A carga horária é um importante elemento das condições de trabalho, o quadro 7 mostra o regime de trabalho na RMEPel, em outras redes de ensino e em outros trabalhos/rendas do professorado colaborador do estudo:

Quadro 7: Regime de trabalho na RMEPel, outras redes e outros.

Regime de Trabalho	Até 20h*	21h à 40h**	41h à 60h***	Acima de 60h
RMEPel	3(27,3%)	7(63,6%)	1(9,1%)	-
RMEPel e outras Redes de Ensino	2(18,2%)	5(45,5%)	3(27,3%)	1(9,1%)
RMEPel, outras Redes e Outros	1(9,1%)	3 (27,3%)	6(54,5%)	1(9,1%)

* Do professorado que atualmente trabalha até 20h na RMEPel, 01 trabalha 38h como Coordenador de academia, 01 trabalha outras 20h em outra rede de ensino e 01 está aposentada em 20h.

** Do professorado que atualmente trabalham até 40h na RMEPel, 01 possui 25h na Rede Estadual de Ensino; 01 tem 16h em na Rede Particular; 01 possui 25h na Rede Particular e trabalha com arbitragem nos finais de semana e 01 professora atua 10h como *Personal Trainner*

*** A professora que trabalha entre 41h a 60h na RMEPel, possui 30h de aposentadoria como professora

Fonte: Os autores, 2020.

De acordo com os dados do quadro 7, a maioria do professorado, 63,6%(n=7) trabalha até 40h na RMEPel, e buscam em outras redes de ensino complementação para seus turnos e salários; assim, se contabilizarmos a carga horária de outras redes de ensino concomitantes temos 45,5%(n=5) dos docentes com jornada entre 21h a 40h e 27,3% (n=3) trabalham entre 41 e 60h. Ao somarmos ainda a carga horária de outras fontes de renda ou vínculos empregatícios, temos um aumento considerável de professores que trabalham acima de 40h, passando de 9,1% (n=1)% somente na RMEPel para 54,5%(n=6) totalizando todas as fontes de renda, inclusive com um docente chegando a mais de 60h de jornada de trabalho semanal. Ou seja, 63,8% da categoria docente tem jornada de trabalho superior a 40h.

Sobre essa elevada carga horária de trabalho e a situação de multiempregos, muitos docentes relataram trabalhar em algum momento da carreira, ou ainda atualmente acima de 40h. O Professor Alex relata em sua carta, o motivo disso:

> Salários, bah é difícil falar neste assunto, para aqueles que dão a base para qualquer profissional de qualquer área, e recebem o que recebemos, **na maioria não é nem o piso da classe**, ai **desanima no final do mês**, quando temos que **ter 40, 60 hs para termos uma condição "menos pior", para podermos pagar nossas contas** (Carta Professor Alex) [grifos meus].

E aprofundou esse tema na entrevista:

> **[...] cheguei a estar trabalhando em cinco locais ao mesmo tempo [...]** Que nem te disse anteriormente eu acabei largando do futebol por causa que tu tinha que te envolver aos finais de semana, e que **muitas vezes tu não tinha horário para família, não tinha horário para os filhos.** Meu filho de 15 anos, quando ele era pequeno me cobrava muito quando eu era o coordenador da pós-graduação, porque **eu trabalhava sábado e domingo, às vezes saía 7 horas da manhã no sábado e no domingo, e voltava 7 horas da noite no domingo. [...]** Já **chegava a passar às vezes 15 dias sem**

> **ter uma folga, nem sábado e domingo.** E ele me cobrava muito isso aí. Já chegou uma hora que acabou que aqui eles fecharam o núcleo aqui, então às vezes a males que vem para bem. Claro que **tu diminui salário, diminui sua condição financeira, mas tem mais tempo para viver a família, tem mais tempo para atender os filhos** (Entrevista Professor Alex) [grifos meus].

Em relação à carga horária, com a exceção da Professora Débora: "não, graças a Deus" (Entrevista Professora Débora) e do docente Ernesto: "Não, nunca. Nunca. Eu sempre disse, "quem trabalha 60 horas não vive". Eu tinha isso na minha cabeça e falava, "não vou trabalhar", [...] 60 horas nunca trabalhei e ainda bem que não precisei" (Entrevista Professor Ernesto), os demais tem ou tiveram em algum momento da carreira que trabalhar acima de 40h seja em outras redes de ensino, seja em outras atividades relacionadas ou não com a Educação escolarizada e em muitos casos foi algo costumeiro ao longo da carreira:

> Eu estou, **eu já sou aposentada 30 horas numa matrícula, mas eu sou contratada também**, então, eu pude seguir. E agora as outras 20 eu me aposento em julho do ano que vai entrar, 2020. [...] **Trabalhei bastante tempo, 60 horas, trabalhei até à noite. Ah, normal.** porque eu trabalhava não todas as noites. Daí, quando eu dava treinamento, então, emendava, das cinco e meia às oito dava treinamento. No início dava sábado pela manhã, treinamento também. Então, não interferiu. Assim, claro, **eu ficava cansada. Cansa. Porque como eu nunca fui de ficar parada**, então, eu sempre participei com os alunos, eu jogava, ou se eu dava uma atividade, um jogo, eu estava sempre apitando jogo, eu não deixava eles sozinhos, então, eu estava sempre participando. E daí quando fazia circuito com as crianças, atividades, eu sempre brinquei com eles. Então, **claro, chega à noite, tu está cansado. Mas nada que tenha me atrapalhado** (Entrevista Professora Bianca) [grifos meus].

O Professor Cléber inclusive comenta como é sua rotina:

> **Eu começo a trabalhar 7: 30,** vou até o meio-dia, aí geralmente vou em casa, como alguma coisa, saio, 13:30 estou trabalhando, **volto de noite para casa.** [...] E tinha mais **finais de semana com arbitragem** [grifos meus].

E igualmente ao docente Alex, o Professor Cléber relata o motivo disso:

> Mas é a questão que para tu construíres alguma coisa, um patrimônio um pouco maior, uma casa, para tu ter um carro, ter uma casa um pouco melhor é **somente trabalhando mais**. E na **nossa área tem que ser assim, não sou eu, são vários professores que têm 60 horas** (Entrevista Professor Cléber) [grifos meus].

Também no caso da Professora Luiza, trabalhar 60h é/foi corriqueiro ao longo de sua carreira:

> **Quase sempre fiz 60h**. É que eu comecei a fazer o mestrado, aí com o mestrado eu trabalhei 50 horas. **E dei uma "medidinha"** aqui, diminuí mais, e agora eu já estou pensando em voltar a trabalhar 60.

> Só estou pensando se vou fazer doutorado ou não porque eu quero dar uma estudada. [...] Com certeza financeiro [...] É bem puxado, porque eu trabalho em Rio Grande e aqui (Pelotas). Então, por exemplo**, tem dias que eu trabalho aqui de manhã, meio-dia pego ônibus, vou para Rio Grande, trabalho lá, volto de noite. Sem almoço, ou almoço no ônibus, geralmente**. Então é puxado nesse sentido. E porque lá eu trabalho com projeto também, tenho projeto e tudo. Essa questão dos projetos, às vezes as pessoas acham que é mais fácil. Mas tem aquela coisa de tu ter que ir mais, de tu ter que ensaiar, de tu ter que organizar (Entrevista Professora Luiza) [grifos meus].

Em particular, no que tange a RMEPel, pesquisas apontaram a precarização das condições de trabalho nos mais diferentes aspectos, em relação à jornada de trabalho docente, temos o fato de que a maior parte do professorado de EF tem uma jornada maior que 40h semanais, seja no trabalho em escolas ou mesmo em outras atividades laborais fora do âmbito escolar, Baccin (2010) relatou que 66% do professorado tinha jornada superior a 40h; Bermudes (2010) e Lemos (2011) exporam que 80% dos docentes investigados tinham jornada superior a 40h e Andrade (2011) apontou que a média de carga horária dos docentes dessa rede de ensino era de 50h semanais.

De acordo com Andrade (2011, p. 75), “estes dados parecem refletir a situação atual da educação, onde o cenário de desvalorização profissional faz com que os professores aumentem sua carga horária de trabalho, inserindo-se em outros espaços de trabalho a fim de melhorar os seus vencimentos”. Além da desvalorização salarial, a jornada excessiva de trabalho também implica em desqualificação dos processos de ensino-aprendizagem, como por exemplo “a intensa carga horária de trabalho docente não permite uma “entrega” maior na efetivação das práticas avaliativas, ou seja, na forma de planejamento e registros pedagógicos” (BERMUDES, 2010, p. 103).

Assim, outro elemento que compõe as condições de trabalho da categoria docente é a jornada de trabalho e suas implicações no trabalho docente. A jornada de trabalho é aspecto fundamental na construção de condições de trabalho docente adequadas, salários baixos e o não pagamento do Piso levou à multiplicação da jornada de trabalho. A carga horária elevada é uma realidade já constatada na literatura referente ao trabalho docente (SINOTT, 2013; ANDRADE, 2011; LEMOS, 2011) pois para melhorarem sua remuneração, os docentes aumentam suas horas de trabalho, trabalham em

02 ou mais redes de ensino e, inclusive em outros espaços de trabalho além do escolar, fato esse que prejudica a qualidade de suas aulas por não terem o tempo necessário de prepará-las.

O artigo 37 da Constituição Federal de 1988 proíbe o acúmulo de cargo, exceto em casos específicos, entre eles o de professor. Muitas vezes, visto como uma conquista pelo professorado, esse acúmulo só se faz necessário pelos rendimentos baixos e defasados recebidos pelo professorado.

A Resolução n. 2/2009 (2009) e o Plano Nacional da Educação (PNE 2014-2024) apresentam que a jornada de trabalho deveria ser de tempo integral com 40 horas semanais, preferencialmente, numa única escola. Assim, os novos planos ou a reformulação daqueles já existentes deveriam contemplar essas proposições além de dois terços para atividades de docência e um terço para aquelas de apoio à docência conforme Lei do Piso e LDB.

Um plano de carreira efetivo e o pagamento do Piso Nacional dos professores que estão presentes em documentos oficiais também são importantes elementos da valorização da carreira docente, porém, os relatos foram de que muitos docentes consideraram que “não existe plano” (Entrevista Professor Alex) pela Prefeitura:

> **Nem tem plano de carreira**, ainda está meio assim, eles estudam, estudam. E aí quando vem uma proposta, o sindicato não aceita. Então, nunca chegam a um acordo. **Então, não tem, não existe plano de carreira** (Entrevista Professora Bianca) [grifos meus].

E outros, diante da perspectiva da prefeitura querer implementar outro plano de carreira, pior que o atual, relataram que consideram o atual não tão ruim, conforme os trechos abaixo:

> **É uma vergonha o que está acontecendo**, e isso não é de agora, mas se acentuou. **Eu estou há mais de 30 anos nisso e as discussões são quase sempre as mesmas sobre melhoria das condições de trabalho, valorização principalmente salarial, tanto é que temos um piso salarial que até hoje não é cumprido. [...] É inacreditável, isso faz mais de 10 anos, né? E é lei**. E eu recebo, mas têm vários colegas que até hoje não recebem, isso é inacreditável. [...] Eu acho que o plano de carreira é bom até. Tanto é que é uma briga desses últimos três prefeitos, pelo menos, de quererem acabar com esse plano de carreira para dizerem que pagou o piso, aí eles vão pagar o piso porque tiraram todas as vantagens, isso foi uma conquista de vários anos, de vários professores. **É triste de ver a desvalorização da educação** (Entrevista Professor Cléber) [grifos meus].

> **Poderia ser melhor, sabe**. É um plano que para época – eu até estava junto, estava no sindicato quando foi feito – para a época foi um plano bom. Eu acho que tem que ter alterações, mas o que

> acontece? Falar da Paula, dos outros que fizeram, principalmente da prefeita Paula. **Ela quer alterar para piorar.** A gente sabe que colocar o piso nesse padrão, vai ter que dar um reajuste bom. Não que a gente não mereça. Eu até entendo que o município hoje não teria. Mas eles **querem alterar, dar o piso e tirar todo o resto que a gente tem. Então quando é que tu vai fazer carreira, tua carreira? Vai ser o piso**, entende? Então não valorizam, eu acho que tem que alterar alguma coisa. Até porque a gente tem uma insegurança jurídica. O ano retrasado, 2018, foi retirado porque estava conseguindo na justiça retirar o que chamam de penduricalhos que não pode, aquele efeito cascata. [...] Aí tem uma coisa que tu recebe, um valor que tu recebe há 20 e tantos anos, e simplesmente o prefeito diz que não é. Sim, mas eles que fizeram a lei, eles que têm que saber se aquilo é legal ou não. E aí vem e retira. E simplesmente retira, não coloca nada no lugar (Entrevista Professor Ernesto) [grifos meus].

Muitos docentes relataram indignação com a intenção da Prefeitura em alterar o atual plano de carreira e instituir outro ainda mais precarizado e que retira os poucos direitos ainda existente:

> [...] Ela quer construir um outro em cima que **vai acabar com todas as vantagens, tudo o que a gente tinha conseguido no anterio**r. [...] Então, **a gente como está agora não é dos piores, mas vem bomba por aí.** [...] E que na época que o Eduardo Leite foi candidato**, ele dizia que pagava. Mas não pagava**. Aí depois o que é que acontece agora? Todo mundo está ganhando pela Justiça o piso. O que é que ela está fazendo? Ela está diminuindo o resto, tudo. Eu mesma não ganhei piso ainda, porque eu ia ganhar o piso, aí eu fui na advogada do sindicato e ela me disse assim: “Para ti é melhor ganhar o piso depois que te aposentar porque se tu ganhar agora, tu vai baixar o teu salário”, entendeu? Então, o que é que eu fiz? Eu retirei a minha, retirei lá o negócio e agora recém que eu entrei de novo na ação contra o piso. É uma loucura, isso. Para receber o piso. [...] Então, tudo **tem a hora-atividade que querem tirar, querem tirar tudo** [...] (Entrevista Professora Débora) [grifos meus].

> [...]**o plano hoje tem um padrão lá ridículo – tenho até vergonha de dizer –** se ele for implantado como padrão melhora o salário do professor, porque vão incidir as vantagens que têm os penduricalhos todos sobre o padrão que é o espírito da lei. (Entrevista Professor Fabiano) [grifos meus].

> O plano de carreira do município, ele não prevê muitas coisas que deveriam, eu acho assim, hoje tu tem, falando na especialização mesmo, **tu tendo especialização, mestrado ou doutorado, tu ganha os mesmos R$40 e pouco, R$50. Não interessa**. Então **além de não te darem carga horária para estudar**, então **qual é o incentivo que tu vai ter? É difícil**. A gurizada nova aí tá entrou em uma época de que todo estudo é importante, mas lá na minha época quando eu me formei não existiam essas coisas, era muito difícil. Então falta a gente também ter um pouco de vontade e tudo assim, então eu acho que isso tudo dificulta o plano de carreira. E em função de mudanças financeiras, eu não sei até quando querer mudar agora é benéfico ou não, não sei te dizer, mas em relação a estudo sim (Entrevista Professor Graça) [grifos meus].

> **A gente sempre criticou, mas pela maneira como estão vindo outros projetos agora, eu diria que ele até não era tão mal**. Porque se vamos perder direitos, conquistas e coisas assim [...](Entrevista Professor Heitor) [grifos meus].

> **Defasado,** precisamos adequar, as carreiras mudaram. Os direitos e deveres têm que ser adequados ao que se vive, tem que ser atualizados, e o nosso estatuto de 1993, 1998 está bem antigo. Sim, tem muitas coisas que precisam ser mudadas**. É um plano de carreira que acredito até que nunca atendeu.** Nós não temos um crescimento, **nós não conseguimos enxergar um crescimento na carreira. E quando eu digo, "não conseguimos enxergar", não falo somente no aspecto financeiro, a gente não consegue enxergar o crescimento mesmo, crescimento profissional e financeiro na carreira atual** [...](Entrevista Professora Iara) [grifos meus].

E acrescenta sobre a importância do professorado dedicar tempo à analise e ao conhecimento do plano de carreira da categoria:

> [..] **colegas não se apropriam dos temas que dizem respeito à sua formação continuada, ao seu plano de carreira, ao seu crescimento profissional,** como ainda nós professores não conhecemos o que nós precisaríamos conhecer para discutir e exigir. [...] **Mas usar aquele tempo então para ler, ler a legislação que diz respeito à tua atuação profissional e a tua carreira, os teus direitos, não demonstram o mesmo interesse**. São temas que por vezes as pessoas não gostam, pode dizer que são temas pesados, espinhosos, mas todos nós temos formação. Então eu acho que é uma questão de interesse mesmo, de vou lá, "vou ler, o que eu não entender eu vou me reunir com alguém para pedir explicação". Eu acho que o fundamental é o interesse. [...] **É muito... ou o sindicato vai brigar por mim, ou vai ter um plano e eu não vou ler**, não vou entender e vou ser contra porque senão vai dar... o que eu achava que precisava dar, que não é só o aspecto financeiro, reforço, o aspecto financeiro sim é fundamental, mas ele não pode ser o único que a gente venha a discutir, e eu acho que é interesse. Nós disponibilizávamos o material para o pessoal estudar, trazemos palestrantes. Eles não conhecem lá o básico. [...] Então falta ainda essa conscientização (Entrevista Professora Iara) [grifos meus].

> Cara, existe assim, esse plano de carreira, que existe um plano mais antigo que nem o governo estadual está querendo não deixar o Eduardo mexer no plano. plano de carreira eu te digo, é o mesmo que o Eduardo quer aplicar no Estado, **é o mesmo que a Paula prefeita aqui quis colocar para nós, quer botar goela abaixo em nós, para tirar um monte de coisa, os penduricalhos que eles chamam, que são as vantagens, as coisas que tu incorporou na carreira. Falar que vai pagar o piso, e daí o piso vai passar a ser o topo da carreira,** vai ser o piso, **o salário deveria partir do piso**. Isso aí é o mesmo, porque ela foi lá, convocou todos o pessoal das escolas, todos os funcionários do município no Guarani, e **ela explicou e foi vaiada lá, plano esse que só prejudica a categoria.** [...]**é só para prejudicar já o coitado do professor que ganha uma merreca** [...] (Entrevista Professor João) [grifos meus].

> **Horrível, péssimo**. Não sei se tu quer que entre em detalhes, mas é um plano de carreira **bem ruim e querem mudar para pior ainda**. É bem isso (Entrevista Professora Luiza) [grifos meus].

Foi bastante visível nas cartas e nas entrevistas a indignação e revolta do professorado de EF da RMEPel nos quesitos plano de carreira e Piso Nacional do Magistério. Em relação à remuneração, embora há dez anos o governo tenha estabelecido um piso nacional para professores, os salários do magistério continuam baixos e defasados, e além disso, o atual (des)governo quer para 2021 vincular o reajuste do piso salarial dos professores da educação básica à inflação, essa decisão eliminará um possível ganho real previsto na lei atual.

Podemos considerar então que as condições de trabalho, remuneração e carreira do professorado não correspondem à formação exigida e muito menos às responsabilidades sociais implicadas em seu trabalho (GATTI; BARRETO, 2009). E, enquanto o valor do piso salarial do magistério, que não é cumprido na maioria dos estados e municípios brasileiros que é de R$ 2.557,74 (para jornada de 40h), o salário mínimo "necessário", de acordo com o Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (DIEESE) deveria ser em outubro de 2020 de R$ 5.005,91, sendo que em janeiro esse valor era de R$ 4.347,61, dado que mostra que o atual (des)governo apenas agravou a situação da classe trabalhadora.

A Professora Débora e o Professor Heitor comparam o Plano de Carreira de Pelotas com o de outras cidades:

> Então, em geral é só ir olhar as cidadezinhas por perto está um pouco melhor, mas também já diminuiu bastante do que era. Eu me lembro, quando eu ingressei em Pelotas a gente teve o concurso de Capão do Leão e era mil vezes melhor, tinha até 14º, tinha um monte de coisas. Hoje em dia já não é assim também. Rio Grande também era uma maravilha, eu tenho colegas que estão no Rio Grande também. Que ganham o piso. Mas agora eles já têm que ficar mais tempo lá na escola do que era antes, entendeu? Tem muita gente, eu tenho duas colegas que se aposentaram com 25 anos em Rio Grande. Hoje em dia elas teriam que ir mais dias da semana por 20h. Então, quer dizer que **está ficando difícil para todos, assim também** (Entrevista Professora Débora) [grifos meus].

> [...] e também eu falo um pouco leigamente porque nunca tive muito tempo para ver outros planos de carreira, de outras prefeituras, de outros municípios e fazer quadros comparativos. Mas sendo crítico aqui nesse sentido e ouvindo colegas de cidades circunvizinhas, eu entendo que **eles têm muito mais conquistas, outros valores salariais, comparativamente a nós, que nós estamos um pouco aquém na nossa cidade, comparativamente a alguns municípios.** Mas não sei a fundo também o que o plano de carreira em si te favorece no final (Entrevista Professor Heitor) [grifos meus].

Ao analisar os planos de carreira de 12 estados e das capitais em relação à jornada de trabalho e a suas características, Gutierrez et al. (2013) verificaram uma realidade distante da previsão legal, especialmente no que tange à jornada de tempo integral de 40h, pois nenhuma apresentou essa jornada em seus planos de carreia. Nem se cumpria o previsto na Lei do Piso ou da exigência de 1/3 da jornada de trabalho destinada às atividades de apoio à docência.

A reflexão sobre o significado e consequências de um plano de carreira desvalorizado e do acúmulo de cargo que permita que o professor possa trabalhar 60 h, por exemplo, implica numa jornada diária de 12 horas, cinco dias por semana, e 15 turmas diárias de diferentes níveis, o que implicaria maior possibilidade de adoecimento do professor e um exercício docente aquém do potencial deste profissional da educação. Tudo isso faz com que a profissão docente e hoje considerada uma das mais estressantes, uma profissão de risco, segundo a Organização Internacional do Trabalho (OIT).

Os fatores como jornada extensa de trabalho, baixa remuneração, situação de mutiempregos agentes desencadeadores a desvalorização, junto com outros presentes no trabalho docente coma a violência; a indisciplina, promovem o o mal-estar docente (ESTEVE, 2009) e crise de identidade em que o professor passa a se questionar sobre a sua escolha profissional e o próprio sentido da profissão, provocando inclusive o desencantamento com o seu trabalho realizado.

Diante dessa realidade, estudos revelam que muitos docentes são acometidos pela Síndrome de Burnout (SINOTT, 2013; VALÉRIO; AMORIM; MOSER, 2009, SANTINI; MOLINA NETO, 2004). É importante ressaltar que as dimensões que identificam a Síndrome de Burnout − exaustão emocional, despersonalização e realização profissional − são geradas também a partir da insatisfação dos docentes em relação a sua profissão e do descompasso entre as expectativas profissionais, as possibilidades de transformação da educação e a impossibilidade de alcançá-las.

Assim, se de um lado temos uma grande responsabilização do professorado pela qualidade do ensino em si, de outro lado, temos uma desvalorização política e social nos mais diferentes aspectos.

Grochoska (2015) relata que a organização do Estado Português, que tem uma organização unitária, promove alguns aspectos referentes à valorização da carreira docente como uma carreira única para professores e professoras, independente da rede de ensino, do nível em que se ministram aulas e da esfera, no Brasil com uma estrutura de forma federativa, o salário do professorado da Educação Básica, de redes municipais e estaduais são muito inferiores aos que pertencem, por exemplo, na carreira do magistério superior ou EBBT, independente da titulação.

Nas cartas e nas falas do professorado identificamos outras dificuldades ao longo da carreira docente além da infraestrutura e que interferem na organização de seus trabalhos pedagógicos:

> Na falta de alguma colega ou algumas, é você que acumulará serviço, ou **seja lhe repassarão os alunos que estão sem professor, indo por terra toda aquela aula que você preparou com tanto carinho**, e você simplesmente os deixará brincando, cuidando para que não de brigas entre eles. Se as turmas forem pequenas, ai poderá dar a sua aula, ainda que sejam de níveis diferentes, mas assim **os menores se sentirão bastante importantes por estarem participando da aula com os "grandes"**. [...] que fique bem claro, os maiores, **os pequenos aceitarão os seus circuitos, as suas brincadeiras, os seus joguinhos**, e participe com eles, para que eles gostem de você e demonstre aquilo que você quer que eles façam. Deixar eles somente jogando, principalmente futebol, não será uma bola, existem outros esportes outras atividades, e **EDUCAÇÃO FÍSICA, não é somente futebol.** [...] **Os alunos quase sempre gostam da disciplina, se você der aulas, e não deixar eles simplesmente com uma bola, eles se tornarão seus amigos na maiori**a, lembrando de você muitos anos depois, mesmo que não se lembre mais do seu nome.. (Carta Professor Alex) [grifos meus].

Notamos nas falas que os objetivos da EF não são somente específicos da EF, mas em afinidade com os objetivos da Educação escolarizada em geral:

> Além do basquete. Sempre dei aula de Educação Física, acreditava no que ensinava, me realizava e meus alunos aprendiam todas as modalidades. Todos participavam da aula, **pois não era apenas jogo.** Era **aprendizagem, diversão, saúde, esporte, amizade, coleguismo, espírito desportivo, dentre outros.** Observava quando pegava uma turma nova, que muitos não gostavam da Educação Física, porque seus professores apenas largavam uma bola, e não participavam porque não sabiam jogar, muito menos regras... aos poucos ia mostrando a eles que era muito divertido, que tinha outro lado, **que tínhamos objetivos**, apresentava as regras, que se aprendessem o desporto, ou se participassem das atividades iriam gostar e participar com interesse. **Que a Educação Física adapta e incorpora o aluno no saber corporal de movimento, sua função é formar o cidadão, qualificando-o para desfrutar os jogos, os esportes, as danças, as lutas, as ginásticas e práticas de aptidão física, em proveito do exercício crítico dos direitos e deveres do**

> **cidadão para a benfeitoria da qualidade de vida humana.** Mas é gratificante conviver com os alunos nos espaços, **é uma relação diferente dos demais professores, é corpo a corpo, é um carinho todo especial, uma relação que permanece**, principalmente se estivermos diretamente no esporte (Carta Professora Bianca) [grifos meus].

Foi citada uma maior aproximação entre alunado e professorado de EF em relação às demais disciplinas:

> [..] **a maioria dos alunos amam.** Ver a felicidade deles, o prazer em realizar as atividades não tem preço. Penso que ser de Matemática e Português é bem mais difícil de conquistar... (Carta Professora Débora) [grifos meus].

> [...] somos bem próximos, a gente tem uma intimidade diferente, eu acho, sempre vi assim, a gente tinha muitos jovens, tinha atividades com eles assim, a gente via que eles estavam muito próximos da gente, sempre junto, é uma relação diferente. Bem diferente. [...] Na escola eu acho que a Educação Física tem que **ser para agregar. Para fazer com que haja respeito, através das regras das atividades que a gente proporciona para eles, começar a trabalhar esses jovens para a vida deles**. Eu acho que isso é muito importante e a relação entre eles. (Entrevista Professora Bianca) [grifos meus].

> Dar aula para as turmas do pré-escolar ao 9° ano, todos os dias, passa ano e entra ano e ainda assim ser bem quisto e visto, **digo que é uma "arte".** Arte de criatividade, de interação, de paciência e da imaginação. **Aceite isso como um desafio para a jornada**. Ajudar a formar um ser, acompanhar os estágios da vida dele, **ser um "modelo inspirador"** (anexo 1), contribuir para a construção de uma visão de mundo real para com o educando são situações de uma enorme responsabilidade e de uma realização de vida ímpar. Apesar de todos esses percalços citados, trago comigo situações, conquistas, frutos, alegrias e retornos incontáveis de satisfação e realização. Ter deixado um legado de vida, de amor, de perseverança, de qualidade, de prazer com o que faço, de mostrar que precisamos de pouco para ser feliz, um legado de caráter, de valorização do ser, sem falar de conquistas de ordem motora, coordenativa, socializadora, competitiva, lúdica, das medalhas e das aprendizagens nas derrotas. Saber que por minha influência positiva meu ex-aluno (Carta Professor Heitor) [grifos meus].

> [...] várias situações em que tive a chance de entender na prática que todo o dia se aprende e que toda pessoa tem algo a ensinar, não foram poucas vezes que crianças na mais tenra idade me mostraram formas diferentes e melhores de fazer o que eu acreditava ser o correto e a forma mais fácil do que vários autores preconizavam como certo. **Com o passar dos anos e com a experiência deixei de ter tantas certezas, percebi que tinha que continuar sempre aprendendo e tentando inovar minha prática** (Carta Professor Cléber) [grifos meus].

Apesar das dificuldades, tentam mostrar a importância da EF para a vida do alunado bem como falam das especificidades de trabalhar com anos iniciais e com anos finais do Ensino Fundamental foram evidenciadas nos relatos:

> Barganhas e acordos feitos diariamente, com o intuito de levar uma turma de jovens a praticarem algum tempo de atividade física ordenada e organizada, visando qualidade de vida e disciplina. Custou, mas passaram por mim turmas que gostavam das aulas mesmo quando não eram “tema livre”, o que invariavelmente significava futebol para os meninos e qualquer atividade que fosse trocada a cada 5 minutos pelas meninas. Depois, ao perceber que **nenhum dos colegas tinha interesse em assumir as turmas de pré-escola,** que passariam a ter aulas de Educação Física, passei para os pequenos. Ah, esses viviam querendo colo, qualquer queda era uma chuva de lágrimas e sempre tinham longas histórias para contar. Mas eram aulas felizes: topavam qualquer atividade, brincavam sem distinguir gênero e sempre era uma festa quando eu aparecia na porta da sala. Brincava com eles as brincadeiras da minha infância, que quase nenhum conhecia e que todos adoravam. Fazia pesquisas com os pais e avós sobre brinquedos e brincadeiras de antigamente, nem tanto tempo assim, quando todos brincavam na rua. E todos adoravam! Cada montagem de circuito era como preparar uma festa para vinte aniversariantes: ficavam todos de olho, querendo descobrir o que apareceria, queriam ajudar a arrumar e, principalmente, queriam participar! Pular, cair no chão, correr, mexer o corpo sem reprimendas e sem gritos para ficarem quietos. (Carta Professora Iara) [grifos meus].

> **[...] eles demandam um investimento emocional e profissional, no sentido que tu tem que planejar mais, tu tem que ter mais atividades, tu tem que ser mais flexível com as atividades que tu planejou,** porque com os alunos, se tu determinou que vamos trabalhar as regras do voleibol, tu vai trabalhar as regras do voleibol, com as crianças pequenas tu pode dizer que tu vai fazer tal coisa, e se eles empacam, eles empacam, não tem o que te mova, então eu acredito que é por isso, eles são mais agitados, **mas barulhentos, mas eles não tem o corpo disciplinado, como muita gente gosta,** então era sempre uma surpresa, cada aula com uma criança pequena, principalmente os de quatro anos. Na minha escola tinha o pré-nível A já, crianças de quatro anos [...] (Entrevista Professora Iara) [grifos meus].

E mais uma vez a falta de condições e infraestrutura para as aulas de EF é retomada pelos docentes:

> [...] não é fácil convencê-los que atividade física tem sua importância para sua saúde e seu desenvolvimento como pessoa na parte afetiva , relacionamento, integração, todos nos professores sabemos disso**. Quando nos formamos queremos aplicar todo o conhecimento adquirido na graduação mas a realidade não é nada daquilo que pensávamos** então temos que nos adaptar a realidade a qual encontramos nas escolas (Carta Professor João) [grifos meus].

> **[...] O trabalho com a educação infantil (prés) é muito gratificante e ao mesmo tempo cansativo além de exigir muita paciência e afetividade com os alunos** (Carta Professora Luiza) [grifos meus].

E as questões de gênero nas aulas de EF também foram citadas:

> No início de minha carreira profissional surgiram muitos questionamentos, já em meu **estágio enfrentei muitas dificuldades por não conseguir proporcionar a educação física que eu desejava**, os alunos não aceitavam novas práticas, as meninas e

> meninos eram separados, somente faziam o que desejavam, o professor fazia o que era mais prático e fácil (que ao meu ver não era dar aula e simplesmente jogar a bola ou o material que os alunos queriam) o que me causou certa decepção.Me formei e comecei a trabalhar como contrato emergencial na escola em que estudei. Lá tive muitas dificuldades peguei turmas de meninos de 7º anos (turma de meninos) as turmas eram separadas. Um detalhe: **meu tcc foi sobre a questão de gênero nas aulas de educação física...(onde eu defendia a união de todos nas aulas)**. Outra dificuladade que tive foi com relação as aulas que os meninos tinham e a resistência a minha forma de trabalhar (na realidade o conteúdo que eu trazia), os alunos estavam acostumados a jogar futebol em todas as aula, apesar de gostarem muito de mim, tinham uma de resistência enorme a novas atividades, ou seja, a qualquer atividade que não fosse o futebol. Muitos enfrentamentos, muitos "boicotes" de aulas, muita conversa com os meninos... aos poucos e com muita paciência, com muitas aula dando "errado " em minha concepção fui pegando o "jeito" de lidar com eles (Carta Professora Luiza) [grifos meus].

Outro aspecto fundamental para a qualidade do trabalho docente diz respeito à Formação Continuada e aos planos de carreira do professorado, mesmo que alguns planos de carreira, que não é o caso na RMEPel, contemplem licença com remuneração para atividades de formação continuada, há uma série de condicionantes para a liberação do professor(a) para a realização de curso de pós-graduação stricto sensu, por exemplo.

O quadro abaixo informa a titulação dos docentes colaboradores do estudo:

Quadro 8: Dados da titulação .

N	Docente	Titulação (Qte)	Descrição
1	Alex	Especialização (3)	Especialização em Futebol Especialização em Treinamento Esportivo Especialização em Gestão Esportiva
2	Bianca	Especialização (2)	Especialização em Informática Educativa Especialização em Déficit congitivo e surdez
3	Cléber	Especialização (1)	Especialização em Educação Física Escolar
4	Débora	Especialização (2)	Especialização em Educação Física anos Iniciais Educação de Surdos- déficit cognitivo
5	Ernesto	Especialização (1)	Especialização em Gestão Escolar
6	Fabiano	Especialização (1)	Especialização em Educação
7	Graça	Especialização (2)	Especialização em Educação Especial Especialização em Mídias na Educação
8	Heitor	Graduação	-
9	Iara	Especialização (1)	Especialização em Gestão Escolar
10	João	Especialização (1)	Especialização em Ginástica Escolar
11	Luiza	Especialização (1) e Mestrado	Especialização em Educação Física Escolar; Mestrado em Educação Física

*Professor Alex cursa mestrado em Educação Física, Professora Iara formou depois em Direito.
Fonte: Os autores, 2020.

Apenas o Professor Heitor não realizou pós-graduação, segundo ele pelo fato da necessidade de ter que trabalhar ao sair da faculdade, de constituir família e da elevada carga horária do trabalho, além de exercer outra atividade paralela:

> [...] **eu não fiz pós**, eu não busquei uma formação melhor e isso talvez me inibiu ou me impediu de passar num concurso do tipo IFSul, ou ir mais adiante numa área, numa faculdade, coisa assim. Então sem esses títulos. **Eu tive que trabalhar.** [...] **Mas eu acho que a necessidade de ter que trabalhar quando eu me formei e de não poder mais canalizar tempo numa formação, e depois casar e filho, a circunstância da vida fez com que não desse muito para parar, mas não que não pudesse.** Eu acho que chegou num ponto que eu meio que parei assim e digo, "não, tá. É isso aí, vamos em frente". Poderia e eu entendo que deveria, se eu fosse ser crítico comigo mesmo, querer ser mais, desenvolver mais, buscar outros conhecimentos. Seria só ganho para a minha vida. Então eu digo. É isso**.** (Entrevista Professor Heitor) [grifos meus].

Além dessas dificuldades, cursar eventos e cursos de FC pode ser um problema diante dos colegas e direção, pois a SMED não proporciona substituição:

> Antigamente a gente conseguia mais, a gente tinha mais alternativas de sair para estudo, embora **a gente não tenha no nosso plano de carreira nenhum aviso de que possa ser liberado para um mestrado, liberado para um doutorado, não, nenhuma forma,** mas eu acho que a gente ainda conseguia reuniões, cursos, hoje em dia está muito difícil, porque não tem como suprir, as escolas não tem como suprir aquelas nossas faltas [...] (Entrevista Professora Graça) [grifos meus].

> E **pensar vem estudar para melhorar**, muitas vezes **não é bem visto onde trabalhamos,** pois, implicará em alguma ausência nossa, ou troca de horários a cada ano, ou ainda a cada semestre !! Nos avisarem de reuniões na secretaria de educação, é difícil, pois, criaremos lacunas no horário da escola naquele dia, uma capacitação? **Só se for na nossa folga, ou nos finais de semana, ou EAD...** (Carta Professor Alex) [grifos meus].

A única possibilidade é cursar trabalhando ou pedir redução de carga horária e consequente redução do salário, que já é pouco, por isso tentam do modo que dá se organizar:

> [...] A única coisa que a prefeitura, ao menos orientado pela coordenadora do município da educação física, o município que se eu **pedir uma redução de cargo, ela reduz o salário. Infringe no salário**. Isso hoje em dia **a gente já recebe pouco, tu diminui teu salário. Então eu continuo trabalhando 58 horas semanais, e estou fazendo,** fiz as outras especializações, estou fazendo mestrado do jeito que dá. **Acho que não era a maneira que eu gostaria de fazer. Mas é o jeito, que nem se diz, que o sistema oferece.** [...] **Mas é o que dá para fazer** (Entrevista Professor Alex) [grifos meus].

Também, formações continuadas, em áreas não específicas da EF, serviram e agregam em suas aulas:

> [...] eu trabalhava muito com computador, **eu fui convidada para trabalhar com alunos cegos e surdos. Mas** eu não conhecia nada, nem tinha ideia como é que se trabalhava com eles. E daí eu fui fazer, como o que tinha aqui em Pelotas na época que era **informática educativa,** e aí, eu fiz esse curso já para poder trabalhar com eles no Braille. E aí em seguida eu fiz esse de surdez, que eu fui convidada também para fazer esse curso e eu achei interessante me especializar (Entrevista Professora Bianca) [grifos meus].

> Porque eu sempre gostei dessa área, sempre gostei e até nas minhas aulas de educação física **eu sempre trabalhei muito ligando uma coisa a outra, por exemplo, dia de chuva eu trazia Xbox, trazia Wii, jogava na plataforma, fazia muitas coisas de trabalho audiovisual** com eles, sempre gostei dessa parte de educação, e aí eu resolvi fazer e a FURG ofereceu e eu achei interessante e resolvi fazer (Entrevista Professora Graça) [grifos meus].

Em suas cartas, relataram ainda a importância da realização de uma pós- graduação:

> [...] **há poucos anos ingressei em uma nova especialização, quase no fim da carreira, me serviu para arejar minhas ideias e minhas aulas voltaram a ter um vigor que espero que consigas levar para a escola que fores, entrando com bastante entusiasmo e buscando sempre ser melhor do que fostes na aula anterior**, dificuldades virão de várias frentes, problemas com estrutura física em escolas públicas, salários que não valorizam nossa profissão, colegas que se renderam por vários motivos e não honram a profissão, alunos com problemas que nunca pensamos ser possível, pais ou responsáveis esperando que façamos a parte deles e muitas situações que te farão pensar se vale o sacrifício (Carta Professor Cléber) [grifos meus].

> Para **vencer as situações de angústias, frustrações** durante a docência na minha prática **procurei ler, fiz uma especialização sobre corporeidade**, ai **comecei a entender melhor e não me sentir culpado dos problemas com os alunos** que não é fácil convencê-los que atividade física tem sua importância para sua saúde e seu desenvolvimento como pessoa na parte afetiva , relacionamento, integração, todos nos professores sabemos disso (Carta Professor João) [grifos meus].

Para o Professor João, hoje há mais opções para prosseguimento dos estudos em nível de pós-graduação em relação ao seu tempo de formado:

> E a gente, nessa realidade eu acho que eu não tinha aquela ambição. Mas é um direito de todo mundo. **Não tinha essa facilidade que vocês têm hoje de "olha, vou me formar, em seguida vou fazer uma especialização e fazer mestrado", não tinha isso, não ofereciam tanto isso.** Aqueles que lutavam, que batalhavam por isso aí. Como foi o caso de um cara que foi meu colega. Penso eu que hoje tem, o rapaz que quer, do aluno que quer estudar e quer seguir. Até ser professor da ESEF, essa coisa toda. Na época não tínhamos uma leitura e um conhecimento. Quem tinha ainda na época, quem poderia ter eram os professores que estavam ali. E assim mesmo os

> caras tinham que buscar. Que **não tinha essas opções como tem hoje de seguir estudando** (Entrevista Professor João) [grifos meus].

Bem como aspectos pessoais e profissioonais do porquê que não seguiu pós-graduação em nível de mestrado:

> Só que isso faz com que a gente, Ivan como eu não segui, só fiz a especialização, não pude fazer, porque eu sinto isso**. Não pude fazer o mestrado, porque tive filho, não por isso, mas que está te acomodando. E tu tem que trabalhar 40 horas, e aí você não ganha o necessário para sobreviver** (Entrevista Professor João) [grifos meus].

E acrescenta ainda a importância que teve a realização de uma pós-graduação em sua carreira

> [...] E aí **quando eu fiz uma especialização, eu comecei a ver a ler, entender o porquê de algumas coisas**. E foi bom na época quando eu fiz, que foi sobre corporeidade [...] **comecei a entender por que algumas coisas assim não aconteciam.** [...] Mas **foi bom para eu entender, o que eu quero te dizer é tu não te sentir culpado no teu trabalho, fora tu não ter condições, mas por uma outra série de coisas que faz com que não aconteça, não vai acontecer.** Não, não é não. Não é o culpado (o professor). É o sistema, o sistema todo. Porque a escola (a estrutura), ela impede uma série de coisas, não só na minha. (Entrevista Professor João) [grifos meus].

Bem como de fazer com que o alunado perceba a importância do professorado se atualizar com vistas a melhorar seu trabalho pedagógico:

> **A importância de estudar e se comprometer com o nosso crescimento para assim também direcionar isso para nosso aluno**, **é importante mostrar para o aluno que o professor também precisa se reciclar** e estar sempre estudando e buscando o crescimento (Carta Professora Luiza) [grifos meus].

A qualificação do professor na formação continuada é extremamente necessária. Mas é preciso, também, que essa qualificação melhore sua organização de seu trabalho pedagógico. Assim, ao tratarmos de formação e desenvolvimento profissional docente, deve-se levar em conta, também, o desenvolvimento discente, pois “não há docência sem discência” (FREIRE, 1996).

Embora também a LDB em seu artigo 67, ressalte que os sistemas de ensino devem promover a valorização dos profissionais da educação, entre os seguintes pontos a analisar, temos que o “aperfeiçoamento profissional continuado, inclusive com licenciamento periódico remunerado para esse fim” (inciso II). Este inciso não é atendido pelos órgãos pois, devido a elevada carga horária dos professores(as), os mesmos não têm como suas aulas serem

redistribuídas com entre os demais colegas. Nem mesmo o licenciamento não remunerado é conseguido pelos docentes, e dessa forma terem liberação total para poderem cursar cursos de pós- graduação e então voltarem as suas atividades, pois não há a possibilidade da contratação de professores temporários para os substituírem durante afastamentos para capacitação. Esses condicionantes têm servido, muitas vezes, para as secretarias de educação negarem os pedidos, recaindo sobre o professor a difícil tarefa de continuar os estudos sem afastamento das atividades profissionais.

Em relação à Formação Continuada, pesquisas produzidas tendo como lócus a respectiva rede de ensino apontaram, de maneira geral, a carência de ações de formação continuada para o professorado da rede pública de ensino (OST, 2012; BERMUDES, 2010; COSTA, 2009). Ressalta-se ainda que não há estímulo e oportunidades para formação continuada na RMEPel (BACCIN, 2010; ANDRADE, 2011) sendo que a realização de ações são manifestações sinuosas dependente da gestão municipal (OST, 2012) e há uma dificuldade de realizar atividade de formação continuada por parte do professorado por conta dos baixos salários e falta de tempo decorrente da excessiva jornada de trabalho (BOTH, 2009).

Essa contextualização nos faz pensar conforme Hypólito (1999), que a profissionalização docente tem sido discurso recorrente nas agendas de governo, mas tal fato não necessariamente tem significado avanços e melhorias nas condições de trabalho do professor, pois desde a Constituição Federal de 1988, passando pela LDB de 1996 e pelo PNE atual e FNDE, a elaboração e implantação de planos de carreira e do Piso nacional do magistério tenham sido mencionados, mas o que se tem visto muitas vezes é que os prazos, suas determinações têm sido descumpridos ou muitas vezes não existem.

A organização de sues trabalhos ao longo da carreira docente também tiveram diferentes influências:

> Eu acho que há fases. Eu acho que em seguida **quando eu iniciei, eu acho que muito influenciado pelo o que eu tinha, recebido como formação da graduação.** Mas depois com a primeira pós-graduação, com a experiência que a gente vai adquirindo, com os cursos que vai se fazendo, com as trocas de expectativas com os colegas. Então eu acho que isso tudo começa a influenciar no seu dia a dia, a gente vai mudando um pouquinho e com a experiência também**. Hoje em dia, muito da experiência do que eu fiz e não**

> **deu certo, do que eu fiz e deu certo, muito eu me baseio em cima disso aí** (Entrevista Professor Alex) [grifos meus].

Mesmo com a influência de ter sido atleta, a Professora Bianca ressalta a diferença em ser atleta e ser professora:

> **Acho que tudo misturado, acho que a prática, a minha experiência como atleta,** a minha mãe também era atleta. Então, o meu meio sempre foi na prática, na verdade. Então, **o que mudou para mim foi aprender a dar aula, que é bem diferente tu ser atleta e ser professora.** Isso foi uma coisa que até comentei acho que na carta que **a escolha foi porque eu era atleta**. Mas uma coisa que a gente tem que pensar sempre quando escolhe o curso de Educação Física, é que não é para ser atleta, né? Sempre quando as pessoas me perguntam: "Ah, é bom o curso?", eu digo: "**É ótimo. Mas tu quer ser professor? Tu quer ficar na rua dando aula? Tu quer fazer?",** essas coisas que a gente passa pelo tempo, na época que eu dava aula na rua não me incomodava, hoje não trabalho porque eu estou na vice- direção. Então **eu acho que tem que ter bem claro assim, quer? Quer dar aula? Quer ser professor? Vai gostar de ser professor? Eu acho que isso é importante** (Entrevista Professora Bianca) [grifos meus].

A influência de ex professores(as) de suas épocas de escola como os docentes que tiveram na graduação:

> Certamente alguma coisa, alguma coisa, não, **muita coisa que eu vi na faculdade influenciou, mas eu acho que a postura de alguns que vieram a ser meus colegas,** que foram meus professores ou próprios colegas**, tu vai pegando o jeito que um trata o aluno, como vê a educação física, os objetivos que se tem** com aquela disciplina. **Eu tenho alguns professores que foram meus ou colegas que foram muito importantes para a minha formação, certamente** (Entrevista Professor Cléber) [grifos meus].

> [...]E assim, quem **influenciou mais é que eu fazia tudo que era curso, na época que eu estava na ESEF. Me enfiava em tudo que era curso, fazia tudo que era curso e sempre para o lado da recreação, que eu gostava bastante de psicomotricidade. [...] eu fiz 2 anos lá no São José magistério, os 2 anos que eu aprendi com ela aprendi muito mais, alguns professores que tem na ESEF [...]** (Entrevista Professora Débora) [grifos meus].

> **Eu acho que é um pouco de tudo. Algumas coisas que eu gosto.** Eu trabalhei com crianças, até o ano passado, **do pré ao nono ano**. Então **por mais que tu goste ou que tu tenha formação, que fosse atleta de futebol, do atletismo, basquete qualquer. Quando tu vai trabalhar com crianças de pré, primeiro, segundo, terceiro ano, tu não vai trabalhar essas coisas específicas**. [...] Que o professor tenha os conteúdos, tu tenha a proposta de trabalho que ela também é regida por um documento, **não pode simplesmente tirar da tua cabeça.** Gosto muito do futebol, do vôlei, atletismo, procurei trabalhar as coisas da minha formação, coisas que me influenciaram lá quando eu era aluno, eu acho que de tudo um pouco. Queria que trabalhasse em todas as coisas. Até para tu não deixar o aluno prejudicado, "olha, eu gosto de futebol, só trabalho futebol", e por mais que a gente gosta, país do futebol, mesmo estando em queda agora nosso futebol**, tu não pode trabalhar só uma coisa. Professor de**

> **matemática gosta de fração, vai trabalhar só fração? Não** (Entrevista Professor Ernesto) [grifos meus].
>
> **Eu acho que um pouquinho de tudo**. Eu acho que em determinados momentos assim, na... nas aulas, eu vejo que a **minha experiência como atleta foi legal e eu trago para a sala de aula, por exemplo, eu vou ensinar fundamentos, parte técnica,** mesmo, fundamentos de alguns esportes mais no ensino médio aí, a gente vai trabalhar isso, eu vejo que o meu período como atleta ajuda muito. Então, eu consigo demonstrar, eu consigo jogar junto, eu consigo corrigir. E em outros momentos eu acho que é **a questão do tempo de aprendizado aqui com relação às pessoas, tempo por exemplo, e também eu sinto ainda até hoje a influência de alguns professores do tempo de faculdade, para não dizer que a faculdade... não, algumas aulas minhas têm muito a ve**r. Eu lembro do professor me dizendo alguma coisa lá, então, referente a alguma coisa que eu vou trabalhar. Daí eu **fiz pós-graduação em educação, acho que também isso ajudou muito também porque aí a gente refletiu muito sobre outras... outras questões que não técnicas, mas mais pedagógicas mesmo, em questão de psicologia da educação,** é importante também de a gente conhecer um pouco mais do aluno. Acho que tudo tem influência e um pouco mais de treinamento, um pouco menos no outro. Então, isso vai... nunca... nunca para isso, **as influências são diversas** (Entrevista Professor Fabiano) [grifos meus].
>
> Com certeza **no inicio eu vi os meus professores de educação física da minha escola dando aula e eu tentava passar para os meus alunos aquilo que eu queria de positivo neles**, com certeza foi dessa forma. **Hoje a gente já pega tudo que a gente teve de experiência,** faz um aglomerado das coisas para fazer o seu dia a dia, acho que hoje **é uma junção de tudo** (Entrevista Professora Graça) [grifos meus].

O Professor Heitor e outros, relatam como buscaram, ao longo da carreira organizar seus trabalhos pedagógicos:

> **Eu acho que cada um tem mais ou menos um estilo, um jeito de ser. Claro que tu pega um pouquinho de cada, tu lembra daquele professor que te inspirou, que foi uma influência na faculdade,** tu diz, “não, eu acho que esse estilo eu devo adotar”. Aquela coisa, talvez, do cara que interagia mais, socializava mais e que tu gostava mais. Também tinha aquele cara que era durão e no qual tu respeitava, e ao mesmo tempo tu sabia, “não, o cara é competente”. Então tu sabia mesclar, ser firme, ter convicções e ao mesmo tempo saber ceder. **Mas muito, muito das minhas aulas, eu sentava em casa, até pegava alguma bibliografia específica, eu olhava e dizia, “está muito simples, está muito elementar”, “isso aqui eu não vou conquistar, isso aqui eu acho que não contempla”**. Então eu adaptava, eu criava alguma coisa em cima, ou **eu mesmo fui elaborando questões específicas, tipo aqui nunca ninguém me disse, “faz isso”.** [...] E se tu tens materiais do tipo perna de pau**, aquele cara não é bom no desporto, ele vai se sentir massacrado, ridicularizado. Então deixa o cara andar de perna de pau, ele está fazendo uma atividade. Eu estou dando um exemplo.** [...] Então eu tentei sempre fazer com que tivesse muito mais opções do que aquela específica daquele dia. Então enquanto um está fazendo uma coisa, o outro está fazendo outra. Não gosta de nenhum jogo, mas gosta de caminhar? Então eu fazia um caminho, uma trilha no espaço físico que a gente tinha com os cones,

> determinava. Durante tal, tanto tempo. Então eu dava a possibilidade. Mas essas são questões que eu fui criando, fui estabelecendo no andar da caminhada. **Eu acho que assim eu consigo contemplar muito mais a participação efetiva de todos** (Entrevista Professor Heitor) [grifos meus].
>
> **A experiência, com certeza, com certeza é no fazer diário que tu vai moldando, porque tu começa a ver o que dá certo, o que desperta o interesse**, o que tu precisa que eles tragam de casa. [...] **É o fazer diário, é a experiência, é a construção** (Entrevista Professora Iara) [grifos meus].
>
> **Eu acho que de tudo um pouco**. Mas, por exemplo, eu vou te dar um exemplo. **Eu sou professora de dança, não trabalho muito com dança nas minhas aulas**. Então de certa forma a dança ajuda. Agora, por exemplo**, vou dar aula de ginástica também, não trabalho muito com ginástica nas minhas aulas, trabalho às vezes**. Eu vejo que tem professores que são... por exemplo, professor de vôlei, trabalha com muito vôlei nas aulas de educação física. Eu não, **eu tento trabalhar um pouco de tudo**. **Então eu acho que foi um pouco assim da minha experiência, eu gosto muito de olhar aula dos outros, de aprender coisa com os outros, de trocar.** Quando eu vejo os meus colegas trabalhando algumas coisas diferentes, eu tento me informar o que é para ver, para tentar trabalhar com meus alunos. Eu gosto muito de estar sempre fazendo curso de tudo o que eu puder fazer, eu vou estar fazendo e levando. Então eu gosto de ir diversificando as coisas. De forma que, claro, a **minha formação e o que eu trabalho dentro da escola ajuda muito, mas também eu tento proporcionar outras coisas para os alunos. Eu acho que é mais rico**. Quanto mais coisas tu trouxer de diferente, de pessoas diferentes para trabalhar com teus alunos melhor, **mais vai acrescentar para a questão da vida deles** (Entrevista Professora Luiza) [grifos meus].

A análise que depreendemos é que no início da carreira, a formação da graduação, a experiência de serem ex atletas e as que tiveram em suas épocas de alunos e alunas marcam bastante essa fase da carreira e que com o transcorrer da carreira vão se moldando e a experiência passa a ocupar uma centralidade em seus trabalhos.

O tempo na profissão, as experiências profissionais, condições de trabalho, integração e relevância social da vida no trabalho é fundamental para o aprimoramento da organização do trabalho docente em EF (POZZATTI et. al, 2015), assim, Huberman (2007) relatou que docentes que tinham de 25-35 anos de carreira possuem maior grau de controle sobre a organização deste trabalho pedagógico devido ao conhecimento tácito das rotinas de trabalho, e que os mesmos possuem conhecimento da realidade concreta da Educação e em geral sua insatisfação, está na estagnação da carreira nessa fase, por já terem alcançado o final dos planos de carreira e não terem mais progressões.

Além disso, percebe-se que a experiência ao longo da carreira docente é fundamental no processo educativo, na elaboração de conceitos, na elaboração e relação dos diferentes elementos que compõem o trabalho pedagógico (OLIVEIRA, 2019), assim, se no inicio/entrada da carreia os saberes acadêmicos orientam a prática pedagógica, com o avanço da carreira, a experiência profissional prepondera e orientara o trabalho pedagógico e a elaboração de suas aulas, e os objetivos da EF tornam-se mais ligados aos objetivos da educação em geral, isso se deve à experiência profissional adquirida pelos mesmos e o conhecimento da realidade concreta da Educação brasileira (OLIVEIRA, 2017).

4.3 Carreira docente, Escola e Sociedade

Durante 20, 25, 30 ou mais anos de carreira o professorado chega a um patamar do desenvolvimento da carreira (HUBERMAN, 2000), há o predomínio e o domínio de rotinas básicas, caracteriza-se pelo conhecimento tácito da profissão docente (FARIAS; NASCIMENTO, 2012). Houve também no alunado e na sociedade transformações, nas cartas e nas entrevistas os docentes relatam sobre essas mudanças:

> Os alunos se lembrarão de você porque com você **eles saíram (muiiiiitos) pela primeira vez da sua cidade, do seu bairro, ou até do estado.** Não interessa se perderam todos os jogos ou somente a final do campeonato de basquete, handebol ou futebol. Agora se foram campeões, **isto será inesquecível para eles**, que ao lhe encontrarem na rua, **na padaria ou no supermercado, ou até guardando carros na rua**, farão questão de vir lhe cumprimentar e dizer que ainda guardam aquela medalha com muito carinho, mesmo que não tenham jogado muito tempo no torneio, ou até não tenham entrado em jogo nenhum (Carta Professor Alex) [grifos meus].

A relação entre família e escola, principalmente na responsabilização única do professorado pela Educação das crianças e jovens:

> Alunos difíceis, **pais indiferentes e omissos tendem a colocar a responsabilidade em cima dos professores** e da mesma forma desacreditam nessa figura, fazendo com que não sejamos respeitados (Carta Professora Graça) [grifos meus].

> Essa semana eu ainda discuti com os colegas na sala dos professores, que **é uma das coisas que mais me leva a querer me aposentar** é isso. Que **hoje a cobrança das famílias, a cobrança dos pais é cada vez maior em cima dos professores – não só da educação física, mas todos os professores da escola** – que se dê cada vez mais educação, que se cobre cada vez mais, em todas as áreas, os filhos deles, os alunos da escola. E quando a gente sabe que a primeira educação deve vir dentro de casa, deve ser dada pelos pais, pela família. **Isso está um pouco invertido hoje**. E acaba

> que **a escola está cada vez mais sobrecarregada, os professores estão cada vez mais sobrecarregados, mais cobrados**. E muitas vezes as direções não veem isso ou não querem se atritar com os pais e acabam passando esses problemas, essas cobranças, essas funções, desvios de funções – se é assim que pode se dizer. (Entrevista Professor Alex) [grifos meus].

E que houve mudanças significativas ao logo dos anos de carreira em relação a relação das famílias e a escola:

> [...] Eu digo sempre que eu fiquei com uma visão – e tenho ainda – [...] Como a escola que eu fiquei esses 18 anos era uma escola **com público diferenciado, com famílias grandes, a maioria das famílias, eram famílias bem interessadas, eu fiquei com uma visão de famílias participativas**. Claro, poderiam até ser mais. Mas de alunos com não tantos problemas comportamentais. Eu fiquei com uma visão um pouco diferente, eu acho**. Hoje em dia até quando eu falo com o pessoal dessa escola, eles dizem que não é mais assim.** Mas eu fiquei durante muito tempo, famílias... a gente chamava as famílias, participavam as famílias, conheciam as crianças, as famílias davam conta das necessidades, iam na escola, auxiliavam. Era uma escola diferenciada. Então que agora me dizem que já não está mais tão diferenciada, que agora já está com aqueles problemas que a gente escuta, **que a família não quer nada com a escola, que a família deixa a criança na escola e a escola que se vire, infelizmente. Mas eu não tinha essa visão. Não tinha mesmo** (Entrevista Professora Iara) [grifos meus].

A relação entre as novas tecnologias da informação, alunos e docentes e seu impacto na EF também foram citadas:

> Foi modificando bastante, e eu vejo também que os professores também estão cansados. Eles **parecem que está meio que desacreditado assim,** [...] eu acho que os alunos são diferentes hoje em relação à prática da Educação Física de anos anteriores.[...] **Eu acho que a tecnologia que acomodou,** essas coisas, eles ficaram só nos celulares. Antes era só no computador, agora é só no celular. Isso aí eu acho que atrapalhou bastante. Então, eu acho que **o professor hoje tem que ser muito... muito criativo**, se aprofundar muito no trabalho para mostrar para esses alunos para fazer com que eles se interessem mais pela prática (Entrevista Professora Bianca) [grifos meus].

> [...] dificuldades virão de várias frentes, problemas com estrutura física em escolas públicas, salários que não valorizam nossa profissão, colegas que se renderam por vários motivos e não honram a profissão, alunos com problemas que nunca pensamos ser possível, pais ou responsáveis esperando que façamos a parte deles e muitas situações que te farão pensar se vale o sacrifício. Claro que vale! (Carta Professor Cléber) [grifos meus].

EF e sociedade foram relacionadas de diferentes formas, com os problemas de segurança, de condições financeiras para frequentar academias e o não aceso a parques públicos e espaços de lazer e convivência, assim, muitas vezes a EF escolar é o único momento para a realização de atividades físicas orientadas, conforme apontam os docentes:

> A **Educação física faz parte da sociedade**. Então ela certamente é influenciada pelo que está acontecendo e influencia as pessoas, em certo modo, a ter hoje em dia a questão de saúde, é mais importante. A questão estética, eu acho que as pessoas estão procurando muito isso na educação física, que eu não vejo como sendo a parte mais importante da educação física [...] Porque a educação física, hoje a gente tem duas aulas semanais, e **para algumas pessoas é o ápice do movimento que eles têm durante a semana é fazer educação física** só, não tem atividade fora. **Antigamente as pessoas eram criadas mais soltas, brincando na rua, correndo, saltando, subindo em árvore, andando de bicicleta. Hoje em dia é na frente de um celular, de um computador, isso impacta.** Por um lado eles têm algumas vantagens de raciocínio muito mais rápido que as gerações antigas, para algumas coisas, mas na questão motora muita dificuldade de algumas pessoas, de algumas não, da média, eu acho, dos alunos (Entrevista Professor Cléber) [grifos meus].

> **A escola é o espelho da sociedade,** todos nós somos espelhos da sociedade, então não dá para separar o que a gente está vivendo na sociedade, está vivendo no dia a dia, nas classes econômicas, nas classes sociais, sem trazer para dentro da escola, então isso tudo é um reflexo uma da outra (Entrevista Professora Graça) [grifos meus].

Em sua carta, a Professora Débora demonstra em um momento descrença em relação ao futuro da Educação no Brasil:

> **Infelizmente vejo um futuro cada vez pior no que se refere a educação** pública principalmente, em todos os sentidos (Carta Professora Débora) [grifos meus].

E acrescenta que o alunado também mudou e faz ponderações:

> E **os alunos também, serão outros, com outros interesses e maneiras de tratar diferente que hoj**e. Já estou começando a não acompanhar mais. **Para mim, foi o tempo que deu,** me aposento e **penso que fiz o melhor que pude e, se continuasse, iria ficar para trás** (Carta Professora Débora) [grifos meus].

Durante entrevista a mesma e outros docentes acrescentam novos elementos dessas transformações da sociedade ao longo da carreira e a repercussão no trabalho do professorado:

> Eu acho que a sociedade e as pessoas, os alunos**, é outra geração**, Eu até coloquei na carta que **se fosse hoje**, até mesmo que eu tivesse **com toda a minha paciência do mundo e que eu ganhasse muito, eu não ia continuar por muito tempo, porque eu já não acompanho mais eles**, sabe? É jogos eletrônicos, não sei o que, eles falam umas coisas em coreano, umas coisas que eu não acompanho mais. E eu acho que aí tem que ser uma outra geração que tem a ver com a cultura deles para poder fazer eles terem interesse. Porque também **se eles vão para a escola e não tem interesse, não adianta nada, vão fazer o que lá?** Então, fica em casa. E **eu acho que a escola tem que dar um a mais**. A partir do momento que eu começo a ver que não está acrescendo nada ali, para mim é perda de tempo. E é o que eu tenho visto agora, porque a escola hoje em dia, olha, para ela chamar a atenção, ela tem que se virar. Imagina uma pública (escola).**Ou o professor tem que ser muito criativo, ou tem que ser muito carismático com os alunos,**

> **alguma coisa ele tem que ser diferente, que senão, uhn-uhn** (Entrevista Professora Débora) [grifos meus].

Essas transformações repercutiram não somente no trabalho do professorado de EF, mas reflete na Educação escolarizada como um todo:

> [...] **hoje a gente tem pouca participação**. Quando eu entrei aqui na escola, eu **tinha muito mais participação dos pais, dos alunos mais interessados**. Hoje os alunos são mais dispersos, tudo chama a atenção deles, menos o que tu está fazendo é interessante. **A gente costuma brincar, tem um pouco de sério também, tenho bastante alunos, estudantes poucos.** Que tu vê o desinteresse, tu vê. Uma coisa que está notória. **Ela atinge a educação física, ela atinge a matemática, o português. Todo mundo comenta, a gente vê pelo dia a dia deles, parece que eles aprendem menos, se interessam menos**. [...] Eu acho que é um conjunto de fatores. A **falta de atendimento dos pais** no dia a dia do aluno, não vê como é que está. Tem aluno que chega aqui no início do ano e só vamos conhecer o pai no final do ano. O pai não está junto, os pais não estarem junto com os alunos, acompanharem o dia a dia da escola. Eu acho que está muito... vamos dizer, **uma falta de responsabilidade.** Tem culpa o professor um pouco, tem. **Nós não estamos fora desse contexto, todo mundo envolvido.** Pais, alunos, a escola, a comunidade. Mas eu acho que tu vê o conjunto de coisas. É o que eu digo. (Entrevista Professor Ernesto) [grifos meus].

Com o passar dos anos da carreira docente o Professor Fabiano considera que aumentou a desvalorização da Educação e do professorado:

> Ah, o que foi mudando ao longo do tempo, aí também é importante que **o professor foi sendo desvalorizado**. **O professor acho que era muito mais respeitado embora sempre foi mal remunerado. Sempre.** Mas eu acho que **ao longo dos anos assim, o status do professor foi diminuindo, o que é um absurdo.** Todas as profissões vão precisar de professor, ninguém forma médico, advogado, sem passar pelo professor. Eu acho que **a gente foi sendo desvalorizado ao longo dos anos, principalmente pelos governos, sucessivos governos, pela classe que governa**. E isso mudou bastante. Uma coisa que aqui o colégio, ele quando começou – falando da escola que eu trabalhei – o não era municipal, ele era uma escola particular, lá no início do século. Mas mesmo depois, quando foi municipalizado, aqui os salários, se eu não me engano, os mais velhos **contavam que era em torno de 8 salários mínimos. Daria hoje uns R$ 8 mil**, quer dizer, que seria um salário aceitável. A gente está longe disso hoje. Quer dizer então, só para tu ver na questão de remuneração isso já caiu, **na questão do cuidado com o aluno, com a educação, nós tivemos aqui, esse prédio foi inaugurado em 1960, ele tinha manutenção, ele era limpo, ele tinha funcionários próprios aqui do colégio, hoje não. Hoje são terceirizados,** quer dizer, então, eu acho que **ao longo dos anos houve uma degradação assim, do cuidado com a educação.** Não é à toa que hoje, no PISA e em outros aspectos a nível mundial o Brasil está nos últimos lugares. Não é por culpa de A, B ou C, isso é uma questão ao longo do tempo, ao longo dos anos que vem deteriorando, então, **a gente acaba sentindo isso** (Entrevista Professor Fabiano) [grifos meus].

Todas essas transformações, fez com que o docente Heitor relatasse que antigamente era mais simples o oficio docente:

> **Creio verdadeiramente que há 30 anos era bem mais fácil cumprir nossa função**. Lá, podia estar faltando tecnologia e conhecimento, no entanto, sobrava interesse, respeito, motivação, valorização e cumplicidade por parte do aluno. Felizmente minha realização não dependeu do valor despendido pelos "órgãos" que nos pagam. **Creio que durante toda carreira esperava que a "dita valorização" acontecesse, pelo contrário**, direitos que nos assistiam nunca puderam ser usados, exemplo: licença prêmio, e hoje já nem existe mais (Estado) (Carta Professor Heitor) [grifos meus].

Assim, pela perda status profissional do trabalho docente, da desprofissionalização da carreira e função docente, podemos dizer realmente que nunca foi tão difícil ser professor e professora como nos dias de hoje. A relação vertical do Estado e suas políticas educacionais, ao propor reformas e novas propostas educacionais, vêm alijando todo professorado de discussões próprias da função docente. A profissão docente, nas últimas décadas, se depara com um processo de desvalorização e perda de identidade por parte desta relação verticalizada do Estado, chegando a situações desoladoras, conforme nos relatou a Professora Graça:

> **A educação hoje, ainda é muito difícil e angustiante.** Cada vez mais, os professores precisam estar unidos para terem conquistas (Carta Professora Graça) [grifos meus].

Apesar das transformações do alunado e da sociedade, Professor Heitor relata que a EF ainda tem e sempre terá a sua importância:

> Com certeza **tu terás alguns desafios diferentes dos que eu tive**, afinal, vivemos uma geração do "digital", do tudo pronto e rápido, mas fique tranquilo, pode vir a geração que vier, o ser humano continua sendo motor social, ele precisa de movimento, de interação, tem sangue correndo nas suas veias e, por isso, **nossa área será sempre requisitada e necessária** (Carta Professor Heitor) [grifos meus].

Essas mudanças relatadas na carta foram aprofundadas durante a entrevista:

> **Parece que antes era mais natural o movimento.** Aquela coisa assim padrão de todos fazerem educação física. A não ser um caso muito excepcional. Hoje a tentativa do meu adolescente ali, a tentativa de não fazer são proporcionalmente muito maiores, e **os atrativos, tipo celular ou outras questões, parece que chamam muito mais atenção.** Então você vê mais o sedentarismo, tu vê mais a questão da obesidade; tu vê que as motivações são outras, parece que perdeu-se muito essa questão assim de vir para a educação física, de suar, de estar junto, de fazer. Então numa certa proporção, nesse aspecto é bem mais difícil, **há um desinteresse, as**

> **motivações são outras, os interesses são outros.** Então eu acho que quando eu falei na carta, eu acho que era mais nesse aspecto. Hoje parece que tu tem que estar numa proporção maior **implorando para que entre na quadra, faça aquela atividade, e antes era literal, era todo mundo, era parelhinho**. Não vinha com atestadozinho, não vinha com desculpinhas e coisas assim (Entrevista Professor Heitor) [grifos meus].

Ao analisarmos o contexto contemporâneo, marcado por transformações sociais provocadas pelas tecnologias e meios de comunicação de massa que atingem a todos e todas. A escola que está inserida nesse processo, consideramos que as mesmas são ferramentas importantes para o processo de ensino e aprendizagem, portanto elas não podem ser desconsideradas pela comunidade escolar, contudo, as tecnologias da informação, a informática, não podem ser apontadas como ferramentas milagrosas para aprendizagem, ainda mais em momentos de pandemia, ou seja, seu uso deve ser feito de maneira crítica e consciente principalmente das tecnologias educacionais, do ensino a distância e remoto por exemplo.

Em sua carta a Professora Iara comentou que percebeu no início de carreira que a relação dela com o esporte e atividades físicas seria diferentes da relação que o alunado em geral teria sobre os mesmos:

> [...] Ao abraçar a carreira de professor de Educação Física depois de uma infância repleta de rua e uma juventude como atleta, **percebi logo de início o que me aguardava.** Os alunos que a mim chegavam **não tinham, nem de longe, o amor que sempre dediquei aos esportes e à atividade física. Bem ao contrário:** era a hora de não fazer nada, de descansar, de conversar, batendo, no máximo, uma bolinha depois das enfadonhas aulas, sempre sentados, inativos (Carta Professora Iara) [grifos meus].

Bem como relatou sobre especificidades de ser professora de EF no anos iniciais e características desse alunado como as brincadeira de sua infância e atuais:

> [...] os pequenos. Ah, esses viviam querendo colo, qualquer queda era uma chuva de lágrimas e sempre tinham longas histórias para contar. Brincava com eles **as brincadeiras da minha infância, que quase nenhum conhecia e que todos adoravam**. Fazia pesquisas com os pais e avós sobre brinquedos e brincadeiras de antigamente, nem tanto tempo assim, **quando todos brincavam na rua**. E todos adoravam! Escola pública, com crianças de periferia que, com frequência, iam com roupas e calçados inadequados para aula. E **isso nunca era obstáculo ou impedimento.** Tiravam o calçado ou mostravam que estavam de short por baixo do vestido e vamos lá!!! Lembro dos inúmeros machucados, arranhões e até um pé quebrado. Lembro de um tombo, em uma brincadeira de pegar, que resultou em uma língua quase atorada, que levou pontos! E recordo que nunca nenhum pai foi até a escola brigar ou discutir sobre um desses

> acidentes. Todos ocorridos sem maldade e com muita energia e disposição (Carta Professora Iara) [grifos meus].

Mudanças no alunado da zona rural também foram rlatadas na entrevista também:

> Mudou. O aluno antes, mais assim, **o aluno da zona rural, ele ainda tem um respeito, mas ele tinha muito mais antes**. Eu vejo assim que das turmas anteriores, tinha alunos que tu conseguia fazer certas coisas com eles, e que hoje talvez tu não consegue mais, porque do pré, **eu dou aula do pré ao nono ano**, já tem uns piazinhos assim – só vou te dar o exemplo. Eu não sei dessa questão da educação aí. [...] Mas **eu acho que tudo o que eles veem hoje, esses jogos que reflete neles.** Porque celular, eles devem ter, a maioria das crianças lá tem celular. Não do pré, mas a maioria tem um celular melhor que o meu, que o nosso. Porque na zona rural, a questão econômica deles tem uma crise, mas eles não são tão pobres como o pessoal da periferia. Mas eu vejo assim, Ivan, que mudou no sentido assim, não que tu tenha de coisa e o aluno para trabalhar, **só que esse aluno já não é tão ingênuo como era antes.**[...] **A gente faz aqui, eu faço o que é possível passar para vocês"** (Entrevista Professor João) [grifos meus].

Em sua carta, a professora Luiza descreve a discrepância existente entre duas escolas pertencentes a mesma rede de ensino pode ter, conforme o relato:

> No início também trabalhei em outra escola, com características diferenciadas desta anterior, uma escola de bairro, onde **os alunos eram extremamente carentes, uma direção que tratava a todos de uma forma chocante em minha visão**. Onde **muitas vezes voltei para casa chorando e extremamente decepcionada... Alunos de castigo (de formas brutais), sendo muitas vezes tratados de uma forma chocante, aos berros.** Uma visão de educação extremamente destorcida. **Alunos amedrontados e carentes, de afeto, de compreensão**, **professores cansados e sem ação**. A direção fazia um trabalho assistencial e em troca de votos e de muita pressão (Carta Professora Luiza) [grifos meus].

Relatou ainda sobre a desestruturação das famílias:

> Encontramos com alunos vindos dos lugares mais diversos e com problemas **resultantes de famílias desestruturadas e conflituosas, alunos carentes de afeto, de compreensão e de muitas coisas inimagináveis.** Lidar com os pais e a família em algumas vezes se torna mais difícil que lidar com os próprios alunos. [...] **Os tempos mudaram muito e o desrespeito com nosso trabalho aumentou de forma considerável,** cada vez podemos menos, temos que cuidar nossas atitudes e palavras ao mesmo tempo em que ouvimos coisas absurdas sobre nossa profissão e sobre nós mesmos (Carta Professora Luiza) [grifos meus].

E, ainda em sua carta, desabafa:

> **Em alguns momentos (muitos, para falar a verdade) me senti extremamente solitária na escola.** [...] A vida do professor é muito corrida, costumamos trabalhar em 2, 3 ou até 4 escolas para mantermos uma vida financeira mais (fixa), mas ao mesmo tempo nossa qualidade de vida diminui, nosso tempo para família e lazer é

> sempre reduzido em função do trabalho corrido (Carta Professora Luiza) [grifos meus].

Comenta ainda das situações de preconceito na comunidade escolar em razão do seu trabalho com dança afro:

> Muitas vezes os alunos do grupo, sendo de escola pública e apresentando um trabalho de dança afro passavam por mais uma experiência, neste caso, **a do preconceito**. Enquanto alguns valorizavam e admiravam o trabalho, **outros ainda o tratavam de forma preconceituosa, simplesmente pelo fato de falar de questões raciais**. De trazer movimentos "diferenciados" do esteticamente "comum" a todos (Carta Professora Luiza) [grifos meus].

E, aprofunda em sua entrevista, as mudanças na relação alunado e professorado:

> **Eu acho que mudaram bastante.** Eu acho que a questão assim, é um pouco de desvalorização com a gente, assim, com o professor, ao mesmo tempo eu acho que houve uma aproximação, sabe? **Quando eu comecei a trabalhar**, parece que os alunos eram mais distanciados do professor, era uma questão de respeito e ao mesmo tempo de também de um certo medo, não sei se é por causa da experiência que eu tive nessa escola também, mas eles tinham gente mais assim, de uma forma mais distanciada. **Hoje em dia** eu vejo que o professor, ele não é tão considerado como ele era há um tempo atrás, e isso vem acontecendo no decorrer dos anos, por mais que a gente se torne mais próximo, assim, acho que alguns professores... os professores não tem mais aquela coisa que tinham antigamente, que tem que respeitar, isso e aquilo, mas eu acho que os alunos também perderam mais isso ainda com o tempo (Entrevista Professora Luiza) [grifos meus].

A questão da (não) valorização da Educação pelos governos ao longo de suas carreiras foi relatada pelo professorado, expressões como "afundada", "caos", "cada vez pior", "tirar direitos", "está muito difícil", "não sei o que vai ser" e "deprime", foram algumas das falas que exprimem o sentimento do professorado de EF pelo descaso com a Educação pelos governos e des(governos) atuais que passaram e não valorizaram a Educação, pelo contrário, precarizaram a carreira e o trabalho. Seguem os relatos:

> Não, eu acho que **a valorização da educação pelos governos é, muitas vezes para inglês ver**. As coisas vão para a mídia, mas o que interessa. O que eles querem que seja publicado. Então eu acho que **a educação é a base de tudo, a educação tinha que ser mais valorizada**. A gente sabe que todo mundo passa por um professor de escola, passa por um... tem que ter professor de primário, de pré, e esse professor tinha que ser valorizado tanto ou mais do que professor universitário [...] (Entrevista Professor Alex) [grifos meus].

> [...] **A educação só é valorizada em discurso de político durante campanha eleitoral**. Agora a gente está vendo isso no estado aqui, com um governador que saiu da nossa cidade até por sinal. Que foi aluno do meu colégio lá, foi meu aluno lá na escola particular que

> trabalho também, **mas a razão dele, dessa gente, é que tem que cortar, eles só veem número pela frente, parece**. **Não valorizam mesmo,** senão estariam pagando o piso e melhorando ainda o piso (Entrevista Professora Cléber) [grifos meus].

> **Eu acho que a educação está cada vez mais afundada, pelos governos,** a gente achava que aqui em Pelotas eu achei que estava indo bem. Mas sempre tem falhas, eu acho que os governos hoje, simplesmente não se preocupam com as pessoas, com os funcionários, não se preocupam com os professores, não se preocupam com o futuro. Então, **acho que eu não acredito em mais ninguém** (Entrevista Professora Bianca) [grifos meus].

A desvalorização está tão grande que faz com que a docente Débora não vislumbre mudanças:

> **Ah, tudo está o caos. Está tudo cada vez pior assim. Eu não sei o que é que vai ser da educação pública, sinceramente**. Fico com pena porque cada vez mais **acho que os pobres daqui a pouco não vão ter mais chance de fazer uma faculdade**, Pelo o que eu vejo assim, o Estado, **eu acho que vai acabar privatizando tudo** e só vai cada vez mais os que tem mais vão conseguir mais e os que tem menos não vão conseguir. Entendeu? **Ou vai ter uma revolução, porque não consigo ver uma mudança** (Entrevista Professora Débora) [grifos meus].

O Professor Ernesto acredita que ao longo dos anos, os governos "massacraram" a classe docente, e se não bastasse isso, se aumentou a cobrança por resultados e aprovações, eximindo-se os órgãos gestores de suas atribuições e responsabilidades:

> Bah, vamos falar da nossa amiga Paula, vou te contar, do Eduardo também. Vem **uma crescente de cobrança, só de cobrança, falta de respeito.** Basta ver no estado: professor recebendo atrasado há 5 anos, sem reajuste há 5 anos e esse ano ainda **um massacre**. A Paula também, **vai tirar de quem ganha menos, vai tirar de quem diz que valoriza.** Eu acho que a única mulher prefeita da cidade, primeira e única professora, **massacrando os professores, tentando tirar direitos, cobrando. Vamos falar até de perseguição**. E a nível nacional nem se fala. Bolsonaro e nosso ministro da educação são um terror (Entrevista Professor Ernesto) [grifos meus].

O atual plano de carreira do magistério, bem como as possíveis alterações e tentativas de criação de um do novo Plano de Carreira proposto pela Prefeitura também fizeram parte da indignação dos docentes:

> Ah, na verdade a Prefeitura, eu acho que por exemplo que aqui, o que é que tem acontecido? Nem nos governos de esquerda que a gente teve aqui, não é para diferenciar esquerda e direita, não. **Não se conseguiu avanços e sempre a Prefeitura quer pagar menos e a gente quer manter, ganhar mais e ter condições melhores.** Que a briga agora é o plano de carreira que a Prefeitura quer implantar, ela quer que se mantenha ou que se ganhe um pouquinho a mais para dizer que paga o piso, porque na verdade a ideia do piso nacional, o espírito dessa lei era melhorar o salário dos professores,

> do funcionário, melhorar de forma significativa**. O piso nacional é para melhorar, para subir. Se ele fosse implantado como o plano é hoje, o plano hoje tem um padrão lá ridículo – tenho até vergonha de dizer –** se ele for implantado como padrão melhora o salário do professor, porque vão incidir as vantagens que têm os penduricalhos todos sobre o padrão que é o espírito da lei. O que é que as prefeituras querem, o Estado quer agora. O que o Eduardo Leite quer lá no Estado? É mexer no plano para que **esse padrão seja o piso, mas que as vantagens não incidam sobre esse padrão**. Ou seja, haverá um aumento, um pequeno aumento ao longo dos anos, mas não vai atender, **tudo deveria partir do piso** (Entrevista Professor Fabiano) [grifos meus].

Diante dessa constatação, nota-se que o Piso Nacional do Magistério que deveria ser mesmo o “piso”, o inicial, nesse caso, acabaria sendo o “teto” o topo da carreira, sem a possível melhoria ou ascensão na carreira conforme a própria análise dos docentes:

> [...] **Vai ser o teto**. Essa é a ideia da Prefeitura, tanto aqui quanto no Estado. E na verdade as pessoas estão ganhando na Justiça. Eu entrei na Justiça, eu já ganhei na Justiça o piso, eu ganho o piso, judicialmente já ganhei o piso, mas a Prefeitura não quer fazer isso, ela quer pagar o mínimo possível. Eu acho que isso é na minha opinião uma questão de prioridade. **Acho que não é questão de falta de dinheiro, existe crise, claro que existe, mas é questão de prioridade.** (Entrevista Professor Fabiano) [grifos meus].

E exemplifica onde a Educação é prioridade:

> Se a prioridade for educação, por exemplo, **como é que no Maranhão consegue?** No Maranhão o salário de professor é o dobro do nosso aqui. Como é que pode no Maranhão? Por que? Porque lá os governantes do **Maranhão, eles entendem que é prioridade a educação**. Então, vai mexendo seu orçamento de uma certa forma que consegue pagar lá R$ 6-7 mil por mês, para o professor. E aqui a gente recebe R$ 2,4 mil, em termos de piso. Então, **eu acho que é questão de prioridade.** [...] Eu acho que a relação é **na hora de se eleger a educação é prioridade, educação é tudo**, professor (Entrevista Professor Fabiano) [grifos meus].

Sobre o plano de carreira do estado do Maranhão, de acordo com a tabela salarial de 2020, o piso de remuneração para professores em início de carreira, 40 horas é de R$ 6.358,96 e para a carga horária de 20 horas, o valor proporcional é de R$ 3.179,48. Tomando por base o Edital Nº 133/2019 para provimento de cargos da área da Educação da Prefeitura de Pelotas, o salário para o cargo Professor II- Educação Física era de R$ 1.407,42 para 20h, ou seja, em torno de 44% do valor do salário no Maranhão, os números mostram onde a Educação é, e onde não é prioridade.

O Professor Fabiano complementa ainda que Educação é prioridade no discurso eleitoral, que não se efetiva concretamente após eleições:

> Na hora que assume o governo que vê que é realmente muito difícil, eu sei que existe falta de dinheiro em geral, **mas aí a educação deixa de ser prioridade.** Essa é a relação. Isso é o que eu vejo. E nem governo de esquerda que nós tivemos, embora no Brasil, no governo Lula, por exemplo, nós tivemos avanços, como o próprio piso, como o FUNDEB, tudo bem. **Mas a nível aqui local, nós nunca saímos do mesmo** (Entrevista Professor Fabiano) [grifos meus].

Salientamos que valorizar a Educação e o docente não se trata de apenas na questão financeira, de salário, mas também de outros aspectos, isso foi relatado pela docente Graça:

> Na verdade assim, a valorização do professor cada dia, eu não vejo nem só financeiramente, mas **eu acho que a valorização de um professor como um todo, como um ser humano, como uma pessoa**. Antigamente a gente conseguia mais, a gente tinha mais alternativas de sair para estudo, embora **a gente não tenha no nosso plano de carreira nenhum aviso de que possa ser liberado para um mestrado, liberado para um doutorado, não, nenhuma forma,** mas eu acho que a gente ainda conseguia reuniões, cursos, hoje em dia está muito difícil, porque não tem como suprir, as escolas não tem como suprir aquelas nossas faltas, acho que **a valorização financeira tá muito difícil, cada dia eles achatam mais o salário dos professores, mesmo com piso eles tentam tirar de tudo que é lado. Eu acho que piorou. Embora as escolas desde que começaram a ter** verba própria, eu não sei te dizer bem, mas acho que 2004 já tinha, e a gente poder fazer com a verba o que a nossa realidade aqui precisa, isso ajudou bastante. Mas enquanto profissional, assim, **enquanto a valorização do professor, eu acho que está difícil, muito difícil** (Entrevista Professora Graça) [grifos meus].

Como cada município tem (ou deveria ter) seu próprio plano de carreira, é inevitável as comparações, como do Professor Heitor que ministra aulas na RMPel e na Rede Estadual:

> Mas eu vejo ainda uma diferença, por exemplo entre estado e município. Município **nós ainda temos formações, reuniões mensais, bimensais, cursos oferecidos, um cronograma**. E **no estado, por exemplo, eu vejo isso bem mais aquém.** Eu no município, eu fui acompanhado em estágio probatório, em outros momentos. No estado, nunca**. Então eu ainda vejo uma diferença favorável do município em relação ao estado**. Mas se tu vai olhar para outros aspectos, que dificuldade às vezes a gente tem aqui para conseguir um material**. Então a gente faz bingo, faz campanhas para adquirir um material diferenciado que tu não consegue pelo dinheiro que vem, não dá para tudo.** Tu quer uma reforma de quadra, é difícil. Eu estou ali com uma tabela de basquete já feito pela comunidade que quebrou e nós estamos há 3, 4 anos tentando o conserto disso junto, da administração e que agora não conseguimos. Então **eu faço essa crítica porque eu acho que falta muito investimento na educação, poderia ser bem mais prejudicado pela maneira como sempre nas campanhas, por uma eleição, é dito.** Minha prioridade é saúde, educação, segurança. Educação, saúde e segurança, e depois não se vê contemplado. Ainda mais depois quando vem outros projetos que tentam diminuir as suas vantagens ou possibilidades de crescimento, então. **Então eu acho**

> **que falta muito investimento** (Entrevista Professor Heitor) [grifos meus].

Com toda essa desvalorização ao longo da carreira, resta muitas vezes como citou a Professora Iara, o trabalho consiste em “apagar incêndios”:

> **[...]** A educação ainda **não é vista com o devido peso por muitos motivos**. Eu acho que ainda se faz – e eu acho que mais o nível que a gente espera que eu digo, municipal e estadual, que a gente enxerga mais facilmente – **a educação ainda precisa de muito planejamento.** Eu acho que ainda **se trabalha muito na educação apagando incêndio, resolvendo aquele problema diário e não se foca no longo prazo. Não se tem programas, planejamentos para daqui a 2 anos, para daqui a 3 anos.** Não, é assim. Hoje é porque não chegou a merenda, é porque o ônibus quebrou, é porque faltou professor, é porque o professor não se apresentou e não tem quem assuma a turma. **Ainda é muito no apagar incêndio.** A gente **não consegue apagar os incêndios e planejar ao mesmo tempo.** A gente gasta as energias, agora como eu estou na Secretaria, a gente gasta as nossas energias no apagar incêndio. E aí não sobra tempo, não sobra investimento de pessoas, de tempo, de planejamento no que vai dar resultado daqui a pouco (Entrevista Professora Iara) [grifos meus].

O Professor João relata que devido a essa desvalorização a hora que der se aposentará em sua outra matrícula pois não sabe o que vai ser:

> **É péssima, cara.** É como eu estava te falando antes. Eu queria sair fora antes, mesmo ganhando o que eu ganho porque **eu não sei o que vai ser, Ivan. É muito ruim** (Entrevista Professor João) [grifos meus].

E apresentou algumas situações:

> Pensa bem, tem professoras aqui, eu tenho um vídeo que me mandaram, não sei se tu viu com a professora dizendo que tem vergonha de ter sido professora do Eduardo Leite. E é ridículo no sentido assim: se todos sabem o que a gente ganha, mas é milagroso tu viver, fazer milagre tu ganhar R$2.800 no fim da carreira, **tu te manter, tu ter estímulo para trabalhar com esse salário, Ivan?** [...] Eu sei que tem outras profissões que não ganham o que a gente ganha. Mas não tem como valorizar, **não tem como tu ter motivação.** Agora há pouco – tu falando, perguntando isso aí –, **uma colega minha, ela não pôde fazer financiamento da casa porque ela tem um empréstimo, aí negaram.** Aí ela disse que saiu pessoas do estado e outras do município chorando, senhoras com idade, cara. **É uma coisa horrível. Deprime. [...[** Cara, eu fui estudar mesmo que meu pai tinha condições financeiramente, mas eu vim para cá, ele teve que pagar onde parar e alimentação, transporte. Anterior aos outros governos, quer dizer, o meu filho mesmo conseguiu fazer medicina com uma bolsa total, no governo Lula, acho que o primeiro, e ele teve chance, **hoje não sei mais se teria essa chance aí** (Entrevista Professor João) [grifos meus].

E acrescenta que na observação dele, a desvalorização da carreira e docente está ocorrendo em todos os níveis e esferas:

> Então eu vejo assim, tanto a nível federal, estadual, municipal, está péssimo, péssimo porque vai acabar assim, **alguns vão entrar para**

> **o magistério, vão fazer um concurso, mas o cara, ele não vai ter condições de continuar, ele vai sair, já está faltando professores.** Então eu acho que para mim assim, vai acabar com tudo, **se estava ruim, agora eu acho que vai ficar pior.** Só que eu vejo assim, professor parece que tem um troço que é uma doença, porque além de todo esse sacrifício, quando se é mulher, parece que ela aguenta aquele sofrimento todo [...] Que algo que não tem uma outra saída, tu fez aquilo ali, então tu vai seguir aquela profissão (Entrevista Professor João) [grifos meus].

Talvez a necessidade financeira faça com que, mesmo aposentados ou aposentadas, precisem retornar a docência ou em "bicos" para se manterem:

> É, **mas aí faz concurso de novo ou consegue um contrato para mesma pouca, aquela miséria?** É, complicado, são poucos. Teve um cara lá agora me vendendo uns pendrives, que foi professor de matemática, ele teve um problema, deu um AVC nele, ele saiu do estado. Ele com todo o material de educação física, de história, geografia, ele está trabalhando nisso aí agora, ele saiu fora porque estava doente, ele teve um câncer, foi feito a cirurgia, não sei quantos anos ele já tem. Conseguiu se aposentar. Eu acho que como eu te disse, **parece uma doença que faz com que tu, mesmo com todo o sofrimento, tu tirou aquela profissão, e tu vai abraçar aquilo ali até morrer, como se fosse assim, até morrer** (Entrevista Professor João) [grifos meus].

Mesmo com um consenso do professorado na desvalorização cada vez maior ao longo da carreira pelos governantes, e a instauração de quadro precário e por um certo descredito em uma solução, a Professora Luiza aponta e acredita em alternativas:

> **Não, nem um pouco, cada vez pior. Cada vez pior, não sei para onde vamos. Eu vejo uma luz.** Até porque esses dias eu estava conversando isso sobre uma amiga minha sim, porque ela estava dizendo que ela não vê. Eu vejo, apesar de achar que está indo cada vez pior, mas é em função dos governos que estão aí. Então **eu acredito que a gente mudando** (os atuais governos) **a gente vai ter que fazer alguma coisa para mudar isso e para melhorar as coisas, eu acredito nisso.** Só que com o governo que está aí não tem como, **então é estar sempre lutando contra** (Entrevista Professora Luiza) [grifos meus].

Uma das formas de luta para a valorização da carreira docente e da Educação de forma coletiva é através dos sindicatos, no caso municipal o Sindicato dos Municipários de Pelotas (SIMP[9]). Dos 11 colaboradores do estudo apenas 02 não são sindicalizados no momento, porém já foram sindicalizados. Suas desfiliações do sindicato se deram a partir da não concordância em algumas decisões do sindicato, conforme seus relatos:

[9] O Sindicato dos Municipários de Pelotas(SIMP), fundado em 20/09/1954 como Associação dos Municipários de Pelotas é o sindicato que abrange todos e todas os servidores públicos civis e professores e professoras municipais da cidade de Pelotas/RS, da administração direta e indireta. Disponível em: www.simpelotas.com.br

> **Não sou mais, já fui, mas não sou mais**. Porque assim, eu era sindicalizada pelo SIMP, pelo sindicato dos municipários, aí o que aconteceu? Uma época de uma greve, que eu fiquei muito desgostosa, a gente estava fazendo a greve, a greve estava forte, e o sindicato simplesmente... porque era na minha opinião tem isso era favorável a eles terminarem com aquele movimento daquela forma, naquele momento ele conseguiu moldar, fazer uma coisa para que a categoria toda entrasse, então **a partir daí eu comecei a desacreditar em sindicato**, eu até participo às vezes das mobilizações, tudo, mas já não faço mais como eu fazia antes, o envolvimento que eu tinha antes (Entrevista Professora Graça) [grifos meus].

> Não. Eu não lembro de ter visto durante muito tempo, **eu frequentei as assembleias, muito tempo mesmo, frequentei as assembleias do nosso sindicato**. **Tive uma mobilização quando se falou fortemente em fazer o sindicato só dos professores**. Eu participei bastante, nós acabamos não conseguindo fazer esse início do sindicato só dos professores. Eu não lembro de demandas do sindicato, de trabalhar demandas específicas da categoria, que existem demandas específicas da categoria dos professores da educação física, além de ter demandas específicas dos professores, eu acho que da educação física tem demandas que dizem respeito somente a nós e que são fundamentais para nossa atuação. Não lembro do sindicato ter tratado isso. E de um modo geral eu acho que nosso sindicato trata sempre professores dentro do grupo maior. **Não acho que eles atuem fortemente das demandas categoria professores, eu acho que ainda é falho** (Entrevista Professora Iara).

Todos os demais 09 colaboradores são sindicalizados, sendo 01 suplente de delegado e 01 já foi o representante da escola no sindicato. O envolvimento dos mesmos consiste em participar das reuniões e acatar a vontade decidida pela maioria. Porém, a participação é menos efetiva do que gostariam devido a dificuldades já citados pelos mesmos como a elevada carga horária que prejudica a participação mais efetiva, conforme os relatos:

> Sou. **Eu vou eventualmente a alguma reunião ou alguma assembleia,** mas não vou muito, até porque não tenho tempo, a maioria das reuniões, até as assembleias, não do sindicato, mas assembleias dos municipais, **geralmente bate com meu horário. Então acaba porque eu não consigo ir muito** (Entrevista Professor Alex) [grifos meus].

> Sou**. Hoje não participo. Não vou não, porque como eu estou na vice- direção,** a gente quando está vice- direção é difícil, embora eu concorde com tudo, **mas é difícil a gente participar porque a gente não pode parar aqui para fazer as coisas.** Então participei muito já, bastante (Entrevista Professor Bianca) [grifos meus].

> Sim. A **minha participação é indo à assembleias e acatando o que é decidido pela maioria**, mas nunca fui sindicalista (Entrevista Professor Cléber) [grifos meus].

> Sou sim. **Eu sou suplente de delegado. Sempre participei,** agora mesmo fiz greve [...] (Entrevista Professora Débora) [grifos meus].

> **Já fui bem mais ativo. Sou sindicalizado, já participei da diretoria de sindicato, sempre fui assim. Hoje mais de longe,** assim. Claro, participo das manifestações, das assembleias, procuro estar sabendo o que acontece, emitir minha opinião. Mas a atuação em si. **Até mesmo 40 horas dentro da escola é difícil participar de algo. Dificilmente tu consegue (dispensa), mas quando tem as manifestações, os atos, as assembleias, chamadas, eu procuro estar** (Entrevista Professor Ernesto) [grifos meus].
>
> Sim. **Na verdade, eu sempre vou nas assembleias, eu participo, eu voto, mas eu nunca participei do sindicato na parte diretiva,** assim como eu não participei aqui. Eu, digamos fico fazendo lá a minha parte de professor, mas eu sou sindicalizado aqui e sou lá também. Eu participo do sindicato dos professores particulares lá também (Entrevista Professor Fabiano) [grifos meus].
>
> Sou sindicalizado, **eu sempre fui do sindicato, mas não atuante, não com o cargo.** Participando das assembleias, até de uma passeata ou coisas do gênero, usufruindo também do que te beneficia sendo sindicalizado ali, questões advocatícias, instruções, orientações. **Mas não é aquela vida ativa, de ser sindicalizado** (Entrevista Professor Heitor) [grifos meus].
>
> Participava das assembleias, sempre dos movimentos, e não assim no sentido, até era representante da escola. Cara, como **a minha escola sempre foi uma negação, uma negação no sentido político**, eu estou dizendo que eu tive da parte da direção, não se envolvia, **dificilmente faziam greve, eu parava, porque assim, "olha, eu vou parar e pronto, vou lá no movimento"** (Entrevista Professor João) [grifos meus].
>
> Sou. Assim, **sou participativa no sentido de ir nas coisas quando tem assembleias, paralisações,** essas coisas (Entrevista Professora Luiza) [grifos meus].

Diante de que, na atualidade, a proporção de trabalhadores e trabalhadoras filiados aos sindicatos de suas categorias, no Brasil, é limitada a 16,2%, e que no serviço público, a taxa de sindicalização é de 36,8% dos servidores (FRIZZO, SILVEIRA, OLIVEIRA, 2019), termos 82% dos colaboradores desse estudo filiados é uma taxa expressiva, porém, por terem se formado antes de 2000, já era de se esperar esse percentual de sindicalização, pois devido às restruturações curriculares oriundas de mudanças sociais e orientações de organismos internacionais impactaram diretamente na participação política do professorado, assim, docentes que formaram-se a partir dos anos 2000, período em que se intensificaram as políticas educacionais de corte neoliberal, há uma tendência de menor envolvimento com o movimento sindical, seja na participação em manifestações e greves, ou mesmo sindicalizados em sua entidade representativa (FRIZZO, SILVEIRA, OLIVEIRA, 2019).

A partir de suas participações no sindicato questionamos o entendimento dos mesmos em relação a atuação do sindicato nas demandas da classe docente:

> [...] **eu acho que ele deveria ser mais atuante.** Se bem que **eu acho que ele atua bastante dentro das escolas,** porque a gente sabe que **a educação tem uma faixa muito grande dentro dos municipais, em torno de 40%**. Então **eu acho que eles se envolvem bastante, mas eu acho que fica ainda alguma coisa a desejar, que deveria ser visto o problema da educação com outros olhos** ou com mais carinho, ou com alguém que fosse da própria educação, que geralmente **o pessoal do sindicato tem poucos da educação e acham que por nós sermos uma faixa muito larga dentro dos municipais**, deveria sempre ter alguém ali que olhasse isso com mais carinho (Entrevista Professor Alex) [grifos meus].

> **Eu estou bem fora do sindicato,** não sei bem assim, não. Acho que **tive momentos que eu participei bastante que o sindicato era bem atuante.** Mas eu **fui sempre meio contra algumas coisas assim, então, tipo essas greves, essas paralizações que não se resolve nada**. Então, no fim a gente começa a se desestimular. Porque vão parar, vamos parar, para, para. Daqui a pouco não, não dão nada e aí tu volta sem receber nada. Então, **eu acho que tem outras formas de lutar,** eu acho (Entrevista Professor Bianca) [grifos meus].

E ressaltam que apesar das dificuldades de se manter, são sabedores da importância do sindicato para pleitear coletivamente assuntos de interesse da categoria, como os salários:

> **Eu acho que é importante a participação de sindicatos em todas as áreas, apesar de alguns sindicatos serem para uso próprio de alguns.** Mas a ideia de sindicato é importante, **principalmente quando tu tem alguma demanda que é financeira, não tem essa de negociar** com o patrão individual, isso é uma vergonha que se implantou e algumas pessoas acreditam nisso, que vai ter força de negociar isoladamente (Entrevista Professor Cléber) [grifos meus].

> Eu acho assim, que com tudo, e **eles têm ouvido muita crítica**. **Mas eu sempre apoiei muito o sindicato e desde o início que teve** professores, já passei, imagina, eu estou há 25 anos, então, eu já passei por vários prefeitos e vereadores e vários sindicatos. A única coisa que agora **esse sindicato de agora formado não tem nenhum professor.** [...] **O certo seria que tivesse algum professor nesse sindicato**. Uma época tentou fazer divisão que nem tem no Estado, só que aí até eles foram nas escolas, mas era muito fraco, eles não sabiam nada. Aí não adiantava também ter um sindicato fraco. Mas **eu, eu sou a favor, no futuro, se tivesse como separar, que fosse bom, seria melhor para nós, mas por enquanto... mas eu acho que com tudo eles desenvolvem um bom trabalho** (Entrevista Professora Débora) [grifos meus].

> É aquela coisa: todo mundo diz assim, “ah, o sindicato é fraco”. Não, “ah, o sindicato não faz isso”. **Só que o sindicato não tem a caneta para dar reajuste, para mudar o ambiente da escola. E luta**. Tu tem lá nove, dez pessoas que representam 6, 7 mil funcionários, não vão levar e fazer um prefeito, um governador, ou algum secretário

> mudar de opinião, com o peso de sete, oito pessoas se não tiver atrás, os sindicalizados, os trabalhadores. **Eu acho que faz o possível [...]** (Entrevista Professor Ernesto) [grifos meus].
>
> **Eu acho que faz o possível.** Eu acho que se movimenta bem, eu acho. **É muito difícil ter a relação aqui do sindicato com a Prefeitura é sempre muito difícil, é difícil. E sendo assim, um sindicato que não é só dos professores,** ele é de todos os funcionários, as demandas são muitas, é muita coisa, é muita coisa que envolve e que só vai acabar envolvendo funcionário de escola, outro que vai envolver funcionários lá do SANEP ou outros professores. Então, é muita coisa, é muito grande. E no particular ali, a gente tem o sindicato, o SINPRO, a luta é dos professores, é sindicato dos professores, então, é diferente, as lutas são mais focadas assim. E eles têm dificuldades também, no embate com os empresários, no caso os donos das escolas particulares é complicado. **Mas eu vejo que aqui no município é uma luta desgastante**, assim. É uma coisa que é uma luta que eu vejo que **desde o primeiro dia que eu entrei aqui em 1991 até hoje, quase 30 anos, a luta avança, a gente conseguiu, mas são muito poucos em função de todas as questões da gente que são envolvidas**. É bem difícil, é bem complicado, **eu respeito o trabalho do sindicato** (Entrevista Professor Fabiano) [grifos meus].
>
> Eu não sei, eu não conheço muito bem os bastidores. Como **eu não acompanho tão de perto é difícil opinar. Mas eu ainda acho que essa representação foi fundamental, a gente fica respaldado de alguma forma, somos orientados.** Apesar de poder ter falhas ou tendências, talvez, políticas, coisas do gênero, que não seriam bem as ideias, **mas ainda sou defensor dessa frente** (Entrevista Professor Heitor) [grifos meus].
>
> **O sindicato para mim sempre foi atuante, o sindicato sempre batalhou pelo servidor**, só que eu acho que existe uma falha do pessoal às vezes, o pessoal fala muito, “ah, esse sindicato não faz nada”, mas eles não vão a nada, não participam de nada, eu não posso dizer isso do sindicato se eu não participo, o que tu tá me perguntando aqui. O sindicato ganhou agora pouco os precatórios que eu até recebi um dinheiro, há muito tempo estava aí isso aí, mas ele é no caso assim, **sempre foi atuante**, agora mesmo, em questão do salário, data base, a prefeitura não deu data base para nós, ninguém, não sei se eles colocaram, deve ter colocado na justiça, mas só que o governo conseguiu meio que ó, amordaçar o sindicato, sabe? **Pode ver, está difícil o troço** (Entrevista Professor João) [grifos meus].
>
> Assim, **eu acho que eles são atuantes e são extremamente importantes.** Algumas vezes eu não concordo com algumas coisas que acontecem, algumas definições, mas não é nem por questão do próprio sindicato, é por questão dos próprios professores e municipários aqui de Pelotas no caso. [...] Então às vezes eu não concordo com certas determinações, mas participo da mesma forma. Mas **não que eles não sejam atuantes, mas são questões de discordar de algumas coisas, algumas mobilizações,** de achar que deve ser de tal forma (Entrevista Professora Luiza) [grifos meus].

Destacamos três pontos importantes, o primeiro é que, por não ter muitos professores e professoras na atual gestão do sindicato em comparação com o que a categoria docente representa em relação a totalidade de

servidores municipais, os docentes desejariam ter um sindicato somente da categoria docente, pois acreditam que assim suas demandas específicas seriam melhor atendidas em das demandas gerais de todos os municipários e municipárias, que são muitas. O segundo ponto é que, mesmo assim, a maioria do professorado considera o sindicato importante e atuante dentro do possível, e acreditam que muitos avanços só ocorreram por causa da luta do sindicato e da participação coletiva do professorado de EF, apesar da dificuldades de participação elencadas pelos mesmos, como a elevada carga horária de trabalho e a situação de multiempregos. Por fim, nossa terceira constatação é de que, também por essa elevada carga horária de trabalho e jornadas dupla, triplas e em casos como constatados nos relatos de chegar a trabalhar ao longo da carreira em cinco locais diferente, faz com que o professorado de EF da RMEPel busque soluções individuais e imediatas para problemas que perpassaram por toda a carreira e que seriam melhor enfrentados e combatidos através de uma articulação coletiva, como os problemas da formação inicial que não reflete e não prepara adequadamente para a realidade concreta das escolas públicas, a precariedade da infraestrutura e a falta de materiais para as aulas de EF, as aulas duplas e até triplas de EF num mesmo dia de aula e a busca de qualificação através da formação continuada, entre outros aspectos.

5. OS SENTIDOS DA CARREIRA DOCENTE PARA O PROFESSORADO DE EF DA RMEPel

Após analisarmos desde o período da escolha da graduação ao ingresso na docência, passando pelo reconhecimento e legitimação da EF no coletivo escolar, das condições de trabalho e da relação entre carreira docente, Escola e Sociedade, partimos agora para a compreensão dos sentidos da carreira docente para o professorado de EF da RMEPel. Segundo a análise dos dados do trabalho de campo, emergiram as seguintes categorias: a) A realização profissional e pessoal de ser professor e professora; b) As relações estabelecidas com o alunado; c) O Dom/vocação para a docência e; d) O Público e o Privado na carreira docente.

É necessário refletir sobre os sentidos que o trabalho assume na sociedade (ANTUNES, 2002), que deveria ser um componente constituinte do ser social e de suas ações, pois é o principal elemento constitutivo da vida humana e não ter apenas sentido manual e técnico reducionista, relacionado a um emprego formal ou informal gerador de salário e renda.

Para Vygotsky (2000)

> o sentido é sempre uma formação dinâmica, fluída, complexa que tem várias zonas de estabilidade variada [...] o significado é apenas uma dessas zonas de sentido que a palavra adquire no contexto de algum discurso e, ademais, uma zona mais estável, uniforme e exata.(VYGOTSKY, 2000, p.465)

Assim, compreendermos então que o significado é um conteúdo mais ou menos fixo da produção social, cultural e particular, compartilhado nas relações sociais de um determinado grupo, porém não pode ser visto como algo imutável, ele é uma construção social, relativamente estável (Vygotsky, 2000), esses significados são apropriados pelos seres humanos a partir de suas vivências sociais. Nesse contexto, os sentidos são inconstantes e instáveis, que se constituem de forma subjetiva em função das vivências coletivas e individuais de cada ser humano. E, apesar de significado e sentido serem categorias constitutivas distintas, estão intrinsecamente ligados um ao outro.

> O sentido da palavra, diz Pauhlan, é um fenômeno complexo e móvel que, em certa medida, se transforma constantemente de uma consciência para outra e de uma situação a outra na mesma consciência. Neste aspecto, o sentido da palavra é ilimitado (...). O verdadeiro sentido de cada palavra está determinado pela abundância de elementos existentes na consciência e que se referem

> ao que é expresso pela palavra em questão (...), o que quer dizer que nunca abarcamos o sentido completo da coisa e tão pouco o sentido completo das palavras. A palavra é uma fonte inesgotável de novos problemas, e seu sentido nunca está acabado. O sentido das palavras depende conjuntamente da interpretação do mundo de cada um e da estrutura interna da personalidade. (VYGOTSKI, 1991, p. 334)

Assim, apesar de significado e sentido serem expressões comumente utilizadas como sinônimos, serão tratados aqui como conceitos distintos e dentro da perspectiva sócio-histórica, apesar de serem diferenciados, pertencem a uma mesma totalidade (NAMURA, 2004).

Portanto, para estabelecermos a construção dos sentidos da carreira docente, partimos do entendimento dado pelos professores e professoras ao desenvolvimento de suas carreiras a partir de suas realidades concretas, relacionadas ao contexto das mudanças sociais, econômicas, políticas e tecnológicas desse período. Nessa perspectiva, os sentidos estão intimamente ligados a processos afetivos e a relações com seus pares e a sociedade, e enquanto houver um sentido, haverá a continuidade da atividade docente.

O capitalismo trouxe grandes transformações no mundo do trabalho, a finalidade dele não é apenas produzir algo que tenha somente valor de uso, mas também tenha um valor de troca. O interesse, então, não é o produto, mas, sim, a valorização do capital. Nessa sociedade capitalista, na reestruturação produtiva e dentro das discussões sobre a centralidade da categoria trabalho, torna-se imperativo compreender quais os significados do trabalho, nesta sociedade marcada pela multidiversidade e quais os sentidos pessoais que o trabalho engendra para a classe que dele vive. Em nossa pesquisa procuramos compreender a percepção dos sentidos que o trabalho adquire para o professorado de EF apreendidos na realidade do cotidiano escolar, de suas carreiras e da sociedade, assim, defendemos a "[...] centralidade da categoria trabalho na formação societal contemporânea, contra a *desconstrução teórica* que foi realizada nos últimos anos" (ANTUNES, 2020, p. 15, grifo do autor).

Após 25, 30 ou mais anos de uma carreira, muitas vezes o lado pessoal e o lado profissional se interligam de uma maneira que se complementem. Ainda mais quando o esporte esteve fortemente ligado às suas vidas pregressas da profissão docente, ser elencado como o principal motivo para a

escolha do curso de graduação em EF, e além de ser o esporte um conteúdo hegemônico da EF escolar. Acreditamos que o docente é um ser único, e o pessoal e o profissional são partes de uma mesma pessoa, do mesmo ser. Os docentes relataram o seguinte sobre a relação entre o pessoal e o profissional de suas vidas. Três docentes mencionaram que, pelo menos no atual estágio da carreia, diferenciam o lado profissional do pessoal em suas vidas:

> **Consigo**. Claro que por vezes tu está em casa, e aparece alguma coisa que, “ah, vou gravar isso, vou prestar atenção nisso”, porque posso levar para a escola ou agora posso levar para o meu trabalho. **Mas sim, sempre consegui dissociar.** O que não se dissocia é que na área da educação física, eu também sempre mexo, é que eu não consigo ver como é que colegas nossos se descuidam da parte da saúde. Isso eu não consigo. Eu **acho que o profissional da educação física tem que ser exemplo, tem que ser exemplo de saúde, de bons hábitos. Isso eu sempre me cobro, mas sempre foi natural** (Entrevista Professora Iara) [grifos meus].
>
> Não, **agora eu diferencio**. Nessa época que existia dança do projeto, era tudo meio misturado. Mas **agora eu consigo diferenciar bastante** (Entrevista Professor Luiza) [grifos meus].
>
> **Ah, eu consigo**. Graças a Deus. **É isso que eu não quis ser mais coordenadora, nem nada**. Que eu não fico pensando às vezes, mas não, **para mim a minha vida pessoal é outra coisa diferente**. Mas é isso, é uma das vantagens que eu vejo, se só é professor, é isso que tu sai tu faz as coisas, tem que fazer parecer fácil, tu tem que fazer as tuas notas, tu faz; tem que fazer as tuas atividades, tu faz. Às vezes eu estou em fim de semana, eu estou deitada e pensando: “Ah, posso fazer isso”, mas é uma coisa natural, entende? Agora, esses 3 anos que eu fiquei de coordenadora tinha que digitar o parecer de todos os professores, tinha que discutir. Ah, Deus me livre. Ah**, olha, sinceramente, tem que gostar muito.** E financeiramente também não vale a pena. Ganhava a mesma coisa então, porque tu perdia a hora-atividade que tu não está na sala de aula, não dava assim. (Entrevista Professora Débora) [grifos meus].

Segundo essas professoras, no momento em que exerceram outras funções além da docência na escola, na coordenação pedagógica ou de projetos, elas citaram ser mais difícil diferenciar as faces pessoais e profissionais de suas vidas, devido ao acúmulo de funções, porém hoje, somente na função de professora, conseguem fazer essa diferenciação. Os demais docentes relataram que evitam que um interfira no outro, mas consideram que a vida profissional e pessoal são praticamente uma, conforme seus depoimentos:

> **É difícil de conseguir separar.** É importante a gente saber separar a vida da gente, **mas não tem como.** Acho que a gente começa a se envolver. **Eu mesma fui uma pessoa que sempre me envolvi muito onde eu trabalhei, onde eu trabalho**. Então, **minha vida no**

> **fim se mistura à vida profissional.** Mas a gente tem que saber separar um pouco porque se não tu só trabalha. Senão você não vive. Mas eu acho que a gente consegue. **Eu, eu consegui sempre viver bem** (Entrevista Professora Bianca) [grifos meus].

> **Eu consigo diferenciar algumas coisas, mas elas estão interligadas.** Tu **não deixas de ser o professor quando sai do colégio e tu é a pessoa, as tuas vivências todas**, tu é quando está ministrando uma aula e alguns aspectos emocionais, tem hora que tu está com algum problema sério de filho doente, alguma coisa assim, **certamente vai refletir na tua atividade**. Os problemas que tu tem vai para casa também, **mas tu é aquela pessoa o tempo inteiro,** tu está em um restaurante, tu tem alunos, às vezes, pais de alunos junto, então tu tem que ter uma postura. Tu vai em uma boate, tu vai sair para um churrasco, não pode estar fazendo algumas coisas, porque isso vai refletir depois (Entrevista Professor Cléber) [grifos meus].

> Eu consigo desligar mais quando eu chego aqui, daí eu trabalho, consigo fazer bem isso. **Por mais que a gente fique pensando, eu consigo desenvolver meu trabalho**. Em casa também, mas menos. Quando chega em casa, claro, é outro ambiente, ambiente de casa. Como é formal aqui eu procuro não deixar que os alunos, professores, os colegas, os pais, claro que a gente tem algum problema, não vai ficar igual como se não tivesse. Mas **eu procuro não deixar influenciar, pelo menos aqui no meu trabalho** (Entrevista Professor Ernesto) [grifos meus].

> **Eu acho que eu consigo separar muitos problemas de um local do outro que eu trabalho**. Eu consigo sair de um local, fechar a porta, chego no outro, abro uma porta, saio. Mas da vida pessoal para profissional eu acho que aquilo está muito ligado. Porque não adianta. **Eu respiro a educação física há muito tempo, então não adianta, me envolvo**.

E relata ainda como chegou a ser sua rotina em uma determinada época da vida e da sua carreira docente:

> Que nem te disse anteriormente eu acabei largando do futebol por causa que tu tinha que te envolver aos finais de semana, e que **muitas vezes tu não tinha horário para família, não tinha horário para os filhos.** Meu filho de 15 anos, quando ele era pequeno me cobrava muito quando eu era o coordenador da pós-graduação, porque **eu trabalhava sábado e domingo, às vezes saía 7 horas da manhã no sábado e no domingo, e voltava 7 horas da noite no domingo. [...]** Já **chegava a passar às vezes 15 dias sem ter uma folga, nem sábado e domingo.** E ele me cobrava muito isso aí. Já chegou uma hora que acabou que aqui eles fecharam o núcleo aqui, então às vezes há males que vem para o bem. Claro que **tu diminui salário, diminui sua condição financeira, mas tem mais tempo para viver a família, tem mais tempo para atender os filhos** (Entrevista Professor Alex) [grifos meus].

Três docentes possuem cônjuges também professor(a) de EF ou formado na área, e ainda com filhos também formados em EF, assim, uma possível diferenciação entre o pessoal e o profissional torna-se ainda mais difícil, conforme os relatos dos docentes Fabiano, Graça e Heitor:

> **Ah, eu acho que eu sou um só, na verdade, que a gente acaba sendo um só.** E no meu caso, a **minha esposa também era professora de Educação Física, se aposentou no ano passado**, também dava aula aqui. Então, **a gente vivia muito a escola aqui e em casa. Então, não tinha como diferenciar. Depois o meu filho se formou em Educação Física também,** mas eu e a minha esposa demos aulas, a gente lecionou aqui junto durante... se formou há 25 anos, no mínimo 20 anos a gente lecionou juntos aqui, porque ela teve um tempo antes fora. Então, **na verdade não tem como separar. Não tem.** Eu tive também muita relação aqui com o colégio desde cedo, trabalhei com um grupo de escoteiros daqui e na questão do esporte, do basquete, dos treinamentos, então, **a minha vida com a escola aqui, ela começou cedo e vai terminar só daqui a uns 2-3 anos, quando eu me aposentar** (Entrevista Professor Fabiano) [grifos meus].

> **Não, existe relação, as duas estão sempre envolvidas uma com a outra**, é difícil, "hoje eu vou para escola, e termina...", não, **tu acaba levando em conta as coisas da escola para casa, na minha família o meu marido também é professor de educação física** embora ele não trabalhe em escola, então **a gente conversa muito**, um auxilia o outro, então é difícil tu não entrar, claro que **a gente tenta minimizar** [...] **a minha filha está se formando em bacharelado em EF** [...] (Entrevista Professora Graça) [grifos meus].

> Eu tenho uma outra frente, que é uma frente de ordem eclesiástica, de liderar nesse sentido, e parece que são bem opostos, que vai falar de uma fé bíblica, por exemplo. Mas, ao mesmo tempo, tu é professor. **Eu acho que eu não consigo desvincular isso.** Eu não posso dizer que eu sou... vamos botar o termo "um cristão", que crê na palavra, lá naquele momento de uma celebração e eu não ser isso também depois dentro da sala de aula com o aluno. Então **eu tenho que ter o meu estilo de vida como um todo, e se eu estou lá na rua, eu estou me encontrando com os alunos.** E ele não pode ver lá que eu faço outra coisa ou não sou aquele que é dentro de sala de aula. Então não sei se eu consegui explicar, **mas eu tenho que ser em qualquer ambiente, eu tenho que ser aquele cara. Aquilo é o que me caracteriza como professor ou como atividade extra, ou como pai de família, ou como marido. Aquele é meu caráter, meu estilo, é aquilo o que eu vivo** [...] **a minha filha foi para a área da educação física, mesmo sabendo das dificuldades que o pai passou, mas ela viu esse legado.** Eu levava ela para a escola, ela participava das aulas. Então **eu vejo que isso também ficou um legado para ela e ela também se realiza hoje** (Entrevista Professor Heitor) [grifos meus].

Santos, Bracht e Almeida (2009) relatam que os docentes O objetivo desta pesquisa foi compreender os sentidos da carreira docente para o professorado de EF da Rede Municipal de Ensino de Pelotas (RMEPel). Adotamos, para isso, a corrente teórica do Materialismo Histórico Dialético. Trata-se de um estudo descritivo, de natureza analítico-interpretativa, com 11 docentes de EF com mais de 20 anos de docência. Para a coleta de dados, utilizamos a escrita de cartas autobiográficas e entrevistas semiestruturadas.

Na análise dos dados, recorremos à triangulação de dados e à análise de conteúdo. Buscamos compreender a carreira docente desde a escolha da graduação em EF até os anos que antecedem a aposentadoria. Identificamos que os motivos pela escolha da graduação em EF não teve relação com a docência em si, mas pelo esporte aliado a outro determinante, com exceção de uma professora. Constatamos que suas formações iniciais foram esportivistas e apresentaram limitações para o trabalho no ambiente escolar, e que o ingresso na carreira docente, ocorreu principalmente, pelos direitos/vantagens da esfera pública. No tocante à EF na escola, a mesma foi considerada como pouco reconhecida e as condições de trabalho gerais, como carga horária elevada, a situação de multiempregos, plano de carreira e salários defasados, o não pagamento do piso e específicas da área, como infraestruturas precárias e falta de materiais para as aulas de EF, apresentaram-se como dificuldades ao longo de toda carreira. Apontamos como sentidos da carreira docente para o professorado de EF da RMEPel: A) A Realização como professor e professora: apesar da desvalorização profissional percebida ao longo de suas carreiras, os docentes exprimiram um sentimento de realização profissional e pessoal de serem professores e professoras. B) As Relações com o alunado: principalmente na possibilidade de colaboração na transformação da realidade dos mesmos. C) O Dom/Vocação para a docência: o professorado acredita na existência de um dom ou vocação para permanecerem na precarizada carreira docente, e como essa descoberta ocorreu durante a própria profissão e apenas uma professora relatou querer ser docente desde infância, denominamos de vocação tardia. D) O Público e o Privado na carreira docente: o ingresso na esfera pública e principalmente a permanência na carreira docente se deu também pelos direitos/vantagens presentes na esfera pública em relação à esfera privada. A precarização, a intensificação e a desprofissionalização que constatamos na função e na carreira docente afetam os sentidos da carreira docente, principalmente quando seus efeitos impactam negativamente na formação do alunado. O professorado mostrou-se preocupado com o futuro da Educação Pública e o fim de direitos trabalhistas e previdenciários, isso se deve às transformações ocorridas pelas políticas de cunho neoliberal capitalista que desestruturaram a carreira, a escola, a educação e a sociedade.

Consideramos que, apesar disso, ainda há sentidos no trabalho e na carreira docente ocupando a centralidade na vida humana e na formação do ser social.

Palavras-chave: Carreira docente. Educação Física escolar. Professores e professoras. Trabalho docente e pedagógico. Escola pública ao combinarem aspectos de sua vida pessoal com aqueles relacionados à sua carreira profissional, destacam que há uma forte interação entre a vida profissional e a vida pessoal e, principalmente, com a relação dos planos de cargos, salários e legislações, pois com as frequentes mudanças na legislação referente à aposentadoria docente, as quais resultaram em aumento no tempo de atuação profissional, levando-os a adiarem seus novos planos pessoais. Além disso, há uma forte preocupação com o futuro da profissão, assim como com os novos profissionais de EF que estão se formando e se inserindo no contexto escolar.

Assim, o desenvolvimento profissional não se separa do desenvolvimento pessoal, da vida em geral, que depende ainda das transformações da sociedade nos âmbitos social, econômico e cultural, apesar das singularidades de cada ser e por trabalharem tanto tempo em uma função, é normal que no fim de suas carreiras olhem para trás e que criem uma imagem de si como profissionais (e como pessoas):

> É, então eu optei por largar o futebol depois de 20 anos, trabalhei em todos os níveis do futebol, continuo gostando, foi a primeira pós-graduação que eu fiz, e trabalhei em outras áreas dentro da educação física. Trabalhei na parte da gestão, gosto da parte de gestão, tenho uma pós-graduação em gestão esportiva, trabalhei na coordenação de uma pós-graduação aqui durante cinco anos, de uma faculdade de Porto Alegre.[...]. Trabalhei em outras áreas também, já com treinamento, com trabalho na parte da academia já há 30 e poucos anos, estou quase me aposentando, devo me aposentar agora em dezembro nessa área pelo INSS. Mas não pretendo parar, porque quem gosta de educação física, e para mim que **cheguei a estar trabalhando em cinco locais ao mesmo tempo, parar de repente não está nos meus planos e nem a minha cabeça aceitaria** [...] É muitas vezes de reconhecer que aquilo **o que tu está fazendo pode não ser o melhor, pode não ser 100%, mas é o que tu tem condições naquele momento de fazer como melhor ou reconhecerem que, muitas vezes,** "ah, pois é, tu enxergava a coisa assim, ainda bem que tu mudou, está tentando melhorar". Então eu acho que isso aí é na vida da gente, não só como professor na área de educação física, a gente tem que tentar melhorar no seu dia a dia, **tem que achar que o dia seguinte sempre vai ser melhor ou que vai fazer uma coisa diferente para ajudar alguém. Então eu acho que isso daí é o maior legado que eu levo na educação física** (Entrevista Professor Alex) [grifos meus].

> Olha**, eu me sinto realizada**, sabe. Porque eu acho que muitos anos trabalhando, e tudo o que eu fiz, eu sempre fiz pelos alunos, eu me dediquei bastante. Então**, eu tenho assim, uma imagem de que eu**

> **realizada, na verdade é realizada, realizada na profissão** (Entrevista Professora Bianca) [grifos meus].

O Professor Cléber, apesar de expressar uma imagem de si como realizado profissionalmente, de se considerar relevante na EF, relata não ter certeza se faria de novo, e expõe os motivos:

> Eu acho **que já estou no fim de carreira, acho que sou um professor que se realizou com o que fez**. Talvez conhecendo hoje a realidade do que é a educação, não só a educação física, **talvez não tivesse feito o curso de educação física, por mais que eu tenha gostado do que eu fiz** durante, acho que... **consegui ser uma pessoa relevante dentro da área, acredito que não faria de novo, é questão, principalmente, questão de valorização e salário**. **É uma vergonha o que está acontecendo, e isso não é de agora, mas se acentuou**. Eu estou há **mais de 30 anos nisso e as discussões são quase sempre as mesmas sobre melhoria das condições de trabalho, valorização principalmente salarial**, tanto é que temos um piso salarial que até hoje não é cumprido (Entrevista Professor Cléber) [grifos meus].

Os demais docentes também expuseram que possuem uma boa imagem de si como profissionais, apesar das limitações e dificuldades que tiveram ao longo da carreira para a realização plena de seus trabalhos:

> Ah, **eu tenho uma imagem muito boa de mim assim**. E eu vejo assim, que eu encontro as pessoas – sabe? – os pais, crianças assim: “Ah, que saudade daquele tempo da dança, que saudade lá da escola”, saudade não sei de que. Às vezes até fico com vergonha, porque eles lembram da gente e a gente não lembra deles. Claro, porque também é difícil, além de serem muitos eles crescem e mudam a fisionomia. Então, eu vejo que algumas coisas, **algumas sementinhas eu deixei para alguns. [...]** Mas claro que pequei em muitas coisas, fiz um monte de coisa errada. Mas **eu acho que no todo eu consegui fazer muita coisa até com toda a nossa estrutura que a gente tem** (Entrevista Professora Débora) [grifos meus].

> Olha, assim, **eu sempre fui uma profissional extremamente responsável e dedicada, comprometida com aquilo que eu faço**, sempre tive um claro o que eu queria com os meus alunos no final do ano, no final daquele tempo que eu tinha com eles ou com a escola quando eu estava na direção, **em todos os seus viés eu acho que foi compensador** (Entrevista Professora Graça).

> **[...]** Eu acho que **dentro das possibilidades e das condições que tinha, mesmo não tendo muitas condições a gente ia buscar alternativas, é uma satisfação muito boa, o reconhecimento dos alunos.** Hoje eu encontro alunos... quer dizer, eles me encontram que às vezes nem reconheço, alunos que eu dei aulas, há anos e anos, já são pais. Hoje aqui na escola eu dou aula para os filhos dos meus alunos dessa escola, e é uma satisfação muito boa. **Acredito que fiz um trabalho bom na parte profissional, na educação física mesmo, desenvolvi um trabalho bom**. Mas **a gente é muito limitado em material, espaço físico**. Meu início nessa escola também limitou (Entrevista Professor Ernesto) [grifos meus].

> É difícil fazer isso, **a gente não consegue se perceber como o outro percebe a gente,** não é? Mas ao longo do tempo assim **eu acho que eu me considero um bom professor.** Eu me considero um professor que eu gostaria de ter tido, eu penso assim. **Eu gostaria de ter sido meu aluno, porque eu tive um feedback assim do meu filho, que foi meu aluno aqui, da turma do meu filho e tal, e de outros amigos assim, filho de amigos e tal** que me dizem que: "Ah, mas fulano fala de ti até hoje e tal" e feedbacks de ex-alunos que falam contigo hoje em grupos de rede social, que tem saudade, **que sempre quando vão fazer uma referência ao colégio às vezes lembram de ti,** lembram de outros professores aqui [...] (Entrevista Professor Fabiano) [grifos meus].

E exemplifica:

> Esses tempos mesmo teve um aluno, um ex-aluno que está na Sogipa como professor, na Sogipa como preparador físico e tal e ele **foi campeão acho que nacional aí de uma parte do vôlei.** E aí foi falar aqui do Colégio, agradecia a conquista dele agradecia ao ensino dele aqui no colégio que ele jogou, ele era um aluno que jogava todos os esportes, basquete, futebol, handebol, vôlei, jogou basquete comigo. **E ele fez referência a alguns professores e me incluiu também**, aquilo me... **a gente se sente bem, em se dá conta que o trabalho que foi feito não foi em vão, que tu marcou a vida**. [...] (Entrevista Professor Fabiano) [grifos meus].

O Professor Heitor acredita que mesmo satisfeito com sua atuação, é crítico consigo mesmo e acredita que não conseguiu contemplar algumas áreas da EF em suas aulas, segundo seu relato:

> Se eu fosse ser crítico comigo mesmo, **eu acho que eu deixei a desejar em muitas áreas dentro da educação física.** Mas aí tu vai um pouco pela ideologia na própria escola, pela filosofia da escola. Então por exemplo, atualmente aqui, é bem menos, por exemplo, uma área do atletismo e onde se canaliza um pouco mais na área do desporto, pelas participações em Jepel, Jergs, e coisas assim. Então **se eu fosse ser crítico comigo eu acho que eu não desenvolvi muito uma área, por exemplo, de atletismo durante um tempo, um ano, dois, três ou quatro. Se eu fosse fazer uma crítica comigo mesmo.** Por outro lado **eu acho que eu sempre tentei dinamizar as aulas, não fazer a mesma coisa.** [...] **Mas a crítica comigo mesma é nesse sentido que deixaram de levar adiante alguma coisa, e talvez eu fui meio repetitivo em algumas coisas de longa data, adotei mais ou menos um estilo e mantive aquilo.** [...] porque eu vejo que eles também gostam, pedem, **e para eles é prazeroso**.[...] **E eu vejo também o retorno que a gente tem deles.** Onde que se encontra, sempre tu houve elogios, e eu faço essa leitura. Enquanto tu está sendo elogiado, enquanto eles te querem bem eu acho que é porque a coisa está funcionando, está indo bem. **Eu acho que eu estou, vamos botar o termo, entre aspas, "agradando"** (Entrevista Professor Heitor) [grifos meus].

A Professora Iara, devido às condições precárias das escolas para a prática do conteúdo do atletismo, não conseguiu desenvolver nos alunos o mesmo gosto que teve em relação ao esporte que praticava e amava, mas tem uma imagem de si como profissional realizada:

> No trato ali, **na aplicabilidade das aulas e tudo, eu acho bem tranquilo, me sinto bem realizada nesse sentido**, sempre tive bom relacionamento com os alunos, inclusive também que eu sempre digo, os alunos eram problemáticos nas outras disciplinas, aí na educação física tinham notas excelentes, nunca faltavam, os professores reclamavam, “ah, no dia que tem educação física o fulaninho vem e incomoda o dia inteiro”, então assim, **em relação aos alunos, relacionamento, eu me sinto plenamente realizada [...]**(Entrevista Professora Iara) [grifos meus].

E as precárias condições de infraestrutura para o desenvolvimento de outras manifestações da cultura corporal e apropriação por parte do alunado foi novamente lembrada como uma frustação na carreira:

> **[...] o que sempre ficou, que eu não consegui realizar, como eu já relatei, que eu praticava atletismo, eu sempre tive interesse de trabalhar mais intensamente a questão do atletismo com os alunos, e isso não foi possível. A gente trabalhava muito precário, porque não tínhamos caixa de saltos,** a gente trabalhava pequenas distâncias, porque as escolas que eu trabalhei sempre foram as escolas do bairro Areal, a pista de atletismo que tinha naquela época só tinha aqui no Fragata, no quartel, então claro que a gente não ia trazer os alunos uma vez para conhecer e não fazer mais nada, **então nesse sentido eu fiquei frustrada de não ter conseguido despertar nos alunos que passaram por mim a paixão que eu tive pelo atletismo, e isso é uma frustração, mas o exercício da docência em sí, eu me sinto realizada,** tenho vários alunos que a gente encontra e falam... Tem **uma aluna que agora aos 35 anos resolveu fazer educação física, e ela me mandou um relato lindo, acho que eu coloquei ali na carta, achei bem legal.** A gente nem lembra mais às vezes de quem passou, e eles lembram, **então acho que essa marca foi bem boa** (Entrevista Professora Iara) [grifos meus].

O professor João acredita que fez um bom trabalho, principalmente quando suas condições físicas o favoreciam:

> Sim, eu me considero assim, dificilmente eu falto, entende. Se faltar, é por algum problema de doença, sempre fui assim, com toda dificuldade, dia de chuva, frio. Muitas vezes fui trabalhar doente, com uma dor, tenho um problema de coluna, Joelho, tenho problema no joelho, coluna já tenho problema na L2, L3, L4. Mas eu estou aí ainda. **Eu não sei até onde vou conseguir aguentar, entende? Já estou arrepiando, porque as atividades que eu fazia, como antes de ter, você vai lá, caminhar, correr, eu não consigo mais. Até pela idade**.[...] Então o que eu tento passar para eles é a importância da atividade física, mesmo com toda a dificuldade que eu tenho, do ponto de vista de trabalhar. E eu acho que também já não é só questão do desporto também, porque na minha época era mais questão do desporto, de trabalhar. Hoje **o professor vai ter um bom relacionamento com o aluno, já é outro lado afetivo. Esse lado de relação, porque está muito difícil.** [...] Mas no sentido que eu vejo, Ivan, **hoje a dificuldade é do que tudo o que a gente está passando, dessa questão da violência, o racismo, mas eu vejo assim, essa dificuldade no sentido desse lado afetivo** (Entrevista Professor João) [grifos meus].

E o sentimento de querer fazer mais:

> **A gente sempre quer fazer mais, eu acho, sempre se dedicar mais, sempre ter mais tempo**. A gente tem pouco tempo para desenvolver as coisas que a gente quer. Às vezes tu imagina, “bah, vou fazer isso, isso e aquilo outro” e não dá tempo. E até essa questão burocrática da escola, “ah, é final de semestre, tem que entregar isso, tem que fazer aquilo”, tu não consegue fazer exatamente as coisas que tu quer. E a educação física é uma disciplina de certa forma uma disciplina mais prática. Então parece que às vezes essas coisas vêm por cima burocrática e tu não consegue fazer tudo. Mas a gente vai tentando. Mas não é sempre que consegue (Entrevista Professora Luiza) [grifos meus].

Os relatos do professorado reforçam a ideia de que eles chegam a um determinado estágio da vida e da carreira que, conforme Huberman (2000), começam a se perguntar o que fizeram de sua vida profissional, ou seja, “se põem em questão” e refletem sobre a imagem que tem de si mesmos como professores e professoras, entre o que almejavam fazer e o que efetivamente fizeram, o que, em muitos casos, diante das dificuldades e da precarização elencadas por eles, poderiam resultar em uma “crise existencial”, o que não encontramos em seus relatos. Assim, a avaliação positiva de seus percursos profissionais na carreira é o próprio reflexo das histórias de suas vidas em formação e se reflete na própria identidade profissional (JOSSO, 2004).

Nossa análise no quesito imagem de si, das professoras e dos professores, é de que, diante das condições de trabalho, da realidade concreta que lhes foi apresentada, da desvalorização profissional, eles refletiram e se enxergam como bons profissionais, que fizeram o que podiam “dentro das possibilidades”, “dentro das limitações” que lhes foram impostas ao longo de suas carreiras. Além disso, essas imagens de profissionais realizados tiveram a ver com as categorias que estabelecemos para os sentidos de suas carreiras docentes e que será analisado nos subcapítulos seguintes.

5.1 A realização profissional e pessoal como professor e professora

Apesar das dificuldades e decepções em relação às condições de infraestrutura e da desvalorização da carreira docente ao longo do tempo, descrito até o momento, esses problemas não impediram que os docentes relatassem a realização profissional e pessoal como professor ou professora

que tiveram, esse elemento esteve presente nas cartas e durante as entrevistas:

> Ser professora de Educação Física **me realizou.** Trabalhava com currículo por atividades na época, de pré a 4ª séries, com ensino fundamental e com ensino médio. Além do basquete. Sempre dei aula de Educação Física, acreditava no que ensinava, **me realizava** e meus alunos aprendiam todas as modalidades. Todos participavam da aula, pois não era apenas jogo. Era aprendizagem, diversão, saúde, esporte, amizade, coleguismo, espírito desportivo, dentre outros [...] **Me realizei como professora, como técnica e dei aula por 25 anos de Educação Física [...]** (Carta Professora Bianca) [grifos meus].

Realização essa reforçada durante sua entrevista:

> **Eu não escolheria outra profissão**. Se eu tivesse que me inscrever novamente, eu me inscreveria para Educação Física, faria de novo, claro que hoje já com tecnologia também, mas esses 33 anos que dei aula de Educação Física, **para mim foi muito bom, de total realização** [...] (Entrevista Professora Bianca) [grifos meus].

Praticamente em todas as cartas houve relatos dessa realização em ser professor ou professora por parte dos docentes de EF:

> Foram muitos dias de planejamento, reuniões, aulas e atividades extracurriculares, algumas vezes difícil de executar, mas **na maioria das vezes tive o prazer em poder fazer aquilo que escolhi como profissão** [...] hoje **posso dizer que sou uma pessoa realizada como profissional,** não tive o ganho financeiro que acredito que os bons professores merecem, mas tive a sorte de poder trabalhar por mais de trinta anos com meu primeiro e segundo treinador no mesmo colégio que defendi as cores como aluno e atleta, hoje são amigos de convívio constante, também tenho o prazer de trabalhar com professores que foram meus alunos, e de ter vários ex-alunos amigos que frequentam minha casa [...] (Carta Professor Cléber) [grifos meus].

> [...] **sou um professor realizado,** faço aquilo que gosto e sou muito bom no que faço (pelo menos, penso que sou!) [...] (Carta Professor Fabiano) [grifos meus].

> Então o que eu te digo é o seguinte, se me perguntassem se faria tudo de novo, diria que **sim, que valeu a pena! Porque amei o que fiz na maioria do tempo,** porque detesto rotina e ser professor nunca é rotina, cada dia é diferente com certeza! Porque sou hiperativa e jamais iria conseguir trabalhar num lugar que tivesse que ficar sentada ou parada por muito tempo [...] (Carta Professora Débora) [grifos meus].

Realização profissional elencada nas entrevistas apesar dos *contras* da profissão docente citados pelos professores:

> Ah, é porque eu gostei de ficar. **Eu me satisfaço, eu gosto** de trabalhar com as criança**s, gosto de** trabalhar com os adolescentes. As coisas que a gente fazia era satisfatório. **Mesmo tendo o lado negativo, eu tinha mais positivo do que negativo**. É por isso assim (Entrevista Professora Débora) [grifos meus].

> Colega **como é bom ser professor, como é triste ver e sentir como tratam os professores**, não é mera retórica, **é a realidade**, de como somos todos tratados em geral pelos governos. [...] Como é bom trabalhar com colegas que tem entusiasmo e sabedoria para saber e discernir como e quando agir, nos mais variados momentos da nossa vida profissional [...] Caro colega, te desejo muita força e trabalho, **que consiga receber dos alunos não só gratidão, mas também a satisfação da missão e do trabalho realizado** (Carta Professor Ernesto) [grifos meus].

> Estou há praticamente 30 anos neste ofício e digo com a maior tranquilidade: **saio de cabeça erguida e realizado. Prevaleceram os "prós" em favor dos "contras".** [...] Felizmente **minha realização não dependeu do valor despendido pelos "órgãos" que nos pagam**. Creio que durante toda carreira esperava que a "dita valorização" acontecesse, pelo contrário, direitos que nos assistiam nunca puderam ser usados, exemplo: licença prêmio, e hoje já nem existe mais (Estado). [...] Apesar de todos esses percalços citados, trago comigo situações, conquistas, frutos, alegrias e **retornos incontáveis de satisfação e realização** (Carta Professor Heitor) [grifos meus].

Realização profissional essa que não esteve atrelada a uma valorização financeira, que não houve em toda carreira:

> Pois é, tem docências e docências. Como nós estamos falando a nível público, em conotações salariais mais baixas e tal, eu acho que a pessoa também tem que adotar. **Eu botei um tripé de fé, esperança e amor mais numa conotação do que eu vivo também na minha vida espiritual.** E eu sei que, muitas vezes, eu fui questionado, "mas como é que você consegue dar aula nessa alegria, disposição, termina o dia cantando também, e ainda vai para academia fazer a tua própria musculação, tu vai fazer seu *cooper* e no outro dia está aqui de novo e tudo mais? Bah, não tenho esse pique, não tenho isso". Então eu trago comigo para fazer um trabalho que eu não estou preso a um status social, que eu não estou preso a uma condição financeira, **mas o que eu estou fazendo tem valor, tem sentido e eu estou me realizando.** Eu tenho que ter uma dimensão em algo a mais na minha vida. Não posso ficar preso só nisso. Então a fé que me alimenta, uma esperança maior, poder ter um amor altruísta assim concebido, eu decidi amar. Então eu entendo que isso me facilita, isso me realiza, isso me ajuda muito tendo esse tripé. Enquanto eu vejo colegas que não têm essas características, para eles é mais difícil. Não que ele não vai desenvolver, não que ele não vai poder ser até um bom professor ou coisa assim. Mas eu entendo que isso sempre me acompanhou e ajudou muito, então eu trago isso como uma sustentação de estilo de vida. Então eu acho que talvez outras pessoas teriam outras motivações além dessas que talvez eu tenha citado (Entrevista Professor Heitor).

E mesmo tendo trabalhado em outras áreas não relacionadas à docência, nem a EF, antes do magistério, essas atividades não trouxeram a realização pessoal de ser professor:

> Já tive outras funções antes do magistério, no entanto**, realizador e prazeroso é este ofício, que me levou a aposentadoria, sem eu ter me dado conta dos anos que passaram. Não foi pesado, não**

> **senti o tempo passar, isto mostra que foi bom.** [...] Com certeza tu terás alguns desafios diferentes dos que eu tive, afinal, vivemos uma geração do “digital”, do tudo pronto e rápido, mas fique tranquilo, pode vir a geração que vier, o ser humano continua sendo motor e social, ele precisa de movimento, de interação, tem sangue correndo nas suas veias e, por isso, nossa área será sempre requisitada e necessária (Carta Professor Heitor) [grifos meus].

Este sentido da realização profissional ainda persistiu apesar de outras dificuldades específicas da área de EF:

> Dava trabalho: eram sacos e sacos de materiais a serem escolhidos e transportados, às vezes para uma única aula de 45 minutos. **Mas sempre foi um trabalho gratificante, prazeroso e desafiador** (Carta Professora Iara) [grifos meus].

Ou gerais da educação e da desvalorização da carreira pelos órgão públicos:

> Chegando perto da aposentadoria depois de 30 anos de docência, devemos nos preparar emocionalmente para abandonar a carreira, **saio com a certeza do dever comprido**, **ficando apenas a sensação de que poderia ter feito mais pela educação, se não fosse as condições oferecidas pelos governos,** cada vez mais tratando os professores como mendigos, situação da qual estamos vivendo nesse momento, tendo que fazer empréstimo para receber o 13º salário, o qual é um direito que está na lei orgânica do município de Pelotas (Carta Professor João) [grifos meus].

A partir desses relatos, corroboramos que no âmbito da EF escolar, assim como estudos sobre os sentimentos de satisfação e insatisfação de professores e professoras (SILVA; KRUG, 2007; RIGHETO, 2009; MOREIRA, 2010; JUSTINO, 2011; FERREIRA, 2011), inclusive da presença de *Síndrome de Burnout* em professores e professoras de EF (SINOTT *et al.*, 2014; SANTINI; MOLINA NETO, 2005); verifica-se que, apesar da insatisfação com as dimensões remuneração e condições de trabalho, a satisfação de ser professor e de sua função social foi uma constante nos estudos.

O estudo de Righeto (2009), que investigou o nível de satisfação profissional do professorado de EF e verificou que apenas 8,8% deles encontram-se satisfeitos na dimensão remuneração; 29,4% de satisfação referente às relações pessoais nas instâncias de poder, mesmo assim, constatou ainda que 67,6% dos professores encontram-se satisfeitos no quesito trabalho como fonte de realização pessoal.

É importante ressaltar que a *Síndrome de Burnout* é uma doença ocupacional/laboral que está relacionada e presente no trabalho docente, esta

síndrome é composta por três dimensões: a) exaustão emocional, b) despersonalização e c) realização profissional. Enquanto na dimensão exaustão emocional, que se caracteriza pela falta de energia junto com o sentimento de esgotamento emocional, causado pela sobrecarga de trabalho, e a dimensão despersonalização, que é o tratar de forma distante e impessoal os seus pares, alunos, pais e colegas de trabalho e o próprio distanciamento da profissão, em ambas, são encontrados níveis elevados de insatisfação. Porém, na dimensão realização profissional, representada por uma tendência do professor e da professora a se auto avaliar de forma negativa ou positiva, sentindo-se insatisfeito ou satisfeito com seu desenvolvimento profissional, e que pode resultar em um possível declínio no sentimento de competência, apesar de também serem encontrados níveis de insatisfação, esses níveis são bem menores em relação aos demais índices.

No caso da nossa pesquisa, os docentes elencaram a sua realização profissional, e por conseguinte pessoal, como um "sentido" da carreira docente reforçados em relatos como: "amei o que fiz na maioria do tempo", ou "mesmo tendo o lado negativo, eu tinha mais positivo", "na maioria das vezes tive o prazer em poder fazer aquilo que escolhi como profissão" e que "prevaleceram os "prós" em favor dos "contras". Os elementos de precarização do trabalho docentes aqui elencados pelo professorado, como dificuldades e decepções que perpassaram a carreira docente estão relacionados principalmente com componentes que não dependem exclusivamente da ação docente, mas dos gestores e órgãos públicos, como condições de trabalho (infraestrutura, materiais, espaço físico, entre outras) e remuneração, bem como de instâncias locais: "minha realização não dependeu do valor despendido pelos órgãos que nos pagam"; "como é bom ser professor, como é triste ver e sentir como tratam os professores"; "sensação de que poderia ter feito mais [...] não fosse as condições oferecidas pelos governos"; "não estou preso a um status social [...] não estou preso a uma condição financeira, o que eu estou fazendo tem valor, tem sentido". Esses relatos nos remetem então à reflexão de que pelo sentimento de realização profissional e pessoal de exercerem a profissão docente decorre um sentido da docência para o professorado dentro da carreira docente bastante evidente nas suas escritas e falas, apesar das dificuldades e decepções relatadas.

5.2 As relações estabelecidas com o alunado

As relações que se estabelecem entre professorado e alunado ao longo da carreira docente foi o elemento mais presente nas cartas e nas entrevistas, e assim compõem outra categoria de análise e outro sentido da carreira docente:

> [...] Mas aqui meu futuro colega, te digo que para escolher Educação Física, **não basta apenas gostar de esporte! Tem que gostar de ser professor, tem que gostar de dar aula na rua, de ter muitos alunos, de entender os alunos,** de movimentar o corpo, de correr para um lado e para outro, de praticar juntamente com seus alunos, de buscar e sempre buscar, de saber improvisar quando preciso. (Carta Professora Bianca) [grifos meus].

Segundo a Professora Bianca, para seguir a carreira de professora de EF tem que ir além de gostar de esporte, que foi o principal motivo da escolha do curso de EF, há a necessidade de se compreender o alunado e saber das dificuldades que permeiam a Educação em geral e o componente curricular EF.

Nesse mesmo sentido, o Professor Cléber, em sua carta, acredita que a partir das relações com o alunado é possível o desenvolvimento de pessoas que contribuirão para a justiça no mundo e escreve mais sobre a relação professorado/alunado:

> [...] acreditando que através da educação **é possível transformar e desenvolver pessoas para um mundo melhor e mais justo** [...] e muitas situações que te farão pensar se vale o sacrifício. Claro que vale! **Nenhuma profissão te dará o prazer de um abraço daquela criança que achava que não tinha valor algum, e sua autoestima é resgatada por um simples exercício ou jogo e a tua palavra ou gesto de incentivo na hora certa** [...] Poder ver pessoas crescerem e desenvolverem conhecimentos, habilidades, valores e saber que fostes parte significante nesse desenvolvimento não tem salário que pague [...] (Carta Professor Cléber) [grifos meus].

E relata em sua entrevista ser difícil mensurar essa contribuição na vida do alunado:

> Muitas vezes **a gente não consegue medir o que é que a gente pode impactar na vida de uma pessoa**, e eu acredito que todo professor tem, às vezes algo negativo, mas **a maior parte das vezes, um impacto positivo na vida das crianças, dos adolescentes que tu lida** durante um ano ou mais, tu tens um impacto na formação dessas pessoas, **e é o que me move, é saber que eu posso fazer com que algumas pessoas tenham um rumo diferente na vida** (Entrevista Professor Cléber) [grifos meus].

Relações essas que perpassam a escola e os anos de escolarização e se constituirão nas memórias:

> Passando pelas ruas da cidade sempre tem um “bom dia professor!”, algumas vezes não lembro o nome, algumas vezes não lembro a fisionomia **mas é sempre revigorante ser lembrado e querido por pessoas que muitas vezes não temos a dimensão de nossa influência em suas vidas** [...] Os alunos quase sempre gostam da disciplina, se você der aulas, e não deixar eles simplesmente com uma bola**, eles se tornarão seus amigos na maioria, lembrando de você muitos anos depois,** mesmo que não se lembre mais do seu nome.. (Carta Professor Alex) [grifos meus].

A Professora Débora acredita que essa relação entre o componente curricular EF e alunado é diferente da relação entre eles e as demais disciplinas:

> **A grande vantagem que vejo em ser professor de Educação Física é que a maioria dos alunos amam**. Ver a felicidade deles, o prazer em realizar as atividades não tem preço. Penso que ser de Matemática e Português é bem mais difícil de conquistar [...] (Carta Professora Débora) [grifos meus].

E no fim de sua carta deixa recado para os futuros docentes de EF:

> **[...] Se realmente gostas muito de trabalhar com crianças e adolescentes** e amas trabalhar as atividades corporais em todos os aspectos, **vai em frente.** Mas **se não tens certeza, se queres ser valorizado profissionalmente e financeiramente** pela sociedade, se não queres ir a luta, se queres uma vida mais pacata e fácil, daí com certeza te diria para escolher outra profissão**. Porque ser professor de Educação Física é viver com emoção!** (Carta Professora Débora) [grifos meus].

Ao sugerir para os novos docentes que caso desejarem uma profissão em que sejam valorizados financeiramente e profissionalmente, os novos docentes deveriam escolher outra profissão, depreendemos que a Professora Débora carrega um sentimento de que em um futuro imediato não vislumbre a possibilidade de melhorias de condições para a categoria docente.

A partir das relações estabelecidas com o alunado ao longo da carreira, os docentes descrevem que ao colaborarem no crescimento e na vida do alunado, ao fazerem a diferença em suas vidas, ou seja, um relacionamento capaz de provocar mudanças na vida do alunado, apesar das dificuldades que enfrentaram para isso, fez com que identificassem nisso um sentido para a carreira docente:

> **Que bom poder participar do crescimento e da vida dos nossos alunos.** [...] Se formos pensar e falar do sistema que estamos inseridos, ficaríamos quase loucos ou desiludidos. Porque a forma que somos tratados e a dificuldade de modificá-lo é muito grande, mas vamos em frente colega, o trabalho e a vida segue, por mais que alguns pensem que não, **nossos alunos precisam e muito de nós, de nossas palavras, nossos atos, dos nossos exemplos como**

> **cidadãos e como profissionais [...]** (Carta Professor Ernesto) [grifos meus].

> Mesmo sem estrutura, com uma Comunidade cheia de problemas, comecei a realizar um trabalho de formiguinha e fui tendo conquistas, a direção adquiriu alguns materiais e começamos a lutar juntas, por uma quadra esportiva, que fomos contempladas algum tempo depois. E **assim me senti educadora e comecei a fazer diferença na vida dos meus alunos.** [...] Seja bem-vindo, escolhemos uma profissão em que não podemos nos acomodar nunca, espero que sejas muito feliz nessa tua escolha e que te apaixones pela carreira de docente, mesmo com todos os viés. Percebas, que acima de tudo, **o mais importante, é fazer a diferença na vida dos nossos alunos, ser um dos responsáveis pela sua educação e seu sucesso** (Carta Professora Graça) [grifos meus].

Essas relações são tão marcantes que vários docentes relataram que alunos e alunas decidiram cursar graduação em EF, devido às aulas e à influência positiva do professor e da professora de EF:

> Ter deixado um legado de vida, de amor, de perseverança, de qualidade, de prazer com o que faço, de mostrar que precisamos de pouco para ser feliz, um legado de caráter, de valorização do ser, sem falar de conquistas de ordem motora, coordenativa, socializadora, competitiva, lúdica, das medalhas e das aprendizagens nas derrotas. [...] **Saber que por minha influência positiva meu ex-aluno se formou na Educação Física é gratificante**; ser convidado para frequentar a casa dele e ainda ser padrinho de qualquer **coisa é impagável**; receber na escola o filho do meu ex-aluno e ouvir os mais profundos elogios repassados **emociona**; ser um confidente das mais profundas questões da alma **é nobre**; ah, e aqueles reencontros depois de longa data, que chegam a trancar o trânsito, é lindo de se ver, saber que o aluno fica esperando a tua aula a semana inteira e não falta naquele dia nem com “temporal”; ouvir: a melhor aula, o melhor professor; ah, já terminou? Foi legal, entre outras coisas (Carta Professor Heitor) [grifos meus].

> É tudo o que a gente vê de mudança de vida. **Eu acredito nessa coisa que a gente pode mudar vidas**. Não de mudar, mas **de transformar de determinada forma,** entendeu? **Quando eu vejo vários alunos meus que foram fazer educação física também, que reconhecem o trabalho da gente, que enxergam a gente,** “ah, professora, tu me deu aula em tal época”, a gente sabe que aquilo ali marcou a vida dele, entendeu? Então eu acho que **isso que faz a gente continuar com vontade, sabe**. [...] (Entrevista Professora Luiza) [grifos meus].

No caso da Professora Luiza, que coordenava um projeto de dança, o alunado não somente ingressou em EF, mas também no curso de Dança e mostra sua satisfação com isso:

> Alguns **alunos do grupo de dança saem da escola entram na faculdade de Educação Física e de Dança**, o que é um indício que as aulas de dança **deixaram frutos**, o que sempre **deixa professoras como eu e minhas colegas muito orgulhosas** (Carta Professora Luiza) [grifos meus].

Se, na condição de professores e professoras, eles conseguem transformar a realidade a partir do trabalho, são, portanto, seres da práxis, sendo essa uma condição ontológica, pois “os homens são seres do que fazer é exatamente porque seu fazer é ação e reflexão. É práxis. É transformação do mundo” (FREIRE, 1987, p. 121). Então, a partir dessa práxis, formam os sujeitos e são capazes, como em seus relatos de “mudar vidas, de serem “influências positivas” e “fazer a diferença na vida dos alunos” acreditamos que, dentro de todas as dificuldades apresentadas, ainda são capazes de realizar essa práxis, e assim, serem, não o único, mas um dos elementos de transformação na sociedade.

E ainda que essa capacidade de transformação de apenas uma parte da realidade não compense a desvalorização que tiveram ao longo de suas carreiras docentes, pelo menos “aquece o coração”:

> Vejo hoje muitos, **muitos ex-alunos que se tornaram ou se tornam professores de Educação Física**. Há pouco tempo, uma dessas ex-alunas, já com 35 anos, me enviou via rede social**: “gostaria muito de te contar que, por te admirar muito, hoje consegui começar a faculdade de Educação Física. Estou com 35 anos e lembro muito bem de como eram boas as tuas aulas**”. Compensa os anos de poeira, sol e frio? Compensa o baixo salário? Compensa aquele olhar dos demais colegas julgando que a tua disciplina não era séria (sendo que somente nós temos as aulas monitoradas e avaliadas diariamente)? **Não compensa nada disso. Mas que aquece o coração, isso aquece** (Carta Professora Iara) [grifos meus].

E deixa no fim de sua carta uma mensagem de reflexão para os possíveis novos colegas que pensam em entrar e seguir na carreira docente:

> Então te digo: se acreditas que o professor pode fazer a diferença na vida do aluno, **vai lá e te joga**. Mas sejas sempre honesto contigo e com teus alunos. Se e quando te tornares aquele professor que só joga a bola, **te exonera e vai fazer outra coisa**, mas não impede a nenhuma criança a felicidade de uma correria bem conduzida, de uma descoberta de brincadeira. **De um pedaço de infância bem vivida** (Carta Professora Iara) [grifos meus].

O Professor Heitor, em sua carta e durante entrevista, relata como foi ser esse “modelo inspirador” e as conquistas na formação do alunado, pois em termos financeiros, a carreira não compensou:

> **Ajudar a formar um ser, acompanhar os estágios da vida dele, ser um “modelo inspirador” (anexo 1), contribuir para a construção de uma visão de mundo real para com o educando são situações de uma enorme responsabilidade e de uma realização de vida ímpar** (Carta Professor Heitor) [grifos meus].

> Pois é, eu acho que na carta eu botei mais aquela **satisfação de deixar legado de caráter, de deixar legado de postura profissional, de ser pontual, de não faltar, de não burlar, de interagir com eles, saber ouvir e respeitar os limites.** Então tu te encontra e tu leva isso além da sala de aula ou além da quadra**, tu parece que faz uma amizade, tu é bem quisto, bem visto, tu é bem aceito, tu é bem falado**. Então eu acho que esse legado de... vamos botar assim, de ser uma boa pessoa. Não que seja assim tão boa, mas eu acho que é esse legado da alegria do que tu faz, da satisfação, de tu valorizar aquilo o que está sendo feito, por mais simples que seja; de conseguir oportunizar a todos, independente da condição ou limitação física, cor, biotipo físico, ou qualquer outra coisa. Então não sei, eu acho que são esses legados. **Porque se for olhar em termos salariais, não é isso que compensou. Se tu for olhar outros aspectos também não**. Eu acho que é mais esse detalhe. Conquistas específicas, se tu fez interséries, se participou de jogos escolares e tu conquistou, aquilo é um detalhe. Até se a conquista foi realizada pela nossa realidade aqui, eu acho que é bem por essa questão participativa, de interação, de respeito mútuo tanto do aluno por ti e tu por ele. E de fazer um trabalho em conjunto. Então são conquistas que vêm nesse ambiente amistoso, favorável, agradável de chamar (Entrevista Professor Heitor) [grifos meus].

A professora Luiza também acredita que essa participação na vida do alunado não ocorre em uma via única e vertical professorado- alunado:

> Durante meus anos de trabalho tanto em Rio Grande quanto em Pelotas ocorreram inúmeros problemas assim como grandes realizações e coisas maravilhosas, **o aprendizado com os alunos e colegas é fator extremamente importante na vida de um professor.** [...] Acredito que temos que traçar novos caminhos e aproveitar novas possibilidades. Se, estou hoje pesquisando a dança é porque ela foi de extrema importância em minha vida, e sempre terá suas marcas em minha caminhada, assim como na de inúmeros alunos que ainda tenho contato e vejo o quanto esta prática marcou as suas, seja como profissionais ligados a ela, ou, simplesmente como uma vivência que mudou suas atitudes com relação a seu futuro. Dúvidas e questionamentos existem constantemente e existirão sempre, nossa vida é permeada pelos questionamentos, será que estamos no caminho certo. Essa dúvida sempre existirá. E acredito ser extremamente importante as discussões na escola e também o estudo e posicionamento da comunidade e principalmente o direito a voz dos professores.[...] Todos esses anos de dança foram muito importantes e de muito aprendizado, o relacionamento com os alunos, suas diferenças, crenças... **A relação professor-aluno é importante para o nosso crescimento como educadores,** mas é importante que seja sempre realizada **uma reflexão crítica em torno de nossa prática,** o que nos leva a buscar o conhecimento em torno de tudo que nos envolve para, também despertar o interesse dos alunos (Carta Professora Luiza) [grifos meus].

Assim, o crescimento pessoal do alunado na relação alunado-professorado ocorre também em relação ao professorado, pois o aprender acontece da relação entre ambos. Desta forma, ensinar EF é mais do que ensinar conteúdos, segundo os relatos:

> Ah, eu acho que não é só o aprender por aprender assim, em termos de conteúdo. Ainda mais eu que estou trabalhando até o 5º ano, que é mais a recreação, os jogos pré-desportivos, não chega a ser regras, esse tipo de coisa**. É o conviver, a ser cidadão, esse tipo de coisa assim, que eu acho que é mais importante que é o que eu consegui para alguns**. Claro que para outros não. **E modificar alguma coisinha que seja** (Entrevista Professora Débora) [grifos meus].

> **Eu acho que é o gostar. Eu gosto muito de trabalhar em escola, gosto muito de trabalhar com as crianças.** Sempre a gente tem, **por mais problemas que tenha, tu tem uma resposta boa dos alunos**. Hoje um pouquinho mais difícil de você trabalhar com adolescentes, mas tem uma resposta boa dos alunos. Conforme tu os trata, eles te tratam também. **O aprendizado deles, por mais dificuldades que tu tenha no espaço físico, material**, até às vezes no trato com eles. Mas eles respondem, eles aprendem, eles conseguem. **E a educação física praticamente todos os alunos gostam,** então se interessam bastante (Entrevista Professor Ernesto) [grifos meus].

> **Na verdade tu marca na vida das pessoas. E que bom que ele marcou de uma forma positiva.** E já teve outros alunos também que fizeram isso, por aí a gente consegue ver hoje. Ou quando encontra as pessoas depois, eles fazem essa referência como foi bom e então assim, eu tenho uma postura de ser, eu entendi há muito tempo que a gente precisa... **precisa tentar compreender o aluno, precisa conversar com aluno**. Muitas vezes o aluno está aqui, ele quer mais é um pouco de atenção, principalmente esse aluno, não é só esse aluno do ensino público não, eu dou em escola particular com alunos com uma condição financeira maravilhosa, muito boa e às vezes o que eles precisam não é nada material, é mais atenção, é mais conversar, é mais entender um pouquinho. **Às vezes a Educação Física tem isso também, eles se abrem muito contigo, eles têm um pouco mais de liberdade na Educação Física, talvez por estar fora da sala de aula, por estar mais próximo, por ter que estar te abraçando, segurando, tem uma relação diferente.** Às vezes eles se abrem mais contigo. Eu acho que eu **sou um professor que conversa com os alunos, que entende os alunos, que procura e às vezes me divirto muito, que eu joguei muito junto com eles.** Assim é uma coisa que eu fazia muito, evidentemente que a idade vai te diminuindo isso, mas eu sempre joguei junto com os alunos, eu sempre brincava junto, jogava. Agora mesmo **eles vivem me convidando para jogar junto ali.** Então, na verdade isso é uma coisa que te aproxima muito do aluno e faz com que tu marque na vida deles positivamente, como alguns professores aqui no colégio marcaram para mim também. Então, eu tive professores aqui que me marcaram também como aluno. Então, eu penso assim que ao longo desses anos todos eu acredito que fui um bom professor, que fiz minha parte meu dever como educador, gostando daquilo que estava fazendo. E eu acho que na verdade, a frase que eu posso dizer é isso, eu gostaria de ter sido meu aluno. (Entrevista Professor Fabiano) [grifos meus].

As Professoras Graça e Iara, ainda comentam sobre o objetivo de todo professor:

> Olha, qual é o objetivo de todo o professor**? É ver o seu aluno, o resultado do seu aluno, é ver a trajetória dele no final do ano escolar** dele lá, **dos anos escolares**, que ele tenha aprendido com a

> gente, que ele tenha crescido, tenha se desenvolvido de uma maneira positiva, eu acho que isso aí **é o sonho de todo professor** (Entrevista Professora Graça) [grifos meus].

> **Eu acho que o aluno, eu acho que a possibilidade de fazer mais e melhor pelo aluno,** eu acho que isso fica bem claro, assim, até na minha trajetória, porque eu fiquei em sala de aula nesses 18 anos que eu estava na escola eu fiquei 15 anos em sala de aula, quando eu assumi a direção da escola eu permaneci em sala de aula ainda, porque naquela época era possível, eu tinha uma carga horária em sala de aula, e uma carga horária na direção [...] E aí quando eu vim para trabalhar na Secretaria, eu vim para trabalhar como supervisora de educação física [...] (Entrevista Professora Iara) [grifos meus].

Essa relação de serem professores e professoras poderem ser um exemplo, de poder ser um "modelo a ser seguido" é tão forte que inclusive o fato de, por desgastes das próprias condições laborais de trabalho, por motivos de saúde e de idade não poderem acompanhar mais o alunado de forma mais efetiva nas aulas práticas, não conseguir demonstrar a atividade prática, devido a dificuldades de saúde, essa relação faz com que o Professor João pense que tenha que se aposentar, ou ainda conviver com o dilema entre seguir com condições de trabalho e saúde precárias versus se aposentar e perder parte de sua remuneração:

> [...] 30 anos fechei, **não adianta, tem que ficar agora mesmo,** na outra, eu tenho 20 e poucos, porque eu comecei mais tarde, nessa outra teria que ir aos 70 anos, e agora com a nova lei eu vou perder, 30% eu acho do salário. Mas eu vendo conforme for a minha situação e que eu sentir a minha saúde, as condições, ou não aguentar mais por estresse, sabe, quando saturar. **E eu vou ter que sair, não vou aguentar, porque eu vou me sentir mal, e eu não sou assim, vou ir para lá, já estou um pouco assim, sem vontade, sem motivação, e com dificuldade de locomoção, que é o que afeta**, e tu vai assim, ó, "pô, não dá mais", porque o aluno, ele te vê como alguém, uma imagem do professor de educação física, aquele cara sei lá, que possa fazer as coisas, que vai e participa, né? Antes eu até participava das aulas e hoje não participo quase, porque eu vou arriscar a me machucar, e **eu já tenho uma placa na perna** aqui, que eu tive que colocar aqui por um acidente jogando, então eu não posso mais jogar, e assim, vai dificultando, e a idade, eu vou ter que sair, **eu vou ter que dar espaço para uma pessoa mais nova do que eu, que tenha condições de fazer um trabalho melhor do que eu** (Entrevista Professor João) [grifos meus].

Esse sentimento mostra outra angústia dos docentes, entre a parte financeira, a parte física e de motivação para permanecer ou não no exercido da profissão docente. Ao se aposentar, o professorado perde parte da remuneração como alguns auxílios, porém, se decidir permanecer na atividade docente, vai seguir convivendo com as condições precárias de trabalho

relatadas, além das condições físicas, condizentes às vezes com a idade, e, em outros casos, agravada com as características do cargo e específicas da área de EF de não poder demonstrar na prática uma atividade e não se envolver mais efetivamente pode gerar, conforme o Professor João, um “sentir-se mal”.

Nesse aspecto Gomes (2020) relata que:

> O ruído ocupacional “barulhos” inerentes ao ambiente escolar ao longo do tempo” e o desgaste corporal revelaram-se aspectos merecedores de preocupação por parte dos docentes. As particularidades das condições e do ambiente de trabalho parecem influenciar a prática profissional e a saúde dos professores de Educação Física escolar com o passar dos anos. Diante das especificidades decorrentes da profissão, os professores alteram suas práticas pedagógicas para a conservação e manutenção na carreira, valorizando informações relativas à sua saúde. Já os saberes constituídos durante a experiência de anos na escola permitem-lhes subsidiar estratégias para lidar com distintas demandas do cotidiano laboral (GOMES, e54710, 2020).

De acordo com Hopf (2002) sobre o ensino, este acredita não haver razões para crer que os professores, no final de carreira, atuem de forma diferente dos elementos de outras profissões sujeitas, mais ou menos, à mesma evolução fisiológica e às mesmas pressões sociais, em que as pessoas “desinvestem” progressivamente, passando para os jovens esse espaço.

Concordamos que ensinar e aprender não é apenas transmissão e recebimento de informações, é um ato de conhecimento da realidade concreta (FREIRE, 2002), isto é, da situação real vivida pelo educando, e só tem sentido se resultar de uma aproximação crítica dessa realidade. Portanto, é através da “mediação”, ou seja, da relação entre o imediato e o mediato que, para Marx essa relação está presente na correlação entre natureza e seres humanos, em que a natureza é o imediato e o ser humano é o mediato, mediados pelo trabalho, temos a relação da Educação, onde a mesma “não transforma de modo direto e imediato e sim de modo indireto e mediato, isto é, agindo sobre os sujeitos da prática” (SAVIANI, 2003, p. 73). Assim, a partir das relações entre professorado-alunado, como partes integrantes da sociedade, podem afirmar essa sociedade, ou como defendemos, superá-la e transformá-la.

5.3 O Dom/Vocação para a docência

Em sua gênese, a educação foi, durante longo tempo, uma função estritamente masculina, o alunado era masculino e o ensino ministrado por padres jesuítas ou por outros que estudavam e eram contratados como tutores por quem detinha condições de pagar (CATANI, 1997; FREITAS, 2000). Após a Revolução Francesa e a ascensão da burguesia, a mulher assume então o seu "papel social" na educação dos filhos (FREITAS, 2000). Porém, a discriminação da atividade de magistério ligada a um "dom" ou a uma "vocação" feminina baseia-se no sentido da mulher ser a geradora de um ser, tendo assim função materna de cuidar de crianças, função esta que seria ligada à feminilidade, à tarefa de educar e socializar os indivíduos durante a infância. Dessa forma, a mulher deveria seguir seu "dom" ou "vocação" para a docência.

Na década de 90 houve um aumento significativo da força de trabalho feminina, aproximadamente 40% da força total (ANTUNES, 2000), sobretudo nos países mais desenvolvidos. No entanto, a desigualdade persiste em diversos setores, como a diferença salarial e de cargos, pois segundo o autor:

> [...] vivenciamos também a efetivação de uma construção social sexuada, onde os homens e as mulheres que trabalham são, desde a família e a escola, diferentemente qualificados e capacitados para o ingresso no mercado de trabalho. E o capitalismo tem sabido apropriar-se desigualmente dessa divisão sexual do trabalho (ANTUNES, 2000, p. 109).

Embora ter um dom ou uma vocação para algo possa ser entendido como uma qualidade inata, pronta para se realizar determinada tarefa ou trabalho, ou ainda, no caso do magistério, ser considerada uma força misteriosa, "que explica a quase devoção com que a grande maioria do magistério nele permanece, apesar da imoralidade dos salários. [...] mas cumpre, como pode, o seu dever" (FREIRE, 1996, p. 161), reconhecemos a necessidade de desmistificarmos sua naturalização, ou seja, vermos essa vocação não como um dom inato, mas uma capacidade de realizar de forma bastante satisfatória o trabalho, superando as dificuldades e prosseguindo na luta pela qualidade da educação. Entendemos, então, como uma característica profissional, contrária à naturalização, mas ao encontro de uma profissionalização, algo que demanda estudo e preparação, já que se exige no mínimo, uma formação em nível superior.

Isso poderia nos fazer pensar que a carreira docente não seria, no caso das mulheres, uma escolha profissional deliberada, mas ligada a um dom ou vocação anteriormente conceituada. O dom ou a vocação para a docência é a 3ª categoria de análise e discussão dos sentidos da carreira docente. Essa vocação ou dom não é uma vocação inata, mas uma descoberta durante a própria carreira, pois de todo o professorado participante, apenas a professora Luiza queria ser docente de EF antes de ingressar no curso:

> **[...] minha tia era professora de educação física na mesma escola que eu trabalho até hoje**, e eu ia bastante com ela para a escola, e gostava, **tinha um amor, comecei a gostar, achava legal aquela coisa do ginásio, dos alunos participando** e tal, desde que eu estava na primeira série eu ia com ela, ela dava aula de dança uma época também, e eu assistia várias aulas, ginástica, vôlei, coisa assim, e então eu gostava, **desde pequena eu já dizia que eu ia ser professora de educação física**. E mais tarde eu acho que porque eu sempre gostei de participar dessas coisas, depois mais velha um pouco eu entrei para a dança, eu entrei para a ginástica, eu fazia natação, então era uma coisa que **eu gostava, apesar de eu não ter ideia do que era realmente ser professora de educação física** (Entrevista Professora Luiza) [grifos meus].

Outros docentes relataram que é necessário ter um dom ou uma vocação para ingressar na docência:

> **[...] Faria tudo de novo, não me arrependo de nada que fiz. Mas** como te disse, **eu acho que a gente tem que ter alguma coisa que te leve aquilo ali, algum dom, alguma coisa assim.** E eu acho que, querendo ou não, dentro das minhas dificuldades, das minhas falhas, acho que eu sou razoável dentro da minha profissão (Entrevista Professor Alex) [grifos meus].

> [...] Dizer-lhe que reflita se realmente tem **vocação** para a tarefa de ensinar, se tem a habilidade lidar com todas as questões que envolvem o ato de ensinar e aprender, se tem conhecimento pedagógico e técnico para desenvolver sua missão, se tem empatia para lidar com as diversas situações que envolvem o ser humano, se tem conhecimento da remuneração e do plano de carreira de um professor seja no ensino público ou privado, se sabe das condições físicas em que vai trabalhar todos os dias, no sol, na chuva, no vento e na poeira, se tem consciência das dificuldades de lidar diariamente com grupos de colegas com diferentes visões de mundo. Não sei, dar conselhos é sempre complicado. Mas quando reflito sobre minha carreira, prestes a encerrar um ciclo de mais de 30 anos, olho para trás e vejo com muita clareza que valeu e ainda vale muito a pena!
> Não existe uma resposta padrão para todos, se vale ou não vale a pena ingressar neste universo tão complicado. **O fiel da balança é a VOCAÇÃO, se achas que tem, sempre valerá a pena!** (Carta Professor Fabiano) [grifos meus].

> **Eu acho que tem que ter uma vocação, eu acho que tem que ter**. Mesmo no caso assim, a minha família igual eu te falei, a minha tia foi professora, duas irmãs professoras, um irmão meu, esse mais velho é professor, já está aposentado como professor. **Alguma coisa assim, tem que faz com que te leva para a docência, a vocação pode ser**

> [...] com toda essa dificuldade financeira que eu acho que é mais assim, **que te machuca**, que eu acho que isso aí é uma coisa assim, de uma falta de respeito, assim, porque pô, estudou, não interessa, tu fez um curso superior, mas essa é uma questão dos governos, eles veem que, "ah não, professor ganha isso aqui e ponto", **porque um professor não pode ganhar um salário decente?** (Entrevista Professor João) [grifos meus].

Ou então um dom ou vocação para seguir na carreira docente de que "é essa a minha vocação e deu" (Entrevista Professor Heitor) de que, "a batalha cotidiana, tão rica e tão difícil, mas que vale a pena para quem ama a profissão" (Entrevista Professora Luiza), mesmo que de forma precarizada e desvalorizada:

> **Tem que ter um dom, senão eu acho que não permanece. Eu acho que tu tem que gostar**. E hoje mais ainda porque hoje está difícil, os jovens estão bem diferentes, bem difíceis. Então, **tu tens que gostar, tu tem que querer, tu tem que gostar das pessoas.** Principalmente isto e ter paciência, bastante paciência (Entrevista Professora Bianca) [grifos meus].

> [...] Mas não desista, se você gosta do que faz, **se acha que tem o dom para isto,** se propõe-se a brincar de esconde-esconde, a pular amarelinha, brincar de pegar, de ser o goleiro quando a turma estiver impar, ou ainda ficar do lado contrário no revezamento, do melhor aluno na EF, siga em frente, para isto você estudou, se formou, fez concurso e irá começar a dar aulas. Obstáculos enfrentará diariamente, seja separando uma briga na aula, ou quando aquele que você acreditava que era o seu "bruxo" da turma, mexeu no seu armário para pegar uma bola achando que não daria nada....Vá em frente, um dia você também estará se aposentando e repassando estas verdades todas a em novo colega (Carta Professor Alex) [grifos meus].

> [...] eu acho assim: **ou é pela vocação, por gostar muito, que aguenta o tranco.** Ou às vezes eu vejo também pessoas muito frustradas que passam a vida inteira, acho, muito infeliz, pelo menos se é o que parece nas escolas assim são pessoas que passam a vida inteira reclamando mas não fazem nada para mudar. Isso aí, eu acho que deve ter em tudo o que é profissão. Então, tem esse lado também, de pessoas que não fazem nada, que geralmente são os piores profissionais que tem. Porque como eles se acham um horror, já tem uma autoestima lá embaixo e eles também não proporcionaram o melhor porque eles acham que assim como eles, ah: "Não, o que eu ganho eu faço isso aqui", não entende que os outros não tem nada a ver com isso. Mas tem muita gente assim também. Está alí porque não tem outra coisa, ou acha que não tem condições de fazer mais nada, já está numa certa idade que não vai mudar, ou não sabe, não tem outra opção, entende? Tem isso [...] (Entrevista Professora Débora) [grifos meus].

> **Tem que gostar da coisa. Então eu acho que isso é durante um período que vai se provar se realmente tu tem jeito para aquilo ali ou não.** Porque eu tive colegas que largaram, estavam fazendo faculdade de direito, estavam fazendo faculdade de outras coisas, com o que se formaram largaram a profissão de professor (Entrevista Professor Alex) [grifos meus].

> **Eu acho que precisa de uma certa, não sei se vocação, eu falei vocação, mas não sei se é vocação mesmo. Mas precisa ter um certo amor por alguma coisa que seja, ou por dar aula ou pelos teus alunos, ou por estar na escola.** A gente vê muita gente que não gosta daquilo o que faz, mas eu vejo que a maioria das pessoas têm uma coisa assim, porque senão eu acho que acaba não ficando muito. Pode ser uma visão meio romântica de tudo, mas eu acho que tem que ter alguma coisa que faça ficar, **não sei se seria vocação a palavra, mas tem que ter alguma coisa que te apega aquilo, senão tu acaba mudando de profissão [...]** Encontrei. Não, muita gente, mas alguns encontrei, que desistiram, foram para outros caminhos (Entrevista Professora Luiza) [grifos meus].

De acordo com os relatos, identificamos que uma possível vocação inicial, desde a infância, foi constatada somente com a Professora Luiza, que afirmou querer ser professora de EF desde pequena, os demais docentes tiveram a vocação para a docência despertada no processo, o que podemos chamar de vocação tardia, que não é uma característica inata ou divina, mas construída gradativamente a partir das impressões que a vida conferiu ao professorado participante da pesquisa, ou seja, a partir das experiências e da realidade concreta.

A partir das falas dos professores e professoras, averiguamos que os meandros da escolha profissional pela carreira docente vão além de um “gostar do que faz”, “por fazer bem feito” ou realização profissional, mas também está atrelada à luta por uma educação melhor e de qualidade. A escolha profissional, apesar de ser influenciada pelas representações existentes na sociedade, nesta pesquisa, em relação ao professorado de EF que participou, podemos dizer que a carreira do magistério foi uma escolha profissional deliberada, que não teve, por exemplo, uma balização na histórica feminização do magistério, que ocorre principalmente em relação à Educação Infantil ou aos anos iniciais em outras áreas do conhecimento, como na Pedagogia.

5.4 O Público e o Privado na carreira docente

A maioria do professorado deste estudo, antes de ingressar na rede pública, atuou na esfera privada, seja na rede de ensino particular, seja no ambiente não formal, como em academias e outras áreas e, dos 11 docentes, três ainda trabalham na rede privada de ensino e dois atuam na área não formal da EF. Assim, durante as entrevistas e nas próprias cartas, surgiram

comparações entre as esferas pública e privada, e constituiu a 4º e última categoria a ser analisada será o sentido público versus o privado da carreira docente.

O Professor Alex, que atuou bastante tempo em uma pós-graduação de uma faculdade particular, considera que a educação no ensino privado transformou-se em um negócio:

> Então **estive como docente de faculdade particul**ar durante um período, mas é diferente, **eu acho que tu trabalhar numa faculdade privada e trabalhar numa faculdade pública, porque na faculdade privada os números de aprovação é uma coisa que fala muito forte, e hoje a gente sabe que a faculdade privada virou um negócio**, e de repente tu tens que se submeter certas coisas na sua vida, às vezes você não se propõe a submeter (Entrevista Professor Alex) [grifos meus].

Se na Educação Superior a aprovação é considerada um negócio, para o Professor Alex, na Educação Básica privada, a EF é mais reconhecida do que na Educação Básica pública, conforme justificativa abaixo:

> É que lá nessa **escola particular existe até hoje um coordenador da educação física. Então eu acho que ele briga muito – em bons termos – com a direção da escola para mostrar e valorizar a área da educação física**. Então eu acho que os professores que trabalham **lá são mais valorizados, ele briga para que se tenha material, para que se tenha espaço, se tenha o devido valor igual das outras disciplinas** que, muitas vezes, na escola pública não se tem (Entrevista Professor Alex) [grifos meus].

Em sua carta traz a questão dos materiais para as aulas de EF, considerado uma dificuldade para o professorado da escola pública durante a carreira, e sobre o alunado da escola pública e da escola privada:

> [...] Falar que as escolas públicas geralmente não tem material, ou tem muito pouco, é uma coisa que todos sabem, **se você tiver sorte de trabalhar numa escola particular terá material e será mais valorizado pela direção/coordenaçã**o, mas **alunos provavelmente não estarão dispostos a fazer aquilo que você programou para eles** [...] (Carta Professor Alex).

O docente João acredita que toda essa desvalorização da Educação Pública, a precarização e a intensificação do trabalho e da carreira docente têm um motivo relacionado às esferas privada e pública:

> Então assim, eu acho que o que **eles estão fazendo é acabar com a educação, no mesmo sentido é terminar. Querem mesmo privatizar** (Entrevista Professor João) [grifos meus].

Fato que deixa dúvidas sobre o futuro da Educação pública:

> **Ah, tudo está o caos. Está tudo cada vez pior assim. Eu não sei o que é que vai ser da educação pública, sinceramente**. Fico com

> pena porque cada vez mais **acho que os pobres daqui a pouco não vão ter mais chance de fazer uma faculdade**, Pelo o que eu vejo assim, o Estado, **eu acho que vai acabar privatizando tudo** e só vai cada vez mais os que tem mais vão conseguir mais e os que tem menos não vão conseguir. Entendeu? **Ou vai ter uma revolução, porque não consigo ver uma mudança** (Entrevista Professora Débora) [grifos meus].

A educação e os processos educativos, assim como o trabalho, também são modificados de acordo com o modelo de produção de determinado momento histórico. No caso atual, ela é influenciada pelo sistema capitalista, pelas novas tecnologias e comunicações, e tem passado do plano social para o individual, assim, “a educação passou, pois, a ser concebida como dotada de um valor econômico próprio e considerada um bem de produção (capital) e não apenas de consumo” (SAVIANI, 2005, p. 22).

Assim, “a escola é uma instituição social que mediante suas práticas no campo do conhecimento, valores, atitudes e, mesmo, por sua desqualificação, articula determinados interesses e desarticula outros” (FRIGOTTO, 1993, p. 34) e, com a orientação das políticas públicas da educação e as mudanças ocorridas inicialmente a partir da década de 90, em que um ideário neoliberal de despolitização da economia, de desregulação do mercado financeiro e do trabalho o neoliberalismo adentra de forma mais efetiva nas diretrizes orientadoras da educação brasileira para atender às demandas do sistema produtivo econômico, ditadas por organismos internacionais (BID, BIRD, UNESCO, OIT). Mudanças estas que redefiniram o papel do Estado no tocante a sua atuação na sociedade e fez surgir, de parte da classe burguesa, a necessidade de "articular e subordinar a produção educacional às necessidades estabelecidas pelo mercado de trabalho e a necessidade de estabelecer mecanismos de controle e avaliação da qualidade dos serviços educacionais" (GENTILI, 1996, p. 24).

A partir década 90 (e atualmente) as características marcantes do sistema, na era da informação, são a velocidade e a imprevisibilidade que ocorrem as mudanças. Neste sentido, conforme Frigotto (2005), com a crise do modo de produção capitalista, a teoria do capital humano vem sendo substituída pela sociedade do conhecimento, pela qualidade total, pedagogia das competências e empregabilidade, que coloca no próprio trabalhador e trabalhadora a responsabilidade de seu desenvolvimento profissional.

Vago (2019), citando Jamil Cury, denuncia que o atual projeto poderá provocar retrocessos de 200 anos na Educação brasileira:

> [...] no campo da Educação, com as 'contra-reformas' em andamento. É mesmo um projeto regressivo, também porque reduz a Educação a uma "tecnocracia", e abre caminho para sua privatização selvagem, fazendo dela um grande mercado. [...] Trata-se de acabar com o sentido público de Educação como um bem e um direito da cidadania, com responsabilidade da União, dos Estados e dos Municípios estabelecida na Constituição [...]

E, em relação à EF, ela poderá se transformar em uma educação de dominação e produção de corpos brutalizados, assim cabe à EF o papel de assumir posição política contra as tentativas de controle e de dominação dos corpos. A EF deve servir para viver, para existir, para aprender o respeito a si, ao seu corpo, e ao outro, ao corpo do outro, usufruindo assim das muitas criações humanas, inventadas com a mobilização de nossos corpos (VAGO, 2019).

Mais especificamente em relação à EF, Bracht (2001) nos revela que:

> [...] para o projeto liberal-burguês de educação, a Educação Física (moderna) perde importância. O neotecnicismo do projeto liberal-burguês enfatiza de forma pragmática a preparação para o trabalho. Se esse neotecnicismo tem como foco as novas tecnologias do trabalho e a flexibilização das relações de trabalho que exigem um sujeito que se adapte rapidamente às novas exigências tecnológicas, e as relações de trabalho, que são capacidades fundamentalmente de caráter intelectual, por que desperdiçar tempo com a Educação Física no currículo oficial básico?(BRACHT, 2001, p. 75-76)

Precisamos dizer que a precarização da Escola Pública, citada pelo Professor João, tem um objetivo, qual seja o de fazer parte do processo para que ocorra a transferência da gerência das escolas públicas para a iniciativa privada e Organizações Sociais (OS) e pela alteração profunda do conteúdo e da forma do seu trabalho pedagógico. Esse reordenamento do trabalho escolar se materializa esvaziando e rebaixando a formação de amplos setores da classe trabalhadora e precarizando o trabalho de professores, professoras e estudantes da escola pública. Trata-se de "transferir a educação da esfera da política para a esfera do mercado, negando-se sua condição de direito social e transformando-a em uma possibilidade de consumo individual, variando segundo o mérito e a capacidade dos consumidores"(GENTILI, 1998, p.19).

A Professora Bianca acredita que atualmente há pouca diferença em relação ao espaço físico para aulas de EF nas duas esferas administrativas e

que um bom trabalho depende de um bom profissional, e que isso independe do lugar:

> **Trabalhei numa escola particular também**, como treinadora de basquete, tinha escolinha de basquete também. Hoje eu acho que é na verdade **é só o material e o espaço, eu acho que é que é o que tem diferença**. Hoje **eu vejo as escolas municipais hoje eu acho que estão bem estruturadas em relação a espaço**, acho que os governos conseguiram ampliar um pouco esses espaços para as escolas. De material eu não sei como é que está no geral, mas em relação ao trabalho, eu acho que é o mesmo, depende de ti, eu **para mim quem é um bom profissional vai trabalhar bem na escola particular e vai trabalhar bem na escola pública** (Entrevista Professora Bianca) [grifos meus].

Porém, relata que a estabilidade na esfera pública foi um dos motivos que a fez abandonar a esfera privada:

> Não, na verdade o que acontece. Como eu trabalhava numa escola pública municipal e numa particular juntos. E aí, eu tive que optar porque como eu era treinadora de basquete eu tinha equipe em ambas. E aí, o que é que acontecia? Às vezes as duas equipes jogavam uma contra a outra. E aí ficou difícil. E aí então, aí **eu achei melhor eu ficar na escola pública municipal** que era o que eu tinha uma carga horária maior**, e que era uma coisa que tinha estabilidade**. No **particular a gente não sabe o que vai acontecer,** como eu era contratada na época pela associação de pais e mestres, não era pela escola, então, a minha opção foi trabalhar ali, e aí começou. Aí eu fiz concurso, fiquei com mais horas e daí não tinha tempo mais. (Entrevista Professora Bianca) [grifos meus]

Na carta da docente Graça, a mesma também relata que essa estabilidade do cargo na esfera pública, existente somente na esfera pública, também pesou na escolha, pois tinha muitas dúvidas em seguir a carreira docente:

> Me formei na ESEF- UFPEL em 1993 e durante a graduação e logo após **pensei em trabalhar sempre em academia e clubes e foi o que aconteceu no início da minha carreira. Trabalhava em academias com ginástica, musculação, natação e hidroginástica** e era feliz e realizada no que fazia. Logo após me formar abriram inscrições para o Concurso da Prefeitura de Pelotas e resolvi realizá-lo, embora, **sem intenção efetiva de assumir o cargo,** mais como experiência e para minha surpresa fui aprovada, como a minha classificação não era uma das primeiras levei dois anos para ser chamada. Quando recebi a notícia que estava sendo chamada**, vieram as dúvidas e incertezas. Deveria assumir? Será que seria feliz trabalhando com crianças? O que fazer?** Nessa **época já tinha um filho e as vantagens de aceitar o cargo começaram a pesar na balança,** na Escola trabalharia mais durante o dia, academia trabalhava muito à noite, **estabilidade profissional, plano de saúde e etc. Então, assumi a carreira de magistério com muitas dúvidas e incertezas** (Carta Professora Graça) [grifos meus] [grifos meus].

E mesmo que no setor privado tenha alguns direitos e garantias como carteira assinada, o Professor Cléber optou pela “segurança” de um concurso público:

> Eu cheguei a trabalhar em academia. **A questão de entrar no município foi questão de segurança do concurso**. Mas de outros benefícios não, porque eu sempre trabalhei com carteira assinada em tudo quando era lugar que eu fui, a academia que eu trabalhei, em clube que eu trabalhei era com carteira assinada (Entrevista Professor Cléber) [grifos meus].

Já a Professora Débora relata que trabalhou na esfera privada, porém informalmente, ou seja, sem garantias, sem direitos trabalhistas:

> Eu trabalhei, assim, eu t**rabalhei por exemplo numa escola particular, mas não assinei carteira, nada,** que era de uma amiga minha. Trabalhei um pouco dando **aula de ginástica no DAER, que era para os funcionários,** só coisas assim. Em **outro colégio eu dava aula de ginástica depois do horário para os pais** [...] mas nada formal assim. Formal, não.

E relata algumas diferenças entre a educação pública e a educação privada:

> Ah, **um monte**. Com relação **à estrutura, o espaço físico; com relação aos docentes**, no caso também os professores. E tem professores que trabalham em escola pública e privada que são iguais nas duas, mas tem uns que não são, muita gente sabe. E **o próprio aluno é diferente. O próprio aluno**. Eu tenho aqui exemplos aqui na escola de professores que trabalham em escola pública e privada, que o depoimento deles é assim, **mil vezes eles preferem alunos de escola pública,** porque privada eles falam assim, querem fazer uma brincadeira, qualquer coisa: “Ah, eu vou dizer para o meu pai, ah, eu estou pagando”... é tudo assim. E eles não tem essa flexibilidade, eles não conseguem ser natural, entende? E na pública ele sabe que o que ele vai dizer ali vai ser uma brincadeira, que ninguém vai falar nada. Sabe? Não é para falar coisa errada, mas **às vezes fala alguma coisa assim, sente mais natural, eles jogam com os alunos, coisas que na privada dependendo do que tu vai fazer, tu já não vai ser bem visto** (Entrevista Professora Débora) [grifos meus].

Por fim, relata as incertezas que há na esfera privada em relação à remuneração e que a desvalorização na esfera pública pode chegar a um possível fim de alguns direitos:

> Acontece assim, eu tenho amigos que eu sei que às vezes não é que mandem, mas **eles perdem horas porque diminui, juntam turmas. Junta turma daí diminui turma, diminui o horário X, não tem aquela coisa certa.** É, outra, bom, **a estabilidade vai acabar mesmo. Eu acredito que não vai existir mais concurso, daqui a pouco** (Entrevista Professora Débora) [grifos meus].

Foi notório que a existência de direitos como a estabilidade, planos de carreira (ainda que precários), foram pontos importantes analisados para que

esses docentes deixassem a esfera privada ou, então, diminuíssem a carga horária nessa esfera e ingressassem na carreira docente pública, pois esses direitos não estão presentes na esfera privada, porém, com as reformas administrativas de cunho neoliberal empresarial estão com risco de acabar. A educação e as escolas públicas, orientadas por políticas de cunho neoliberal, tornam-se funcionais ao capitalismo, mediadores dos interesses capitalistas a partir de sua ineficiência na transformação da sociedade. A sua improdutividade, dentro das relações capitalistas de produção, torna-se produtiva à medida que a escola é desqualificada para a classe dominada. Para os filhos dos trabalhadores, ela cumpre, ao mesmo tempo, uma dupla função na reprodução das relações capitalistas de produção: justifica a situação de explorados e, ao impedir o acesso ao saber elaborado, limita a classe trabalhadora na sua luta contra o capital (FRIGOTTO, 1993, p. 224).

O docente Fabiano, que também leciona na rede privada, considera que a escola pública onde ele trabalha não deixa a desejar para as particulares:

> [...] essa escola, se as pessoas não sabem, **é uma escola pública, mas com todo o estilo de uma escola particular, ela nunca perdeu em nada para uma escola particular**. Eu sei porque eu trabalho em escola particular há 12 anos. Nós aqui, no início quando eu entrei, nós aprovávamos, quando eu estudei aqui, a escola aprovava para vestibular sem cursinho qualquer um. Eu, eu falo que não fiz cursinho, fiz lá meia dúzia de aula, matava mais aula do que fazia, quer dizer, o cursinho não me adiantou nada. E eu aprovei em Educação Física, mas poderia ter aprovado em outras pelo que a minha preparação no ensino médio aqui. E mesmo hoje ainda aprova. O ano passado eu tive alunos aqui aprovados para medicina, para direito, para odonto. Claro que hoje em dia com cursinho, fazendo cursinho e tal. Mas **o colégio em si, ele te dá assim uma estrutura boa de trabalho, sempre deu** (Entrevista Professor Fabiano) [grifos meus].

E tece comentários sobre a relação entre a EF e outras disciplinas do coletivo escolar:

> Evidentemente tu deve saber disso, a Educação Física – **e isso é mais forte ainda no ensino particular – ela não tem o mesmo status que uma matemática, que uma física, porque não cai lá no ENEM, porque não cai no PAVE, porque não cai no vestibular**. Então, isso às vezes **a gente se sente um pouquinho à margem**. Isso é natural das pessoas, dos professores dessas disciplinas que se julgam mais importante, então, em função do vestibular. Mas eu acho que o grupo aqui sempre se fez respeitar [...] (Entrevista Professor Fabiano) [grifos meus].

Gentili e Silva (1996, p. 12) afirmam que a função da educação neoliberal é “atrelar a educação institucionalizada aos objetivos estreitos de

preparação para o local de trabalho", assim, a educação e a escola devem usar uma ideologia neoliberal e transmitir somente os valores estratégicos e necessários para o atual sistema vigente. Em síntese, investir em educação na perspectiva capitalista é promover de alguma forma a produtividade para o trabalho. Pelos critérios de mercado, cujo objetivo é averiguar qual a contribuição do "capital humano", fruto do investimento realizado, para a produção econômica. Assim como na sociedade capitalista os produtos do trabalho humano são produzidos não em função de sua "utilidade", mas em função da troca, o que interessa, do ponto de vista do mercado (FRIGOTTO, 1993).

O Professor Fabiano acredita que não há diferenças em relação à aula que ministra na escola privada e na que desenvolve na escola pública em que atua:

> Ah, as diferenças são na maneira como, por exemplo**, tu vai dar a tua aula, eu não vejo diferença.** Pelo menos **eu não faço distinção, quando eu planejo a minha aula para cá eu planejo para lá.** Evidentemente que o público é um pouco diferente. A turma, o feedback que vai vir da turma é diferente. Mas de certa forma o adolescente, por exemplo aqui do ensino médio, é o mesmo adolescente de lá. Devido a diferença da conta bancária e tal, é um aspecto. Mas eles são mais ou menos a mesma, tanto que vários alunos que saem de lá e vieram para cá, alguns daqui foram para lá, não muda muito. **O que muda mais eu acho que é o aspecto da cobrança. Na escola particular tem uma cobrança maior dos teus superiores,** dos diretores, coordenadores. Há uma cobrança grande, evidentemente que há uma preocupação maior com isso. E **eu acho que na escola pública e talvez isso seja até um problema para alguns, tu não tem essa cobrança. A cobrança é tua mesmo, aí tu tem que te cobrar, os teus alunos vão te cobrar**. Até o coordenador vai te cobrar, mas não há aquela cobrança de: "Olhe, no final de ano podem te mandar embora", porque tu tem aquela **estabilidade.** Eu não vejo problema para algumas pessoas que fazem o que gostam. Eu te digo, eu, **a minha aula é a mesma aqui. Se quiser um dia assistir a minha aula no lá, e assistir uma aula aqui, vai ser a mesma aula**. Evidentemente que **lá (escola particular) eu vou ter um material melhor, eu vou ter uma quadra mais limpa**, eu vou ter um aluno às vezes vai me dar uma resposta diferente, **mas a principal que eu vejo de diferença é a questão da cobrança** (Entrevista Professor Fabiano) [grifos meus].

Se não observa diferenças no trabalho percebe relações diferentes no quesito das questões trabalhistas:

> Ah, não. Total porque aqui assim, trabalhei porque **aqui nós somos concursados.** Eu sou concursado. **Não, não sou CLT, não tenho carteira assinada, não tenho fundo de garantia, essas coisas**. E lá a gente tem como um trabalhador normal, como qualquer trabalhador de carteira assinada. Essa é a diferença. E **questão salarial também, o ensino particular te paga melhor, a hora-aula é bem**

> **mais alta e tu não tem aquela coisa de greve**, não tem. Tu termina os 200 dias certinho porque não tem greve, **aqui a gente tem a questão política, que a gente briga e a gente precisa às vezes fazer uma greve, uma paralização porque senão a gente não é ouvido** [...] (Entrevista Professor Fabiano) [grifos meus].

Inclusive diferenças em relação ao sindicato dos professores e professoras, em que na rede privada é somente dos docentes e no da rede pública representa todo funcionalismo público municipal:

> [...] **É muito difícil ter a relação aqui do sindicato com a Prefeitura** é sempre muito difícil, é difícil. E sendo assim, **um sindicato que não é só dos professores, ele é de todos os funcionários, as demandas são muitas, é muita coisa, é muita coisa** que envolve e que só vai acabar envolvendo funcionário de escola, outro que vai envolver funcionários lá do SANEP ou outros professores. Então, é muita coisa, é muito grande. E **no particular ali, a gente tem o sindicato, o SINPRO, a luta é dos professores, é sindicato dos professores, então, é diferente, as lutas são mais focadas assim. E eles têm dificuldades também, no embate com os empresários,** no caso os donos das escolas particulares **é complicado.** Mas eu vejo que aqui no município é uma luta desgastante, assim. É uma coisa **que é uma luta que eu vejo que desde o primeiro dia que eu entrei aqui em 1991 até hoje, quase 30 anos, a luta avança,** a gente conseguiu, mas são muito poucos em função de todas as questões da gente que são envolvidas. É bem difícil, é bem complicado, **eu respeito o trabalho do sindicato** (Entrevista Professor Fabiano) [grifos meus].

O Professor Heitor, ao se formar, deixou currículo em escolas particulares, porém nunca foi chamado, conforme seu relato:

> É, eu fiquei 2 anos esperando concurso. Como eu não era daqui, eu não conhecia ninguém assim também, **escolas particulares, até botei currículo. Mas dificilmente seria chamado pela lista que tinha ali de pessoas e não tinha nenhuma indicação, sei lá. Então eu esperei concurso**. Não me chamava a atenção em nada na área de academia, aquilo não atuação (Entrevista Professor Heitor) [grifos meus].

A fala do Professor nos remete a outra relação que diferencia a esfera pública da privada; na pública, o ingresso se dá unicamente via concurso público em diferentes etapas, enquanto que na esfera privada não ocorre dessa forma. Com a reforma administrativa que tramita no congresso e pretende acabar com diversos direitos trabalhistas conquistados historicamente, como a estabilidade do servidor público, as progressões da carreira, férias docentes de 45 dias, fim de licenças, todos esses foram alguns condicionantes para que o professorado ingressasse e permanecesse na carreira docente até o momento e deixa brechas para o apadrinhamento

político, abuso de autoridade e perseguições no serviço público, como já ocorre em diversos setores na iniciativa privada.

Mas comenta que se trabalhasse na rede particular teria a mesma dedicação e comprometimento que tem na escola pública:

> Na minha análise, sendo criterioso comigo, eu sempre dizia nas nossas conversas de roda, de professor, eu dizia, **"se eu fosse trabalhar numa escola particular, eu não faria nada diferente, eu iria fazer exatamente como eu estou fazendo, porque eu acho que eu estou dando o máximo".** Eu acho que o que eu consigo na minha dedicação, minha interação e em querer fazer o melhor, eu estou dando aqui. Não importa se é na escola pública, se eu estou ganhando pouco. Se eu sei que o cara que está trabalhando numa outra escola, está ganhando o dobro, três vezes. Se eu for lá, eu não saberia fazer melhor. **Eu estou fazendo o máximo aqui.** Então para mim, especificamente, eu acho que essa questão não influenciou no meu dar aula, na minha atuação (Entrevista Professor Heitor) [grifos meus].

A Professora Iara comenta sobre sua formação inicial e a relação com sua atuação nas duas esferas, âmbito escolar público e não escolar privado:

> [...] O meu curso teve a peculiaridade que foi a última turma dos três anos, então, na verdade, a gente sentia falta ... eu posso dizer assim, eu fui monitora da disciplina de natação, então eu tive um pouco mais de aprofundamento na natação, que **depois eu trabalhava na esfera privada como professora de natação. [...]** eu lembro que quando eu comecei a trabalhar, porque **eu me formei e fui trabalhar na esfera privada, com natação, com certeza, ali eu me sentia extremamente bem preparada** para trabalhar, quando eu ingressei na rede pública municipal para trabalhar com crianças pequenas, aí eu tive que dar uma estudada, mas acho tranquilo também, acho que faz parte, acho que a formação... por isso, a formação inicial, acho que enquanto formação inicial sim, ela supriu as necessidades (Entrevista Professora Iara) [grifos meus].

Isso nos remete novamente à formação inicial em EF, pois a docente Iara, após sair da Universidade e ir trabalhar como professora de natação num clube, relatou estar bem preparada para essa área, porém, ao ir para o ambiente escolar necessitou buscar conhecimentos, mesmo que considere que, como formação inicial, a mesma supriu as necessidades.

Nosso entendimento é que a precarização da Escola Pública atende a ofensivas mercantis e conservadoras sobre o sistema de ensino público que, ao precarizá-lo, transmite à sociedade e às novas gerações um conjunto de parâmetros reprodutivos gerais de que o privado funciona e é melhor do que o público, pois numa estrutura societal há a necessidade intrínseca da constituição de um complexo processo de internalização (MÉSZÁROS, 2005).

Entre essas ofensivas mercantis, podemos citar a relação entre Estado e o terceiro setor ou terceira via[10] que, em muitos casos, já está presente nas regulações entre o público e o privado na gestão da educação básica brasileira. Apesar dos docentes relatarem preocupação em torno da privatização da educação pública em geral, nos causou estranheza que não foi mencionado pelos mesmos que, especificamente na RMPel, a Rede Comunitas, já estabeleceu, desde o ano de 2013, uma parceria com diversos setores da Prefeitura Municipal de Pelotas, entre eles a Educação. Além disso, já são oito anos (e serão 12 devido à reeleição da atual prefeita) em que o PSDB "governa" a cidade de Pelotas e institui ações privaticionistas, será que a EF está tão distante dessa discussão e do seu enfrentamento? Dessa forma, mesmo que nenhum docente desta pesquisa atuasse nas 4 escolas que participam desse projeto piloto, trazemos dados da dissertação[11] de Viveiro (2019), intitulada "As Parcerias Público-Privadas no Âmbito da Educação Pública na Cidade de Pelotas-RS", na qual autora realizou uma Análise Textual Discursiva da cartilha do Programa Juntos, da Rede Comunitas, intitulada "4 anos juntos Pelotas-RS", 2013-2016, e que trazemos algumas das conclusões dessa análise:

- As Parcerias Público-Privadas (PPP) são firmadas por "parceiros" do setor privado com a finalidade de executar e gerenciar ações da administração, as quais, segundo estas instituições, o setor público não tem condições de gerenciar (p. 5);
- As PPP's, introduzem métodos de gestão empresarial nas escolas, visando padronizar o aprendizado estudantil por meio de competências curriculares. E o resultado é que os direitos sociais são submetidos à lógica do mercado e a

[10] Segundo Antunes (2002), a discussão sobre a terceira via ocorre quando o novo trabalhismo se apresenta como uma alternativa ao neoliberalismo de Thatcher e também à antiga social democracia. Segundo o autor, o novo trabalhismo é uma ""nova" postura, que procura um caminho alternativo, dado pela preservação de um traço social-democrático associado a elementos básicos do neoliberalismo "(p. 97).

[11] Outras produções sobre o tema:
A redefinição do papel do estado e a política educacional no Brasil dos anos 90 (PERONI,1999)- UFRGS
As parcerias público-privadas no programa de educação para todos: uma análise marxista (FEITOSA, 2012)- UFC
A Parceria Público-Privada na Educação: Implicações para a Gestão da Escola (LUMERTZ, 2008)- UFRGS
A Presença do Empresariado na Educação Pública Brasileira e a Precarização de Novo Tipo do Trabalho Docente (SILVA) MOTTA, 2017)- UERJ
As nebulosas fronteiras entre o público e o privado na educação básica brasileira (PERONI,2015)- UFRGS

democracia torna-se não mais uma comunidade de cidadãos portadores de direitos, mas uma sociedade de consumidores (p. 37);

- A educação do município de Pelotas foi delineada a partir do apoio do Programa Juntos que utilizou a metodologia da Fundação Itaú Social que, na página da Comunitas, é citada como “parceira” do município (p. 52);

- O público assume uma nuance privada uma vez que a metodologia adotada para a adequação do Plano Municipal passa a ser de administração privada incluindo as metodologias de formação dos professores e adequação dos conteúdos escolares e presença de uma educação voltada para replicabilidade que iguala municípios e realidades distintas. Entendemos que as especificidades regionais devem ser levadas em conta desde o momento da elaboração do PME, até a sua utilização, através da prática do professor em sala de aula (p. 53);

- O setor privado está presente desde o âmago das atividades educacionais, que são vistas aqui como o planejamento e a construção do plano municipal de educação, até sua inserção, de fato, nas atividades escolares utilizadas pelos professores, como a plataforma digital Educopédia, propostos pela Fundação Itaú Social, instalada em 04 Escolas piloto do município (p. 64);

- O empresariado molda o setor da educação desde o seu planejamento que perpassa o plano municipal de educação, até a sua execução, estabelecendo parcerias e ofertando serviços que seguem uma linha de mercado (p. 65);

- O movimento do empresariado brasileiro Todos pela Educação está vinculado ao Programa mundial Educação Para Todos (p. 65);

Após discutirmos as categorias que formaram os sentidos da carreira docente, questionamos os docentes se, com a precarização da carreira docente apontada e das condições precárias para aulas de EF, com a proximidade da aposentadoria, os docentes estariam ansiosos por ela. Alguns docentes realmente relataram essa ansiedade:

> **Eu estou. Estou para fazer outras coisas, não parar, mas para fazer outras coisas**. E até por achar que – isso eu já disse para minha diretora. Eu gosto muito de usar um ditado que diz assim, “ruim comigo, pior sem mim”. Tu vai ver muito quando eu sair, porque eu sou uma pessoa que não me atraso, não falto. **Eu até hoje assinei uma falta justificada em 29 anos**, meus colegas... agora uma colega disse, “ah não, semana que vem eu não venho 3 dias, vou assinar 3 faltas. Em 29 anos eu assinei uma até hoje. Então é o que eu digo para eles, “olha, se vocês acham que está ruim comigo. Claro que eu tenho defeito, tenho falhas, isso como todo mundo, mas eu

> procuro que isso seja o mínimo possível". Mas estou até para ver como é que eles vão reagir porque eu sou o professor mais antigo lá, **então tem muita coisa que funciona "porque o Alex faz assim, porque o Alex sempre fez assim**". Então vamos deixar ver quando acontecer (Entrevista Professor Alex) [grifos meus].

> **Muito. Porque eu estou cansada.** Porque assim, eu não digo nem que eu não vá trabalhar, mas eu acho que trabalhando 20 horas de uma forma diferente, acho que é o que eu tenho por objetivo, tem várias atividades extras que eu adoro e que eu vou fazer, **estou bem ansiosa por isso** (Entrevista Professora Graça) [grifos meus].

Outros, com duas matrículas, demostram certa ansiedade para aposentar-se 20h e assim diminuir sua carga horária atual:

> Olha, 20 horas eu quero parar, **porque 50 horas é difícil. Tu não tem tempo para parar**, mas **não estou assim: Ah... desesperada de chegar logo a hora,** acho que vai chegar (Entrevista Professora Bianca) [grifos meus].

> **Estou**, quero diminuir, pelo menos**. Para não ter um fim de carreira melancólico, para não começar a enrolar, a não fazer direito**. Para não ter o teu nome que tu construiu durante vários anos e depois a pessoa sair falando: "Pô, está aí se arrastando e não quer fazer nada" (Entrevista Professor Cléber) [grifos meus].

Alguns optariam por ficar mais tempo na atividade, mas devido às condições de trabalho e desvalorização profissional, aposentar-se-ão no momento que for possível:

> **Eu só trabalho 20 horas agora, eu tinha me aposentado** e dava para continuar, eu continuei numa outra escola, no EJA de noite. Só que eu perdi 2.500 reais, **mas na real eu não teria condições mais de trabalhar,** porque eu teria que ir quatro noites lá. E aí o que acontecia? Para **mim eu já estou cansado, de andar de ônibus para lá e para cá, com toda essa dificuldade**. Daí eu penso assim, vou ficar só nessa escola que eu inventei nesse tempo aí, não quero mais, mesmo que eu perca, precise de dinheiro, **mas eu não teria condições mais de seguir. Não dá, cara**. Chega um ponto. **E até pensando, cara, é tanta desvalorização que tu vai te indignando e tu vai te indignando**. Então eu estou assim, não quer dizer que eu tenha que seguir trabalhando esse tempo que me resta, **mas eu sinceramente te digo, eu já gostaria de estar fora**. Eu acho que eu **já fiz a minha parte, já dei o meu recado, mal ou bem de toda essa dificuldade, todo esse tempo que eu estive lá**, alguma coisa... eu não posso dizer, ninguém pode dizer que eu não contribuí para a educação, nesse tempo assim (Entrevista Professor João) [grifos meus].

A ansiedade pela aposentadoria em si não se apresentou demasiadamente nos relatos, porém, devido às constantes reformas previdenciárias baseadas na retirada de direitos, a ansiedade que era apenas pela aposentadoria em si, passou para uma ansiedade maior, a de saber o quanto irão receber financeiramente de aposentadoria:

> Então. **Eu estou dependendo dessas PECs aí,** mas na verdade se tudo der certo eu tenho duas carreiras, porque eu fiz dois concursos. Da primeira carreira devo me aposentar o ano que vem, falta um ano. Aí em fevereiro do ano que vem. E na outra carreira um ano depois, então, faltaria uns dois anos para me aposentar. Se tudo der certo. **Eu já estive mais (ansioso). Mas com essa questão política toda envolvendo as mudanças na previdência aí**, **eu decidi não me preocupar muito porque não tem muito o que fazer.** Tem que aguardar. **Eu já estive mais ansioso** (Entrevista Professor Fabiano) [grifos meus].

> Não. **Eu tento nem pensar muito nisso.** E agora falta mais ainda. **Com reformas trabalhistas chegando, então eu tento nem pensar** (Entrevista Professora Luiza) [grifos meus].

Junto com as reformas previdenciárias (ataque a direitos) está a nova política da Prefeitura de Pelotas de cortar parte da remuneração, que são as complementações da carga horária dos docentes e que compõem os salários nos meses em que não há aula efetiva, isso acarretará diferença na média do salário que irão receber de aposentadoria, pois a remuneração da aposentadoria é uma média dos salários na ativa, conforme os docentes denunciam:

> Não, até que não. **Ansioso por parar de trabalhar, não. Ansioso pela insegurança, porque o ano passado era para me aposentar...** fui na Secretaria de Administração era em 1º de fevereiro, aí quando eu fui para assinar era 1º de abril. **Eu estava mais ansioso pela minha complementação de carga horária,** que eu tenho uma matrícula de 20 horas, e mais **uma complementação há 25 anos de 20 horas, e o ano passado cortaram 2 meses, aí recebi metade do salário. E pela questão da reforma da previdência que eu não sabia se ia me atingir,** quanto ia me atingir, então eu estava **ansioso nessa questão.** Consegui, mas vou perder 4 meses porque para nós são os últimos 36 meses. Então eu já perdi quatro meses na minha média porque perdi quatro meses de salário, metade do salário ano passado. Recebi só sobre 20 horas. Então veio duas da minha... **Mas eu estava ansioso não por deixarem, eu trabalharia mais um tempo. Mas só por essa insegurança jurídica de não saber como é que vai ser o teu salário, como é que vai receber** (Entrevista Professor Ernesto)

> Então. **Eu estou dependendo dessas PECs aí,** mas na verdade se tudo der certo eu tenho duas carreiras, porque eu fiz dois concursos. Da primeira carreira devo me aposentar o ano que vem, falta um ano. Aí em fevereiro do ano que vem. E na outra carreira um ano depois, então, faltaria uns dois anos para me aposentar. Se tudo der certo. **Eu já estive mais (ansioso). Mas com essa questão política toda envolvendo as mudanças na previdência aí**, **eu decidi não me preocupar muito porque não tem muito o que fazer.** Tem que aguardar. **Eu já estive mais ansioso** (Entrevista Professor Fabiano) [grifos meus].

Por estarem em final de carreira, essa preocupação pela perda de parte da remuneração para a aposentadoria apresentou-se praticamente em todas as falas, sendo superior à ansiedade de se aposentar sem si:

> Eu estou não é ansiosa, **na verdade eu estou ansiosa para ver o que é que eu vou receber**. Porque eu não sei. Porque assim, **eles fazem uma média dos 36 meses, os últimos**. E eu na verdade tenho 20 horas de concurso. Uma matrícula, só que **toda vida eu tive 40 horas. Tanto que eu não fiz mais concurso porque ia abaixar muito o meu salário.** Só que aí, no final das contas, dizem: **"Não, é certo que está incorporado". Então, nas contas agora não tem mais isso**. Então, o que é que vai acontecer agora em dezembro? **Eu perco 20 horas. Aí eu vou tentar agora de novo. Aí eles fazem a média de 36 meses**, todo o tempo que eu tive para fazer o que eu vou receber, entendeu? E o **ano passado é que eu perdi isso**. Então, **eu já perdi em janeiro e fevereiro do ano passado eu já recebi por 20**h. Então, **eu não tenho ideia do que é que eu vou receber, eu não sei se eu vou conseguir as 20 horas, entendeu? Nesse sentido de estar um pouco preocupada com o que é e que vai acontecer no final, não sei se eu vou ganhar o piso**, entrei com advogada, que eu não tirei nenhuma licença prêmio e eu queria em dinheiro no final, a minha ideia sempre foi essa, eu achei que era certo, ia me aposentar e iam me pagar 1 ano e 3 meses. Agora tive que entrar na justiça. Aí eu entrei, eles não dão nem papel porque eu preciso do papel para entrar na justiça. Advogada disse. Eles não estão me dando nem papel porque eles descobriram que todo mundo está fazendo isso. Entende? Então, **é mais nesse sentido financeiro. Mas eu quero fazer outras coisas. Não vou ficar parada** (Entrevista Professora Débora) [grifos meus].

> [...] na verdade **eu já estou juntando documentação, mas em função da idade. O problema é quando a gente começa muito jovem, o tempo de serviço, os 30 anos eu completo, mas a idade ainda não. Não, não estou.** Eu digo sempre, **eu sou uma pessoa que não consigo me ver aposentada** porque **eu acho que não tenho interesse na aposentadoria agora.** Aquilo o que nós comentamos anteriormente. **[...] Então não almejo a aposentadoria como "ah, quando eu me aposentar eu vou ter vida, quando eu me aposentar vou fazer o que eu quero". Eu acho que quem pensa assim deveria mudar a sua vida profissional.** Eu acho que **a vida profissional faz parte, é uma parte importante, uma parte necessária da nossa vida como um todo.** Que essas pessoas – para mim – eu acho muito desagradável quem fica dizendo, "não vejo a hora de eu me aposentar, não vejo a hora de eu largar tudo isso". Já era para ter largado anos atrás. Eu acho que quem pensa assim não está ali na ponta fazendo um bom trabalho, eu acho que são aquelas pessoas que se amarguram, não conseguem desenvolver o que poderiam desenvolver, não conseguem atingir seu potencial porque não gostam do que fazem. E eu acho isso ruim para elas e para quem está ali com elas. Eu acho isso péssimo. Não gosta do que tu faz, se tu não vê a hora de parares de fazer o que tu faz é porque tu não queria estar ali fazendo. Eu acho que as pessoas deveriam repensar (Entrevista Professora Iara) [grifos meus].

De acordo com Folle e Nascimento (2008), a fase de aposentadoria docente experimentada por professores e professoras da Educação Básica

normalmente se dá em um processo de “desinvestimento amargo”, ainda mais quando a permanência ou não na profissão está atrelada a questões de remuneração e de condições de trabalho.

Tendo o trabalho a função de regulador da organização de condições da vida humana e ser a base para sustentação econômica, percebemos que a carreira docente, assim como outras classes trabalhadoras, vem enfrentando o aparecimento de inúmeros dilemas, frutos das mudanças sociais ocorridas nos últimos tempos através de reformas administrativas que são, na verdade, retirada de direitos historicamente conquistados. Assim, devido a essas reformas, a ansiedade e a preocupação dos docentes em final de carreira estão mais relacionadas ao valor que receberão de vencimentos para sobreviver ao se aposentarem do que a aposentadoria em si, ou seja, outra dificuldade, dessa vez no fim de suas carreiras.

Devido às condições de trabalho e à desvalorização profissional ao longo da carreira docente, poderíamos considerar que em algum momento de suas carreiras os docentes pudessem ter pensado em desistir da carreira docente, porém, dos 11 colaboradores do estudo apenas dois pensaram em abandonar a docência em algum momento.

Uma delas foi a Professora Graça que informou em sua carta que apenas no início da carreira, que foi muito difícil, pensou em desistir e expõe os motivos:

> **O meu primeiro ano na rede municipal foi muito difícil e várias vezes pensei em desistir**. Fui lotada em uma Escola onde a **Educação Física não era reconhecida, funcionava muito como um tapa buraco para os professores faltantes, uma turma está sem professor manda pro pátio fazer aula com a sala que está lá, não tinha material**, porque sempre havia coisas mais importantes para comprar e **assim foi a minha estreia como docente** (Carta Professora Graça) [grifos meus].

Após conseguir remanejo de escola, seguiu a carreira docente, sendo inclusive vice-diretora e diretora de escola:

> No ano seguinte**, consegui remanejo** para uma Escola perto da minha casa e **lá comecei a me sentir parte de um grupo, me senti valorizada e as coisas começaram a ficar melhores**. Mesmo sem estrutura, com uma Comunidade cheia de problemas, **comecei a realizar um trabalho de formiguinha e fui tendo conquistas,** a direção adquiriu alguns materiais e começamos a lutar juntas, por uma quadra esportiva, que fomos contempladas algum tempo depois. **E assim me senti educadora e comecei a fazer diferença na vida dos meus alunos. No outro ano, muito mais feliz, aceitei o convite para desdobrar e assim complementar com mais 20**

> **horas, ficando então com 40 hora**s e cada vez mais diminuindo as minhas horas nas academias. Passaram alguns anos e **fui convidada para fazer parte de uma chapa para direção da Escola, como vice diretora, aceitei e fomos eleitas**. Fiquei um ano na vice direção e logo após **assumi a direção da Escola por seis anos**, sempre lutando, junto com os meus colegas e pais por uma Escola de melhor qualidade, onde todos fossem importantes e reconhecidos. Me aposentei nessa Escola que amo, onde trabalhei por 24 anos, respeito a todos que lá continuam (Carta Professora Graça) [grifos meus].

Já o Professor Cléber relata que por não ver perspectiva na melhoria das condições, principalmente na questão salarial, já pensou em abandonar a docência, porém, o fato de gostar de seu trabalho e saber como fazê-lo, fê-lo permanecer, conforme o trecho a seguir:

> **Pensei. Pensei, por causa de questão salarial, de ver que não tinha muita perspectiva de ter uma vida mais confortável se não fosse trabalhando a quantidade de horas que eu trabalho,** eu queria trabalhar menos tempo. Queria trabalhar 40 horas por semana, mas eu não via outra coisa, apesar de tudo, eu estou fazendo o que eu gosto de fazer e que eu tenho a competência para fazer (Entrevista Professor Cléber) [grifos meus].

Todos os demais relataram que durante a carreira tiveram colegas de profissão que abandonaram a docência, mas eles, apesar das condições precárias e desvalorização, não pensaram em abandonar a carreira docente em nenhum momento:

> Não, **isso eu acho que não chegou a acontecer porque eu acho que a gente, apesar de não se achar bem valorizado**. Isso quem trabalha dentro de escola ouve diariamente que o que a gente ganha é pouco, que não se tem condições, muitas vezes. Mas eu acho que **quem gosta daquilo ali tem que gostar. Tu não desiste muito fácil,** claro que tem gente que acaba desistindo, mas eu acho que é um percentual bem pequeno de quem acaba desistindo. **Têm que gostar da coisa.** Então eu acho que isso é durante um período que vai se provar se realmente tu tem jeito para aquilo ali ou não. **Porque eu tive colegas que largaram, estavam fazendo faculdade de direito, estavam fazendo faculdade de outras coisas, com o que se formaram largaram a profissão de professor** (Entrevista Professor Alex) [grifos meus].

> **Nunca. Nunca pensei. Nunca pensei.** Eu adoro, eu adoro dar aula, adoro estar com crianças. Adoro estar com adolescente. **Então, nunca pensei em desistir** (Entrevista Professora Bianca) [grifos meus].

> **Não. Não. Eu sabia que eu não ia ficar rica (acha graça), igual por todas (enfatizou) as dificuldades que eu tenho** [...] por tudo, **eu acho que tem muita coisa boa assim, o envolvimento que tem com os alunos, e tu vê assim, a satisfação que tu tem**. [...] (Entrevista Professora Débora) [grifos meus].

> **Não. Pior que nunca, nunca pensei em desistir.** Nunca pensei. **Por isso que eu acho que eu tenho jeito para essa coisa**. Nunca pensei em desistir (Entrevista Professor Fabiano) [grifos meus].

> **Não, eu acho que não.** Depois que eu entrei na área da educação física, **aquilo por mais difícil que fosse um pouco no início, aquilo era compatível ao que eu gostava,** então como eu queria ser jogador de futebol, sempre pratiquei, sempre corri e fiz atividades, e aquilo dizia respeito ao meu dia a dia. **Então não pensei em desistir.** Pode **ter na vida umas lutas, umas provações como se diz no sentido financeiro e tudo mais, mas não que me levasse a dizer assim, "não, eu vou desistir disso."** (Entrevista Professor Heitor) [grifos meus].

> **Eu até cursei uma outra faculdade (direito),** mas por vários motivos, primeiro, na minha época, a graduação de educação física foi muito curta, aí eu fui fazer uma nova faculdade já trabalhando, e até com pretensão de ter uma carreira paralela, **mas na verdade eu continuei na educação física. [...] Exerci, mas nunca com uma carga horária que precisasse sair da educação física,** isso não, exerci paralelo, durante um bom tempo**, mas não tirando da educação física** (Entrevista Professora Iara) [grifos meus].

Já a Professora Luiza comentou que nunca pensou em abandonar a carreira, porém, ao longo da carreira refletiu bastante sobre o seu trabalho pedagógico:

> **Não, nunca pensei em desistir**, **mas são dúvidas com relação a forma de trabalhar, a forma de agir, será que eu estou fazendo certo, será que é assim,** será que... sabe? Esses cursos que a gente faz, essas coisas que a gente faz nos levam a pensar muito mais, conversas com os colegas, então a gente tá sempre se questionando eu acho (Entrevista Professora Luiza) [grifos meus].

As razões para não pensarem em desistir da docência como "eu adoro dar aulas", "compatível como o que gosto", "envolvimento com os alunos", "tenho jeito para essa coisa" estão intimamente ligadas aos sentidos que os docentes atribuíram para a carreira docente, da realização profissional de ser docente, das relações com o alunado e da vocação tardia para a profissão.

O professor João não pensou em nenhum momento em abandonar a docência, porém pensou em desistir do curso de EF:

> **Depois de estar trabalhando não, Ivan. Durante o curso que eu estava fazendo, metade do curso eu pensei em desistir, porque cara me deu uma crise**, mas eu pensei assim, "pô, cara". E não só eu, colegas meus na época, muitos desistiram. Aí eu pensei, "pô, mas eu não posso desistir. Como é que eu vou desistir, estou na metade do curso. Tenho mais é que seguir". Pensei em trocar para direito, não tinha nada a ver. E digo, "vou seguir, vou concluir o curso". Até naquela coisa, "pô, meu velho vai ficar puto da cara comigo", ou ia gostar até de ter desistido. Mas o meu problema era o tempo, **eu já não era um cara novo, eu comecei com mais idade, então digo, "vou ficar aí na educação física"** (Entrevista Professor João) [grifos meus].

Diante desse fato, questionamos também se os mesmos escolheriam o curso de EF e a docência novamente. O docente Cléber, que anteriormente relatou que pensou em desistir da profissão, relata que não faria novamente o curso de EF, mesmo sentindo-se realizado pelo que fez durante a carreira, mas a desvalorização e o seu conhecimento da realidade da Educação o fariam escolher outro curso e carreira:

> Eu acho que já estou no fim de carreira, acho que **sou um professor que se realizou com o que fez. Talvez conhecendo hoje a realidade do que é a educação, não só a educação física, talvez não tivesse feito o curso de educação física, por mais que eu tenha gostado do que eu fiz durante,** acho que consegui ser uma pessoa relevante dentro da área, **acredito que não faria de novo**, é questão**, principalmente, questão de valorização e salário. É uma vergonha o que está acontecendo**, e isso **não é de agora, mas se acentuou. Eu estou há mais de 30 anos nisso e as discussões são quase sempre as mesmas** sobre melhoria das condições de trabalho, valorização principalmente salarial, tanto é que **temos um piso salarial que até hoje não é cumprido** (Entrevista Professor Cléber) [grifos meus].

Outros docentes mostram dúvidas em relação a essa escolha, o Professor João faria o curso de EF, mas talvez tentaria uma outra carreira financeiramente melhor, como exemplifica:

> Olha cara, **não sei assim, te afirmar se voltaria, hoje não, nas condições que a gente está hoje, hoje não**. Tá, tem uma outra visão. Eu sei que tem assim, não pelo curso em si, mas **eu acho que hoje tu tem muito mais oportunidade do que antes.** Hoje eu sei que tem alunos daqui da ESEF que saem não sei se só com a graduação ou mais, com um mestrado, doutorado, os caras estão fazendo para a Marinha. [...] **Mas o dinheiro pesa mais. Porque não vai fazer, eu não eu iria fazer um concurso para o município para ganhar mil e poucos reais, se eu tenho conhecimento e posso fazer lá uma prova ou passar e ser oficial da Marinha com essa graduação,** mesmo que eu vá para um outra função lá dentro da Marinha, **não sei, não posso te dizer,** mas que tu vá trabalhar na tua área da educação física ou fora, **mas pensa bem, financeiramente tu vai pensar em quê? Eu na minha época não tinha essa visão aí,** [...] Ah não ser que fique como tu está fazendo aí, tu está estudando, fazendo doutorado, porque se aparecer um concurso na universidade, tu tem condições de passar. Isso aí eu penso assim, **hoje se fizesse teria que ter estudo, que não foi meu caso, eu tive que ir direto para a escola, não tinha**, talvez assim, como eu vou te dizer, vim do interior lá e bagual como se diz (Entrevista Professor João).

A Professora Graça, talvez tivesse tentado graduação em administração, área que também gosta, mas não quis pensar muito no assunto, pois não iria acontecer agora:

> **Não sei, muitas vezes eu dizia que não, outras eu digo que sim**, hoje assim, eu não parei para pensar, mas teria outras profissões que eu também gostaria de ter. Uma coisa nada a ver com outra, mas eu gosto muito da parte de administração, da parte de mídias, de informática, não sei, não pensei, porque acho que isso é uma coisa que eu não tenho como prioridade, **não vou pensar porque também não vou seguir** (Entrevista Professora Graça).

Já a docente Iara mostrou-se indecisa inicialmente, mas no fim acredita que faria novamente o curso de EF:

> **Eu acho que faria. Não sei.** Não posso te dizer assim, "com certeza", mas eu acho que sim. Talvez com algumas diferenças, não sei se... é, **mas faria, eu acredito que eu faria novamente** (Entrevista Professora Iara).

Os demais foram categóricos em afirmar que fariam novamente a escolha pelo curso de graduação em EF e a docência como carreira:

> **Sim. Faria tudo de novo, não me arrependo de nada que fiz. Mas** como te disse, **eu acho que a gente tem que ter alguma coisa que te leve aquilo ali, algum dom, alguma coisa assim.** E eu acho que, querendo ou não, dentro das minhas dificuldades, das minhas falhas, acho que eu sou razoável dentro da minha profissão (Entrevista Professor Alex) [grifos meus].

> **Sim. Faria tudo de novo. Tudo de novo.** Mas claro, eu já pensando assim, eu... porque eu nunca fui de pensar de fazer faculdade, de trabalhar na universidade. Aí eu já teria outro pensamento. Acho que **gostaria de dar aula e até ensinar algumas coisas que eu trabalho, que eu trabalhei**, eu acho que das formas de trabalho. Eu **acho que até gostaria de fazer um mestrado ou concurso para dar aula universidade, que eu não fiz, não quis fazer.** Tive oportunidade e não quis fazer. Tinha vaga para professor de basquete, eu não quis fazer (Entrevista Professora Bianca) [grifos meus].

> **Escolheria.** Eu, na época, a única coisa que eu estava pensando, a única coisa que eu pensei na época, mas eu não tinha condições, porque só tinha em Bagé e eu já tinha que escolher uma coisa eh ser federal. Era fisioterapia, que eu gostava. Mas não tinha na época na Federal. Não sei se agora tem (Entrevista Professora Débora) [grifos meus].

> **Eu acho que sim**. Eu posso dizer que t**ive uma satisfação muito boa, um retorno muito bom por parte dos alunos e colegas, os pais,** reconhecimento dos pais. **O que faltou foi, assim, um pouco de reconhecimento do poder público enquanto as condições de trabalho e a remuneração, o salário do professor**. Isso influencia muito no dia a dia porque uma pessoa trabalhando bem, recebendo bem, até a cobrança pode ser maior. Se tu recebe bem, por que tu não trabalha bem, vamos dizer? Se fosse esse o caso. Eu acho que até escolheria, eu acho que até continuaria com essa mesma ideia. **Tive muito prazer em trabalhar em escola com os colegas, os alunos** (Entrevista Professor Ernesto) [grifos meus].

> **Acho que sim, até pela questão de hoje, das facilidades que tem hoje para estudar mais.** Na nossa época era complicado, eu cheguei a tentar uma bolsa para estudar fora, e tal. Mas naquela

> época era muito difícil. Hoje eu vejo que tem mais facilidade, já esteve mais fácil, mas tem mais facilidade. **Eu acho que hoje eu escolheria sim, mas eu acho que hoje eu estudaria mais, faria talvez um doutorado fora, alguma coisa assim. Que eu não consegui fazer** (Entrevista Professor Fabiano) [grifos meus].

> Eu acho que **depois desse tempo decorrido, e pelo o que eu vivi e não vi o tempo passar, era isso aí mesmo**. **Eu estou realizado,** vamos dizer assim. Não é dizer, querer compensar. Não, realmente, o que eu fiz... eu fiz; o que eu vivi, eu vivi. **Eu fiz alegremente, eu me realizei**. Não que tenha sido perfeito, não que não podia ter feito outras coisa. Mas, tranquilo. **Eu voltaria a ser professor de educação física sim** (Entrevista Professor Heitor) [grifos meus].

> **Faria. Porque eu gosto disso, eu gosto de ser professora, eu gosto de trabalhar com educação física**, eu até me vejo fazendo outra coisa, mas eu me vejo mais na educação física (Entrevista Professora Luiza) [grifos meus].

Novamente, as razões citadas para o não arrependimento da escolha do curso de formação inicial em EF e da carreira docente, através de expressões como “ter alguma coisa que te leve àquilo ali, algum dom”, “eu estou realizado, vamos dizer assim”, “tive uma satisfação muito boa, um retorno muito bom por parte dos alunos”, relacionam-se aos sentidos que atribuíram às suas carreiras, de vocação tardia, realização profissional na função docente e as relações que estabelecem com o alunado ao longo da carreira.

A realidade da Educação Pública brasileira, em que o professorado em geral se defronta com muitos conflitos, com novas atribuições, e a desvalorização salarial, e conflitos específicos da EF, devido às condições precárias de infraestrutura e do baixo *status* desse componente curricular no coletivo escolar seria até normal que, ao final de suas carreiras, passassem por processo de arrependimento da escolha da graduação e/ou da profissão e carreira docente, porém, devido aos sentidos da docência aqui elencados, das relações positivas com o alunado, da realização pessoal de serem docentes, de um possível dom ou vocação, mesmo que tardia para a docência, e dos direitos ainda garantidos pela esfera pública, ao avaliarem a sua carreira docente, o resultado do balanço entre as dimensões objetivas e subjetivas, dos prós e contras, foi pela maioria mencionado como positivos, e se mostraram certos com a escolha profissional que fizeram, porém, acreditam que os novos docentes terão maiores dificuldades em relação às que eles tiveram.

6 ENTRE A PRECARIZAÇÃO E OS SENTIDOS DA CARREIRA DOCENTE: A FORMAÇÃO DO ALUNADO EM QUESTÃO

Se no capítulo 4 constatamos a precarização, desprofissionalização e a intensificação do trabalho e da carreira docente e, no capítulo 5, elencamos os sentidos da carreira docente para o professorado de EF da RMEPel, agora, no capítulo 6 confrontaremos esses dois aspectos para compreendermos, a partir dessa relação, qual o impacto na formação do alunado, pois cremos que esses processos interferem na atividade docente em todos os níveis no processo de ensino aprendizagem. Dessa forma, refletimos criticamente os seus impactos na formação do alunado da educação pública.

O docente Heitor inicialmente informou que esses processos não repercutem em sua aula de EF:

> **Eu acho que não**. Na minha análise, sendo criterioso comigo, eu sempre dizia nas nossas conversas de roda, de professor, eu dizia, "se eu fosse trabalhar numa escola particular, eu não faria nada diferente, eu iria fazer exatamente como eu estou fazendo, porque eu acho que eu estou dando o máximo". Eu acho que o que eu consigo na minha dedicação, minha interação e em querer fazer o melhor, eu estou dando aqui. Não importa se é na escola pública, se eu estou ganhando pouco. Se eu sei que o cara que está trabalhando numa outra escola, está ganhando o dobro, três vezes. Se eu for lá, eu não saberia fazer melhor. Eu estou fazendo o máximo aqui. Então para mim, especificamente, **eu acho que essa questão não influenciou no meu dar aula, na minha atuação** (Entrevista Professor Heitor) [grifos meus].

Porém, quando questionado no aspecto geral, da formação integral do alunado, envolvendo todas as disciplinas e a escola como um todo, relatou que nesse caso acredita, sim, que o alunado e sua formação é afetada pela desvalorização da carreira e da Educação:

> **Eu acho que tem muita influencia sim.** Eu acho que nem todos conseguem canalizar, e muitas vezes o falar do discente, do aluno, dizendo que "ah não, meu professor jamais" e tal. Pelo o que ele acompanha talvez, pelo o que ele ouve e por outros professores e tudo mais. E as greves, as paralisações. Então **eu acho que tem, eu acho que no geral influencia sim, um certo desânimo, a perda de pique** (Entrevista Professor Heitor) [grifos meus].

Essa desvalorização profissional pode levar o profissional a um desinvestimento pedagógico pelo professorado de EF, chamado de "largobol" ou "aula livre" e, apesar de Huberman (1995) considerar o desinvestimento como uma fase relacionada ao final da carreira, em que os docentes estão

próximos da aposentadoria, entendemos o desinvestimento “não como uma fase, mas sim como um estado, o que nos distancia de uma compreensão do fenômeno como algo dotado de certa cronologia ou linearidade.” (MACHADO *et al*.,2010). Assim, a desvalorização pode levar a esse desinvestimento, conforme os relatos docentes:

> A gente sabe que todo mundo passa por um professor de escola, passa por um... tem que ter professor de primário, de pré, e esse professor tinha que ser valorizado tanto ou mais do que professor universitário, porque muita gente não vai adiante porque aquele professor no início tem más condições ou é mal remunerado, e que**, muitas vezes, não está satisfeito e acaba passando isso para os alunos também**[...] Eu acho que isso, **muitas vezes, os professores acabam se acomodando por a gente não ser valorizado**, por a gente não ter material, e acabam **utilizando muito o que a gente chama de “largobol”, deixa uma aula livre**. Eu já passei por essa fase também de não ter material na sala de aula, ou não ter material para utilizar nas aulas, mas nunca procurei ir por essa linha do “largobol”. Até hoje continuo dando aula para os alunos, aula livre para eles eu só deixo as duas primeiras do início do ano, porque quando tu está fazendo uma anamnese da turma, tu está fazendo um perfil da turma, então tu deixa eles um pouquinho soltos até para eles se conhecerem, a turma daqueles que estão chegando com aqueles outros, aquela simbiose que existe, aquela troca que existe de relações, de conhecimento com aqueles que estão chegando na escola. Então é só esse período e de resto eles têm conteúdo o ano inteiro (Entrevista Professor Alex) [grifos meus].

E é taxativo ao falar como considera a valorização da educação pelos governos:

> Não, eu acho que **a valorização da educação pelos governos é, muitas vezes para inglês ver**. As coisas vão para a mídia, mas o que interessa. O que eles querem que seja publicado. Então eu acho que **a educação é a base de tudo, a educação tinha que ser mais valorizada**. A gente sabe que todo mundo passa por um professor de escola, passa por um... tem que ter professor de primário, de pré, e esse professor tinha que ser valorizado tanto ou mais do que professor universitário [...] (Entrevista Professor Alex) [grifos meus].

Sem a devida valorização, os docentes não podem fazer, por exemplo, cursos para se atualizarem com as novas tecnologias e inseri-las nas aulas de EF, como sinaliza a Professora Bianca sobre o desinteresse do alunado na prática da EF escolar:

> Eu acho assim, que a desvalorização, ela tem muita coisa que envolve, tanto em termos de profissão, do professor, do profissional, material, de espaço. **Então, tudo isso eu acho que atrapalha bastante o andamento, a melhora da Educação Física para os alunos**. E a gente vê também que **tem um desinteresse dos alunos pela prática da Educação Física.** Então, hoje **a tecnologia, eu acho que assumiu muito o papel** (Entrevista Professora Bianca) [grifos meus].

Para o docente Cléber, o impacto negativo na formação do aluno é sentido mais pelo alunado da escola pública:

> **Certamente. Principalmente na escola pública. Tu não tem as condições ideais de trabalho para os alunos, tanto material quanto motivacional do professor** que tem que trabalhar várias horas, que está sempre correndo atrás, trabalhando em várias escolas **sem tempo de conseguir ter um aperfeiçoamento na tua área**, **muita gente fez a faculdade e nunca mais teve tempo ou vontade de voltar e se reciclar, fazer um curso ou não tem condições de fazer, porque é muito caro**. Então, **certamente tem um impacto**. [...] (Entrevista Professor Cléber) [grifos meus].

Já conforme a Professora Débora, a desvalorização faz com que os iniciantes na carreira já entrem desmotivados e comenta que, hoje, pelas condições de trabalho, talvez tentasse outra área:

> Ah, eu acho que sim porque **o professor, principalmente o que está começando agora, cada vez mais ele está desmotivado**. Eu **se fosse, eu acho que se fosse hoje eu acho que eu tentaria outra coisa** até porque... Acho que quem está terminando não está desistindo, mas acho que **quem está começando, muita gente está pensando em outras coisas, ou está meio desesperado, porque não sabe o que vai fazer,** eu vejo assim (Entrevista Professora Débora) [grifos meus].

Segundo o Professor Ernesto, há cobrança demasiada por parte do governo em relação somente à aprovação, sem, em contrapartida, fornecerem aos docentes condições de trabalho, e que o desestímulo do docente é percebido, inclusive pelo alunado em formação:

> **Repercute, porque desestimula o profissional,** falta recursos, falta apoio, um olhar no dia a dia, não só na cobrança de resultado, **a meu ver eles só querem resultados, aprovação, aprovação e não aprendizagem do trabalho em si com os alunos**, o que interessa mesmo dos alunos, que eles saibam, que eles sejam bem tratados, isso fica em segundo plano [...] **Se o estado, o município e a união não valoriza o professor, tu tem que mendigar para ter um recurso, tu tem que mendigar para receber o teu salário, como é que esses alunos estão vivendo isso.** Eles estão vendo, como é que eles vão valorizar numa pessoa que é desvalorizada? Então é um conjunto de fatores. **Eu acho que está muito mais difícil de trabalhar e isso tu pode perguntar para todo mundo, está bem mais difícil** (Entrevista Professor Ernesto) [grifos meus].

O Professor Fabiano nos relata que ter uma valorização profissional, como salários dignos e 13º em dia é o mínimo, é uma condição básica para o docente poder ministrar uma aula de qualidade:

> [...] Eu acho que um professor, um professor que chega para dar uma aula, ele jamais embora tenha aquela... “Ah, mas eu entro na sala de aula, deixo os meus problemas na porta da rua”, **tu não consegue deixar teus problemas. Nós temos contas para pagar, nós temos despesas, então, quer dizer, quanto... quanto pior remunerado for o professor, quanto mais ele precisa se preocupar para**

> **chegar no final de ano, do mês, e ter dinheiro para saldar suas contas**, quanto mais o professor não tiver direito a lazer, à cultura, o professor hoje do Estado que está com o seu salário parcelado, desde o governo Sartori, agora o governo do Eduardo Leite, esse professor, **imagina a carga psicológica que está esse professor para vir dar uma boa aula. É impossível**. E nós aqui, professores também, brigando pelo piso e brigando para ter salário, agora tivemos a questão de atraso de salários, **eu mesmo agora eu fiz um empréstimo para receber o 13º, como é que o professor vai chegar numa sala de aula tranquilo?** Como é que ele vai tirar um tempinho livre para estudar, para fazer um curso, para ir assistir um filme? Porque nós precisamos ter toda a nossa carga de conhecimento para vir para cá para dar uma aula. **Eu acho que afeta muito de forma bem negativa, muito mesmo** (Entrevista Professor Fabiano) [grifos meus].

E aponta ainda que percebeu que, ao longo da carreira docente, a profissão de professor foi sendo desvalorizada, e não só o professorado, mas todos os trabalhadores da educação e cita exemplo - a terceirização dos trabalhadores da limpeza que atuam nas escolas:

> [...] **O professor acho que e**
> **ra muito mais respeitado embora sempre foi mal remunerado. Sempre.** Mas eu acho que **ao longo dos anos assim, o status do professor foi diminuindo, o que é um absurdo.** Todas as profissões vão precisar de professor, ninguém forma médico, advogado, sem passar pelo professor. Eu acho que **a gente foi sendo desvalorizado ao longo dos anos, principalmente pelos governos, sucessivos governos, pela classe que governa**. E isso mudou bastante. Uma coisa que aqui o colégio, ele quando começou – falando da escola que eu trabalhei – o não era municipal, ele era uma escola particular, lá no início do século. Mas mesmo depois, quando foi municipalizado, aqui os salários, se eu não me engano, os mais velhos **contavam que era em torno de 8 salários mínimos. Daria hoje uns R$ 8 mil**, quer dizer, que seria um salário aceitável. A gente está longe disso hoje. Quer dizer então, só para tu ver na questão de remuneração isso já caiu, **na questão do cuidado com o aluno, com a educação, nós tivemos aqui, esse prédio foi inaugurado em 1960, ele tinha manutenção, ele era limpo, ele tinha funcionários próprios aqui do colégio, hoje não. Hoje são terceirizados,** quer dizer, então, eu acho que **ao longo dos anos houve uma degradação assim, do cuidado com a educação.** Não é à toa que hoje, no PISA e em outros aspectos a nível mundial o Brasil está nos últimos lugares. Não é por culpa de A, B ou C, isso é uma questão ao longo do tempo, ao longo dos anos que vem deteriorando, então, **a gente acaba sentindo isso** (Entrevista Professor Fabiano) [grifos meus].

Essa fala do Professor Fabiano nos remete a que as dificuldades ligadas à precarização, desprofissionalização e intensificação do trabalho docente não são recentes no país, mas constantes e crescentes, conforme os docentes relataram ao longo da carreira, e cercam as condições de formação, de trabalho do professorado, as condições materiais para as aulas de EF e da organização do ensino em si.

Assim, o mundo do trabalho foi bastante impactado pela da crise do capital:

> [...] desregulamentação enorme dos direitos do trabalho que são eliminados cotidianamente em quase todas as partes do mundo onde há produção industrial e de serviços; aumento da fragmentação no interior da classe trabalhadora; precarização e terceirização da força humana que trabalha; destruição do sindicalismo de classe e sua conversão num sindicalismo dócil [...] (ANTUNES, 2002, p.55)

Essas transformações impactam em toda classe que vive do trabalho, em que se situa toda a classe docente trabalhadora que, a partir das reformas educacionais oriundas das políticas públicas da perspectiva neoliberal, atuam não só no nível da escola, mas em toda a sociedade, repercutindo em mudanças profundas na natureza do trabalho escolar. O professor, diante das diferentes funções que a escola pública assume, tem de responder a exigências que estão além de sua formação, assumem a funções da família, assistencial, psicólogo, entre outras, fato que contribui para a desprofissionalização e perda de identidade profissional, da constatação de que ensinar às vezes não é o mais importante (NORONHA, 2001).

Assim, como anteriormente a Professora Iara falou que na Educação os professores “apagam incêndios”, as Professoras Graça e Luiza vão ao encontro disso ao falar que, com a atual desvalorização, o que o professorado tenta é “minimizar” a repercussão disso para o alunado:

> Olha, **eu acho que sempre repercute, a gente tenta minimizar, porque o aluno não tem culpa do que está acontecendo**, dos governos que estão aí, da forma que eles veem a educação, **mas sempre acaba respingando neles.** E acho que a gente conversa muito com os alunos, a gente tem que deixar para eles bem claro essas coisas que estão acontecendo**, mas tentar deixar respingar da menor forma possível, fazendo o meu trabalho, tentando ser responsável mesmo estando bem ou não estando**, dependendo da época da situação política, eu acho que o trabalho da gente tem que ser centrado em uma coisa só (Entrevista Professora Graça) [grifos meus].

> **Sim, com certeza. Apesar de a gente tentar fazer com que não aconteça isso, mas eu acho que sim. Com certeza, porque a gente leva isso muito para a aula.** Querendo ou não tu acaba levando isso, esse sentimento às vezes para os teus alunos. E a gente tenta passar para eles às vezes, para eles entenderem. Essa questão de greve mesmo afeta completamente os alunos, os pais e tudo, então não tem como não levar para a escola. Não sei se diretamente para a sala de aula, eu acho que sim. Eu acho que a gente tenta, **eu pelo menos sou uma que tenta conversar com os alunos sobre isso para que eles entendam por que a gente está fazendo greve ou por que a gente está lutando por determinadas coisas e tentar mostrar para eles que eles também têm que fazer isso, eles também têm que lutar,** mas claro que num sentido

> diferente, mas eu acho que leva sim até dessa forma, **de tentar fazer com que eles entendam para saber que eles também vão ter que lutar por esse tipo de coisa, pela educação deles, pela educação pública,** por tudo junto com a gente (Entrevista Professora Luiza) [grifos meus].

Segundo a Professora Iara, a desvalorização da Educação pelos governos acaba por repercutir na formação do alunado no sentido que, no caso da EF escolar, a falta de infraestrutura, de espaço físico, de materiais faz com que o alunado não tenha acesso às diferentes manifestações da cultura corporal, objeto de estudo da EF, negando assim a potencialidade da disciplina e a formação integral do alunado:

> **Com certeza. Porque a gente não consegue mostrar para eles todas as possibilidades,** nós temos grandes talentos que se perdem, que deveriam sim descobertos lá na escola, e que se perde, porque tu acaba fazendo o feijão com arroz, mesmo que tu faça o feijão com arroz bem feito, tu não desenvolve as potencialidades. Quantos jogadores de vôlei devem ter passado por mim e **pelo fato da gente ter uma quadra precária, pouco tempo**, a questão do turno inverso depois também se fomentou um pouco com um outro programa que foi o Mais Educação, se fomentou um pouco, mas era sempre assim, a gente sempre foi fazendo poucas coisas, nunca era uma linha, algo planejado a longo prazo, isso não (Entrevista Professora Iara) [grifos meus].

E, repercute na formação geral do alunado, em todas as disciplinas do coletivo escolar:

> **Não só na minha, em todas as disciplinas,** eu acho assim, se antes o professor de educação física cobrava, e alguns ainda cobram, **hoje ele não tem como, depende do local onde ele está.** Vamos colocar aí. Não dá para comparar o IFSul. O IFSul é uma escola que eu estive conversando e lá eles cobram, lá o IFSul tem **uma estrutura para cobrar.** E até o guri me colocou assim que às vezes é muito porque tem os jogos, que é muito valorizado aqueles jogos. E uns jogos Intercursos, que eles valorizam muito aquilo. Ela (instituição) valoriza aquilo lá. **Então claro que nós não temos condições.** O que ocorre na rede municipal. No final do ano, na metade do ano tem um jogo que eles fazem os jogos rurais, que as escolas têm as modalidades – vôlei, futebol. [...] E é o único, assim, que eles têm rural. Que foi criado até por uma professora da zona que trabalhava. Quem faz os jogos ali. **Mas o pessoal do município, eles desvalorizam muito no sentido assim, eles esquecem a zona rural, a Secretaria** (Entrevista Professor João) [grifos meus].

Ao confrontarmos os elementos da precarização apontados pelos docentes e os sentidos da docência elencados pelos mesmos, averiguamos que a precarização afeta diretamente a formação do alunado. E, sendo as relações com o alunado e a sua formação um dos sentidos da carreira docente, além de ser um dos motivos de se sentirem realizados profissionalmente como

professores e professoras, a precarização afeta também os sentidos da docência.

A desvalorização da Educação em geral ao longo do tempo, as precárias condições de trabalho em geral e as específicas da EF, o escasso material e, muitas vezes, sem estrutura física, sem tempo para formação continuada, entre outros, gera desmotivação, desinvestimento e desestímulo profissional, o que muitas vezes limita e priva o alunado de possibilidades superadoras da Educação e da EF, tornando-os também desmotivados e desinteressados.

De certo, a intensificação e precarização das condições de trabalho dos professores e professoras das escolas públicas expressam um fenômeno de caráter macrossocial, cujas relações e contradições são geradas pelo modo de produção dominante, no contexto de reestruturação do trabalho e do modelo de gestão neoliberal (MÉSZÁROS, 2005). Como forma de superação, o autor sugere a “contra-internalização”, que é uma forma de consciência social necessária para a superação dos limites restritos do controle do capital, de que é apenas no sentido amplo de educação que a educação formal, institucionalizada, pode contribuir para a superação do capital, realizando as suas “muito necessárias aspirações emancipadoras”, o que requer “um progressivo e consciente intercâmbio com processos de educação abrangentes com a nossa própria vida” (MÉSZÁROS, 2008, p. 59), ou seja, não basta uma mudança superficial, é necessário uma transformação radical no atual modo de produção.

7. Considerações finais

Ainda há sentidos para a docência e para a carreira docente, essa é a primeira consideração que fazemos dessa tese, a qual objetivou analisar os sentidos da carreira docente para o professorado de Educação Física da RMEPel, e acreditamos que enquanto houver sentidos, existirá a luta pela melhoria das condições de trabalho, de valorização profissional, de transformação da realidade, enfim, de existência pois “uma vida desprovida de sentido no trabalho é incompatível com uma vida cheia de sentido fora do trabalho” (MÉSZÁROS; ANTUNES, 2002).

A partir de nossa pesquisa, emergiram 4 categorias de análise que representam 04 sentidos da carreira docente, o primeiro foi o sentido da *realização pessoal e profissional como professor e professora de EF*, pois apesar da desvalorização profissional percebida ao longo de suas carreiras, o professorado de EF exprimiu um sentimento de realização tanto profissional como pessoal de serem professores e professoras da Educação Pública, pois acreditam que possuem uma função social, uma vez que essa realização não dependeu, nem não esteve atrelado a não valorização, principalmente pelo poder público. O segundo sentido da docência que encontramos foram as *relações estabelecidas com o alunado* ao longo da carreira, principalmente na possibilidade de mudança e transformação dos mesmos, de poderem colaborar na formação de um ser e de certa forma serem exemplos e modelos a serem seguidos pelo alunado. O terceiro sentido foi o *dom ou a vocação para a docência,* o professorado citou acreditar na existência de um dom ou vocação para os fazerem permanecer na profissão e na carreira docente mesmo precarizada e como apenas uma professora relatou querer ser docente desde a infância, entendemos e denominamos como vocação tardia, pois a escolha profissional, mesmo resultante de algumas representações e condicionantes sociais, consideramos que foi uma escolha deliberada. Por fim, o quarto e último sentido a relação entre o *Público e o Privado na carreira docente,* pois o ingresso na carreira docente na esfera pública bem como a permanência na mesma se deu também pelos direitos e vantagens presentes na esfera pública em relação à esfera privada como a estabilidade do cargo público, planos de saúde entre outros. Nesse sentido, professorado mostrou-se preocupado com

o futuro da Educação Pública e o fim de muitos direitos trabalhistas da esfera pública em relação ao privado que mostramos, já adentrou na RMEPel através das Parcerias Público Privadas (PPPs) e Organizações Sociais (OS).

Constatamos em nossa pesquisa, ainda a existência da precarização, da desprofissionalização e da intensificação do trabalho e da carreira docente, aspectos esses que se agravaram ao longo da carreira docente, interferindo nos sentidos elencados pelo professorado e na atividade docente, pois impacta negativamente na formação do alunado em todos os níveis no processo de ensino aprendizagem.

Os elementos presentes e analisados para a identificação dos aspectos relevantes referentes à trajetória da carreira do professorado de EF, desde a escolha do curso de formação inicial até o aprofundamento do conhecimento acerca do período final da carreira e da constituição da identidade docente trazidos, expostos e analisados nas cartas autobiográficas para um novo ou nova docente e nas entrevistas, de que a carreira docente foi "foi rica, mas desafiadora", da constatação de "inúmeros problemas, mas de realizações maravilhosas"; de que "é bom ser professor, triste é ver e sentir como somos tratados" entre outros relatos, nos faz inferir que a carreira docente em EF é permeada por sensações ambíguas, contraditórias e conflituosas entre o que se deseja como vida profissional e os obstáculos/dificuldades encontrados ao longo da vida. Acrescentados ainda de outros elementos como da frustação familiar com a escolha da EF como formação inicial, insatisfação com a preparação acadêmica para trabalhar na escola pública, o desapontamento de quando ingressam na carreira docente com a estrutura das escolas e de materiais para as aulas de EF, desapontamento que para muitos os acompanhou por toda a carreira, aliados da decepção com a não valorização e o pouco reconhecimento e legitimidade da EF como componente curricular por demais colegas, escola e dos gestores públicos. Apesar disso, os docentes relataram terem uma imagem de si como bons profissionais e realizados mesmo que as suas atuações terem sido muito limitadas pelas condições precárias de trabalho e desvalorização profissional que tiveram ao longo da carreira.

Não bastassem todas as dificuldades elencadas ao longo da carreira, constatamos que o professorado vive um dilema perto no fim de suas carreiras,

pois com as alterações na legislação previdenciária, que na verdade se resumem a retiradas de direitos historicamente conquistados pelos trabalhadores e trabalhadoras, possuem além da dúvida de quando se aposentarão, preocupam-se ainda com o valor da remuneração que irão receber, pois a Prefeitura Municipal nos meses de férias letivas retira parte das complementações que recebiam normalmente há décadas, e como o cálculo da aposentadoria será uma média de seus salários de um determinado período, acabará por reduzir o valor dos salários futuros de suas aposentadorias.

Pela centralidade ontológica do trabalho na formação humana e ser uma categoria fundante do ser social, pelo lado profissional e pessoal constituírem na verdade um ser único, refletimos que a luta por melhores condições de trabalho e de valorização da carreira docente se constitui na luta pela própria vida e existência. Assim, consideramos que o professorado em geral deveria ter uma valorização, um reconhecimento e uma assistência maior por parte do Estado visando condições mais dignas de trabalho, para que os mesmos possam exercer a docência com o esmero e dignidade que merecem.

Na barbárie do capitalismo, onde tudo gira em torno do lucro, da produção de mercadorias e da exploração do trabalho, inclusive a Educação escolarizada, mesmo que de forma indireta, pode colaborar nesse aspecto ao perder a sua função social em relação ao mundo do trabalho e tem sua atenção voltada para o mercado de trabalho. Torna-se imperativo então “criar uma forma de consciência social que liberte dos limites restritos do controle do capital, a própria vida dos indivíduos de modo que sejam estes capazes de fazer do processo de aprendizagem ‘a sua própria vida’” (MÉSZÁROS, 2005, p. 2), portanto, passa pela educação a superação do modo de produção capitalista a partir das relações dialéticas entre escola e sociedade e o modo de produção a ser superado.

Por fim, é importante ressaltar as condições históricas da produção dessa tese, em que pese uma pandemia mundial que alterou significativamente a vida de todos e todas, que aumentou ainda mais o abismo existencial entre trabalhadores, trabalhadoras e a burguesia, a existência de um (des)governo nacional que prega o negacionismo científico e um projeto de sociedade voltado para as elites empresariais, além de outros problemas pessoais, esse

tese buscou cumprir o dever de contribuir e avançar na produção do conhecimento da humanidade acerca da temática carreira docente dentro de suas limitações, assim, as reflexões, as problemáticas, os desafios e as lacunas referentes à temática carreira docente não se esgotam nessa pesquisa, porém, esperamos que esse estudo contribua, subsidie e sirva de base para outros estudos.

Para finalizar, como última questão do roteiro de entrevista, indagamos para o professorado de EF dessa pesquisa se teriam algo que gostariam de falar, que achassem importante e que não foi questionado na entrevista, assim, as suas últimas palavras constam abaixo e finalizam essa tese. Nada mais justo de que as últimas palavras dessa tese sejam daqueles que a efetivaram, que sem eles não teria acontecido, os que permaneceram, lutaram, lutam e instigaram em suas cartas e entrevistas os novos e as novas docentes a também lutar e a engajarem-se na mudança de uma sociedade mais humana e justa, assim como fizeram em sua carreira docente, O PROFESSORADO DE EF DA RMEPel:

> Eu acho assim, como eu te disse antes: a educação, no dia que for reconhecida no Brasil como é em outros países na Europa, na França, que um professor é muito mais valorizado que um advogado, que um médico, **porque eu enxergo o professor como a base de tudo.** Se não tiver base, eu não tenho como construir para cima. **E é meu sonho de ver isso reconhecido no Brasil como em outros países** (Entrevista Professor Alex) [grifos meus].
>
> **Eu acho que é isso que a gente tem que pensar, para dar aula tu tem que gostar. Não adianta querer ser professor se não gostar de trabalhar com as crianças, de trabalhar na rua, de Educação Física.** De ter paciência, de querer ver o progresso do aluno. E hoje uma coisa importante que a gente está com muitos alunos com deficiência e as pessoas se prepararem para trabalhar com eles, porque nós mesmos, aqui no centro, a gente tem, os alunos são maravilhosos. Se a gente conhecer os alunos e poder inserir eles nessas atividades é muito importante para eles e a gente sai muito feliz (Entrevista Professora Bianca) [grifos meus].
>
> Eu não sei, foi bem abrangente. Essa questão, **eu acho que tá muito bem** (Entrevista Professor Cléber) [grifos meus].
>
> Não, a única coisa é assim, não sei se o teu trabalho assim, com relação às pessoas que assistirem, se elas estão começando ou não antes disso, de pensar. **Antes, se realmente elas gostam ou se não gostam. Porque se não gostam e acham que não é compensatório, sempre dá um tempo de mudar**. Eu sei de pessoas que começaram e estão fazendo outra coisa. **Agora, se gostar eu acho que vale a pena**, porque isso também por dinheiro, tudo. Se a pessoa for um bom profissional, ela pode conseguir muita coisa. Ainda mais na nossa área, tu pode de repente trabalhar numa escola e trabalhar em outra coisa. É que eu sei, eu sou mais

acomodada mesmo. E eu prefiro ter a minha vida aqui, entendeste? Ir viajar e tal, porque eu sou assim. Mas se a pessoa é mais ambiciosa, ela consegue mais coisa. Tem gente que trabalha 60 horas, sei lá quantas horas e é feliz e viaja nas férias, bem faceira. É que eu nunca tive esse perfil de ficar trabalhando, de manhã, de tarde, de noite. Para mim isso não é qualidade de vida, mas tem gente que consegue. Tem gente que trabalha 60 horas e faz um monte de coisa, e sai no final de semana e viaja, eu não sei quantas horas entende, mas que as pessoas fazem, fazem. É que eu não tenho esse perfil, **mas se a pessoa tem, acho que tem mais que correr atrás mesmo** (Entrevista Professora Débora) [grifos meus].

Até queria te dizer que para mim me trouxe muito prazer trabalhar em escola. Era o que eu queria quando me formei na educação física era trabalhar em educação física escolar. É a valorização do professor, a valorização da escola em si, dos alunos, de ter melhores condições, uma visão... não só visão, porque todo mundo diz que tem uma visão de que a educação é superimportante, mas no dia a dia, na prática isso não acontece. Se tem muita cobrança do profissional, algumas escolas a gente trabalha em precariedade, muita dificuldade. **Se cobra muito e se dá pouco**, tanto na questão salarial como no auxílio quando geralmente a gente vem para a escola, das Secretarias Municipais ou do Estado é só cobrar: cobrar, cobrar e cobrar, e pouco auxílio. **Eu acredito que assim, tem que ter uma visão e uma prática de que valorizem a educação mesmo**, porque só ter a visão e dizer, e que realmente é importante e precisa recursos, e que vão fazer o máximo, mas não faz, não adianta. Eu acho que falta na prática dos governantes, realmente valorizar, e realmente ver **o que está acontecendo nas escolas, nas condições de estrutura física, materiais, as condições que os professores trabalham, a insegurança que muitas escolas têm hoje.** Aqui a gente até não tem tanto, mas tu trabalha com o pessoal na volta, os professores, os alunos saindo sem condições de segurança, os professores, funcionários, todo mundo saindo, às vezes com uma dificuldade de ter que estar se cuidando para não ser assaltado ou coisas piores que a gente vê todo dia acontecendo em nossas escolas, do Brasil inteiro, não só aqui de Pelotas, mas do Rio Grande do Sul, de todo o Brasil, então é um olhar e uma prática, é isso o que falta. **E os recursos são muito mal aplicados** (Entrevista Professor Ernesto) [grifos meus].

Não, não. Eu acho que, **eu quero falar que acho que o teu trabalho é muito importante, acho interessante investigar isso, eu acho que é um trabalho que vai, vai ser importante para a gente para a nossa profissão, para os que virão**. Acho que esse tipo de trabalho é interessante**, esse tem os pés no chão, tem a ver com o que está acontecendo, com a realidade**. Acho que o teu trabalho **está bem legal e eu te parabenizo** (Entrevista Professor Fabiano) [grifos meus].

Não, acho que está tudo aí. Eu acho que está tudo bem assim (Entrevista Professora Graça) [grifos meus].

Não, **eu acho que eu vou até elogiar. Eu acho que foi bem abrangente todas as frentes colocadas**. Muito mais, eu expressei e eu vivi assim, não teria muito mais a agregar. **Mas a questão é de ser, eu digo assim, de ser compatível com aquilo o que tu gosta, o que tu queres e que tu te realiza.** Posso dizer isso por quê? Porque **eu tentei outra área, eu estive na área, vamos, da farmácia. E é uma área que de forma alguma eu me realizaria. Eu**

seria frustrado mesmo, com mais dinheiro no bolso, mesmo com outro status, talvez, social. Mas **o que eu fiz, o que eu vivi, eu acho que eu vivi intensamente, me realizei**. Hoje se eu falo, eu falo das conquistas, eu falo das boas realizações. Não que eu não tive que apartar muitas brigas, não que não levei soco tentando apartar briga, não que não tenha ouvido desaforos, não que quase não apanhei de pais e coisas do gênero. Mas isso tudo faz parte. E não que muitas vezes também não tenha sido entendido devidamente, dentro de uma instituição, e talvez em alguns momentos uma desvalorização, alguma coisa assim. Mas tudo isso faz parte, isso só muda o endereço**. Então fazer o que tu gosta, fazer o que ti realiza.** Com certeza. **Meus filhos sabem disso, minha esposa sabe disso, a minha filha foi para a área da educação física, mesmo sabendo das dificuldades que o pai passou, mas ela viu esse legado. Eu levava ela para a escola, ela participava das aulas.** Então eu vejo que isso também **ficou um legado para ela e ela também se realiza Minha filha já é formada**. Está atuando. No momento é mais na área de academia, personal, mais nesse sentido. Mas **eu vejo a realização dela e sempre que a gente conversa,** a gente conversa numa compatibilidade de ideias, de motivações, de interesses muito legais. Então eu acho que fica esse legado, eu tenho histórias para contar para os netos, vamos dizer assim, muito interessantes e de uma realidade que eu vivi. **Então eu acho que fazer o que tu gosta, apesar de algumas questões, eu acho que é fundamental. Fazer com amor, fazer com fé, fazer com esperança, por aí** (Entrevista Professor Heitor) [grifos meus].

Não. Eu só gostaria de dizer que eu acho muito importante esse tipo de pesquisa para conhecer, e também para levar as pessoas que são objeto das pesquisas**, a repensar o que fazem, a lembrar do porquê escolheram fazer. Eu acho bem interessante e acho muito bom. Estás de parabéns** (Entrevista Professora Iara) [grifos meus].

Não Ivan, eu não tenho, eu só acho assim, **espero que eu tenha conseguido te ajudar aí no seu doutorado.** Não sei se eu consegui contribuir (Entrevista Professor João) [grifos meus].

Assim que eu acho que, apesar do que pode parecer, não sei, que pareceu através da carta, que a gente tem muitos problemas, muitos conflitos, conflitos internos, conflitos com colega, com direção, com aluno, com pai, **eu acho que ainda vale a pena. Pode parecer meio sonhador isso, de "ah, sou professora e adoro ser professora"**. Eu acho que, por exemplo, eu já tenho 20 e poucos anos e continuo com vontade de trabalhar, de fazer coisas novas e diferentes. Eu acho que tem muita gente que já não tem mais, que já está cansado. E apesar do cansaço, eu me sinto cansada também, mas eu acho que essa questão do ser professor é muito importante, e eu vejo essa importância, **eu acho que por isso que eu tenho força de continuar, de tentar fazer um doutorado, de tentar melhorar sempre dentro da profissão.** E eu acho que isso é importante (Entrevista Professora Luiza) [grifos meus].

Referências bibliográficas

ANDRADE, D. M. **Caracterização dos professores de Educação Física que trabalham com esporte extraclasse:** motivações, trajetórias, saberes e identidades. 2011. 87 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) − Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Pelo-tas, 2011.

ANTUNES, R. **Adeus ao trabalho?:** ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade no mundo do trabalho. São Paulo: Cortez; Campinas, SP: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 2005.

ANTUNES, R. **Os sentidos do trabalho:** ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho. São Paulo: Boitempo, 2009.

ANTUNES, C. **A educação em Mészáros**: trabalho, alienação e emancipação. Campinas: Autores Associados, 2012. (Col. Educação contemporânea.)

ANTUNES, R. Dimensões da precarização estrutural do trabalho. In: DRUCK, G; FRANCO, T. (Orgs). **A perda da razão social do trabalho -** terceirização e precarização. São Paulo: Boitempo, 2007, p.13 - 22.

ANTUNES, R. (2002). Apresentação. In: MÉSZÁROS, I. ***Para Além do Capital*:** rumo a uma teoria da transição. São Paulo/SP: Boitempo (Editora da Unicamp).

ANTUNES, R. **A nova morfologia do trabalho no Brasil -** reestruturação e precaridade. Disponível em: <http://www.nuso.org/upload/articulos/3859_1.pdf>. Acessado em dezembro de 2012.

ANTUNES, Ricardo. Reestruturação Produtiva e mudanças no mundo do trabalho numa ordem neoliberal. Educação Básica e Empregabilidade. In: DOURADO, Luiz Fernandes; PARO, Vítor Henrique (orgs.). **Políticas públicas & educação básica**. São Paulo: Xamã, 2001. p. 49-57.

ANTUNES, Ricardo; ALVES, Giovanni. As mutações no mundo do trabalho na era da mundialização do capital. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 25, n. 87, p. 335-351, maio/ago 2004.

ARROYO, Miguel G. Ciclos de desenvolvimento humano e formação de educadores. **Educação & Sociedade**, v. 20, n. 68, p. 143-162, 1999.

BACCIN, E. V. C. **Educação Física escolar: implicações das políticas educacionais na organização do trabalho pedagógico**. 2010, 137f. Dissertação (Mestrado em Educação Física). Programa de Pós-Graduação em Educação Física, UFPel, Pelotas, 2010.

BELTRAMI, D.V. Políticas educacionais e Educação Física: a eqüidade na Educação Física Escolar. **Revista da Educação Física/ UEM**. Maringá, v.1, n.1. p.149 – 156, 2000.

BELTRÃO, José Arlen. A Educação Física na escola do vestibular: as possíveis implicações do ENEM. **Movimento**, v. 20, n. 2, p. 819-840, 2014.

BERMUDES, Roberta. **Construção dos saberes sobre as práticas avaliativas dos professores de Educação Física**. 2010, 119f. Dissertação (Mestrado em Educação Física). Programa de Pós-Graduação em Educação Física, UFPel, Pelotas, 2010.

BETTI, M e ZULIANI, L.R. Educação física escolar: Uma proposta de diretrizes pedagógicas. **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte** – Ano I, Número 1, 2002.

BOTH, J.; NASCIMENTO, J. V.; BORGATTO, A. F. Estilo de vida dos professores de Educação Física ao longo da carreira docente no estado de Santa Catarina. **Revista Brasileira de Atividade Física e Saúde,** v. 12, n. 3 p. 54-64, 2007.

BOTH, J.; NASCIMENTO, J. V.; LEMOS, C. A. F.; DONEGÁ, A. L.; RAMOS, M. H. K. P.; PETROSKI, E. C.; DUARTE, M. F. S. Qualidade de vida no trabalho percebida por Professores de Educação Física. **Revista Brasileira de Cineantropometria e Desempenho Humano**, v. 8, n. 2, p. 45-52, 2006.

BOTH, Vilmar José. **Mudanças no mundo do trabalho e suas mediações na Educação Física.** 2009, 121f. Dissertação (Mestrado em Educação Física). Programa de Pós-Graduação em Educação Física, UFPel, Pelotas, 2009.

BRACHT, Valter. **Educação Física e aprendizagem social**. Magister, 1992.

BRACHT, Valter; ALMEIDA, Felipe Quintão. A política de esporte escolar no Brasil: a pseudovalorização da educação física. **Revista brasileira de ciências do esporte**, v. 24, n. 3, 2003.

BRAGANÇA, A. B. S. **Aposentadoria**: a experiência de professores aposentados do instituto de biologia da UNICAMP. 2004. 102 f. Dissertação (Mestrado em Gerontologia) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2004.

BRASIL. [Constituição (1988)]. Emenda Constitucional nº 95, de 15 de dezembro de 2016. Altera o Ato das Disposições Constitucionais Transitórias, para instituir o Novo Regime Fiscal, e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 16 dez. 2016. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/emendas/emc/emc95.htm. Acesso em: 8 jan. 2019.

BUENO, B. O.; LAPO, F. R. Professores, desencanto com a profissão e abandono do magis-tério. **Caderno de Pesquisa–USP**, v. 118, p. 65-88, 2003.

Castellani Filho L. **Educação Física no Brasil:** a história que não se conta. 2ed. São Paulo: Papirus, 1991.

CHAUÍ, Marilena. **O que é ideologia?**. São Paulo: Brasiliense, 1980.

CODO, Wanderley (coordenador). 4ª. ed. Petrópolis: Vozes / Brasília: Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação: Universidade de Brasília. Laboratório de Psicologia do Trabalho, 2006. 432 p.

COSTA, Fábio Renato Barcellos. **Formação e desenvolvimento profissional em Educação Física dilemas e desafios na educação inclusiva**. 2009, 101f. Dissertação (Mestrado em Educação Física). Programa de Pós-Graduação em Educação Física, UFPel, Pelotas, 2009.

COUTINHO, Miguel Posso; MACHADO, Fabio Alves; NARDES, Leandro Kegler. Educação Física: os motivos dessa escolha profissional. **Revista de Educação Física, Rio de Janeiro**, v. 1, n. 131, p. 23-29, 2005.

DA SILVA MACHADO, Thiago et al. As práticas de desinvestimento pedagógico na Educação Física escolar. **Movimento**, v. 16, n. 2, p. 129-147, 2010.

DAOLIO, J.A. ordem e a (des) ordem na educação física brasileira. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, V. 25, n. 1, p. 115-127, setembro 2003.

Duarte, N. (org.) **Crítica ao Fetichismo da Individualidade.** Campinas: Autores Associados, 2004.

DUARTE, Newton. **Vigotski e o "Aprender a Aprender".** Crítica às Apropriações Neoliberais e Pós-Modernas da Teoria Vigotskiana. SP: Autores Associados, 2000.

FARIAS, Gelcemar Oliveira et al. Ciclos da trajetória profissional na carreira docente em educação física. **Movimento (ESEFID/UFRGS)**, v. 24, n. 2, p. 441-454, 2018.

FOLLE, Alexandra; DO NASCIMENTO, Juarez Vieira. Estudos sobre desenvolvimento profissional: da escolha à ruptura da carreira docente. **Journal of Physical Education**, v. 19, n. 4, p. 605-618, 2008.

FONSECA, Laura Souza. Reestruturação produtiva, reforma do estado e formação profissional no início dos anos 1990. In: FRIGOTTO, Gaudêncio; CIAVATTA, Maria (orgs.). **A formação do cidadão produtivo**: a cultura de mercado no ensino médio técnico. Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2006.

FONSECA, M. **Banco Mundial e a educação brasileira**. Brasília, DF, [1996]. Mimeo.

FONSECA, M. O Banco Mundial como referência para a justiça social no terceiro mundo: evidências do caso brasileiro. **Revista da Faculdade de Educação**, São Paulo, v. 24, n. 1, p.37-69, jan./jun. 1998.

FREIRE, E. S. ***Educação Física e conhecimento escolar nos anos iniciais do ensino fundamental.*** **1999**. 99f. Dissertação (Mestrado) - Escola de Educação Física, Universidade de São Paulo, São Paulo

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREITAS, Luiz Carlos de. Em direção a uma política para a formação de professores. **Em Aberto**. INEP,

FREITAS, Luiz Carlos de. Em que direção uma política para a formação de professores **Em Aberto**, Brasília, MEC/INEP, v.11, n.54, 1992.

FRIGOTTO, G. Educação e formação humana: ajuste neoconservador e alternativa democrática. In: GENTILI e SILVA. (Orgs.). **Neoliberalismo, qualidade total e educação-visões críticas.** Petrópolis: Vozes, 1994. p.31-92.

FRIGOTTO, G. Educação, crise do trabalho assalariado e do desenvolvimento: Teorias em conflito. In: _____ (Org.). **Educação e crise do trabalho:** perspectiva de final de século. Petrópolis: Vozes, 1998. (Coleção Estudos culturais em educação).

FRIGOTTO, Gaudêncio. **A produtividade da escola improdutiva.** Um (re) exame das relações entre educação e estrutura econômico-social capitalista. 4ªed. São Paulo: Cortez, 1993.

FRIGOTTO, Gaudêncio. **Educação e crise do capitalismo real**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2003.

FRIZZO, Giovanni Felipe Ernst; SILVEIRA, Leonardo Lemos; DE OLIVEIRA, Ivan Bremm. Participação política do professorado de educação física no movimento sindical. **Germinal: Marxismo e Educação em Debate**, v. 11, n. 3, p. 304-316, 2019.

FURTADO, Renan Santos; BORGES, Carlos Nazareno Ferreira. Educação física escolar, legitimidade e escolarização. **Humanidades & Inovação**, v. 7, n. 10, p. 24-38, 2020.

GATTI, Bernardete A.; BARRETO, Elba S. S. **Professores do Brasil:** impasses e desafios. Brasília: UNESCO, 2009.

GATTI, Bernardete Angelina. et. al. **Professores do Brasil: novos cenários de formação** / Bernardete Angelina Gatti, Elba Siqueira de Sá Barretto, Marli Eliza Dalmazo Afonso de André e Patrícia Cristina Albieri de Almeida. – Brasília: UNESCO, 2019

GENTILI, P. Neoliberalismo e educação: manual do usuário. In: SILVA, T.T.; GENTILI, P. (Orgs.) **Escola S. A.:** quem ganha e quem perde no mercado educacional do neoliberalismo. Brasília: Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação/CNTE, 1996. p. 24.

GENTILI, Pablo A.A; SILVA, Tomaz Tadeu. **Neoliberalismo, qualidade total e educação**. 4ª ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 1996.

GENTILLI, P. Neoliberalismo e educação: Manual do usuário. In: GENTILI, P. e SILVA, T.T. *Escola S.A.* Brasília: CNTE, 1996, p. 9-49.

GHILARDI, R. Formação profissional em educação física: a relação teoria e prática. **Motriz**, v. 4, n. 1, p. 1-11, 1998.

GHIRALDELLI, Paulo. **Educação física progressista**. Edições Loyola, 1991.

GODTSFRIEDT, Jonas. Ciclos de vida profissional na carreira docente: revisão sistemática da literatura. **Corpoconsciência**, v. 19, n. 2, p. 9-17, 2016.

GOMES, M. A.; BORGES, L. J.; NASCIMENTO, J. V. Ciclos de Desenvolvimento Profissional e a Qualidade de Vida de Professores de Educação Física da Região Sudoeste da Bahia. **Revista Brasileira de Educação Física, Esporte, Lazer e Dança**, v. 2, n. 4, p. 104-114, dez. 2007. Disponível em: http://www.refeld.com.br/pdf/21.12.2007/bahia_formatado_resumo_port.pdf

GOMES, R. A Análise de Dados em Pesquisa Qualitativa. In: MINAYO, M. C. S. (Org.) et al. **Pesquisa Social: Teoria, Método, e Criatividade.** Petrópolis: Vozes, 2004. pp. 67-80.

GOMES, R. et al. Organização, processamento, análise e interpretação de dados: o desafio da triangulação. In: MINAYO, M. C. S.; ASSIS, S. G.; SOUZA, E. R. (Org.). **Avaliação por triangulação de métodos: Abordagem de Programas Sociais**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2010. pp. 185-221.

GOMES, Murilo Cabral et al. O envelhecimento do professor de Educação Física Escolar: repercussões na saúde, prática profissional e cotidiano laboral. **Pensar a Prática,** v. 23, 2020.

GÜNTHER, M. C. C.; MOLINA NETO, V. Formação permanente de professores de educação física na rede municipal de ensino de Porto Alegre: uma abordagem etnográfica. **Revista Paulista de Educação Física, São Paulo**, v. 14, n. 1, p. 85-97, 2000.

GUTIERREZ, D. V. G., Carvalho, F. A. F., Jacomini, M. A., & Brito, V. L. F. A. de. (2013). **Planos de carreira de professores da educação básica em estados e municípios brasileiros no contexto da política de fundos: configurações, tendências e perspectivas** (Relatório sobre planos de cargos, carreira e remuneração do magistério da pesquisa “Remuneração de professores de escolas públicas de educação básica: configurações, impasses, impactos e perspectivas”.

HOPF, A. C. O. Fico ou vou-me embora? – os sentimentos expressos por professores diante da aposentadoria. **Revista da Educação Física/UEM**, Maringá, v. 13, n. 2, p. 89-96, 2002.

HOPF, A. C. O.; CANFIELD, M. S. Profissão docente: estudo da trajetória de professores universitários de Educação Física. **Kinesis**, Santa Maria, n. 24, p. 49-71, 2001.

HUBERMAN, M. O ciclo de vida profissional dos professores. In: NÓVOA, A. (Org.). **Vidas de professores**. Porto: Porto Editora, 1995. p. 31-62.

IBGE. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua - PNAD Contínua.** Disponível em: https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/trabalho/9173-pesquisa-nacional-por-amostra-de-domicilios-continua-trimestral.html?=&t=resultados Acesso em: 28 jan 2019.

Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. Sinopses Estatísticas da Educação Básica 2018. Brasília: INEP, 2019.

Disponível em: http://portal.inep.gov.br/web/guest/sinopses-estatisticas-da-educacao-basica Acesso em: 22 jan 2019.

Karl Marx. O Dezoito de Brumário de Louis Bonaparte. 1851/52. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/ma000066.pdf.> Acesso em 14 jan. 2019.

Konder, L. **O futuro da filosofia da práxis** - o pensamento de Marx no século XXI. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

KONDER, L. **O que é dialética.** São Paulo: Brasiliense, Primeiros Passos, 1981.

KUENZER, A. Z. Exclusão Includente e Inclusão Excludente. A nova forma de dualidade estrutural que objetiva as novas relações entre educação e trabalho. In: SANFELICE, José Luís; SAVIANI, Dermeval; LOMBARDI, J. C. (Org.). *Capitalismo, trabalho e educação.* Campinas: Autores Associados, Histedbr,

KUENZER, A. Z. A formação de professores para o Ensino Médio: velhos problemas, novos desafios. **Educação e Sociedade**. Campinas, v. 32, n. 116, p. 667-688, julho-setembro, 2011.

KUENZER, A. Z. *Pedagogia da fábrica*. As relações de produção e a educação do trabalhador. São Paulo: Cortez; Autores Associados, 1989.

KUENZER, Acácia Zeneida. As mudanças no mundo do trabalho e a educação: novos desafios para a gestão. In: FERREIRA, Naura Syria Carapeto (org.). **Gestão democrática da educação**: atuais tendências, novos desafios. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2006.

KUENZER, Acácia Zeneida. Exclusão Includente e Inclusão Excludente: a nova forma de dualidade estrutural que objetiva as novas relações entre educação e trabalho. In: LOBARDI, José Claudinei; SAVIANI, Dermeval; SANFELICE, José Luís (orgs.). **Capitalismo, trabalho e educação**. Campinas: Autores Associados, HISTEDBR, 2002, p. 77-95. Coleção educação contemporânea.

LAPO, F R; BUENO, B. O. Professores, desencanto com a profissão e abandono do magistério. **Cadernos de Pesquisa,** São Paulo, n. 118, p. 65-88, mar. 2003.

LAPO, F. R. Bem-estar docente. In: SEMINÁRIO REDESTRADO – Nuevas Regulaciones em America Latina, 7, 2008. Buenos Aires. **Anais**... Buenos Aires, p. 1-19, 2008.

LEMOS, L. M. **Formação e trabalho do(a) professor(a) de Educação Física na formação social capitalista**. 2011, 289 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) − Programa de Pós-Graduação em Educação Física, UFPel, Pelotas, 2011.

LESSA, S. **Para além de Marx?** Crítica da teoria do trabalho imaterial. São Paulo: Xamã, 2005.

LOVISOLO, H. Hegemonia e legitimidade nas ciências dos esportes. **Motus Corporis: Revista de Divulgação Científica do Mestrado e Doutorado em Educação Física**. v. 3, n. 2, p. 52, dez. 1996. Rio de Janeiro: Universidade Gama Filho, 127p.

LOYOLA, Rosângela Conceição de. **Experiências profissionais na escola e os sentidos da Educação Física.** 2008. 101 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) − Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Vitória, 2008.

LUKÁCS, G. **Para uma ontologia do ser social** v. II. São Paulo: Boitempo, 2013.

MACHADO, Thiago da Silva et al. As práticas de desinvestimento pedagógico na Educação Física escolar. **Movimento (ESEFID/UFRGS)**, Porto Alegre, v. 16, n. 2, p. 129-147, dez. 2009. ISSN 1982-8918. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/Movimento/article/view/10495>. Acesso em: 13 jAN. 2019.

MARX, K. (2005). ***Crítica da filosofia do direito de Hegel*** – Introdução. São Paulo/SP: Boitempo (Editora da Unicamp).

MARX, K; ENGELS, F. **A ideologia alemã** (I- Feuerbach). Tradução de José Carlos Bruni e Marco Aurélio Nogueira. 6. ed. São Paulo: HUCITEC, 1987, p. 26-39.

MARX, K; ENGELS, F. **Manuscritos Econômico-Filosóficos**. Tradução de Alex Martins. São Paulo: Martin Claret, 2005.

MARX, Karl & ENGELS, Friedrich. ***A Ideologia Alemã.*** São Paulo: Martins Fontes.

MARX, Karl. **Contribuição a crítica da economia política**. 2ª ed. São Paulo: Expressão Popular, 2008. 285p.

MAUÉS, O. C. As Mutações no Mundo do Trabalho e as Repercussões na Educação: o caso da Formação de Professores. **Ver a educação**. Belém. v. 6, n. 1, 2000.

MAUÉS, O. C.. Regulação educacional, formação e trabalho docente. Disponível em: <http://www.fcc.org.br/pesquisa/publicacoes/eae/arquivos/1532/1532.pdf>. Acesso erm: 16 fev. 2019.

MCLAREN P. **Rituais na escola:** em direção a uma economia política de símbolos e gestos na educação. São Paulo, Vozes, 1992.

MÉSZÁROS, I. (1981). ***Marx: A Teoria da Alienação***. Rio de Janeiro/RJ: Zahar.

MÉSZÁROS, I. (2002) ***Para Além do Capital*****:** rumo a uma teoria da transição. São Paulo/SP: Boitempo (Editora da Unicamp).

MÉSZÁROS, István. Trad. Tavares, Isa. Tradd de: Education beyond capital. **A educação para além do Capital.** São Paulo; Boitempo, 2005.

Molina Neto V, Fonseca DG, Silva LO, Lopes RA, Wittizorecki ES. A Educação Física no Ensino Médio ou para entender a Era do Gelo. **Motrivivência.** 2017; 29(52): 87-105.

MOURA, D. L. **Cultura e educação física:** uma análise etnográfica de duas propostas pedagógicas. 2009. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, 2009.

NORONHA, M.M.B. **Condições do exercício profissional da professora e os seus possíveis efeitos sobre a saúde:** estudo de casos das professoras do ensino fundamental em uma escola pública de Montes Claros, Minas Gerais. 2001. Dissertação (mestrado) — Programa de Pós-Graduação em Saúde Pública. Universidade Federal de Minas Gerais/Universidade de Montes Claros, Belo Horizonte/Montes Claros

OLIVEIRA DIEHL, V.; WITTIZORECKI, E.; NETO, V. ESTADO DO CONHECIMENTO: A CATEGORIA EXPERIÊNCIA NO ÂMBITO DA EDUCAÇÃO FÍSICA. **Pensar a Prática**, v. 20, n. 1, 31 mar. 2017.

OLIVEIRA, D. A regulação das políticas educacionais na América Latina e suas conseqüências para os trabalhadores docentes. **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 26, n. 92, p. 753-775, Especial - Out. 2005.

OLIVEIRA, D. A. A reestruturação do trabalho docente: precarização e flexibilização. Educação e Sociedade, Campinas, v. 25, n. 89, p. 1.127-1.144, set./dez. 2004.

OLIVEIRA, Ivan Bremm de. **A organização do trabalho pedagógico da educação física e a carreira docente**. 2017. 136f. Dissertação (Mestrado em Educação Física)- Programa de Pós-Graduação em Educação Física, UFPel, Pelotas, 2017.

OST, Mariana Affonso. **Formação Continuada em Educação Física:** um estudo sobre as propostas da Secretaria de Educação e Desporto da Prefeitura Municipal de Pelotas-RS. 2012, 113f. Dissertação (Mestrado em Educação Física). Programa de Pós-Graduação em Educação Física, UFPel, Pelotas, 2012.

OXFAM BRASIL, Relatório Bem público ou riqueza privada? Disponível em: https://www.oxfam.org.br/sites/default/files/arquivos/2019_Bem_Publico_ou_Riqueza_Privada_ptBR.pdf?utm_source=site&utm_medium=social&utm_campaign=davos2019_davos2019-leads-site&utm_content=visitantes-site&utm_term=botao-baixe_botao-baixe_cpc_botao-site_baixar

PERRENOUD, P. **Dez novas competências para ensinar.** Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

PONTES JR, Jose Airton Freitas et al. Educação Física do Exame Nacional do Ensino Médio (Enem): uma revisão sistemática. **Revista de estudios e investigación en psicología y educación,** n. 10, p. 71-75, 2017.

PONTES JÚNIOR, José Airton de Freitas; SOUSA, Leandro Araujo de; SILVA, Ana Géssica da. Itens de Educação Física do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) via taxonomia de Bloom. **In: CONGRESSO INTERNACIONAL EM AVALIAÇÃO EDUCACIONAL,** 6., 2015, Fortaleza. Avaliação: veredas e experiências educacionais. Fortaleza: Imprece, 2015. p. 1626-1643.

POZZATTI, Mariana et al. Condições de trabalho, tempo de carreira e dimensões da saúde de professores de Educação Física do Espírito Santo. **Motrivivência**, v. 27, n. 46, p. 99-118, 2015.

PRONI, Marcelo Weishaupt. Universidade, profissão Educação Física e o mercado de trabalho. **Motriz: rev. educ. fis**. (Online), Rio Claro , v. 16, n. 3, p. 788-798, Sept. 2010 . Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1980-65742010000300027&lng=en&nrm=iso>. access on 10 Sept. 2020.

RAZEIRA, Mauricio Berndt et al. Os motivos que levam à escolha do curso de licenciatura em Educação Física e as pretensas áreas de atuação. **Revista mackenzie de educação física e esporte**, v. 13, n. 2, 2014.

ROSSI, Fernanda; HUNGER, Dagmar Aparecida Cynthia França. As etapas da carreira docente e o processo de formação continuada de professores de Educação Física. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, p. 323-338, 2012.

SANTOS, Núbia Zorzanelli dos; ALMEIDA, Felipe Quintão; BRACHT, Valter. Vida de Professores de Educação Física: o pessoal e o profissional no exercício da docência. **Movimento (ESEFID/UFRGS)**, Porto Alegre, v. 15, n. 2, p. 141-165, fev. 2009. ISSN 1982-8918. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/Movimento/article/view/3067>. Acesso em: 13 fev. 2019.

SAVIANI, D. **Escola e Democracia.** ed. comemorativa. Campinas: Autores Associados, 2008.

SAVIANI, D. O problema da pesquisa na pós-graduação em educação. In: **Educação:** do senso comum à consciência filosófica. São Paulo: Cortez/Autores Associados, 1980.

SAVIANI, D. **Pedagogia Histórico-Crítica**: primeiras aproximações. Campinas: Autores Associados, 2000.

SAVIANI, D. Transformações do capitalismo, do mundo do trabalho e da educação. In: SANFELICE, José Luís; SAVIANI, Dermeval; LOMBARDI, J. C. (Org.). **Capitalismo, trabalho e educação**. Campinas: Autores Associados, Histedbr, 2005.

SAVIANI, Dermeval. **Escola e democracia:**. teorias da educação, curvatura da vara, onze teses sobre a educação política. 33. ed. Campinas: Autores Associados, 2000.

SHIROMA, E.; EVANGELISTA, O. *A colonização da utopia nos discursos sobre profissionalização docente*. In: Grupo de Estudos sobre Políticas

Educacionais e Trabalho da Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC. Disponível em:http://www.gepeto.ced.ufsc.br/publicacao.php

SHIROMA, E.; EVANGELISTA, O. Profissionalização do magistério e construção de um novo perfil docente. Resumo expandido. In: *V* **Colóquio Ciências da Educação,** Separata de Resumos. Lisboa: Universidade Lusófona, 2004. 2.

SILVA, L. O. **Os sentidos da escola na atualidade**: narrativas de docente e estudantes da rede municipal de ensino de Porto Alegre. 2012. 317f. Tese (Doutorado em Movimento Humano)-Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.

SILVA, Francisca Islandia Cardoso da et al . Evasão escolar no curso de educação física da Universidade Federal do Piauí. **Avaliação** (Campinas), Sorocaba , v. 17, n. 2, p. 391-404, July 2012 . Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-40772012000200006&lng=en&nrm=iso>. access on 08 Sept. 2020. https://doi.org/10.1590/S1414-40772012000200006

SINOTT, E. **Síndrome de Burnout:** um estudo com professores de Educação Física das es-colas municipais de Pelotas. 2013. 134 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) − Pro-grama de Pós-Graduação em Educação Física, UFPel, Pelotas, 2013.

SOARES, Antonio Jorge Gonçalves; MILLEN NETO, Alvaro Rego; FERREIRA, Alexandre da Costa. A pedagogia do esporte na educação física no contexto de uma escola eficaz. **Revista brasileira de ciências do esporte**, v. 35, n. 2, p. 297-310, 2013.

SOARES, C. L. et al. Educação Física escolar: conhecimento e especificidade. **Revista Paulista de Educação Física**, v. 10, p. 6-12, 1996.

Souza MS, RAMOS FK. Educação Física e o mundo do trabalho: um diálogo com a atual reforma do Ensino Médio. **Motrivivência.** 2017; 29(52):71-86.

THOMPSON, Edward P. O tempo, a disciplina do trabalho e o capitalismo. **Trabalho, educação e prática social. Porto Alegre: Artes médicas**, p. 44-93, 1991.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação.** São Paulo: Atlas, 1987.

UNESCO. Educação para todos: o imperativo da qualidade: relatório conciso-2005**.** Disponível em<http://unesdoc.unesco.org/images/0013/001373/137334POR.pdf>. Acesso em: 16 jan. 2019.

VAGO, Tarcísio Mauro. **Democracia e Educação do corpo em tempos de (contra)reformas educacionais**. XXI CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE. VII CONGRESSO INTERNACIONAL DE CIÊNCIAS

DO ESPORTE COLÉGIO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE (CBCE) Natal (RN), 16 a 20 de setembro de 2019.

VIVEIRO. L.K.B. **As Parcerias Público-Privadas no âmbito da Educação Pública na cidade de Pelotas-RS**. 2019. 76f. Dissertação(Mestrado em Educação)- Mestrado Profissional em Educação e Tecnologia- Instituto Federal Sul-Rio-Grandense- Campus Pelotas, Pelotas,2019.

VYGOTSKI, L. S. Obras Escogidas II: problemas de psicología general. Madrid: Visor Distribuiciones. 1991.

WINTERSTEIN, P.J. “A dicotomia Teoria-Prática na Educação Física”. **ANAIS III Semana de Educação Física** - Universidade São Judas Tadeu. São Paulo,p.38-45,1995.

Apêndices

Apêndice I - Cartas elaboradas pelo Professorado para um novo docente

Carta Professor Alex

Carta a um “colega” da escola pública...

Faço desta uma maneira de apresentar, ao novo professor que me substituirá, após a minha aposentadoria e para deixar bem claro, ao entrar nesta profissão, de dizer que eu não sabia o que estava fazendo.

Com certeza sonhos todos temos, ainda mais quando começamos novos em alguma profissão, estamos prontos para aprender, estamos disponíveis para qualquer coisa e assim, não perca a sua vontade, ou desmanche os seus sonhos, mas cuidado para que a alguns deles não se tornem pesadelos. É uma profissão, de educador físico, professor de EF, que os colegas nas escolas, veem como aquele que te proporcionará ter um dia de folga juntamente, com a professora de artes, e o(a) professor(a) de informática ou a bibliotecária. Na falta de alguma colega ou algumas, é você que acumulará serviço, ou seja lhe repassarão os alunos que estão sem professor, indo por terra toda aquela aula que você preparou com tanto carinho, e você simplesmente os deixará brincando, cuidando para que não de brigas entre eles. Se as turmas forem pequenas, ai poderá dar a sua aula, ainda que sejam de níveis diferentes, mas assim os menores se sentirão bastante importantes por estarem participando da aula com os “grandes”.

Falar que as escolas públicas geralmente não tem material, ou tem muito pouco, é uma coisa que todos sabem, se você tiver sorte de trabalhar numa escola particular terá material e será mais valorizado pela direção/coordenação, mas alunos provavelmente não estarão dispostos a fazer aquilo que você programou para eles, que fique bem claro, os maiores, os pequenos aceitarão os seus circuitos, as suas brincadeiras, os seus joguinhos, e participe com eles, para que eles gostem de você e demonstre aquilo que você quer que eles façam. Deixar eles somente jogando, principalmente futebol, não será uma bola, existem outros esportes, outras atividades, e EDUCAÇÃO FÍSICA, não é somente futebol.

Salários, bah é difícil falar neste assunto.... para aqueles que dão a base para qualquer profissional de qualquer área, e recebem o que recebemos, na

maioria não é nem o piso da classe, ai desanima no final do mês, quando temos que ter 40, 60 hs para termos uma condição “menos pior”, para podermos pagar nossas contas. E pensar vem estudar para melhorar, muitas vezes não é bem visto onde trabalhamos, pois, implicará em alguma ausência nossa, ou troca de horários a cada ano, ou ainda a cada semestre !! Nos avisarem de reuniões na secretaria de educação, é difícil, pois, criaremos lacunas no horário da escola naquele dia, uma capacitação ? Só se for na nossa folga, ou nos finais de semana, ou EAD...

Mas depois de todas estas coisas desanimadoras e ruins, vamos as boas!! Os alunos quase sempre gostam da disciplina, se você der aulas, e não deixar eles simplesmente com uma bola..... eles se tornarão seus amigos na maioria, lembrando de você muitos anos depois, mesmo que não se lembre mais do seu nome.... lhe apresentará para família ou apenas para os filhos.
Sempre que houver eleição na sua escola, você será lembrado para concorrer, ou fazer parte da chapa, ou de alguma comissão, pela sua honestidade, caráter e disponibilidade.

Os alunos se lembrarão de você porque com você eles saíram (muiiiiitos) pela primeira vez da sua cidade, do seu bairro, ou até do estado. Não interessa se perderam todos os jogos ou somente a final do campeonato de basquete, handebol ou futebol. Agora se foram campeões, isto será inesquecível para eles, que ao lhe encontrarem na rua, na padaria ou no supermercado, ou até guardando carros na rua, farão questão de vir lhe cumprimentar e dizer que ainda guardam aquela medalha com muito carinho, mesmo que não tenham jogado muito tempo no torneio, ou até não tenham entrado em jogo nenhum.

Material sempre será escasso, muitas vezes teremos que pedir a um amigo que tem uma óptica, um mercadinho, ou um escritório de contabilidade, para colaborar com “algum(R$)”, para podermos tem algum material para nossas aulas; os fardamentos para os campeonatos, com certeza será “doado” por algum pai, ou um amigo nosso, mas valerá a pena a felicidade daqueles alunos vestindo aquelas camisetas ainda com etiqueta, mesmo que percam todos os jogos.....

Veja se poderá ter o material em comum com seu colegas da área, pois, as vezes alguns cuidam e outros não, e quando preparamos aquela aula de

handebol com muita vontade, abrimos o armário e vemos que resta apenas uma bola de handebol inteira, as outras ou estão furadas, rasgadas ou viraram bolas de futebol no recreio, principalmente se a direção ou os monitores tiverem acesso ao material.

Assim colega, seja bem vindo..... ah me esqueci de falar dos pais, que acham que você professor(todos) devem ser os primeiros educadores dos seus filhos, e não eles .... como se eles não tivessem que lhes dar a primeira educação em casa, e continuar auxiliando a escola, nesta educação diária.

Mas não desista, se você gosta do que faz, se acha que tem o dom para isto, se propõe-se a brincar de esconde-esconde, a pular amarelinha, brincar de pegar, de ser o goleiro quando a turma estiver impar, ou ainda ficar do lado contrário no revezamento, do melhor aluno na EF, siga em frente, para isto você estudou, se formou, fez concurso e irá começar a dar aulas. Obstáculos enfrentará diariamente, seja separando uma briga na aula, ou quando aquele que você acreditava que era o seu “bruxo” da turma, mexeu no seu armário para pegar uma bola achando que não daria nada....

Vá em frente, um dia você também estará se aposentando e repassando estas verdades todas a em novo colega.

BOA SORTE, as suas aulas iniciam amanhã!!

Carta Professora Bianca

Carta a um novo docente

Querido futuro colega,

Escrevendo essa carta, volto ao passado no período em que fui fazer inscrição para o vestibular, em 1980, a qual era expectativa de meu pai que eu fizesse para Medicina, como fui sozinha, pois havia perdido minha mãe há pouco tempo, fui por meu coração e na hora da inscrição optei por Educação Física, por ser atleta, jogava basquete e nadava. Amava esportes.

Quando comecei o curso, me apaixonei mais ainda com as disciplinas e por aprender a ensinar o que eu fazia com tanto amor. Logo comecei a dar aula e me encantando com a arte de ensinar e fazer o bem para as pessoas.

Aí veio estágio, formatura. Foi difícil conseguir em seguida trabalho na área, mas depois de um ano fui chamada na escola que eu estudei e joguei para dar treino de handebol. Logo fui tendo mais horários para dar aula de Educação Física e para treinar o que sempre sonhei ser, treinadora de basquete. E depois de alguns anos saiu concurso, sendo aprovada e aumentando assim a carga horária.

Ser professora de Educação Física me realizou. Trabalhava com currículo por atividades na época, de pré a 4ª séries, com ensino fundamental e com ensino médio. Além do basquete. Sempre dei aula de Educação Física, acreditava no que ensinava, me realizava e meus alunos aprendiam todas as modalidades. Todos participavam da aula, pois não era apenas jogo. Era aprendizagem, diversão, saúde, esporte, amizade, coleguismo, espírito desportivo, dentre outros.

Observava quando pegava uma turma nova, que muitos não gostavam da Educação Física, porque seus professores apenas largavam uma bola, e não participavam porque não sabiam jogar, muito menos regras... aos poucos ia mostrando a eles que era muito divertido, que tinha outro lado, que tínhamos objetivos, apresentava as regras, que se aprendessem o desporto, ou se participassem das atividades iriam gostar e participar com interesse. Que a Educação Física adapta e incorpora o aluno no saber corporal de

movimento, sua função é formar o cidadão, qualificando-o para desfrutar os jogos, os esportes, as danças, as lutas, as ginásticas e práticas de aptidão física, em proveito do exercício crítico dos direitos e deveres do cidadão para a benfeitoria da qualidade de vida humana.

Sei que isso contribuiu muito para que hoje muitos alunos meus tenham escolhido seguir como professores de Educação Física.

Lembro que me diziam, mas professor não ganha nada. Temos que trabalhar muito para ter um salário que nos dê condições de uma vida “boa”, com família, com comida, casa, um carro e sustentar tudo. Trabalhei 60 horas e não me arrependo de nada. Faria tudo novamente.

Mas aqui meu futuro colega, te digo que para escolher Educação Física, não basta apenas gostar de esporte! Tem que gostar de ser professor, tem que gostar de dar aula na rua, de ter muitos alunos, de entender os alunos, de movimentar o corpo, de correr para um lado e para outro, de praticar juntamente com seus alunos, de buscar e sempre buscar, de saber improvisar quando preciso.

Mas é gratificante conviver com os alunos nos espaços, é uma relação diferente dos demais professores, é corpo a corpo, é um carinho todo especial, uma relação que permanece principalmente se estivermos diretamente no esporte.

Me realizei como professora, como técnica e dei aula por 25 anos de Educação Física.

É na escola que os alunos aprendem a importância de ter um estilo de vida mais saudável e equilibrado. O professor representa um papel importante para promover uma vida saudável e ativa aos seus alunos. Então, se estás disposto a seguir essa missão, vai em frente, porque participar da vida dos alunos na Educação Física é muito especial. Bem vindo colega!

Carta Professor Cléber

Bem vindo caro colega!

Espero poder ajudar na tua chegada à docência, hoje encerro uma trajetória de mais de 30 anos ensinando e aprendendo diariamente no convívio com crianças, adolescentes, colegas e comunidade escolar no geral. Foram muitos dias de planejamento, reuniões, aulas e atividades extracurriculares, algumas vezes difícil de executar, mas na maioria das vezes tive o prazer em poder fazer aquilo que escolhi como profissão, acreditando que através da educação é possível transformar e desenvolver pessoas para um mundo melhor e mais justo.

Foram várias situações em que tive a chance de entender na prática que todo o dia se aprende e que toda pessoa tem algo a ensinar, não foram poucas vezes que crianças na mais tenra idade me mostraram formas diferentes e melhores de fazer o que eu acreditava ser o correto e a forma mais fácil do que vários autores preconizavam como certo.

Com o passar dos anos e com a experiência deixei de ter tantas certezas, percebi que tinha que continuar sempre aprendendo e tentando inovar minha prática, há poucos anos ingressei em uma nova especialização, quase no fim da carreira, me serviu para arejar minhas idéias e minhas aulas voltaram a ter um vigor que espero que consigas levar para a escola que fores, entrando com bastante entusiasmo e buscando sempre ser melhor do que fostes na aula anterior, dificuldades virão de várias frentes, problemas com estrutura física em escolas públicas, salários que não valorizam nossa profissão, colegas que se renderam por vários motivos e não honram a profissão, alunos com problemas que nunca pensamos ser possível, pais ou responsáveis esperando que façamos a parte deles e muitas situações que te farão pensar se vale o sacrifício. Claro que vale! Nenhuma profissão te dará o prazer de um abraço daquela criança que achava que não tinha valor algum, e sua autoestima é resgatada por um simples exercício ou jogo e a tua palavra ou gesto de incentivo na hora certa.

Poder ver pessoas crescerem e desenvolverem conhecimentos, habilidades, valores e saber que fostes parte significante nesse

desenvolvimento não tem salário que pague, hoje posso dizer que sou uma pessoa realizada como profissional, não tive o ganho financeiro que acredito que os bons professores merecem, mas tive a sorte de poder trabalhar por mais de trinta anos com meu primeiro e segundo treinador no mesmo colégio que defendi as cores como aluno e atleta, hoje são amigos de convívio constante, também tenho o prazer de trabalhar com professores que foram meus alunos, e de ter vários ex alunos amigos que frequentam minha casa para comer um churrasco e tomar uma cerveja.

Passando pelas ruas da cidade sempre tem um “bom dia professor!”, algumas vezes não lembro o nome, algumas vezes não lembro a fisionomia mas é sempre revigorante ser lembrado e querido por pessoas que muitas vezes não temos a dimensão de nossa influência em suas vidas.

Vou me despedindo esperando que no dia em que fores te aposentar consigas ter a certeza que fizeste o que acreditavas e que tenha valido toda a trajetória, para mim esta carta fez repensar vários pontos da minha trajetória e acredito que pesando, tropeços e alegrias, dificuldades e esforços para achar soluções, o saldo é muito positivo.

Boa sorte!

Carta Professora Débora

Carta a um novo docente

Caro colega,

Estou me aposentando e gostaria de poder expressar meus sentimentos com relação ao que passei durante a minha carreira como professora de Educação Física de escola pública do município de Pelotas.

Quando ingressei em março de 1995, estava cheia de expectativas e ao mesmo tempo com muito medo do que poderia encontrar. Comecei numa escola e bairro bem pobre. Faltava estrutura física, era somente um espaço com brita e pouco material e precário. O horário era péssimo,dobradinhas uma vez por semana cada turma revezando as turmas com a professora de Artes. Na verdade, éramos vistas pelas professoras como somente as folguistas, pois neste dia as titulares dessas turmas não iam. Nosso trabalho não era nem um pouco valorizado, o importante era não faltar.

O pior de tudo ainda era que faltava muitos professores e quando isso acontecia os alunos ficavam no pátio junto comigo e misturado com os meus alunos. Sendo eles bem maiores ou não, e sem nenhum suporte várias vezes tive que apartar brigas e resolver confusões. Não tinha apoio da equipe diretiva e nem pedagógica, mesmo quando estavam presentes na escola.

Aconteceram tantas barbaridades que um dia não agüentei mais e fui conversar com a vice diretora que na época me disse por entre linhas que eu era incompetente por não conseguir dar minhas aulas. Acabei indo na SMED e pedi remanejo porque não agüentava mais tanta frustração e estress. Com certeza não desisti na época porque era mais jovem, acreditava na educação e queria o melhor para aquelas crianças.

Com isso minha realidade mudou, mudei de escola e o entusiasmo começou a voltar. A estrutura era melhor, o corpo docente mais comprometido e entusiasmado, as reuniões eram pedagógicas de verdade, com discussões e estudos sobre a educação e a realidade que tínhamos. Comecei com projeto extraclasse, uma época de voleibol e outra de dança, além das aulas semanais. Comecei a ver a evolução e valorização do meu trabalho.

E assim foi minha trajetória, trabalhei minhas 40 hs em algumas escolas, alguns momentos em três ao mesmo tempo, outros em duas, mas dentro da realidade pública, com pouco material e sem lugar coberto, dentro do possível conseguia realizar um bom trabalho.

Alguns anos, participei do jepel e levava os alunos, mas como não tínhamos nem quadra na época, juntávamos um dinheiro e íamos treinar em um ginásio mais perto da escola porque nem as marcações alguns não conheciam, principalmente de handebol.

A grande vantagem que vejo em ser professor de Educação Física é que a maioria dos alunos amam. Ver a felicidade deles, o prazer em realizar as atividades não tem preço. Penso que ser de Matemática e Português é bem mais difícil de conquistar...

Infelizmente vejo um futuro cada vez pior no que se refere a educação pública principalmente, em todos os sentidos. E os alunos também, serão outros, com outros interesses e maneiras de tratar diferente que hoje. Já estou começando a não acompanhar mais. Para mim, foi o tempo que deu, me aposento e penso que fiz o melhor que pude e , se continuasse, iria ficar para trás...

Então o que eu te digo é o seguinte, se me perguntassem se faria tudo de novo, diria que sim, que valeu a pena! Porque amei o que fiz na maioria do tempo, porque detesto rotina e ser professor nunca é rotina, cada dia é diferente com certeza! Porque sou hiperativa e jamais iria conseguir trabalhar num lugar que tivesse que ficar sentada ou parada por muito tempo. Se realmente gostas muito de trabalhar com crianças e adolescentes e amas trabalhar as atividades corporais em todos os aspectos, vai em frente. Mas se não tens certeza, se queres ser valorizado profissionalmente e financeiramente pela sociedade, se não queres ir a luta, se queres uma vida mais pacata e fácil, daí com certeza te diria para escolher outra profissão. Porque ser professor de Educação Física é viver com emoção!

Carta Professor Ernesto

Carta a um novo colega

A escolha ou a decisão foi tomada, “Professor”, no meu caso professor de Educação Física, ou melhor, no nosso caso, uma tarefa e responsabilidade muito boa, geralmente os alunos gostam de Educação Física e em tese deveria ficar mais fácil e prazeroso trabalhar e desempenhar a nossa profissão.

Me lembro do meu primeiro dia de aula, peguei o ônibus e fui rumo à Escola, na zona rural de Pelotas. Chegando, tive uma ótima recepção por todos que lá se encontravam. Permaneci nessa escola por 5 anos, ótimos momentos com os alunos e professores, colegas funcionários ótimos também. Foram anos de muito aprendizado, alunos participativos e entusiasmados, comunidade escolar maravilhosa e comprometida. Como me fazia bem dar aula e ser chamado e respeitado como professor.

Professor, eu e você, que dupla, só que eu saindo para aposentadoria e você começando essa jornada difícil, difícil porque me lembro de minha primeira assembléia, quando colegas professores e outros funcionários do município falavam “estamos aqui a trinta anos e continuamos a receber o mesmo quando iniciamos a carreira, e a mesma falta de condições de trabalho e de respeito pela prefeitura”. Colega, deste dia passaram-se mais de 30 anos, continuo indo nas assembléias e as frases, os dizeres, as reclamações e indignações são as mesmas.

Colega como é bom ser professor, como é triste ver e sentir como tratam os professores, não é mera retórica, é a realidade, de como somos todos tratados nas escolas em geral pelos governos.

Como é bom trabalhar com colegas que tem entusiasmo e sabedoria para saber e discernir como e quando agir, nos mais variados momentos da nossa vida profissional. Que bom poder participar do crescimento e da vida dos nossos alunos.

Se formos pensar e falar do sistema que estamos inseridos, ficaríamos quase loucos ou desiludidos. Porque a forma que somos tratados e a dificuldade de modificá-lo é muito grande, mas vamos em frente colega, o trabalho e a vida segue, por mais que alguns pensem que não, nossos alunos

precisam e muito de nós, de nossas palavras, nossos atos, dos nossos exemplos como cidadãos e como profissionais.

Caro colega, te desejo muita força e trabalho, que consiga receber dos alunos não só gratidão, mas também a satisfação da missão e do trabalho realizado.

Grande abraço

Carta Professor Fabiano

Carta a um novo docente

Prezado colega,

Meu nome é Professor F6, sou professor de Educação Física e leciono em uma escola Municipal há 29 anos e na Escola Particular a 12 anos. Concluí minha formação acadêmica na Escola Superior de Educação Física da UFPel e Especialização na Faculdade de Educação da mesma Universidade. Pediram-me para escrever uma carta a um estudante que está prestes a iniciar sua carreira docente, dizendo-lhe das inúmeras implicações que envolvem esta atividade. Encorajando-o, mostrando todas as vantagens de ser professor ou pelo contrário, aconselhando-o a buscar outro caminho. Inicialmente quando me foi apresentado este desafio, pensei que seria fácil, afinal de contas sou um professor realizado, faço aquilo que gosto e sou muito bom no que faço (pelo menos, penso que sou!), mas ao começar a escrever, a tarefa mostrou-se bem mais complicada.

São muitas variáveis a considerar. A primeira delas é que trata-se de algo muito pessoal, que é percebida de formas diferentes por cada um. Outra variável é que o mundo de hoje é completamente diferente de quando iniciei minha carreira na década de 1990. Naquela época as opções para um jovem recém saído do ensino médio e que precisava optar por uma faculdade, não eram tão variadas como são hoje.

Refletindo um pouco sobre de que maneira se deu a minha opção pela Educação Física, lembrei que nunca havia pensado em ser “professor” e que com 17 anos de idade, assim como a maioria, não tinha muita convicção do que queria. Prova disso é que meu primeiro vestibular foi para agronomia, talvez pelo fato de minha infância ter se dado em uma fazenda e um pouco por incentivos do meu pai. Felizmente não fui aprovado! De onde saiu então a ideia de cursar Educação Física? Como acontece com muitos alunos do ensino médio, e comprovo isto todos os dias quando converso com eles sobre que profissão pretendem seguir, a resposta quase sempre é: vou fazer Educação Física, pois gosto de esporte. A escolha neste momento, invariavelmente não

tem a ver com vocação “pedagógica” e sim com o fato de ter sido atleta na escola ou gostar muito de esporte. Comigo não foi diferente. Fui atleta da equipe de basquete da escola, jogava todos os torneios de futebol, vôlei, handebol... enfim, o esporte tinha um lugar de destaque na minha vida, nada mais natural do que prestar vestibular para Educação Física, pensou o imaturo aluno de 17 anos. Penso que este é um ponto importante a destacar, quando temos a chance de conversar com alguém que se encontra nesta fase de escolhas na sua vida. E a pergunta que faço aos meus alunos do terceiro ano do ensino médio, quando me dizem que querem cursar Educação Física é: Tens consciência de que serás um “professor” um “educador” e de que vais trabalhar, provavelmente em uma escola ou mesmo que trabalhes em um clube ou academia, serás sempre um professor? Noto que a maioria nunca pensou nisso ao cogitar cursar educação física, o que está na cabeça deles é o “esporte”. Bem, escolha feita, independe de vocação para professor ou não, estamos em pleno curso e penso que é neste momento que saberemos se nossa escolha foi acertada ou não. Seremos influenciados, claro, pelos nossos professores, pelos conteúdos das diversas disciplinas, pelo ambiente da faculdade, mas certamente saberemos que sairemos do curso, educadores e não atletas.

Passadas todas estas etapas, outra questão se impõe, da mesma forma que aconteceu quando saímos do ensino médio, quando estamos saindo da faculdade, também não pensamos muito sobre onde, como e com que remuneração e condições irão desempenhar nossa nobre profissão. Penso que nesta etapa, ao reconhecermos nossa vocação pedagógica e decidirmos mergulhar de cabeça na profissão de professor, é preciso tomar ciência de todas as dificuldades, facilidades (se é que existem!) e características do dia a dia de uma escola. Penso que os estágios finais do curso, nem sempre revelam tudo para o futuro professor. Passado a limpo todas estas etapas, o que posso dizer a um futuro colega que deseja iniciar na carreira de professor?

Dizer-lhe que reflita se realmente tem vocação para a tarefa de ensinar, se tem a habilidade lidar com todas as questões que envolvem o ato de ensinar e aprender, se tem conhecimento pedagógico e técnico para desenvolver sua missão, se tem empatia para lidar com as diversas situações que envolvem o ser humano, se tem conhecimento da remuneração e do plano de carreira de

um professor seja no ensino público ou privado, se sabe das condições físicas em que vai trabalhar todos os dias, no sol, na chuva, no vento e na poeira, se tem consciência das dificuldades de lidar diariamente com grupos de colegas com diferentes visões de mundo. Não sei, dar conselhos é sempre complicado. Mas quando reflito sobre minha carreira, prestes a encerrar um ciclo de mais de 30 anos, olho para trás e vejo com muita clareza que valeu e ainda vale muito a pena!

Não existe uma resposta padrão para todos, se vale ou não vale a pena ingressar neste universo tão complicado. O fiel da balança é a VOCAÇÃO, se achas que tem, sempre valerá a pena!

Abraços e boa sorte!

Professor Fabiano

Carta Professora Graça

Carta a um novo docente

Seja bem-vindo,

Não preciso te dizer o quanto é importante a tua decisão em fazer parte de uma Comunidade Escolar como docente. Tenho certeza que sabes os desafios que terás ao longo da tua carreira e que estejas preparado para eles. Como todas as profissões, existem os dois lados da moeda, aquele que as vezes estamos desmotivados e tudo parece em vão e outros mais recompensadores, que nos alegramos e emocionamos com as conquistas dos nossos alunos. Vou te falar um pouco de como foi a minha carreira ao longo desses vinte cinco anos.

Me formei na ESEF- UFPEL em 1993 e durante a graduação e logo após pensei em trabalhar sempre em academia e clubes e foi o que aconteceu no início da minha carreira. Trabalhava em academias com ginástica, musculação, natação e hidroginástica e era feliz e realizada no que fazia. Logo após me formar abriram inscrições para o Concurso da Prefeitura de Pelotas e resolvi realizá-lo, embora, sem intenção efetiva de assumir o cargo, mais como experiência e para minha surpresa fui aprovada, como a minha classificação não era uma das primeiras levei dois anos para ser chamada.

Quando recebi a notícia que estava sendo chamada, vieram as dúvidas e incertezas. Deveria assumir? Será que seria feliz trabalhando com crianças? O que fazer?

Nessa época já tinha um filho e as vantagens de aceitar o cargo começaram a pesar na balança, na Escola trabalharia mais durante o dia, academia trabalhava muito à noite, estabilidade profissional, plano de saúde e etc. Então, assumi a carreira de magistério com muitas dúvidas e incertezas.

O meu primeiro ano na rede municipal foi muito difícil e várias vezes pensei em desistir. Fui lotada em uma Escola onde a Educação Física não era reconhecida, funcionava muito como um tapa buraco para os professores faltantes, uma turma está sem professor manda pro pátio fazer aula com a sala que está lá, não tinha material, porque sempre havia coisas mais importantes para comprar e assim foi a minha estreia como docente. No ano seguinte, consegui remanejo para uma Escola perto da minha casa e lá comecei a me

sentir parte de um grupo, me senti valorizada e as coisas começaram a ficar melhores. Mesmo sem estrutura, com uma Comunidade cheia de problemas, comecei a realizar um trabalho de formiguinha e fui tendo conquistas, a direção adquiriu alguns materiais e começamos a lutar juntas, por uma quadra esportiva, que fomos contempladas algum tempo depois. E assim me senti educadora e comecei a fazer diferença na vida dos meus alunos. No outro ano, muito mais feliz, aceitei o convite para desdobrar e assim complementar com mais 20 horas, ficando então com 40 horas e cada vez mais diminuindo as minhas horas nas academias.

Passaram alguns anos e fui convidada para fazer parte de uma chapa para direção da Escola, como vice diretora, aceitei e fomos eleitas. Fiquei um ano na vice direção e logo após assumi a direção da Escola por seis anos, sempre lutando, junto com os meus colegas e pais por uma Escola de melhor qualidade, onde todos fossem importantes e reconhecidos. Me aposentei nessa Escola que amo, onde trabalhei por 24 anos, respeito a todos que lá continuam.

Alguns anos antes de me aposentar, após realizar um pós na área de mídias e tecnologias, dividia a minha carga horária nessas duas funções, estive bastante satisfeita e feliz com a minha escolha. Cansada sim, muitas vezes exausta e desiludida, mas sempre confiante na Educação e nos nossos alunos, esperança de dias melhores, onde seremos mais valorizados e reconhecidos.A educação hoje, ainda é muito difícil e angustiante. Cada vez mais, os professores precisam estar unidos para terem conquistas. Alunos difíceis, pais indiferentes e omissos tendem a colocar a responsabilidade em cima dos professores e da mesma forma desacreditam nessa figura, fazendo com que não sejamos respeitados.

Seja bem-vindo, escolhemos uma profissão em que não podemos nos acomodar nunca, espero que sejas muito feliz nessa tua escolha e que te apaixones pela carreira de docente, mesmo com todos os viés. Percebas, que acima de tudo, o mais importante, é fazer a diferença na vida dos nossos alunos, ser um dos responsáveis pela sua educação e seu sucesso.

Abraços

Carta professor Heitor

Carta a um novo docente

OLÁ PROFESSOR

Bem vindo colega a esta nova realidade na sua vida: professor de Educação Física em escola pública. Com toda certeza, uma nobre decisão e desafiadora opção. Nobre por ser um “formador” e desafiador por inúmeros “obstáculos” que terás.

Estou há praticamente 30 anos neste ofício e digo com a maior tranquilidade: saio de cabeça erguida e realizado. Prevaleceram os “prós” em favor dos “contras”.

Creio verdadeiramente que há 30 anos era bem mais fácil cumprir nossa função. Lá, podia estar faltando tecnologia e conhecimento, no entanto, sobrava interesse, respeito, motivação, valorização e cumplicidade por parte do aluno. Felizmente minha realização não dependeu do valor despendido pelos “órgãos” que nos pagam. Creio que durante toda carreira esperava que a “dita valorização” acontecesse, pelo contrário, direitos que nos assistiam nunca puderam ser usados, exemplo: licença prêmio, e hoje já nem existe mais (Estado).

Praticamente sempre trabalhei com três escolas, com 55 horas semanais e uma média de 400 alunos distribuídos em 16 turmas anuais. Mesmo assim, nunca consegui comprar um carro novo. Estou me aposentando e ainda não terminei de pagar o financiamento da casa e, não consegui fazer a reforma que ela tanto precisa. Estás preparado para essa realidade?

Sou alvo de câncer de pele, surdez parcial, calvície, rouquidão na voz e enrugamento precoce e outras consequências que nossa profissão causa.
Atente bem, pois, poucos colegas da nossa área me inspiraram ou motivaram a fazer o melhor. Vi alguns que iniciaram a carreira e logo desistiram. Outros adotaram a filosofia de só “largar a bola”. Mais alguns eram “insuportáveis” na convivência devido a revolta que demonstravam, pela realidade educacional em todos os sentidos.

Os estagiários que passaram por mim, de uma forma geral transmitiram a realidade do distanciamento do ensino acadêmico com a prática. A famosa luta da teoria versus a prática. Apesar de todos esses percalços citados, trago comigo situações, conquistas, frutos, alegrias e retornos incontáveis de satisfação e realização. Ter deixado um legado de vida, de amor, de perseverança, de qualidade, de prazer com o que faço, de mostrar que precisamos de pouco para ser feliz, um legado de caráter, de valorização do ser, sem falar de conquistas de ordem motora, coordenativa, socializadora, competitiva, lúdica, das medalhas e das aprendizagens nas derrotas.

Saber que por minha influência positiva meu ex-aluno se formou na Educação Física é gratificante; ser convidado para frequentar a casa dele e ainda ser padrinho de qualquer coisa é impagável; receber na escola o filho do meu ex-aluno e ouvir os mais profundos elogios repassados emociona; ser um confidente das mais profundas questões da alma é nobre; ah, e aqueles reencontros depois de longa data, que chegam a trancar o trânsito, é lindo de se ver, saber que o aluno fica esperando a tua aula a semana inteira e não falta naquele dia nem com “temporal”; ouvir: a melhor aula, o melhor professor; ah, já terminou? Foi legal, entre outras coisas.

Estimado colega, a “lei do amor altruísta” precisa estar sobre toda e qualquer motivação que possa ter, além disso, a “lei da fé” tu precisas para enxergar além do que tu vês com os teus olhos naturais. Esse algo a mais que tu crês em Deus e no Senhor Jesus não pode passar e a “lei da esperança” que precisa te animar. Se não tiveres esperança nenhuma em dias melhores e compensadores a vida com certeza será bem amarga!

O tripé fé, esperança e amor precisam andar contigo, ok?

Dar aula para as turmas do pré-escolar ao 9° ano, todos os dias, passa ano e entra ano e ainda assim ser bem quisto e visto, digo que é uma “arte”. Arte de criatividade, de interação, de paciência e da imaginação. Aceite isso como um desafio para a jornada.

Ajudar a formar um ser, acompanhar os estágios da vida dele, ser um “modelo inspirador” (anexo), contribuir para a construção de uma visão de mundo real para com o educando são situações de uma enorme responsabilidade e de uma realização de vida ímpar.

Já tive outras funções antes do magistério, no entanto, realizador e prazeroso é este ofício, que me levou a aposentadoria, sem eu ter me dado conta dos anos que passaram. Não foi pesado, não senti o tempo passar, isto mostra que foi bom.

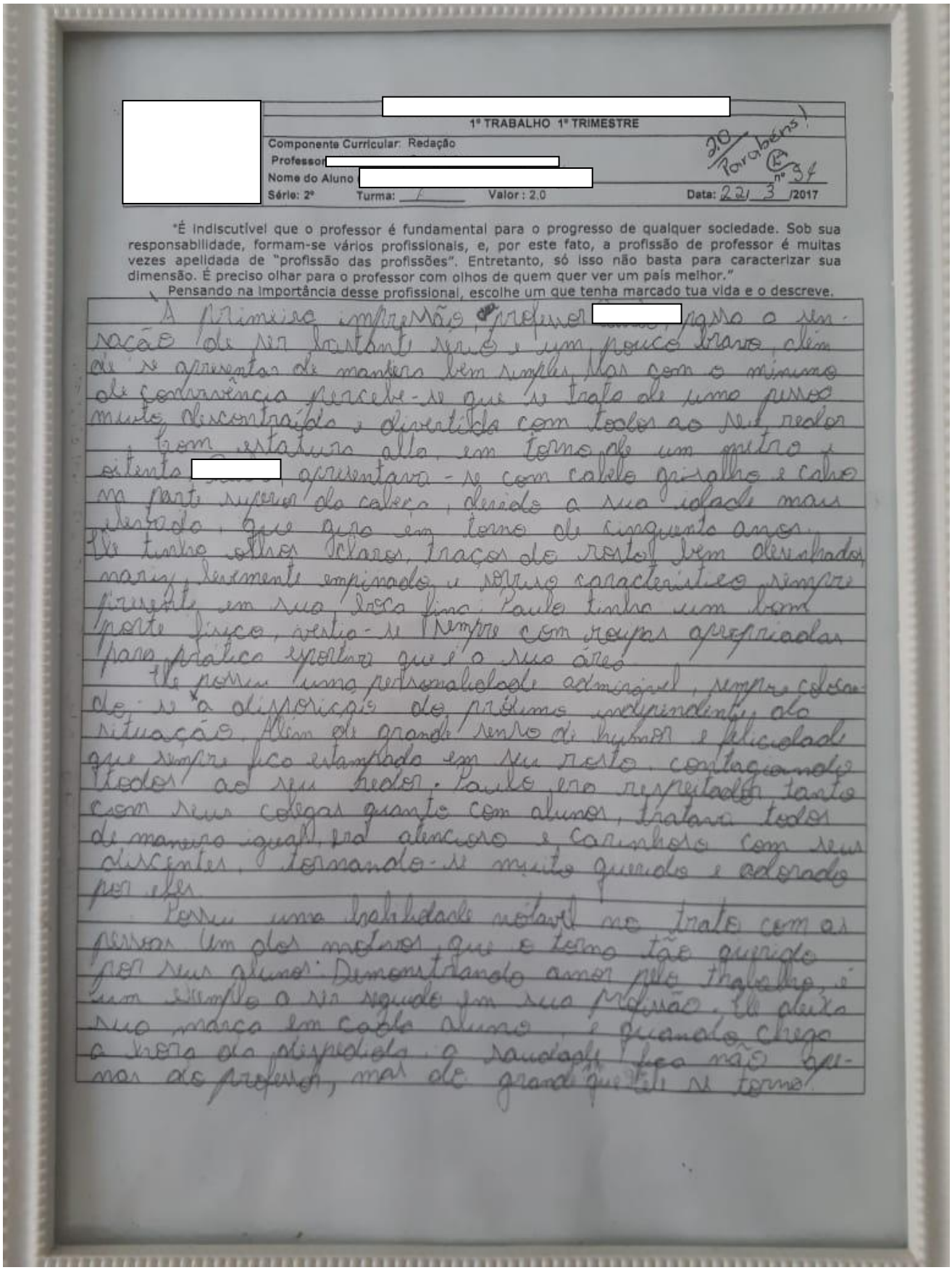
Com certeza tu terás alguns desafios diferentes dos que eu tive, afinal, vivemos uma geração do “digital”, do tudo pronto e rápido, mas fique tranquilo, pode vir a geração que vier, o ser humano continua sendo motor e social, ele precisa de movimento, de interação, tem sangue correndo nas suas veias e, por isso, nossa área será sempre requisitada e necessária.

Bem vindo, estimado colega, a esta nobre profissão. Pode contar comigo sempre que precisares. Torço pelo teu êxito. Que tu sempre acredites naquilo que estás fazendo com fé, esperança e amor!

Meu fraterno abraço,

Professor Heitor

Anexo da Carta Professor Heitor - Exemplo de reconhecimento do meu trabalho na Educação Física por um ex-aluno



[redacted]

1º TRABALHO 1º TRIMESTRE

Componente Curricular: Redação

Professor [redacted]

Nome do Aluno [redacted]

Série: 2º Turma: [redacted] Valor: 2.0 Data: 22/3/2017

20 Parabéns!

nº 34

"É indiscutível que o professor é fundamental para o progresso de qualquer sociedade. Sob sua responsabilidade, formam-se vários profissionais, e, por este fato, a profissão de professor é muitas vezes apelidada de "profissão das profissões". Entretanto, só isso não basta para caracterizar sua dimensão. É preciso olhar para o professor com olhos de quem quer ver um país melhor."

Pensando na importância desse profissional, escolhe um que tenha marcado tua vida e o descreve.

A primeira impressão [redacted] passou a sensação de ser bastante sério e um pouco bravo, além de se apresentar de maneira bem simples. Mas com o mínimo de convivência percebe-se que se trata de uma pessoa muito descontraída e divertida com todos ao seu redor.

Com estatura alta, em torno de um metro e oitenta [redacted] apresentava-se com cabelo grisalho e calvo na parte superior da cabeça, devido a sua idade mais elevada, que gira em torno de cinquenta anos. Ele tinha olhos claros, traços de rosto bem delineados, nariz levemente empinado e sorriso característico sempre presente em sua boca fina. Paulo tinha um bom porte físico, vestia-se sempre com roupas apropriadas para prática esportiva que é o seu ofício.

Ele possui uma personalidade admirável, sempre colocando-se à disposição do próximo independente da situação. Além do grande sorriso de bondade e felicidade que sempre fica estampado em seu rosto, contagiando todos ao seu redor, Paulo era respeitado tanto com seus colegas quanto com alunos, tratava todos de maneira igual, era alegre e carinhoso com seus discentes, tornando-se muito querido e adorado por eles.

Possui uma habilidade notável no trato com as pessoas um dos motivos que o torna tão querido por seus alunos. Demonstrando amor pelo trabalho, é fácil de ver isso em sua profissão. Ele deixa sua marca em cada aluno, e quando chega a hora da despedida, a saudade não é apenas do professor, mas de grande parte de si torna.

Carta Professora Iara

Carta a um novo docente

Caro colega,

Depois da experiência de lecionar por 30 longos e gratificantes anos na mesma escola, vendo chegar a aposentadoria, penso que é tempo de deixar-te escritos sobre essa caminhada.

Ao abraçar a carreira de professor de Educação Física depois de uma infância repleta de rua e uma juventude como atleta, percebi logo de início o que me aguardava.

Os alunos que a mim chegavam não tinham, nem de longe, o amor que sempre dediquei aos esportes e à atividade física. Bem ao contrário: era a hora de não fazer nada, de descansar, de conversar, batendo, no máximo, uma bolinha depois das enfadonhas aulas, sempre sentados, inativos.

Lembro das inúmeras discussões, que, com o tempo, viraram convencimentos: “vocês escolhem o que fazer na aula de Matemática? Claro que não, então também aqui não escolherão”.

Barganhas e acordos feitos diariamente, com o intuito de levar uma turma de jovens a praticarem algum tempo de atividade física ordenada e organizada, visando qualidade de vida e disciplina. Custou, mas passaram por mim turmas que gostavam das aulas mesmo quando não eram “tema livre”, o que invariavelmente significava futebol para os meninos e qualquer atividade que fosse trocada a cada 5 minutos pelas meninas.

Depois, ao perceber que nenhum dos colegas tinha interesse em assumir as turmas de pré-escola, que passariam a ter aulas de Educação Física, passei para os pequenos.

Ah, esses viviam querendo colo, qualquer queda era uma chuva de lágrimas e sempre tinham longas histórias para contar.

Mas eram aulas felizes: topavam qualquer atividade, brincavam sem distinguir gênero e sempre era uma festa quando eu aparecia na porta da sala.

Brincava com eles as brincadeiras da minha infância, que quase nenhum conhecia e que todos adoravam. Fazia pesquisas com os pais e avós sobre

brinquedos e brincadeiras de antigamente, nem tanto tempo assim, quando todos brincavam na rua. E todos adoravam!

Cada montagem de circuito era como preparar uma festa para vinte aniversariantes: ficavam todos de olho, querendo descobrir o que apareceria, queriam ajudar a arrumar e, principalmente, queriam participar! Pular, cair no chão, correr, mexer o corpo sem reprimendas e sem gritos para ficarem quietos.

Dava trabalho: eram sacos e sacos de materiais a serem escolhidos e transportados, às vezes para uma única aula de 45 minutos. Mas sempre foi um trabalho gratificante, prazeroso e desafiador.

Escola pública, com crianças de periferia que, com frequência, iam com roupas e calçados inadequados para aula. E isso nunca era obstáculo ou impedimento. Tiravam o calçado ou mostravam que estavam de short por baixo do vestido e vamos lá!!!

Lembro dos inúmeros machucados, arranhões e até um pé quebrado. Lembro de um tombo, em uma brincadeira de pegar, que resultou em uma língua quase atorada, que levou pontos! E recordo que nunca nenhum pai foi até a escola brigar ou discutir sobre um desses acidentes. Todos ocorridos sem maldade e com muita energia e disposição.

Vejo hoje muitos, muitos ex-alunos que se tornaram ou se tornam professores de Educação Física. Há pouco tempo, uma dessas ex-alunas, já com 35 anos, me enviou via rede social: “gostaria muito de te contar que, por te admirar muito, hoje consegui começar a faculdade de Educação Física. Estou com 35 anos e lembro muito bem de como eram boas as tuas aulas”. Compensa os anos de poeira, sol e frio? Compensa o baixo salário? Compensa aquele olhar dos demais colegas julgando que a tua disciplina não era séria (sendo que somente nós temos as aulas monitoradas e avaliadas diariamente)?Não compensa nada disso. Mas que aquece o coração, isso aquece.

Então te digo: se acreditas que o professor pode fazer a diferença na vida do aluno, vai lá e te joga. Mas sejas sempre honesto contigo e com teus alunos. Se e quando te tornares aquele professor que só joga a bola, te exonera e vai fazer outra coisa, mas não impede a nenhuma criança a

felicidade de uma correria bem conduzida, de uma descoberta de brincadeira. De um pedaço de infância bem vivida.

Carta professor João

OS SENTIDOS DA CARREIRA E DO TRABALHO DOCENTE NA EDUCAÇÃO FÍSICA

Sou professor do município de Pelotas há mais de 30 anos, sendo que cinco anos na função de diretor. Neste período sempre tentei realizar minha prática pedagógica. A realidade educacional e o contexto atual não permitem que qualquer iniciativa administrativa pedagógica seja tomada sem delimitação que não levará ao alcance dos objetivos propostos. Como professor de educação física do município de Pelotas comecei no ano de 1987, em uma escola da zona rural, no Morro Redondo, hoje emancipado.

Em 1990, quando da emancipação de Morro Redondo, vim para outra escola na colônia, municipio de Pelotas onde estou até hoje. E durante todos esses anos não ocorreram muitas mudanças, principalmente no espaço físico, que durante 30 anos ministro minhas aulas num local nada apropriado, sem poder realizar um outro tipo de trabalho condizente com a idade dos alunos, ou seja, anos iniciais. Nessas condições, o professor se torna um mero executor, das atividades a serem desenvolvidas durante o ano letivo.

Para trabalhar como professor de educação física na zona rural não é nada fácil, o município não dá o mínimo de condições necessárias ao desenvolvimento da prática da disciplina na escola, ela é apenas inserida em meio às outras disciplinas.

A escola sendo um espaço educativo é orientada por sociedade capitalista e vê os docentes uma classe operária , saímos de casa às 6:45hs da manhã para trabalhar 20 hs ou 40hs , 60hs ou seja , manhã, tarde e noite para conseguirmos sobreviver , não sei de onde tiramos forças para vencer , com toda está situação de humilhação de classe, vamos perdendo a motivação sendo assim cada vez menos as perpectivas de melhorar as condições trabalho, ficam doentes com depressão, stress, ansiedade, tomam remédios automedicação por conta própria.

Com toda esta situação sendo enfrentada nos anos de docência, é dificil dizer algo para alguém que quer seguir nesta careira. Isto me faz lembrar quando passei em educação física, meu pai me perguntou: “tu achas que

podes sustentar uma familia com este salário?" Eu respondi "não sei". Hoje posso dizer que consegui sim (apesar de ter passado por muitas greves, sem receber o salário por vários meses), conseguimos sobreviver.

Lembro quando comecei a trabalhar no primeiro dia de aula geralmente o diretor (a) vai mostrar o espaço físico e o material para executar as aulas, é desmotivaste, ai tu enfrenta a realidade ou desiste , resolvi lutar na esperança que iria melhorar e continuo na esperança até hoje. E não era só o espaço físico e a falta de material que deixavam a desejar, outras coisas que também desestimulavam o professor de educação física era durante as reuniões pedagógicas, no início, não participava depois os professores começaram a participar, acho que éramos muito críticos prejudicávamos as reuniões. Para entender esta situação só com o tempo, por isso é importante a docência desenvolver um bom relacionamento com meus colegas e alunos pois entendo que só assim podemos desenvolver um trabalho de qualidade.

Sentimentos de satisfação e insatisfação com a docência estão ligados à desvalorização dos professores, falta condições de trabalho ou seja materiais e aos baixos salários nas redes de ensino público Municipal e Estadual .

Para vencer as situações de angústias, frustrações durante a docência na minha prática procurei ler, fiz uma especialização sobre corporeidade, ai comecei a entender melhor e não me sentir culpado dos problemas com os alunos que não é fácil convencê-los que atividade física tem sua importância para sua saúde e seu desenvolvimento como pessoa na parte afetiva , relacionamento, integração, todos nos professores sabemos disso.

Quando nos formamos queremos aplicar todo o conhecimento adquirido na graduação mas a realidade não é nada daquilo que pensávamos então temos que nos adaptar a realidade a qual encontramos nas escolas.

Chegando perto da aposentadoria depois de 30 anos de docência, devemos nos preparar emocionalmente para abandonar a carreira , saio com a certeza do dever comprido, ficando apenas a sensação de que poderia ter feito mais pela educação, se não fosse as condições oferecidas pelos governos, cada vez mais tratando os professores como mendigos, situação da qual estamos vivendo nesse momento, tendo que fazer empréstimo para receber o 13º salário, o qual é um direito que está na lei orgânica do município de Pelotas.

Carta professora Luiza

Carta a um novo docente

Querido colega, venho através desta tentar resumir um pouco de minha trajetória profissional que inicia na escola pública, onde trabalhei durante toda minha vida profissional, para que tenhas uma noção desta vivência, já que serás mais um de nós, que enfrenta essa batalha cotidiana, tão rica e tão difícil, mas que vale a pena para quem ama a profissão.

Minha tia era professora de educação física na escola onde eu estudava e onde passei a maior parte de minha vida. Sempre fui para esta escola com minha tia, a escola tinha um ginásio enorme. Com o tempo entrei para esta escola como aluna (2ª série) e também entrei para a ginástica artística.

Nunca fui “boa” aluna em Educação Física, sempre tive “dificuldades “, por ser baixa e fraca, me considerava sempre um pouco “ inferior” as minhas colegas que sabiam jogar os esportes coletivos (eu, sempre era uma das últimas a ser escolhida).

Com o tempo entrei para a dança na escola, onde comecei a me reconhecer de forma diferente, onde me senti valorizada. A dança e a forma que era abordada me fez visualizar a educação física de uma forma diferenciada das práticas nas aulas.

A prática da ginástica artística e principalmente da dança na escola reforçou minha escolha de ser professora de educação física, sendo assim, minhas experiências como aluna nas aulas em si de Educação Física, com o tempo me fizeram visualizar o que eu não queria ser como professora (práticas excludentes, que faziam o aluno se sentir mal e desprovido de qualidades próprias para a prática das atividades).

Entrei para a faculdade, e nela pude perceber o tipo de prática que eu gostaria de proporcionar para meus futuros alunos.

No início de minha carreira profissional surgiram muitos questionamentos, já em meu estágio enfrentei muitas dificuldades por não conseguir proporcionar a educação física que eu desejava, os alunos não aceitavam novas práticas, as meninas e meninos eram separados, somente faziam o que desejavam, o professor fazia o que era mais prático e fácil (que

ao meu ver não era dar aula e simplesmente jogar a bola ou o material que os alunos queriam) o que me causou certa decepção.

Formei-me e comecei a trabalhar como contrato emergencial na escola em que estudei. Lá tive muitas dificuldades peguei turmas de meninos de 7º anos (turma de meninos) as turmas eram separadas. Um detalhe: meu tcc foi sobre a questão de gênero nas aulas de educação física...(onde eu defendia a união de todos nas aulas). Outra dificuladade que tive foi com relação as aulas que os meninos tinham e a resistência a minha forma de trabalhar (na realidade o conteúdo que eu trazia), os alunos estavam acostumados a jogar futebol em todas as aula, apesar de gostarem muito de mim, tinham uma de resistência enorme a novas atividades, ou seja, a qualquer atividade que não fosse o futebol. Muitos enfrentamentos, muitos " boicotes" de aulas, muita conversa com os meninos... aos poucos e com muita paciência, com muitas aula dando "errado " em minha concepção fui pegando o " jeito" de lidar com eles.

Sempre acreditei e continuo acreditando em minha vocação como professor, não me vejo em outra carreira, apesar das dificuldades, de alguns sonhos desfeitos, de outros realizados.... Erramos muito, nos afligimos muitas vezes por não conseguir realizar o que desejamos, por não cumprir com todos os objetivos estabelecidos, por vezes esquecemos nossos sonhos em detrimento da correria, de cumprir horário e tarefas burocráticas que nos são impostas.

No início Tb trabalhei em outra escola, com característcas diferenciadas desta anterior, uma escola de bairro, onde os alunos eram extremamente carentes, uma direção que tratava a todos de uma forma chocante em minha visão. Onde muitas vezes voltei para casa chorando e extremamente decepcionada... Alunos de castigo (de formas brutais), sendo muitas vezes tratados de uma forma chocante, aos berros...Uma visão de educação extremamente destorcida. Alunos amedrontados e carentes, de afeto, de compreensão, professores cansados e sem ação. A direção fazia um trabalho assistencial e em troca de votos e de muita pressão.

O trabalho com a educação infantil (prés) é muito gratificante e ao mesmo tempo cansativo além de exigir muita paciência e afetividade com os alunos. Encontramos com alunos vindos dos lugares mais diversos e com

problemas resultantes de famílias desestruturadas e conflituosas, alunos carentes de afeto, de compreensão e de muitas coisas inimagináveis.

Lidar com os pais e a família em algumas vezes se torna mais difícil que lidar com os próprios alunos.

Os tempos mudaram muito e o desrespeito com nosso trabalho aumentou de forma considerável, cada vez podemos menos, temos que cuidar nossas atitudes e palavras ao mesmo tempo em que ouvimos coisas absurdas sobre nossa profissão e sobre nós mesmos.

Trabalhei também em Rio Grande (E. fundamental), o trabalho com os alunos do E. Fundamental sempre foi mais difícil na questão da aceitação do que é exatamente Educação Física, no início foi mais difícil, mas com o tempo e com um trabalho que busca um entendimento da questão de que educação física é muito mais do que futebol...Educação Física em minha opinião é cultura do movimento e deve ser apresentada para os alunos com suas diversas possibilidades.

Quando trabalhamos por muito tempo em uma escola, o que é o meu caso, o entendimento do que é educação física o trabalho adquire respeito da comunidade, mas são anos de enfrentamento, inclusive com a própria escola.

Durante meus anos de trabalho tanto em Rio Grande quanto em Pelotas ocorreram inúmeros problemas assim como grandes realizações e coisas maravilhosas, o aprendizado com os alunos e colegas é fator extremamente importante na vida de um professor.

Em alguns momentos (muitos, para falar a verdade) me senti extremamente solitário na escola

Lidamos com as diferenças e muitas vezes como é difícil contorna-las, quando temos nossas próprias dificuldades. Vemos a todo momento injustiças entre alunos, com colegas, se formos analizar a escola como um todo é uma loucura onde acontece todos os tipos de sentimentos de pessoas... É um lugar muito contraditório, mas ao mesmo tempo muito cheio de vida, de esperança de movimento (visão romantizada de quem ainda ama trabalhar na escola e acredita na educação publica...ainda).

A vida do professor é muito corrida, costumamos trabalhar em 2, 3 ou até 4 escolas para mantermos uma vida financeira mais (fixa), mas ao mesmo

tempo nossa qualidade de vida diminui, nosso tempo para família e lazer é sempre reduzido em função do trabalho corrido.

Em alguns momentos nos apoiamos nos colegas que tem pensamentos semelhantes aos nossos, formamos grupos onde nos apoiamos e este apoio e amizade que construímos é muito importante, pois lutar em conjunto é muito melhor.

Dúvidas e questionamentos existem constantemente e existirão sempre, nossa vida é permeada pelos questionamentos, será que estamos no caminho certo. Essa dúvida sempre existirá. E acredito ser extremamente importante as discussões na escola e também o estudo e posicionamento da comunidade e principalmente o direito a voz dos professores.

A importância de estudar e se comprometer com o nosso crescimento para assim Tb direcionar isso para nosso aluno, é importante mostrar para o aluno que o professor Tb precisa se reciclar e estar sempre estudando e buscando o crescimento.

Um pouco da história como professora de Educação Física que trabalha com a dança:

Quando, em 1995, entrei para a faculdade de Educação Física, motivada pela prática e experiência que tive no grupo de dança do Pelotense como aluna. A dança na escola foi grande incentivadora para que eu escolhesse essa profissão. Durante o tempo em que estive na faculdade continuei participando do grupo, mas como “monitora”, já fazendo uma espécie de estágio, pois nunca consegui me desligar do mesmo.

Esta participação como monitora foi extremamente importante, pois me fez visualizar as aulas de dança na escola sob outro aspecto, agora como uma “quase” professora, com responsabilidades completamente diferentes daquelas que eu tinha como aluna.

A trajetória com a dança possibilitou me constituir enquanto pessoa, ser humano e futuramente uma educadora. Através das aulas, numerosas experiências como participação em apresentações, realização de espetáculos artísticos e contato com diferentes colegas e outros profissionais foi aumentando gradualmente meu conhecimento e amor pela dança, o que me

tornou uma grande admiradora deste projeto como veículo educativo, trazendo comigo diferentes conhecimentos e sensações.

Em 1998, entro para escola, efetivamente como professora e começo a trabalhar juntamente com a professora Marítza. Começamos a compartilhar turmas de dança. O mais importante é que conseguimos juntas compartilhar ideias discutindo entre si e com os alunos os temas a serem trabalhados e as novas possibilidades, buscando sempre trazer coisas novas, novas leituras, novos temas e também pessoas diferentes, com trajetórias diferentes para ministrarem oficinas para o grupo de acordo com as necessidades e anseios de todos.

Muitas vezes os alunos do grupo, sendo de escola pública e apresentando um trabalho de dança afro passavam por mais uma experiência, neste caso, a do preconceito. Enquanto alguns valorizavam e admiravam o trabalho, outros ainda o tratavam de forma preconceituosa, simplesmente pelo fato de falar de questões raciais. De trazer movimentos “diferenciados” do esteticamente “comum” a todos.

A partir de 2004 fico sozinha coordenando o grupo de dança. A saída da outra professora traz muitas dificuldades, para lidar com pais, com as dificuldades do cotidiano, com as aulas e dificuldades diárias. Em minha opinião é sempre bom trabalhar em conjunto, pois engrandece nossas experiências. Considero de extrema importância poder dividir e compartilhar conhecimentos, ainda mais quando isso é proporcionado por parcerias tão importantes e que ajudaram na nossa construção como pessoa.

O projeto de Dança na escola segue e continuamos com o grupo tentando ultrapassar as barreiras. Buscando uma dança com acesso para todos, sem distinção alguma, uma dança que prioriza a construção coletiva e que valorize cada aluno e sua trajetória de vida, suas experiências e expectativas.

No primeiro ano a dificuldade é maior por ser um ano diferenciado, onde as expectativas de que o trabalho continue com a mesma qualidade dos anos anteriores são muito grandes, gerando assim, certo desconforto, principalmente para mim que me responsabilizo por um trabalho que já tem uma estrutura forte e admirada por todos.

Nos próximos anos as coisas se estabilizam e o grupo segue normalmente. Os alunos, principalmente do Ensino Médio são muito participativos e costumam sempre encaminhar o trabalho juntamente com a professora, o que auxilia muito no andamento do mesmo. Alguns alunos do grupo de dança saem da escola entram na faculdade de Educação Física e de Dança, o que é um indício que as aulas de dança deixaram frutos, o que sempre deixa professoras como eu e minhas colegas muito orgulhosas.

Todos esses anos de dança foram muito importantes e de muito aprendizado, o relacionamento com os alunos, suas diferenças, crenças... A relação professor-aluno é importante para o nosso crescimento como educadores, mas é importante que seja sempre realizada uma reflexão crítica em torno de nossa prática, o que nos leva a buscar o conhecimento em torno de tudo que nos envolve para, também despertar o interesse dos alunos. A Dança como projeto extra-classe fortalece essa construção cotidiana de busca de conhecimento com interesse extremo, o que facilita muito a aprendizagem.

No final de 2016 deixo a dança. E sinto confessar que de certa forma “aliviada”. Acredito que temos que traçar novos caminhos e aproveitar novas possibilidades. Se, estou hoje pesquisando a dança é porque ela foi de extrema importância em minha vida, e sempre terá suas marcas em minha caminhada, assim como na de inúmeros alunos que ainda tenho contato e vejo o quanto esta prática marcou as suas, seja como profissionais ligados a ela, ou, simplesmente como uma vivência que mudou suas atitudes com relação a seu futuro.

Quando digo que a me sinto aliviada, falo de uma responsabilidade que é nos dada quando temos que coordenar um projeto que demanda muito tempo, organização e uma disponibilidade imensa. Todo o trabalho para ser bem realizado deve ser comprometido. Muitas vezes a dança e o projeto se tornam parte fundamental de nossa vida, tamanha importância que damos a ela, acabamos deixando outras coisas fundamentais de lado. Através de conversas com as professoras podemos observar que todas compactuam desta idéia, mas também demonstram que muito maior que isso é a importância que a esta vivência tem em nossas vidas, de formas diferentes a dança marcou cada uma de nós.

Apêndice II- Roteiro BÁSICIO entrevistas semiestruturada

De acordo com a carta de cada docente o roteiro foi contextualizado

Local da entrevista: _____ Data:___/___/_____Hora início: _____Hora Fim:_____

Nome do colaborador(a): _____Data de nasc. _____

Escola:_____Ano de conclusão da graduação: _____Instituição: _____

Pós-Graduação:_____

Ano ingresso RMEPel:_____ Tempo GERAL de magistério: _____ CH RMEPel:_____

Nº escolas que trabalha:_____Trabalha outra Rede Ensino:_____CH:_____

Possui outro trabalho/renda:_____Estado Civil:_____ Nº Filhos:_____

1- Porque escolheu o curso de graduação de Educação Física, o que mais influenciou essa escolha?

2- Comente como foi sua graduação, quais conhecimentos e conteúdos foram mais trabalhados?

3- Esses conhecimentos o prepararam satisfatoriamente para atuar na escola ou essa formação foi/é distante daquilo que aconteceu e acontece nos cotidianos escolares?

4- Como a docência, ser professor em Educação Física na educação básica entrou na sua vida, o que mais influenciou nessa escolha?

5- Como foram suas primeiras aulas como professor de EF? E atualmente quais ais principais dificuldades?

6- Quais foram os anos “mais difíceis” da sua carreira e por quê? E os “melhores” anos de sua carreira?

7- Em relação ao que fez durante sua vida profissional, o trabalho efetuado até então e as realizações efetivadas e as que deveriam ter acontecido, em suma, qual a imagem que têm de si mesmo como professor(a)?

8- Qual(is) o(s) principal(ais) sentido(s) da carreira docente para você? O que o fez permanecer na carreira?

9- A EF na escola é valorizada/reconhecida? Por quem e como?

10- A precarização da educação pública, a desvalorização em geral, como isso repercute nas suas aulas e na formação do alunado?

11- O que mais influenciou/influencia suas aulas de EF??

12- Qual a relação entre escola e sociedade? E entre EF e sociedade?

13- Qual a relação entre o pessoal e o profissional em sua vida?

14- És sindicalizado? Por que e como se dá tua participação no sindicato? Como considerar a atuação do sindicado nas demandas da classe?

15- Como considera o plano de carreira do magistério da prefeitura?

16- Como considera a relação com a Educação dos atuais governos municipal e federal?

17- Estás ansioso pela aposentadoria? Porque?

18- Se pudesses voltar no tempo e escolher, teria feito a opção pela formação em EF e pela de ser professor? Porque?

19- Tens algo queres falar que achas importante e que não questionado?

Apêndice III- Transcrições Entrevistas Professorado

Local Entrevista: Residência Professor	**Data:** 14/12/19	**Iníco:** 7h30	**Término:** 8h22
Nome: Professor Alex	**Ano nascimento:** 1960	**Ano concluiu graduação:** 1986- ESEF/UFPel	
Pós-graduação: 1- Especialização em Futebol; 2- Especialização em Treinamento Esportivo; 3- Especialização em Gestão Esportiva; 4- Cursando mestrado em Educação Física 5- Graduação Fármácia e Bioquímica			
Ano Ingresso RMEPel: 1991	**Tempo trabalho RMEPel:** 29 anos	**Tempo Geral Magistério:** 30anos	
CH atual RMEPel: 20h	**Nª escolas que trabalha:** 1	**Outra Rede Ensino:** Não	
Outro trabalho/renda: Professor e coordenador academia – 38h		**Total CH:** 58h	
Estado civil: Casado	**Nº filhos:** 02		

P: Perguntas- R: Respostas

P: Então bom dia, professor. Inicialmente gostaria de saber qual foi o motivo que o mais influenciou na escolha do curso de graduação em educação física, por que escolheu fazer a educação física?

R: Porque desde a época do colégio eu sempre fui de praticar muito esporte, todos os esportes que apareciam, eu tentava conhecer ou tentava ver se teria condições de praticar e isso marcou minha vida desde a época de colégio, apesar de eu ter ido fazer um outro curso quando eu terminei o colégio, me formei nesse outro curso, de farmácia e bioquímica. Quando surgiu oportunidade de fazer na época vestibular para educação física eu fiz, passei de primeira, comecei a cursar, trabalhava paralelamente e nunca mais parei, nunca mais larguei. Larguei o outro ramo, mas não larguei educação física.

P: Chegou a exercer, então, farmácia na profissão?

R: Sim, sim. Trabalhei 18 a 20 anos paralelo.

P: E durante sua graduação, quais são os conhecimentos, conteúdos que foram mais trabalhados durante sua graduação?

R: Olha, tiveram conteúdos por exemplo, o atletismo foi uma das coisas que me marcaram muito, porque eu fui atleta de atletismo. Fui corredor e saltador, então foi um conteúdo que eu gostava muito, que eram das aulas de atletismo; tive 5 semestres de atletismo naquela época. Então até hoje é um conteúdo que eu passo aos alunos na escola, mesmo que rapidamente. O local, o pátio da escola atual, não nos proporciona muito a realização dos saltos e arremessos. Principalmente o salto, mas alguma noção eu dou para os alunos: de salto, de arremesso e principalmente de corridas, porque correr, saltar e arremessar, faz parte de qualquer esporte

P: E esses conhecimentos que tu obteve na graduação, eles prepararam satisfatoriamente para atuar na escola ou tu acha que a formação que tu teve na graduação foi muito distante da realidade escolar?

R: Eu tenho uma ideia que aquilo o que se vê na graduação, em qualquer curso, seja educação física, seja farmácia, direito, medicina, eu acho que aquilo ali te dá o básico para tu entrar na profissão. Mas, realmente, a gente tem que procurar mais coisas para ir melhorando, aperfeiçoando, descobrindo, mas tenho a ideia de que a educação física te dá uma base para isso. Eu acho que qualquer curso te dá só para arrancada inicial, depois quem quiser mais vai atrás de mais. Então não pode se acomodar e ficar achando que só aquilo ali o que tu viu durante a graduação vai ser suficiente para a tua lida diária.

P: Em relação à escola, tu acha que a universidade está muito distante das escolas? Do que acontece nas escolas?

R: Eu, às vezes, conversando com os professores que são orientadores do estágio, quando eles vão lá ver os estagiários, às vezes eu acho que fica um pouquinho fora da realidade. Esses professores orientadores dos estágios, no meu ponto de vista, deveriam chamar os professores das escolas que têm estagiários, e conversar para ver a realidade, porque cada escola é diferente. A gente sabe que tem escola aí que não tem material, que não tem local, não tem praticamente condições de dar aula. Em compensação tem outras que parece que são privilegiadas, ou no meu caso lá que tem um espaço pequeno, mas eu tenho material. Não que a escola me forneça, eu vou atrás, eu ganho, eu

busco, eu reciclo. Então eu acho que deveria ir, até para esse pessoal que está iniciando, os próprios professores das escolas que estão iniciando, deveria ser passado esse tipo de coisa numa discussão, talvez de forma de seminário, não sei, uma mesa redonda para eles verem que aqui eles também têm que buscar isso aí, que eles estão iniciando, não pode se acomodar e tem que ir atrás das coisas porque as coisas não vêm prontas. Chegam na escola, e muitas vezes se apavoram porque chega lá e tem uma bola para trabalhar para todas as turmas.

P: E aqui na tua carta, tu falou que para entrar na profissão, tu não sabia muito o que tu estavas fazendo, que tinha dúvida entre ser docente e não ser docente?

R: É. A gente tem. Eu acho que em seguida que a gente se forma e começa a trabalhar, eu acho que a gente tem uma dúvida exatamente do que vai trabalhar e qual é o ramo que vai seguir. Então eu tinha essa dúvida se eu seguiria como professor numa escola por muito tempo, porque hoje se vão 29 anos, e a gente não sabe se vai continuar, se vai aparecer uma proposta para outro ramo, para outro braço que acabe te induzindo, então eu acho que, muitas vezes, a gente vai achar uma coisa no início e vai mudar, ou pensa que já sabe exatamente o que quer, e a vida te mostra que, às vezes, por você estar iniciando e que muita coisa você tem que aprender, muitos percalços tu vais ter que transpor, muitas coisas, muitos caminhos tu vais ter que percorrer.

P: Certo. E o que mais te influenciou em seguir a carreira docente?

R: O meu pai era professor na universidade. Então eu, desde pequeno, lembro no fim de semana ele corrigindo as provas, e eu, apesar de outra área completamente diferente, meu pai é professor no direito, e eu acompanhando ele, olhando as provas, me lembro de gravar o nome de vários alunos dele, inclusive um foi meu vizinho, depois vim descobrir, nunca tinha olhado a pessoa, olhei o nome, “mas esse eu conheço o nome”. Porque querendo ou não, meu avô também foi professor na faculdade de direito, querendo ou não acaba que influencia. Então estive como docente de faculdade particular durante um período, mas é diferente, eu acho que tu trabalhar numa faculdade

privada e trabalhar numa faculdade pública, porque na faculdade privada os números de aprovação é uma coisa que fala muito forte, e hoje a gente sabe que a faculdade privada virou um negócio, e de repente tu tens que se submeter certas coisas na sua vida, às vezes você não se propõe a submeter.

P: E suas primeiras aulas como professor de educação física, quais foram as primeiras dificuldades iniciais?

R: Eu acho que até que – isso eu falo para os meus estagiários, quando eu tenho lá no colégio. Inclusive eu estava com uma estagiária até duas semanas atrás. É normal o pessoal ficar muito inseguro, que acha que vai ficar muito nervoso. Então eu digo para eles, “olha, pessoal, isso aí o que vocês estão passando agora, todo mundo passou, essa insegurança, essa coisa da gente achar que não vai se lembrar o que tem que passar para os alunos, tem que fazer uma colinha, tem que fazer uma orientação. É normal”. Então eu acho que isso aí, até depois de a gente estar trabalhando um certo tempo, a gente ainda faz, eu fazia, hoje já não faço mais, já me planejo na véspera e tal, já está tudo na minha cabeça, depois de todo esse tempo, bastante coisa. Mas eu acho normal do pessoal fazer isso aí e ter essa insegurança inicial. E eu acho que isso é normal em todas as profissões da gente, “será que eu vou me lembrar, será que vou saber fazer?”. Então eu acho que quem está iniciando tem que adquirir essa experiência, tem que, de alguma maneira, se salvaguardar, tem que se segurar em alguma coisa. Então é normal que se faça isso, que se tenha essa insegurança desde os primeiros momentos.

P: Então, e atualmente quais são as principais dificuldades que tu tem no teu trabalho?

R: Bom, a principal dificuldade que eu encontro lá hoje eu acho que é o espaço físico, porque há 7 anos nós trocamos de local e eu faço muito essa comparação, que eu digo que eu era feliz e não sabia, porque lá eu tinha um espaço que era talvez seis, sete vezes maior do que eu tenho atual.

P: Era outra escola que trabalhava?

R: Não, é a mesma escola. Só que como é um local alugado que era da prefeitura, e eles alegam que o aluguel era muito caro para o número de alunos que tinha, então eles rescindiram o contrato com o local, passaram para um outro local, não tão longe, só que com instalações muito menores e a gente até não sabe explicar muito bem o fenômeno que aconteceu que se tinha na época, quando se saiu desse local maior, em torno de 130 alunos, e hoje nós estamos num local muito menor, com uma outra escola na mesma quadra, principalmente dobrando a esquina e com uma outra a uma quadra e meia, e hoje nós temos em torno de 330, 350 alunos. Então não se sabe explicar muito bem esse fenômeno.

P: Em relação só o que o senhor fez em sua vida profissional, o trabalho que o senhor desenvolveu e o que gostaria de ter desenvolvido, em suma qual é a imagem que tens de ti como professor, como profissional da área?

R: Eu acho assim, eu trabalhei em várias áreas. Desde a área de gestão, trabalhei durante 20 anos com a área de futebol. Depois não quis continuar mais porque é aquela coisa, começa a vir os filhos e futebol não adianta, tem que trabalhar no fim de semana. E não é um fim de semana aqui e outro...

P: É o ano todo quase.

R: É, então eu optei por largar o futebol depois de 20 anos, trabalhei em todos os níveis do futebol, continuo gostando, foi a primeira pós-graduação que eu fiz, e trabalhei em outras áreas dentro da educação física. Trabalhei na parte da gestão, gosto da parte de gestão, tenho uma pós-graduação em gestão esportiva, trabalhei na coordenação de uma pós-graduação aqui durante cinco anos, de uma faculdade de Porto Alegre. Eu, no meu ponto de vista, funcionava muito bem. Mas por tudo, por política, mudanças de direção, no meu ponto de vista funcionava melhor do que a base em Porto Alegre. Porque aqui é o local menor e acaba que tem criando um laço ou chegando mais perto do aluno, mas parece que tudo se resolve mais fácil. No local em Porto Alegre que tudo é mais distante, que tudo é mais frio parece, as coisas não funcionam tão bem. E aqui por política administrativa acabou não funcionando mais.

Trabalhei em outras áreas também, já com treinamento, com trabalho na parte da academia já há 30 e poucos anos, estou quase me aposentando, devo me aposentar agora em dezembro nessa área pelo INSS. Mas não pretendo parar, porque quem gosta de educação física, e para mim que cheguei a estar trabalhando em cinco locais ao mesmo tempo, parar de repente não está nos meus planos e nem a minha cabeça aceitaria.

P: E qual é o principal sentido da carreira docente para ti? O que é, o que foi ser professor?

R: Eu acho que o sentido é tu dividir o conhecimento que tu tem, a experiência que tu tem, aquilo o que foi adquirido nesse período que tu fosse trabalhando, aquelas coisas que tu fosse aprendendo. Eu acho que o conhecimento não deve ser guardado para a gente, a gente tem que dividir, tem que distribuir isso aí e que, muitas vezes, parece que tem gente que acha que não, conhecimento é único. Eu penso o contrário, eu acho que conhecimento é universal e a gente tem que passar para os outros, cada vez eu me convenço mais disso aí. Então por isso que eu acho que eu estou fazendo meu mestrado, sem objetivo de voltar a ser docente de universidade, de faculdade, mas para conhecimento e para melhora do meu dia a dia, que ainda pretendo continuar trabalhando.

P: Certo. Aqui na tua carta colocou que a educação física serve muitas vezes na escola para cobrir um professor que não foi, que não vai, ou o dia de folga deles. E nesse sentido tu achas que a educação física na escola é reconhecida?

R: Não, eu continuo achando e dependendo da direção das escolas, ela é muito pouco valorizada, inclusive a direção da minha escola, a diretora nunca se furtou de me dizer que não gosta de educação física, que tinha dificuldade, inclusive o professor dela na escola era um rapaz que se formou comigo, que eu conheço bem, e ela disse que passou maus bocados com ele porque ele cobrava muito dela, e ela além de ter dificuldade, porque ele sempre se disse uma pessoa descoordenada, disse que não gostava de educação física. E eu vejo nela essa visão, que a educação física não é que ela não dê bola ou ache que não vale nada, mas que ela não dá o mesmo valor como ela dá para

matemática, como dá para ciências, como dá para geografia, e que muitas vezes a gente tem que pegar duas ou três turmas para cobrir os horários dos colegas que não vão, ou de colegas que se atrasam, que estão com problema, ou para dar folga para os próprios colegas. Eu ainda continuo vivendo um problema desse esse ano, tinha um buraco numa turma lá e a coordenadora disse que ela teria ela que dar aula por causa disso. E como era uma turma que eu estaria dando dois períodos anteriores, eu falei, “não, deixa que eu dou três períodos”. É a única turma que tem três períodos na escola, exatamente para fechar a folga daquela professora naquele dia.

P: Os três períodos de educação física, daí?

R: Os três períodos da educação física. Acaba que em um dos períodos, como eu tive – tenho ainda – mas agora a Smed acabou retirando as horas excedentes que a gente tinha de um projeto de xadrez que eu já tinha há 8 anos, então eu acabei ensinando essa turma a jogar xadrez no início do ano, então geralmente semana sim, semana não um desses três períodos aí a gente trabalha o xadrez na sala de aula.

P: Em relação à tua carga horária, quando tu entrou, e agora tua carga horária de sala de aula aumentou, ou ela seguiu normalmente o mesmo padrão?

R: Ela aumentou porque quando eu entrei ela era uma escola pequena. Ela recém tinha passado no concurso e aquele local onde fui trabalhar era uma escola assistencial e tinha passado para escola municipal exatamente quando fui para lá, no ano de1991. E eu estou lá desde o início. Então quando se começou tinham poucas turmas, só tinha até quarto ano lá, quarta série e aquilo foi crescendo. Hoje se tem até o nono ano, então a carga horária no início era menor, era mais folgada, hoje eu tenho 16 horas, das 20 eu tenho 16 em sala de aula. Às vezes até mais, no caso com esse terceiro período eu tenho 17, como eu te disse. O pessoal acha que às vezes educação física é trabalhar menos. Eu acho que pelo contrário. Com essa história a gente tem que tapar horários a gente geralmente trabalha a carga máxima.

P: Na tua carta tu falou que trabalhou em escola particular, tinha mais material e tu achava que era mais valorizado, pelo menos pela direção, pela coordenação. Tu acha por que se dá essa maior valorização?

R: É que lá nessa escola particular existe até hoje um coordenador da educação física. Então eu acho que ele briga muito – em bons termos – com a direção da escola para mostrar e valorizar a área da educação física. Então eu acho que os professores que trabalham lá são mais valorizados, ele briga para que se tenha material, para que se tenha espaço, se tenha o devido valor igual das outras disciplinas que, muitas vezes, na escola pública não se tem.

P: E com essa atual precarização da escola pública, a desvalorização em geral da carreira do magistério, como tu achas que isso repercute nas aulas e na formação do aluno?

R: Eu acho que isso, muitas vezes, os professores acabam se acomodando por a gente não ser valorizado, por a gente não ter material, e acabam utilizando muito o que a gente chama de “largobol”, deixa uma aula livre. Eu já passei por essa fase também de não ter material na sala de aula, ou não ter material para utilizar nas aulas, mas nunca procurei ir por essa linha do “largobol”. Até hoje continuo dando aula para os alunos, aula livre para eles eu só deixo as duas primeiras do início do ano, porque quando tu está fazendo uma anamnese da turma, tu está fazendo um perfil da turma, então tu deixa eles um pouquinho soltos até para eles se conhecerem, a turma daqueles que estão chegando com aqueles outros, aquela simbiose que existe, aquela troca que existe de relações, de conhecimento com aqueles que estão chegando na escola. Então é só esse período e de resto eles têm conteúdo o ano inteiro.

P: E a carga horária aqui, não entendi, é 18 ou 28?

R: A minha no clube é 38 horas.

P: Em relação à tua carga horária, tu já trabalhou em algum momento da tua carreira 40 a 60 horas na escola?

R: Não, cheguei na escola a ter 31 horas num período que era só eu na escola de professor de educação física, que os concursos não estavam acontecendo,

então a Secretaria permitia ou aceitava o pedido das direções da escola para aquela carga fosse pedida para cobrir a necessidade de todas as turmas. Então tinham turmas que tinha dois períodos. Nas turmas menores dos alunos menores de pré e primeiros anos tinha um período só por semana. Então eu cheguei a ter durante um período 31 horas em sala de aula, realmente dentro da aula, do pátio, do local que fosse, mas dando aula para todas as turmas da escola.

P: Em relação às suas aulas, elas são mais influenciadas pelas aulas que tu teve como aluno da educação física, como as aulas que a tua formação na graduação, ou tu acha que a tua experiência acumulada ao longo dos anos é o que mais influencia a tua aula, ou em determinado momento da carreira isso muda?

R: Eu acho que há fases. Eu acho que em seguida quando eu iniciei, eu acho que muito influenciado pelo o que eu tinha, recebido como formação da graduação. Mas depois com a primeira pós-graduação, com a experiência que a gente vai adquirindo, com os cursos que vai se fazendo, com as trocas de expectativas com os colegas. Então eu acho que isso tudo começa a influenciar no seu dia a dia, a gente vai mudando um pouquinho e com a experiência também. Hoje em dia, muito da experiência do que eu fiz e não deu certo, do que eu fiz e deu certo, muito eu me baseio em cima disso aí.

P: E qual é atualmente tu acha a relação entre escola, EF e sociedade, tu coloca na carta que hoje escola só não ensina os conhecimentos da tua área, tem que ser pouco família ou tem que ser um pouco psicólogo?

R: Essa semana eu ainda discuti com os colegas na sala dos professores, que é uma das coisas que mais me leva a querer me aposentar é isso. Que hoje a cobrança das famílias, a cobrança dos pais é cada vez maior em cima dos professores – não só da educação física, mas todos os professores da escola – que se dê cada vez mais educação, que se cobre cada vez mais, em todas as áreas, os filhos deles, os alunos da escola. E quando a gente sabe que a primeira educação deve vir dentro de casa, deve ser dada pelos pais, pela família. Isso está um pouco invertido hoje. E acaba que a escola está cada vez

mais sobrecarregada, os professores estão cada vez mais sobrecarregados, mais cobrados. E muitas vezes as direções não veem isso ou não querem se atritar com os pais e acabam passando esses problemas, essas cobranças, essas funções, desvios de funções – se é assim que pode se dizer – para os professores.

P: Em algum momento na tua carreira tu pensou em desistir da carreira docente?

R: Não, isso eu acho que não chegou a acontecer porque eu acho que a gente, apesar de não se achar bem valorizado. Isso quem trabalha dentro de escola ouve diariamente que o que a gente ganha é pouco, que não se tem condições, muitas vezes. Mas eu acho que quem gosta daquilo ali tem que gostar. Tu não desiste muito fácil, claro que tem gente que acaba desistindo, mas eu acho que é um percentual bem pequeno de quem acaba desistindo.

P: Sim, porque ali entra na carta na questão que tu falou do dom para isso, que entrar o pessoal entra, mas para ficar e ficar 20 e tantos anos tem que gostar.

R: Tem que gostar da coisa. Então eu acho que isso é durante um período que vai se provar se realmente tu tem jeito para aquilo ali ou não. Porque eu tive colegas que largaram, estavam fazendo faculdade de direito, estavam fazendo faculdade de outras coisas, com o que se formaram largaram a profissão de professor.

P: Certo. E quais tu considera os anos mais difíceis da sua carreira e quais os melhores anos da sua carreira?

R: Eu não sei te precisar exatamente que ano.

P: Mas no início, meio da carreira?

R: Não, eu acho assim que às vezes há crise dentro das escolas – e nós tivemos e temos passagens por períodos de crise, de perseguição, troca de direção e perseguição de professores dentro da escola, chegou a acontecer comigo porque eu não apoiei uma chapa que concorreu e acabou ganhando. E

até fui convidado a participar dessa chapa, mas nunca quis concorrer todos os anos, quando vai haver eleição eles acham que por eu ser o professor que está há mais tempo, que eu tenho que concorrer, que antes de me aposentar eu deveria e eu acho que não é para mim isso.

P: Sim, nunca assumiu um cargo de administração e direção?

R: Não, na escola não. Não quis saber, e fui convidado uma vez para fazer parte de uma chapa, não quis saber de fazer parte dessa chapa e apoiei uma outra chapa. E essa chapa que eu apoiei acabou perdendo, eu fui perseguido dentro da escola com outros colegas.

P: De que forma perseguido?

R: Mexendo nos teus horários, tentando desestruturar o teu dia a dia, que eu trabalhava em outros locais, querendo que tu saísse da escola, pedisse para passar para outra escola, ou inventando coisas que não eram a realidade. Mas eu sempre enfrentei isso e sempre disse, “olha, se tiver que acontecer ou vir alguém da secretaria, vamos sentar e conversar porque eu tenho coisas que eu vi e ouvi aqui dentro que ficaram comigo até hoje, que na hora que tiver que falar todas as coisas erradas que acontecem eu vou ter que botar essas coisas para fora também”. E acabou que nunca fizeram reunião nenhuma para dizer alguma coisa de mim, ou que tu está certo ou que tu está errado. Então eu acho que são momentos difíceis porque às vezes você perde colegas que acabam se entregando ou indo para outra escola para fugir e não enfrentar o problema. Já tivemos períodos difíceis, acho que agora vamos enfrentar um período difícil dentro da escola porque nossa direção atual está rachada, completamente rachada. A diretora atual é uma pessoa que eu fui um dos mentores dela, se é que assim pode-se dizer, batalhei para ela ser diretora, porque eu não queria a outra que estava concorrendo, achava que não tinha que ganhar, e ganhamos, hoje depois de 3 anos que ela está, ela se mostra uma pessoa completamente diferente, parece que subiu a cabeça. Inclusive ela começou a me criar problemas por causa das aulas, das vezes que eu tenho que trocar a cada semestre eu tenho que trocar as aulas, porque bate com as aulas do mestrado, ela começou a me criar problema, enquanto que os colegas

sempre se colocaram à disposição de ajeitar aquilo ali. Ela já começou a criar problema. Não sei exatamente por que e o problema não é só comigo, eu estou vendo que brigaram dentro da própria direção. E conversando com colegas a gente vê que ela é uma pessoa que foi completamente diferente daquilo o que a gente esperava, dos primeiros anos não sei se subiu a cabeça, e eu acho que se tu está em cargo diretivo, é tu estar naquele cargo. Aquilo vai passar e tu vai voltar para a sala de aula. E essas pessoas parece que às vezes não se dão conta. Tu estas diretora, mas não vai ser diretora ou vai ser diretora a vida inteira.

P: Sim. E qual é a relação entre pessoal e profissional na sua vida? Consegue diferenciar muito essa relação entre trabalho e entre vida pessoal, ou acha que não tem como separar?

R: Eu acho que eu consigo separar muitos problemas de um local do outro que eu trabalho. Eu consigo sair de um local, fechar a porta, chego no outro, abro uma porta, saio. Mas da vida pessoal para profissional eu acho que aquilo está muito ligado. Porque não adianta. Eu respiro a educação física há muito tempo, então não adianta, me envolvo. Que nem te disse anteriormente eu acabei largando do futebol por causa que tu tinha que te envolver aos finais de semana, e que muitas vezes tu não tinha horário para família, não tinha horário para os filhos. Meu filho de 15 anos, quando ele era pequeno me cobrava muito quando eu era o coordenador da pós-graduação, porque eu trabalhava sábado e domingo, às vezes saía 7 horas da manhã no sábado e no domingo, e voltava 7 horas da noite no domingo.

P: Já trabalhava na escola durante a semana?

R: Já trabalhava. Já chegava a passar às vezes 15 dias sem ter uma folga, nem sábado e domingo. E ele me cobrava muito isso aí. Já chegou uma hora que acabou que aqui eles fecharam o núcleo aqui, então às vezes a males que vem para bem. Claro que tu diminui salário, diminui sua condição financeira, mas tem mais tempo para viver a família, tem mais tempo para atender os filhos.

P: Tu é sindicalizado no município?

R: Sou.

P: E como se dá tua participação no sindicato?

R: Eu vou eventualmente a alguma reunião ou alguma assembleia, mas não vou muito, até porque não tenho tempo, a maioria das reuniões, até as assembleias, não do sindicato, mas assembleias dos municipais, geralmente bate com meu horário. Então acaba porque eu não consigo ir muito.

P: Como tu considera a atuação do sindicato nas demandas da classe docente?

R: Sindicato dos municipários, eu acho que ele deveria ser mais atuante. Se bem que eu acho que ele atua bastante dentro das escolas, porque a gente sabe que a educação tem uma faixa muito grande dentro dos municipais, em torno de 40%. Então eu acho que eles se envolvem bastante, mas eu acho que fica ainda alguma coisa a desejar, que deveria ser visto o problema da educação com outros olhos ou com mais carinho, ou com alguém que fosse da própria educação, que geralmente o pessoal do sindicato tem poucos da educação e acham que por nós sermos uma faixa muito larga dentro dos municipais, deveria sempre ter alguém ali que olhasse isso com mais carinho.

P: Comenta qual era seu plano de carreira do magistério, da prefeitura?

R: Não existe plano. Isso aí já me foi dito por alguém há vários governos atrás que existe um problema em Pelotas. Aqui, aquela pessoa que se aposenta, que é celetista, ele pode continuar trabalhando, se aposenta e continua trabalhando. O estatuário, que é meu caso, quando se aposenta tem que sair fora. E hoje dentro da rede municipal, dentro dos municipais, tem muita gente aposentado que continua trabalhando. E eles não sabem onde classificar esse grupo dentro do plano de carreira. Enquanto não tiver uma luz de onde botar essa gente e como será colocado, plano de carreira em Pelotas vem passando de um governo para o outro e ele não existe.

P: Para inglês ver, como dizem?

R: Exatamente. Então cada prefeito que entra e diz, aquilo mesmo que me disseram, “Paulo, enquanto não souberem ou arrumar um lugar para botar essa gente, ou botar essa gente toda embora, fazer concurso e substituir essa gente, plano de carreira para a prefeitura municipal de Pelotas não existe”.

P: Como é que tu considera a relação com a educação dos atuais governos, municipal, estadual e federal?

R: Não, eu acho que a valorização da educação pelos governos é, muitas vezes para inglês ver. As coisas vão para a mídia, mas o que interessa. O que eles querem que seja publicado. Então eu acho que a educação é a base de tudo, a educação tinha que ser mais valorizada. A gente sabe que todo mundo passa por um professor de escola, passa por um... tem que ter professor de primário, de pré, e esse professor tinha que ser valorizado tanto ou mais do que professor universitário, porque muita gente não vai adiante porque aquele professor no início tem más condições ou é mal remunerado, e que, muitas vezes, não está satisfeito e acaba passando isso para os alunos também.

P: Certo. Na tua carta tu falas o momento que tem que fazer para saírem, para arrecadar dinheiro para material esportivo, para as viagens da escola. Em algum momento da tua carreira tu já pensou em tirar dinheiro do bolso para material de física, para uniforme, algo assim?

R: Muitas vezes. Uma vez não, muitas vezes. Eu já cheguei uma vez a brigar com uma coordenadora que eu tive porque não existia material na escola, e lá sabia que eu comprava do meu bolso e ela me proibiu de comprar, porque ela queria que tivesse um estouro para que realmente tomassem uma decisão, eu continuei comprando, ela brigando comigo que eu não podia fazer aquilo e eu dizendo para ela, “o dinheiro é meu e eu resolvo da maneira que achar que devo”. Mas muitas vezes, muitas vezes mesmo. E acabo que sei que acabo me prejudicando, muitas vezes, porque às vezes eles veem que tem material, a direção da escola vê que tem material, mas diz, “tem material”, mas muitas vezes eu consegui esse material do meu bolso, ou vou pedir lá para alguém, ou vou pedir um material que num local está encostado porque já está com

bastante uso. Então é porque eu não deixo as coisas ficaram a cair do céu, eu vou atrás. Mas muitas vezes tirei dinheiro do meu bolso.

P: Em relação aos teus colegas da área, como é que considera relação, falou na carta que tem uma parte com material, muitas vezes alguns não cuidam do material e outros cuidam?

R: Esse problema eu enfrentei quando eu uma vez, eu saí um período, tirei uma licença de interesse para trabalhar numa escola particular, voltei a trabalhar numa escola particular durante 8 meses. Deixei o armário cheio de material, quando retornei – só tive 8 meses afastado – esse material tinha sumido todo. Tive que começar de novo a montar, ir atrás, a pedir, e a partir de então eu me dei conta que não dá para ter, são pessoas que não pensam igual a ti ou não cuidam igual a ti, tu vai chegar lá planejando uma aula, vai chegar lá e não vai ter material, ou não vais poder dar a aula que gostaria. Então infelizmente nisso daí sou egoísta, não divido material com meus colegas, a não ser no momento que eu estou lá. No momento que eu estou lá e tem uma aula paralela, meu armário está aberto, eles podem pegar o que quiserem, mas eu não deixo a chave lá porque eu sei. Inclusive essa semana eu passei por um material que eu tinha ganho, estava embalado, fechado, com uma tarja, “não mexer, material professor Paulo”, e aí eu descobri que tinham rasgado aquilo ali, inclusive motivados por um monitor da escola que é formado em educação física.

P: Bah. Em relação ao que tu fala que tem três pós e está cursando mestrado, em algum momento da tua carreira, a prefeitura te ofertou, te ofereceu uma licença para curar a pós, tu tentou afastamento?

R: Não. A única coisa que a prefeitura, ao menos orientado pela coordenadora do município da educação física, o município que se eu pedir uma redução de cargo, ela reduz o salário.

P: Ela reduz o salário dela.

R: Infringe no salário. Isso hoje em dia a gente já recebe pouco, tu diminui teu salário. Então eu continuo trabalhando 58 horas semanais, e estou fazendo, fiz

as outras especializações, estou fazendo mestrado do jeito que dá. Acho que não era a maneira que eu gostaria de fazer. Mas é o jeito, que nem se diz, que o sistema oferece. E talvez não seja como tu imaginava, como tu sonhava, como tu idealizava, ou como tu ouve teus colegas dentro de sala de aula falarem ou de contarem que estão com o tempo todo disponível, quase todo o tempo disponível, e tu correndo de um lado para o outro chegando atrasado, saindo mais cedo. Mas é o que dá para fazer.

P: E o que mais te satisfaz na profissão?

R: É muitas vezes de reconhecer que aquilo o que tu está fazendo pode não ser o melhor, pode não ser 100%, mas é o que tu tem condições naquele momento de fazer como melhor ou reconhecerem que, muitas vezes, “ah, pois é, tu enxergava a coisa assim, ainda bem que tu mudou, está tentando melhorar”. Então eu acho que isso aí é na vida da gente, não só como professor na área de educação física, a gente tem que tentar melhorar no seu dia a dia, tem que achar que o dia seguinte sempre vai ser melhor ou que vai fazer uma coisa diferente para ajudar alguém. Então eu acho que isso daí é o maior legado que eu levo na educação física.

P: E qual é a principal insatisfação que tu leva da carreira?

R: A maior insatisfação é a falta de valorização, tanto do lado profissional das pessoas te enxergarem, muitas vezes, como um tapa buraco, alguém para dar folga pros colegas, e na parte financeira que a gente sabe que na área educacional a área financeira não é reconhecida como deveria.

P: Falta quantos anos para tu se aposentar?

R: Na prefeitura, semana passada eu descobri que, na verdade, eu achava que me aposentaria em abril, mas na verdade ainda falta 1 ano. Então eu tenho que trabalhar todo o ano de 2020.

P: Mas agora com essa reforma não chegou a te pegar?

R: Não ainda.

P: Porque é a transição.

R: É porque aqui como tem um sistema próprio, então ainda tem que ser trazido todas as modificações que foram feitas do sistema nacional para cá, e isso ser colocado ainda em vigor. Então aqui ainda provavelmente vai levar um tempinho. Não sei até se não vai me atingir ou tendo que trabalhar um pouco mais, pagar um pedágio, alguma coisa, mas todo ano de 2020 que eu achava que seria só até abril, não, eu tenho que trabalhar.

P: Estais ansioso pela aposentadoria?

R: Eu estou. Estou para fazer outras coisas, não parar, mas para fazer outras coisas. E até por achar que – isso eu já disse para minha diretora. Eu gosto muito de usar um ditado que diz assim, “ruim comigo, pior sem mim”. Tu vai ver muito quando eu sair, porque eu sou uma pessoa que não me atraso, não falto. Eu até hoje assinei uma falta justificada em 29 anos, meus colegas... agora uma colega disse, “ah não, semana que vem eu não venho 3 dias, vou assinar 3 faltas. Em 29 anos eu assinei uma até hoje. Então é o que eu digo para eles, “olha, se vocês acham que está ruim comigo. Claro que eu tenho defeito, tenho falhas, isso como todo mundo, mas eu procuro que isso seja o mínimo possível”. Mas estou até para ver como é que eles vão reagir porque eu sou o professor mais antigo lá, então tem muita coisa que funciona “porque o Paulo faz assim, porque o Paulo sempre fez assim”. Então vamos deixar ver quando acontecer.

P: Sim. Se tu pudesse voltar no tempo, escolher novamente, tu teria feito a formação em educação física, seria novamente docente?

R: Sim. Faria tudo de novo, não me arrependo de nada que fiz. Mas como te disse, eu acho que a gente tem que ter alguma coisa que te leve aquilo ali, algum dom, alguma coisa assim. E eu acho que, querendo ou não, dentro das minhas dificuldades, das minhas falhas, acho que eu sou razoável dentro da minha profissão.

P: Ok. Tens alguma coisa que gostarias de falar, que tu acha importante que não foi perguntado na entrevista?

R: Eu acho assim, como eu te disse antes: a educação, no dia que for reconhecida no Brasil como é em outros países na Europa, na França, que um professor é muito mais valorizado que um advogado, que um médico, porque eu enxergo o professor como a base de tudo. Se não tiver base, eu não tenho como construir para cima. E é meu sonho de ver isso reconhecido no Brasil como em outros países.

Local Entrevista: Escola **Data:** 16/12/19 **Iníco:** 8h **Término:** 8h43

Nome: Professora Bianca **Ano nascimento:**1963 **Ano concluiu graduação:**1984-ESEF/UFPel

Pós-graduação: 1- Especialização em Informática Educativa;

2- Especialização em Déficit congitivo e surdez

Ano Ingresso RMEPel: 1987 **Tempo trabalho RMEPel:** 33 anos **Tempo Geral Magistério:** 33 anos

CH atual: 50h(aposentada em outras 30h) **Nª escolas que trabalha:** 1 **Outra Rede Ensino:** Não

Outro trabalho/renda: Não **Estado civil:** Solteira **Nº filhos:** -

Bom dia

P1: Gostaria de saber por que é que tu escolheu o curso de graduação em Educação Física, o que é que mais influenciou nessa escolha?

F1: O que mais influenciou foi que eu jogava, eu era atleta, nadava. Então, eu fui para a Educação Física por isso, por esse motivo.

P1: Na tua carta tu comentas que teu pai não gostou muito dessa escolha, como foi isso?

F1: Ah, sim. Na verdade, meu pai queria que eu fizesse medicina, mas na hora da inscrição eu resolvi fazer para Educação Física.

P1: Comente sobre sua graduação, quais conhecimentos que conteúdos que foram mais trabalhados na graduação, na carta tu falas que se apaixonou pelas disciplinas.

F1: Na graduação, aos poucos a gente vai gostando do curso. E é o momento que a gente vai conhecendo as disciplinas, a gente vai se apaixonando pelo curso. E uma coisa importante assim, que a gente aprendeu mesmo, é dar aula. Eu era atleta, e é bem diferente ser atleta e ser professora, então, ali no curso a gente aprendeu bastante. Algumas disciplinas que eu não conhecia como ginástica olímpica que a gente conhecia de ver somente. E eu achei interessante o trabalho, o atletismo que eu conhecia também, participava, mas não tinha aprofundado. E mais assim, a parte didática, que foi muito importante para mim durante o curso.

P1: E tu achas que esses conhecimentos que tu teves na graduação, a prepararam satisfatoriamente para trabalhar no âmbito escolar?

F1: Na verdade, assim, eu acho que a universidade, ela te dá o primeiro passo. O resto depende da gente, do trabalho da gente na escola e a gente aprende mesmo dando aula.

P1: E achas que a universidade está muito distante da realidade do que realmente ocorre nas escolas? Principalmente na escola pública?

F1: Hoje eu não sei bem como é que está a universidade, mas para nós lá eu acho que faltou muito, faltou muita coisa para a gente poder trabalhar bem. Realmente eu aprendi bastante com os alunos. Então não sei, hoje eu não sei, eu sei que hoje a universidade está mais direcionado para pesquisa também. Mas eu não sei como é que está hoje.

P1: Durante a sua carreira tu teve algum estagiário? Já teve?

F1: Na minha carreira, eu tive alguns, quando eu trabalhei em outra escoala eu tive alguns estagiários.

P1: E em relação a estes estagiários, tu acha que pela observação e atuação deles, está muito distante da realidade escolar? Eles sentiam algum choque com a realidade quando fizeram os estágios?

F1: Não, não. Na escola, quando tive, não. Não porque a gente tinha um espaço, isso aí também eu acho que é importante assim, às vezes. O que a gente estuda na universidade, pelo menos na época que eu estudei, não era preparada para o espaço escolar, que muitas vezes é um pátio, é um campo. Então, a gente tem que ser bem criativo, em trabalhar bem com os alunos, isso é importante porque a gente vê, a gente ouve muito que a Educação Física é só jogo. Então, é uma coisa que é importante é isso, a gente aprender a trabalhar no espaço, o que lá naquela época a gente não foi muito preparada para isso.

P1: E como é que a docência, ser professora em Educação Física na escola básica, ela entrou na tua vida? Tu escreveste que logo começou a dar aula após a graduação tu começou a dar aula?

F1: Sim, comecei em seguida porque também quando eu nadava também, eu fui convidada a dar aula de natação também num clube. E como eu jogava basquete também, eu jogava basquete pela cidade, então, eu era conhecida, então, me convidaram para dar aula numa escola particular, treino de basquete, e na época também numa escola municipal.

P1: E depois fez concurso?

F1: Fiz concurso para o município depois de alguns anos. Que eu fui contratada primeiro e depois eu fiz concurso também.

P1: E agora tu dá... as tuas 50 horas são todas na rede pública municipal?

F1: Toda na rede municipal.

P1: Como foram as suas primeiras aulas de professora? Quais foram as principais dificuldades que tu teve?

F1: Não tive dificuldade, não tive. Porque eu comecei, na verdade eu fui para essa escola municipal para dar aula, para dar treinamento de basquete. E como era a minha área assim, foi bem fácil de trabalhar. Depois aos poucos eu fui recebendo alunos de turmas.

P1: E atualmente tu acha que tens alguma dificuldade?

F1: Não. Não tenho dificuldade nenhuma, não.

P1: Ao longo da carreira, quais foram os anos que tu pode dizer que foram os anos mais difíceis que tu teve na carreira?

F1: Não, não tenho ano mais difícil não. Não tenho não.

P1: E os melhores anos na carreira?

F1: Os melhores anos? A cada ano foi melhor, não, eu trabalhei muito tempo numa ecola, eu amava trabalhar no lá. Depois por alguns motivos eu saí de lá, porque eu fui convidada para trabalhar na Secretaria da Educação, aí depois eu fui para uma escola que era municipal também, que não tinha estrutura nenhuma para trabalhar. E eu consegui montar uma quadrinha num espaço assim, nem era uma quadra, era um espaço. E coloquei umas tabelas chumbadas na parede, vários chumbados na parede, aí comecei a trabalhar desporto que eles não conheciam nada , os outros professores não trabalhavam esse desporto com eles, então, trabalhei basquete. Cheguei até a fazer uma equipe, então, essa escola foi especial também. Depois eu fui trabalhar na escola de surdos, que aí eu já mudei, porque como eu fiz especialização em tecnologia, hoje trabalho aqui. Então, cada lugar que eu trabalhei foi especial, não tenho assim...

P1: Em relação à sua vida profissional, o trabalho que tu efetuou ao longo da carreira e o que tu achaste que deveria ter realizado em resumo, qual é a imagem que tu tens de ti hoje como professora?

F1: Olha, eu me sinto realizada, sabe. Porque eu acho que muitos anos trabalhando, e tudo o que eu fiz, eu sempre fiz pelos alunos, eu me dediquei bastante. Então, eu tenho assim, uma imagem de que eu realizada, na verdade é realizada, realizada na profissão.

P1: E qual o principal sentido então, da carreira docente? O que foi ser professora de Educação Física durante 20-25 anos?

F1: Eu não escolheria outra profissão. Se eu tivesse que me inscrever novamente, eu me inscreveria para Educação Física, faria de novo, claro que hoje já com tecnologia também, mas esses 33 anos que dei aula de Educação Física, para mim foi muito bom, de total realização.

P1: Qual foi o principal motivo de tu cursar essas especializações em informática educativa e déficit cognitivo, surdez?

F1: Porque eu trabalhava muito com computador, eu fui convidada para trabalhar com alunos cegos e surdos. Mas eu não conhecia nada, nem tinha ideia como é que se trabalhava com eles. E daí eu fui fazer, como o que tinha aqui em Pelotas na época que era informática educativa, e aí, eu fiz esse curso já para poder trabalhar com eles no Braille. E aí em seguida eu fiz esse de surdez, que eu fui convidada também para fazer esse curso e eu achei interessante me especializar aí.

P1: E tu achas que a Educação Física na escola é valorizada? Que ela é reconhecida?

F1: Olha, em alguns lugares eu acho que é. Mas tem outros lugares a gente vê que Educação Física é só para cobrir horário, a gente vê bastante em algumas escolas. Mas tem escolas que a educação física é valorizada, inclusive os professores de Educação Física trabalham com os professores das séries, então, isso aí é importante.

P1: A precarização da Educação Física, a desvalorização que ela é atualmente, em geral, tu acha que isso repercute nas aulas? Na formação dos alunos?

F1: Eu acho assim, que a desvalorização, ela tem muita coisa que envolve, tanto em termos de profissão, do professor, do profissional, material, de espaço. Então, tudo isso eu acho que atrapalha bastante o andamento, a melhora da Educação Física para os alunos. E a gente vê também que tem um

desinteresse dos alunos pela prática da Educação Física. Então, hoje a tecnologia, eu acho que assumiu muito o papel.

P1: Tu acha que ao longo da carreira, esse interesse dos alunos, ele foi modificando?

F1: Foi modificando bastante, e eu vejo também que os professores também estão cansados. Eles parecem que está meio que desacreditado assim, eu acho que é isso, em alguns lugares. Não posso dizer porque eu não conheço, não tenho visto tudo isso. Mas algumas coisas que eu observei é isso, eu acho que os alunos são diferentes hoje em relação à prática da Educação Física de anos anteriores.

P1: E por que é que tu achas isto?

F1: Eu acho que a tecnologia que acomodou, essas coisas, eles ficaram só nos celulares. Antes era só no computador, agora é só no celular. Isso aí eu acho que atrapalhou bastante. Então, eu acho que o professor hoje tem que ser muito... muito criativo, se aprofundar muito no trabalho para mostrar para esses alunos para fazer com que eles se interessem mais pela prática.

P1: E suas aulas, elas foram mais influenciadas pela tua formação acadêmica? Pela tua bagagem de ser atleta? Ou pela tua experiência acumulada ao longo dos anos? Ou isso varia? Ou, algo influenciou mais?

F1: Acho que foi tudo. Acho que tudo misturado, acho que a prática, a minha experiência como atleta, a minha mãe também era atleta. Então, o meu meio sempre foi na prática, na verdade. Então, o que mudou para mim foi aprender a dar aula, que é bem diferente tu ser atleta e ser professora. Isso foi uma coisa que até comentei acho que na carta que a escolha foi porque eu era atleta. Mas uma coisa que a gente tem que pensar sempre quando escolhe o curso de Educação Física, é que não é para ser atleta, né? Sempre quando as pessoas me perguntam: “Ah, é bom o curso?”, eu digo: “É ótimo. Mas tu quer ser professor? Tu quer ficar na rua dando aula? Tu quer fazer?”, essas coisasque a gente passa pelo tempo, na época que eu dava aula na rua não me incomodava, hoje não trabalho porque eu estou na vice-direção. Então eu acho que tem que ter bem claro assim, quer? Quer dar aula? Quer ser professor? Vai gostar de ser professor? Eu acho que isso é importante.

P1: E em relação a ser professor como entrar na carreira acho que muitos entram e alguns abandonam ao longo da carreira pelas dificuldades. Em algum momento tu pensou em abandonar a carreira em algum momento?

F1: Nunca. Nunca pensei. Nunca pensei. Eu adoro, eu adoro dar aula, adoro estar para criança. Adoro estar com adolescente. Então,nunca pensei em desistir.

P1: E tu achas então, que para continuar na carreira, tem que ser mais que gostar, tem que ter um dom para a docência? Tem que amar a profissão? Ou tu acha que alguém que não é...

F1:Tem que ter o dom, senão eu acho que não permanece. Eu acho que tu tem que gostar. E hoje mais ainda porque hoje está difícil, os jovens estão bem diferentes, bem difíceis. Então, tu tem que gostar, tu tem que querer, tu tem que gostar das pessoas. Principalmente isto e ter paciência, bastante paciência.

P1: E tu chegaste a trabalhar em escola particular ou na rede privada?

F1: Trabalhei numa escola particular também, como treinadora de basquete, tinha escolinha de basquete também.

P1: Qual é a principal diferença que tu enxerga da escola pública e na escola privada em relação à Educação Física? Quais as principais diferenças?

F1: Hoje eu acho que é na verdade é só o material e o espaço, eu acho que é que é o que tem diferença. Hoje eu vejo as escolas municipais hoje eu acho que estão bem estruturadas em relação a espaço, acho que os governos conseguiram ampliar um pouco esses espaços para as escolas. De material eu não sei como é que está no geral, mas em relação ao trabalho, eu acho que é o mesmo, depende de ti, eu para mim quem é um bom profissional vai trabalhar bem na escola particular e vai trabalhar bem na escola pública.

P1: Qual é a relação entre escola e sociedade, entre Educação Física e sociedade?

F1: Eu acho que a Educação Física, ela ajuda muito para que a gente tenha uma sociedade melhor. Para que a gente tenha uma vida melhor, principalmente se tu for para o lado esportivo também, que hoje a gente vê que a vida está muito difícil, a gente tem muitas coisas puxando esses jovens

para outras coisas, para drogas, para agressões, e eu acho que a Educação Física pode auxiliar muito nessa questão. Porque a gente sabe que o envolvimento do professor de Educação Física é diferente do professor da sala de aula, a gente tem um envolvimento mais próximo do aluno que pode ajudar esses alunos a ter uma vida melhor.

P1: Em relação à tua vida pessoal e à vida profissional na tua vida, tu consegue diferenciar? Ou tu acha que a vida pessoal e profissional em vários momentos da vida ela é uma só? Tu não consegue...?

F1: É difícil de conseguir separar. É importante a gente saber separar a vida da gente da... mas não tem como. Acho que a gente começa a se envolver. Eu mesma fui uma pessoa que sempre me envolvi muito onde eu trabalhei, onde eu trabalho. Então, minha vida no fim se mistura à vida profissional. Mas a gente tem que saber separar um pouco porque se não tu só trabalha. Senão você não vive. Mas eu acho que a gente consegue. Eu, eu consegui sempre viver bem.

P1: E a questão dos direitos trabalhistas que na educação pública tu tens estabilidade, tu tens um plano de carreira que não é o melhor, mas tem, isso também isso influenciou tua escolha pela escola pública, pela educação pública e não em seguir o caminho da educação privada?

F1: Não, na verdade o que acontece. Como eu trabalhava numa escola pública municipal e numa particular juntos. E aí, eu tive que optar porque como eu era treinadora de basquete eu tinha equipe em ambas. E aí, o que é que acontecia? Às vezes as duas equipes jogavam uma contra a outra. E aí ficou difícil. E aí então, aí eu achei melhor eu ficar na escola pública municipal que era o que eu tinha uma carga horária maior, e que era uma coisa que tinha estabilidade. No particular a gente não sabe o que vai acontecer, como eu era contratada na época pela associação de pais e mestres, não era pela escola, então, a minha opção foi trabalhar ali, e aí começou. Aí eu fiz concurso, fiquei com mais horas e daí não tinha tempo mais como...

P1: Certo. Tu é sindicalizada?

F1: Sou.

P1: E como é que ocorre a tua participação no sindicato, de que forma?

F1: Hoje não participo.

P1: Nas reuniões, tu vai?

F1: Não vou não, porque como eu estou na vice-direção, a gente quando está vice-direção é difícil, embora eu concorde com tudo, mas é difícil a gente participar porque a gente não pode parar aqui para fazer as coisas. Então... participei muito já, bastante.

P1: Como tu considera a atuação do sindicato nas demandas da classe docente atualmente e ao longo da carreira?

F1: Eu estou bem fora do sindicato, não sei bem assim, não. Acho que tive momentos que eu participei bastante que o sindicato era bem atuante. Mas eu fui sempre meio contra algumas coisas assim, então, tipo essas greves, essas paralizações que não se resolve nada. Então, no fim a gente começa a se desestimular. Porque vão parar, vamos parar, para, para. Daqui a pouco não, não dão nada e aí tu volta sem receber nada. Então, eu acho que tem outras formas de lutar, eu acho.

P1: Como tu considera o plano de carreira no magistério da Prefeitura?

F1: Nem tem plano de carreira, ainda está meio assim, eles estudam, estudam. E aí quando vem uma proposta, o sindicato não aceita. Então, nunca chegam a um acordo. Então, não tem, não existe plano de carreira.

P1: Como tu considera a relação com a educação, com esses atuais governos municipal, estadual e federal, tu acha que a educação é bem valorizada por esses governos?

F1: Eu acho que a educação está cada vez mais afundada, pelos governos, a gente achava que aqui em Pelotas eu achei que estava indo bem. Mas sempre tem falhas, eu acho que os governos hoje, simplesmente não se preocupam com as pessoas, com os funcionários, não se preocupam com os professores, não se preocupam com o futuro. Então, acho que eu não acredito em mais ninguém.

P1: E por que tu decidiu ser diretora? Com que tempo de docência tu resolveu concorrer à direção?

F1: Pois então. Eu não concorri. As duas vezes que eu fui diretora, diretora do currículo e diretora, e hoje eu sou vice-diretora. Eu não concorri, eu sempre fui convidada para trabalhar. Aqui a gente não tem eleição,na escola dos surdos não tinha eleição, era o presidente que escolhia. E na outra era a chapa que ganhava então, eu entrei junto na chapa e eu fiquei.

P1: Tu escreveste que tua atuação contribuiu para que muitos alunos tenham escolhido seguir como professores de Educação Física, não é?

F1: É.

Tu teve alguns que ingressaram no curso?

F1: Sim. Eu tenho vários alunos que me disseram...

Que estão dando aula já?

F1: É. “Ó, tia... “, porque eles me chamam de Tia .... até hoje. Eu trabalhei muitos anos, de pré à 4ª série e depois como treinadora. Então, eu tenho um envolvimento bem grande com os alunos, e até hoje a gente, tipo passo por eles e sempre falam: “Ah, Tia Milene, sabe que eu fiz Educação Física por causa das tuas aulas?”, e isso é bom, é bom de saber assim. E tem umas que esses dias me disse assim: “Ah, tia, sabe aquelas brincadeiras que tu fazia comigo? Eu faço com os meus alunos hoje”... essas coisas assim, é bom de saber que a gente plantou uma sementinha. É importante.

P1: Na carta qual o pessoal lhe falava que o professor ganha pouco, que trabalha muito. Quem é que lhe dava esses toques ali?

F1: Ah, todo mundo falava, que professor não ganha nada. Como sempre, até hoje o professor não ganha nada. Mas assim, eu consegui dando aula ter a minha vida, ter a minha casa, minhas coisas. Então, se tu quer uma vida “normal”, tranquilo. Claro que tu tem um ideal acima disso, se precisa de mais coisas para ti ficar bem, aí eu acho que sim, acho que professor é difícil.

P1: Qual é a relação que tu acha que os alunos têm de diferente com professor de Educação Física do que com os demais professores das outras disciplinas?

F1: Ah, somos bem próximos, a gente tem uma intimidade diferente, eu acho, sempre vi assim, a gente tinha muitos jovens, tinha atividades com eles assim, a gente via que eles estavam muito próximos da gente, sempre junto, é uma relação diferente. Bem diferente.

P1: E quais tu acha os principais objetivos da Educação Física na escola?

F1: Na escola eu acho que a Educação Física tem que ser para agregar. Para fazer com que haja respeito, através das regras das atividades que a gente proporciona para eles, começar a trabalhar esses jovens para a vida deles. Eu acho que isso é muito importante e a relação entre eles. Eu acho que isso aí é muito importante. E preparar para a saúde também, não é? Se tudo estiver bem, a saúde estiver bem, eu acho que é isso.

P1: Estás trabalhando 50 horas, estas aposentada em alguma matrícula já?

F1: Eu estou, eu já sou aposentada 30 horas numa matrícula, mas eu sou contratada também, então, eu pude seguir. E agora as outras 20 eu me aposento em julho do ano que vai entrar, 2020.

P1: Tu trabalhou 60 horas muito tempo na tua carreira?

F1: Trabalhei bastante tempo, 60 horas, trabalhei até à noite.

P1: E como que era? Pode dizer como é que era a tua vida quando tu trabalhou essas 60 horas como é que era?

F1: Ah, normal. porque eu trabalhava não todas as noites. Daí, quando eu dava treinamento, então, emendava, das cinco e meia às oito dava treinamento. No início dava sábado pela manhã, treinamento também. Então, não interferiu. Assim, claro, eu ficava cansada. Cansa. Porque como eu nunca fui de ficar parada, então, eu sempre participei com os alunos, eu jogava, ou se eu dava uma atividade, um jogo, eu estava sempre apitando jogo, eu não deixava eles sozinhos, então, eu estava sempre participando. E daí quando fazia circuito com as crianças, atividades, eu sempre brinquei com eles. Então, claro, chega à noite, tu está cansado. Mas nada que tenha me atrapalhado.

P1: Tu estás ansiosa pela aposentadoria?

F1: Olha, 20 horas eu quero parar, porque 50 horas é difícil. Tu não tem tempo para parar, mas não estou assim: Ah... desesperada de chegar logo a hora, acho que vai chegar.

P1: Certo. E se tu pudesse voltar no tempo, escolher, tu teria feito novamente opção pela Educação Física? Pela docência?

F1: Sim. Faria tudo de novo. Tudo de novo. Mas claro, eu já pensando assim, eu... porque eu nunca fui de pensar de fazer faculdade, de trabalhar na universidade. Aí eu já teria outro pensamento. Acho que gostaria de dar aula e até ensinar algumas coisas que eu trabalho, que eu trabalhei, eu acho que formas de trabalho. Eu acho que até gostaria de fazer um mestrado? Ou concurso para dar aula universidade? que eu não fiz, não quis fazer. Tive oportunidade e não quis fazer. Tinha vaga para professor de basquete, eu não quis fazer.

P1: Tu tens algo que tu gostaria de falar que tu acha importante que não foi comentado?

F1: Eu acho que é isso que a gente tem que pensar, para dar aula tu tem que gostar. Não adianta querer ser professor se não gostar de trabalhar com as crianças, de trabalhar na rua, de Educação Física, né? De ter paciência, de querer ver o progresso do aluno. E hoje uma coisa importante que a gente está com muitos alunos especiais e as pessoas se prepararem para trabalhar com eles, porque nós mesmos, aqui no centro, a gente tem, os alunos são maravilhosos. Se a gente conhecer os alunos e poder inserir eles nessas atividades é muito importante para eles e a gente sai muito feliz.

P1: Está ok. Então. Muito obrigado, professora.

Local Entrevista: Escola	**Data:** 16/12/19	**Iníco:** 9h	**Término:** 9h42
Nome: Professor Cléber	**Ano nascimento:** 1966	**Ano concluiu graduação:** 1986- ESEF/UFPel	
Pós-graduação: Especialização em Educação Física Escolar;			
Ano Ingresso RMEPel: 1988	**Tempo trabalho RMEPel:** 32 anos	**Tempo Geral Magistério:** 32 anos	
CH atual RMEPel: 40h	**Outra Rede Ensino:** Sim (Particular) 25h	**Total CH:** 65h	
Nª escolas que trabalha: 1 pública municipal e 1 particular			
Outro trabalho/renda: Arbitragem futebol de campo	**Estado civil:** Casado	**Nº filhos:** 04	

P1: Bom dia, então, professor. O senhor poderia me dizer por que é que o senhor escolheu o curso de educação física? O que mais influenciou nessa escolha?

H1: Eu sempre fui ligado a esportes, então eu acho que – pelo que eu me lembro – eu acredito que tenha sido mais por isso e família de professor também. Minha mãe é professora.

P1: De educação física ou outra área?

H1: Não. De outra área, mas eu acredito que tenha sido mais por causa do esporte em si.

P1: E como é que foi a sua graduação? Quais conhecimentos e que conteúdos foram mais trabalhados na graduação?

H1: Na época não tinha divisão de licenciatura e bacharelado, então era um curso mais curto, mas tu tinha aula de manhã e tarde. Tu via muito parte técnica de esportes, tu via questão de fisiologia, biologia, a parte de pedagogia, filosofia. Eu acho que foi um curso que era bem abrangente até, na época.

P1: E esses conhecimentos que o senhor teve na graduação, acha que eles formaram satisfatoriamente para o senhor atuar na escola ou muito distante da realidade escolar?

H1: Não, eu acho que se tu tiver só o conhecimento da universidade fica difícil quando tu vai ingressar, mas nós tínhamos vários, na época, eu acho que hoje

voltou isso, era de praxe tu sair para fazer um mini estágio e estar atuando, tu estava vendo que estava atuando, muitas vezes fiz projetos para sair ou alguns estágios que precisava.

P1: O senhor teve muitos estagiários aqui na escola, ao longo da carreira?

H1: Tive alguns, mas não muitos estagiários, é que depende aqui do colégio. Esse ano eu tive um estagiário até, mas depende de horário para bater e coisa, como é muita turma e muitos professores aqui não tive muitos estagiários, mas eles vêm estagiar aqui sim.

P1: E o senhor acha que esses estagiários, como é que eles chegam aqui para dar as aulas, para fazer o estágio? Tu achas que eles têm algum choque com a realidade?

H1: Eu tive estagiário de uma particular agora, assim, os estagiários que eu tive eram excelentes, eu não sei se por eles serem mais velhos, eles tinham em torno de 30 anos, não eram uma gurizada, os alunos viam que eram professores já, faltava o diploma só, já com desenvoltura para dar aula, com noção do que é uma escola, da sua responsabilidade, cada coisa que tu diz tem peso, tu não pode vir para cá e dizer uma besteira, né? Tu não pode fazer algumas brincadeiras, que eu tive um estagiário há muito tempo atrás que achava que era um aluno aqui.

P1: Era mais novo?

H1: É.

P1: Como a docência entrou na tua vida? Como é que tu escolheu em ser professor de educação física na rede municipal?

H1: Eu estudei nesse colégio que eu trabalho, eu saí daqui em 1983, como aluno, voltei em 1988, depois, na época não tinha ainda concurso, mas como eu era uma pessoa que trabalhava com arbitragem, já trabalhava em clube, precisavam de professores aqui, sabiam que eu era ex-aluno, entrou eu e mais quatro ao mesmo tempo, então foi uma época que se aposentaram alguns professores, e aí estavam precisando, convidaram eu e mais quatro. Dos

outros quatro, os outros três também eram ex-alunos do colégio, era, sei lá, comum isso na época. Aí em 1990, eu acho, teve concurso, eu fiz o concurso. Depois 1991, eu acho que teve concurso ou 1991 ou 1992 teve concurso, e aí sim, que aí as pessoas são entram depois de 1990-1991, só entraram através de concurso.

P1: E ao longo da sua carreira quais o senhor considera os anos que foram mais difíceis da carreira?

H1: Nunca tive... eu entrei me divertindo dando aula, é uma coisa que eu sempre gostei muito dos alunos, foram meus primeiros alunos ou durante a carreira, são meus amigos hoje, de ir à minha casa, da gente fazer churrasco junto. Então é uma coisa que para mim sempre foi uma diversão também, não só trabalho, uma coisa que eu sempre gostei de fazer. Não me lembro, assim, mas certamente teve dificuldades mais pontuais, mas não assim uma coisa que me marcou.

P1: E melhores anos da sua carreira, quais que tu considera?

H1: Ah, eu acho que lá no início, tu vai sedimentando o que tu viu na universidade, vai moldando o jeito de trabalhar, apesar de estar sempre aprendendo, certamente muita coisa eu mudei, mas tu forma um jeito de trabalhar já desde o início, então como eu gostava do que fazia, acho que no início tu é novo, tu tem bastante gás.

P1: E o que é que mais influenciou tuas aulas no início? Foi tua formação na universidade? A tua prática do esporte que tu tinhas? Ou tu acha que agora, tu acha que foi a tua experiência que tu acumulou durante os anos, isso te influencia mais? O que mais determina a tua prática?

H1: Certamente alguma coisa, alguma coisa, não. Muita coisa que eu vi na faculdade influenciou, mas eu acho que a postura de alguns que vieram a ser meus colegas, que foram meus professores ou próprios colegas, tu vai pegando o jeito que um trata o aluno, como vê a educação física, os objetivos que se tem com aquela disciplina. Eu tenho alguns professores que foram meus ou colegas que foram muito importantes para a minha formação, certamente.

P1: Está bem. E em relação ao que tu fez na tua vida profissional, o trabalho que tu fez e o que tu desejaria ter realizado? Que imagem que tu tens de ti como professor hoje?

H1: Eu acho que já estou no fim de carreira, acho que sou um professor que se realizou com o que fez. Talvez conhecendo hoje a realidade do que é a educação, não só a educação física, talvez não tivesse feito o curso de educação física, por mais que eu tenha gostado do que eu fiz durante, acho que... consegui ser uma pessoa relevante dentro da área, acredito que não faria de novo, é questão, principalmente, questão de valorização e salário. É uma vergonha o que está acontecendo, e isso não é de agora, mas se acentuou. Eu estou há mais de 30 anos nisso e as discussões são quase sempre as mesmas sobre melhoria das condições de trabalho, valorização principalmente salarial, tanto é que temos um piso salarial que até hoje não é cumprido.

P1: Piso "para inglês ver".

H1: É inacreditável, isso faz mais de 10 anos, né? E é lei. E eu recebo, mas têm vários colegas que até hoje não recebem, isso é inacreditável.

P1: E como é que tu considera o plano de carreira do magistério municipal?

H1: Eu acho que o plano de carreira é bom até. Tanto é que é uma briga desses últimos três prefeitos, pelo menos, de quererem acabar com esse plano de carreira para dizerem que pagou o piso, aí eles vão pagar o piso porque tiraram todas as vantagens, isso foi uma conquista de vários anos, de vários professores. É triste de ver a desvalorização da educação.

P1: Tu és sindicalizado?

H1: Sim.

P1: E como é que dá a tua participação no sindicato?

H1: A minha participação é indo à assembleias e acatando o que é decidido pela maioria, mas nunca fui sindicalista.

P1: Como tu considera a atuação no sindicato, nas demandas da classe docente?

H1: Eu acho que é importante a participação de sindicatos em todas as áreas, apesar de alguns sindicatos serem para uso próprio de alguns. Mas a ideia de sindicato é importante, principalmente quando tu tem alguma demanda que é financeira, não tem essa de negociar com o patrão individual, isso é uma vergonha que se implantou e algumas pessoas acreditam nisso, que vai ter força de negociar isoladamente. Uma pessoa que seja fundamental em um aspecto que só ele faça aquilo, talvez esse tenha moral para negociar: “Ó, eu quero aumento de salário, porque eu sou o cara”, mas o resto, tem 500 para fazer o que tu faz.

P1: E em relação a alguns direitos trabalhistas que existem, por exemplo, na área pública e não existe na área privada, isso influenciou a tua escolha pela docência? A estabilidade, os direitos, férias, décimo terceiro? Que muitas vezes em um ambiente, por exemplo, informal, ou academias tu não tens isso.

H1: Eu cheguei a trabalhar em academia. A questão de entrar no município foi questão de segurança do concurso. Mas de outros benefícios não, porque eu sempre trabalhei com carteira assinada em tudo quando era lugar que eu fui, a academia que eu trabalhei, em clube que eu trabalhei era com carteira assinada.

P1:Como é que tu considera atualmente a relação com a educação dos atuais Governos? Municipal, estadual e federal? A educação em geral, ela é valorizada?

H1: Não. A educação só é valorizada em discurso de político durante campanha eleitoral, né? Depois, por ter muita gente, a desculpa é essa. Agora a gente está vendo isso no estado aqui, com um governador que saiu da nossa cidade até por sinal. Que foi aluno do meu colégio lá, foi meu aluno lá na escola particular que trabalho também, mas a razão dele, dessa gente, é que tem que cortar, eles só veem número pela frente, parece. Não valorizam mesmo, senão estariam pagando o piso e melhorando ainda o piso.

P1: E qual é os principais sentidos da carreira docente para você? O que é, o que foi ser professor por 25-30 anos?

H1: Muitas vezes a gente não consegue medir o que é que a gente pode impactar na vida de uma pessoa, e eu acredito que todo professor tem, às

vezes algo negativo, mas a maior parte das vezes, um impacto positivo na vida das crianças, dos adolescentes que tu lida durante um ano ou mais, tu tens um impacto na formação dessas pessoas, e é o que me move, é saber que eu posso fazer com que algumas pessoas tenham um rumo diferente na vida.

P1: E o senhor acha que essa precarização da educação pública, a desvalorização em geral do trabalho docente, isso repercute nas suas aulas e na formação dos alunos?

H1: Certamente. Principalmente na escola pública. Tu não tem as condições ideais de trabalho para os alunos, tanto material quanto motivacional do professor que tem que trabalhar várias horas, que está sempre correndo atrás, trabalhando em várias escolas sem tempo de conseguir ter um aperfeiçoamento na tua área, muita gente fez a faculdade e nunca mais teve tempo ou vontade de voltar e se reciclar, fazer um curso ou não tem condições de fazer, porque é muito caro. Então, certamente tem um impacto. O salário do professor tem impacto, do professor não poder nas suas férias, por exemplo, viajar para ganhar cultura, para descansar, que seja, para se divertir.

P1: O senhor acha que a educação física na escola, ela é valorizada? Reconhecida?

H1: Em alguns aspectos sim, e outros ainda não, a educação física não é muito reconhecida por causa da atuação de alguns professores, e ainda é vista como aquela disciplina que o professor larga a bola.

P1: Ao longo da sua carreira, o que é que o senhor acha que mudou na escola e mudou na sociedade?

H1: A Educação física faz parte da sociedade. Então ela certamente é influenciada pelo que está acontecendo e influencia as pessoas, em certo modo, a ter hoje em dia a questão de saúde, é mais importante. A questão estética, eu acho que as pessoas estão procurando muito isso na educação física, que eu não vejo como sendo a parte mais importante da educação física, mas eu acho que, pela pergunta, acredito que isso.

P1: E os alunos hoje, o senhor acha que existe muita diferença entre eles e os de 20, 25 anos atrás?

H1: Certamente existe. Porque a educação física, hoje a gente tem duas aulas semanais, e para algumas pessoas é o ápice do movimento que eles têm durante a semana é fazer educação física só, não tem atividade fora. Antigamente as pessoas eram criadas mais soltas, brincando na rua, correndo, saltando, subindo em árvore, andando de bicicleta. Hoje em dia é na frente de um celular, de um computador, isso impacta. Por um lado eles têm algumas vantagens de raciocínio muito mais rápido que as gerações antigas, para algumas coisas, mas na questão motora muita dificuldade de algumas pessoas, de algumas não, da média, eu acho, dos alunos.

P1: E qual é a relação entre a sua vida pessoal e a vida profissional? O senhor consegue, assim, diferenciar a vida pessoal da profissional? Ou acha que tudo é um bojo só?

H1: Eu consigo diferenciar algumas coisas, mas elas estão interligadas.Tu não deixa de ser o professor quando sai do colégio e tu é a pessoa que as tuas vivências todas, tu é quando está ministrando uma aula e alguns aspectos emocionais, tem hora que tu está com algum problema sério de filho doente, alguma coisa assim, certamente vai refletir na tua atividade. Os problemas que tu tem vai para casa também, mas tu é aquela pessoa o tempo inteiro, tu está em um restaurante, tu tem alunos, às vezes, pais de alunos junto, então tu tem que ter uma postura.Tu vai em uma boate, tu vai sair para um churrasco, não pode estar fazendo algumas coisas, porque isso vai refletir depois.

P1: O senhor tem., o senhor não está aposentado em nenhuma matrícula ainda da rede?

H1: Não.

P1: E trabalhar 40h na rede municipal e 25h rede privada, particular. Isso dá 65 horas semanais de trabalho. O senhor poderia me dizer mais ou menos como é que é o seu dia a dia, a partir de toda essa carga horária?

H1: Eu começo a trabalhar 7: 30, vou até o meio-dia, aí geralmente vou em casa, como alguma coisa, saio, 13:30 estou trabalhando, volto de noite para casa.

P1: E na época de arbitragem, então era mais... era uma loucura a mais, maior ainda?

H1: É. E tinha mais finais de semana com arbitragem. Mas é a questão que para tu construir alguma coisa, um patrimônio um pouco maior, uma casa, para tu ter um carro, ter uma casa um pouco melhor é somente trabalhando mais.

P1: Sim. É o jeito, infelizmente.

H1: E na nossa área tem que ser assim, não sou eu, são vários professores que têm 60 horas.

P1: Em algum momento chegastes a pensar em desistir da docência?

H1: Pensei. Pensei, por causa de questão salarial, de ver que não tinha muita perspectiva de ter uma vida mais confortável se não fosse trabalhando a quantidade de horas que eu trabalho, eu queria trabalhar menos tempo. Queria trabalhar 40 horas por semana, mas eu não via outra coisa, apesar de tudo, eu estou fazendo o que eu gosto de fazer e que eu tenho a competência para fazer.

P1: Sim. O senhor falou que na sua carta que o dia a dia, que o senhor aprendeu durante a sua experiência aqui, isso não está escrito, ou vai de contra ao que alguns autores preconizam como certo? Poderia dar algum exemplo disso?

H1: Todo mundo que for trabalhar, em tudo quanto é área, vai aprendendo no decorrer do fazer e as crianças, às vezes, cada um tem a sua vivência. Às vezes tu acha que está sabendo o que é melhor para aquela atividade ou para aquela criança ou para aquele grupo, e eles vêm com, algumas vezes, respostas que te desconsertam, às vezes tu pensou uma atividade simples, tu pensou, e eles fazem aquilo de outra forma e muito melhor do que tu tinha planejado. Ou te dão outras ideias para tu fazer sobre aquela atividade, “Ah, por que é que não fez assim? Por que a gente não faz de tal forma?”, ou vem com outras brincadeiras, a partir da que tu levou.Então tu está sempre descobrindo coisas novas.

P1: E como é que tu considera a relação com outros colegas da tua profissão?

H1: Geralmente não tenho problema. Algumas coisas me desagradam, desorganização me desagrada, de principalmente material, quando a gente trabalha em grupo, tu não deixar o material para o teu colega... organizado como tu encontrou, isso me estressa. Alguns professores que são relapsos com a sua profissão, porque isso impacta no que as pessoas pensam de todo mundo, e essas pessoas não deviam ser assim. Mas eu tenho o prazer de trabalhar com várias pessoas que foram ou meus professores ou colegas que eu admiro demais, por saber da luta deles, de saber da competência deles, do envolvimento deles com a atividade, então tem, acredito que em tudo quanto é canto vai ter os que se empenham, os que têm competência, os que fazem por onde, mesmo tendo mais dificuldade e os que são relapsos, alguns até com muita competência teriam para fazer, mas não tem o comprometimento, então não adianta. Se a pessoa não tiver o conhecimento e a competência para fazer, não adianta nada.

P1: Certo. O senhor falou que pensou, em alguns momentos, em desistir da carreira docente, e quando foi esse momento? Foi início da carreira? Mais no meio da carreira?

H1: É. Quando tu chega, sei lá, não sei se é aquilo que se chama a crise dos 40, isso há uns 10-15 anos atrás, que tu vê que tu não vai desenvolver na questão da carreira, que a tua vida financeira vai ser sempre isso, não tem perspectiva de melhora. Por mais que tu faça, por melhor que tu faça, tu não vai receber mais do que tu recebe proporcionalmente.

P1: Certo. E por que é que resolveu permanecer?

H1: Porque é o que eu gosto de fazer. Basicamente é isso, eu gosto do que eu faço.

P1: Faltam quantos anos para a aposentadoria?

H1: Faltaria dois. Dois em uma carreira no particular e mais três anos na outra carreira, mas com essas mudanças nem sei. Eu também vou no sindicato para ver como é que fica a situação, quanto tempo vou ganhar a mais para trabalhar.

P1: De presente hehe.

H1: É. (Hahah)

P1: Estás ansioso para a aposentadoria?

H1: É. Estou, quero diminuir, pelo menos. Para não ter um fim de carreira melancólico, para não começar a enrolar, a não fazer direito. Para não ter o teu nome que tu construiu durante vários anos e depois a pessoa sair falando: “Pô, está aí se arrastando e não quer fazer nada”.

P1: Certo. Tens algo que tu queres falar que tu achas importante e que não foi questionado aqui?

H1: Eu não sei, foi bem abrangente. Essa questão, eu acho que tá muito bem.

P1: Muito obrigado.

Local Entrevista: Residência professora	**Data:** 17/12/19	**Iníco:** 14h	**Término:** 14h41
Nome: Professora Débora	**Ano nascimento:** 1969	**Ano concluiu graduação:** 1993- ESEF/UFPel	
Pós-graduação: 1. Especialização em Educação Física anos Iniciais; 2.Educação de Surdos- déficit cognitivo			
Ano Ingresso RMEPel: 1995	**Tempo trabalho RMEPel:** 25 anos	**Tempo Geral Magistério:** 25 anos	
CH atual RMEPel: 40h	**Outra Rede Ensino:** Não	**Total CH:-**	
Nª escolas que trabalha: 1	**Outro trabalho/renda:** -	**Estado civil:** solteira	**Filhos:** -

P1: Boa tarde então, Professora. Inicialmente gostaria de saber por que escolheu o curso de graduação em Educação Física, o que é que mais influenciou nessa escolha?

F1: Na época eu fiz magistério. E aí eu tinha uma professora que me dava didática de Educação Física, e foi através dela que eu comecei a gostar da Educação Física.

P1: Comente a sua graduação, quais foram os conhecimentos e conteúdos que foram mais trabalhados na sua graduação?

F1: Acho que assim, a opinião minha, em alguns aspectos eu acho que ficou bem deficitário na época. Eu mesmo que gosto, que sempre quis trabalhar com os especiais, a gente não viu nenhuma cadeira com relação a isso, eu me lembro de fazer 2 abaixo-assinados na época, mas não foi possível. Eu gostava de natação mesmo, eu fiz a 1 e 2. até eu me formar porque tinha as eletivas e aí não ofereceram a 3 e 4, que eu gostaria que era para gestante e bebês e tal, também não foi oferecida. Então, na verdade as eletivas eu fiz os que tinha, não eram as que eu gostaria. Mas a parte de recreação, a parte de voleibol, foram as melhores trabalhadas.

P1: Certo. E tu achas que esse conhecimento eles prepararam você satisfatoriamente para trabalhar no âmbito escolar? Ou tu acha que está muito distante da realidade escolar na época?

F1: Na época eu achei que algumas coisas estavam outras não estavam tão distante, em algumas disciplinas, principalmente nos jogos esportivos, eu acho que não até. Porque fazia, a gente fazia as atividades, teoria e prática, fazia prática como se fosse assim, para a gente aprender como a gente tem que ensinar, mas também pensando como seria se não tivesse esse material, como é que a gente poderia adaptar. Até porque muita gente que fazia na época já trabalhava. Então, isso é bom, porque já vai dando mais ou menos o que é que é possível fazer.

P1: É.

F1: E eu tive a sorte até, as escolas que eu trabalhei sempre ter um pouco de material, pelo menos, né? Porque eu via que tinham escolas que não tinham quase nada.

P1: E você já teve estagiários durante a sua carreira?

F1: Ah, muitos.

P1: E o que é que tu... como é que considera esses estagiários? Que eles chegam na hora do estágio eles têm algum choque com a realidade escolar ou não?

F1: Tem. É, a maioria tem, teve uma vez que foi assim, tive muito estagiário na época que eu trabalhava, escola no Areal, ali da ESEF. E aí, porque eles não têm muita noção do que é, do que estava esperando eles, entendeu? É bem assim, na época, que agora é diferente. Tu podes escolher se quer bacharelado e não a escola.

P1: Licenciatura ou Bacharelado.

F1: Antes, assim como na minha época tinha colegas que sabiam que não queriam trabalhar em escola e tinham que fazer estágio na escola que detestaram, então, por exemplo tinha um que eu me lembro que tinha um estagiário que saía do Cassino, que dava aula de surfe para dar aula ali, entendeu? Pessoas que não tinham nada a ver com a escola, mas eles eram obrigados a fazer aquilo.

P1: Tinham que fazer em escola e não gostavam?

F1: É. Então, é por isso que é assim, o nível até porque eles não tinham muito interesse. É diferente. Hoje já melhora um pouco porque já está um pouco mais direcionado, acho, com relação a isso.

P1: Como é que a docência, ser professor de Educação Física na educação básica entrou na tua vida? O que é que influenciou mais? Que na carta tu falou que tinha muito medo do que poderia encontrar na escola.

F1: É assim, na verdade eu fiz o meu primeiro grau, eu fiz o 2º grau, eu comecei fazendo curso de auxiliar de laboratório. Não tinha nada a ver, eu não sabia o que eu queria, na verdade. Tanto que eu entrei com 19 anos, porque eu não sabia. Daí eu peguei na época o livrinho do PUG (cursinho universitário

da época) imaginando, aí fui vendo o que é que era, o que é que fazia, onde que trabalhava. Aí: “Tá. Isso aqui eu não quero, isso aqui eu não quero”, aí sobrou a Educação Física, foi assim que eu escolhi haha.

P1: Quando você formou na graduação, tu trabalhou em outras áreas? Outros ambientes não formais?

F1: Não.

P1: Foi direto para a escola?

F1: Direto para a escola, porque em seguida que eu me formei, já fiz o concurso, já entrei. E quando eu estava fazendo ESEF, eu já dava aula em escolinha particular. Aí eu vi que eu gostava, e assim eu não gosto de rotina e gosto de lidar com as pessoas, aí eu pensei que era uma profissão que eu pelo menos vou estar sempre mudando lugares e pessoas se quiser.

P1: Sim.

F1: Mais nesse sentido, e também porque eu gosto de trabalhar com o corpo. Por exemplo, se eu fosse escolher, que eu penso: “Gostaria de ser professora”. Mas entre todas as disciplinas, eu não escolheria outra sem ser Educação Física, porque primeiro não trabalha entre 4 paredes também, por mais que tu tente ser criativo. E segundo que não é aquela coisa mais formal. Eu prefiro uma coisa mais que tu trabalhe o todo.

P1: E como foram as suas primeiras aulas? Quais foram as principais dificuldades que tu teve no... no início da carreira?

F1: É que tem a ver com como é que a gente começa. Geralmente quando tu entra num concurso, infelizmente, os que estão com tempo de serviço vão para as melhores escolas não porque é melhor ou pior, porque as crianças, eu acho ótimo em qualquer lugar. O problema é a organização dos espaços.

P1: As condições do trabalho?

F1: É. Aí o que é que acontece? Aí tu leva aquele choque, por isso que muita gente desiste. Porque já vai direto às vezes para aquele lugar que todo mundo já quis sair e botam uma pessoa nova ali que é justamente aquela que não tem experiência, não sabe o que é que você vai fazer ainda e não tem apoio nenhum. Devia ser o contrário. Só que claro, como aquele outro já está há um tempo (de serviço), então, eles resolvem tipo “melhorar” para aquela pessoa e

botar um novo. Só que nem sempre isso aí é melhor e aí na época eu levei um choque por isso, porque era muito desorganizado.

P1: Não teve o apoio, da direção, a supervisão?

F1: Não tive apoio. E era aquela coisa porque na época: “Ah, faltava um professor, e por ser na rua, eles ficavam todo mundo na rua”. Eu me lembro que era lá no Saldanha da gama, na Bom Jesus. Depois tu te acostuma, mas a gente é observado o tempo inteiro, porque trabalhar na rua, quando vê sempre tem gente olhando. E assim ficava um monte de gente sentado, então não tinha o que fazer, com as mães e coisas, tipo dando palpite, sabe? Cuidando de um, cuidando de outro, e aí mais aquele monte de gente que tu não sabia nem da onde saía, que estava esperando aula daqui, aula dali, aquilo tudo solto assim, aquilo meio que fiquei apavorada, na época.

P1: E atualmente quais tu considera as tuas principais dificuldades na Educação Física na escola?

F1: Olha, eu vou te dizer que eu estou me aposentando em abril, se Deus quiser, março-abril. A minha dificuldade agora é mais de paciência mesmo. Eu estou meio cansada e chega uma hora que tu perde até a coisa da criatividade. Mas por exemplo, eu tenho alunos ali que eu estou desde o pré até o 9º ano. Aí passou cinco anos comigo, tem uma hora que quando é novo, tu vai fazendo as coisas, mas chega uma hora que só fazendo anos naquilo ali... É que nem eu tenho projeto de dança faz mais de 10 anos. Também foi o último ano. Porque mesmo que eu consiga 20 horas, que eu vou tentar como complemento, não vai ser com o projeto. E é difícil por isso, porque tu tem uma hora que é sempre os mesmos, e não sabe o que vai fazer.

P1: Em algum momento da tua carreira tu chegou a pensar em desistir da carreira docente?

F1: Não. Não. Eu sabia que eu não ia ficar rica (acha graça), igual por todas (enfatizou) as dificuldades que eu tenho...

P1: Não ia ficar rico, não ia morrer de fome e então, seguiu e se estabilizou?

F1: É. Exato, é. Não, eu, por tudo, eu acho que tem muita coisa boa assim, o envolvimento que tem com os alunos, e tu vê assim, a satisfação que tu tem. Por exemplo agora há pouco levamos na feira do livro. Sabe a satisfação dos

pais de olhar eles se apresentando, no JEPEL agora, que o Rogerinho levou os que foram meus alunos. Que daí ganharam no xadrez no handebol, por isso que isso é muito legal, né? Isso aí é compensatório assim. Então, vale a pena apesar do esforço, de cada vez não ter como antes que tu tinha ainda um meio de transporte, uma coisa hoje em dia tudo tem que conseguir. Agora nem uma rifa mais pode fazer na escola.

P1: Não permitem mais?

F1: Não permite fazer rifa, os 9º anos faziam barzinho na hora do recreio, também não pode mais.

P1: E em algum momento na tua carreira tu chegou a tirar dinheiro do bolso para comprar material, para aluno, para uniforme, para viagem, para treinar em ginásio como colocasses na carta?

F1: Ah, certo. Esse ano mesmo. Acabamos fazendo isso aí, mas isso aí, eu acho que não tem professor que não faça, é difícil. Porque se tu queres conseguir uma coisa e às vezes tu não consegue, e não vai ser por algum problema que tu vai deixar de fazer, é uma coisa que é tão importante.

P1: Certo. E a partir disso aí, tu considera que a Educação Física na escola, ela é valorizada, ela é reconhecida?

F1: Pois é. Eu coloquei aí na carta, depende da escola, depende da tua parceria, depende...

P1: Condições, contexto?

F1: É. Aqui na escola os professores são bem conscientes, sabe? Tem claro que pode ter um ou outro que até disfarce. Mas eu acredito que a maioria valoriza bastante sim, assim como valoriza artes também, que é uma outra disciplina que é bem desvalorizada, como valoriza a música, né? Como valoriza até a hora do conto que tem escolas que é tipo assim: “Ah, não tem o que fazer , vai pra hora do conto”. Entendeu? Eu acho que é tanto que é importante que na hora de fazer conselho escolar tu faz, por exemplo, tu tem aquele valor para ver o que é que é importante na escola para fazer. E aí sempre pedem de todas as áreas, e aí depois eles discutem para ver o que é que dá para cada um contemplar; No caso, e sempre é na Educação Física é sempre contemplada, Artes, biblioteca.

P1: Certo. Em algum momento na tua carreira tu já trabalhou 60 horas?

F1: Não. Graças a Deus. 1 ano que eu tentei trabalhar à noite, mas eu não gostei, mas não foi, não foi 60 horas.

P1: Em relação ao que tu fez na tua vida profissional, então, como um todo, o t rabalho que tu gostaria de ter feito que tu realizou, em resumo, qual imagem que tu tens de ti como professora? Como profissional?

F1: Ah, eu tenho uma imagem muito boa de mim assim. E eu vejo assim, que eu encontro as pessoas – sabe? – os pais, crianças assim: “Ah, que saudade daquele tempo da dança, que saudade lá da escola”, saudade não sei de que. Às vezes até fico com vergonha, porque eles lembram da gente e a gente não lembra deles. Claro, porque também é difícil, além de serem muitos eles crescem e mudam a fisionomia. Então, eu vejo que algumas coisas, algumas sementinhas eu deixei para alguns.

P1: Sim.

F1: Mas claro que pequei em muitas coisas, fiz um monte de coisa errada. Mas eu acho que no todo eu consegui fazer muita coisa até com toda a nossa estrutura que a gente tem.

P1: Certo. E qual é para ti o principal sentido da carreira docente? O que te fez permanecer na carreira docente por tanto tempo?

F1: Ah, eu acho que não é só o aprender por aprender assim, em termos de conteúdo. Ainda mais eu que estou trabalhando até o 5º ano, que é mais a recreação, os jogos pré- desportivos, não chega a ser regras, esse tipo de coisa. É o conviver, a ser cidadão, esse tipo de coisa assim, que eu acho que é mais importante que é o que eu consegui para alguns. Claro que para outros não. E modificar alguma coisinha que seja.

P1: Sim.

F1: E eu trabalho em cima disso, tanto que não tem quadra coberta nem nada, quando chove ou está molhado, eu trabalho muito em sala de aula. Porque não tem espaço. Aí quando dava eu ia para o auditório que às vezes não tinha horário também. Para estar conseguindo fazer um monte de coisas, então, a gente fazia muita brincadeira, muita coisa diferente assim. Que aí entra nisso, de conversar, de outras coisas.

P1: Tu acha que a precarização da educação pública em geral, a desvalorização do trabalho docente, isso repercute nas aulas? De que forma?

F1: Ah, eu acho que sim porque o professor, principalmente o que está começando agora, cada vez mais ele está desmotivado. Eu se fosse, eu acho que se fosse hoje eu acho que eu tentaria outra coisa até porque... Acho que quem está terminando não está desistindo, mas acho que quem está começando, muita gente está pensando em outras coisas, ou está meio desesperado, porque não sabe o que vai fazer, eu vejo assim.

P1: Sim. E tu achas que para ti permanecer tanto tempo numa carreira que é desvalorizada, tem a ver com a vocação para o magistério? Com amar o que faz? Ou quem não é não desiste nos...

F1: Ah, com certeza. É, eu acho assim, ó: ou é pela vocação, por gostar muito, que aguenta o tranco. Ou às vezes eu vejo também pessoas muito frustradas que passam a vida inteira, acho, muito infeliz, pelo menos se é o que parece nas escolas assim são pessoas que passam a vida inteira reclamando mas não fazem nada para mudar. Isso aí, eu acho que deve ter em tudo o que é profissão. Então, tem esse lado também, de pessoas que não fazem nada, que geralmente são os piores profissionais que tem. Porque como eles se acham um horror, já tem uma autoestima lá embaixo e eles também não proporcionaram o melhor porque eles acham que assim como eles, ah: “Não, o que eu ganho eu faço isso aqui”, não entende que os outros não tem nada a ver com isso. Mas tem muita gente assim também. Está alí porque não tem outra coisa, ou acha que não tem condições de fazer mais nada, já está numa certa idade que não vai mudar, ou não sabe, não tem outra opção, entende? Tem isso.

P1: Em relação ao público e privado, tu chegaste a trabalhar em ambiente formal, ou educação privada? Chegaste a trabalhar?

F1: Eu trabalhei, assim, eu trabalhei por exemplo na escola Menino Maluquinho, mas não assinei carteira, nada, que era de uma amiga minha. Trabalhei um pouco dando aula de ginástica no DAER, que era para os funcionários, só coisas assim. Em outro colégio eu dava aula de ginástica depois do horário para os pais. No centro urbano, social urbano, mas nada formal assim. Formal, não.

P1: E qual é a principal diferença que tu acha que tem entre a educação pública e a educação privada?

Ah, um monte. Com relação à estrutura, o espaço físico; com relação aos docentes, no caso também os professores. E tem professores que trabalham em escola pública e privada que são iguais nas duas, mas tem uns que não são, muita gente sabe. E o próprio aluno é diferente. O próprio aluno. Eu tenho aqui exemplos aqui na escola de professores que trabalham em escola pública e privada, que o depoimento deles é assim, mil vezes eles preferem alunos de escola pública, porque privada eles falam assim, querem fazer uma brincadeira, qualquer coisa: “Ah, eu vou dizer para o meu pai, ah, eu estou pagando”... é tudo assim. E eles não tem essa flexibilidade, eles não conseguem ser natural, entende?

P1: Sim, sim.

F1: E na pública ele sabe que o que ele vai dizer ali vai ser uma brincadeira, que ninguém vai falar nada. Sabe? Não é para falar coisa errada, mas às vezes fala alguma coisa assim, sente mais natural, eles jogam com os alunos, coisas que na privada dependendo do que tu vai fazer, tu já não vai ser bem visto.

P1: E em relação a questões trabalhistas, tu acha que tem maior importância? Nas privadas você não tem a certeza do... do dia de amanhã, podem mandar embora.

F1: Acontece assim, eu tenho amigos que eu sei que às vezes não é que mandem,mas eles perdem horas porque diminui, juntam turmas. Junta turma daí diminui turma, diminui o horário X, Não tem aquela coisa certa. É, outra, bom, a estabilidade vai acabar mesmo. Eu acredito que não vai existir mais concurso, daqui a pouco.

P1: Tu assumiu algum cargo de direção? Algum cargo administrativo ao longo da carreira? Concorreu ou participou?

F1: Sim. Eu fui coordenadora uma época. Mas aí eu não ia continuar... queriam que eu continuasse, mas eu não quis.

P1: Tu cumpriu o mandato, tudo?

F1: Sim

P1: E por que é que tu resolveu assumir a direção, foi diretora de escola?

F1: Não, fui coordenadora. Mas eu fui, mas achei horrível. Se dá certo, ninguém te valoriza. E o que dá errado, parece que a culpa é tua sempre é uma coisa meio louca assim. Então não é para mim não. E aí tu faz menos

trabalho de coordenação muitas vezes porque tu tem que fazer tantas outras coisas que tu acaba que não faz a tua parte, acaba não fazendo.

P1: E que tempo da tua carreira foi isso? Quantos anos você tinha de docência já?

F1: Ah, já tinha mais de 10 anos. Mas eu não... primeiro porque eu não sei se... eu não sou líder assim, eu não gosto de mandar, eu gosto de fazer a minha parte e o que eu acho que está certo, está certo. E que eu começo a ver as coisas erradas, eu tenho dificuldade de dizer para o outro assim, ainda mais sendo colega. Que está errado, coisa assim. E outra coisa, e coordenação, tu trabalha mais do que ser direção, serviço de direção.

P1: E as suas aulas, elas foram mais influenciadas pelas aulas que tu teve quando... na tua formação na Educação Física? Ou mais após a experiência ao longo dos anos? Ou tu.chegaste a ser atleta?

F1: Não, pelo contrário. Até eu fazia Educação Física só no Pelotense na época. E... assim, quem influenciou mais é que eu fazia tudo que era curso, na época que eu estava na ESEF. Me enfiava em tudo que era curso, fazia tudo que era curso e sempre para o lado da recreação, que eu gostava bastante de psicomotricidade. Então, muita coisa peguei desses cursos e um pouco até do magistério, que eu tinha algumas coisas que a professora fazia, que eu achava que era importante. Eu achei assim, eu fiz 2 anos lá no São José magistério, os 2 anos que eu aprendi com ela aprendi muito mais, alguns professores que tem na ESEF, entende? Que também era a parte que eu gostava. Então... então, mais por isso, aí também pela experiência, claro.

P1: Tá. E tu és sindicalizada?

F1: Sou sim.

P1: Por que e como que se dá a tua participação no sindicato?

F1: Eu sou suplente de delegado. Sempre participei, agora mesmo fiz greve, eu estaria até recuperando aula hoje pela greve, mas, enfim, tive que fazer essa cirurgia. de última hora.

P1: Como que tu considera a atuação do sindicato das demandas da classe docente?

F1: Eu acho assim, que com tudo, e eles têm ouvido muita crítica. Mas eu sempre apoiei muito o sindicato e desde o início que teve professores, já passei, imagina, eu estou há 25 anos, então, eu já passei por vários prefeitos e vereadores e vários sindicatos. A única coisa que agora esse sindicato de agora formado não tem nenhum professor. Então, tem algumas coisas que para a minha área acaba... porque claro, eles têm que pegar,. é azulzinho, são funcionários. E claro, aí fica mais difícil. Uma merendeira ou até não sei o que, então, fica mais complicado. O certo seria que tivesse algum professor nesse sindicato. Uma época tentou fazer divisão que nem tem no Estado, só que aí até eles foram nas escolas, mas era muito fraco, eles não sabiam nada. Aí não adiantava também ter um sindicato fraco. Mas eu, eu sou a favor, no futuro, se tivesse como separar, que fosse bom, seria melhor para nós, mas por enquanto... mas eu acho que com tudo eles desenvolvem um bom trabalho.

P1: E como tu considera o plano de carreira do magistério, de professora?

F1: Vixe. Pois então. Eu acho que a gente tentou construir durante um tempo um plano de carreira, na época do Marroni. Que aí, não passava. E agora o que ela quer fazer? Ela quer construir um outro em cima que vai acabar com todas as vantagens, tudo o que a gente tinha conseguido no anterior. Então, na verdade a gente não tem estabilidade nenhuma nesse sentido, porque tu passa anos às vezes fazendo, é que nem o pacote do Estado agora, passamos anos tentando garantir algumas coisas para ti e daqui a pouco muda o governo e no outro ano pode botar tudo abaixo. E é isso que acontece. Então, a gente como está agora não é dos piores, mas vem bomba por aí. Porque está acabando.

P1: Sim. Eles querem pagar o piso, mas tirar do outro lado, né? Aí o piso nacional que seria o... a partir do piso, que deveria ser o salário, o piso vai acabar sendo o topo.

F1: Sim. E que na época que o Eduardo Leite foi candidato, ele dizia que pagava. Mas não pagava. Aí depois o que é que acontece agora? Todo mundo está ganhando pela Justiça o piso. O que é que ela está fazendo? Ela está diminuindo o resto, tudo. Eu mesma não ganhei piso ainda, porque eu ia ganhar o piso, aí eu fui na advogada do sindicato e ela me disse assim: “Para ti é melhor ganhar o piso depois que te aposentar porque se tu ganhar agora, tu vai baixar o teu salário”, entendeu? Então, o que é que eu fiz? Eu retirei a

minha, retirei lá o negócio e agora recém que eu entrei de novo na ação contra o piso. É uma loucura, isso. Para receber o piso.

P1: Sim.

F1: Então, tudo tem a hora-atividade que querem tirar, querem tirar tudo. Então, em geral é só ir olhar as cidadezinhas por perto está um pouco melhor, mas também já diminuiu bastante do que era. Eu me lembro, quando eu ingressei em Pelotas a gente teve o concurso de Capão do Leão e era mil vezes melhor, tinha até 14º, tinha um monte de coisas. Hoje em dia já não é assim também. Rio Grande também era uma maravilha, eu tenho colegas que estão no Rio Grande também. Que ganham o piso. Mas agora eles já têm que ficar mais tempo lá na escola do que era antes, entendeu? Tem muita gente, eu tenho duas colegas que se aposentaram com 25 anos em Rio Grande. Hoje em dia elas teriam que ir mais dias da semana por 20h. Então, quer dizer que está ficando difícil para todos, assim também.

P1: Ainda sobre esse tema e como é que tu considera a relação com educação dos atuais governos municipal, estadual, federal?

F1: Ah, tudo está o caos. Está tudo cada vez pior assim. Eu não sei o que é que vai ser da educação pública, sinceramente.

P1: Difícil ver uma luz no final do túnel?

F1: É. Fico com pena porque cada vez mais acho que os pobres daqui a pouco não vão ter mais chance de fazer uma faculdade, Pelo o que eu vejo assim, o Estado, eu acho que vai acabar privatizando tudo e só vai cada vez mais os que tem mais vão conseguir mais e os que tem menos não vão conseguir. Entendeu? Ou vai ter uma revolução, porque não consigo ver uma mudança.

P1: Certo. E tu acha a relação entre escola e sociedade? Tu acha que a sociedade e a escola, os alunos, a sociedade em geral, ela mudou muito de quando tu iniciou a tua carreira e agora que tu estás perto de se aposentar?

F1: Eu acho que a sociedade e as pessoas, os alunos, é outra geração, Eu até coloquei na carta que se fosse hoje, até mesmo que eu tivesse com toda a minha paciência do mundo e que eu ganhasse muito, eu não ia continuar por muito tempo, porque eu já não acompanho mais eles, sabe? É jogos eletrônicos, não sei o que, eles falam umas coisas em coreano, umas coisas que eu não acompanho mais. E eu acho que aí tem que ser uma outra geração

que tem a ver com a cultura deles para poder fazer eles terem interesse. Porque também se eles vão para a escola e não tem interesse, não adianta nada, vão fazer o que lá? Então, fica em casa. E eu acho que a escola tem que dar um a mais. A partir do momento que eu começo a ver que não está acrescendo nada ali, para mim é perda de tempo. E é o que eu tenho visto agora, porque a escola hoje em dia, olha, para ela chamar a atenção, ela tem que se virar. Imagina uma pública (escola).Ou o professor tem que ser muito criativo, ou tem que ser muito carismático com os alunos, alguma coisa ele tem que ser diferente, que senão, uhn-uhn.

P1: E aí, qual é a relação entre a tua vida pessoal e a tua vida profissional? Tu consegue diferencia-la?

F1: Ah, eu consigo. Graças a Deus. É isso que eu não quis ser mais coordenadora, nem nada. Que eu não fico pensando às vezes, mas não, para mim a minha vida pessoal é outra coisa diferente. Mas é isso, é uma das vantagens que eu vejo, se só é professor, é isso que tu sai tu faz as coisas, tem que fazer parecer fácil, tu tem que fazer as tuas notas, tu faz; tem que fazer as tuas atividades, tu faz. Às vezes eu estou em fim de semana, eu estou deitada e pensando: “Ah, posso fazer isso”, mas é uma coisa natural, entende? Agora, esses 3 anos que eu fiquei de coordenadora tinha que digitar o parecer de todos os professores, tinha que discutir.

P1: Preparar reunião, tudo?

F1: Ah, Deus me livre. Ah, olha, sinceramente, tem que gostar muito. E financeiramente também não vale a pena. Ganhava a mesma coisa então, porque tu perdia a hora-atividade que tu não está na sala de aula, não dava assim.

P1: Certo. E a partir então, dessa desvalorização da educação em geral e o trabalho docente, o que é que fez você ficar 25-30 anos nessa profissão?

F1: Ah, é porque eu gostei de ficar. Eu me satisfaço, eu gosto de trabalhar com as crianças, gosto de trabalhar com os adolescentes. As coisas que a gente fazia era satisfatório. Mesmo tendo o lado negativo, eu tinha mais positivo do que negativo. É por isso assim.

P1: Tu falou um pouquinho antes já no início ali, e na carta, mas se tu pudesse voltar no tempo e escolher, tu faria a opção novamente para formação em Educação Física? Escolheria ser professora novamente?

F1: Escolheria. Eu, na época, a única coisa que eu estava pensando, a única coisa que eu pensei na época, mas eu não tinha condições, porque só tinha em Bagé e eu já tinha que escolher uma coisa eh ser federal. Era fisioterapia, que eu gostava. Mas não tinha na época na Federal. Não sei se agora tem.

P1: Esse ano vai ter.

F1: É?

P1: É mesmo lá na ESEF mesmo, vai entrar, começar fisioterapia.

F1: Isso é uma coisa que eu gosto. Mas na época eu nem pensei, porque não tinha, não pensei. E a minha irmã fazia engenharia elétrica na época na católica. Nós somos quatro. E aí, já pagava. Então, no resto teve que fazer pública.

P1: Como é que foi a reação da tua família quando tu falou que ia fazer Educação Física?

F1: A mãe? Não. Não interferiu em nada. A minha mãe era psicóloga, ela ficava, é ótimo, fazendo algo já é conta. E para o meu pai o importante era fazer uma faculdade.

P1: Tu estas ansiosa pela aposentadoria?

F1: Eu estou não é ansiosa, na verdade eu estou ansiosa para ver o que é que eu vou receber. Porque eu não sei. Porque assim, eles fazem uma média dos 36 meses, os últimos. E eu na verdade tenho 20 horas de concurso.

P1: Mas você vai se aposentar em uma matrícula?

F1: Uma matrícula, só que toda vida eu tive 40 horas. Tanto que eu não fiz mais concurso porque ia abaixar muito o meu salário. Só que aí, no final das contas, dizem: “Não, é certo que está incorporado”. Então, nas contas agora não tem mais isso. Então, o que é que vai acontecer agora em dezembro? Eu perco 20 horas. Aí eu vou tentar agora de novo. Aí eles fazem a média de 36 meses, todo o tempo que eu tive para fazer o que eu vou receber, entendeu? E o ano passado é que eu perdi isso. Então, eu já perdi em janeiro e fevereiro do ano passado eu já recebi por 20h. Então, eu não tenho ideia do que é que eu vou receber, eu não sei se eu vou conseguir as 20 horas, entendeu? Nesse sentido de estar um pouco preocupada com o que é e que vai acontecer no final, não sei se eu vou ganhar o piso, entrei com advogada, que eu não tirei nenhuma licença prêmio e eu queria em dinheiro no final, a minha ideia sempre

foi essa, eu achei que era certo, ia me aposentar e iam me pagar 1 ano e 3 meses. Agora tive que entrar na justiça. Aí eu entrei, eles não dão nem papel porque eu preciso do papel para entrar na justiça, né? Advogada disse. Eles não estão me dando nem papel porque eles descobriram que todo mundo está fazendo isso. Entende?

P1: Estão dificultando ao máximo?

F1: É. Então, é mais nesse sentido financeiro. Mas eu quero fazer outras coisas. Não vou ficar parada.

P1: Sim. Se tu tens algo que tu gostarias de falar que tu achas importante? Não foi questionado por aqui? Sobre a carreira docente?

F1: Não, a única coisa é assim, não sei se o teu trabalho assim, com relação às pessoas que assistirem, se elas estão começando ou não antes disso, de pensar. Antes se realmente elas gostam ou se não gostam. Porque se não gostam e acham que não é compensatório, sempre dá um tempo de mudar. Eu sei de pessoas que começaram e estão fazendo outra coisa. Agora, se gostar eu acho que vale a pena, porque isso também por dinheiro, tudo. Se a pessoa for um bom profissional, ela pode conseguir muita coisa. Ainda mais na nossa área, tu pode de repente trabalhar numa escola e trabalhar em outra coisa. É que eu sei, eu sou mais acomodada mesmo. E eu prefiro ter a minha vida aqui, entendeste? Ir viajar e tal, porque eu sou assim. Mas se a pessoa é mais ambiciosa, ela consegue mais coisa. Tem gente que trabalha 60 horas, sei lá quantas horas e é feliz e viaja nas férias, bem faceira. É que eu nunca tive esse perfil de ficar trabalhando, de manhã, de tarde, de noite. Para mim isso não é qualidade de vida, mas tem gente que consegue. Tem gente que trabalha 60 horas e faz um monte de coisa, e sai no final de semana e viaja, eu não sei quantas horas entende, mas que as pessoas fazem, fazem. É que eu não tenho esse perfil, mas se a pessoa tem, acho que tem mais que correr atrás mesmo.

Local Entrevista: Escola	**Data:** 12/03/20	**Iníco:** 9h	**Término:** 9h43
Nome: Professor Ernesto	**Ano nascimento:** 1964	**Ano concluiu graduação:** 1988- ESEF/UFPel	
Pós-graduação: 1- Especialização em Gestão Escolar;			
Ano Ingresso RMEPel: 1988	**Tempo trabalho RMEPel:** 32 anos	**Tempo Geral Magistério:** 32 anos	
CH atual: 40h	**Nª escolas que trabalha:** 2	**Outra Rede Ensino:** Não **CH:** -	
Outro trabalho/renda: Não	**Estado civil:** Casado	**Nº filhos:** 1	

PARTICIPANTES

P: Perguntas

R: Respostas

P: Bom dia então, professor.

R: Bom dia.

P: Eu gostaria de saber inicialmente por que o senhor escolheu o curso de graduação em educação física, o que mais o influenciou nessa escolha?

R: Bom, o que mais me influenciou foi o gostar da educação física. Sempre pratiquei, sempre gostei. E na minha infância até lá pela oitava série – porque era série –o professor incentivava bastante a prática do esporte, gostava muito, tratava bem a gente, foi mais isso.

P: E o senhor estudou em escola pública?

R: Escola pública sempre.

P: Em relação à graduação, quais conhecimentos, que conteúdos foram mais trabalhados na sua graduação em educação física?

R: Trabalhei bastante atletismo, quando me formei a educação física era ainda 3 anos, mas era tempo integral, e tu fazia técnico em desporto. Aí fiz os quatro desportos: handball, basquete, futebol e vôlei, aí saía técnico em quatro desportos, nesses quatros. E ginástica, gostava bastante da ginástica. E foram esses mais.

P: E o senhor acha que esses conhecimentos o prepararam satisfatoriamente para o senhor atuar na escola?

R: Eu tenho certeza que sim, porque nós fazíamos bastante extensão, o professor principalmente de atletismo nos levava para as escolas, a gente tinha

projetos, a gente trabalhava bastante na escola. Em recreação também trabalhei no instituto de menores, tinha. E isso ajudou bastante. Eu acho que está bem tranquilo para iniciar. Mas, claro: o trabalho formal, vamos dizer, com professor formado, mas não que a gente não tivesse a responsabilidade monitorada pelo professor e tudo, sempre se fez um trabalho que eu acho que era satisfatório.

P: O senhor já teve estagiários ao longo do seu trabalho, já teve estagiários?

R: Eu tive estagiários antes de eu entrar para a direção, que eu fiquei 11 anos na direção dessa escola. E antes de eu entrar para a direção eu tive 1 ano de estagiários, não sei que ano foi, mas foram 6 meses de cada estágio.

P: E como é que o senhor considera esses estagiários, acha que eles chegavam muito assustados com a realidade escolar?

R: Não sei se assustados, um pouco, mas eu acho que é assim, a falta de experiência, e o ambiente novo. E depende também da recepção. Eu acho que recebi bem o estagiário, estava sempre junto com eles, eu não me afastava. Junto eu digo: ficava na escola. Não que fosse influenciar no dia a dia das atividades dele. Mas eu sempre procurava estar à disposição de alguma coisa, quando desse algum problema com o aluno, sempre dá. A gente conversava. Mas eu achei que foi bom. Ele não estava assustado, eu acho que foi só aquela questão da experiência, de não ter essa experiência. Mais ou menos isso.

P: E como que a docência, ser professor de educação física entrou na sua vida? O que mais influenciou na escolha de ser professor?

R: Eu acho que foi aquilo o que eu falei inicialmente. Eu não me via em outra área porque a gente podia trabalhar... quando eu me formei, em academia, assim, mas eu sempre procurei a educação física na parte escolar. E sempre gostei de trabalhar com escola, isso foi uma coisa que aprendi aquilo do professor que te falei, de tratar o aluno bem, de incentivar o aluno quando eu estudava, aquilo foi ficando em mim e eu acho que foi isso o que me fez optar pela escola, pelo trabalho com os alunos. Me satisfaz, me satisfez bastante.

P: E nessa parte, o senhor falou que inicialmente o senhor iniciou numa escola rural, não é?

R: Isso.

P: E quais foram as suas principais dificuldades no início da carreira?

R: A dificuldade eram muitas. Dificuldade, primeiro que tu para chegar até a escola era quase 1 hora de ônibus, para ir e 1 hora para voltar. Isso foi em

1988, a escola não tinha quadra, não tinha campinho de futebol, não tinha espaço para tu trabalhar. Trabalhava no terreno de um vizinho que ele cedeu e fizemos um campinho, mas com sol, com chuva, então era muita dificuldade, muitas vezes tinha que trabalhar em sala de aula. Não tinha espaço bom. Essa foi a maior dificuldade de iniciar lá, mas era escola de zona rural, os alunos, os pais, professores, o ambiente era muito bom. Alunos interessados, educados, era bem interessante. Mas essa parte, da estrutura física e material até hoje a gente tem esse problema nas escolas.

P: Na zona rural são piores ainda esses problemas ou não, de infraestrutura.

R: Era, tem espaço, na zona rural tu tem espaço. Mas nessa escola que eu trabalhava, ela não tinha muito espaço físico. E agora, faz uns anos que eu passei, construíram uma pequena quadra, mas ela tem essas dificuldades.

P: E quais foram os anos mais difíceis da sua carreira e por quê?

R: Olha, os mais difíceis foram nos iniciais, porque eu trabalhava na zona rural aqui em Pelotas e eu era professor do estado no Canguçu, então era ônibus nos dias para ir para a escola aqui, e ônibus. Então eu passava mais tempo dentro de ônibus do que propriamente trabalhando com as crianças. As dificuldades foram estas.

P: E o senhor pode dizer quais foram os melhores anos da sua carreira, os melhores momentos?

R: Olha, por incrível que pareça, eu trabalhei cinco anos na zona rural, foram anos ótimos. As escolas eram longes, mas eu conhecia os outros professores, as outras escolas, a gente fazia campeonatos, a gente fazia atividades em conjunto, a gente participava de jogos. Trabalhei até com dança com os alunos lá da escola da zona rural. E em Canguçu, que foi outra escola do estado que eu trabalhei, mas trabalhei só 3 anos também. A escola alugava um ginásio, e a gente sentia a possibilidade de fazer atividades, eu trabalhava com o ensino médio lá, o antigo segundo grau. E esses anos foram muito bons, muito bons mesmo.

P: Em relação ao que o senhor fez na sua vida profissional, o trabalho que o senhor realizou e o trabalho que o senhor gostaria de ter realizado, qual é a imagem que o senhor tem de si como professor?

R: É uma satisfação. Eu acho que dentro das possibilidades e das condições que tinha, mesmo não tendo muitas condições a gente ia buscar alternativas, é uma satisfação muito boa, o reconhecimento dos alunos. Hoje eu encontro alunos... quer dizer, eles me encontram que às vezes nem reconheço, alunos que eu dei aulas, há anos e anos, já são pais. Hoje aqui na escola eu dou aula para os filhos dos meus alunos dessa escola, e é uma satisfação muito boa.

Acredito que fiz um trabalho bom na parte profissional, na educação física mesmo, desenvolvi um trabalho bom. Mas a gente é muito limitado em material, espaço físico. Meu início nessa escola também limitou.

P: As condições limitam muito o trabalho?

R: Limitam. O trabalho é muito alternativo. É o que eu digo para os alunos. Nós vamos jogar com a bolinha de papel, e nós vamos para uma competição. Os caras estão jogando uma quadra com uma bola oficial. Por mais que tu te esforce, na hora de competir com outras escolas ou com outros estabelecimentos tu fica para trás, mas o trabalho com eles, eu acho que desenvolvi de uma forma bem boa.

P: E qual o principal sentido da carreira docente para você? O que te fez permanecer nesse serviço, nesse trabalho por 25, 30 anos?

R: Eu acho que é o gostar. Eu gosto muito de trabalhar em escola, gosto muito de trabalhar com as crianças. Sempre a gente tem, por mais problemas que tenha, tu tem uma resposta boa dos alunos. Hoje um pouquinho mais difícil de você trabalhar com adolescentes, mas tem uma resposta boa dos alunos. Conforme tu os trata, eles te tratam também. O aprendizado deles, por mais dificuldades que tu tenha no espaço físico, material, até às vezes no trato com eles. Mas eles respondem, eles aprendem, eles conseguem. E a educação física praticamente todos os alunos gostam, então se interessam bastante.

P: E como que o senhor analisa a trajetória das políticas públicas ao longo desse ano, como é que elas interferiram no seu trabalho?

R: A gente vê assim, não sei se é uma falta de respeito, um descrédito, um desinteresse. Por mais que digam que, “ah, é políticas públicas, a educação se valoriza”, mas no dia a dia tu vê coisas, dificuldades que tu tem para desenvolver teu trabalho, bastante cobrança por um lado. A questão financeira a gente nem fala, porque se fosse ver a questão financeira o professor desiste. E acho não, tenho certeza, ficou a desejar um olhar para a educação não só para os professores, mas para a escola em si.

P: E como que o senhor acha atualmente a valorização da Educação nos governos municipal, a Paula; estadual, Leite; o Bolsonaro?

R: Bah, vamos falar da nossa amiga Paula, vou te contar, do Eduardo também. Vem uma crescente de cobrança, só de cobrança, falta de respeito. Basta ver no estado: professor recebendo atrasado há 5 anos, sem reajuste há 5 anos e esse ano ainda um massacre.... A Paula também, vai tirar de quem ganha menos, vai tirar de quem diz que valoriza. Eu acho que a única mulher prefeita da cidade, primeira e única professora, massacrando os professores, tentando tirar direitos, cobrando. Vamos falar até de perseguição. E a nível nacional nem se fala. Bolsonaro e nosso ministro da educação é um terror.

P: E como o senhor acha que essa precarização da educação pública, essa desvalorização, como é que repercute nas aulas e na formação dos alunos?

R: Repercute, porque desestimula o profissional, falta recursos, falta apoio, um olhar no dia a dia, não só na cobrança de resultado, ao meu ver eles só querem resultados, aprovação, aprovação e não aprendizagem do trabalho em si com os alunos, o que interessa mesmo dos alunos, que eles saibam, que eles sejam bem tratados, isso fica em segundo plano.

P: E o senhor acha que a educação física no âmbito escolar é valorizada?

R: Olha, eu acho que não. Estão até diminuindo a carga horária. Esse ano, por exemplo, aqui na escola nós tínhamos do sexto ano ao nono três aulas, agora diminuíram para duas. Eu não sei se é em todas as escolas. E cada vez diminuem menos a carga horária. E uma cobrança a mais dos professores. O próprio espaço físico, se pensa em toda a escola, nas salas de aula e tudo. A sala de aula do professor não é só a quadra, o espaço físico. Tem escola que não tem espaço físico para trabalhar. Eles pensam na escola, constrói a escola e esquecem da educação física. E tem escolas assim mesmo, eu conheço outras escolas, converso com colegas e a própria direção da escola às vezes não valoriza, “ah, manda para a educação física, ah o professor de educação física”. Então tudo é o professor de educação física.

P: E suas aulas, elas foram influenciadas com o que o senhor teve com a experiência na graduação ou outros professores que o senhor teve, ou o que conta mais é a sua experiência acumulada ao longo dos anos?

R: Eu acho que é um pouco de tudo. Algumas coisas que eu gosto. Eu trabalhei com crianças, até o ano passado, do pré ao nono ano. Então por mais que tu goste ou que tu tenha formação, que fosse atleta de futebol, do atletismo, basquete qualquer. Quando tu vai trabalhar com crianças de pré, primeiro, segundo, terceiro ano, tu não vai trabalhar essas coisas específicas. Estou indo trabalhar o conjunto com a crianças, aqueles pré-requisitos que tu tem que trabalhar, que tu tem um plano de trabalho, tem alguma coisa a cumprir. Que o professor tenha os conteúdos, tu tenha a proposta de trabalho que ela também é regida por um documento, não pode simplesmente tirar da tua cabeça. Gosto muito do futebol, do vôlei, atletismo, procurei trabalhar as coisas da minha formação, coisas que me influenciaram lá quando eu era aluno, eu acho que de tudo um pouco. Queria que trabalhasse em todas as coisas. Até para tu não deixar o aluno prejudicado, “olha, eu gosto de futebol, só trabalho futebol”, e por mais que a gente gosta, país do futebol, mesmo estando em queda agora nosso futebol, tu não pode trabalhar só uma coisa. Professor de matemática gosta de fração, vai trabalhar só fração? Não.

P: E qual é a relação entre escola e sociedade ao longo desses seus 25, 30 anos de carreira, o que mudou em relação aos alunos, à família, à sociedade em geral?

R: Você diz em relação à educação física?

P: Sim, e em geral.

R: Não, hoje a gente tem pouca participação. Quando eu entrei aqui na escola, eu tinha muito mais participação dos pais, dos alunos mais interessados. Hoje os alunos são mais dispersos, tudo chama a atenção deles, menos o que tu está fazendo é interessante. A gente costuma brincar, tem um pouco de sério também, tenho bastante alunos, estudantes poucos. Que tu vê o desinteresse, tu vê. Uma coisa que está notória. Ela atinge a educação física, ela atinge a matemática, o português. Todo mundo comenta, a gente vê pelo dia a dia deles, parece que eles aprendem menos, se interessam menos.

P: Devido a que o senhor acha isso?

R: Eu acho que é um conjunto de fatores. A falta de atendimento dos pais no dia a dia do aluno, não vê como é que está. Tem aluno que chega aqui no início do ano e só vamos conhecer o pai no final do ano. O pai não está junto, os pais não estarem junto com os alunos, acompanharem o dia a dia da escola. Eu acho que está muito... vamos dizer, uma falta de responsabilidade. Tem culpa o professor um pouco, tem. Nós não estamos fora desse contexto, todo mundo envolvido. Pais, alunos, a escola, a comunidade. Mas eu acho que tu vê o conjunto de coisas. É o que eu digo. Se o estado, o município e a união não valoriza o professor, tu tem que mendigar para ter um recurso, tu tem que mendigar para receber o teu salário, como é que esses alunos estão vivendo isso. Eles estão vendo, como é que eles vão valorizar numa pessoa que é desvalorizada? Então é um conjunto de fatores. Eu acho que está muito mais difícil de trabalhar e isso tu pode perguntar para todo mundo, está bem mais difícil.

P: E qual é a relação entre profissional e pessoal na sua vida? O senhor consegue, por exemplo, estar trabalhando aqui. Chega em casa, o senhor consegue se desligar ou o acha que no bojo é um só?

R: Eu consigo desligar mais quando eu chego aqui, daí eu trabalho, consigo fazer bem isso. Por mais que a gente fique pensando, eu consigo desenvolver meu trabalho. Em casa também, mas menos. Quando chega em casa, claro, é outro ambiente, ambiente de casa. Como é formal aqui eu procuro não deixar que os alunos, professores, os colegas, os pais... claro que a gente tem algum problema, não vai ficar igual como se não tivesse. Mas eu procuro não deixar influenciar, pelo menos aqui no meu trabalho.

P: É sindicalizado?

R: Sim.

P: E como se dá a sua participação no sindicato?

R: Já fui bem mais ativo. Sou sindicalizado, já participei da diretoria de sindicato, sempre fui assim. Hoje mais de longe, assim. Claro, participa das manifestações, das assembleias, procuro estar sabendo o que acontece, emitir minha opinião. Mas a atuação em si. Até mesmo 40 horas dentro da escola é difícil participar de algo.

P: Não tem dispensa para isso?

R: Dificilmente tu consegue, mas quando tem as manifestações, os atos, as assembleias, chamadas, eu procuro estar.

P: E como o senhor considera a atuação do sindicato nas demandas da classe docente?

R: É aquela coisa: todo mundo diz assim, “ah, o sindicato é fraco”. Não, “ah, o sindicato não faz isso”. Só que o sindicato não tem a caneta para dar reajuste, para mudar o ambiente da escola. E luta. Tu tem lá nove, dez pessoas que representam 6, 7 mil funcionários, não vão levar e fazer um prefeito, um governador, ou algum secretário mudar de opinião, com o peso de sete, oito pessoas se não tiver atrás, os sindicalizados, os trabalhadores. Eu acho que faz o possível, porque eu vejo assim, “ah, porque não entra na justiça?” Nós temos nosso piso, 2008, 2011 me parece que o Supremo diz que tem que pagar. Hoje está se entrando ainda e demorando, tem professores aqui que faz 6, 7 anos que entraram na justiça. Então o sindicato – e eu sei por que eu já estive lá – quando tu entra na justiça tu esquece. O melhor é tu tentar negociar sem entrar na justiça. Porque além de entrar na justiça, quando tu ganha, se é um valor acima de X, vai para precatório e aí tu não recebe nunca. Eu recebi o ano retrasado um precatório de 26 anos atrás.

P: Imagina. E como o senhor considera o plano de carreira do magistério da prefeitura?

R: Poderia ser melhor, sabe. É um plano que para época – eu até estava junto, estava no sindicato quando foi feito – para a época foi um plano bom. Eu acho que tem que ter alterações, mas o que acontece? Falar da Paula, dos outros que fizeram, principalmente da prefeita Paula. Ela quer alterar para piorar. A gente sabe que colocar o piso nesse padrão, vai ter que dar um reajuste bom. Não que a gente não mereça. Eu até entendo que o município hoje não teria. Mas eles querem alterar, dar o piso e tirar todo o resto que a gente tem. Então quando é que tu vai fazer carreira, tua carreira? Vai ser o piso, entende? Então não valorizam, eu acho que tem que alterar alguma coisa. Até porque a gente tem uma insegurança jurídica. O ano retrasado, 2018, foi retirado porque estava conseguindo na justiça retirar o que chamam de penduricalhos que não

pode, aquele efeito cascata. Sim, mas aquilo não fui eu que fiz a lei, o prefeito fez a lei, ele aprovou, os vereadores aprovaram. Teve uma assessoria jurídica da prefeitura, assessoria jurídica da Câmara, foi aprovado. Ah, quis tirar... aí vai para a justiça porque o juiz disse que não pode mais, mas não fomos nós que fizemos a lei. Aí tem uma coisa que tu recebe, um valor que tu recebe há 20 e tantos anos, e simplesmente o prefeito diz que não é. Sim, mas eles que fizeram a lei, eles que têm que saber se aquilo é legal ou não. E aí vem e retira. E simplesmente retira, não coloca nada no lugar.

P: É complicado. Em algum momento da sua carreira o senhor chegou a trabalhar 60 horas?

R: Não, nunca. Nunca. Eu sempre disse, “quem trabalha 60 horas não vive”. Eu tinha isso na minha cabeça e falava, “não vou trabalhar”, a não ser que surgisse uma necessidade muito grande, um problema financeiro muito grande, mas 60 horas nunca trabalhei e ainda bem que não precisei.

P: Em algum momento da sua carreira o senhor teve que tirar alguma licença à saúde ou por motivo de doença laboral, do serviço?

R: Eu tirei uma licença, eu estava dando aula e rompi o tendão, fiquei 6 meses afastados. A única licença que eu tirei assim grande. Licença de 1 a 2 dias, alguma coisa. Mas essa foi a única licença que eu tirei.

P: E o senhor está muito ansioso pela aposentadoria?

R: Não, até que não. Ansioso por parar de trabalhar, não. Ansioso pela insegurança, porque o ano passado era para me aposentar... fui na Secretaria de Administração era em 1º de fevereiro, aí quando eu fui para assinar era 1º de abril. Eu estava mais ansioso pela minha complementação de carga horária, que eu tenho uma matrícula de 20 horas, e mais uma complementação há 25 anos de 20 horas, e o ano passado cortaram 2 meses, aí recebi metade do salário. E pela questão da reforma da previdência que eu não sabia se ia me atingir, quanto ia me atingir, então eu estava ansioso nessa questão.

P: Mas vai conseguir incorporar essa complementação?

R: Consegui, mas vou perder 4 meses porque para nós são os últimos 36 meses. Então eu já perdi quatro meses na minha média porque perdi quatro meses de salário, metade do salário ano passado. Recebi só sobre 20 horas. Então veio duas da minha... Mas eu estava ansioso não por deixarem, eu trabalharia mais um tempo. Mas só por essa insegurança jurídica de não saber como é que vai ser o teu salário, como é que vai receber.

P: Certo. É que na sua carta o senhor escreveu que estão há 30 anos trabalhando, continuam recebendo o mesmo de início da carreira, as

mesmas faltas de condições, falta de respeito da prefeitura. Por que o senhor acha que é tão difícil mudar algo assim, essa realidade?

R: É como eu disse na carta, eu acho que eu falei que eu fui numa assembleia, e vi um senhor que ia se aposentar, “vou me aposentar faz 30 anos”, e hoje eu estou com 32 de município, e mais 30 e tantos, e continua a mesma coisa. Eu vejo hoje, falando em educação geral, vejo minhas colegas merendeiras, funcionárias, monitoras, pessoal da limpeza, eles não têm carreira, eles entram ganhando salário mínimo e se aposentam 30 anos depois recebendo salário mínimo. Eu consegui algumas coisas porque eu consegui que a minha gratificação de direção fosse incorporada, eu consegui esses triênios que a gente tem, incorporar alguma coisa, então já é um ganho. Essas minhas 20 horas de complementação eu consegui. Mas o professor que trabalha 20 horas, que quer ficar em casa as outras 20, se não tem marido, se não tem esposa que vai trabalhar também, não consegue sobreviver. Então nesse ponto tu vê a falta de consideração financeira, a falta de consideração no trabalho, que é a cobrança e exigência, e pouco retorno que tem, pouca ajuda para desenvolver um bom trabalho, no geral. Por isso que eu falei quando eu fui para aquela assembleia, vi aquela pessoa falando, aquele senhor e hoje a gente tem a mesma coisa, e não é só a nível municipal, estadual, federal, hoje os professores federais que ganham um pouco mais, perdendo, sem reajuste, perdendo condições de trabalho, universidades sucateadas, o estado sucateado, município também.

P: E por que o senhor acha que é tão difícil mudar isso? Acha que é questão de política mesmo? Política e interesse?

R: É política e interesse, é visão de educação... Eu acho que, acho não, tenho certeza. se tu tem uma educação valorizada, consegue fazer um trabalho bom para o aluno, um aluno pensante, um aluno atuante, um aluno que participa, um aluno que sabe o que está acontecendo, não só na escola fundamental, mas que chegue no ensino superior, que ele participe, que ele veja a necessidade. Então tu dá menos condições, a pessoa não se forma bem, não adquire uma boa consciência, não participa no dia a dia da escola, seja ela escola fundamental, seja ensino médio, seja ensino superior. E eu acho que é falta de interesse político mesmo, para não formar pessoas engajadas, pessoas que disputam, pessoas que vão cobrar depois.

P: E se o senhor pudesse voltar no tempo, o senhor escolheria novamente a opção pela formação em educação física, pela carreira de professor?

R: Eu acho que sim. Eu posso dizer que tive uma satisfação muito boa, um retorno muito bom por parte dos alunos e colegas, os pais, reconhecimento dos pais. O que faltou foi, assim, um pouco de reconhecimento do poder público enquanto as condições de trabalho e a remuneração, o salário do professor.

Isso influencia muito no dia a dia porque uma pessoa trabalhando bem, recebendo bem, até a cobrança pode ser maior. Se tu recebe bem, por que tu não trabalha bem, vamos dizer? Se fosse esse o caso. Eu acho que até escolheria, eu acho que até continuaria com essa mesma ideia. Tive muito prazer em trabalhar em escola com os colegas, os alunos.

P: Em algum momento da sua carreira o senhor assumiu cargos administrativos, direção, supervisão?

R: Sim. Fiquei em 1998, até 2009 fiquei na direção, 40 horas, foram 11 anos. Depois eu fiquei 20 horas de coordenação durante 3 anos, e 20 horas à tarde dando aula. Depois desses 3 anos de coordenação aí só dando aula, 40 horas.

P: O senhor já tinha quantos anos... em que momento da carreira o senhor decidiu assumir a direção?

R: Eu entrei em 1998, a eleição foi em 1997, e daí em março de 1998 que eu assumi a direção, 10 anos depois.

P: E essa sua experiência na direção, ela mudou algo, sua visão sobre a educação, sobre a educação física?

R: A gente sempre muda. Eu assumi direção numa escola que a escola era pequena, 200 e tanto alunos, e não só eu, como professores, colegas, comunidade em geral conseguimos ampliar a escola que era só até quinta-série na época e agora virou até o nono ano, com o pré eram 200 e tantos alunos, depois foi 400 e tantos. É, porque tem muita cobrança. Uma coisa é quando tu é professor, na sala de aula, no caso nosso pátio. Quando tu é professor, sua responsabilidade é uma; quando tu entra na direção, quando eu entrei os primeiros cinco anos na direção, era só eu de diretor e 20h uma coordenadora, eu não tinha vice, não tinha nada. Então era tu e tu, então tu tinha muita cobrança.

P: E como é que foi seu relacionamento com os colegas da educação física ou com outros professores de outras disciplinas? Como é que foi ao longo desse tempo?

R: Muito boa. Eu procurava cumprir com minhas obrigações, ajudar no que podia, sempre estava escutando os professores. Nunca procurei estar interferindo no dia a dia, na sala de aula, só quando houvesse um problema mais sério. Mas tinha um auxílio também na coordenação, que fazia o seu trabalho. Mas uma relação boa, acredito que... claro que sempre vai ter um problema com um ou outro colega, alguma coisa. Mas os professores de educação física da minha área, os professores das outras áreas, sempre uma relação boa de auxílio, de conversa, de ajuda, de escutar, dentro da minha experiência poder ajudar no que podia.

P: O senhor tem algo que gostaria de falar, que acha importante sobre a educação, sobre a educação física em geral e que não foi perguntado aqui?

R: Até queria te dizer que para mim me trouxe muito prazer trabalhar em escola. Era o que eu queria quando me formei na educação física era trabalhar em educação física escolar. É a valorização do professor, a valorização da escola em si, dos alunos, de ter melhores condições, uma visão... não só visão, porque todo mundo diz que tem uma visão de que a educação é superimportante, mas no dia a dia, na prática isso não acontece. Se tem muita cobrança do profissional, algumas escolas a gente trabalha em precariedade, muita dificuldade. Se cobra muito e se dá pouco, tanto na questão salarial como no auxílio quando geralmente a gente vem para a escola, das Secretarias Municipais ou do Estado é só cobrar: cobrar, cobrar e cobrar, e pouco auxílio. Eu acredito que assim, tem que ter uma visão e uma prática de que valorizam a educação mesmo, porque só ter a visão e dizer, e que realmente é importante e precisa recursos, e que vão fazer o máximo, mas não faz, não adianta. Eu acho que falta na prática dos governantes, realmente valorizar, e realmente ver o que está acontecendo nas escolas, nas condições de estrutura física, materiais, as condições que os professores trabalham, a insegurança que muitas escolas têm hoje. Aqui a gente até não tem tanto, mas tu trabalha com o pessoal na volta, os professores, os alunos saindo sem condições de segurança, os professores, funcionários, todo mundo saindo, às vezes com uma dificuldade de ter que estar se cuidando para não ser assaltado ou coisas piores que a gente vê todo dia acontecendo em nossas escolas, do Brasil inteiro, não só aqui de Pelotas, mas do Rio Grande do Sul, de todo o Brasil, então é um olhar e uma prática, é isso o que falta. E os recursos são muito mal aplicados.

P: Então muito obrigado, professor.

R: De nada.

Local Entrevista: Escola **Data:** 17/12/19 **Iníco:** 9h20m **Término:** 10h04m

Nome: Professor Fabiano **Ano nascimento:**1964(56 anos) **Ano concluiu graduação:** 1988- ESEF/UFPel

Pós-graduação: 1. Especialização em Educação

Ano Ingresso RMEPel: 1991 **Tempo trabalho RMEPel:** 29 anos **Tempo Geral Magistério:** 29 anos

CH atual RMEPel: 40h **Outra Rede Ensino:** Sim(particular 16h) **Total CH:** 56h

Nª escolas que trabalha: 1 municipal/1particular

Outro trabalho/renda: - **Estado civil:** casado **Nº filhos:** 1

P1: Bom dia, Professor.

H1: Bom dia.

P1: Inicialmente gostaria de saber por que escolheu o curso de graduação em Educação Física, o que mais que influenciou essa escolha?

H1: Bom. Na verdade, quando eu estava terminando o ensino médio não tinha ideia muito ainda de fazer Educação Física. Mas na verdade eu estava inclinado a fazer meu primeiro vestibular até foi para agronomia por causa da minha família que tinha terra para fora, meu pai criava boi e tinha plantação e tal. Mas não era uma coisa assim que eu tinha muito interesse. Daí no ensino médio, no final, estudando no Colégio X que tem um DNA esportivo muito grande aqui, equipes, joguei basquete pela escola durante todo o tempo, e acabei me interessando muito mais por essa área mais esportiva. Na verdade, não para ser professor, eu tinha interesse pelo esporte em si, na verdade, como a maioria das pessoas eu acho que acaba escolhendo Educação Física porque gostam de esporte o que na verdade de certa forma é um erro. Mas e aí, no final assim eu acabei fazendo agronomia, mas já com uma intenção de tentar Educação Física mesmo, entrando nessa área mais agrícola. E acabei realmente depois fazendo um novo vestibular em função do esporte, mas acho que foi o esporte, ter jogado na escola, ter estudado no Colégio X que é muito,, muito voltado para essa área esportiva na Educação Física, e que eu acabei fazendo.

P1: Comente sobre sua graduação, quais foram os conhecimentos e conteúdos que foram mais trabalhados durante a graduação.

H1: Eu fiz a ESEF, no período de 1984 a 1988 e eu peguei, é claro, licenciatura plena, eu acho que a gente era bastante diversificados os conteúdos, eu achei o curso interessante, embora não fosse assim, um curso muito puxado, mas desde anatomia com aula na medicina, fisiologia, tivemos aula com professores da odonto e a parte também esportiva e a parte pedagógica na Faculdade de Educação, eu acho que a gente teve assim uma diversidade muito grande de conteúdos e bem interessante para abrir aquele leque de temas para que a gente se aprofundasse posteriormente. Evidentemente que o aprofundamento vai de cada um, mas eu acho que, eu não me interessei por nada assim, específico, acho que eu me interessei por tudo de certa forma, e mudou um pouquinho a minha visão de a Educação Física não é só esporte na verdade, que tem a ver com a questão pedagógica, com a questão da saúde. E eu acho que não tem nada em específico. A maior parte foi realmente o leque que se abriu porque eu também não tinha muito conhecimento, a gente é muito inexperiente quando entra e a gente vai acabando, gostando e aprendendo outras coisas durante o curso. Mas acho que não teve nada em especial, mas eu acho que o curso foi muito bom, eu gostei muito do curso.

P1: E esses conhecimentos, o senhor acha que o preparou satisfatoriamente para trabalhar na escola?

H1: Eu acho que me deu uma base. Eu acho que ninguém sai preparado para trabalhar em escola. Na verdade, a gente se dá conta disso depois de um período de alguns anos dando aula, que a gente vai aprender e que a gente aprende mesmo e continua aprendendo até hoje na escola e no dia a dia a preparação da aula, no feedback depois da aula, no que os alunos te ensinam, naquilo que vem dos alunos. Eu acho que ninguém sai preparado para dar aula. Acho muito difícil, a gente aprende *trabalhando*. E até questiono um pouco às vezes alguns... alguns autores que escrevem algumas coisas que a gente não vê na prática. E aí você vai ver... muitas vezes tu vai ver, o autor nunca deu uma aula na vida ou deu muito pouca aula. Na verdade, eu acho que porque a gente aprende é dando aula. Eu acho que o que a faculdade prepara e os livros te preparam é que te dão uma base para tu começar a buscar o teu conhecimento e poder voltar lá na teoria e comprovar algumas coisas e comparar algumas coisas. Eu acho que a prática é que te ensina.

P1: Então, o senhor acha que as universidades estão um pouco distantes da realidade escolar?

H1: Eu não posso dizer exatamente hoje, mas o meu filho fez Educação Física numa faculdade particular, e fez a licenciatura, mas eu acho que continua distante. No meu tempo parecia um pouco distante. Eu acho que pelo que eu pude perceber hoje, continua distante um pouco da realidade. A gente se dá conta desse choque da realidade na hora do estágio, eu acho. A gente faz o estágio, quando pega uma escola um pouco maior assim, tu te dá conta muito cedo de que tu não está preparado para a escola.

P1: Tu percebeu isso no teu estágio?

H1: Eu... é o começo.

P1: Percebe também quando tem estagiários aqui na escola?

H1: Eu percebi isso no meu estágio que a gente não estava assim, tão preparado para dar aula e a gente precisava buscar mais. E eu me dei conta também que os meus estagiários, que eles tomam um choque de realidade assim, na hora de dar uma aula. Não de preparar, acho que na parte teórica não, mas eu digo assim, que a aula em si, o dia a dia, ele não é aquela coisa idealizada de planejamento maravilhoso e tal. Acho que falta um pouco da realidade em questão, o material que se tem, como é que o aluno se comporta, o que é que o aluno precisa do professor, eele não precisa de um professor assim, somente técnico. Ele precisa de um ser humano, alguém que seja realmente um educador, que entenda, alguns precisam de quase de pai assim, de uma mãe, entendeu? Então, a ideia é complicada, a gente não está preparado mesmo quando sai.

P1: Está ok. É que o senhor fala na carta que nunca tinha pensado em ser professor, isso que antes ao fazer a graduação... E não tinha muito do que queria e o que acabou influenciando o senhor para ser professor de Educação Física, para ingressar na escola pública?

H1: É, eu acho que aí sim, aí a faculdade, o contato com colegas, com professores que tu acaba admirando, que tu acaba tendo como alguém que te inspira, então, alguns professores te inspiram na faculdade. Eu tive alguns professores que eu acho que me inspiraram, tive colegas que também me inspiraram e motivaram. E é como eu te disse no início ali, a própria gama de

conteúdos, de disciplinas, aquilo começa a te encantar também se tu tiver o DNA para isso. Que as pessoas precisam, eu digo às vezes, eu vejo colegas professores que parece que não gostam de gente. É impossível tu ser professor e não gostar das pessoas. Parece assim que não entendem, não querem entender, não têm aquela empatia com o aluno. O professor não pode ser um baita professor, um técnico. Ele pode ser um técnico de algum esporte, mesmo assim precisa saber gerir grupo e entender as pessoas. Mas eu fui técnico também de basquete, sou técnico de basquete durante a minha vida toda, quase 30 anos como técnico de basquete. E é um pouco diferente, mas igual, é preciso entender as pessoas.

P1: Sim.

H1: Então, eu acho que assim, eu acho que a gama de disciplina, de pessoas e todos os conteúdos que englobam aí a Educação Física em si, eu acho que me mudaram um pouquinho aquela minha intenção que era só de talvez de jogar, a gente é muito, como eu disse no início inexperiente, a gente gosta de Educação Física é porque quer jogar. Educação Física é as vezes é a que todo mundo gosta, porque vai jogar, que vai jogar, jogar. Mas quando tu vai ser professor, não é só isso, isso é um conteúdo lá, um pedacinho. Então, eu acho que o que me inspirou a ser professor e eu me dei conta que eu seria professor durante o curso. Claro, tu vai ser professor tu vai trabalhar aqui com escola, trabalhar com criança, com adolescente, e tal.

P1: Pais até.

H1: Com pais, com tudo. Esse envolvimento eu fui aos pouquinhos me dando conta durante o curso. Mas a realidade mesmo é quando você faz lá o primeiro concurso, vai para a primeira escola e aí é que tu vai ver se tu quer ou não quer, muita gente desiste no 1º e 2º ano de trabalho, tive muitos colegas que desistiram no 1º ano aqui.

P1: E aqui na carta o senhor fala bastante em vocação. Então, o senhor acha então, que para iniciar na carreira, até muitos ingressam, mas para tu permanecer, para ti continuar 25-30 anos, de acordo com a realidade, com a desvalorização, tem que ter o dom, tem que gostar?

Tem. Eu acho que tem que ter é isso que tu disse, não tem como. Pode até resistir, mas tu vai ser infeliz na tua carreira. E como tu disse ninguém vai entrar na profissão de professor aqui municipal por exemplo pensando em

enriquecer. Ninguém vai ficar rico porque a gente luta por melhoria, por salário, por condições a vida inteira. Eu acho que desde o primeiro dia que eu entrei aqui no Pelotense até hoje e com certeza até o meu último dia, nós vamos estar lutando por melhores condições de trabalho, de salário, de tudo. Mas eu acho que tem que ter o dom. Se não tiver o dom tu não resiste, tu não vai ser feliz. Eu acho que tu tem que gostar daquilo que tu faz, eu já cheguei a ter intenções de cursar uma outra coisa, de fazer mudar o meu foco, o meu trabalho com outras coisas também, mas até já trabalhei durante o curso, durante a minha profissão aqui como professor municipal. Eu já trabalhei, já ganhei dinheiro com outras coisas. Mas jamais pensei em deixar, em largar, porque aquilo é uma coisa que me faz bem, mesmo hoje, que eu já estou há quase 30 anos trabalhando, já estou pensando na aposentadoria, eu até não tenho aquela motivação inicial, mas eu gosto de estar aqui. Eu gosto de estar com os alunos. Às vezes eu estou cansado, não estou com vontade de dar aula, mas quando eu chego na aula, daqui a pouco eu me pego me divertindo na aula, entendeu? Eu acho que tem que te divertir naquilo que tu faz, e sem o dom, sem os alunos também perceberem em ti isso, gostarem de ti como professor, dar aquele retorno, eu acho que só com o dom mesmo. Complicado.

P1: Certo. E como é que foram as suas primeiras aulas? Quais foram as principais dificuldades no início da carreira?

H1: Bah, faz tempo, hein? Mas o que eu me lembro assim é que a gente sai da faculdade, como eu disse, não nos prepara totalmente para a realidade, a gente tem uma ideia, tudo idealizado naquela aulinha bonitinha, preparadinha com começo, meio e fim. Na verdade, isso não existe porque toda aula – isso é uma coisa característica – tu sabe, toda aula é diferente, não tem nenhuma aula igual a outra. Nenhuma aula igual a outra.

P1: Mesmo por mais que tu planeje, alguma coisa nova e diferente vai...

H1: Mesmo que seja com a mesma turma, ela nunca é igual, porque a gente está tratando com as pessoas. As pessoas entram aqui e carregam coisas que trazem de tudo que é lugar, da casa. Então, um ótimo aluno num dia está fazendo certinho aquilo que tu meio que planejou, idealizou para ele, ele pode fazer completamente diferente no dia seguinte. Então, o que eu acho que a gente vem, quando vem novinho assim, fresquinho, da faculdade, é idealizar

aquela coisa da aula, de ter parte inicial e tal, e a parte principal da aula, tu buscou conteúdo daqui e tentou joguinho pré desportivo ali, enfim um final de aula legal, diferente. E tu vem com aquilo e muda tudo porque tu tem um tempo curto, tu tem problema com material, tu tem a turma que está... espaço físico, aquele dia tu não tem o espaço que tu imaginava...

P1: Ou Choveu.

H1: ... choveu, tu foi para dentro da sala de aula. Aquele aluno veio com problema, a turma estava rebelde naquele dia, então, não existe receita, entendeu? Tu vai... e aí quando a gente vem da faculdade a gente vem com essa ideia de que... entusiasmado de dar aquela aula perfeita. Mas não existe aula perfeita, não tem como. Então, eu acho que é isso, a gente vai se preparando ao longo do tempo, a gente vai ficando cascudo com o tempo...

P1: Os atalhos, vão aparecendo?

H1: ... os atalhos, para ti fazer entender pelos alunos, para que os alunos gostem de ti, para que tu não fique naquele entre ser um professor permissivo para ser bonzinho e não fazer as coisas, ou para ser aquele professor duro, mas não existe receita. Tem que fazer um apanhado de tudo e um bom senso é que vai gerir tudo.

P1: E atualmente, quais são as suas principais dificuldades?

H1: Na verdade a dificuldade grande que nós passamos aqui na escola porque o esssa escola, se as pessoas não sabem, é uma escola pública, mas com todo o estilo de uma escola particular, ela nunca perdeu em nada para uma escola particular. Eu sei porque eu trabalho em escola particular há 12 anos. Nós aqui, no início quando eu entrei, nós aprovávamos, quando eu estudei aqui, a escola aprovava para vestibular sem cursinho qualquer um. Eu, eu falo que não fiz cursinho, fiz lá meia dúzia de aula, matava mais aula do que fazia, quer dizer, o cursinho não me adiantou nada. E eu aprovei em Educação Física, mas poderia ter aprovado em outras pelo que a minha preparação no ensino médio aqui. E mesmo hoje ainda aprova. O ano passado eu tive alunos aqui aprovados para medicina, para direito, para odonto. Claro que hoje em dia com cursinho, fazendo cursinho e tal. Mas o colégio em si, ele te dá assim uma estrutura boa de trabalho, sempre deu. A Educação Física foi muito forte aqui. Desde 1991, quando eu entrei até digamos 2010, 2012, quando começou a

ficar mais difícil aqui a questão estrutural, nós sempre tivemos um trabalho maravilhoso, nossa Educação Física era muito forte. Muito forte. Então, na verdade as dificuldades maiores que nós tivemos para trabalhar em si aqui foi quando a gente perdeu o ginásio, quando o ginásio foi interditado, isso foi em 2014, o ginásio foi interditado por falta de manutenção. E aí nós tivemos um baque porque perdemos nossa referência, não só... “Ah, mas é uma quadra só”... não, tudo bem, é uma quadra coberta, a única quadra coberta que tinha, muito no dia de chuva, tinham salas aqui também, tinha a nossa sala da Educação Física, nosso material, a gente perdeu toda a nossa identidade aqui. Ainda nós fomos para uma outra salinha provisória com material provisório, sem uma quadra coberta, sem mais uma sala coberta, e aí sim, aí mudou completamente, a dificuldade foi grande. Quando iniciou a obra nós perdemos também as quadras da rua. Então, nós ficamos sem quadra, trabalhávamos no pátio como qualquer escolinha pequena de um tempo atrás que tinha, eu sei que as escolas pequenas os professores trabalham de forma maravilhosa às vezes, na rua sem quadra, risca no chão a quadrinha. Nós passamos mais de ano trabalhando na rua. E isso, essa foi a nossa dificuldade maior aqui, assim, foi um baque muito grande para o colégio, eu sei que talvez para uma escola menor não fosse um baque. Mas para esse colégio que tinha uma estrutura de escola particular foi, foi um baque.

P1: Em algum momento da sua carreira o senhor chegou a pensar em desistir da docência?

H1: Não. Pior que nunca, nunca pensei em desistir. Nunca pensei. Por isso que eu acho que eu tenho jeito para essa coisa. Nunca pensei em desistir.

P1:E durante a sua vida profissional, o trabalho que o senhor realizou ao longo da carreira e o que o senhor gostaria de ter trabalhado em resumo, qual é a imagem que o senhor tem de si como professor, como profissional?

H1: É difícil fazer isso, a gente não consegue se perceber como o outro percebe a gente, não é? Mas ao longo do tempo assim eu acho que eu me considero um bom professor. Eu me considero um professor que eu gostaria de ter tido, eu penso assim. Eu gostaria de ter sido meu aluno, porque eu tive um feedback assim do meu filho, que foi meu aluno aqui, da turma do meu filho e tal, e de outros amigos assim, filho de amigos e tal que me dizem que: “Ah,

mas fulano fala de ti até hoje e tal" e feedbacks de ex-alunos que falam contigo hoje em grupos de rede social, que tem saudade, que sempre quando vão fazer uma referência ao colégio às vezes lembram de ti, lembram de outros professores aqui. Esses tempos mesmo teve um aluno, um ex-aluno que está na Sogipa como professor, na Sogipa como preparador físico e tal e ele foi campeão acho que nacional aí de uma parte do vôlei. E aí foi falar aqui do Colégio, agradecia a conquista dele agradecia ao ensino dele aqui no colégio que ele jogou, ele era um aluno que jogava todos os esportes, basquete, futebol, handebol, vôlei, jogou basquete comigo. E ele fez referência a alguns professores e me incluiu também, aquilo me... a gente se sente bem, em se dá conta que o trabalho que foi feito não foi em vão, que tu marcou a vida.

P1: Que algo ficou.

H1: Na verdade tu marca na vida das pessoas. E que bom que ele marcou de uma forma positiva. E já teve outros alunos também que fizeram isso, por aí a gente consegue ver hoje. Ou quando encontra as pessoas depois, eles fazem essa referência como foi bom e então assim, eu tenho uma postura de ser, eu entendi há muito tempo que a gente precisa... precisa tentar compreender o aluno, precisa conversar com aluno. Muitas vezes o aluno está aqui, ele quer mais é um pouco de atenção, principalmente esse aluno, não é só esse aluno do ensino público não, eu dou em escola particular com alunos com uma condição financeira maravilhosa, muito boa e às vezes o que eles precisam não é nada material, é mais atenção, é mais conversar, é mais entender um pouquinho. Às vezes a Educação Física tem isso também, eles se abrem muito contigo, eles têm um pouco mais de liberdade na Educação Física, talvez por estar fora da sala de aula, por estar mais próximo, por ter que estar te abraçando, segurando, tem uma relação diferente. Às vezes eles se abrem mais contigo. Eu acho que eu sou um professor que conversa com os alunos, que entende os alunos, que procura e às vezes me divirto muito, que eu joguei muito junto com eles. Assim é uma coisa que eu fazia muito, evidentemente que a idade vai te diminuindo isso, mas eu sempre joguei junto com os alunos, eu sempre brincava junto, jogava. Agora mesmo eles vivem me convidando para jogar junto ali. Então, na verdade isso é uma coisa que te aproxima muito do aluno e faz com que tu marque na vida deles positivamente, como alguns

professores aqui no colégio marcaram para mim também. Então, eu tive professores aqui que me marcaram também como aluno. Então, eu penso assim que ao longo desses anos todos eu acredito que fui um bom professor, que fiz minha parte meu dever como educador, gostando daquilo que estava fazendo. E eu acho que na verdade, a frase que eu posso dizer é isso, eu gostaria de ter sido meu aluno.

P1: Sim, sim. Certo. Então, qual é o principal motivo então, que lhe fez permanecer na carreira por 25-30 anos?

H1: Ah, é mais ou menos por isso, por estar gostando daquilo que tu faz, por também ter encontrado um ambiente muito bom aqui no colégio. Nós tivemos um grupo aqui, durante muito tempo, um grupo muito bom. Assim ó, o nosso grupo de professores de Educação Física aqui pegou uma época que as pessoas não trocavam muito de escola, que as pessoas não tinham uma rotatividade muito grande. Elas permaneciam no trabalho, no emprego muito tempo. E isso hoje não é mais assim, de um tempo para cá as pessoas, elas rodam muito, elas não se fixam muito. Até porque tem uma gama maior de concurso, as pessoas vão fazendo concurso para outros lugares, estão indo embora. E a gente teve um grupo muito forte aqui, que era forte não só na Educação Física, como na escola politicamente. Nós tivemos vários professores que foram diretores, vice-diretores, coordenadores, por que? Porque a gente participava muito, o grupo era forte, a gente tinha uma base boa para atuar também politicamente na escola. E a gente e o grupo era formado por professor, ex-professores nossos daqui, fui aluno de vários professores aqui. Quando eu vim para cá como professor encontrei eles como colegas e o grupo era forte. Nós nos reunimos fora daqui, nós vínhamos por exemplo fazer, organizar torneios aqui para os alunos e abríamos o bar, vendíamos todos no bar coisas para comprar material. Muitos materiais que nós usamos aqui nós mesmos que compramos com a receita do barzinho dos torneios. Nós fazíamos os nossos churrascos, aqui nós fazíamos encontros, jogávamos futebol juntos aqui com os alunos e tal. Então, o grupo era forte. E tu estando num grupo bom, tu te sente bem quando sai de casa para trabalhar, tu não bah, tu não diz assim: “Pô, vou ter que ir lá encontrar com fulano”, não. Tu vinha porque tu vinha para cá para se divertir. Então, eu acho que durante esses anos todos até esses professores irem começando a se aposentar e o

grupo começar a se modificar, e a gente tinha assim, um prazer em vir. Eu acho que eu e outras pessoas que tu entrevistou outras pessoas, provavelmente vão te dizer isso, o grupo era bom. Não que hoje não seja, mas é um grupo hoje que é um pouco mais...

P1: Diferentes?

H1: Diferente. O que fazia isso ser legal era que nós fomos todos alunos daqui, fizemos concurso e entramos para ser professor, que é um grupo 99% era ex-aluno. Então, não sei se isso ajudava também. Hoje por exemplo tem muita gente que não foi aluno daqui, talvez não tenha aquela coisa da tradição aqui do colégio, não sei se isso ajuda ou não, mas... mas é que mudou um pouco o grupo. Então, isso eu te digo, isso fez com que eu nem visse o tempo passar – entendeu? – era tão bom vir trabalhar aqui que talvez eu nem tenha pensado em desistir em nenhum momento.

P1: O senhor acha que a Educação Física na escola é valorizada, reconhecida?

H1: Eu acho que já foi mais. Mas isso porque nós nos fazíamos ser respeitados assim, porque não existe muito isso, de: “Ah, não”. Tu tem que te fazer ser respeitado. Educação Física aqui era forte porque o grupo era forte, porque nós participávamos politicamente da escola, nós participávamos de tudo. Então, nós participávamos de todos os eventos da escola e o grupo era reconhecido. Evidentemente tu deve saber disso, a Educação Física – e isso é mais forte ainda no ensino particular – ela não tem o mesmo status que uma matemática, que uma física, porque não cai lá no ENEM, porque não cai no PAVE, porque não cai no vestibular. Então, isso às vezes a gente se sente um pouquinho à margem. Isso é natural das pessoas, dos professores dessas disciplinas que se julgam mais importante, então, em função do vestibular. Mas eu acho que o grupo aqui sempre se fez respeitar. Hoje eu acho que é um pouco menos, nós perdemos muito isso em função – inclusive eu já te falei – que o grupo mudou, o nosso grupo mudou muito, à medida que o grupo não é forte ele perde força perante os outros assim.

P1: Em algum momento o senhor concorreu à direção, a algum cargo administrativo?

H1: Não. Não concorri, mas trabalhei em vários lugares. Eu fui coordenador do laboratório de informática durante muitos anos. Tu vê, eu sou professor de Educação Física, mas eu sempre gostei de informática, como eu te disse, eu já trabalhei fora com outras coisas, ganhei dinheiro com isso também, trabalhei, trabalhei com essa parte, até ganhei dinheiro com isso. Mas trabalhei aqui na informática educativa, fiz curso para isso aqui, trabalhei, ajudei a direção em várias coisas, como em confecção de horários, eu já tive várias funções assim como colaborador, mas eu nunca quis concorrer a cargo diretivo.

P1: O senhor da aula tanto em escola pública como escola privada, não é?

H1: Sim.

P1: Qual a relação que o senhor pode fazer entre escola privada e escola pública? Quais são as principais diferenças?

H1: Ah, as diferenças são na maneira como, por exemplo, tu vai dar a tua aula, eu não vejo diferença. Pelo menos eu não faço distinção, quando eu planejo a minha aula para cá eu planejo para lá. Evidentemente que o público é um pouco diferente. A turma, o feedback que vai vir da turma é diferente. Mas de certa forma o adolescente, por exemplo aqui do ensino médio, é o mesmo adolescente de lá. Devido a diferença da conta bancária e tal, é um aspecto. Mas eles são mais ou menos a mesma, tanto que vários alunos que saem de lá e vieram para cá, alguns daqui foram para lá, não muda muito. O que muda mais eu acho que é o aspecto da cobrança. Na escola particular tem uma cobrança maior dos teus superiores, dos diretores, coordenadores. Há uma cobrança grande, evidentemente que há uma preocupação maior com isso. E eu acho que na escola pública e talvez isso seja até um problema para alguns, tu não tem essa cobrança. A cobrança é tua mesmo, aí tu tem que te cobrar, os teus alunos vão te cobrar. Até o coordenador vai te cobrar, mas não há aquela cobrança de: “Olhe, no final de ano podem te mandar embora”, porque tu tem aquela estabilidade. Eu não vejo problema para algumas pessoas que fazem o que gostam. Eu te digo, eu, a minha aula é a mesma aqui. Se quiser um dia assistir a minha aula no lá, e assistir uma aula aqui, vai ser a mesma aula. Evidentemente que lá eu vou ter um material melhor, eu vou ter uma quadra mais limpa, eu vou ter um aluno às vezes vai me dar uma resposta diferente, mas a principal que eu vejo de diferença é a questão da cobrança.

P1: Certo. Em relação a questões trabalhistas, você consegue? Existe alguma diferença?

H1: Ah, não. Total porque aqui assim, trabalhei porque aqui nós somos concursados. Eu sou concursado. Não, não sou CLT, não tenho carteira assinada, não tenho fundo de garantia, essas coisas. E lá a gente tem como um trabalhador normal, como qualquer trabalhador de carteira assinada. Essa é a diferença. E questão salarial também, o ensino particular te paga melhor, a hora-aula é bem mais alta e tu não tem aquela coisa de greve, não tem. Tu termina os 200 dias certinho porque não tem greve, aqui a gente tem a questão política, que a gente briga e a gente precisa às vezes fazer uma greve, uma paralização porque senão a gente não é ouvido.

P1: Certo. O senhor é sindicalizado?

H1: Sim.

P1: E como é que está a tua participação no sindicato, de que forma?

H1: Na verdade, eu sempre vou nas assembleias, eu participo, eu voto, mas eu nunca participei do sindicato na parte diretiva, assim como eu não participei aqui. Eu, digamos fico fazendo lá a minha parte de professor, mas eu sou sindicalizado aqui e sou lá também. Eu participo do sindicato dos professores particulares lá também.

P1: Como é que tu considera a participação, a atuação do sindicato nas demandas da classe municipal em geral e também da classe docente?

H1: Eu acho que faz o possível. Eu acho que se movimenta bem, eu acho. É muito difícil ter a relação aqui do sindicato com a Prefeitura é sempre muito difícil, é difícil. E sendo assim, um sindicato que não é só dos professores, ele é de todos os funcionários, as demandas são muitas, é muita coisa, é muita coisa que envolve e que só vai acabar envolvendo funcionário de escola, outro que vai envolver funcionários lá do SANEP ou outros professores. Então, é muita coisa, é muito grande. E no particular ali, a gente tem o sindicato, o SINPRO, a luta é dos professores, é sindicato dos professores, então, é diferente, as lutas são mais focadas assim. E eles têm dificuldades também, no embate com os empresários, no caso os donos das escolas particulares é complicado. Mas eu vejo que aqui no município é uma luta desgastante, assim. É uma coisa que é uma luta que eu vejo que desde o primeiro dia que eu entrei aqui em 1991 até

hoje, quase 30 anos, a luta avança, a gente conseguiu, mas são muito poucos em função de todas as questões da gente que são envolvidas. É bem difícil, é bem complicado, eu respeito o trabalho do sindicato.

P1: E como é que tu considera o plano de carreira do magistério da Prefeitura?

H1: Ah, na verdade a Prefeitura, eu acho que por exemplo que aqui, o que é que tem acontecido? Nem nos governos de esquerda que a gente teve aqui, não é para diferenciar esquerda e direita, não. Não se conseguiu avanços e sempre a Prefeitura quer pagar menos e a gente quer manter, ganhar mais e ter condições melhores. Que a briga agora é o plano de carreira que a Prefeitura quer implantar, ela quer que se mantenha ou que se ganhe um pouquinho a mais para dizer que paga o piso, porque na verdade a ideia do piso nacional, o espírito dessa lei era melhorar o salário dos professores, do funcionário, melhorar de forma significativa. O piso nacional é para melhorar, para subir. Se ele fosse implantado como o plano é hoje, o plano hoje tem um padrão lá ridículo – tenho até vergonha de dizer – se ele for implantado como padrão melhora o salário do professor, porque vão incidir as vantagens que têm os penduricalhos todos sobre o padrão que é o espírito da lei. O que é que as prefeituras querem, o Estado quer agora. O que o Eduardo Leite quer lá no Estado? É mexer no plano para que esse padrão seja o piso, mas que as vantagens não incidam sobre esse padrão. Ou seja, haverá um aumento, um pequeno aumento ao longo dos anos, mas não vai atender, tudo deveria partir do piso.

P1: E vai acabar sendo o topo.

H1: O teto. Vai ter o teto. Essa é a ideia da Prefeitura, tanto aqui quanto no Estado. E na verdade as pessoas estão ganhando na Justiça. Eu entrei na Justiça, eu já ganhei na Justiça o piso, eu ganho o piso, judicialmente já ganhei o piso, mas a Prefeitura não quer fazer isso, ela quer pagar o mínimo possível. Eu acho que isso é na minha opinião uma questão de prioridade. Acho que não é questão de falta de dinheiro, existe crise, claro que existe, mas é questão de prioridade. Se a prioridade for educação, por exemplo, como é que no Maranhão consegue? No Maranhão o salário de professor é o dobro do nosso aqui. Como é que pode no Maranhão? Por que? Porque lá os governantes do

Maranhão, eles entendem que é prioridade a educação. Então, vai mexendo seu orçamento de uma certa forma que consegue pagar lá R$ 6-7 mil por mês, para o professor. E aqui a gente recebe R$ 2,4 mil, em termos de piso. Então, eu acho que é questão de prioridade.

P1: Certo. E ainda nesse segmento aí, como é que o senhor considera a relação com a educação dos atuais governos municipal, estadual e federal?

Vai nessa, mais ou menos eu respondi. Eu acho que a relação é na hora de se eleger a educação é prioridade, educação é tudo, professor. Na hora que assume o governo que vê que é realmente muito difícil, eu sei que existe falta de dinheiro em geral, mas aí a educação deixa de ser prioridade. Essa é a relação. Isso é o que eu vejo. E nem governo de esquerda que nós tivemos, embora no Brasil, no governo Lula, por exemplo, nós tivemos avanço, como o próprio piso, como o FUNDEB, tudo bem. Mas a nível aqui local, nós nunca saímos do mesmo.

P1: O senhor acha que essa precarização da educação pública, essa desvalorização do trabalho docente, isso acaba repercutindo nas aulas, na formação dos alunos?

H1: Sim.

P1: E de que forma?

H1: Eu acho que um professor, um professor que chega para dar uma aula, ele jamais embora tenha aquela... “Ah, mas eu entro na sala de aula, deixo os meus problemas na porta da rua”, tu não consegue deixar teus problemas. Nós temos contas para pagar, nós temos despesas, então, quer dizer, quanto... quanto pior remunerado for o professor, quanto mais ele precisa se preocupar para chegar no final de ano, do mês, e ter dinheiro para saldar suas contas, quanto mais o professor não tiver direito a lazer, à cultura, à... o professor hoje do Estado que está com o seu salário parcelado, desde o governo Sartori... agora o governo do Eduardo Leite, esse professor, imagina a carga psicológica que está esse professor para vir dar uma boa aula. É impossível. E nós aqui, professores também, brigando pelo piso e brigando para ter salário, agora tivemos a questão de atraso de salários, eu mesmo agora eu fiz um empréstimo para receber o 13º, como é que o professor vai chegar numa sala de aula tranquilo?

P1: Dar a melhor aula do mundo.

H1: É. Como é que ele vai tirar um tempinho livre para estudar, para fazer um curso, para ir assistir um filme? Porque nós precisamos ter toda a nossa carga de conhecimento para vir para cá para dar uma aula. Eu acho que afeta muito de forma bem negativa, muito mesmo.

P1: E suas aulas, o senhor acredita que elas foram mais influenciadas pelo seu histórico de atleta ou a sua formação acadêmica? Ou a sua experiência adquirida ao longo do seu trabalho? Ou em determinado momento você tem prevalência de um ou de outro no início de carreira prevaleceu isso?

H1: Eu acho que um pouquinho de tudo. Eu acho que em determinados momentos assim, na... nas aulas, eu vejo que a minha experiência como atleta foi legal e eu trago para a sala de aula, por exemplo, eu vou ensinar fundamentos, parte técnica, mesmo, fundamentos de alguns esportes mais no ensino médio aí, a gente vai trabalhar isso, eu vejo que o meu período como atleta ajuda muito. Então, eu consigo demonstrar, eu consigo jogar junto, eu consigo corrigir. E em outros momentos eu acho que é a questão do tempo de aprendizado aqui com relação às pessoas, tempo por exemplo, e também eu sinto ainda até hoje a influência de alguns professores do tempo de faculdade, para não dizer que a faculdade... não, algumas aulas minhas têm muito a ver. Eu lembro do professor me dizendo alguma coisa lá, então, referente a alguma coisa que eu vou trabalhar. Daí eu fiz pós-graduação em educação, acho que também isso ajudou muito também porque aí a gente refletiu muito sobre outras... outras questões que não técnicas, mas mais pedagógicas mesmo, em questão de psicologia da educação, é importante também de a gente conhecer um pouco mais do aluno. Acho que tudo tem influência e um pouco mais de treinamento, um pouco menos no outro. Então, isso vai... nunca... nunca para isso, as influências são diversas.

P1: Certo. E na sua carta o senhor fala que o mundo hoje é completamente diferente de quando o senhor iniciou a carreira, né?

H1: Ah, é.

P1: E qual é a principal relação entre escola e sociedade que o senhor viu ao longo dos tempos? O que é que mudou?

H1: Ah, o que foi mudando ao longo do tempo, aí também é importante que o professor foi sendo desvalorizado. O professor acho que era muito mais

respeitado embora sempre foi mal remunerado. Sempre. Mas eu acho que ao longo dos anos assim, o status do professor foi diminuindo, o que é um absurdo. Todas as profissões vão precisar de professor, ninguém forma médico, advogado, sem passar pelo professor. Eu acho que a gente foi sendo desvalorizado ao longo dos anos, principalmente pelos governos, sucessivos governos, pela classe que governa. E isso mudou bastante. Uma coisa que aqui o colégio, ele quando começou – falando da escola que eu trabalhei – o não era municipal, ele era uma escola particular, lá no início do século. Mas mesmo depois, quando foi municipalizado, aqui os salários, se eu não me engano, os mais velhos contavam que era em torno de 8 salários mínimos. Daria hoje uns R$ 8 mil, quer dizer, que seria um salário aceitável. A gente está longe disso hoje. Quer dizer então, só para tu ver na questão de remuneração isso já caiu, na questão do cuidado com o aluno, com a educação, nós tivemos aqui, esse prédio foi inaugurado em 1960, ele tinha manutenção, ele era limpo, ele tinha funcionários próprios aqui do colégio, hoje não. Hoje são terceirizados, quer dizer, então, eu acho que ao longo dos anos houve uma degradação assim, do cuidado com a educação. Não é à toa que hoje, no PISA e em outros aspectos a nível mundial o Brasil está nos últimos lugares. Não é por culpa de A, B ou C, isso é uma questão ao longo do tempo, ao longo dos anos que vem deteriorando, então, a gente acaba sentindo isso.

P1: Em relação à sua vida pessoal e à vida profissional ao longo dos anos na sua carreira, o senhor consegue distinguir a vida pessoal, a vida profissional? Ou o senhor acha que tudo isso acaba sendo num bojo todo?

H1: Ah, eu acho que eu sou um só, na verdade, que a gente acaba sendo um só. E no meu caso, a minha esposa também era professora de Educação Física, se aposentou no ano passado, também dava aula aqui. Então, a gente vivia muito a escola aqui e em casa. Então, não tinha como diferenciar. Depois o meu filho se formou em Educação Física também, mas eu e a minha esposa demos aulas, a gente lecionou aqui junto durante... se formou há 25 anos, no mínimo 20 anos a gente lecionou juntos aqui, porque ela teve um tempo antes fora. Então, na verdade não tem como separar. Não tem. Eu tive também muita relação aqui com o colégio desde cedo, trabalhei com um grupo de escoteiros daqui e na questão do esporte, do basquete, dos treinamentos, então, a minha vida com a escola aqui, ela começou cedo e vai terminar só daqui a uns 2-3 anos, quando eu me aposentar.

P1: Sim. Certo e falta quantos anos para se aposentar então?

H1: Então. Eu estou dependendo dessas PECs aí, mas na verdade se tudo der certo eu tenho duas carreiras, porque eu fiz dois concursos. Da primeira carreira devo me aposentar o ano que vem, falta um ano. Aí em fevereiro do ano que vem. E na outra carreira um ano depois, então, faltaria uns dois anos para me aposentar. Se tudo der certo.

P1: E o senhor está muito ansioso pela aposentadoria?

H1: Eu já estive mais. Mas com essa questão política toda envolvendo as mudanças na previdência aí, eu decidi não me preocupar muito porque não tem muito o que fazer. Tem que aguardar. Eu já estive mais ansioso.

P1: Professor, então, se o senhor pudesse voltar no tempo escolher, teria feito a formação Educação Física? Seria docente novamente?

H1: Acho que sim, até pela questão de hoje, das facilidades que tem hoje para estudar mais. Na nossa época era complicado, eu cheguei a tentar uma bolsa para estudar fora, e tal. Mas naquela época era muito difícil. Hoje eu vejo que tem mais facilidade, já esteve mais fácil, mas tem mais facilidade. Eu acho que hoje eu escolheria sim, mas eu acho que hoje eu estudaria mais, faria talvez um doutorado fora, alguma coisa assim. Que eu não consegui fazer.

P1: Certo. O senhor tem algo que gostaria de falar que o senhor acha importante, que não foi questionado aqui na entrevista?

H1: Não, não. Eu acho que, eu quero falar que acho que o teu trabalho é muito importante, acho interessante investigar isso, eu acho que é um trabalho que vai, vai ser importante para a gente para a nossa profissão, para os que virão. Acho que esse tipo de trabalho é interessante, esse tem os pés no chão, tem a ver com o que está acontecendo, com a realidade. Acho que o teu trabalho está bem legal e eu te parabenizo.

P1: Obrigado.

Local Entrevista: Escola	**Data:** 12/12/19	**Iníco:** 9h25	**Término:** 10h:05
Nome: Professora Graça	**Ano nascimento:** 1969	**Ano concluiu graduação:** 1993- ESEF/UFPel	
Pós-graduação: 1- Especialização em Educação Especial; 2- Especialização em Mídias na Educação			
Ano Ingresso RMEPel: 1997	**Tempo trabalho RMEPel:** 23 anos	**Tempo Geral Magistério:** 23 anos	
CH atual: 40h	**Nª escolas que trabalha:** 2	**Outra Rede Ensino:** Não	**CH:** -
Outro trabalho/renda: Personal Trainner- 10h – **CH total:** 50h	**Estado civil:** Casada	**Nº filhos:** 02	

P: Então bom dia, professora. Primeiramente quero saber por que tu escolheu o curso de graduação em educação física e o que mais te influenciou nessa escolha?

R: Na verdade eu sempre fui atleta, atleta não, mas sempre fiz muita atividade física na escola onde eu estudei, fazia atividade extraclasse, fazia vôlei, fazia atletismo, e sempre tive muito bons professores de educação física, isso foi o que me influenciou a gostar, e a depois seguir a carreira.

P: Comente um pouco como foi a sua graduação, quais conhecimentos e conteúdos foram mais trabalhados durante a graduação.

R: A graduação acho que não difere muito do que é hoje, ela foi uma graduação mais voltada realmente para a licenciatura, na minha época a gente fazia bacharelado na licenciatura, mas foi mais voltada para licenciatura, e trabalhava atletismo, por exemplo, nós tínhamos quatro, vôlei tinha dois ou três, então bastante desporto era trabalhado.

P: E esses conhecimentos, eles prepararam você satisfatoriamente para atuar na escola, ou essa formação foi distante daquilo que ocorre no cotidiano das escolas?

R: Olha, o conteúdo até a gente trabalhou bastante na escola; a forma, a maneira de chegar em uma sala de aula, em uma classe de sala de aula, é que a gente só no dia a dia a gente consegue ter uma noção do que é, ela é diferente de tudo que é passado para nós na graduação, com certeza.

P: E como a docência, como ser professora de educação física na educação básica entrou na sua vida, o que mais influenciou essa escolha? Que na carta tu falou que tinha diversas dúvidas e incertezas, que dúvidas e incertezas eram essas?

R: Sim, muitas. Na verdade eu trabalhei muito em academia e realmente não tinha certeza e não sabia se eu ia gostar de trabalhar com adolescente, com criança na educação básica, e foi uma coisa que nos primeiros anos foi muito difícil, foi bem dificultoso, e em função de toda a faltas de estrutura, da falta de apoio das famílias, de muitas coisas que dão essas dúvidas na gente, essas dificuldades no trabalho no dia a dia.

P: E esses foram então os anos mais difíceis que tu teve na docência?

R: Ah, com certeza os primeiros anos foram bem difíceis até saber que é isso que eu quero, é isso que eu vou seguir, é dessa forma, então eu vou ter que achar alternativas para que a coisa melhore, porque também ficar trabalhando frustrada não dá, e é isso mesmo, com o decorrer a gente vai... E uma coisa, o resultado dos alunos, o carinho, isso aí vai ultrapassando os pontos negativos.

P: E quais foram os melhores anos da sua carreira?

R: Olha, eu não sei te dizer quais foram os melhores, eu gostei de todas as partes, nos seis anos da direção da escola eu gostava bastante, na época... muito tempo em sala de aula, foi bom, hoje trabalhando muito com mídias, gosto também. Então eu não sei te dizer quais os anos foram os melhores.

P: Tu estás aposentada em uma carga...

R: Não.

P: Ainda não? Já trabalhou 60 horas em algum momento da sua carreira?

R: Nunca, só com educação básica assim, não.

P: Aqui na tua carta fala sobre educação física, que ela muitas vezes não é reconhecida na escola. Tu acha que ela ainda não é reconhecida na escola?

R: Acho que está bem melhor, pelo menos aqui na escola que eu trabalho está muito diferente da época que eu entrei. O professor que dava educação física era um professor que não era formado, não tinha habilitação nenhuma em educação física, e quando eu entrei aqui, ainda foi com aquele comentário assim, “olha, tudo bem, a gente tem vaga para de tarde, mas fica sabendo que as horas do professor da manhã são dele, tu não vai conseguir...”, tipo assim. Qualquer um ia lá e dava aula, e outra coisa que acontecia muito e que hoje e ainda acontece, mas menos, assim, faltou o professor, tem três turmas, “bota lá na quadra com a professora de educação física”, aí todo o planejamento, tanto a forma de trabalho, vai tudo por água abaixo.

P: Atualmente quais são as suas principais dificuldades em relação ao trabalho pedagógico?

R: Eu acho que os jovens, os adolescentes estão muito difíceis. Estão com opções muitas, outras formas de tudo, não só de internet com computação, de lazer mesmo, eu acho que a prioridade deles ainda não é a escola, e isso é uma coisa que dificulta muito o trabalho, eu acho que a gente tem que mudar o nosso pensamento, e é uma das coisas que eu faço trabalhando com mídias hoje, não que eu vá trabalhar com computação, não é dessa forma, eu trabalho muito com raciocínio, através de robótica, em função de tentar com que eles tenham um interesse maior, e o esporte, a educação física ainda é muito privilegiada em relação a isso, porque 70% principalmente das extraclasses vão lá porque querem, e a educação física é mais complicada, porque eles são obrigados a fazer, sempre tem aqueles que não gostam, que nunca querem, mas os que gostam muito, então a gente ainda é privilegiado.

P: É que tu falaste também que com o tempo você foi diminuindo a tua carga de horário no ambiente informal, que seria academias por exemplo, e trabalhado mais com a escola, qual foi o principal motivo disso?

R: Todas as vantagens, em academia eu trabalhava até tarde da noite, até tu tem a carteira assinada, tu trabalha, mas é aquela coisa que tu não sabe o que vai acontecer no próximo ano, o stress, o cansaço do corpo é muito maior, e

tudo isso foi fazendo com que eu fosse aumentando a minha carga horária aqui e foi ficando, embora eu goste também da parte da academia.

P: Tu trabalhaste um ano em direção, mais com os anos de... um ano em vice-direção, mas com os anos de direção, né? E que momento da tua carreira que tu assumiu esses cargos, quantos anos de serviço tu já tinha?

R: 2004 eu fui para vice-direção e em 2005 eu fui para direção e fiquei até 2010.

P: E qual foi o principal motivo que decidiu tu assumir a direção?

R: Na verdade na época, eu entrei na vice-direção por insistência da que era candidata a diretora, que era a diretora anterior dizendo que eu tinha perfil, que ia ser bom, que eu ia trabalhar com ela, que eram para ser três anos na vice e três anos na direção, aí ela teve que sair, por isso que eu fiquei. E aí me convenceu, e eu gostei da parte administrativa.

P: Quais foram as principais dificuldades que tu teve no aspecto em relação a direção das escolas?

R: Trabalhar com professor e funcionário. Os pais a gente controla, mas trabalhar com professor, com os funcionários da escola é difícil, é complicado. Claro que não vão agradar nunca todas as pessoas, mas é complicado.

P: Em relação ao que tu fez durante a tua vida profissional, o trabalho que tu realizou e o que tu desejava ter realizado, deveria ter acontecido, resumindo, qual é a imagem que tu tens de ti hoje como profissional, como professora?

R: Olha, assim, eu sempre fui uma profissional extremamente responsável e dedicada, comprometida com aquilo que eu faço, sempre tive um claro o que eu queria com os meus alunos no final do ano, no final daquele tempo que eu tinha com eles ou com a escola quando eu estava na direção, em todos os seus viés eu acho que foi compensador.

P: E qual é o principal sentido para ti da carreira docente, quais são os aspectos mais relevantes da tua trajetória docente que tu acha. Quais foram o principal sentido da carreira docente para ti, o que foi ser professora para ti, o que é ser professora?

R: Olha, qual é o objetivo de todo o professor? É ver o seu aluno, o resultado do seu aluno, é ver a trajetória dele no final do ano escolar dele lá, dos anos escolares, que ele tenha aprendido com a gente, que ele tenha crescido, tenha se desenvolvido de uma maneira positiva, eu acho que isso aí é o sonho de todo professor.

P: Em relação a precarização da educação pública e a desvalorização também da carreira docente, como tu acha que isso repercute nas aulas e na formação dos alunos?

R: Olha, eu acho que sempre repercute, a gente tenta minimizar, porque o aluno não tem culpa do que está acontecendo, dos governos que estão aí, da forma que eles veem a educação, mas sempre acaba respingando neles. E acho que a gente conversa muito com os alunos, a gente tem que deixar para eles bem claro essas coisas que estão acontecendo, mas tentar deixar respingar da menor forma possível, fazendo o meu trabalho, tentando ser responsável mesmo estando bem ou não estando, dependendo da época da situação política, eu acho que o trabalho da gente tem que ser centrado em uma coisa só.

P: As suas aulas são mais influenciadas pelas aulas que tu tivestes como na educação física, com a tua experiência como atleta, como jogadora, ou a sua formação na graduação, ou tu acha que atualmente o que mais influencia é a tua experiência acumulada ao longo da carreira, ou depende de cada fase da carreira?

R: Com certeza no inicio eu vi os meus professores de educação física da minha escola dando aula e eu tentava passar para os meus alunos aquilo que eu queria de positivo neles, com certeza foi dessa forma. Hoje a gente já pega tudo que a gente teve de experiência, faz um aglomerado das coisas para fazer o seu dia a dia, acho que hoje é uma junção de tudo.

P: E tu achas hoje que a universidade já está muito distante da realidade das escolas?

R: Eu hoje não sei dizer como estão trabalhando hoje na educação física, eu acompanhei a educação física agora que a minha filha está se formando em bacharelado, mas era diferente.

P: Tu teve estagiários ao longo da carreira?

R: Não, nunca tive.

P: Qual é a relação entre escola e sociedade que tu achas, qual é a relação que tu pode fazer entre a escola e a sociedade como nós temos hoje?

R: A escola é o espelho da sociedade, todos nós somos espelhos da sociedade, então não dá para separar o que a gente está vivendo na sociedade, está vivendo no dia a dia, nas classes econômicas, nas classes sociais, sem trazer para dentro da escola, então isso tudo é um reflexo uma da outra.

P: E em relação a vida pessoal e a vida profissional, existe muita relação, tu consegue diferenciar?

R: Não, existe relação, as duas estão sempre envolvidas uma com a outra, é difícil, “hoje eu vou para escola, e termina...”, não, tu acaba levando em conta as coisas da escola para casa, na minha família o meu marido também é professor de educação física embora ele não trabalhe em escola, então a gente conversa muito, um auxilia o outro, então é difícil tu não entrar, claro que a gente tenta minimizar. Eu não vou chegar em casa, às vezes eu saio daqui com os alunos, não vou chegar em casa também, ou o contrário, quantas vezes eu cheia de problema em casa e trago para escola, mas é difícil de não acontecer isso sempre.

P: Tu é sindicalizada?

R: Não sou mais, já fui, mas não sou mais.

P: Qual o motivo que tu não seres mais sindicalizada?

R: Porque assim, eu era sindicalizada pelo SIMP, pelo sindicato dos municipários, aí o que aconteceu? Uma época de uma greve, que eu fiquei muito desgostosa, a gente estava fazendo a greve, a greve estava forte, e o sindicato simplesmente... porque era na minha opinião tem isso era favorável a eles terminarem com aquele movimento daquela forma, naquele momento ele conseguiu moldar, fazer uma coisa para que a categoria toda entrasse, então a partir daí eu comecei a desacreditar em sindicato, eu acho que... até participo às vezes das mobilizações, tudo, mas já não faço mais como eu fazia antes, o envolvimento que eu tinha antes.

P: Por que resolveu fazer uma especialização em mídias e tecnologias?

R: Porque eu sempre gostei dessa área, sempre gostei e até nas minhas aulas de educação física eu sempre trabalhei muito ligando uma coisa a outra, por exemplo, dia de chuva eu trazia Xbox, trazia Wii, jogava na plataforma, fazia muitas coisas de trabalho audiovisual com eles, sempre gostei dessa parte de educação, e aí eu resolvi fazer e a FURG ofereceu e eu achei interessante e resolvi fazer.

P: E como tu consideras hoje a relação com a educação e os atuais governos municipal, estadual e nacional? Tu acha que a educação, como é que ela é atendida por esses governos em todos os âmbitos?

R: Na verdade assim, a valorização do professor cada dia, eu não vejo nem só financeiramente, mas eu acho que a valorização de um professor como um todo, como um ser humano, como uma pessoa. Antigamente a gente conseguia mais, a gente tinha mais alternativas de sair para estudo, embora a gente não tenha no nosso plano de carreira nenhum aviso de que possa ser liberado para um mestrado, liberado para um doutorado, não, nenhuma forma, mas eu acho que a gente ainda conseguia reuniões, cursos, hoje em dia está muito difícil, porque não tem como suprir, as escolas não tem como suprir aquelas nossas faltas, acho que a valorização financeira tá muito difícil, cada dia eles achatam mais o salário dos professores, mesmo com piso eles tentam tirar de tudo que é lado. Eu acho que piorou. Embora as escolas desde que

começaram a ter verba própria, eu não sei te dizer bem, mas acho que 2004 já tinha, e a gente poder fazer com a verba o que a nossa realidade aqui precisa, isso ajudou bastante. Mas enquanto profissional, assim, enquanto a valorização do professor, eu acho que está difícil, muito difícil.

P: E quantos anos faltam para a tua aposentadoria?

R: Dois.

P: Estas muito ansiosa?

R: Muito.

P: Por quê?

R: Porque eu estou cansada. Porque assim, eu não digo nem que eu não vá trabalhar, mas eu acho que trabalhando 20 horas de uma forma diferente, acho que é o que eu tenho por objetivo, tem várias atividades extras que eu adoro e que eu vou fazer, estou bem ansiosa por isso.

P: E se tu pudesse voltar no tempo e escolher, tu farias novamente a opção pela docência em educação física, pela graduação?

R: Não sei, muitas vezes eu dizia que não, outras eu digo que sim, hoje assim, eu não parei para pensar, mas teria outras profissões que eu também gostaria de ter.

P: Quais?

R: Uma coisa nada a ver com outra, mas eu gosto muito da parte de administração, da parte de mídias, de informática, não sei, não pensei, porque acho que isso é uma coisa que eu não tenho como prioridade, não vou pensar porque também não vou seguir.

P: Tu foste mãe já durante a graduação ou durante o início da carreira?

R: Início da carreira.

P: Pode falar um pouco qual foi a dificuldade em ser... mulher tem dupla ou tripla jornada normalmente, é mãe, trabalha, qual são as principais em relação a isso?

R: Sim é difícil, eu vou dizer que assim, eu sou muito privilegiada, porque a minha mãe me ajudava bastante, e o meu marido sempre, a gente dividiu, “olha, segunda, quarta e sexta eu trabalho de noite e tu fica com as crianças, terça e quinta...”, e eu sempre tive uma pessoa que me ajudou em casa, então assim, aí eu posso dizer que eu fui privilegiada, mas além de tudo isso com certeza, tu chega em casa, não é nem só o fazer, não precisa nem fazer algo, tu tem que brincar, tu tem que dar carinho, tu tem que dar o banho, tu tem que ser mãe, né? Então às vezes a gente chega em casa, cansada, esgotada, meu marido trabalhava de noite, aí eu dizia assim, “criança, agora nós vamos brincar de dormir, cada um vira para o seu lado e vamos dormir”, porque eu chegava esgotada, mas vai se acomodando, vai levando, é complicado. Eu fico imaginando às vezes as pessoas que são sozinhas, é difícil.

P: E o plano de carreira do município, como é que tu consideras ele, o plano de carreira do magistério?

R: O plano de carreira do município, ele não prevê muitas coisas que deveriam, eu acho assim, hoje tu tem, falando na especialização mesmo, tu tendo especialização, mestrado ou doutorado, tu ganha os mesmos 40 e pouco, 50 reais. Não interessa. Então além de não te darem carga horária para estudar, então qual é o incentivo que tu vai ter? É difícil. A gurizada nova aí tá entrou em uma época de que todo estudo é importante, mas lá na minha época quando eu me formei não existia essas coisas, era muito difícil. Então falta a gente também ter um pouco de vontade e tudo assim, então eu acho que isso tudo dificulta o plano de carreira. E em função de mudanças financeiras, eu não sei até quando querer mudar agora é benéfico ou não, não sei te dizer, mas em relação a estudo sim.

P: Tens algo que tu gostarias de falar que tu acha importante e que não foi questionado aqui?

R: Não, acho que está tudo aí. Eu acho que está tudo bem assim.

Local Entrevista: Escola	**Data:** 18/12/19	**Iníco:** 10h25m	**Término:** 11h25m
Nome: Professor Heitor	**Ano nascimento:** 1964 (56 anos)	**Ano concluiu graduação:** 1988- ESEF/UFPel	
Pós-graduação: -			
Ano Ingresso RMEPel: 1993	**Tempo trabalho RMEPel:** 27 anos	**Tempo Geral Magistério:** 27 anos	
CH atual RMEPel: 35h	**Outra Rede Ensino:** Sim(pública estadual 20h)	**Total CH:** 55h	
Nª escolas que trabalha: 1 pública municipal/1 pública estadual			
Outro trabalho/renda: -	**Estado civil:** casado	**Nº filhos:** 2	

P: Bom dia, professor.
R: Bom dia.

P: Gostaria de saber inicialmente por que o senhor escolheu o curso de graduação em educação física, o que mais o influenciou nessa escolha?

R: Pelo histórico de vida na adolescência, a tendência a querer ser jogador de futebol, e apesar da pressão da família eu não iniciei nessa área, eu iniciei na área da farmácia e bioquímica, mas depois de 1 ano e meio, meio que frustrado com essa graduação que eu estava fazendo, eu optei pela educação física. E por incrível que pareça foi fazendo um cooper, uma corrida que me encontrei com uma jovem que fazia educação física, e corremos juntos, e naquele dia eu decidi que minha área era essa aí.

P: Tu chegou a exercer a profissão de farmacêutico, bioquímico?

R: Eu parei na metade do curso. Eu cancelei, tranquei, fiz outro vestibular na época e automaticamente cancelei. Não tive nenhum remorso de ter desistido.

P: E a família, o que falou sobre essa troca?

R: Foi à loucura. Família do interior do oeste de Santa Catarina, o filho vindo para uma cidade maior para fazer uma faculdade, daqui a pouco ele troca farmácia e bioquímica por educação física. Na concepção deles eu fiz um super mal negócio, olhando financeiramente, mas até colegas também falaram, “mas tu é louco de fazer uma coisa dessas”. Mas eu digo, eu não consigo estar

naqueles laboratórios lá, não tem jeito, aqueles ácidos, bases, aquelas pipetas, aquelas coisas lá, eu saía do laboratório, literalmente eu saía da sala porque não aguentava trabalhar com aquela fumaça, aquela coisa. Digo, “isso aqui não é para mim, vou ser uma pessoa mais frustrada”. Então não vai ser dinheiro que vai me realizar. Aí eu tive que pegar a ajuda de um irmão da família para sustentar a decisão junto aos pais, depois houve uma aceitação.

P: E como é que foi sua graduação, quais conhecimentos, quais conteúdos foram mais trabalhados na sua graduação?

R: Pois é, foi tudo muito rápido. Eu peguei o último ano da graduação em três anos. Eu fiz o último ingresso, que nós cursamos em três anos. Então tudo muito sintetizado, tudo muito rápido, num momento também que a ESEF não tinha um espaço físico dela mesmo, então nós corríamos durante o dia em vários e vários lugares para fazer as aulas, por exemplo musculação, coisa assim, uma coisa assim muito elementar, muito por cima. Então eu acho que ficou muito nas lembranças bem daquela parte pedagógica, didática da licenciatura mesmo, trabalho com as crianças. Mas assim, foi muito rápido. Três anos passou que não deu para sentir muito.

P: E o senhor acha que esses conhecimentos que o senhor teve na graduação, eles o prepararam satisfatoriamente para trabalhar na escola?

R: Sinceramente eu creio que muito aquém da minha necessidade de estar chegando no outro dia, fazer um concurso ou entrar numa escola. Tanto é que eu me sentia completamente inseguro para desenvolver ali. Eu só trabalhei em escolas, eu nunca trabalhei em academia. E com certeza eu teria que fazer outros cursos, me preparando, me aperfeiçoando para assumir uma outra área, dentro da área da educação física. Resumidamente eu creio que ficou muito aquém.

P: Certo. Aqui na carta o senhor fala sobre os estagiários que o senhor teve ao longo da sua carreira. A partir disso o senhor acha que as universidades estão muito distantes ainda da realidade do que ocorre nas escolas?

R: Poucos cursos eu fiz onde eu tive novamente o retorno junto à faculdade, junto aos professores. Fiz alguns simpósios, algumas coisas assim. Então eu me distanciei muito na vida ali, na faculdade. Quando eu transmiti isso na carta, é com certeza pelo o que eu via desses comentários dos estagiários que chegavam. Tanto que teve até estagiário que deu a primeira aula e no outro dia ele veio e disse, “eu desisti da educação física, isso aqui não é para mim”. Numa quadra com 20, 30 crianças e aquela loucura. Não, isso não é para mim. Então eu presenciei isso também. Então quando eu mencionei era mais pelas colocações dos próprios estagiários que diziam que ficavam muito lá nas quatro paredes e tal. E quando cai ali na escola que tu vê a realidade.

P: É o choque com a realidade, não é o que eles teorizavam?

R: É, e às vezes muda muito. Por exemplo, onde aqui nós trabalhamos é uma clientela muito tranquila, eu acho que favorece muito a chegada de um novo que vai iniciar. Agora quando dou aula em outras escolas lá, em escola de periferia lá, é bem complicado assim o choque, pode ser bem cruel.

P: E como que a docência entrou na sua vida, o que mais influenciou essa escolha de ser professor de educação física?

R: Eu vim do interior de Santa Catarina, não tinha muita visão, era gurizão. Meu sonho era ser atleta. Eu sempre olhei “um dia vou ser jogador”. Até fiz cursinho em Santa Maria e joguei durante quase um ano lá no clube de Santa Maria. E ainda era meu sonho ao entrar, eu imaginava ser atleta, na minha visão. E quando eu entrei que a coisa ficou canalisada para, realmente, eu ser professor. Eu não imaginava isso. Então foi algo que eu tive que aprender meio que na prática, meio que aceitar.

P: Mas durante a graduação, você se formou, abriu concurso, não sei como é que era na época o contrato, vou fazer?

R: É, eu fiquei 2 anos esperando concurso. Como eu não era daqui, eu não conhecia ninguém assim também, escolas particulares, até botei currículo. Mas dificilmente seria chamado pela lista que tinha ali de pessoas e não tinha

nenhuma indicação, sei lá. Então eu esperei concurso. Não me chamava a atenção em nada na área de academia, aquilo não.

P: Nem no futebol, que querias ser jogador?

R: É. Então, eu estava longe da minha família, eu estava aqui, eu tinha que arranjar um dinheiro, não tinha concurso, eu teria que fazer mais alguns cursos, talvez eu cheguei num ponto de idade e de circunstância longe da família, eu tinha que me sustentar e eu digo, “eu tenho que trabalhar”. Tanto é que eu trabalhei algum tempo de taxista, trabalhei, fiz concurso em várias áreas, então não consegui dar muita continuidade em me preparar mais tempo, me formar mais.

P: Sobreviver, dar um jeito de sobreviver?

R: Eu tinha que ter um salário e eu fui para a luta nesse sentido. E quando surgiu o concurso público que mais me facilitou, então o ingresso, e foi aí que adentrei na área da educação física mesmo.

P: Como é que foram suas primeiras aulas como professor de educação física? Que dificuldade o senhor teve no início?

R: Pois é. É aquela falta de experiência, eu acho que talvez compensou pelo ímpeto, pelo zelo, pelo desejo de fazer, pela interação da vida. Então talvez aquela interação com aluno eu acho que compensou muito, talvez uma dificuldade mais de administrar a turma, os espaços, e tudo mais. Mas assim, com as primeiras aulas foram bem difíceis no sentido da ansiedade.

P: E em algum momento da sua carreira, o senhor pensou em desistir da docência?

R: Não, eu acho que não. Depois que eu entrei na área da educação física, aquilo por mais difícil que fosse um pouco no início, aquilo era compatível ao que eu gostava, então como eu queria ser jogador de futebol, sempre pratiquei, sempre corri e fiz atividades, e aquilo dizia respeito ao meu dia a dia. Então não pensei em desistir. Pode ter na vida umas lutas, umas provações como se

diz no sentido financeiro e tudo mais, mas não que me levasse a dizer assim, “não, eu vou desistir disso.”

P: E atualmente quais são as principais dificuldades que o senhor tem?

R: Pois é, quase final de carreira, quase se aposentando aqui, parece que o cara já está meio que olhando a linha de chegada assim. Mas as dificuldades daqui a pouco é um problema de tendão de aquiles, daqui a pouco é um problema de joelho, ligamento que já fez cirurgia, talvez mais na parte motora. E na socialização, na integração com os alunos eu acho que pela experiência, pela maneira de lidar com eles, eu acho que normalmente se tem toda a empatia, interação. Eu sempre fico fazendo uma leitura assim. Eles veem ao encontro, eles gostam da aula, eles interagem, eles convivem e tal. Tanto é que vai fazendo uma leitura assim. Sei lá, eu acho que aqui nessa realidade aqui escolar, talvez a grande dificuldade maior seja falar em compatibilidade de idade, daqui a pouco tem um ou dois, ou três alunos que estão bem fora da idade e vão estar ali tentando interagir com os outros, e fica bem difícil.

P: Então o senhor pode dizer então que o início de carreira foram os anos mais difíceis em sua carreira?

R: É, pela falta de experiência, pelo nervosismo. Naquele zelo de querer fazer tudo direitinho e tudo mais. E daqui a pouco tu não tinha aquele domínio, em sabia se impor de alguma forma para ter os alunos contigo ali e tal. Mas não que tenha demandado muito tempo assim, eu acho que sempre foi muito compatível a vontade do aluno com a disciplina em si, então essa interação de jogar junto, brincar junto. Então eu acho que não teve muitas dificuldades.

P: Em relação ao que o senhor fez durante sua vida profissional e o trabalho que o senhor efetivou, o que o senhor gostaria de ter realizado efetivamente. Em resumo hoje, qual é a imagem que o senhor tem de si como profissional, como professor?

R: Se eu fosse ser crítico comigo mesmo, eu acho que eu deixei a desejar em muitas áreas dentro da educação física. Mas aí tu vai um pouco pela ideologia na própria escola, pela filosofia da escola. Então por exemplo, atualmente aqui,

é bem menos, por exemplo, uma área do atletismo e onde se canaliza um pouco mais na área do desporto, pelas participações em Jepel, Jergs, e coisas assim. Então se eu fosse ser crítico comigo eu acho que eu não desenvolvi muito uma área, por exemplo, de atletismo durante um tempo, um ano, dois, três ou quatro. Se eu fosse fazer uma crítica comigo mesmo. Por outro lado eu acho que eu sempre tentei dinamizar as aulas, não fazer a mesma coisa. Tipo, construir materiais alternativas, dinamizar as aulas. Então construir perna de pau, construir raquetes para fazer um tênis adaptado, outros de motricidade mais fina, o peão ou bilboquê e outras questões mais. Então sempre tentando mesclar, ou dispor para o atletismo, a ginástica, atividades complementares aqui nessa realidade escolar que eu acho que propicia muito isso pelo espaço físico que a gente tem. Mas a crítica comigo mesma é nesse sentido que deixaram de levar adiante alguma coisa, e talvez eu fui meio repetitivo em algumas coisas de longa data, adotei mais ou menos um estilo e mantive aquilo. Eu sou daqueles que faz teste de avaliação física, mas quem lê meus objetivos vê que não tem nada de performance, tem mais uma questão de conhecimento de corpo deles se conhecerem um pouco. Mas não que aquilo se remete a ganhar, ganhar, ganhar, ou ser melhor, ou ter mais músculo. Não, realmente é algo de conhecimento corporal. Mas eu mantenho isso. Eu sei, já fui muitas vezes criticado de fazer esse tipo de coisa, parece que é muito mensurável e tal. E sei lá, outros detalhes. Mas tenho ali nove objetivos e eu creio que eu mantenho porque eu vejo que eles também gostam, pedem, e para eles é prazeroso. E isso também dinamiza um pouco mais algo. Então tento mesclar com circuitos, tento mesclar com testes de avaliação física, tento mesclar com atividades complementares, construir material alternativo. E além dos desportos, além da ginástica, eu estou falando aqui mais séries finais talvez do fundamental. E eu vejo também o retorno que a gente tem deles. Onde que se encontra, sempre tu houve elogios, e eu faço essa leitura. Enquanto tu está sendo elogiado, enquanto eles te querem bem eu acho que é porque a coisa está funcionando, está indo bem. Eu acho que eu estou, vamos botar o termo, entre aspas, “agradando”.

P: E qual é, professor, o principal sentido da carreira docente? O que é para o senhor, o que foi ser docente por 25, 30 anos?

R: Pois é, eu acho que na carta eu botei mais aquela satisfação de deixar legado de caráter, de deixar legado de postura profissional, de ser pontual, de não faltar, de não burlar, de interagir com eles, saber ouvir e respeitar os limites. Então tu te encontra e tu leva isso além da sala de aula ou além da quadra, tu parece que faz uma amizade, tu é bem quisto, bem visto, tu é bem aceito, tu é bem falado. Então eu acho que esse legado de... vamos botar assim, de ser uma boa pessoa. Não que seja assim tão boa, mas eu acho que é esse legado da alegria do que tu faz, da satisfação, de tu valorizar aquilo o que está sendo feito, por mais simples que seja; de conseguir oportunizar a todos, independente da condição ou limitação física, cor, biotipo físico, ou qualquer outra coisa. Então não sei, eu acho que são esses legados. Porque se for olhar em termos salariais, não é isso que compensou. Se tu for olhar outros aspectos também não. Eu acho que é mais esse detalhe. Conquistas específicas, se tu fez interssséries, se participou de jogos escolares e tu conquistou, aquilo é um detalhe. Até se a conquista foi realizada pela nossa realidade aqui, eu acho que é bem por essa questão participativa, de interação, de respeito mútuo tanto do aluno por ti e tu por ele. E de fazer um trabalho em conjunto. Então são conquistas que vêm nesse ambiente amistoso, favorável, agradável de chamar.

P: E o senhor acredita que a educação física na escola é valorizada, ela é reconhecida? Pela sua experiência ao longo da sua carreira?

R: Olha, eu acho que sim. Porque se eu for olhar aqui os conselhos de classe, sempre sou solicitado para dar meu parecer para os alunos. E normalmente meus pareceres e deles, às vezes surpreende, que aquele aluno é assim. Mesmo que a professora está lá com ele todo dia dentro de sala de aula e não sabia características, possibilidades e potenciais que ele tem. Então essa leitura eu faço também. Às vezes poderiam dizer assim, “ah, a parte motora ali, educação física”. Então não é tão importante botar no parecer e fazer uma avaliação. Mas havendo essa solicitação, esse é um detalhe, e tu poder ali opinar, ser respeitado, eu acho que tem essa valorização. E propriamente toda a tentativa de treino, que é uma coisa muito difícil, nós não temos horário específico, para participar de jogos escolares, por exemplo, onde eu tenho a solicitação de um aluno, prontamente os professores tentam agilizar,

administrar, fazer prova no outro dia, compensar aquele estudo que ele está perdendo. Então eles entendem que aquilo ali é importante também para o aluno, aquela parte de ele fazer ali a educação física, participar, socializar, interagir. Então eu vejo que tem esse grau de importância sim, tem esse reconhecimento. E propriamente toda solicitação que eu faço em termos de material, em termos de possibilidades e agilização de horários, eu sempre sou atendido. Então eu acho que tem essa valorização.

P: Na carta o senhor acha que há 30 anos atrás era mais fácil cumprir essa função de docente, que faltava tecnologia e sobrava interesse dos alunos? Nesses 30 anos de carreira docente, o que mudou mais em relação à sociedade, à família, à escola?

R: Parece que antes era mais natural o movimento. Aquela coisa assim padrão de todos fazerem educação física. A não ser um caso muito excepcional. Hoje a tentativa do meu adolescente ali, a tentativa de não fazer são proporcionalmente muito maiores, e os atrativos, tipo celular ou outras questões, parece que chamam muito mais atenção. Então você vê mais o sedentarismo, tu vê mais a questão da obesidade; tu vê que as motivações são outras, parece que perdeu-se muito essa questão assim de vir para a educação física, de suar, de estar junto, de fazer. Então numa certa proporção, nesse aspecto é bem mais difícil, há um desinteresse, as motivações são outras, os interesses são outros. Então eu acho que quando eu falei na carta, eu acho que era mais nesse aspecto. Hoje parece que tu tem que estar numa proporção maior implorando para que entre na quadra, faça aquela atividade, e antes era literal, era todo mundo, era parelhinho. Não vinha com atestadozinho, não vinha com desculpinhas e coisas assim.

P: O senhor podia falar um pouco como foi sua relação com colegas durante a carreira? O senhor fala na carta que uns inspiraram a fazer, a motivar.

R: É. Então, eu acho que passei em várias escolas nesse período e dividi espaço de quadra durante anos, então assim, eu vi muitos colegas completamente desmotivados, que fosse pela injustiça social, que fosse pela

questão salarial. Mas eles não tinham mais o pique e motivação para dar aula. Eu até no bom convívio, eu até disse, “tchê, troca de área, vai para outra área, não fica nisso aqui porque está te frustrando aqui, parte para outra” E realmente aconteceu. Teve gente que trocou educação física para a área do direito e foram altamente profissionais e realizadores em altos cargos, acompanho a vida deles. Então isso aconteceu. Por outro lado também tive pequenas, vamos dizer assim, inspirações. Pequenas assim... também o convívio não foi muito alargado, mas me lembro com tranquilidade de alguns professores dedicadíssimos, exemplares, e principalmente com as séries iniciais, com os pequenos que, normalmente, haviam certas briguinhas entre aspas. Ninguém queria pegar os menores, porque dá mais trabalho, porque ninguém quer o “prezinho”, ninguém quer pegar. E eu também vi professor que não se negava a assumir isso. Até às vezes em função de divisão de turmas, não se obtinha, mas outros se negavam a fazer. E também decepções muito grandes que se dividimos o mesmo espaço de guardar material, o colega nunca deixou o material no lugar, tudo jogado. Se um dia ele vinha, no outro dia eu vinha, quando eu chegava no outro dia a sala eu demorava uns 30, 35 minutos para botar em dia, então não podia contar muito. Então decepções, vamos dizer assim, tanto no desanimo como no desleixo. E também pequenos casos de uma dedicação. E as próprias reuniões que a gente tinha de formação, muitas vezes tu via muitos dizerem, “não, eu já desisti, eu estou largando a bola e deu”, “não, o que eu ganho não vale mais”, então são posições que eu acompanhei.

P: Na sua carta o senhor fala também que precisam dar para o docente o tripé fé, esperança e amor. O senhor acha que sem isso aqui, o docente não consegue, não permanece na carreira? O senhor acredita que exista a vocação para ser docente? Se não tiver a vocação, se não tiver esses elementos, tu não fica na docência?

R: Pois é, tem docências e docências. Como nós estamos falando a nível público, em conotações salariais mais baixas e tal, eu acho que a pessoa também tem que adotar. Eu botei um tripé de fé, esperança e amor mais numa conotação do que eu vivo também na minha vida espiritual. E eu sei que, muitas vezes, eu fui questionado, “mas como é que você consegue dar aula

nessa alegria, disposição, termina o dia cantando também, e ainda vai para academia fazer a tua própria musculação, tu vai fazer seu cooper e no outro dia está aqui de novo e tudo mais? Bah, não tenho esse pique, não tenho isso". Então eu trago comigo para fazer um trabalho que eu não estou preso a um status social, que eu não estou preso a uma condição financeira, mas o que eu estou fazendo tem valor, tem sentido e eu estou me realizando. Eu tenho que ter uma dimensão em algo a mais na minha vida. Não posso ficar preso só nisso. Então a fé que me alimenta, uma esperança maior, poder ter um amor altruísta assim concebido, eu decidi amar. Então eu entendo que isso me facilita, isso me realiza, isso me ajuda muito tendo esse tripé. Enquanto eu vejo colegas que não têm essas características, para eles é mais difícil. Não que ele não vai desenvolver, não que ele não vai poder ser até um bom professor ou coisa assim. Mas eu entendo que isso sempre me acompanhou e ajudou muito, então eu trago isso como uma sustentação de estilo de vida. Então eu acho que talvez outras pessoas teriam outras motivações além dessas que talvez eu tenha citado.

P: Em relação à sua vida pessoal e sua vida profissional, o senhor acredita que consegue diferenciar elas ou o senhor acha que sua vida é uma só, e a vida profissional, ser professor, acompanha sua vida pessoal? O senhor diferencia ou acha que é tudo um só, tudo num bojo?

R: Pois é. Eu tenho uma outra frente, que é uma frente de ordem eclesiástica, de liderar nesse sentido, e parece que são bem opostos, que vai falar de uma fé bíblica, por exemplo. Mas, ao mesmo tempo, tu é professor. Eu acho que eu não consigo desvincular isso. Eu não posso dizer que eu sou... vamos botar o termo "um cristão", que crê na palavra, lá naquele momento de uma celebração e eu não ser isso também depois dentro da sala de aula com o aluno. Então eu tenho que ter o meu estilo de vida como um todo, e se eu estou lá na rua, eu estou me encontrando com os alunos. E ele não pode ver lá que eu faço outra coisa ou não sou aquele que é dentro de sala de aula. Então não sei se eu consegui explicar, mas eu tenho que ser em qualquer ambiente, eu tenho que ser aquele cara. Aquilo é o que me caracteriza como professor ou como atividade extra, ou como pai de família, ou como marido. Aquele é meu caráter, meu estilo, é aquilo o que eu vivo.

P: O professor é sindicalizado?

R: Sou sindicalizado.

P: E como é que você dá sua participação no sindicato?

R: Não, eu sempre fui do sindicato, mas não atuante, não com o cargo. Participando das assembleias, até de uma passeata ou coisas do gênero, usufruindo também do que te beneficia sendo sindicalizado ali, questões advocatícias, instruções, orientações. Mas não é aquela vida ativa, de ser sindicalizado.

P: E como é que o senhor considera a atuação no sindicato, nas demandas dos municipários, também das demandas da classe docente?

R: Eu não sei, eu não conheço muito bem os bastidores. Como eu não acompanho tão de perto é difícil opinar. Mas eu ainda acho que essa representação foi fundamental, a gente fica respaldado de alguma forma, somos orientados. Apesar de poder ter falhas ou tendências, talvez, políticas, coisas do gênero, que não seriam bem as ideias, mas ainda sou defensor dessa frente.

P: Certo. Como é que o senhor considera o plano de carreira do magistério, da prefeitura?

R: A gente sempre criticou, mas pela maneira como estão vindo outros projetos agora, eu diria que ele até não era tão mal apesar. Porque se vamos perder direitos, conquistas e coisas assim, e também eu falo um pouco leigamente porque nunca tive muito tempo para ver outros planos de carreira, de outras prefeituras, de outros municípios e fazer quadros comparativos. Mas sendo crítico aqui nesse sentido e ouvindo colegas de cidades circunvizinhas, eu entendo que eles têm muito mais conquistas, outros valores salariais, comparativamente a nós, que nós estamos um pouco aquém na nossa cidade, comparativamente a alguns municípios. Mas não sei a fundo também o que o plano de carreira em si te favorece no final.

P: Como é que o senhor considera a relação atual com a educação, com os atuais governos: municipal, estadual e federal? Tu acha que a educação em geral é valorizada?

R: Essa questão normalmente é mais difícil de falar, pelo menos para mim. Mas eu vejo ainda uma diferença, por exemplo entre estado e município. Município nós ainda temos formações, reuniões mensais, bimensais, cursos oferecidos, um cronograma. E no estado, por exemplo, eu vejo isso bem mais aquém. Eu no município, eu fui acompanhado em estágio probatório, em outros momentos. No estado, nunca. Então eu ainda vejo uma diferença favorável do município em relação ao estado. Mas se tu vai olhar para outros aspectos, que dificuldade às vezes a gente tem aqui para conseguir um material. Então a gente faz bingo, faz campanhas para adquirir um material diferenciado que tu não consegue pelo dinheiro que vem, não dá para tudo. Tu quer uma reforma de quadra, é difícil. Eu estou ali com uma tabela de basquete já feito pela comunidade que quebrou e nós estamos há 3, 4 anos tentando o conserto disso junto, da administração e que agora não conseguimos. Então eu faço essa crítica porque eu acho que falta muito investimento na educação, poderia ser bem mais prejudicado pela maneira como sempre nas campanhas, por uma eleição, é dito. Minha prioridade é saúde, educação, segurança. Educação, saúde e segurança, e depois não se vê contemplado. Ainda mais depois quando vem outros projetos que tentam diminuir as suas vantagens ou possibilidades de crescimento, então. Então eu acho que falta muito investimento.

P: Em algum momento o senhor tirou dinheiro do seu salário para compra de materiais esportivos, para viagens e alunos? Em algum momento da sua carreira?

R: Muitas vezes. Trouxe material de casa, trouxe material meu. E propriamente para fazer essas campanhas para adquirir uma coisa, botei dinheiro em cima. O próprio tempo de organização para fazer determinadas atividades. E botei sim, com certeza.

P: Em algum momento da sua carreira o senhor concorreu a diretor, algum cargo administrativo?

R: Algumas vezes solicitado, mas como eu tenho outra atividade paralela, me e envolve noites e fim de semana, e ali é cargo de responsabilidade. Eu digo, se eu pegar mais alguma coisa, eu acho que eu não vou dar conta, eu não vou fazer um bom trabalho, eu vou pegar demais. E sei lá, eu acho que eu peguei o gosto do contato com o aluno. Me chama muito mais a atenção estar dando aula, ter o contato com o aluno e desenvolver aquilo, me envolver daquela forma do que uma parte mais administrativa. Mas talvez tivesse pegado se eu não tivesse outra atividade paralela.

P: Certo. Suas aulas foram mais influenciadas pela sua formação que você teve na universidade, pela sua experiência acumulada ao longo dos anos, pela sua formação de atleta? Teve em determinado momento algo que influenciou mais?

R: Eu acho que cada um tem mais ou menos um estilo, um jeito de ser. Claro que tu pega um pouquinho de cada, tu lembra daquele professor que te inspirou, que foi uma influência na faculdade, tu diz, “não, eu acho que esse estilo eu devo adotar”. Aquela coisa, talvez, do cara que interagia mais, socializava mais e que tu gostava mais. Também tinha aquele cara que era durão e no qual tu respeitava, e ao mesmo tempo tu sabia, “não, o cara é competente”. Então tu sabia mesclar, ser firme, ter convicções e ao mesmo tempo saber ceder. Mas muito, muito das minhas aulas, eu sentava em casa, até pegava alguma bibliografia específica, eu olhava e dizia, “está muito simples, está muito elementar”, “isso aqui eu não vou conquistar, isso aqui eu acho que não contempla”. Então eu adaptava, eu criava alguma coisa em cima, ou eu mesmo fui elaborando questões específicas, tipo aqui nunca ninguém me disse, “faz isso”. Mas eu entendia que ter momentos, tem aquele aluno que não gosta de entrar na quadra, mas ali do ladinho com alguém ele vai fazer alguma coisa. Então eu queria que, por exemplo, o espiribol, que é um jogo que joga em quatro pessoas. Enquanto alguns estão na quadra, tu faz uma atividade alternativa. E se tu tens materiais do tipo perna de pau, aquele cara não é bom no desporto, ele vai se sentir massacrado, ridicularizado. Então deixa o cara

andar de perna de pau, ele está fazendo uma atividade. Eu estou dando um exemplo. Então outras atividades, essas coisas eu ia pensando, criando e estabelecendo. Dá muito mais trabalho, te envolve, tem que estar cuidando lá. Então eu tentei sempre fazer com que tivesse muito mais opções do que aquela específica daquele dia. Então enquanto um está fazendo uma coisa, o outro está fazendo outra. Não gosta de nenhum jogo, mas gosta de caminhar? Então eu fazia um caminho, uma trilha no espaço físico que a gente tinha com os cones, determinava. Durante tal, tanto tempo. Então eu dava a possibilidade. Mas essas são questões que eu fui criando, fui estabelecendo no andar da caminhada. Eu acho que assim eu consigo contemplar muito mais a participação efetiva de todos.

P: O senhor acha que essa precarização da educação pública, a desvalorização do trabalho docente, isso repercute ou repercutiu nas suas aulas, na formação do aluno?

R: Eu acho que não. Na minha análise, sendo criterioso comigo, eu sempre dizia nas nossas conversas de roda, de professor, eu dizia, “se eu fosse trabalhar numa escola particular, eu não faria nada diferente, eu iria fazer exatamente como eu estou fazendo, porque eu acho que eu estou dando o máximo”. Eu acho que o que eu consigo na minha dedicação, minha interação e em querer fazer o melhor, eu estou dando aqui. Não importa se é na escola pública, se eu estou ganhando pouco. Se eu sei que o cara que está trabalhando numa outra escola, está ganhando o dobro, três vezes. Se eu for lá, eu não saberia fazer melhor. Eu estou fazendo o máximo aqui. Então para mim, especificamente, eu acho que essa questão não influenciou no meu dar aula, na minha atuação.

P: Em geral, na formação geral do aluno? Aí entra toda as disciplinas, a escola como um todo.

R: Eu acho que tem muita influencia sim. Eu acho que nem todos conseguem canalizar, e muitas vezes o falar do discente, do aluno, dizendo que “ah não, meu professor jamais” e tal. Pelo o que ele acompanha talvez, pelo o que ele ouve e por outros professores e tudo mais. E as greves, as paralisações. Então

eu acho que tem, eu acho que no geral influencia sim um certo desanimo, a perda de pique.

P: Poderia falar um pouco então sobre a sua relação com os alunos, como é que é, que o senhor fala bastante aqui na carta que você frequenta a casa, convidado padrinho. Fala um pouco dessa relação com os alunos?

R: Eu acho que esse seja o que sempre mais repercutiu. Então isso é real mesmo, não foi uma forçação de barra que eu coloquei, isso acontece mesmo, e são momentos que talvez teria que ter mais tempo para expor mais alunos que não tinham o convívio social, mas daqui a pouco moram numa colônia, e quando vem para a cidade, vem lá em casa. E eu deixo esse campo aberto, sempre bem cheio. E durante muitos anos era direto, as turmas maiores pediam, " porque o professor "H8" tem que ser o nosso paraninfo, tem que ser o nosso pai de turma", que chamavam, todo ano. Então eles brigavam. Tanto é que no ano final sempre dizia, "não, nós temos que escolher primeiro porque tem que ser o professor "H8". E como eu moro distante da escola, eu sempre dizia, "tchê, eu não vou conseguir fazer um trabalho", depois de um tempo eu disse, "não me escolham mais, porque um outro professor que mora pertinho de vocês, ele vai conseguir produzir muito mais talvez e vai dar mais resultado". Então até se adotou essa política, então sempre era. Então eu faço essa leitura, não que eu pedisse, mas isso era uma coisa automática, esse retorno. Nas formaturas sempre era pedido que eu falasse alguma coisa, nunca pedi isso, mas sempre pediam excursões, "ah, professor "H8" tem que ir, professor tem que ir". Então tu vai fazendo essa leitura, e propriamente os pais, porque os alunos transmitem em casa, e os pais quando vinham fazer a matrícula, eles vinham e diziam que tinha mais de um professor de educação física, tinha dois, tinha três, eles diziam, "eu quero que o meu filho estude, faça educação física comigo, Pode botar na matrícula?". E a direção vinha, eu ficava sabendo disso. Então sempre foram coisas que me surpreenderam. Então eu acho que essa interação, essa aceitação, esse bom convívio, eu acho que foi muito marcante. Eu acho que citei uns três exemplos, mas isso é muito marcante. E depois quando estão casados e já tem filhos, eles mandam os filhos para cá e mandam todos os recados possíveis, e as redes sociais

também quando tem oportunidade ficam falando um monte de coisa. Então eu faço essa leitura assim que fica um legado, fica um bom convívio, e eu acho que essa é uma das maiores conquistas que eu tenho durante.

P: Eu vi que essa carta que o senhor mandou anexo, é muito legal, interessante o que o aluno escreveu sobre professor.

R: Ah, perfeito. Eu até tinha esquecido desse detalhe que até numa redação, na Escola Tiradentes ele mencionou o meu nome como um professor que marcou, que deixou alguma coisa.Então foi muito interessante. E ele me trouxe essa carta e eu disse, “não, isso é para quadro mural”. Então foi o que eu fiz.

P: E qual foi o principal fator, então, que fez o senhor permanecer na carreira docente por 30 anos?

R: Eu nunca pensei em dizer assim, “ah, vou parar, vou fazer outro curso”. Eu acho que também não sou daqueles caras que ficam muito preocupados em ter muito dinheiro, ou ter aquele carro, ou conquistas, sei lá. Eu acho que é um estilo de vida. Então eu estava dando as aulas, eu estou realizado, entra ano, sai ano, está tudo bem comigo, não preciso outra coisa, é isso aí, vamos nessa caminhada. Agora como eu tive que trabalhar, eu não fiz pós, eu não busquei uma formação melhor e isso talvez me inibiu ou me impediu de passar num concurso do tipo IFSul, ou ir mais adiante numa área, numa faculdade, coisa assim. Então sem esses títulos. Eu tive que trabalhar.

P: Não tem intenção ainda de fazer uma especialização?

R: No momento da minha vida, no momento não. Eu estaria assim para chegar num ponto de aposentadoria e daí parar com essa área, mas não por frustração, mas por uma dedicação por concepção. Dedicar mais no trabalho paralelo eclesiástico, eu acho que fruto da idade, fruto de uma série de detalhes. Eu iria priorizar isso. Mas eu acho que a necessidade de ter que trabalhar quando eu me formei e de não poder mais canalizar tempo numa formação, e depois casar e filho, a circunstância da vida fez com que não desse muito para parar, mas não que não pudesse. Eu acho que chegou num ponto que eu meio que parei assim e digo, “não, tá. É isso aí, vamos em

frente". Poderia e eu entendo que deveria, se eu fosse ser crítico comigo mesmo, querer ser mais, desenvolver mais, buscar outros conhecimentos. Seria só ganho para a minha vida. Então eu digo. É isso. Então eu tenho que aceitar para mim que eu vou ficar dando aula em escola pública, é essa a minha vocação e deu. É isso.

P: O professor de educação física é acometido por várias doenças, provavelmente, pelas características de trabalho. Trabalha no sol, apito, ouvido. Em algum momento o senhor precisou solicitar o afastamento por saúde devido a essas condições, características do trabalho de educação física?

R: Sim. Principalmente no início, não tinha nada coberto nas escolas, não tinha nenhuma cobertura. Era aula o dia inteiro, e era sol, era serração, era frio, era vento. Eu sou de origem germânica, minha pele é sensível. Eu tenho vários problemas de pele. Então eu não posso pegar sol, estou condenado por sol. Já tive que fazer enxerto nas costas e eu mensalmente tenho que buscar dermatologista e fazer aquela queima de nitrogênio que eles dizem, vários pontos do meu corpo. Então até as minhas atividades físicas em campo aberto estão bem limitadas em função disso. Tive rompimento do ligamento cruzado anterior, tive rompimento do tendão de aquiles, estou com o menisco também rompido. Então eu tenho várias demandas. Ordens articulares. Tudo bem, eu não vou atribuir tudo isso à relação profissional. Claro que eu faço minha atividade extra e também tem a questão de idade. Tem todas outras questões. Mas sempre nesse sentido, então minha pele sensível, vento o dia inteiro, mesmo que não esteja no sol. Mas aquele vento seco, minha pele seca, meus dedos abrem todos no frio. Então eu acho que eu sou bem acometido. Precisei parar 6 meses em função do ligamento, mais 6 meses tive que parar em função do tendão de aquiles. Já tive que pegar umas licenças na questão dos enxertos de pele que eu tive que fazer. Então lógico que eu fui bem acometido sim, eu acho que eu sou alvo da profissão.

P: Professor, se pudesse voltar no tempo, escolher novamente, teria feito a formação pela educação física, pela docência?

R: Eu acho que depois desse tempo decorrido, e pelo o que eu vivi e não vi o tempo passar, era isso aí mesmo. Eu estou realizado, vamos dizer assim. Não é dizer, querer compensar. Não, realmente, o que eu fiz... eu fiz; o que eu vivi, eu vivi. Eu fiz alegremente, eu me realizei. Não que tenha sido perfeito, não que não podia ter feito outras coisa. Mas, tranquilo. Eu voltaria a ser professor de educação física sim.

P: Que bom. O senhor tens algo que o senhor gostaria de falar, que o senhor acha importante, que o senhor acha que não foi questionado, não foi abordado nessa entrevista? Deixar um recado para um docente que vai entrar na carreira? O senhor fica à vontade agora para o senhor falar.

R: Não, eu acho que eu vou até elogiar. Eu acho que foi bem abrangente todas as frentes colocadas. Muito mais, eu expressei e eu vivi assim, não teria muito mais a agregar. Mas a questão é de ser, eu digo assim, de ser compatível com aquilo o que tu gosta, o que tu queres e que tu te realiza. Posso dizer isso por quê? Porque eu tentei outra área, eu estive na área, vamos, da farmácia. E é uma área que de forma alguma eu me realizaria. Eu seria frustrado mesmo, com mais dinheiro no bolso, mesmo com outro status, talvez, social. Mas o que eu fiz, o que eu vivi, eu acho que eu vivi intensamente, me realizei. Hoje se eu falo, eu falo das conquistas, eu falo das boas realizações. Não que não tive que apartar muitas brigas, não que não levei soco tentando apartar briga, não que não tenha ouvido desaforos, não que quase não apanhei de pais e coisas do gênero. Mas isso tudo faz parte. E não que muitas vezes também não tenha sido entendido devidamente, dentro de uma instituição, e talvez em alguns momentos uma desvalorização, alguma coisa assim. Mas tudo isso faz parte, isso só muda o endereço. Então fazer o que tu gosta, fazer o que ti realiza. Com certeza. Meus filhos sabem disso, minha esposa sabe disso, a minha filha foi para a área da educação física, mesmo sabendo das dificuldades que o pai passou, mas ela viu esse legado. Eu levava ela para a escola, ela participava das aulas. Então eu vejo que isso também ficou um legado para ela e ela também se realiza hoje.

P: Ela já é formada?

R: Minha filha já é formada.

P: Está atuando já na área?

R: Está atuando. No momento é mais na área de academia, personal, mais nesse sentido. Mas eu vejo a realização dela e sempre que a gente conversa, a gente conversa numa compatibilidade de ideias, de motivações, de interesses muito legais. Então eu acho que fica esse legado, eu tenho histórias para contar para os netos, vamos dizer assim, muito interessantes e de uma realidade que eu vivi. Então eu acho que fazer o que tu gosta, apesar de algumas questões, eu acho que é fundamental. Fazer com amor, fazer com fé, fazer com esperança, por aí.

P: Tá ok. Muito obrigado, então, professor.

R: Imagina

Local Entrevista: SMED **Data:** 16/03/20 **Iníco:** 10h15 **Término:** 11h01m

Nome: Professora Iara **Ano nascimento:** 1969 **Ano concluiu graduação:** 1988- ESEF/UFPel

Pós-graduação: 1- Especialização em Gestão Escolar

Ano Ingresso RMEPel: 1992 **Tempo trabalho RMEPel:** 28 anos **Tempo Geral Magistério:** 31 anos

CH atual: 40h **Nª escolas que trabalha:** 1 **Outra Rede Ensino:** Não **CH:** -

Outro trabalho/renda: Não **Estado civil:** Divorciada **Nº filhos:** 1

P: Bom dia então, professora. Gostaria de saber inicialmente, por que tu escolheu o curso de graduação em educação física, o que mais influenciou essa escolha?

R: Nossa, faz tanto tempo. Bom dia. Mas eu acredito que o que me levou a escolher a graduação em educação física foi a minha vida anterior como atleta, porque eu sempre participei das equipes escolares em mais de uma modalidade, e aí eu escolhi a universidade, ofereci um curso de educação física bem conceituado, eu gostava da área, gostava da questão do magistério, e aí resolvi fazer educação física.

P: Então poderias comentar um pouco como é que foi a tua graduação, quais conhecimentos, quais conteúdos que foram mais trabalhados durante a graduação?

R: O meu curso, como agora no mês de janeiro eu completei 31 anos de formada, então eu vou puxar pela memória. O meu curso teve a peculiaridade que foi a última turma dos três anos, então, na verdade, a gente sentia falta... eu posso dizer assim, eu fui monitora da disciplina de natação, então eu tive um pouco mais de aprofundamento na natação, que depois eu trabalhava na esfera privada como professora de natação. E uma outra disciplina que eu lembro que nós tivemos um aprofundamento também, foi a disciplina de atletismo, mas talvez esse aprofundamento tenha acontecido porque era a minha área enquanto atleta, eu fazia o atletismo, sempre fiz desde muito nova, e aí eu buscava sempre muitas informações. Lembro também que na área de recreação nós tivemos as disciplinas foram muito bem trabalhadas, e eu acho que eram essas, assim, as disciplinas que eu me recordo mais: natação, atletismo e recreação. Talvez já como a gente vai se preparando para ingressar em uma rede de ensino, a gente já vai procurando os conteúdos que no futuro vão ser mais demandados.

P: E tu achas que esse conhecimento que tu teve na graduação, eles o prepararam satisfatoriamente para atuar no ambiente escolar?

R: Sim, eu lembro que quando eu comecei a trabalhar, porque eu me formei e fui trabalhar na esfera privada, com natação, com certeza, ali eu me sentia extremamente bem preparada para trabalhar, quando eu ingressei na rede pública municipal para trabalhar com crianças pequenas, aí eu tive que dar uma estudada, mas acho tranquilo também, acho que faz parte, acho que a formação... por isso, a formação inicial, acho que enquanto formação inicial sim, ela supriu as necessidades.

P: Durante a tua carreira, tu teve estagiários ao longo da tua carreira?

R: Tive.

P: E como é que considera a atuação desses estagiários, tu achou que eles sentiam muito o choque com a realidade quando eles iam para os estágios?

R: Nas escolas, sim. Eles tinham o que passar, mas no trabalho em si, no fazer diário tinha sempre alguma situação que a gente tinha que... eu não digo nem contornar, mas sim auxiliar mais de perto, mas nunca tive nenhum problema, estagiários sempre muito tranquilos.

P: E como é a docência, ser professor de educação física na educação básica, como é que isso entrou na sua vida, o que influenciou essa escolha de ser professora?

R: Ah, eu acho que foi meio natural, porque eu não gostava de trabalhar na área de academia, que era uma área bem comum... agora novamente, tinha muitas academias naquela época em Pelotas, mas eu nunca gostei de trabalhar em academia, e como eu saí da faculdade e fui trabalhar, mais especificamente eu trabalhava na área da saúde, que eu trabalhava em uma clínica de reabilitação, trabalhava só com pessoas de mais idade e com necessidades de melhora de saúde, e trabalhava em um clube privado com natação, com o tempo eu fui sentindo que não era exatamente aquilo que eu queria trabalhar, aí surgiu o concurso e eu fui para trabalhar em escolas.

P: E como é que foram as suas primeiras aulas como professora de educação física, quais as principais dificuldades?

R: Eu sempre digo que na educação física, a nossa dificuldade é mais com os colegas do que com os alunos. Com os alunos eu nunca tive, sempre muito bem aceita, os alunos sempre gostaram, é aquela aula que eles esperam a semana toda, sempre tem aquele convencimento daquela aluna que não gosta de fazer nada, mas também bem tranquilo, não lembro de ter dificuldades. Assim, eventualmente se tinha algum problema de local, porque quando eu trabalhei sempre... agora eu vou completar 10 anos na Secretaria, mas eu trabalhei 18 anos na mesma escola, e eventualmente em outras. Então nessa escola que eu trabalhei os 18 anos, nós tínhamos problema do local da prática

da educação física, porque nós tínhamos somente era um pátio de chão batido, então se chovia muito, demorava muito para secar, se fazia frio era direto no frio, se fazia muito sol era direto no sol, aí alguns anos depois foi construído uma área coberta, deu uma melhorada, e bem no finalzinho quando eu estava saindo da escola foi construído uma quadra coberta. Então a dificuldade maior era o ambiente, o ambiente para a prática da atividade física, e eventualmente alguma falta de material adequado, que nós não tínhamos, nunca tivemos assim, todo o material em quantidade suficiente, eventualmente a gente tinha maior quantidade, os problemas eram estruturais, não da prática em si, que se contornava.

P: Em relação ao que tu fez durante a tua vida profissional, o trabalho que tu fez, o que tu gostaria de ter realizado, em suma, qual é a imagem que tu tens de ti como professora?

R: No trato ali, na aplicabilidade das aulas e tudo, eu acho bem tranquilo, me sinto bem realizada nesse sentido, sempre tive bom relacionamento com os alunos, inclusive também que eu sempre digo, os alunos eram problemáticos nas outras disciplinas, aí na educação física tinham notas excelentes, nunca faltavam, os professores reclamavam, “ah, no dia que tem educação física o fulaninho vem e incomoda o dia inteiro”, então assim, em relação aos alunos, relacionamento, eu me sinto plenamente realizada, o que sempre ficou, que eu não consegui realizar, como eu já relatei, que eu praticava atletismo, eu sempre tive interesse de trabalhar mais intensamente a questão do atletismo com os alunos, e isso não foi possível. A gente trabalhava muito precário, porque não tínhamos caixa de saltos, a gente trabalhava pequenas distâncias, porque as escolas que eu trabalhei sempre foram as escolas do bairro Areal, a pista de atletismo que tinha naquela época só tinha aqui no Fragata, no quartel, então claro que a gente não ia trazer os alunos uma vez para conhecer e não fazer mais nada, então nesse sentido eu fiquei frustrada de não ter conseguido despertar nos alunos que passaram por mim a paixão que eu tive pelo atletismo, e isso é uma frustração, mas o exercício da docência em sí, eu me sinto realizada, tenho vários alunos que a gente encontra e falam... Tem uma aluna que agora aos 35 anos resolveu fazer educação física, e ela me mandou um relato lindo, acho que eu coloquei ali na carta, achei bem legal. A gente nem lembra mais às vezes de quem passou, e eles lembram, então acho que essa marca foi bem boa.

P: Acabam influenciando os alunos também.

R: Isso.

P: E tu consideras que a educação física na escola, ela é valorizada ou reconhecida?

R: Ainda não, como deveria, de um modo geral ainda não, por vários fatores. Ainda temos escolas com estrutura precária, porque o ideal seria que todas as escolas tivessem uma quadra coberta para realmente ter uma atividade bem feita. Muitos dirigentes escolares ainda veem o professor de educação física como aquele profissional que consegue ajeitar o horário porque no pátio tu coloca três, quatro, cinco turmas, então isso ainda é usado... claro, como eu não estou em escola, mas a gente escuta os relatos, então ainda tem isso, “ah, tem uma professora que chegou atrasada, bota para o pátio, que o professor tal está lá e ele repara”, ainda tem muito isso. E continua por vezes além da falta da estrutura física, a falta de material, e ainda infelizmente temos colegas que só jogam a bola, também isso é falado, então ainda temos um longo caminho a percorrer, eu acho que a educação física não foi plenamente desenvolvida junto aos nossos alunos, infelizmente.

P: É que na carta tu falou um pouco das dificuldades que tu enfrentou ao longo da carreira, em algum momento tu chegaste a pensar em desistir, ou trocar de profissão?

R: Eu até cursei uma outra faculdade, mas por vários motivos, primeiro, na minha época, a graduação de educação física foi muito curta, aí eu fui fazer uma nova faculdade já trabalhando, e até com pretensão de ter uma carreira paralela, mas na verdade eu continuei na educação física.

P: Qual era o curso?

R: Direito.

P: Não exerceu?

R: Exerci, mas nunca com uma carga horária que precisasse sair da educação física, isso não, exerci paralelo, durante um bom tempo, mas não tirando da educação física.

P: E quais são ou foram os principais sentidos da carreira docente para você? O que te fez permanecer tanto tempo na carreira, 25, 30 anos?

R: Eu acho que o aluno, eu acho que a possibilidade de fazer mais e melhor pelo aluno, eu acho que isso fica bem claro, assim, até na minha trajetória, porque eu fiquei em sala de aula nesses 18 anos que eu estava na escola eu fiquei 15 anos em sala de aula, quando eu assumi a direção da escola eu permaneci em sala de aula ainda, porque naquela época era possível, eu tinha uma carga horária em sala de aula, e uma carga horária na direção. Era meio complicado porque o pessoal não respeitava muito, por vezes eu estava lá no pátio dando aula e chegava alguém na escola e só a diretora que poderia atender aquela pessoa, e eu acabei saindo da sala de aula, mas sempre quando eu estava na direção, sempre em prol do aluno, tentando articular com os demais professores. Porque eu acho que o professor de educação física

ainda tem aquele viés que conhece melhor o aluno, porque os alunos falam mais conosco, se abrem mais, e às vezes professores das demais disciplinas que tem aquela carga horária fechadinha que só pensam, “tenho que vencer conteúdo”, não veem o aluno como um todo, e eu acho que o profissional de educação física vê, e eu acho que isso é algo que a gente tem que levar quando está em um cargo de coordenação, de direção de escola. E aí quando eu vim para trabalhar na Secretaria, eu vim para trabalhar como supervisora de educação física, e uma coisa que foi muito gratificante, nós conseguimos fazer durante dois ou três anos uma gincana reunindo todas as escolas da rede municipal, dos anos iniciais, especificamente com as crianças pequenas mostrando a educação física de uma outra maneira, que eles não trabalhavam, não eram trabalhados pelos seus professores, muito, muito bom.

P: Aqui na tua carta fala também que tinha um grande número de colegas que não tinham interesse em assumir turmas da pré-escola. Por que que acha que tem esse desinteresse em pegar os menores?

R: Porque os menores tu precisa planejar mais atividades, porque a atenção deles dispersa, então se com os maiores tu vai trabalhar voleibol, por exemplo, tu podes trabalhar um trimestre inteiro de voleibol, aí tu vai trabalhar fundamentos, jogos, o que for, com voleibol. Com os pequenos não. As duas ou três aulas semanais vão ser inúmeras atividades, material diferenciado, e tu tem que pegar o aluno no colo, e tu tem que convencer, e tu tem que ensinar, porque tu pega alunos que nunca pularam uma corda, que nunca usaram um bambolê, que nunca fizeram um circuito, é tudo muito novo para eles, então eu acredito – e na escola que eu estava foi esse o problema – os colegas não queriam porque o investimento emocional, de planejamento é bem maior do que com os maiores.

P: Ok, é que na carta também fala que eles vinham querendo colo, que tinham longas histórias para contar.

R: Isso, exatamente.

P: Essas histórias a contar eram referentes a que, normalmente?

R: Mais sobre a vida deles, porque criança pequena é dramática, né? Então é um acontecimento às vezes que aconteceu no final de semana, eles relatavam questão de brigas, porque eles ainda não têm filtro, então eles traziam muito da intimidade familiar para dentro da escola. E tu tinha que saber o quê? Até onde tu iria ouvir daquilo que tu ouviu, se tu precisaria passar, por exemplo, para alguém da orientação escolar para chamar a família, alguma coisa assim, tinha que ir exercendo os teus filtros para saber, é por isso que eu falei, eles demandam um investimento emocional e profissional, no sentido que tu tem que planejar mais, tu tem que ter mais atividades, tu tem que ser mais flexível com as atividades que tu planejou, porque com os alunos, se tu determinou

que vamos trabalhar as regras do voleibol, tu vai trabalhar as regras do voleibol, com as crianças pequenas tu pode dizer que tu vai fazer tal coisa, e se eles empacam, eles empacam, não tem o que te mova, então eu acredito que é por isso, eles são mais agitados, mas barulhentos, mas eles não tem o corpo disciplinado, como muita gente gosta, então era sempre uma surpresa, cada aula com uma criança pequena, principalmente os de quatro anos. Na minha escola tinha o pré-nível A já, crianças de quatro anos.

P: E como é que tu analisa a trajetória das políticas públicas brasileiras ao longo da tua carreira, como que elas interferiram no trabalho docente?

R: Então, especificamente para a área de educação física ou de um modo mais geral?

P: Geral e específico também.

R: No geral nós tivemos melhorias, melhorias eu vou dizer principalmente no aspecto financeiro, porque tanto à nível federal quando a nível municipal, porque aqui em Pelotas nós temos o programa de aplicação de recursos financeiros, as escolas conseguiram receber mais verbas para elas próprias gerenciarem, então a gente conseguiu melhorar a questão do material disponível para todas as áreas, algumas especificamente para a área da educação física, porque antigamente era assim, a Secretaria enviava no início do ano um kit, e era aquilo que tu tinhas, se no primeiro dia eles tinham chutado a bola de futebol para a rua e passou alguém e levou, só no ano seguinte ou se tu fizesse alguma campanha dentro da escola para repor o material, então isso era bem ruim. Com o incremento das políticas públicas nessa parte financeira foi muito bom, hoje em dia as escolas só não têm o material se não organizam, se não dão prioridade para a educação física, se priorizam outras áreas em detrimento da educação física. Em relação as políticas de programas, algo mais amplo, por várias vezes se tentou... eu tenho conhecimento de políticas públicas nacionais que não foram incrementadas, cito uma especificamente. Em preparação aos jogos olímpicos aqui no Brasil, o governo federal lançou um grande programa que era o atleta na escola, que era para incrementar atividades de atletismo, voleibol e judô, só que não foi bem conduzido, porque o governo federal quando lançou em 2013, ele lançou com uma previsão de serem feitas competições, porque eles tinham o caráter de fomentar a competição, deveria ter sido realizada competições em cada uma das escolas, para que os alunos mais aptos saíssem dali, depois uma competição municipal, uma competição estadual, e uma culminância de competição nacional, não foi feito, as escolas que fizeram internamente, do munícipio já não veio a verba para a gente conseguir fazer, porque deveria pagar o deslocamento dos alunos até por exemplo, o quartel para fazer as competições de atletismo. E o governo lança o programa, mandou um pouquinho de dinheiro para as escolas, era em torno de 2 mil reais no máximo

para as escolas maiores, para comprar material específico de educação física para essas três modalidades, e ficou só nisso. Então realmente, a gente não pensa ainda em políticas públicas realmente eficazes, infelizmente.

P: Isso acaba interferindo então na formação dos alunos, tu acha?

R: Com certeza. Porque a gente não consegue mostrar para eles todas as possibilidades, nós temos grandes talentos que se perdem, que deveriam sim descobertos lá na escola, e que se perde, porque tu acaba fazendo o feijão com arroz, mesmo que tu faça o feijão com arroz bem feito, tu não desenvolve as potencialidades. Quantos jogadores de vôlei devem ter passado por mim e pelo fato da gente ter uma quadra precária, pouco tempo, a questão do turno inverso depois também se fomentou um pouco com um outro programa que foi o Mais Educação, se fomentou um pouco, mas era sempre assim, a gente sempre foi fazendo poucas coisas, nunca era uma linha, algo planejado a longo prazo, isso não.

P: E quando há trocas de governo, por exemplo, existe muita interrupção dessas políticas ou desses programas?

R: Existe. No municipal a questão do programa de recursos financeiros não, desde 2003 que a gente tem e nunca foi interrompida, a questão financeira, municipal, nunca foi interrompida, então é desde 2003 até a presente data, continuamos com esse programa. No federal sempre tem que o governo que entra quer mudar um pouquinho, nem que seja mudar o nome, e aí sempre tem uma ruptura, porque nem que seja enquanto eles estão pensando em um nome melhor, aí já não vem verba, já não vem manual de orientações também, eu acho que é uma coisa tipicamente brasileira.

P: Em relação as suas aulas, o que mais acabava influenciando as suas aulas de educação física, a tua experiência como atleta, a tua formação na academia, ou foi a experiência que tu acumulou ao longo do tempo?

R: A experiência, com certeza, com certeza é no fazer diário que tu vai moldando, porque tu começa a ver o que dá certo, o que desperta o interesse, o que tu precisa que eles tragam de casa. Por exemplo, aquelas crianças que em casa não tinham contato nenhum com rua, com pátio, com brincadeiras, tu acaba estimulando, chama as famílias, faz palestras para as famílias dizendo que, “ah, tragam para os filhos de vocês o que vocês faziam o ano passado, ensinem aqueles jogos de roda”, é o diário, e aí tu vai aprendendo o que as crianças pequenas precisam e têm interesse, o que elas precisam e não têm interesse, de que maneira tu vai conseguir alcançar; de que maneira tu vai conseguir que os adolescentes não queiram só a bola de futebol, que as meninas não queiram só ficar sentadas conversando. É o fazer diário, é a experiência, é a construção.

P: É que na cara tu fala sobre o trabalho na educação infantil, na pré-escola exige uma gama maior de materiais por exemplo.

R: Sim, também.

P: Em algum momento você teve que comprar material do teu salário por não ter na escola?

R: Graças a Deus não, porque eu tinha uma escola que sempre acreditava na questão da educação física, então é essa escola que eu fiquei mais tempo, nas demais escolas eu acabava me adaptando com o que tinha, vamos trabalhar com o que temos, eu fazia isso. Mas não lembro, talvez alguma coisa, assim, pontualmente de alguma...

P: Sim, nada que marcasse.

R: É, talvez de alguma apresentação, algum material, mas nada que marcasse, nada que tivesse feito falta, digamos assim.

P: E como é que tu achas da relação entre escola, educação física e sociedade? O que tu achas que mudou nos alunos, o que mudou na sociedade em si, ao longo desse trabalho, 20, 25 anos?

R: Eu digo sempre que eu fiquei com uma visão – e tenho ainda – quando eu atendo as escolas, porque agora eu atendo todas as escolas da rede aqui na minha função de Secretaria. Como a escola que eu fiquei esses 18 anos era uma escola com público diferenciado, com famílias grandes, a maioria das famílias, eram famílias bem interessadas, eu fiquei com uma visão de famílias participativas. Claro, poderiam até ser mais. Mas de alunos com não tantos problemas comportamentais. Eu fiquei com uma visão um pouco diferente, eu acho. Hoje em dia até quando eu falo com o pessoal dessa escola, eles dizem que não é mais assim. Mas eu fiquei durante muito tempo, famílias... a gente chamava as famílias, participavam as famílias, conheciam as crianças, as famílias davam conta das necessidades, iam na escola, auxiliavam. Era uma escola diferenciada. Então que agora me dizem que já não está mais tão diferenciada, que agora já está com aqueles problemas que a gente escuta, que a família não quer nada com a escola, que a família deixa a criança na escola e a escola que se vire, infelizmente. Mas eu não tinha essa visão. Não tinha mesmo.

P: Certo. Em algum momento da tua carreira tu chegaste a trabalhar 60 horas?

R: Não. Não na educação física, eu trabalhava, mas não na educação física. Eu era sempre 40 horas. Eu ingressei na rede municipal em 1992, e desde 1993 eu já passei para o regime de 40 horas, sempre trabalhei 40 horas.

P: Mas não tinha outro trabalho?

R: Tinha outro trabalho, mas não era na educação física, aí era na área do direito por opção.

P: Qual motivo que tu decidiu concorrer à direção?

R: Eu sempre digo que o professor de educação física tem uma visão privilegiada da escola, assim como todo mundo nos enxerga, a gente também enxerga a escola em si. A gente enxerga o trabalho, o movimento da escola. E os alunos te falam muito dos demais professores, porque aqueles professores que trabalham nas salas de aulas fechadas, que tu não enxerga o que eles estão fazendo ali. Na educação física eles te passam isso. E aí tu vê que sempre tem coisas que devem ser melhor trabalhadas, que devem ser modificadas, que devem ser aprofundadas, que devem ser eliminadas da escola. E eu acho que o professor de educação física tem essa visão mais ampla das coisas, não fica só ali restrito. Alguns dizem que porque como a gente não tem que aplicar prova, não tem esse trabalho burocrático, tu consegue pensar outras coisas. Mas eu acho que até pode ser isso, mas eu fui para a direção porque tinha coisas e procedimentos de colegas que eu via que precisavam mudar, tratamento com alunos, a questão do acolhimento aos alunos, aquilo o que se discutia há 20 anos e continua se discutindo agora que aluno não é só para despejar conteúdo em sala de aula, que a escola não é só isso. Foi por aí.

P: E em quantos anos de carreira já tinha quando decidiu concorrer?

R: Nossa. 10 anos.

P: E qual é a relação entre tua vida pessoal e vida profissional? Tu consegue distinguir ou tu acha que tudo isso é um só?

R: Consigo. Claro que por vezes tu está em casa, e aparece alguma coisa que, “ah, vou gravar isso, vou prestar atenção nisso”, porque posso levar para a escola ou agora posso levar para o meu trabalho. Mas sim, sempre consegui dissociar. O que não se dissocia é que na área da educação física, eu também sempre mexo, é que eu não consigo ver como é que colegas nossos se descuidam da parte da saúde. Isso eu não consigo. Eu acho que o profissional da educação física tem que ser exemplo, tem que ser exemplo de saúde, de bons hábitos. Isso eu sempre me cobro, mas sempre foi natural.

P: Ok. Tu é sindicalizada?

R: Não.

P: E como tu considera a atuação do sindicato nas demandas da classe docente?

R: Eu não lembro de ter visto durante muito tempo, eu frequentei as assembleias, muito tempo mesmo, frequentei as assembleias do nosso sindicato. Tive uma mobilização quando se falou fortemente em fazer o sindicato só dos professores. Eu participei bastante, nós acabamos não conseguindo fazer esse início do sindicato só dos professores. Eu não lembro de demandas do sindicato, de trabalhar demandas específicas da categoria, que existem demandas específicas da categoria dos professores da educação física, além de ter demandas específicas dos professores, eu acho que da educação física tem demandas que dizem respeito somente a nós e que são fundamentais para nossa atuação. Não lembro do sindicato ter tratado isso. E de um modo geral eu acho que nosso sindicato trata sempre professores dentro do grupo maior. Não acho que eles atuem fortemente das demandas categoria professores, eu acho que ainda é falho.

P: E como é que tu considera o plano atual de carreira do magistério e da prefeitura?

R: Defasado, precisamos adequar, as carreiras mudaram. Os direitos e deveres têm que ser adequados ao que se vive, tem que ser atualizados, e o nosso estatuto de 1993, 1998 está bem antigo. Sim, tem muitas coisas que precisam ser mudadas. É um plano de carreira que acredito até que nunca atendeu. Nós não temos um crescimento, nós não conseguimos enxergar um crescimento na carreira. E quando eu digo, “não conseguimos enxergar”, não falo somente no aspecto financeiro, a gente não consegue enxergar o crescimento mesmo, crescimento profissional e financeiro na carreira atual, e eu acho que a gente precisaria ter discutido isso, essas alterações. Mas acho também, porque eu participei de grupos de estudos, eu participei do grupo que criou um novo plano de carreira que não foi posto em prática, eu vi muito porque nós chamávamos os colegas de todas as escolas, era necessário ter representantes, eu vi muito, isso não faz muito tempo. Eu acho que nós paramos com essa discussão em 2017. O quanto colegas não se apropriam dos temas que dizem respeito à sua formação continuada, ao seu plano de carreira, ao seu crescimento profissional, como ainda nós professores não conhecemos o que nós precisaríamos conhecer para discutir e exigir.

P: E por que motivo tu achas que não há esse interesse?

R: Por vários motivos. Que eu acho que alguns justificáveis, e outros não. Por exemplo, quando o professor diz, “eu não tenho tempo para ler”. Mas se eu não tenho tempo para ler o que diz respeito à minha carreira profissional, eu não vou saber exigir o que é necessário. Eu acho que essa questão do tempo, e interesse. Hoje em dia a gente brinca, hoje em dia a gente diz que para estar

mexendo no Instagram, Facebook, todo mundo tem. Mas usar aquele tempo então para ler, ler a legislação que diz respeito à tua atuação profissional e a tua carreira, os teus direitos, não demonstram o mesmo interesse. São temas que por vezes as pessoas não gostam, pode dizer que são temas pesados, espinhosos, mas todos nós temos formação. Então eu acho que é uma questão de interesse mesmo, de vou lá, “vou ler, o que eu não entender eu vou me reunir com alguém para pedir explicação”. Eu acho que o fundamental é o interesse. Parece que as pessoas não reconhecem que o que eu não conheço eu não consigo exigir. É muito... ou o sindicato vai brigar por mim, ou vai ter um plano e eu não vou ler, não vou entender e vou ser contra porque senão vai dar... o que eu achava que precisava dar, que não é só o aspecto financeiro, reforço, o aspecto financeiro sim é fundamental, mas ele não pode ser o único que a gente venha a discutir, e eu acho que é interesse. Nós disponibilizávamos o material para o pessoal estudar, trazemos palestrantes. Eles não conhecem lá o básico. Por exemplo, ainda nas escolas não se entende que o censo escolar, cada aluno que tu não coloca no censo escolar é menos verba. Então é isso o que eu digo: as pessoas focam muito no financeiro, mas ainda não se convenceram que não podemos deixar um aluno de fora do censo escolar, que é menos retorno de verba para o município, consequentemente menos retorno de salários, retorno mesmo: livro escolar, um livro didático. Quantas escolas a gente entra, as bibliotecas abarrotadas com livro didático ainda fechadinho em plástico? Aquilo ali é dinheiro. A escola solicita e nunca utiliza. Então falta ainda essa conscientização.

P: E como considera a relação com a educação dos governos municipal, estadual e federal? Tu acha que a educação é valorizada pelos atuais governos?

R: Não como deveria. Eu acho que ainda não. A educação ainda não é vista com o devido peso por muitos motivos. Eu acho que ainda se faz – e eu acho que mais o nível que a gente espera que eu digo, municipal e estadual, que a gente enxerga mais facilmente – a educação ainda precisa de muito planejamento. Eu acho que ainda se trabalha muito na educação apagando incêndio, resolvendo aquele problema diário e não se foca no longo prazo. Não se tem programas, planejamentos para daqui a 2 anos, para daqui a 3 anos. Não, é assim. Hoje é porque não chegou a merenda, é porque o ônibus quebrou, é porque faltou professor, é porque o professor não se apresentou e não tem quem assuma a turma. Ainda é muito no apagar incêndio. A gente não consegue apagar os incêndios e planejar ao mesmo tempo. A gente gasta as energias, agora como eu estou na Secretaria, a gente gasta as nossas energias no apagar incêndio. E aí não sobra tempo, não sobra investimento de pessoas, de tempo, de planejamento no que vai dar resultado daqui a pouco. Eu acho que isso é algo que ainda não se conseguiu.

P: Certo. E aqui na carta que tu fala sobre a aluna, aquela que resolveu ser docente em educação física.

R: Isso, é.

P: Tu fala que mais adiante que se questiona se compensa os anos de poeira, sol e frio, se compensa o baixo salário. Aí tu diz aqui que não compensa nada disso, "mas aquece o coração, isso aquece". Diante disso aqui, se tu pudesse fazer novamente a opção pela graduação em educação física, pela docência, tu faria novamente?

R: Eu acho que faria. Não sei. Não posso te dizer assim, "com certeza", mas eu acho que sim. Talvez com algumas diferenças, não sei se... é, mas faria, eu acredito que eu faria novamente.

P: Certo. E quantos anos falta para se aposentar?

R: Não sei.

P: Agora não sabe mais.

R: Não, na verdade eu já estou juntando documentação, mas em função da idade. O problema é quando a gente começa muito jovem, o tempo de serviço, os 30 anos eu completo, mas a idade ainda não.

P: E tu estas ansiosa pela aposentadoria?

R: Não, não estou. Eu digo sempre, eu sou uma pessoa que não consigo me ver aposentada porque eu acho que não tenho interesse na aposentadoria agora. Aquilo o que nós comentamos anteriormente. Eu consigo separar, consigo ter uma vida privada sem levar os problemas –claro, eventualmente a gente leva – os problemas da vida profissional. Mas eu consigo separar, então eu não vejo meu trabalho, minha atuação profissional como algo que venha em prejuízo do que eu gosto e do que eu quero fazer fora daqui. Então não almejo a aposentadoria como "ah, quando eu me aposentar eu vou ter vida, quando eu me aposentar vou fazer o que eu quero". Eu acho que quem pensa assim deveria mudar a sua vida profissional. Eu acho que a vida profissional faz parte, é uma parte importante, uma parte necessária da nossa vida como um todo. Que essas pessoas – para mim – eu acho muito desagradável quem fica dizendo, "não vejo a hora de eu me aposentar, não vejo a hora de eu largar tudo isso". Já era para ter largado anos atrás. Eu acho que quem pensa assim não está ali na ponta fazendo um bom trabalho, eu acho que são aquelas pessoas que se amarguram, não conseguem desenvolver o que poderiam desenvolver, não conseguem atingir seu potencial porque não gostam do que fazem. E eu acho isso ruim para elas e para quem está ali com elas. Eu acho isso péssimo. Não gosta do que tu faz, se tu não vê a hora de parares de fazer

o que tu faz é porque tu não queria estar ali fazendo. Eu acho que isso deveria... as pessoas deveriam repensar.

P: Tu tens algo que tu gostaria de falar que tu achas importante e não foi questionado aqui?

R: Não. Eu só gostaria de dizer que eu acho muito importante esse tipo de pesquisa para conhecer, e também para levar as pessoas que são objeto das pesquisas, a repensar o que fazem, a lembrar do porquê escolheram fazer. Eu acho bem interessante e acho muito bom. Está de parabéns.

P: Ok, obrigado.

Local Entrevista: ESEF/UFPel **Data:** 19/12/19 **Iníco:** 09h **Término:** 10h25m

Nome: Professor João **Ano nascimento:** 1956 (64 anos) **Ano concluiu graduação:** 1986- ESEF/UFPel

Pós-graduação: Especialização em Ginástica Escolar

Ano Ingresso RMEPel: 1987 **Tempo trabalho RMEPel:** 33 anos **Tempo Geral Magistério:** 33 anos

CH atual RMEPel: 20h (+20h aposentado) **Outra Rede Ensino:** **Total CH:** 20h

Nª escolas que trabalha: 1

Outro trabalho/renda: - **Estado civil:** casado **Nº filhos:** 3

P: Bom dia, professor. Inicialmente gostaria de saber por que o senhor escolheu o curso de graduação em educação física e o que mais influenciou essa escolha?

R: Olha cara, como eu tinha, a gente praticava bastante esporte, jogava futebol – não profissional, mas jogava muita "pelada" e aquilo isso fez com que eu me voltasse para a área da educação física. Então eu acho que o que mais me levou a essa formação da educação física foi essa questão do desporto em si, assim.

P: Qual foi a reação da sua família quando o senhor decidiu fazer a graduação em educação física? O senhor comentou um pouco aqui na carta que seu pai perguntou se tu achas que ia conseguir sustentar a família com o salário do professor. Qual foi a reação deles?

R: É, porque o meu pai, como eu te falei na carta, ele era militar. E aí quando eu resolvi fazer EF, quando passei no curso de educação física, ele me perguntou. E outras vezes, três vezes eu passei, e ele não concordava com que eu fizesse educação física.

P: Passou três vezes e não cursou?

R: É. Aí na terceira vez ele pegou, me chamou, e disse, "olha, vamos lá". Sabe que todo milico é cheio de coisa, como é que se diz, um escritório dele lá, me colocou ali e disse, "cara, vamos lá, vamos conversar". Aí eu sentei lá e disse, "olha, eu quero saber se é isso realmente o que tu quer, ele disse, "sim pai, quero fazer, quero cursar". Aí ele disse para mim, me perguntou, eu me lembro

bem, “tu acha que tu tens condições de manter e sustentar uma família com salário de professor?”. Aí eu disse, “não sei, pai”. Aí eu entendi por que ele perguntou isso aí, porque eu tinha três irmãs professoras do estado, as irmãs minhas ele ajudava. Ajudava naquela época em 1975, 70 e poucos, ele já auxiliava elas para pagar aluguel, e se elas faltava dinheiro, elas iam lá correndo e ele era o banco. Então aí claro, justamente ele ficou pensando, “cara, mas outro professor? Logo de EF”.

P: E o senhor já tinha família, já era casado?

R: Não, não tinha.

P: Não tinha ainda?

R: Não, eu era solteiro ainda. Comecei, não tinha companheira nenhuma. Mas eu tinha namorada.

P: E comente um pouco como foi sua graduação, quais conhecimentos, que conteúdos foram mais trabalhados na sua graduação?

R: Cara, eu peguei o final de uma ditadura, que terminou em 1985, que foi o último governo do João Batista Figueiredo. Eu senti assim. Na ESEF, ela voltava-se mais para um trabalho, como é que eu vou te dizer analisando, uma preparação para a escola mesmo. Eu tinha o professor Valter Spiker que trabalhava muito a questão da ginástica. Então me lembro muito bem que o pessoal, nós tínhamos que fazer uma pasta com um monte de bonequinho, um monte de exercícios desenhados. E aquilo tu tinha que apresentar para ele, apresentar aquela pasta. Aquilo também eu já não concordava, não concordava com uma série de coisas. Eu já sentia no meu ponto de vista, mesmo com minha ignorância que eu não tinha, eu não tenho conhecimento, uma leitura. Não tinha, era aluno, nem tinha tanto essa leitura que talvez vocês hoje tenham na ESEF. Era um toma lá, dá cá. Eles te davam conteúdo, e tu ia estudar, se tu não estudava eles te ferravam, cobravam, te cobravam. Que no meu entender era a única maneira que eles tinham. O que eu sentia assim que tinha e então o que mais pesava era disciplina de ginástica, anatomia também,

fiz anatomia e era bem exigida, ela também, não sei hoje. E as outras disciplinas sim.

P: Não tinha muita parte pedagógica?

R: Não, tinha a parte pedagógica. Nós tínhamos aulas teóricas e práticas, mas eu pensava assim que alguma coisa ia mudar, que aquilo ali ia chegar um tempo que não ia ser só aquilo. E a gente não tinha uma vivência da escola, não sei se hoje tem, uma vivência prática. Até o estágio era muito assim. Fazia um estágio, dava uma aula, o cara te observava, tinha o professor. E não é o TCC que vocês fazem hoje, talvez hoje vocês muito mais hoje.

P: Antes era um relatório somente?

R: É, tu fazia daquilo ali, tu preparava uma aula, a tua aula tu ia lá na escola e te davam, e te observavam. Mas eu vejo assim. Eu acho que era aquilo por causa da época que não existia, dos recursos que tem hoje, então restava mais o professor dar o conteúdo dele.

P: O professor passava, era instrutor e executavam para os alunos?

R: Também. Até porque a ESEF não tinha a estrutura que tem hoje. A ESEF era ali na praça.

P: Esquina do IFSul ali?

R: É, que é consulati. Aquele prédio. Depois a gente tinha aulas no quartel que era atletismo; natação no Valter, lá naquela academia, o Valter tinha uma academia. Eu acho que ele não tem mais, tinha aula no campus, tinha anatomia, não sei se ainda continua ali na medicina. Era espalhado, uma coisa que para nós se tornava ruim. Tinha que andar para lá e para cá, e dificultava até questão de transporte.

P: E o senhor acha que os conhecimentos que o senhor teve na sua formação, na graduação, eles o ajudaram satisfatoriamente para o senhor atuar na escola?

R: Satisfatoriamente não. Deu o básico que é o necessário para ti ter condições de aplicar. Agora o problema é a realidade, no meu caso que eu encontrei na escola para trabalhar, pelas escolas que eu trabalhei de ser na zona rural. Então as escolas, a estrutura totalmente não adequada para ti, para aulas de EF. Tu tinha que fazer um monte de adaptação, algumas coisas tu não poderia fazer por correr o risco da questão do problema da integridade física do aluno te envolver em algum problema. Te digo uma coisa, basquete de mesmo eu nunca trabalhei, nem tentei. Tentei algumas vezes colocar, mas eu desisti, porque não tem o risco de cair alguma coisa que tu colocasse, uma tabela, e as crianças vão para o recreio. E tudo cai na responsabilidade do professor, ele é responsável. Se acontecer alguma coisa, os pais vão em cima, Secretaria ninguém assume nada.

P: O senhor colocou aqui na carta, "trabalhando 30 anos em escolas rurais". Em relação à infraestrutura muito pouco mudou?

R: Na minha escola sim.

P: O que o senhor acha que não mudou, será?

R: Aí eu acho que é, vamos dizer assim, um desleixo, uma falta de vontade, é questão política. É questão da Secretaria de Educação.

P: Que a gente percebe que existe umas escolas que tem infraestrutura, que tem tudo e algumas que não tem nada. É uma disparidade muito grande.

R: Sim, e eu te digo assim. Que eu muito briguei com a direção da escola, fica muito visado, muito chato, porque eu achava assim, "ela não quer fazer isso aí". Aí eu levei, fui atrás de vereador para ir lá e olhar para ver, prefeito foi na escola e prometeu que hoje é o governador e o cara não fez, só prometeu.

P: Só discurso.

R: Então eu acho que quando existe uma influência, eu, pela minha experiência de cinco anos existe uma influência política e que a direção da escola tem alguém já... uma colega minha que era diretora, ela conseguiu, então tu tem

que ser mais chegado nesse lado político para tu conseguir as coisas. Como tudo. A política, no meu entender, faz parte de tudo. Só que algumas pessoas acham que não, entende? Que a política não faz parte. Aí tu vai mudar, não tem como mudar. E não quer expor lá, fazer, ir atrás e correr. E eu fui, tentei, falei com vários vereadores, o cara foi lá, olhou e observou, “então vamos ver o que dá para fazer”. Nunca, só promessa. Eu não fui feliz em nada com essa busca de melhor infraestrutura.

P: E o senhor acredita que a educação física na escola é valorizada, é reconhecida diante de tudo isso o que o senhor me diz?

R: Eu acho que ela não é valorizada na escola, porque eu ia até te colocar uma coisa. Quando eu comecei antes de entrar, para o município eu trabalhei 6 meses numa escola estadual, em São Lourenço do Sul, por um contrato. E aí lá vendo assim, não tinha nada assim de estrutura, nem material. Mas o que acontece? E quando eu comecei, a gente dos mais antigos e talvez os professores antes de mim devem pensar, “nós professores de educação física não participávamos nas reuniões pedagógicas, nós éramos excluídos”. Depois, de uns anos passados, começou professor a participar das reuniões pedagógicas. Já era uma conquista, porque claro, não poderia até hoje acontecer uma coisa dessa, porque eu acho que no momento que o professor de educação física começou a se tornar assim, até porque era muito crítico, era um cara que interferia nas coisas e queria mudança. Nada com os outros professores as disciplinas deles não eramm muito questionada. Não era tão questionada assim no sentido de porque nós mesmos com toda falta de estrutura, o que a gente tem, e quando tu falou isso aí, depende de nós professor. Ele tem que valorizar a disciplina dele. Mesmo que os outros não valorizem, porque eu sempre dizia assim, até colocava, o Paulo Freire colocava isso aí, Paulo Freire colocava que a “sala de aula, a cela de aula”. Aí digo, “pô, é fácil para vocês, vocês colocam 20, 25 alunos na sala, fecham a porta e dão aula. Sei lá, dá um jeito, bota para rua. Agora nós não, nós o aluno está solto, ele está em movimento. Ele tem que se movimentar”. E aí tu coloca aqueles alunos numa quadra e vocês acham, “não, é fácil dar uma bola, e deixa jogar. Mas até para dar uma bola tu tem que saber por que tu deu uma bola”. Eu me lembro muito bem assim uma vez, um professor que ele foi professor aqui, ele

foi diretor do CAVG. O pessoal conhece ele, eu disse uma vez e aprendi, “pô, está difícil trabalhar com essa gurizada”. Ele foi diretor de lá. Eu disse, “que a gurizada só quer jogar futebol, porque é a realidade, nós somos um país de futebol”, ele disse, “graças a Deus, que no momento que eles sentirem que não querem mais jogar futebol e sentir que a maconha é melhor, terminou”. Alguma coisa assim. Mas eu vejo assim, Ivan, que vendo assim do curso na minha época começou a surgir umas outras visões, o pessoal começou a sair, fazer especialização, mestrado, os professores que na minha época não tinha muita gente com mestrado, de vez em quando fazia uma especialização. E aí tinha alguns professores que começaram a ver o outro lado, assim. Um dos caras diziam que quando você sai da universidade e encontra a realidade lá e não consegue trabalhar como tu pensava em trabalhar, e tu se sente frustrado, e muitos até hoje, daquilo o que tu não consegue, “poh, não tenho domínio de classe, não tenho uma série de coisas”, os outros vão dizer. Não é isso aí, é que tu não tem conhecimento teórico. E aí quando eu fiz uma especialização, eu comecei a ver a ler, entender o porquê de algumas coisas. E foi bom na época quando eu fiz, que foi sobre corporeidade, aí foi professor, foi o Prof. Florismar que me orientou, aí eu comecei a ler algumas coisas sobre Foucault, ler algumas coisas sobre corporeidade, comecei a entender por que algumas coisas assim não aconteciam. Claro que tu fica meio assim, meio louco, tu começa meio a negar às vezes, “não vou mais ler esse troço”, porque às vezes tu fica até meio... “tchê, vou sair fora disso”. Mas foi bom para eu entender, o que eu quero te dizer é tu não te sentir culpado no teu trabalho, fora tu não ter condições, mas por uma outra série de coisas que faz com que não aconteça, não vai acontecer.

P: Não é tu o culpado por isso?

R: Não, não é não. Não é o culpado. É o sistema, o sistema todo.

P: Sim, não é o professor o culpado.

R: Porque a escola, ela impede uma série de coisas, não só na minha. Tu não tem como... ou tu faz assim, vou ali, dou a minha aula e não questiona, tu não vai se sentir bem em comprar briga, mas às vezes tem coisas que tu tem que

colocar, não para ajudar, entende? Só que a nossa disciplina é uma coisa que eles parece que não querem enxergar os outros professores. E até nós somos assim: algumas, como tem um dia que é a folga dos professores, nesse dia eles juntam educação física, educação artística, e colocam no mesmo dia, para dar folga para o currículo. Aí aquilo é uma coisa meio quenós somos usados naquele dia, desvaloriza, que não deveria ser. Mas é, infelizmente não tem o que fazer.

P: Mas isso é na rede municipal isso, não é só específico...

R: É. Aí quando tu falta, mesmo que as tuas aulas sejam uma porcaria, fato, eles dizem, “ah, professor faltou”. Mas o bom é que as crianças também dizem, a educação física faltou, elas te cobram. “Professor, já está devendo uma aula de educação física”. Os outros então, matemática, eles dão graças a Deus quando o cara não vem.

P: E agora com a reforma, tem uma reforma curricular no município que querem diminuir ainda mais a carga horária de educação física e artes. E aumentar a carga horária de português e matemática.

R: Claro, mas é horrível, porque acontece assim, ó. Eu até digo para eles. E quando tem assim, mesmo com as condições que eu tenho, quando eu tenho um dia bom, eu tiro eles para fora de aula assim, algumas coisas teóricas que eu consigo passar para eles eu dou em xerox, ou eu passo um vídeo, porque são duas aulas. Então assim, é o momento que eles têm para sair na rua. Pô, vocês estão com a bunda achatada numa cadeira, passar quatro aulas, cinco aulas, vai para cinco aulas a matemática, e vocês não têm movimento, vocês não conseguem sair. E aí eu digo para eles, “olha, vamos sair então, vamos lá”. Eles às vezes não querem nem que eu faça chamada. Então não faço mais chamada. Eu sei quem é, que me digam quem veio, quem veio, e ‘vambora’. A gente faz um aquecimento, faz uma coisa antes. E quando é futebol, ou eles escolhem, dividem os times. Mas outros conteúdos que é difícil de trabalhar pelas condições, mas eu tento trabalhar com eles, o voleibol, o handebol, que eu tenho às vezes andar riscando a quadra. Tu olhou lá?

P: Eu olhei a quadra.

R: Então eu acho assim, a gente faz o possível, entende? Que já está nessa profissão, o que tu vai fazer? Mesmo que tu tenha depois de um tempo, “bah...”, no sentido assim, “poxa vida cara... nunca pensei que assim”, mas tu vai ter que enfrentar aqueles problemas que tem, não tem saída. Tu já está lá é a realidade ali.

P: E como é que ser professor de educação física, o que influenciou nessa escolha? O senhor trabalhou em algumas áreas fora da escola ou o senhor escolheu ser professor?

R: Olha, eu não trabalhei assim. Como te disse, fora não. Antes eu fui mais voltado com gente na casa, no São Gabriel que a gente morava, que hoje a gente vendeu, nós tínhamos no fundo do pátio um terreno grande e ali nós juntávamos a gurizada para jogar. Praticamente jogava toda a tarde. Então quem não sabia jogar futebol, aprende a jogar futebol, porque não existia escolinha. Tinha guri que não sabia chutar uma bola, não sabia conduzir uma bola. Então de tanto jogar ali junto, nós juntávamos os colegas do colégio, e jogávamos praticamente toda a tarde. E aí a minha mãe dizia, “seu pai vai chegar 6 horas”. Antes de chegar, as gurias tinham que estar tudo embora daqui, porque na época ela era doméstica. “Teu pai vai brigar comigo e me xingar por causa dessa gurizada dentro do pátio aqui jogando bola”. E eu vejo assim, eu até tinha um irmão meu que jogava muito bem, assim no sentido para a época. E era um cara um pouco mais, altura média, mais baixo que eu, batia muito bem na bola com dois pés, marcação era um inferno para a gente jogar, jogava mais futsal. Até me lembro que falavam “leva esse guri”, na época, “leva esse guri para Porto Alegre”. Nós tivemos chance que a mãe dele era militar, de ir embora estudar na escola. Ele não quis nos levar, porque ele saiu capitão, 2 anos disse que também não aguentava mais, da ativa e depois entrou para reserva como major, e ele disse, “eu não quero mais isso”, e os caras propuseram para ele, “traz os seus filhos e a gente coloca eles, eles vão direto depois para...”, e ele disse, “não, eu não quero isso, porque eu fui militar porque não tinha saída. Era um guri pobre, então eu quero assim que vocês... eu não vou forçar, se vocês quiserem”, mas não os obrigou, e ele disse, “eu quero que vocês estudem”. Tá, então já aproveitem. Aí que eu tive condições de vir fazer faculdade aqui.

P: E o senhor escolheu a docência? A**pareceu concurso, o senhor fez aí, como é que era naquela época?**

R: Na minha época, quando eu fiquei aqui, que eu não queria ficar aqui, queria ir embora. Queria voltar para lá e meu pai disse, “não, não vem para cá porque não tem nada para ti”. Tu vai trabalhar numa academia que o cara vai te explorar e eu tenho que te sustentar aqui. Aí depois de 1995 eu com a guria, minha esposa estava grávida desse meu filho mais velho, e pai me ajudou a terminar o curso, ele me ajudou. Mesmo até depois, 1 ano ele me ajudou financeiramente e ele disse, “não, fica por aí”. Aí eu consegui um contrato que era tipo de CLT, por tempo indeterminado, e comecei a trabalhar. Que hoje é , cidade Morro Redondo que era distrito de Pelotas. Então aí fiquei, acabei ficando por Pelotas.

P: E como é que foram suas primeiras aulas como professor de educação física? Quais forma as primeiras dificuldades que o senhor teve?

R: Cara, como te falei. A primeira dificuldade da aula é questão assim: estrutura, espaço físico e material. Praticamente não tinha nada. Aí eu me lembro muito bem, que tinha um senhor que me disse assim... porque minha experiência foi assim: antes, nessa escola que eu comecei num contrato num distrito de São Lourenço. Nessa escola eu cheguei lá, não tinha nada. Nem material, tinha eu acho que uma bola só. Aí comecei a tentar, trabalhar voleibol com a gurizada. Era uma escola, tem até hoje, existe essa escola. É um internato para alunos de escola tipo escola CAVG.

P: Internato.

R: É, só tinha ensino fundamental e agora tem ensino médio. E ali só colônia, alemães, alemãs. Mas só que iam os alunos daqui da cidade para lá que os pais não aguentavam, mandavam para esse internato, ficavam toda semana e vinham para o fim de semana. Ela passa o Coqueiros que tem um posto que vai para São Lourenço e você entra à esquerda. Agora é uma escola com uma boa estrutura. Reformou ela toda, fez ginásio, que não tinha, mas na época. Aí o que acontecia? Eu não tinha material, então fazia algumas coisas com eles, e um senhor, não me esqueço até hoje. E essas gurizadas não dormiam de

noite, eles ficavam acordados bagunçando. E tinha um cara que cuidava – como é que chama?

P: O monitor?

R: É, o alemão cuidava deles ali. Aí eu disse assim, “professor, esses guris, o senhor tem que cansar eles”, “cansar como?”, “o senhor vai ter que fazer assim: dar umas corridas com eles durante o dia”. E eu estava novo, tinha 30 ainda, que já me formei um pouquinho, 27 anos, aí eu comecei, inventei de dar uma corrida com eles. Mas eram as maiores turmas, de quinto ao oitavo ano. Aí eu fiz, uma manhã fui correr com eles. Só que era gurizada muito viva, muito esperta e se metia nos matos. Aí claro, eles esperavam voltar, mas uns iam correndo. Aquela noite eu consegui que eles dormisse, mas claro que não tinha condições, eu dava duas aulas na semana.

P: Era uma... dois dias então.

R: E eu trabalhava ali com o que dava o vôlei, numa quadrinha que tinha, uma rede e um futebol, numa outra quadra que tinha, que conseguia fazer eles fazer exercícios, algumas coisas, e depois conseguia, mas não tinha muita quantia.

P: E atualmente, quais são as principais dificuldades? Ainda é infraestrutura?

R: Sim. O aluno tu consegue, infraestrutura faz falta, porque pensa bem: frio, dia de chuva. Dia de chuva tu está trabalhando na sala de aula, aí hoje tem alguns recursos de jogos para eles estarem dentro da sala, mas não existem, na escola não existe uma sala como não tem para educação artística, uma peça que tu botasse um material para educação física e os alunos, seria luxo, se fossem para lá e pudessem. Não. Então você tem que improvisar. Na escola mesmo que eu trabalho, é um espaço assim, tem uma tela na volta, então já aconteceu de alguns alunos se enganchar na tela, se machucarem, mas dá para ti adaptar e fazer uma aula. Só que o que ocorre é que algumas coisas que tu tem, que tu poderia fazer, tu acaba não fazendo, porque tu vai evitar o risco que tu vai correr, entende? Na área de algumas modalidades.

P: Certo. E quais foram os anos mais difíceis da sua carreira, foi o início, teve algum?

R: Olha, difícil, sempre foi. Porque o que acontece? Eu sempre comecei em escola de zona rural. Então tu ficar muitas vezes, ir para fora para a escola na zonar rural, como tu mesmo teve lá, num dia de chuva, com uma chuvarada forte, tu pega aquele micro-ônibus, ou tu pega, nós pegávamos, tem uns micros – não sei se tu viu lá – e vai para a faixa esperar o ônibus. Na faixa tu não tem cobertura. Alguns lugares tem.

P: O senhor também ia de micro-ônibus pegar?

R: É, a gente ia, desce ali, e pega lá para dentro o micro. Mas quando está chovendo tu desce ali com um guarda-chuva, espera na beira da faixa até vir te buscar. Ou se tu tem um abrigo, como eu não tinha, a gente entrava lá para dentro e ficava lá.

P: Isso no início da sua carreira?

R: É, mais parte, em grande parte de carreira, durante quase todos esses 30 anos, é barro, atoleiro, barro de tu ficar embarrado, atolado muitas vezes no ônibus. Toda essa dificuldade...

P: Ali, para ir para li o senhor paga pedágio ou tem outro lado ali que...

R: Ali paga.

P: A prefeitura ressarce, como é?

R: Não, a prefeitura nos dá um auxílio, mas é de descontato, desconto é 6%. Ele é descontado desse salário, não tem nada de graça. E nos dá o difícil acesso, nos paga o difícil acesso. 50% que vai.

P: Tá.

R: O pedágio, praticamente eu não vou de carro lá, principalmente porque é caro. A gente vai de ônibus.

P: Ônibus da prefeitura, né.

R: Agora mudou, que teve um ônibus agora que eles colocaram que ele passa, ele vai direto. Santa Cruz, uma empresa nova. Ele vai lá em cima que tem uma escola do estado, que também eu trabalhei lá, a gente fez um anexo. Se eu for te contar, vai ser uma novela, um livro das façanhas que a gente passou e passa. Sei que não esqueci assim. Nós viemos uma vez para nós economizar, nós pegamos carona de um cara de uma funerária, um agente funerário que foi levar um corpo lá, e atacamos o cara e viemos com ele, na parte de trás lá, que dizia assim, são coisas que tu passa...Uma vez eu vim num carro daqueles opalas coupé, o cara botou um botijão de gás dentro do Opala.

P: E vocês lá junto ali?

R: E tu ouvia aquele chiado assim de “chi... chi... chi...”, “eu acho que vai explodir esse troço, cara”. E a gente arriscando, porque não sabia que o cara estava com um botijão de gás dentro do carro.

P: Em algum momento, na sua carreira, o senhor chegou a pensar em desistir da docência?

R: Depois de estar trabalhando não, Ivan. Durante o curso que eu estava fazendo, metade do curso eu pensei em desistir, porque cara me deu uma crise, mas eu pensei assim, “pô, cara”. E não só eu, colegas meus na época, muitos desistiram. Aí eu pensei, “pô, mas eu não posso desistir. Como é que eu vou desistir, estou na metade do curso. Tenho mais é que seguir”. Pensei em trocar para direito, não tinha nada a ver. E digo, “vou seguir, vou concluir o curso”. Até naquela coisa, “pô, meu velho vai ficar puto da cara comigo”, ou ia gostar até de ter desistido. Mas o meu problema era o tempo, eu já não era um cara novo, eu comecei com mais idade, então digo, “vou ficar aí na educação física”

P: Claro, em relação ao seu trabalho, o que o senhor fez durante sua vida profissional, e o que o senhor gostaria de ter feito. Em resumo, que imagem o senhor tem do senhor como profissional, como professor?

R: Cara, eu te digo assim, eu nunca fui... até visto pelos outros, na escola, na ESEF mesmo... eu era um cara indisciplinado, entende? Não fui um bom aluno

no sentido assim, até porque, mas eu me esforçava, entende? Eu não era um cara relapso. Eu tentava fazer na medida do possível mesmo que eu não fosse um cara estudioso. E a gente, nessa realidade eu acho que eu não tinha aquela ambição. Mas é um direito de todo mundo. Não tinha essa facilidade que vocês têm hoje de “olha, vou me formar, em seguida vou fazer uma especialização e fazer mestrado”, não tinha isso, não ofereciam tanto isso. Aqueles que lutavam, que batalhavam por isso aí. Como foi o caso de um cara que foi meu colega. Talvez não era tanto aberto. Penso eu que hoje tem, o rapaz que quer, do aluno que quer estudar e quer seguir. Até ser professor da ESEF, essa coisa toda. Na época não tínhamos uma leitura e um conhecimento. Quem tinha ainda na época, quem poderia ter eram os professores que estavam ali. E assim mesmo os caras tinham que buscar. Que não tinha essas opções como tem hoje de seguir estudando.

P: Mas o senhor se considera um bom profissional? Como é que o senhor se considera como profissional?

R: Sim, eu me considero assim, dificilmente eu falto, entende. Se faltar, é por algum problema de doença, sempre fui assim, com toda dificuldade, dia de chuva, frio. Muitas vezes fui trabalhar doente, com uma dor, tenho um problema de coluna, Joelho, tenho problema no joelho, coluna já tenho problema na L2, L3, L4. Mas eu estou aí ainda. Eu não sei até onde vou conseguir aguentar, entende? Já estou arrepiando, porque as atividades que eu fazia, como antes de ter, você vai lá, caminhar, correr, eu não consigo mais. Até pela idade. Então isso fazia com que até assim tu ia, e mesmo assim eu faço com meus alunos hoje. Eu caminho com eles, quando dá lá fora, e vejo alguns alunos que diz, “ah professor, não gosto de caminhar”, mas alguma coisa que eu possa deixar para eles. Digo para eles, “cara, vocês hoje jovens, mais tarde vocês não botam nem o sapato de vocês, vocês não vão conseguir, e depois vocês vão ir no médico, vão no postinho, e o médico vai dizer ‘senhor, o senhor tem que caminhar’”, “mas por quê?”, “não fez uma atividade”. Então o que eu tento passar para eles é a importância da atividade física, mesmo com toda a dificuldade que eu não tenho, do ponto de vista de trabalhar. E eu acho que também já não é só questão do desporto também, porque na minha época era mais questão do desporto, de trabalhar. Hoje o professor vai ter um bom

relacionamento com o aluno, já é outro lado afetivo. Esse lado de relação, porque está muito difícil. Isso está se tornando uma coisa comlicada, por exemplo, se tu colocar eles numa fila, tu já venceu alguma coisa, porque a agressividade é muito grande. Tem certas coisas que tu vai fazer com eles, que às vezes tu tem que pensar antes de tu fazer. É muito tu conversar com eles, tu ser o amigo deles. Além de professor, ser alguém que tu consiga trazer eles para ti e que eles vejam, não é ser o bonzinho, mas a gente acaba facilitando certas coisas na educação física porque permitem. Nas outras disciplinas talvez tenha uma cobrança maior, pela questão da nota. Eu não faço nota, eu não cobro nota, não faço prova. Mas eu acho que não é cabível isso. Eu dou uma parte para eles, como te falei, teórico e tento fazer uma coisa possível na prática, porque são duas aulas. Pouca coisa que você vai fazer, 45 minutos com teu aluno. Mesmo com a dificuldade ou mesmo tu tendo material. E as turmas dificultam às vezes, porque as turmas são mistas. Não assim, mas às vezes no sentido de que os guris, ainda aquele preconceito. Tipo, o guri se acha o tal. As gurias jogam junto com eles quando na zona rural tem isso, elas jogam, até tem vezes que jogam melhor que os guris. Mas no sentido que eu vejo, Ivan, hoje a dificuldade é do que tudo o que a gente está passando, dessa questão da violência, o racismo, mas eu vejo assim, essa dificuldade no sentido desse lado afetivo.

P: E o senhor acha que os alunos, a sociedade em si mudou muito desde que o senhor iniciou sua carreira e lá hoje?

R: Mudou. O aluno antes, mais assim, o aluno da zona rural, ele ainda tem um respeito, mas ele tinha muito mais antes. Eu vejo assim que das turmas anteriores, tinha alunos que tu conseguia fazer certas coisas com eles, e que hoje talvez tu não consegue mais, porque do pré, eu dou aula do pré ao nono ano, já tem uns piazinhos assim – só vou te dar o exemplo. Eu não sei dessa questão da educação aí. Eu lembro que há pouco a professora de matemática mandou esse do pré sentar num banco, porque eles estavam agitando lá, e não é professora deles, e ele pegou e disse assim, disse e a servente ouviu isso – “vamos fazer um esquema aí, vamos matar esse professor, vamos dar um jeito nele”. Nem que fosse brincadeira, né?

P: As crianças?

R: As crianças, “nós vamos dar um jeito nele”. Eu não sei, porque aquilo, na ingenuidade dele. Mas eu acho que tudo o que eles veem hoje, esses jogos que reflete neles. Porque celular, eles devem ter, a maioria das crianças lá tem celular. Não do pré, mas a maioria tem um celular melhor que o meu, que o nosso. Porque na zona rural, a questão econômica deles tem uma crise, mas eles não são tão pobres como o pessoal da periferia. Mas eu vejo assim, Ivan, que mudou no sentido assim, não que tu tenha de coisa e o aluno para trabalhar, só que esse aluno já não é tão ingênuo como era antes. Talvez eu tenha assim, os conteúdos às vezes, eu digo para eles, “procurem no celular”. Eu fiz algumas perguntas, agora 1 mês atrás sobre voleibol. Quem criou o voleibol, sabe, algumas coisas assim da história do vôlei. Só que eles já não querem fazer as outras disciplinas. Um trabalho que tu peça, eles não querem, demoram não sei quanto tempo para fazer e tem que andar atrás. Então eu faço uma avaliação de que eles... autoavaliação, eles vão se dar nota. Aí eu sei, até brinco, “pô, mas tem a cara de pau de colocar 10 para ti”, entendeu? Brincando, mas dizendo isso. Mas eu sei quem faz e quem não faz, mas pelo menos para ter uma consciência daquilo o que ele está colocando ali. Mas o outro lado assim eu vejo que não tem o porquê mais tu fazer isso aí, então tu pega e tenta trabalhar a consciência nele para que ele realmente olha e diga, “eu não consigo. Eu sei que não consegui passar para vocês o que teria condições de passar. Lá, quando vocês forem agora para o ensino médio, vão cobrar de vocês, vão cobrar, vão cobrar alguma coisa do que foi visto lá comigo”. E alguma coisa, noção de um fundamento, de uma técnica. Eu sei que vocês não vão saber, mas vocês vão ter que se vira, vocês têm que ver lá, e digo mesmo, “realmente, professor, não deu, eu não estou negando que eu não dei, eu não tive condições de passar isso para vocês. A gente faz aqui, eu faço o que é possível passar para vocês”.

P: Sim, e o senhor acha que a precarização da educação pública, essa desvalorização, ela repercute, então, na formação do aluno, nas aulas?

R: Sim. Não só na minha, em todas as disciplinas, eu acho assim, se antes o professor de educação física cobrava, e alguns ainda cobram, hoje ele não tem

como, depende do local onde ele está. Vamos colocar aí. Não dá para comparar o IFSul. O IFSul é uma escola que eu estive conversando e lá eles cobram, lá o IFSul tem uma estrutura para cobrar. E até o guri me colocou assim que às vezes é muito porque tem os jogos, que é muito valorizado aqueles jogos. E uns jogos Intercursos, que eles valorizam muito aquilo.

P: A instituição valoriza?

R: Ela valoriza aquilo lá. Então claro que nós não temos condições.O que ocorre na rede municipal. No final do ano, na metade do ano tem um jogo que eles fazem os jogos rurais, que as escolas têm as modalidades – vôlei, futebol. Eles colocam vôlei e futebol. E aí tem aquelas... conforme a idade, mirim, pré-mirim, infantil, juvenil, tu faz as equipes e a gente leva lá para a Cascata para jogarem futebol. E é o único, assim, que eles têm rural. Que foi criado até por uma professora da zona que trabalhava. Quem faz os jogos ali. Mas o pessoal do município, eles desvalorizam muito no sentido assim, eles esquecem a zona rural, a Secretaria.

P: E em algum momento da sua carreira o senhor tirou dinheiro do bolso para comprar material, para uniforme dos alunos, viagens?

R: Sim. Olha, para comprar bola, algum material, algumas coisas, um pouco assim. Viagem a gente não faz, eu não fiz assim, tive que levar eles só para a zona rural mesmo, na zona rural. Fora disso eu não participei dos jogos que o estado faz, como é que chama? JERGS. Não, porque eu pensava assim. Não posso colocar eles lá. Não que eles não tenham condições de jogar, mas que dentro da realidade bota um guri com um tênis, e jogar numa quadra de piso liso, e eles estão acostumados a jogar na terra, e não vai parar de pé. Penso isso.

P: Tomar uns 20 a zero, como é que a criança vai se sentir?

R: Humilhado. Então assim, como eu não tenho condições eu só dava uma noção porque eu até tinha antes, a gente fazia, tinha um projeto de futebol. Aí no primeiro governo do Marroni, eu tinha 10 horas para trabalhar, eles viam no turno inverso. Então eu pegava aqueles guris separados, porque vinham e

queriam participar, e as gurias. Só que tinha um problema. O problema é que o transporte que eles usavam, aí dava problema. Mas mesmo assim eu tentava, levei 4, 5 anos com esse projeto, que foi o governo do Marrone que começou, que tinha mais uma visão de - como é que eles chamam? – agora esqueci o nome, como tem orçamento participativo que tinham ali, e eles tinham... a Secretaria de Educação no governo dele para mim foi a melhor secretaria e melhor governo que fez para a educação. Para toda a rede. Então assim, não querendo que o PT... não, mas foi o partido que mais fez, não pode negar, que entende que tu ia lá e tu provava que isso era bom, o pessoal da Secretaria foi mal, lá no cafa que foi reitor. Então aqui é uma outra visão. E eu consegui fazer esse projeto, tinha esse projeto e eu sempre brigava para que não tirasse. Chegou o governo do Eduardo tirou, acabou as 10 horas.

P: E em relação à sua carga horária, o fato de estar mais próximo da aposentadoria, o senhor tem diminuição de carga horária ou não tem nada?

R: Eu só trabalho 20 horas agora, eu tinha me aposentado e dava para continuar, eu continuei numa outra escola, no EJA de noite. Só que eu perdi 2.500 reais, mas na real eu não teria condições mais de trabalhar, porque eu teria que ir quatro noites lá. E aí o que acontecia? Para mim eu já estou cansado, de andar de ônibus para lá e para cá, com toda essa dificuldade. Daí eu penso assim, vou ficar só nessa escola que eu inventei nesse tempo aí, não quero mais, mesmo que eu perca, precise de dinheiro, mas eu não teria condições mais de seguir. Não dá, cara. Chega um ponto. E até pensando, cara, é tanta desvalorização que tu vai te indignando e tu vai te indignando. Então eu estou assim, não quer dizer que eu tenha que seguir trabalhando esse tempo que me resta, mas eu sinceramente te digo, eu já gostaria de estar fora. Eu acho que eu já fiz a minha parte, já dei o meu recado, mal ou bem de toda essa dificuldade, todo esse tempo que eu estive lá, alguma coisa... eu não posso dizer, ninguém pode dizer que eu não contribuí para a educação, nesse tempo assim.

P: Em relação suas aulas, o que mais influenciou suas aulas, sua formação acadêmica na ESEF, ou a sua experiência que o senhor

acumulou lá com a realidade de lá, ou sua experiência de atleta? Ou em determinado momento alguma coisa prevaleceu em relação à outra?

R: Assim, como te falei antes. A ESEF, mesmo naquela época, deu uma base necessária para a gente ser professor, trabalhar. Eu só não fiz assim o basquete, era obrigado a fazer duas. Então ela me deu uma base como deu para qualquer outro. Algumas outras coisas eu tive que buscar e a realidade que encontrei foi outra, mas o necessário ela me deu. Então eu tive que adaptar algumas coisas, e dentro da realidade onde eu fui trabalhar, onde eu estou até hoje. Só que isso faz com que a gente, Ivan como eu não segui, só fiz a especialização, não pude fazer, porque eu sinto isso. Não pude fazer o mestrado, porque tive filho, não por isso, mas que está te acomodando. E tu tem que trabalhar 40 horas, e aí você não ganha o necessário para sobreviver.

P: Tu já chegou a trabalhar 60 horas na rede?

R: 50. Manhã, tarde e noite. Quando meu guri estava fazendo faculdade, mas ele fez assim, ele fez pelo Prouni, porque senão eu não teria condições de manter uma faculdade. Eu trabalhei no máximo 50, mas eu queria te dizer assim, que a gente sente, o que eu sinto durante a carreira assim foi uma falta de seguir estudando, porque eu não tinha como seguir estudando.

P: Porque as condições não permitiam?

R: Não permitia, entende? Até não poderia tentar fazer, porque exige um tempo de carga horária para ti fazer um mestrado, não é fácil.

P: E não há nenhuma liberação por parte da rede municipal.

R: É, não quer. Eu sei que tem colegas, até me fizeram isso aí, tem gurias fazendo mestrado, conseguiram fazer. Mas tem uma coisa, algumas, principalmente as mulheres têm marido. O marido, vamos dizer, se ela trabalha só 20, ela pode fazer. Isso aqui não afeta o financeiro. Aí dependendo da necessidade de cada um tu consegue. Eu acho que eu não conseguiria fazer mais, então o que deu para fazer foi isso aí. Não consegui talvez até mais, mas como te falei antes, me ajudou muito a ter uma outra visão da escola em si, se

aquilo te estressar com aquela coisa do dia a dia da coordenação, direção, e ver que tu quer alguma coisa, só que as condições não permitem.

P: O senhor foi concorrer, foi diretor, né?

R: Eu fui diretor.

P: E com quantos anos de docência o senhor resolveu concorrer a direção? O senhor já tinha quanto tempo?

R: Não, cara, não concorri. O que aconteceu assim, colocando para ti, eu quando estava lá de 1990 a 1995, a Secretaria de Educação criou uma norma, só poderia ser diretor quem tinha curso superior, uma lei orgânica deles lá. E o que aconteceu foi, como eu estava lá, o pessoal disse, “vamos botar ele como diretor da escola”. E eu caí na asneira de aceitar, sem ter experiência, foi bom, mas eu não tinha experiência. Eram aquelas coisas burocráticas, essas coisas eu não tinha nada.

P: Foi então no início só da carreira já?

R: Eu entrei em 1987, um pouco depois. Aí como a diretora que está até hoje na escola, ela é diretora, e ela não podia naquela época,não podia por causa disso e disse, “vamos botar ele.”, eu caí na asneira de aceitar. Aceitei, não sabia nada daqueles troços lá, mas foi bom porque me deu uma outra visão da coisa de como funciona. Eu não gostava daqueles troços, só assinava os papeis. Tinha uma senhora que é diretora, que fazia o burocrático porque ela sabia. Mas eu ia na Secretaria às vezes como diretor e cobrava algumas coisas que não tinha na escola. E a realidade da escola naquela minha época, de 1990 a 1995, que não tinha esse FUNDEB, não tinha nada de dinheiro que viesse para a escola. Tu ia lá e pegava umas 500 folhas de ofício. Tu lembra do mimeógrafo?

P: Sim. De álcool...

R: Eu peguei, do álcool e coisa. Então algumas coisas assim, batalhei para que... eu e o outro professor fizemos um projeto. Tu viu aquele lado da escola todo? Ali, de um lado?

P: Sim.

R: Aquilo ali fui eu e um outro professor, que até ele foi professor e já faleceu, nós fizemos um projeto, e o secretário, o governo era o Anselmo, Dr. Anselmo, e o secretário era o Bonini. Não sei se já ouviu falar, foi diretor do Pelotense anos. E ele era secretário da educação, a gente levou o projeto, e a gente achou que nunca iria sair aquele projeto, nunca ia sair aquele lado. A gente pediu mais três salas de aula, que é todo aquele lado, um refeitório e os banheiros, que não tinha. Só tinha aquela parte da casinha. Você viu aquela parte que eu entrei contigo? Só existia aquilo ali. Aí foi... o pessoal não acreditava que a gente não iria sair, eu digo, “olha...”, aí o cara chamou um dia lá os secretários, “professor, tem... eu acho que vai sair a ampliação da escola”. Foi um troço assim.

P: Mas em relação à educação física não conseguiu?

R: Não, porque aí o que acontece? Eu acho que no sentido de tu pensar no geral, nos outros, eu pequei, não pedi essa quadra, pelo menos. Eu, apesar de ser mais para mim, como diz o outro, “graças a Deus que saiu algo”, mas eu pequei, deveria ter pedido isso aí, porque os governos faziam isso aí, eles fazem uma escola e o espaço que eles menos dão importância é o espaço para a área da educação física. Pode ver. Se é ou não é muitas vezes adequado, e aí nesse lado eu pequei.

P: E em relação à sua vida pessoal e sua vida profissional, o senhor consegue diferenciar uma da outra, o senhor acha que nesse bojo todo é uma só, o senhor é só um? O senhor consegue diferenciar?

R: Não, eu me preocupo assim. Algumas coisas que eu não consegui fazer durante toda minha carreira e também como aluno. Como aluno não no sentido da educação física, que ele seja um atleta, não. Isso aí não, a escola não forma atleta, no meu entender não. Eu penso assim, se o guri tem algum dom, se ele tem uma capacidade ali depois ele vai embora, posso tentar encaminhar ele. Assim, dar uma dica, como teve um aluno meu que foi Progresso com o pessoal do Progresso Futebol Clube, foi goleiro um tempo lá no Igrejinha, aí depois ele não teve, mas era um guri bom no gol, mas ele não seguiu a carreira

depois, ele parou, teve algum problema com ele. Mas eu dizia para ele, “cara, tu não sai assim do gol”, porque ele não tinha medo, “esses caras vão te machucar”, ele se atirava no pé dos caras sem medo. Se perdia a bola ele chorava, gol que ele levava, ele chorava, desde pequenininho. Mas o que eu me preocupo com aluno é o seguinte: ele como pessoa, isso aí, como cidadão essa formação, que eu penso em tentar passar para ele, como na parte dessa educação física, eu acho que dessa coisa que nós temos que passar, tentar passar pelo menos para ele, e não é fácil passar isso para ele, entende? Porque a mídia nos detona. Há pouco mesmo, pô a gente é professor e temos um curso numa faculdade, um curso superior. Aí a mídia vê os caras jogador de futebol, que tem estrela, que ganha milhões. Uma coisa que às vezes eu fico pensando, “professor Renato”. Renato não tem faculdade de educação física, Renato não é professor. A mídia nos arrebenta, cara. Porque o aluno vê aquele lá, ou ele fez bem ou fez mal o atleta, o jogador de futebol, ele está vendo o cara lá. O cara pode ser um sacana, mas o aluno, ele meteu o gol, ele fez gol, ele é um máximo, a mídia coloca o cara lá. Não interessa o teu caráter, não interessa, mas não tem como mudar isso aí. Mas isso nos prejudica muito porque o guri vai valorizar, “tá, ele me conhece ali”. Mas valorizar muito mais o jogador se for lá, do que eu, professor formado. Então essa relação que a gente tem, que eu tento ter e não é fácil, e até lembrando assim que de um colega professor que é um cara que eu vejo pouco, ele é o cara, porque ele tem um projeto na escola há muito tempo e não conseguiram tirar o projeto dele. E eu vejo assim não que eu não tenha isso, mas a gurizada quando nos jogos, e ele tem umas equipes, e eu até fazia às vezes quando a gente jogava, chocava umas equipes com outras. Eu digo, “pô, tu nem vem com um time sensacional”, porque ele tem tempo, faz, ele trabalha há anos, ele trabalha a gurizada. Isso assim não só para eu ganhar, o fato de eu ganhar, mas o que mais me preocupa como eu te falei é isso. Tentar passar para o aluno alguma coisa nesse sentido, que vai valorizar para a vida dele depois. Mas hoje, com toda essa dificuldade, o que nós estamos está difícil. Aí o cara fica, parece que eu estou dando soco em ponta de faca para tentar. E às vezes tu até desbunda, assim, que tu fica meio que indignado, porque o que eu vejo assim que o lado assim do que está se encaminhando é muito.pro cada um para si, e Deus por todos.

P: E como é que o senhor considera atualmente a relação com a educação dos atuais governo municipal, da Paula, o estadual do Leite, em nível federal? A educação é valorizada com esses governos?

R: É péssima, cara. É como eu estava te falando antes. Eu queria sair fora antes, mesmo ganhando o que eu ganho porque eu não sei o que vai ser, Ivan. É muito ruim. Pensa bem, tem professoras aqui, eu tenho um vídeo que me mandaram, não sei se tu viu com a professora dizendo que tem vergonha de ter sido professora do Eduardo Leite. E é ridículo no sentido assim: se todos sabem o que a gente ganha, mas é milagroso tu viver, fazer milagre tu ganhar R$2.800, tu te manter, tu ter estímulo para trabalhar com esse salário, Ivan?

P: Atrasando, parcelando...

R: Eu sei que tem outras profissões que não ganham o que a gente ganha. Mas não tem como valorizar, não tem como tu ter motivação. O meu avô dizia que saco vazio não para em pé. Um ditado antigo, mas é verdade. Agora há pouco – tu falando, perguntando isso aí –, uma colega minha, ela não pôde fazer financiamento da casa porque ela tem um empréstimo, aí negaram. Aí ela disse que saiu pessoas do estado e outras do município chorando, senhoras com idade, cara. É uma coisa horrível.

P: Deprime um pouco?

R: Deprime. Anos atrás, não, eu acho que ano passado tinha uma senhora do estado, uma senhora – isso não é divulgado na imprensa – queria se colocar fogo lá no Banrisul, porque ela foi sacar e não tinha nada. Então assim, eu acho que o que eles estão fazendo é acabar com a educação, no mesmo sentido é terminar. Querem mesmo privatizar.

P: É isso mesmo.

R: Cara, eu fui estudar mesmo que meu pai tinha condições financeiramente, mas eu vim para cá, ele teve que pagar onde parar e alimentação, transporte. Anterior aos outros governos, quer dizer, o meu filho mesmo conseguiu fazer medicina com uma bolsa total, no governo Lula, acho que o primeiro, e ele teve chance, hoje não sei mais se teria essa chance aí. Então eu vejo assim, tanto a

nível federal, estadual, municipal, está péssimo, péssimo porque vai acabar assim, alguns vão entrar para o magistério, vão fazer um concurso, mas o cara, ele não vai ter condições de continuar, ele vai sair, já está faltando professores. Então eu acho que para mim assim, vai acabar com tudo, se estava ruim, agora eu acho que vai ficar pior. Só que eu vejo assim, professor parece que tem um troço que é uma doença, porque além de todo esse sacrifício, quando se é mulher, parece que ela aguenta aquele sofrimento todo, como se fosse assim ó, parece mulher de brigadiano, apanha, apanha, mas está ali. Porque tem mulheres, professoras que se aposentaram, e aí eu acho que algo que não tem uma outra saída, tu fez aquilo ali, então tu vai seguir aquela profissão.

P: Talvez financeiramente ainda precisem...

R: É, mas aí faz concurso de novo ou consegue um contrato para mesma pouca, aquela miséria?

P: E tentar outra coisa?

R: É, complicado, são poucos. Teve um cara lá agora me vendendo uns pendrives, que foi professor de matemática, ele teve um problema, deu um AVC nele, ele saiu do estado. Ele com todo o material de educação física, de história, geografia, ele está trabalhando nisso aí agora, ele saiu fora porque estava doente, ele teve um câncer, foi feito a cirurgia, não sei quantos anos ele já tem.

P: Mas se aposentou daí?

R: Conseguiu se aposentar. Eu acho que como eu te disse, parece uma doença que faz com que tu, mesmo com todo o sofrimento, tu tirou aquela profissão, e tu vai abraçar aquilo ali até morrer, como se fosse assim, até morrer.

P: E no seu caso, qual foi o principal fator que fez o senhor ficar por 25, 30 anos nessa profissão?

R: Cara, eu tentei assim, eu fiz antes, eu tentei durante esse tempo aí quando eu estava na direção, eu comecei a fazer filosofia. Como aí eu tinha um tempo, mas aí eu não achei que era o caminho.

P: É graduação?

R: É graduação de filosofia, fiz meio ano, aí desisti, porque eu tinha que faltar alguns dias na escola, aí o pessoal ficava chiando, “e o diretor da escola onde anda?”, ser diretor facilita tu sair, né? Aí eu desisti. Mas não sei, sabe? Uma eu pensei depois de um tempo um pouco dentro da nossa área, a fisioterapia, aí digo, “cara, eu não tenho mais condições de estar dentro de uma sala de aula”, sabe assim, agüentar outra graduação.

P: Sim, quatro anos mais.

R: É, até poderia fazer, tentar entrar, na Anhanguera tu entra, vai lá, é fácil, mas o que o pessoal fala e até é um curso bom. Tem um rapaz que é professor lá, muito bom o cara até. Mas assim, aí vai aquela coisa, tá, tu tem os filhos, tu te envolve, ainda tenho uma filha que se formou na metade do ano em psicologia, tinha um outro filho meu que está com 30, fazia veterinária e ele desistiu, então é assim...

P: O senhor acredita em vocação para docência?

R: Eu acho que tem que ter uma vocação, eu acho que tem que ter. Mesmo no caso assim, a minha família igual eu te falei, a minha tia foi professora, duas irmãs professoras, um irmão meu, esse mais velho é professor, já está aposentado como professor. Alguma coisa assim, tem que faz com que te leva para a docência, a vocação pode ser.

P: Permanecer acadêmico?

R: Eu não sei. Dos menos mal assim, com toda essa dificuldade financeira que eu acho que é mais assim, que te machuca, que eu acho que isso aí é uma coisa assim, de uma falta de respeito, assim, porque pô, estudou, não interessa, tu fez um curso superior, mas essa é uma questão dos governos,

eles veem que, “ah não, professor ganha isso aqui e ponto”, porque um professor não pode ganhar um salário decente?

P: O motivo para o senhor permanecer na carreira 25, 30 anos?

R: 30 anos fechei, não adianta, tem que ficar agora mesmo, na outra, eu tenho 20 e poucos, porque eu comecei mais tarde, nessa outra teria que ir aos 70 anos, e agora com a nova lei eu vou perder, 30% eu acho do salário. Mas eu vendo conforme for a minha situação e que eu sentir a minha saúde, as condições, ou não aguentar mais por estresse, sabe, quando saturar. E eu vou ter que sair, não vou aguentar, porque eu vou me sentir mal, e eu não sou assim, vou ir para lá, já estou um pouco assim, sem vontade, sem motivação, e com dificuldade de locomoção, que é o que afeta, e tu vai assim, ó, “pô, não dá mais”, porque o aluno, ele te vê como alguém, uma imagem do professor de educação física, aquele cara sei lá, que possa fazer as coisas, que vai e participa, né? Antes eu até participava das aulas e hoje não participo quase, porque eu vou arriscar a me machucar, e eu já tenho uma placa na perna aqui, que eu tive que colocar aqui por um acidente jogando, então eu não posso mais jogar, e assim, vai dificultando, e a idade, eu vou ter que sair, eu vou ter que dar espaço para uma pessoa mais nova do que eu, que tenha condições de fazer um trabalho melhor do que eu.

P: O senhor é sindicalizado?

R: Sim, do sindicato SIMP, a gente tem o sindicato.

P: E como é que dá a sua participação no sindicato?

R: Participava das assembleias, sempre dos movimentos, e não assim no sentido, até tinha um que era representante das escolas. Cara, como a minha escola sempre foi uma negação, uma negação no sentido político, eu estou dizendo que eu tive da parte da direção, não se envolvia, dificilmente faziam greve, eu parava, porque assim, “olha, eu vou parar e pronto, vou lá no movimento”.

P: O sindicato, a categoria decidiu paralisar, tem que paralisar.

R: Sim, só que elas, o pessoal nunca parava, e aí tá, tem um representante da escola, aquela coisa que qual é o nome que eles chamam lá? Que aí tu vai nas reuniões, mas como era uma coisa assim, e eu pensei em entrar e ir, mas cara, eu estou com os colegas, aquela coisa, que aí eu teria alguém, e mesmo que eu chegasse, eu não era o representante da escola para os movimentos, tem as escolas que eu esqueci o nome, mas como assim, eu sentia que aquele grupo não adiantava eu chegar lá, eu chegava lá e às vezes falava assim, “olha pessoal, gente, nós temos que parar”, só a escola da zona rural tem um problema, que nós somos alguns que vamos... alguns não, às vezes a maioria que vão da cidade para lá, mas tem o resto deles, os funcionários tudo de lá, então essa parte de funcionário pouco participa e não quer. E aí o que acontece? A grande parte dos outros professores de lá, eles ganham 100% do salário, 100% de difícil acesso. O prefeito Anselmo fez isso aí para que os professores fossem morar lá, ganha 100%, eu tenho 50%.

P: Morando lá ganha...

R: Ganha isso aí. Eu poderia ter feito isso, ido para lá e ficado um tempo, alugado uma casa, muita gente fez, não tinha contrato, tem rolo, andava um pessoal para ver isso aí, e aí ganharam 100%, se aposentaram até com 100%, eu não quis fazer isso aí, fiquei com os meus 50, até porque eu acha assim, pô, é meio que mexe com “o meu” fazer isso aí, então não fiz. Mas o que eu vejo, assim, parece que ali para eles, o que eles ganham porque eles tem uma função, o marido tem uma outra função, tem algumas mulheres que até sustentam a casa com o salário. Mas não estão tão ligados nessas coisas aí nessas coisas, não vão fazer esse movimento. Para elas está bom, “eu estou na escola, isso aqui é bom, eu estou aqui, vou ali, pego meu carro, vou para escola, pô, beleza”, não é vir da cidade lá para lá, aquilo ali já deu, o que eles ganharem lá tá bom cara, onde é que eu vou ganhar isso aqui na zona rural? Eu penso assim.

P: E como que o senhor considera a atuação do sindicato nas demandas da classe docente?

R: O sindicato para mim sempre foi atuante, o sindicato sempre batalhou pelo servidor, só que eu acho que existe uma falha do pessoal às vezes, o pessoal fala muito, “ah, esse sindicato não faz nada”, mas eles não vão a nada, não participam de nada, eu não posso dizer isso do sindicato se eu não participo, o que tu tá me perguntando aqui.

O sindicato ganhou agora pouco os precatórios que eu até recebi um dinheiro, há muito tempo estava aí isso aí, mas ele é no casso assim, sempre foi atuante, agora mesmo, em questão do salário, data base, a prefeitura não deu data base para nós, ninguém, não sei se eles colocaram, deve ter colocado na justiça, mas só que o governo conseguiu meio que ó, amordaçar o sindicato, sabe? Pode ver, está difícil o troço.

P: E como é que o senhor considera o plano da carreira do magistério atualmente?

R: Cara, existe assim, esse plano de carreira, que existe um plano mais antigo que nem o governo estadual está querendo não deixar o Eduardo mexer no plano. plano de carreira eu te digo, é o mesmo que o Eduardo quer aplicar no Estado, é o mesmo que a Paula prefeita aqui quis colocar para nós, quer botar goela abaixo em nós, para tirar um monte de coisa, os penduricalhos que eles chamam, que são as vantagens, as coisas que tu incorporou na carreira. Falar que vai pagar o piso, e daí o piso vai passar a ser o topo da carreira, vai ser o piso, o salário deveria partir do piso. Isso aí é o mesmo, porque ela foi lá, convocou todos o pessoal das escolas, todos os funcionários do município no Guarani, e ela explicou e foi vaiada lá, plano esse que só prejudica a categoria.

P: O mesmo que o Eduardo quer, que é tirar todos os direitos, garantias...

R: É o mesmo que o Eduardo quer aplicar lá, só que o Eduardo vai se dar mal, já se deu mal, porque aí ele envolveu Polícia Civil, Brigada Militar, e te jogo uma coisa. Se não tivesse envolvido Brigada Militar, Polícia Civil, e todos, se estivesse só os funcionários, só os professores, eles já tinham ferrado. Aí ainda bem que ele fez isso aí, mas para mim é o mesmo, que é só para prejudicar já

o coitado do professor que ganha uma merreca, que dizem que isso daí é o vale-alimentação de juiz, o salário de um professor do estado, do município, então assim, nada de bom esse plano aí, eu não conheço a fundo, mas pelo que ela colocou lá para nós, prefeita, o ano passado, que ela queria fazer as reformas e querem que os vereadores da câmara aprovem, é o mesmo que o Eduardo levou para lá, eu te garanto que é. E aí o que acontece? Como é que vai tirar, cara, de quem não tem, isso é ridículo, isso é uma situação assim, então que ele pegasse e tirasse do pessoal que ganha mais, começa por eles então, por ela, cara.

P: Deem o exemplo.

R: Então começa por eles, os deputados. Porque agora em alguns lugares aí os caras tão votando aumento, os vereadores, alguns municípios já tão votando os vereadores para eles mesmos.

P: Sim, judiciário.

R: Porque eles se dão o aumento salarial.

P: Eles legislam a favor deles mesmos.

R: Só que eu acho assim, o nosso município assim, o nosso povo é muito pacífico, e até diz os argentinos que nós temos sangue de barata. Assisti agora na televisão agora na França, no Chile, porque o Bolinha que coloca, o Veronez coloca, eu vi que o Veronez que é meu amigo no Face, o Veronez coloca ali, o pessoal da França foi para rua, cara, pensa bem: o nosso povo não vai. E ainda assim o professor, nós somos uma classe que parece que a população em si não nos valoriza, cara. Quer ver um exemplo? Na zona rural eu sinto isso aí, eu sou professor há anos lá, para os pais, trabalho para eles é pegar na enchada, agora eles têm um monte de maquinário, mas ainda é pegar na enxada e trabalhar, ir para lavoura, isso é trabalho, o meu e dos outros professores não é trabalho, eu te digo, eles não consideram isso trabalho. Porque eu falando com o pai, tá ele tem razão, o pai de um aluno, foi agora antes de terminar as aulas, aí ele disse, cara, eu conversando com ele, ele disse assim, “olha...”, ele falando em política, ele falou assim, “agora como é

que vai ficar os vereadores aqui em Arroio do Padre, o vereador tem não sei quantos assessores", ele falando, talvez com razão, seis assessores geralmente, o que um vereador desse faz, cara? Para que assessor para um vereador desse? Votação na câmara um dia na semana.Trabalha um dia, um turno. Aí eu disse, "pois é", eu entrei no assunto e caí na asneira de dizer assim, "pois é, agora eu não sei como vai ficar essa questão aí da reforma, porque o pessoal no fundo, nem eu sei e nem muitos sabem, saber por dentro mesmo, saber no fundo o que é essa reforma, que ela vai te causar muitos problemas para cada um", aí ele disse, "mas em algumas coisas eu concordo que realmente tem que mexer, tem gente que não trabalha, que ganha muito", gente, eu disse para eles, "eu sou professor, você sabe o que ganha um professor, o que ganha um professor de estado, do município?", "é mas eu vou me aposentar e vou ganhar como um colono, um salário mínimo", tá, mas eu podia dizer para ele, "mas o senhor não estudou, eu estudei", como é que eu vou dizer, eu vou estar ofendendo ele", eu tenho que valorizar, eu tive condições e estudei, "mas vem cá, o senhor tem umas terras aqui", só que ele trabalha, ele faz o horário dele, eu sei que não é fácil, é sol, é diferente da nossa, eu entendo eles, é mais sacrificante, ele tem 50 anos de idade, eu tenho 63, a aparência dele perto da minha não dá para comparar, ele parece que tem a minha idade por causa do tempo no sol, né, só que eles não conseguem entender isso aí, ele acha assim, que aquilo ali, trabalho lá na roça dele lá, eu, aquilo ali para mim que eu passe no sol e me estressando com os filhos dele, sabe, aquilo para ele é moleza, dar aula não é trabalho para ele e tu não dá para você botar na cabeça dele o contrário.

P: E o senhor acha ainda alguns direitos que ainda tenha um docente com uma estabilidade, isso ainda é importante para permanecer na carreira?

R: Sim, o que foi adquirido assim, durante esse tempo todo, eu acho que não tem como pegar simplesmente e tirar aquela vantagem que ele diz, uma gratificação que eu adquiri pelo tempo, triênios, tiraram, eu tive que entrar na justiça para voltar para ganhar os triênios. Mas aí tu tira tudo isso aí, o que vai ficar o teu salário, cara? Tem hora atividade, mas é pouco. Te mostrando aqui, se tu olhar meu contracheque, aí tu tem uma ideia, olha aí, o que tem (docente mostra contracheque) Esse era um adicional noturno, que até estava errando

dando, padrão naquela época, era 331 reais. Olha só lá, vai, incentivo hora, complementação de carga horária, aí vai lá, gratificação de difícil acesso, era 146 pilas, aí uma lei complementar que eu ganhei, mas aí na justiça, aí depois vem Previpel de desconto, já R$ 252, imposto de renda descontam de uma miséria dessa? Cara, é ridículo. Nós deveríamos estar fora do imposto de renda

P: Ganha pouco e ainda paga imposto de renda.

R: E os empresários não pagam, cara.

P: Ganham incentivos fiscais...

R: Sabe quanto ganha o cara ali do Banrisul, que é o novo chefão do Banrisul? 80 mil reais. O cara ganhava 40 e poucos mil, como ele é o chefão, está quase no Eduardo... aumentou para 80 mil reais. O que esse cara faz do banco, de toda a rede estadual para ganhar 80 mil reais? Ele é só o mandante, o cara lá. O que é isso, cara?

P: É piada, né?

R: Então, coisas assim, não tem como explicar.

P: E se o senhor pudesse voltar no tempo e escolher novamente, o senhor teria feito novamente a formação em educação física, seria professor de educação física?

R: Olha cara, não sei assim, te afirmar se voltaria, hoje não, nas condições que a gente está hoje, hoje não. Tá, tem uma outra visão, né? Eu sei que tem assim, não pelo curso em si, mas eu acho que hoje tu tem muito mais oportunidade do que antes. Hoje eu sei que tem alunos daqui da ESEF que saem não sei se só com a graduação ou mais, com um mestrado, doutorado, os caras estão fazendo para a Marinha. Eu sei que tem um rapaz aqui e muitos daqui saíram, o cara fez e passou.

P: Mas para professor também?

R: Não, entrar para a Marinha, ser oficial da Marinha, faz concurso para oficial. Porque pensou eu, na Marinha são 11 mil reais inicial, cara, tu fica um ano lá e te prepara, talvez até ele nem tenha essa visão aí e talvez ele se sinta meio no começo lá ruim, se sinta assim, “pô, não era o que eu queria”, mas o que está pesando? Mas o dinheiro pesa mais. Porque não vai fazer, eu não eu iria fazer um concurso para o município para ganhar mil e poucos reais, se eu tenho conhecimento e posso fazer lá uma prova ou passar e ser oficial da Marinha com essa graduação, mesmo que eu vá para um outra função lá dentro da Marinha, não sei, não posso te dizer, mas que tu vá trabalhar na tua área da educação física ou fora, mas pensa bem, financeiramente tu vai pensar em quê? Eu na minha época não tinha essa visão aí, eu disse que meu pai me botou, mas eu acho que está certo ele fazer isso aí. Ah não ser que fique como tu está fazendo aí, tu está estudando, fazendo doutorado, porque se aparecer um concurso na universidade, tu tem condições de passar. Isso aí eu penso assim, hoje se fizesse teria que ter estudo, que não foi meu caso, eu tive que ir direto para a escola, não tinha, talvez assim, como eu vou te dizer, vim do interior lá e bagual como se diz.

P: E antigamente era bem mais difícil mestrado, doutorado, cursar.

R: É. Mas eu acho assim, a gurizada não está errado, ou faz Polícia Rodoviária Federal, já vi muito cara formado em educação física e fez, está hoje na Polícia Rodoviária, ganhando um salário de mais de 10 mil, mas aí para iniciar, onde se ganha isso? Eu estou há 30 anos, não ganho nem metade, não dá cara. Então assim,claro que vai ter que ter professor, vai ter que ter gente fazendo para o município e vai fazer.

P: É que talvez a precarização em função..

R: É. Mas eu acho assim, hoje um outro pensamento, assim, no caso, eu acho que é uma condição aí que depende da época, minha época é como eu te disse, eu também não tinha essa coisa assim daquela ambição, era ser professor de universidade. E as oportunidades para seguir estudando eram menores, não tinha.

P: E o senhor tem algo que o senhor gostaria de falar que o senhor acha importante, que não foi perguntado?

R: Não Ivan, eu não tenho, eu só acho assim, espero que eu tenha consiguido te ajudar aí no seu doutorado. Não sei se eu consegui contribuir.

P: Não muito boa a entrevista, a sua carta também muito interessante.

Local Entrevista: ESEF/UFPel	**Data:** 20/12/19	**Iníco:** 9h	**Término:** 9h45m
Nome: Professora Luiza	**Ano nascimento:** 1976	**Ano concluiu graduação:** 1997- ESEF/UFPel	
Pós-graduação: 1. Especialização em Educação Física Escolar; 2. Mestrado em Educação Física			
Ano Ingresso RMEPel: 1998	**Tempo trabalho RMEPel:** 22 anos	**Tempo Geral Magistério:** 24 anos	
CH atual RMEPel: 20h	**Outra Rede Ensino:** Sim (Municipal Rio Grande) 30h	**Total CH:** 50h	
Nª escolas que trabalha: 1 pública municipal Pelotas e 1 pública Municipal Rio Grande			
Outro trabalho/renda: -	**Estado civil:** Solteira	**Nº filhos:** -	

P: Bom dia, professora.

R: Bom dia.

P: Gostaria de saber inicialmente por que tu escolheu realizar o curso de graduação em educação física, o que mais influenciou essa escolha?

R: Bom, eu escolhi educação física porque, um dos motivos é porque a minha tia era professora de educação física na mesma escola que eu trabalho até hoje, e eu ia bastante com ela para a escola, e gostava, tinha um amor, comecei a gostar, achava legal aquela coisa do ginásio, dos alunos participando e tal, desde que eu estava na primeira série eu ia com ela, ela dava aula de dança uma época também, e eu assistia várias aulas, ginástica, vôlei, coisa assim, e então eu gostava, desde pequena eu já dizia que eu ia ser professora de educação física. E mais tarde eu acho que porque eu sempre gostei de participar dessas coisas, depois mais velha um pouco eu entrei para a dança, eu entrei para a ginástica, eu fazia natação, então era uma coisa que eu gostava, apesar de eu não ter ideia do que era realmente ser professora de educação física.

P: E sobre a sua graduação, quais conhecimentos, quais conteúdos que foram mais trabalhados ao longo da tua graduação?

R: Na minha graduação era um pouco diferente da graduação atual agora, era bem voltada para a escola, mas ao mesmo tempo eu acho que quando eu fiz a

graduação estava em um processo que tinha os dois lados, o lado que era mais voltado para a escola, e um lado mais voltado para o esporte, para a parte mais tecnicista assim. O que eu vou te dizer a respeito dos conteúdos é que eram mais esportivos, tinham as disciplinas eletivas que a gente podia escolher o que fazer e tal, mas era mais voltado para os conteúdos esportivos, assim, apesar de já ter algumas coisas mais sociais, mais voltadas para a escola de didática, mas muito pouco, ao meu ver era muito pouco para a nossa formação.

P: Tu acha que esses conhecimentos que tu teve na graduação, eles foram satisfatórios, que te preparou para trabalhar na escola?

R: Eu acho que assim, a questão da graduação é uma coisa que eu acho que a gente tem, pelo menos eu fiz isso, de buscar alguns conhecimentos que tu acha que não são suficientes dentro da graduação. Por exemplo, eu fiz faculdade, mas eu vivia dentro da ESEF, então eu fazia de tudo, tudo que eles ofereciam eu fazia, pré estágios, eu fiz mais do que eu deveria fazer, então eu acho que isso é mais uma questão do aluno buscar também, eu acho que a graduação, ela tem uma formação que é satisfatória, não totalmente, mas que a gente tem que buscar aquilo que a gente tem interesse. Eu quando eu fiz a questão da escola, assim, eu fiz vários estágios, fiz várias coisas, mas eu fui atrás, eu e os meus colegas, assim, a gente tinha essa coisa de ir atrás e de buscar, porque se não buscar, realmente, aí fica meio complicado.

P: E ao longo está tua carreira tu já teve alguns estagiários na escola?

R: Já.

P: Tu acha que esses estagiários, o que eles comentam, o que tu percebe, que eles sentem um choque com a realidade na escola, o que eles comentam?

R: Ultimamente eles não têm comentado isso, porque eu vejo que agora o estágio deles, eu não sei como é que é direito, mas eu acho que o estágio deles é mais cedo, né? Quando eu me formei em estágio, era só no último semestre, e aí era estágio, estágio mesmo, e aí era um choque bem forte, assim, bem complicado. Mas eu não sei, eu vejo eles agora no sentido que tu

fala do choque, eu vejo eles mais bem preparados, não sei se é porque já vem fazendo outras coisas e tal, o que eu sinto às vezes é meio um deixar a escola meio de lado, parece que pelo menos os que fizeram estágio comigo, não era o que eles tinham de interesse, era o estágio só por fazer o estágio, por cumprir uma coisa, entendeu?

P: E como que a docência em educação física, trabalhar na educação básica entrou na tua vida, o que mais influenciou de escolher a carreira docente, de ser professora, tu fazer o concurso?

R: Não sei, eu acho que eu já vinha com isso estipulado, quando eu fui fazer educação física, já era ser professora o que eu queria, entendeu?

P: Trabalhou em alguma outra área não formal?

R: Trabalhei em academia, na época que eu fazia ESEF.

P: E depois ficou somente na escola?

R: Aham, justamente porque eu gostava da escola mesmo. Muito pouco eu trabalhei em academia.

P: Você falou que na carta teve umas dificuldades no início da carreira, como é que foram as suas primeiras aulas como professora?

R: Horríveis. Não assim, porque o que acontece? Quando eu comecei a trabalhar, eu comecei, eu me formei no final de 97, em 98 eu já comecei a trabalhar como contrato emergencial no município, nessa mesma escola que eu trabalho hoje. Então quando eu fui trabalhar, eu fui acho que no final de março, as turmas já estavam divididas, e eu peguei somente assim, o que sobrou. O que acontece? Naquela época as turmas eram divididas, meninos e meninas, e eu peguei várias turmas de meninas, e turmas que eram os finais das letras, assim, que eles chamam, ABCD geralmente são os alunos que estão frequentando a escola dentro da sua idade e tal, lá para o final (C e D) já são os alunos que rodaram, são repetentes e tudo, e aí eu peguei turmas de meninos e mais assim, dos repetentes e tal., então assim, o que acontece? Eles tinham professor que jogava bola e eles jogavam futebol, era futebol que

eles queriam, então quando eu cheguei da minha formação, recém tinha me formado, e eu cheia de coisas para fazer, coisas diferentes, propostas diferenciadas, eles não queriam, então era muito difícil nesse sentido de tentar convencer, de mostrar o que era educação física, que não era só jogar futebol, então foi um ano difícil nesse sentido, no sentido de... uma porque eu era muito nova também, tinha isso, e a outra questão, assim, eles me tiravam para colega deles, entendeu? E outra questão era essa de querer trabalhar educação física da forma que eu acreditava que era e deles não aceitarem, eles só queriam futebol. Aí eu fazia outras atividades e eles chutavam a bola para longe, então foi uma luta constante durante o ano, até conseguir convencê-los de que educação física não era só futebol, mas foi uma coisa legal, porque até o final a gente conseguiu sim fazer um trabalho legal.

P: Considera que esses foram os anos mais difíceis da sua carreira, o início da carreira?, ou houve mais períodos que tu considera que foram difíceis?

P: Pois é, sabes que eu nunca tinha pensado sobre isso, mas eu acho até que foi um ano difícil, e além disso, eu trabalhei em uma outra escola também junto, que era uma escola lá do bairro “X” e tudo, então eu vi muita coisa, assim, eu não sei se eu citei isso na carta, mas eu vi muita coisa complicada, assim, de questão de direção com alunos, e direção daquele tipo que é assistencialista, sabe? Que tipo, dá merenda em troca de favores com alunos, com os pais, então é outra coisa que é muito... Eu acho que aí... isso também foi no primeiro ou segundo ano, foi a época mais difícil sim, eu me lembro que eu chegava em casa e às vezes chorava, chorava, porque eu achava que aquilo ali não tinha...eu não via digamos assim, solução para aquele tipo de coisa que acontecia, entende? Não só assim, de ver alunos com uma estrutura de vida completamente difícil, carente, sei lá, passando fome e esse tipo de coisa assim, e aí eu pensava, “o que a educação física pode ajudar na vida dessas pessoas”?

P: O que seriam essas trocas que os pais dos alunos em relação a direção, era voto?

R: Voto, troca de favores, a questão era assim, vou te dar alguns exemplos de coisas que aconteciam, absurdas, assim, algum aluno fazia alguma coisa na aula, tu levava para a direção, a direção botava atrás da porta de castigo em cima de tampinha, eu falando assim parece mentira, mas acontecia esse tipo de coisa.

P: Isso em 99, por aí?

R: É, então imagina o que um professor...

P: Não, quase anos 2000 praticamente.

R: Imagina o que um professor sente? Tu tem um problema com o aluno, aí tu vai tentar resolver com a direção, que não era nem questão de botar de castigo, e eram coisas sérias às vezes que aconteciam, e aí acontecia esse tipo de coisa, ou seja, tu não tinha para onde fugir, entende? Ou tu resolvia aquilo sozinha, ou tu descobria que ia acontecer esse tipo de coisa, entende? E cada vez mais a gente descobria coisas desse tipo, assim, de coisas absurdas de fazerem com os alunos, sabe? Então era muito ruim. Outra questão era dessa da direção, eu de uma dessas escolas que eu trabalhava, fui colocada a disposição, porque eu não quis colocar a camiseta da suposta direção que seria. Então era complicado nesse sentido, era muito difícil. E coisas que eu via durante o dia, assim, absurdas, não só de direção, mas de professores que já estavam naquele meio e que já fazia isso, já tinha aquela prática também, sabe? De gritar com o aluno, de fazer horrores, assim. As crianças já tinham um monte de problemas e eram tratadas como se fossem uns bichos quase, sabe? Então era bem complicado.

P: Em relação a isso, durante o longo da tua carreira, quais tu acha, as principais mudanças da sociedade, da escola, dos alunos, você acha que os alunos mudaram muito do início da carreira até hoje?

R: Eu acho que mudaram bastante. Eu acho que a questão assim, é um pouco de desvalorização com a gente, assim, com o professor, ao mesmo tempo eu acho que houve uma aproximação, sabe? Quando eu comecei a trabalhar, parece que os alunos eram mais distanciados do professor, era uma questão

de respeito e ao mesmo tempo de também de um certo medo, não sei se é por causa da experiência que eu tive nessa escola também, mas eles tinham gente mais assim, de uma forma mais distanciada. Hoje em dia eu vejo que o professor, ele não é tão considerado como ele era há um tempo atrás, e isso vem acontecendo no decorrer dos anos, por mais que a gente se torne mais próximo, assim, acho que alguns professores... os professores não tem mais aquela coisa que tinham antigamente, que tem que respeitar, isso e aquilo, mas eu acho que os alunos também perderam mais isso ainda com o tempo.

P: É que tu fala na carta que sempre teve algumas dúvidas, questionamentos são constantes na carreira. Em algum momento da tua carreira tu chegou a pensar em desistir da docência?

R: Não, nunca pensei em desistir, mas são dúvidas com relação a forma de trabalhar, a forma de agir, será que eu estou fazendo certo, será que é assim, será que... sabe? Esses cursos que a gente faz, essas coisas que a gente faz nos levam a pensar muito mais, conversas com os colegas, então a gente tá sempre se questionando eu acho, né?

P: Certo. E atualmente quais são as tuas principais dificuldades?

R: A questão do governo eu acho, de a gente trabalhar meio revoltado com as coisas que estão acontecendo, algumas questões internas das escolas onde a gente trabalha, de autonomia e que vem também do governo, mas que também vem de dentro da escola, e essa questão da falta da valorização do professor, que tudo vai cair na mesma coisa. Acho que às vezes a gente é muito desvalorizado, inclusive pelos próprios alunos, assim, e pelos colegas, existe muito dentro de escola, escola grande como eu trabalho, existe muita, como é que eu vou te dizer? Tem alguns professores que não fazem nada e te criticam porque tu faz, tem outros que fazem e tem inveja, sabe? Então existe muito essa luta dentro da escola, inclusive dentro da própria educação física, de até mesmo de visão da educação física. A escola que eu trabalho tem um grupo grande de educação física e tem um grupo, metade pensa de uma forma e metade pensa de outra forma completamente diferente. Não que todo mundo tenha que pensar da mesma forma, entende? Mas não existe um conjunto de

ideias fortes para a gente lutar pelas coisas que a gente quer, entendeu? Dentro do próprio grupo já existe uma divisão muito grande, isso é uma coisa ruim.

P: E ao longo da tua carreira tu considera que a educação física é valorizada, ela é reconhecida na escola?

R: Não, não é valorizada. Até porque eu acho que a gente que acaba meio que queimando a educação física dentro da escola, entendeu? Não querendo falar dos outros, mas tem muito professor de educação física que não leva a sério, entendeu? Então isso faz com que a própria profissão seja desrespeitada, assim. Porque aquela questão de só jogar bola e deixar os alunos livres, a nossa profissão é uma profissão que todo mundo vê o que a gente está fazendo. Apesar de ser meio isolado, todo mundo enxerga o que a gente faz e os alunos também comentam. Então quando a gente faz uma coisa desse tipo todo mundo está enxergando, não é como um professor que está dentro da sala de aula. Isso leva muitas críticas e ajuda a desvalorizar a nossa profissão, eu acho.

P: E pelas outras disciplinas, direção, supervisão, tu acha que ela é reconhecida?

R: Eu acho que não como deveria ser.

P: Em relação à sua vida profissional, o trabalho que tu efetuou ao longo da carreira e o trabalho que tu gostaria de ter desenvolvido, que imagem tu tem de ti hoje como professora de educação física?

R: A gente sempre quer fazer mais, eu acho, sempre se dedicar mais, sempre ter mais tempo. A gente tem pouco tempo para desenvolver as coisas que a gente quer. Às vezes tu imagina, “bah, vou fazer isso, isso e aquilo outro” e não dá tempo. E até essa questão burocrática da escola, “ah, é final de semestre, tem que entregar isso, tem que fazer aquilo”, tu não consegue fazer exatamente as coisas que tu quer. E a educação física é uma disciplina de certa forma uma disciplina mais prática. Então parece que às vezes essas

coisas vêm por cima burocrática e tu não consegue fazer tudo. Mas a gente vai tentando. Mas não é sempre que consegue.

P: E tu consegue me dizer quais foram os melhores anos da tua carreira, se foi no início, no meio ou agora?

R: Não sei. Fica a dúvida. Mas eu acho que do meio para o final. Não sei, é que é muito diferente. No início está muito cheio de expectativas e coisas, no meio já vai conhecendo e parece que no final tu começa a aprender mais. Não que tu vai aprender a lidar com as coisas, mas tu já consegue lidar com os acontecimentos de uma forma mais tranquila, sabe. Tu sabe que, por exemplo, aconteceu uma coisa mas que tu vai tentar resolver, vai acalmar. Parece que é a questão da maturidade, a gente já tem uma certa maturidade para lidar com alguns problemas que acontecem na escola.

P: E qual é o principal sentido da carreira docente para ti? O que te fez permanecer na carreira por tanto tempo?

R: É tudo o que a gente vê de mudança de vida. Eu acredito nessa coisa que a gente pode mudar vidas. Não de mudar, mas de transformar de determinada forma, entendeu? Quando eu vejo vários alunos meus que foram fazer educação física também, que reconhecem o trabalho da gente, que enxergam a gente, “ah, professora, tu me deu aula em tal época”, a gente sabe que aquilo ali marcou a vida dele, entendeu? Então eu acho que isso que faz a gente continuar com vontade, sabe.

P: Sim. Aqui está bem na carta que tu fala em vocação de professor. Tu acha que para continuar na carreira, 20, 25, 30 anos, tu acha que tem que ter vocação na atual precarização da educação? Sem vocação dificilmente a professora ou o professor vai ficar tanto tempo na carreira?

R:Eu acho que precisa de uma certa, não sei se vocação, eu falei vocação, mas não sei se é vocação mesmo. Mas precisa ter um certo amor por alguma coisa que seja, ou por dar aula ou pelos teus alunos, ou por estar na escola. A gente vê muita gente que não gosta daquilo o que faz, mas eu vejo que a maioria das pessoas têm uma coisa assim, porque senão eu acho que acaba

não ficando muito. Pode ser uma visão meio romântica de tudo, mas eu acho que tem que ter alguma coisa que faça ficar, não sei se seria vocação a palavra, mas tem que ter alguma coisa que te apega aquilo, senão tu acaba mudando de profissão.

P: Tu encontrou ao longo da tua carreira muita gente que começou e desistiu?

R: Encontrei. Não, muita gente, mas alguns encontrei. Que desistiram, foram para outros caminhos.

P: Certo. E devido à precarização da educação pública, a desvalorização do trabalho docente, tu acha que isso repercute nas aulas e na formação do aluno?

R: Sim, com certeza. Apesar de a gente tentar fazer com que não aconteça isso, mas eu acho que sim. Com certeza, porque a gente leva isso muito para a aula. Querendo ou não tu acaba levando isso, esse sentimento às vezes para os teus alunos. E a gente tenta passar para eles às vezes, para eles entenderem. Essa questão de greve mesmo afeta completamente os alunos, os pais e tudo, então não tem como não levar para a escola. Não sei se diretamente para a sala de aula, eu acho que sim. Eu acho que a gente tenta, eu pelo menos sou uma que tenta conversar com os alunos sobre isso para que eles entendam por que a gente está fazendo greve ou por que a gente está lutando por determinadas coisas e tentar mostrar para eles que eles também têm que fazer isso, eles também têm que lutar, mas claro que num sentido diferente, mas eu acho que leva sim até dessa forma, de tentar fazer com que eles entendam para saber que eles também vão ter que lutar por esse tipo de coisa, pela educação deles, pela educação pública, por tudo junto com a gente.

P: E tu é sindicalizada?

R: Sou.

P: E como é que se dá sua participação no sindicato?

R: Assim, sou participativa no sentido de ir nas coisas quando tem assembleias, paralisações, essas coisas.

P: Nunca formou, trabalhou num sindicato membro?

R: Não, nunca trabalhei.

P: E como é que considera a atuação do sindicato nas demandas dos municipários, e em especial nas demandas da classe docente?

R: Eu acho que até que apesar de às vezes eu acho que não é da forma... tem muitas vezes que eu concordo. Assim, eu acho que eles são atuantes e são extremamente importantes. Algumas vezes eu não concordo com algumas coisas que acontecem, algumas definições, mas não é nem por questão do próprio sindicato, é por questão dos próprios professores e municipários aqui de Pelotas no caso. Não sei, a gente está falando só de Pelotas?

P: Isso, por enquanto.

R: Então às vezes eu não concordo com certas determinações, mas participo da mesma forma. Mas não que eles não sejam atuantes, mas são questões de discordar de algumas coisas, algumas mobilizações, de achar que deve ser de tal forma.

P: Como é que tu considera o plano de carreira do magistério da prefeitura de Pelotas?

R: Horrível, péssimo. Não sei se tu quer que entre em detalhes, mas é um plano de carreira bem ruim e querem mudar para pior ainda. É bem isso.

P: Como é que tu consideras a relação com a educação dos atuais governos municipal, estadual e federal. Você acha que a educação é valorizada, reconhecida?

R: Não, nem um pouco, cada vez pior. Cada vez pior, não sei para onde vamos. Eu vejo uma luz. Até porque esses dias eu estava conversando isso sobre uma amiga minha sim, porque ela estava dizendo que ela não vê. Eu vejo, apesar de achar que está indo cada vez pior, mas é em função dos

governos que estão aí. Então eu acredito que a gente mudando a gente vai ter que fazer alguma coisa para mudar isso e para melhorar as coisas, eu acredito nisso. Só que com o governo que está aí não tem como, então é estar sempre lutando contra.

P: Em relação às suas aulas, tu acha que elas foram ou são mais influenciadas pela tua experiência como atleta, ou a tua formação acadêmica, ou a tua experiência ao longo dos anos?

R: Eu acho que de tudo um pouco. Mas, por exemplo, eu vou te dar um exemplo. Eu sou professora de dança, não trabalho muito com dança nas minhas aulas. Então de certa forma a dança ajuda. Agora, por exemplo, vou dar aula de ginástica também, não trabalho muito com ginástica nas minhas aulas, trabalho às vezes. Eu vejo que tem professores que são... por exemplo, professor de vôlei, trabalha com muito vôlei nas aulas de educação física. Eu não, eu tento trabalhar um pouco de tudo. Então eu acho que foi um pouco assim da minha experiência, eu gosto muito de olhar aula dos outros, de aprender coisa com os outros, de trocar. Quando eu vejo os meus colegas trabalhando algumas coisas diferentes, eu tento me informar o que é para ver, para tentar trabalhar com meus alunos. Eu gosto muito de estar sempre fazendo curso de tudo o que eu puder fazer, eu vou estar fazendo e levando. Então eu gosto de ir diversificando as coisas. De forma que, claro, a minha formação e o que eu trabalho dentro da escola ajuda muito, mas também eu tento proporcionar outras coisas para os alunos. Eu acho que é mais rico. Quanto mais coisas tu trouxer de diferente, de pessoas diferentes para trabalhar com teus alunos melhor, mais vai acrescentar para a questão da vida deles.

P: E tu falou que teve dança na escola. Essas aulas de dança foi em um projeto ou foi em educação física mesmo?

R: Foi projeto de dança. E depois eu dei aula no projeto, no mesmo projeto de dança.

P: Coordenou e tudo, né?

R: Isso.

P: E hoje o projeto ainda existe?

R: Existe.

P: Em algum momento na tua carreira já trabalhou 60 horas?

R: Sim.

P: Contando com a rede, trabalha 50. Atualmente trabalha 50 horas, mas tu já trabalhou 60 horas ou mais?

R: Quase sempre fiz 60h. É que eu comecei a fazer o mestrado, aí com o mestrado eu trabalhei 50 horas. E dei uma medidinha aqui, diminuí mais, e agora eu já estou pensando em voltar a trabalhar 60. Só estou pensando se vou fazer doutorado ou não porque eu quero dar uma estudada.

P: E qual o motivo de trabalhar 60 horas ou aumentar a carga horária?

R: Com certeza financeiro

P: E como é tua rotina normalmente, trabalhando 60 horas, 50 horas?

R: É bem puxado, porque eu trabalho em Rio Grande e aqui. Então, por exemplo, tem dias que eu trabalho aqui de manhã, meio-dia pego ônibus, vou para Rio Grande, trabalho lá, volto de noite. Sem almoço, ou almoço no ônibus, geralmente. Então é puxado nesse sentido. E porque lá eu trabalho com projeto também, tenho projeto e tudo. Essa questão dos projetos, às vezes as pessoas acham que é mais fácil. Mas tem aquela coisa de tu ter que ir mais, de tu ter que ensaiar, de tu ter que organizar.

P: Organizar e tudo.

R: É, então tem alguma coisa por fora que tu tem que fazer.

P: Então tua carga horária é dividida entre a aula de educação física e o projeto de dança?

R: Sim. Não, eu não estou mais com a dança, estou com a ginástica só, mas é com a aula de educação física e com a ginástica.

P: Sim, aqui na carta tu diz que de certa forma se sentiu aliviada quando largou a coordenação do projeto. Por que que tu se sentiu aliviada?

R: Eu me senti aliviada porque assim: lá no colégio tem grupo de dança. É um grupo de dança grande, porque hoje em dia ele está menor, mas na época que eu trabalhava eram quase 200 alunas. E tu tem uma carga horária para o projeto, tu trabalha essa carga horária. E existia uma cultura na escola que no final de ano tinha o espetáculo da dança, aquela coisa toda. Então não era obrigado, mas eu me senti na obrigação de montar o espetáculo. E isso vai assim, nas últimas semanas vai a tua vida ali, tu entra para a escola de manhã cedo e sai de noite. E era em função de roupa, de dinheiro, então não é só dar aula de dança, era toda essa função que envolve. Quando eu larguei, eu achei que ia sentir muita falta, mas eu senti um alívio de não ter que., no final do ano, era sempre novembro. Tanto é que eu não conseguia fazer mestrado, não conseguia fazer nada porque era tudo na mesma época. Então eu sentia um alívio nesse sentido, “bah, agora não tenho essa carga de ter essa responsabilidade, de ter que apresentar, de ter que dar certo, de ter que fazer isso e aquilo”.

P: Em algum momento na tua carreira tu tirou dinheiro do teu bolso para comprar material esportivo, para viagens, para algo?

R: Sim.

P: Ocorreu isso?

R: Bastante.

P: E em relação à tua vida pessoal e tua vida profissional, tu consegue diferenciar ela, ou tu acha que é uma, a Cíntia é uma só?

R: Não, agora eu diferencio. Nessa época que existia dança do projeto, era tudo meio misturado. Mas agora eu consigo diferenciar bastante.

P: Quanto tempo ainda falta para tua aposentadoria?

R: Nem sei.

P: Mas está ansiosa ainda?

R: Não. Eu tento nem pensar muito nisso. E agora falta mais ainda. Com reformas trabalhistas chegando, então eu tento nem pensar

P: Se tu pudesse voltar no tempo, tu faria novamente a formação em educação física, tu serias novamente professora?

R: Faria.

P: E por quê?

R: Porque eu gosto disso, eu gosto de ser professora, eu gosto de trabalhar com educação física, eu até me vejo fazendo outra coisa, mas eu me vejo mais na educação física.

P: E é fato que o trabalho de dança que tinha algum pessoal que tratava de forma preconceituosa por falar de questões raciais, tu acha que isso atualmente mudou um pouco ou isso era mais antigamente?

R: Assim, eu acho que as coisas vêm mudando, mas de uma forma bem lenta. Porque quando eu trabalhava com dança, na escola a gente trabalhava com dança afro também. Quando nós levávamos a dança afro para outros lugares, a gente sempre ouvia comentários. E eu não sei agora assim, mas com certeza deve existir ainda esse tipo de preconceito, porque existe, existe muito mascarado. Apesar de hoje em dia se falar muito mais no assunto, ainda existe. Então eu acho que sim. Eu acho que ainda existe bastante. Naquela época também existia bastante. Eu muitas vezes como aluna, eu via que existia esse preconceito, porque antes de eu me formar eu fiz parte do grupo de dança, e depois como professora eu via também. Então onde nós íamos, dentro do próprio grupo, com os próprios alunos, com os pais existia essa questão do preconceito.

P: Certo. Tu tens algo que tu gostaria de falar, que tu acha importante, que não foi tratado aqui na entrevista?

R: Assim que eu acho que, apesar do que pode parecer, não sei, que pareceu através da carta, que a gente tem muitos problemas, muitos conflitos, conflitos internos, conflitos com colega, com direção, com aluno, com pai, eu acho que ainda vale a pena. Pode parecer meio sonhador isso, de “ah, sou professora e adoro ser professora”. Eu acho que, por exemplo, eu já tenho 20 e poucos anos e continuo com vontade de trabalhar, de fazer coisas novas e diferentes. Eu acho que tem muita gente que já não tem mais, que já está cansado. E apesar do cansaço, eu me sinto cansada também, mas eu acho que essa questão do ser professor é muito importante, e eu vejo essa importância, eu acho que por isso que eu tenho força de continuar, de tentar fazer um doutorado, de tentar melhorar sempre dentro da profissão. E eu acho que isso é importante.

P: Então, obrigado professora

Apêndice IV- Produção durante doutoramento- Artigos completos publicados em periódicos

2017

1. Revista Pensar a Prática (B2)

OLIVEIRA, Ivan Bremm de; FRIZZO, Giovanni Felipe Ernest. A produção do conhecimento do PPGEF/UFPEL sobre a realidade do trabalho docente nas escolas públicas de Pelotas-RS. **Pensar a Prática**, v. 20, n. 2, 2017. Disponível em: https://www.revistas.ufg.br/fef/article/view/4509

2. Revista Motrivivência (B2)

OLIVEIRA, Ivan Bremm de et al. Produção acadêmica na iniciação científica: o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência como lócus de produção do conhecimento. **Motrivivência** (Florianópolis), p. 245-261, 2017. Disponível em: https://www.revistas.ufg.br/fef/article/view/45097

2018

1. Kinesis (B4)

OLIVEIRA, Ivan Bremm de ; FRIZZO, Giovanni Felipe Ernst. Avaliação na educação física escolar: um estudo com docentes em diferentes períodos de experiência profissional. **Kinesis**, v. 36, n. 2, 2018. Disponível em: https://periodicos.ufsm.br/kinesis/article/view/30721

2. Pensar a Prática (B2)

OLIVEIRA, Ivan Bremm de; RIBEIRO, José Antonio Bicca; AFONSO, Mariangela da Rosa. Satisfação com a profissão: um estudo com professores de Educação Física. **Pensar a Prática**, v. 21, n. 1, 2018. Disponível em: https://www.revistas.ufg.br/fef/article/view/39403

2019

1. Educación Física y Ciencia (B1)

OLIVEIRA. Ivan Bremm; FRIZZO, Giovanni Felipe Ernst. A organização do trabalho pedagógico da Educação Física e a carreira docente. **Educación Física y Ciencia**, v. 21, 2019. Disponível em: https://www.efyc.fahce.unlp.edu.ar/article/view/EFyCe068

2. Germinal: Marxismo e Educação em Debate (B4)

FRIZZO, Giovanni Felipe Ernst; SILVEIRA, Leonardo Lemos; DE OLIVEIRA, Ivan Bremm. Participação política do professorado de educação física no movimento sindical. **Germinal: Marxismo e Educação em Debate**, v. 11, n. 3, p. 304-316, 201

3. RevistaThema (B4)

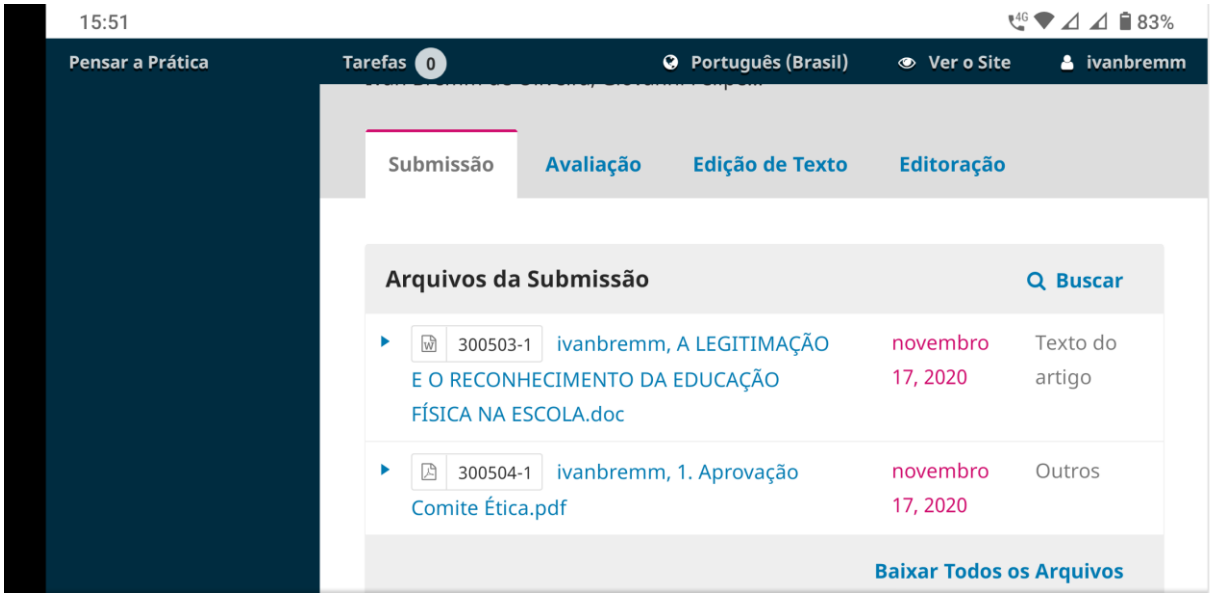
BORCK, D. T.; OLIVEIRA, I. B. de; FRIZZO, G. F. E. Professor de Educação Física do 1º ao 5º ano da RMEPel: perfil, sentimentos de valorização e formação continuada. **Revista Thema,** [S. l.], v. 16, n. 1, p. 83-95, 2019. DOI: 10.15536/thema.16.2019.83-95.1175. Disponível em: http://periodicos.ifsul.edu.br/index.php/thema/article/view/1175.

4. RevistaThema (B4)

CARDOZO, A. B.; OLIVEIRA, I. B. de; AFONSO, M. da R. Satisfação com o curso de formação continuada na área de Educação Física desenvolvido pela ESEF/UFPel. **Revista Thema,** [S. l.], v. 16, n. 4, p. 984-994, 2020. DOI: 10.15536/thema.V16.2019.984-994.1310. Disponível em: http://periodicos.ifsul.edu.br/index.php/thema/article/view/1310.

5. Artigo oriundo da tese submetido à Revista Pensar a Prática (B2):

“A legitimação e o reconhecimento da Educação Física na escola” submetido em 17/12/2020



Apêndice V- Produto (artigo submetido em periódico listado no WebQualis da área 21, livro ou capítulo) na tese- Artigo oriundo da tese submetido à Revista Pensar a Prática.

A LEGITIMAÇÃO E O RECONHECIMENTO DA EDUCAÇÃO FÍSICA NA ESCOLA

RESUMO
O objetivo foi identificar os fatores relacionados à legitimação e ao reconhecimento do componente curricular EF na escola. Utilizamos uma abordagem qualitativa apoiada em entrevistas semiestruturadas com 11 docentes de EF da RMEPel- RS acima de 20 anos de docência. A partir da análise de conteúdo estabelecemos três categorias de análise. O fato das solicitações e de terem assumido equipes diretivas, cargos administrativos e pedagógicos ao longo de suas carreiras, consideramos que o docente de EF é um profissional com certo grau de reconhecido. Todavia, devido às precárias condições de infraestrutura e a escassez de materiais, aliadas às reestruturações curriculares, a EF como área do conhecimento não possui esse reconhecimento e sua legitimação ocorre de forma heterônima.

PALAVRAS-CHAVE: Educação Física. Escola. Reconhecimento. Professores.

ABSTRACT
The objective was to identify the factors related to the legitimacy and recognition of the EF curricular component at school. We used a qualitative approach supported by semi-structured interviews with 11 PE teachers from RMEPel-RS over 20 years of teaching. Based on the content analysis, we established three categories of analysis. The fan Regarding the requests and having assumed management teams, administrative and pedagogical positions throughout their careers, we consider that the PE teacher is a professional with a certain degree of recognition. However, due to the precarious conditions of infrastructure and the scarcity of materials, combined with curricular restructuring, PE as an area of knowledge does not have this recognition and its legitimation occurs in a heteronymous manner.

KEYWORDS: Physical education. School. Recognition. Teachers.

RESUMEN
El objetivo fue identificar los factores relacionados con la legitimidad y reconocimiento del componente curricular de EF en la escuela. Utilizamos un enfoque cualitativo apoyado por entrevistas semiestructuradas con 11 profesores de EF de RMEPel-RS durante 20 años de docencia. Con base en el análisis de contenido, establecimos tres categorías de análisis. El admirador
En cuanto a las solicitudes y haber asumido equipos de dirección, cargos administrativos y pedagógicos a lo largo de su carrera, consideramos que el docente de EF es un profesional con cierto grado de reconocimiento. Sin embargo, debido a las precarias condiciones de infraestructura y la escasez de materiales, sumado a la reestructuración curricular, la EF como área de conocimiento no tiene este reconocimiento y su legitimación se da de manera heterónima

PALABRAS-CLAVE: Educación Física. Colegio. Reconocimiento. Maestros.

INTRODUÇÃO

A restruturação produtiva e as transformações no mundo do trabalho das últimas décadas têm sido acompanhadas também de mudanças de paradigmas na formação escolar. Exemplo destas modificações foi a construção da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) que estabeleceu parâmetros de formação articulada nacionalmente e também a recente aprovação da Reforma do Ensino Médio que aprofunda a concepção mercadológica para a formação escolar. Alguns estudos têm sido desenvolvidos e apresentam tais questões que conformam a realidade escolar em torno da disputa de

projetos educacionais (MOLINA NETO et al., 2017; SOUZA; RAMOS, 2017). Tais processos de mudanças tem tido ressonância na Rede Municipal de Ensino de Pelotas-RS (RMEPel) que no ano de 2019, houve por parte da Prefeitura Municipal de Pelotas uma reestruturação curricular visando padronizar os currículos das escolas ferindo a autonomia das mesmas, houve redução da carga horária da disciplina de Educação Física (EF) em detrimento de outras disciplinas presentes em avaliações em larga escala.

O trabalho docente é uma prática social que expressa, dentro das suas possibilidades objetivas, as determinações políticas e ideológicas dominantes em uma sociedade ou, por contradição, busca a explicitação da superação destas determinações. Como particularidade, o trabalho docente estabelece relações distintas de outras possibilidades quando o produto da atividade é consumido no ato de produção, diferente do trabalho de um operário na fábrica, por exemplo. Na forma de assalariamento própria do sistema do capital, também o trabalho docente se distingue do trabalho produtivo que produz diretamente mais-valia, pois a caracterização do professorado vinculado ao serviço público não estabelece centralmente, senão indiretamente, a produção de lucratividade ou mais-valia como elemento basilar de sua atividade.

No tocante à EF, a mesma é uma disciplina que trata pedagogicamente, no âmbito escolar, do conhecimento de uma área chamada de cultura corporal. O estudo desse conhecimento visa apreender a expressão corporal como linguagem (SOARES et al. 2012). Em relação à EF na escola, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) o seu artigo 26, no parágrafo 3º, estabelece a EF integrada à proposta pedagógica da escola, sendo um componente curricular da educação básica, todavia, oferece bases legais da sua não ocorrência no ensino noturno e de matricula facultativa em outros casos, isso promoveu uma gradativa exclusão da EF enquanto componente curricular em relação aos demais, privando os alunos da apropriação de um conhecimento historicamente construído.

Desta forma, o presente trabalho objetiva identificar os fatores relacionados à legitimação e ao reconhecimento da EF no ambiente escolar. A problemática em questão se apresenta de suma importância no sentido de uma legitimação e reconhecimento da EF como componente curricular, em um momento de questionamento de sua presença no ambiente escolar.

DECISÕES METODOLÓGICAS

Optamos por uma abordagem de cunho qualitativa e descritiva, que segundo Triviños (2010 p. 110) “pretende descrever com exatidão os fatos e fenômenos de determinada realidade”.

Os critérios de inclusão foram: a) ser professor (a) de EF; b) pertencer ao quadro efetivo; c) ter 20 ou mais anos de docência, pois acreditamos que a partir dessa experiência, os docentes tenham mais condições de analisar o processo de reconhecimento e legitimação da EF na escola ao longo de suas carreiras. Dos 18 possíveis colaboradores, 04 docentes optaram por não participar da pesquisa, aos 14 restantes solicitamos o agendamento das entrevistas, porém, com o início da pandemia Covid-19 em março de 2020, três docentes optaram por não realizar a entrevista, assim, foram realizadas 11 entrevistas semiestruturadas.

Triviños (2010) relata que a entrevista semiestruturada parte de certos questionamentos básicos, apoiados em teorias e hipóteses, que interessam à pesquisa, e que, em seguida, oferecem amplo campo de interrogativas, fruto de novas hipóteses que vão surgindo à medida que se recebem as respostas do informante. Realizamos um pré-

teste (GIL, 2002) do roteiro de entrevistas para verificarmos a estrutura e a clareza do roteiro por meio de uma entrevista preliminar.

Depois de transcritas, as mesmas foram enviadas para os entrevistados, como forma de autenticidade e fidedignidade das informações e autorização para a sua reprodução. Elaboramos o quadro 1 de sistematização do trabalho de campo:

Quadro 1: sistematização do trabalho de campo

Nº	**Docente**	**Tempo Docência**	**Duração Entrevista**
1	Alex	29 anos	52m
2	Bianca	33 anos	43m
3	Cléber	32 anos	42m
4	Débora	25 anos	41m
5	Ernesto	32 anos	43m
6	Fabiano	29 anos	44m
7	Graça	23 anos	40m
8	Heitor	27 anos	60m
9	Iara	28 anos	46m
10	João	33 anos	85m
11	Luiza	22 anos	45m
Total			**9h01m**

Fonte: Os autores.

A partir da análise de conteúdo de Bardin (2011) emergiram 03 categorias que foram discutidas no transcorrer do trabalho. A pesquisa foi aprovada pelo parecer nº 3.118.862/2019 do Comitê de Ética e Pesquisa e autorizada pela Secretaria Municipal de Educação. Todos assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e identificaremos os participantes por nomes fictícios.

Em relação aos dados sociodemográficos dos 11 docentes participantes da pesquisa temos prevalência do gênero masculino (n=6); casados (n=7); com filhos (n=8); com idade entre 56-60 anos (n=5) e entre 45-50 anos (n=4), 9 possuem especialização, 1 possui graduação e 1 possui mestrado.

O quadro 2 mostra o regime de trabalho na RMEPel, em outras redes de ensino e em outros trabalhos:

Quadro 2: Caracterização do trabalho

Regime de Trabalho	**Até 20h**	**21h à 40h**	**41h à 60h**	**Acima de 60h**
RMEPel	3(27,3%)	7(63,6%)	1(9,1%)	-
RMEPel e outras Redes de Ensino	2(18,2%)	5(45,5%)	3(27,3%)	1(9,1%)
RMEPel, outras Redes e Outros	1(9,1%)	3 (27,3%)	6(54,5%)	1(9,1%)

Fonte: Os autores.

De acordo com os dados, a maioria do professorado, 63,6%(n=7) trabalha até 40h na RMEPel, mas buscam em outras redes de ensino complementação para seus turnos, assim, se contabilizarmos a carga horária de outras redes de ensino temos 45,5%(n=5) dos docentes com jornada entre 21h a 40h e 27,3% (n=3) entre 41h e 60h. Ao somarmos a carga horária de outras fontes de renda, temos um aumento considerável dos que trabalham acima de 40h, passando para 54,5% (n=6), inclusive com um docente chegando a mais de 60h de jornada de trabalho semanal, ou seja, 63,8% da categoria docente tem jornada de trabalho superior a 40h.

A maioria do professorado trabalha ou tiveram que trabalhar ao longo da carreira acima de 40h, seja em outras redes de ensino ou em outras atividades e relatam o motivo disso:

> Salários, é difícil falar neste assunto, para aqueles que dão a base para qualquer profissional de qualquer área e recebem o que recebemos, **na maioria não é nem o piso da classe**, ai **desanima no final do mês**, quando temos que **ter 40h, 60 h para termos uma condição menos pior, para podermos pagar nossas contas** (Professor Alex) [grifos meus].

> **Eu começo a trabalhar 7: 30,** vou até o meio-dia, aí geralmente vou em casa, como alguma coisa, saio, 13:30 estou trabalhando, **volto de noite para casa.** [...] E tem os **finais de semana com arbitragem**. Mas é a questão que para tu construíres alguma coisa, um patrimônio um pouco maior, uma casa, ter um carro, ter uma casa é **somente trabalhando mais**. E na **nossa área tem que ser assim, não sou eu, são vários professores que têm 60 horas** (Professor Cléber) [grifos meus].

> **Quase sempre fiz 60h** [...] Com certeza por motivo financeiro, é bem puxado, porque eu trabalho em Rio Grande e aqui. Então, por exemplo**, tem dias que eu trabalho aqui de manhã, meio-dia pego ônibus, vou para Rio Grande, trabalho lá, volto de noite. Sem almoço, ou almoço no ônibus, geralmente** (Entrevista Professora Luiza) [grifos meus].

A carga horária elevada é uma realidade já constatada na literatura referente ao trabalho docente (ALBUQUERQUE, 2018; SINOTT, 2013; LEMOS, 2011), pois para melhorarem sua remuneração, os docentes aumentam suas horas de trabalho, trabalham em 02 ou mais redes de ensino e, inclusive em outros espaços de trabalho além do escolar, fato esse que além de impactar na saúde, prejudica a qualidade de suas aulas por não terem o tempo necessário de prepará-las.

A LEGITIMAÇÃO E O RECONHECIMENTO DA EF NO ÂMBITO ESCOLAR

Em relação ao reconhecimento da EF no ambiente escolar, apenas um docente considerou que a mesma é reconhecida:

> E**u acho que sim.** Porque se eu for olhar aqui os conselhos de classe, **sempre sou solicitado para dar meu parecer para os alunos**. **Eu acho que tem essa valorização**. E propriamente toda a tentativa de treino, que é uma coisa muito difícil, nós não temos horário específico, para participar de jogos escolares, por exemplo, onde eu tenho a solicitação de um aluno, prontamente **os professores tentam agilizar, administrar, fazer prova no outro dia, compensar aquele estudo que ele está perdendo.** [...] Então **eu vejo que tem esse grau de importância sim, tem esse reconhecimento** (Professor Heitor) [grifos meus].

Cinco docentes relaram que esse reconhecimento depende da escola e/ou do professor(a) da disciplina de EF:

> E**m alguns lugares eu acho que é.** Mas **têm outros lugares a gente vê que EF é só para cobrir horário**, a gente vê bastante em algumas escolas [...] (Professora Bianca) [grifos meus].

> **Em alguns aspectos sim, e outros ainda não,** a EF **não é muito reconhecida por causa da atuação de alguns professores**, e ainda é vista como aquela disciplina que o professor larga a bola (Entrevista Professor Cléber) [grifos meus].

> **Acho que está bem melhor**, pelo menos aqui na escola que eu trabalho está muito diferente da época que eu entrei. **O professor que dava EF era um professor que não era formado, não tinha habilitação nenhuma em EF** [...] Qualquer um ia lá e dava aula, e outra coisa que acontecia muito e que hoje e ainda acontece, mas menos, assim, **faltou o professor, tem três turmas, "bota lá na quadra com a professora de EF",** aí todo o planejamento vai tudo por água abaixo (Professora Graça) [grifos meus].

> **Depende da escola, depende da tua parceria, depende**, aqui na escola os professores são bem conscientes. Tem claro que pode ter um ou outro que até disfarce. Mas eu acredito que **a maioria valoriza bastante sim** [...]. Eu acho que é tanto que é importante que na hora de fazer conselho escolar tu faz, por exemplo, tu tem aquele valor para ver o que é que é importante na escola para fazer. E aí sempre pedem de todas as áreas, e aí depois eles discutem para ver o que é que dá para cada um contemplar; **No caso, e sempre é na EF é sempre contemplada**, artes (Professora Débora) [grifos meus].

> **Eu acho que já foi mais**. Mas isso porque nós nos fazíamos ser respeitados assim, a **EF aqui era forte porque o grupo era forte, porque nós participávamos politicamente da escola [...]**. Então, nós participávamos de todos os eventos da escola e **o grupo era reconhecido.** Evidentemente tu deve saber disso, a EF – **e isso é mais forte ainda no ensino particular – ela não tem o mesmo status que uma matemática, que uma física, porque não cai lá no ENEM, porque não cai no vestibular. Então, isso às vezes a gente se sente um pouquinho à margem.** Isso é natural das pessoas, dos professores dessas disciplinas que se julgam mais importante, em função do vestibular [...] (Professor Fabiano) [grifos meus].

O docente Fabiano que comentou um dos motivos da EF não ser reconhecida no ambiente escolar se dá por causa da sua não presença no ENEM, esclarecemos que a EF está presente na área de Linguagens, Códigos e suas Tecnologias, porém, conforme uma revisão sistemática sobre EF e ENEM de Pontes Júnior (2017) aponta como positivos a revelação de que os itens apresentam discussões acerca de diferentes esportes e uma oportunidade de legitimação da EF no âmbito escolar, todavia, observamos mais aspectos negativos como: a) não requererem um aprofundamento dos conteúdos, b) desvantagens dos alunos que estudam no período noturno ou dos que são dispensados das aulas de EF, contribuindo para o baixo desempenho no ENEM, c) pode provocar "desequilíbrios pedagógicos" quanto aos seus objetivos de ensino, d) inadequada consistência interna dos itens de nível fácil ou moderado das questões, e) além das práticas pedagógicas do professorado de EF poderem ser influenciadas, como todas avaliações em larga escala em geral prejudicam a autonomia das escolas na sua organização curricular. Isso mostra que a EF não é tão valorizada pelos organizadores do certame, o que acaba refletindo na escola na não valorização

Nesse sentido, Beltrão (2014, p.835) esclarece:

> O sistema de avaliação da educação básica brasileira, o qual o ENEM faz parte, age no sentido de estimular a competição entre os alunos, e entre as escolas, entendendo que a competição gera qualidade. O Estado alimenta essa competição, objetivando a qualidade, quando oferece bônus às escolas e aos professores, e vagas no ensino superior aos alunos. Com essas iniciativas, o Estado se consolida como Estado-regulador. As mudanças/metamorfoses do ENEM levaram esse exame a incorporar as funções e a lógica do vestibular, e com um discurso democrático busca se distanciar das críticas historicamente recebidas pelos vestibulares, transferindo, cada vez mais, o ônus da culpa aos estudantes e professores. Esse processo esconde as péssimas condições da educação básica e pequeno número de vagas no ensino superior. Essas e outras questões levantadas nesse trabalho indicam a necessidade que temos

> (universidade – escola básica – sociedade) em discutir como a Educação está se desenvolvendo em nosso país.

A partir destas falas, notamos que o reconhecimento ou não da EF pode variar de escola para escola e que isso depende muito da atuação do professor ou professora da disciplina, não só das aulas sem si, mas da sua participação no funcionamento da escola como um todo.

Outros cinco docentes relataram que ela não é reconhecida ou não é como deveria ser:

> Não, eu continuo achando e dependendo da direção das escolas, **ela é muito pouco valorizada, inclusive a direção da minha escola,** a diretora nunca se furtou de me dizer **que não gosta de EF [...] ela não dá o mesmo valor como ela dá para matemática, como dá para ciências, como dá para geografia,** e que **muitas vezes a gente tem que pegar duas ou três turmas para cobrir os horários dos colegas que não vão, ou de colegas que se atrasam, que estão com problema, ou para dar folga para os próprios colegas** (Professor Alex) [grifos meus].

> E**u acho que não**. Estão até **diminuindo a carga horária**. Esse ano, por exemplo, aqui na escola nós tínhamos do sexto ano ao nono três aulas, agora diminuíram para duas. Tem escola que não tem espaço físico para trabalhar. **Eles pensam na escola, constroem a escola e esquecem da EF**. [...] Eu conheço outras escolas, converso com colegas e a própria direção da escola às vezes não valoriza**, "ah, manda para a EF"** (Professor Ernesto) [grifos meus].

> **Ainda não, como deveria de um modo geral ainda não**, por vários fatores. Ainda temos **escolas com estrutura precária**, porque o ideal seria que todas as escolas tivessem uma quadra coberta para realmente ter uma atividade bem feita. **Muitos dirigentes escolares ainda veem o professor de EF como aquele profissional que consegue ajeitar o horário porque no pátio coloca três, quatro turmas, então isso ainda é usado** [...] **"ah, tem uma professora que chegou atrasada, bota para o pátio, que o professor tal está lá e ele repara", ainda tem muito isso.** [...] **e ainda infelizmente temos colegas que só jogam a bola, também isso é falado**, então ainda temos um longo caminho a percorrer, eu acho que **a EF não foi plenamente desenvolvida junto aos nossos alunos, infelizmente** (Professora Iara) [grifos meus].

> **Eu acho que ela não é valorizada na escola**. Quando eu comecei [...] não tinha nada assim de estrutura, nem material, **nós professores de EF não participávamos nas reuniões pedagógicas, nós éramos excluídos.** Depois, de uns anos passados, começou o professor de EF a participar das reuniões pedagógicas. **Já era uma conquista, porque claro, não poderia até hoje acontecer uma coisa dessa**, porque eu acho que no momento **que o professor de EF começou a se tornar assim, até porque era muito crítico, era um cara que interferia nas coisas e queria mudança.** [...] **quando você sai da universidade e encontra a realidade lá e não consegue trabalhar como tu pensava em trabalhar, tu se sente frustrado** [...] Só que **a nossa disciplina é uma coisa que eles parece que não querem enxergar, os outros professores**. E até nós somos assim: algumas, como tem um dia que é **a folga dos professores, nesse dia eles juntam EF, educação artística, e colocam no mesmo dia, para dar folga para o currículo. Aí aquilo é uma coisa meio que nós somos usados naquele dia, desvaloriza, que não deveria ser** (Professor João) [grifos meus].

> **Não é valorizada.** Até porque eu acho que **a gente que acaba meio que queimando a EF dentro da escola**. Não querendo falar dos outros, **mas tem**

> **muito professor de EF que não leva a sério**. Então isso faz com que a própria profissão seja desrespeitada, assim. Porque **aquela questão de só jogar bola e deixar os alunos livres, a nossa profissão é uma profissão que todo mundo vê o que a gente está fazendo.** [...] Isso leva muitas críticas e **ajuda a desvalorizar a nossa profissão**. (Professora Luiza) [grifos meus].

Os relatos do professorado de EF trazem memórias de práticas que desnudam um pouco sobre o trabalho pedagógico desses profissionais no coletivo da escola. Tais relatos dizem respeito aos sentimentos publicitados através de registros que se ressentem de que, por vezes, a EF serve como "tapa buraco" ou serviria para "cobrir horários", para as ocasiões em que não houvesse professor ou professora para ministrar as aulas para determinada turma, ou ainda, para “dar folga” aos docentes regentes da turma ou de outras disciplinas do currículo.

Esses relatos apontam que o trabalho no interior da atual organização escolar é um trabalho desvinculado da prática social mais ampla e vincula-se apenas ao mercado de trabalho, onde uma ou outra disciplina tem maior importância devido ao fato das mesmas caírem em provas de avaliações de larga escala padronizadas, que não revelam as condições precárias que professores(as) da escola pública do Brasil desenvolvem seu trabalho, assim, Ivo e Hypólito (2015, p. 365) alertam que essa “política orientada estritamente pelos índices e indicadores de qualidade que regula o trabalho docente a partir do desempenho dos alunos parece-nos estar longe de uma política realmente preocupada com a qualidade da Educação”, portanto:

> [...] seja porque a concepção de conhecimento que orienta a organização da escola admite a separação sujeito/objeto, teoria/prática, seja porque a escola nasceu como escola para as classes ociosas e, portanto, para quem não trabalha [...], seja porque a tarefa da escola inclui a necessidade de legitimar hierarquias sociais, através de hierarquias escolares (FREITAS, 2012, p. 99).

Conforme os relatos dos docentes, percebemos que a EF não possui ainda uma legitimação e um reconhecimento no ambiente escolar, inclusive isso se apresentou como uma dificuldade ao longo da carreira docente para os mesmos. Sobre o reconhecimento da EF na escola, estudos apontam o seu baixo status profissional e que no coletivo escolar a disciplina possui estigma de trabalho fácil, sem reprovação, de pouca exigência, além de ser vista com preconceitos por outros componentes curriculares (GHILARDI, 1998; DAOLIO, 2003). Além disso, é lembrada por não ter objetivos claros e um corpo de conhecimentos específicos e organizados, cuja aprendizagem possa colaborar para que os objetivos da educação escolarizada sejam alcançados (FREIRE, 1999) e, de sua valorização depender também das atitudes dos professores desta área (LOVISOSO, 1996).

Aliado a isso, se tem uma visão de disciplina meramente prática e do simples fazer por fazer, um dos motivos deve-se provavelmente entre outros motivos, aos currículos de formação do professorado em EF, de caráter esportivo e distante da realidade concreta das escolas. Neste sentido, BACCIN (2010) diagnosticou o processo de secundarização da disciplina e a sua perda de espaço na escola.

Como possíveis formas de superação deste quadro deve-se buscar uma legitimação autônoma da EF (BRACHT,1992), ou seja a EF ter uma importância situada nela própria, apresentando elementos humanos fundamentais que a justifique no âmbito escolar por si só, e não como vem ocorrendo, uma legitimação de forma heterônima, através da instrumentalização da EF, seja na sua atrelação ao mercado do trabalho, auxiliar de outras disciplinas, como instrumento de negociação quanto ao

comportamento dos alunos, ou ainda sendo reconhecida somente a partir de resultados externos a partir da conquista de medalhas e troféus para a escola.

Além disso, as Políticas Públicas Educacionais a partir da década de 90 e dos últimos anos reordenaram o sistema educacional brasileiro, os currículos e implantaram sistemas de avaliação e financiamento da Educação que limita a atuação do professorado e acaba submetendo-os a lógica do capital. Dessa forma todo o trabalho docente e da gestão escolar, assim, a como a educação assumem características semelhantes as que se desenvolvem no âmbito econômico, voltados para a empregabilidade e para o disciplinamento com vistas ao mercado de trabalho alienado. Exemplificando estas modificações podemos citar a construção da BNCC que estabeleceu parâmetros de formação articulada nacionalmente e a recente aprovação da Reforma do Ensino Médio que aprofunda a concepção mercadológica na Educação escolarizada.

Então, a desvalorização da EF na escola tem a ver com o modelo formativo escolar que privilegia a formação de mão-de-obra para o mercado de trabalho e a EF não tem um lugar importante para isso. Além disso, em 2019 houve por parte da Prefeitura Municipal de Pelotas houve uma reestruturação curricular visando padronizar os currículos das escolas ferindo a autonomia das mesmas, pois as impedem de se articular de acordo com as realidades específicas de suas comunidades. Houve a redução da carga horária do componente curricular de EF, Artes e outras disciplinas em toda RMEPel em detrimento de outras disciplinas que estão presentes em avaliações em larga escala (Português e Matemática), ou seja, articula a Educação escolarizada sob a chancela do mercado e das imposições de organismos internacionais que realizam avaliações padronizadas, currículos por competências como forma de inserir o alunado no mundo da empregabilidade, adaptando o sistema educacional aos ditames do capital.

Observamos então, que não só a organização do trabalho humano, mas as organizações do trabalho pedagógico e docente acabam sendo condicionados pelo contexto socioeconômico e político de um país e a formação de cidadãos na escola assume características semelhantes as que ocorrem no desenvolvimento dos modelos de produção permeados de ideologias, presentes na superestrutura e que alienam.

Assim, como o trabalho deixou de ser uma característica histórica do ser humano e se reduziu a um emprego assalariado que serve para atender a outras necessidades, a Educação passou a ser então exigida como forma de manter-se empregável, deixando de ser uma prática social, política e se reduz meramente a uma transmissora de competências técnicas, formadora de recursos humanos, de capital humano, e resumindo, perde a sua função social.

AS CONDIÇÕES DE TRABALHO DO PROFESSORADO DE EF NA RMEPel

As condições de trabalho gerais de carga horária, salários e específicas da EF, como infraestrutura, material para as aulas, são elementos importantes para desenvolvimento integral do trabalho pedagógico. A infraestrutura precária e a falta de materiais foram citadas como uma dificuldade e frustação desde o inicio da carreira dos docentes, e muitos relataram que estes pontos ainda são hoje, próximos da aposentadoria, as suas principais dificuldades:

> A **principal dificuldade que eu encontro lá hoje eu acho que é o espaço físico**, porque há 7 anos nós trocamos de local e eu faço muito essa comparação, que eu digo que **eu era feliz e não sabia**, porque lá eu tinha um espaço que era talvez seis, sete vezes maior do que eu tenho atual (Professor Alex) [grifos meus].

> I**nfraestrutura faz falta, porque pensa bem: frio, dia de chuva [...] Então você tem que improvisar.** Na escola mesmo que eu trabalho, é um espaço assim, tem uma tela na volta, então **já aconteceu de alguns alunos se engancharem na tela, se machucarem, mas dá para ti adaptar e fazer uma aula** [...] **algumas coisas que tu poderia fazer, tu acaba não fazendo, porque tu vai evitar o risco que tu vai correr** [...] **Olha, difícil, sempre fo**i [...] (Professor João) [grifos meus].

Outo fator que esteve presente para quase a totalidade dos docentes é que os mesmos relataram terem usado e ainda usam parte de seus próprios rendimentos para a compra de materiais para as suas aulas:

> **Uma vez não, muitas vezes mesmo.** E acabo eu sei que acabo **me prejudicand**o, muitas vezes, porque às vezes eles veem que tem material, a direção da escola vê que tem material, mas diz, "tem material", **mas muitas vezes eu consegui esse material do meu bolso,** ou vou pedir um material que num local está encostado porque já está com bastante uso. Então é **porque eu não deixo as coisas ficaram a cair do céu, eu vou atrás. Mas muitas vezes tirei dinheiro do meu bolso** (Professor Alex) [grifos meus].

> [...] E**u acho que não tem professor que não faça,** é difícil (Professora Débora) [grifos meus].

> **Muitas vezes. Trouxe material de casa, trouxe material meu.** E propriamente para fazer essas campanhas para adquirir uma coisa, botei dinheiro em cima. **O próprio tempo de organização para fazer determinadas atividades [...]** (Professor Heitor) [grifos meus].

E mostra o descaso e a falta de investimentos na infraestrutura para as aulas de EF:

> [...] Tu quer uma reforma de quadra, é difícil. Eu estou ali com uma tabela de basquete já feito pela comunidade e que quebrou e nós estamos há 3, 4 anos tentando o conserto disso junto da administração e que agora não conseguimos. Então **eu faço essa crítica porque eu acho que falta muito investimento na educação [...]** (Professor Heitor) [grifos meus].

A carência em relação à infraestrutura e materiais para as aulas de EF nas escolas públicas das redes de ensino públicas de Pelotas já foi constatado em outros estudos, como escolas sem condições para inclusão escolar (COSTA, 2009); turmas lotadas, infraestrutura precária, poucos materiais para aulas (BACCIN, 2010). Sobre este aspecto, Lemos (2011, p 197) é bastante significativo sobre o que pensam os docentes de EF:

> Tais reclamações advêm da pouca segurança que a escola oferece aos seus professores, alunos e funcionários, das precárias condições de trabalho quanto à infraestrutura, praticamente sem espaço físico para o professor de EF desenvolver suas aulas, o material de trabalho das escolas é muito escasso e ruim. Ainda sabemos que o professor de EF da área escolar trabalha no sol, no frio e muitas vezes na neblina e não recebe insalubridade por conta disso.

Esses problemas de infraestrutura prejudicam o desenvolvimento das aulas, pois as escolas não possuem as condições necessárias para a realização das aulas de EF. Desta maneira, o professorado é ciente da realidade estrutural que envolve os seus trabalhos. O que faz refletir que muitas vezes os docentes de EF têm que se adaptar a espaços que não seriam próprios para uma atividade anteriormente planejada, fazendo com que os mesmos improvisemos espaços precários. Outro ponto importante para o

desenvolvimentos das aulas de EF são as condições dos materiais, onde os docentes relataram inclusive usar de seus próprios salários para a compra de materiais para as aulas de EF.

O PROFESSORADO DE EF NA ADMINSRAÇÃO E GESTÃO ESCOLAR

Atualmente, a Professora Bianca é vice-diretora de uma escola e a Professora Iara ocupa um cargo administrativo/pedagógico na SMED, o Professor Heitor também relatou ter sido convidado diversas vezes a compor chapa e não quis devido a outras demandas e preferir atuar somente como professor. Somente a Professora Luiza nunca exerceu cargo administrativo, os 08 demais docentes ocuparam cargos administrativos pedagógicos. Abaixo, alguns relatos:

> [...] Não quis saber, fui convidado uma vez para fazer parte de uma chapa, não quis saber de fazer parte dessa chapa e apoiei uma outra chapa. E **essa chapa que eu apoiei acabou perdendo, eu fui perseguido dentro da escola com outros colegas**. **Mexendo nos teus horários, tentando desestruturar o teu dia a dia, que eu trabalhava em outros locais, querendo que tu saísse da escola, para passar para outra escola** [...] (Professor Alex) [grifos meus].
>
> **Eu estou na vice- direção** [...] As duas vezes que eu fui diretora do currículo e diretora eu não concorri, eu sempre fui convidada para trabalhar. [...] E na outra era a chapa que ganhava então, eu entrei junto na chapa e eu fiquei (Professora Bianca) [grifos meus].
>
> Eu fui coordenadora uma época. Mas aí eu não quis continuar, queriam que eu continuasse, mas eu não quis. [...] **achei horrível**. Se dá certo, ninguém te valoriza. E o que dá errado, parece que a culpa é tua sempre é uma coisa meio louca assim. **Então não é para mim não** [...] (Professora Débora) [grifos meus].
>
> Fiquei de 1998 até 2009 na direção, 40 horas, foram 11 anos. Depois eu fiquei 20 horas de coordenação durante 3 anos, e 20 horas à tarde dando aula. Depois desses 3 anos de coordenação aí só dando aula, 40 horas. [...] (Professor Ernesto).
>
> **Eu fui coordenador do laboratório de informática durante muitos anos.** Tu vê, eu sou professor de EF, mas **eu sempre gostei de informática**. [...] Mas trabalhei aqui na informática educativa, fiz curso para isso aqui, trabalhei**, ajudei a direção em várias coisas, como em confecção de horários, eu já tive várias funções assim como colaborador, mas eu nunca quis concorrer a cargo diretivo** (Professor Fabiano) [grifos meus].
>
> [...] 2004 eu fui para vice- direção e em 2005 eu fui para direção e fiquei até 2010, eu entrei na vice- direção por insistência da que era candidata a diretora, que era a diretora anterior **dizendo que eu tinha perfil, que ia ser bom,** que eu ia trabalhar com ela, que eram para ser três anos na vice e três anos na direção, aí ela teve que sair, por isso que eu fiquei. **E aí me convenceu, e eu gostei da parte administrativa** [...] (Professora Graça) [grifos meus].

O professor Heitor relata que apesar de solicitações, o fato de preferir estar ministrando aulas bem como exercer outra atividade fora da escola, o fez não querer participar de equipes diretivas:

> **Algumas vezes solicitado**, mas como eu tenho outra atividade paralela, me e envolve noites e fim de semana, e ali é cargo de responsabilidade. **Eu digo, se eu pegar mais alguma coisa, eu acho que eu não vou dar conta**. Eu

> acho que peguei o gosto do contato com o aluno. **Chama-me muito mais a atenção estar dando aula do que uma parte mais administrativa** [...] (Professor Heitor) [grifos meus].

> Eu sempre digo que **o professor de EF tem uma visão privilegiada da escola, assim como todo mundo nos enxerga, a gente também enxerga a escola em si [...] o movimento da escola**. E os alunos te falam muito dos demais professores, porque aqueles professores que trabalham nas salas de aulas fechadas, que tu não enxerga o que eles estão fazendo ali. Na EF eles te passam isso. E aí tu vê que sempre tem coisas que devem ser melhor trabalhadas, que devem ser modificadas, aprofundadas, que devem ser eliminadas da escola**. E eu acho que o professor de EF tem essa visão mais ampla das coisas, não fica só ali restrito**. [...] **eu fui para a direção porque tinha coisas e procedimentos de colegas que eu via que precisavam mudar, tratamento com alunos, a questão do acolhimento aos alunos,** aquilo o que se discutia há 20 anos e continua se discutindo agora que aluno não é só para despejar conteúdo em sala de aula, que a escola não é só isso. (Professora Iara) [grifos meus].

Questionado sobre melhorias na infraestrutura para as aulas de EF, o Professor João relata que acabou não conseguindo:

> [...] Eu acho que **no sentido de pensar no geral, nos outros, eu pequei, não pedi essa quadra, pelo menos.** Eu, apesar de ser mais para mim, como diz o outro**, "graças a Deus que saiu algo" [...] eles fazem uma escola e o espaço que eles menos dão importância é o espaço para a área da EF** (Professor João) [grifos meus].

Sobre o professorado de EF ocupando cargos diretivos, Quintana (2010) identificou como os mesmos se constituíram gestores das escolas, e seus resultados apontaram que a orientação sobre gestão escolar nos cursos de licenciatura das entrevistadas não foram suficientes para o exercício da função na gestão e a opção pelo exercício da direção e vice- direção se deu, na maioria dos casos, devido ao assédio de colegas de trabalho e alunos; igualmente como apontado pelo professorado de nossa pesquisa. O estudo demonstrou também que os mesmo tiveram problemas com a implantação das novas políticas educacionais, além de acreditar que os professores de EF interessam-se pelo exercício da gestão escolar, na função de diretores por "estarem acostumados a trabalhar em conjunto, organizar grandes grupos e dinamizar os locais por onde passam; além disso, apresentam facilidade para manter vínculo afetivo com as pessoas" (QUINTANA, 2010, p. 114).

Ao cruzarmos os dados das condições de infraestrutura e materiais para as aulas de EF escolar com às vezes em que o professorado esteve presente na gestão escolar de alguma forma, observamos que não se verificou muitas vezes a melhoria dessas condições, o que nos leva crer que há um problema estrutural maior para a não melhoria da condições de trabalho e reconhecimento da EF como uma área do conhecimento importante para a formação de um alunado crítico.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A busca pelo entendimento e contextualização sobre a legitimação e o reconhecimento da EF no ambiente escolar a partir do cenário ora apresentado na RMEPel e que se vê agravado pelas reestruturações curriculares implementadas pela SMED, sem o debate necessário com os docentes e suas respectivas comunidades escolares que fazem parte, bem como a precária estrutura física básica associada à pouca oferta de materiais para as práticas do componente curricular que acompanhou

muitos docentes por toda a carreira, nos faz inferir que a EF possui pouco reconhecimento e não é considerado um componente curricular importante dentro do coletivo escolar.

Mesmo diante dessas evidências, ao fazermos o cruzamento destas informações com o levantamento dos docentes da EF que ocuparam, foram convidados a compor ao longo da carreira ou que integravam equipes diretivas, nos faz compreender que apesar do componente curricular da EF não ser reconhecido da forma como os profissionais desejariam, o professor e a professora de EF possuem certo reconhecimento dentro do coletivo da escola. Tal reconhecimento ocorre, pelo fato de, apesar das questões atinentes às condições físicas e materiais precários e demais condicionantes da realidade expostos pelos mesmos, o professorado de EF conhece a realidade da escola pública e de certa forma contornam essas situações que convivem há tempos com elas, são requeridos para assumirem cargos administrativos pedagógicos e de gestão. Assim sendo, o docente de EF é um profissional com certo grau de reconhecido âmbito escolar, todavia, a EF como área do conhecimento, não possui esse reconhecimento.

A discussão referente à legitimação e ao reconhecimento da EF como uma área do conhecimento importante e necessária para a formação crítica do alunado não se encerra nesse estudo, porém, procuramos trazer algumas reflexões sobre como tem ocorrido esse processo.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Guilherme Souza Cavalcanti de et al. Exploração e sofrimento mental de professores: um estudo na rede estadual de ensino do Paraná. **Trabalho, Educação e Saúde**, v. 16, n. 3, p. 1287-1300, 2018.

BACCIN, Ecléa Vanessa Canei. **Educação Física escolar**: implicações das políticas educacionais na organização do trabalho pedagógico. 2010. 137 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Educação Física, Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2010. Disponível em: https://wp.ufpel.edu.br/ppgef/files/2014/04/Eclea_Baccin.pdf. Acesso em: 04 out. 2020.

BARDIN, Lawrence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, p. 229, 2011.

BELTRÃO, José Arlen. A Educação Física na escola do vestibular: as possíveis implicações do enem. **Movimento**, [S.L.], v. 20, n. 2, p. 819-840, 2014.

BOTH, Vilmar José. **Mudanças no mundo do trabalho e suas mediações na Educação Física**. 2009. 121 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Educação Física, Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2009. Disponível em: https://wp.ufpel.edu.br/ppgef/files/2014/04/VilmarJoseBoth.pdf. Acesso em: 03 ago. 2020.

BRACHT, Valter. **Educação Física e aprendizagem social**. Magister, 1992.

BRASIL. Base Nacional Comum Curricular: Ensino Médio. Disponível em http://portal.mec.gov.br/conselho-nacional-de-educacao/base-nacional-comum-curricular-bncc-etapa-ensino-medio, acesso em 21/08/2020.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional 9.394/96.** Disponível em: http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/ldb.pdf Acesso em: 09 de janeiro de 2020.

COSTA, Fábio Renato Barcellos. **Formação e desenvolvimento profissional em Educação Física dilemas e desafios na educação inclusiva**. 2009. 101 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) − Programa de Pós-Graduação em Educação Física, UFPel, Pelotas, 2009.

DAOLIO, Jocimar. A ordem e a (des) ordem na educação física brasileira. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 25, n. 1, p. 115-127, 2003

FREIRE, Elisabete dos Santos. **Educação Física e conhecimento escolar nos anos iniciais do ensino fundamental.** 1999. 99f. Dissertação (Mestrado) - Escola de Educação Física, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1999.

FREITAS, Luiz Carlos de. **Crítica da organização do trabalho pedagógico e da didática.** 11. ed. Campinas: Papirus, 2012.

GHILARDI, Reginaldo. Formação profissional em educação física: a relação teoria e prática. **Motriz,** v. 4, n. 1, p. 1-11, 1998.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.

IVO, Andressa Aita; HYPÓLITO, Álvaro Moreira. Política gerencial em educação: efeitos sobre o trabalho docente. **Currículo sem Fronteiras,** v. 15, n. 2, p. 365-379, maio/ago. 2015.

LEMOS, Lovane Maria**. Formação e trabalho do(a) professor(a) de Educação Física na formação social capitalista.** 2011. 289 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Educação Física, Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2011.

LOVISOLO, Hugo. Hegemonia e legitimidade nas ciências dos esportes. **Motus Corporis**, v. 3, n. 2, p. 51-72, 1996.

NETO, Vicente Molina et al. A Educação Física no Ensino Médio ou para entender a Era do Gelo. **Motrivivência**, v. 29, n. 52, p. 87-105, 2017.

PONTES JUNIOR, Jose Airton Freitas *et al*. Educação Física do Exame Nacional do Ensino Médio (Enem): uma revisão sistemática. **Revista de Estudios e Investigación En Psicología y Educación**, [S.L.], n. 10, p. 071-076, 17 dez. 2017. Universidade da Coruna.

QUINTANA, Julia Coelho. **O professor de Educação Física na direção da escola pública estadual.** 2010. 124 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Educação Física, Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2010. Disponível em: https://wp.ufpel.edu.br/ppgef/files/2014/04/Julia_Quintana.pdf. Acesso em: 25 ago. 2020.

SINOTT, Edilene Cunha. **Síndrome de Burnout:** um estudo com professores de educação física das escolas municipais de pelotas. 2013. 134 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Educação Física, Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2013.

SOARES, Carmem Lucia et. al. **Metodologia do Ensino da Educação Física**. 2ª Ed. Cortez; São Paulo, 2012.

SOUZA, Maristela da Silva; RAMOS, Fabrício Krusche. Educação Física e o mundo do trabalho: um diálogo com a atual reforma do Ensino Médio. **Motrivivência**, v. 29, n. 52, p. 71-86, 2017.

TRIVIÑOS, Augusto, Nibaldo, Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais:** a pesquisa qualitativa em educação. 6ª Ed. Atlas. São Paulo: 2010.

Anexos

Anexo I- Carta "Razones del profesorado para seguir con entusiasmo" de Sonia Nieto (2006)

Carta a um novo docente[12]

Stephen Gordon

Estimado colega,

Tomaste a decisão. Contra as recomendações de familiares e amigos que te aconselharam contra seguir esta carreira, tomaste a decisão de ensinar. Razões que estão para além do salário e do prestígio te chamaram a tornar-se docente, sendo completamente consciente da pouca gratidão e respeito que os docentes recebem em nossa sociedade, de livre empresa, que valora a riqueza acima da justiça.

Chegaste à conclusão de que ser um adulto responsável pela educação de meninos e meninas é tua vocação. Por quê? Que esperas dar e receber como docente? Quando te vês a ti mesmo em uma aula trabalhando com as crianças dos outros, o que te vês fazendo e dizendo que seja tão necessário para ti e para eles? Sugiro-te que escrevas agora as respostas a estas perguntas, examina-as e discute-as com aqueles que se preocupam com tua felicidade. Espero que tuas respostas te motivem e te mantenham em tua luta cotidiana para estabelecer uma diferença na vida de teus estudantes. Espero que as respostas te dêem ânimo e o conhecimento de ti mesmo, suficientes para superar as dificuldades e teres êxito; e que encontres aliados no teu trabalho.

Dou-te as boas-vindas a profissão que eu escolhi. Começando no teu primeiro dia de aula e sem abandonar-te nunca, a ansiedade e a dúvida sobre ti mesmo podem ser sua sombra constante. Elas o tem sido para mim. Eu me isolei e ineficaz, inclusive abandonado pelos meus colegas e pela direção. Vejo e sinto as realidades dos meus alunos e alunas, seus desejos e ansiedades, e creio que falhei com eles, que não fiz o certo, o suficiente. E me chateio, ao considerar que o fracasso dos meus estudantes se deve a injustiça econômica e racial.

[12] Extraída e adaptada do livro Razones Del professorado para seguir com entusiasmo, de Sonia Nieto, 2006 (p. 132- 134) Tradução para o português: Ismael Bacellar.

Aprendi a aceitar, inclusive a agradecer, este terror, esta culpa, esta raiva. Estas emoções, creio eu, tem feito que eu siga honesto, tem sido um estímulo para compreender o que eu devo fazer e um escudo contra soluções fáceis, irrefletidas, que repetidamente ressurgem numa cultura que se nega a reconhecer a complexidade e a enfrentar a injustiça. Em vez de aconselhar-te, deixa-me compartilhar contigo como tenho tentado manter meu compromisso com meus colegas e estudantes, depois de ensinar por 30 anos em escolas.

Aprendi a reconhecer e expressar a revolta que nasce da grande discrepância entre meus objetivos para meus alunos e a sua realização efetiva. Atribuo esta disparidade ao fracasso de nosso sistema para fazer justiça educativa para com meus estudantes. Tenho visto alunos cuja capacidade e vontade de aprender parece haver se atrofiado, alunos e alunas que não possuem a motivação e autodisciplina necessárias para se destacar, alunos e alunas que parecem estar condicionados a conformar-se. Interpreto estas atitudes e comportamentos dos estudantes como o resultado das baixas expectativas, de uma pedagogia equivocada, e de falsas “soluções” de todo o sistema – incluindo movimentos atuais pró-níveis e exames de alto risco. No entanto, eu continuo considerando que meus alunos são pessoalmente responsáveis pelos seus atos.

Por muito sedutoras e satisfatórias que sejam emocionalmente, tenho pretendido conscientemente evitar generalizações que possam atenuar minha desilusão a custa de meus alunos e alunas: sua linguagem, seus pais, sua raça e cultura... Reconheço minha frustração e não reprimo minha raiva. Ao expressar minha revolta me vejo obrigado a examinar as necessidades de aprendizagem de meus estudantes e minhas práticas educativas. Ao fazê-lo, estou reafirmando a esperança e a vontade de fazer-me responsável pelo êxito de meus alunos.

Pretendo expressar-lhes minhas esperanças e desilusões, dizendo-lhes o que espero e o que quero deles e delas. Creio que as expectativas que tenho e expresso me ajudarão a ensinar-lhes a tornaram-se mais responsáveis pela sua própria educação, de modo que não se limitem a conformar-se. Freqüentemente, peço-lhes que avaliem a validade educativa do que estou ensinando e do modo como o faço. Devem participar na sua própria educação, e devem encontrar um equilíbrio respeitoso entre seu desenvolvimento

lingüístico e cognitivo individual e as exigências acadêmicas da escola. Ainda não consegui criar um ambiente de classe que compense os anos de cultura escolar negativa, mas continuarei tentando. Isto tem sido duro para mim porque não sei como desenvolver a autodisciplina e autodeterminação nos alunos. Quem sabe possas ajudar-me. Tenho muito a aprender.

Para sobreviver e crescer, tive que encontrar colegas com quem compartilhar minha revolta, minhas esperanças, minhas crenças e minhas soluções sobre os estudantes e o ensino. Quando debato sobre minha prática docente com estes colegas queridos, trabalho para definir exatamente o que me preocupa, luto contra o medo de que o fato de ter problemas signifique que estou fazendo algo ruim. Por exemplo, pretendo ajudar meus colegas a serem mais vulneráveis profissionalmente, a dar nome às realidades de todo tipo que inibem seu êxito e ameaçam a imagem que têm deles mesmos como profissionais competentes. Evito resolver os problemas de meus colegas, dando-lhes conselhos; ao contrário, fazendo-lhes perguntas, trabalho para encontrar uma forma para que eles mesmos revelem o que está preocupando-lhes e por quê. Compartilhar as verdades e emoções difíceis tem sido necessário para o meu desenvolvimento pessoal e profissional. Afortunadamente, tenho participado em diversos grupos de estudo e investigação docente que tem me apoiado de forma honesta, ajudando-me a examinar e melhorar minha docência.

No entanto, estas verdades e emoções têm sido necessárias, mas não suficientes para ver adiante. Aprendi a converter aquilo que me preocupa em meus alunos e alunas ou da minha classe numa pergunta que possa ser investigada. No princípio pode ser difícil, porque tenho dito que cultivar uma atitude investigativa a partir da prática docente. Tenho aprendido a investigar sobre as questões que me preocupam, a encontrar e ler o que meus colegas docentes e os pesquisadores têm descoberto. Por exemplo, na condição de professor de inglês, me associei a Associação Internacional de Leitura. Leio as revistas acadêmicas e profissionais. Quero criar uma comunidade intelectual na minha escola, na qual os professores compartilhem e discutem sobre artigos e livros. Tornei-me professor porque creio no desenvolvimento intelectual. Devo cuidar de mim mesmo. Encontrei autores estimulantes, clarividentes e

alentadores que ensinaram e que reafirmaram minhas perspectivas. Estou pensando em Paulo Freire, Vygotski.

Alegro-me por ter encontrado uma profissão que combina minha crença na justiça social com meu zelo pela excelência intelectual. Minha opção profissional tem implicado em muita ansiedade, revolta e desilusão. Mas também tem provocado uma alegria profunda. Tenho passado minha vida laboral comprometido com uma causa: A Educação dos alunos desta escola. Bem- vindo a nossa nobre profissão docente e nossa causa perdurável.

Com fé e esperança.

Stephen Gordon- Professor

Anexo II- Autorização SMED

PREFEITURA
DE PELOTAS
Educação e Desporto

AUTORIZAÇÃO

A Secretaria Municipal de Educação e Desporto autoriza a realização da pesquisa intitulada "O(S) SENTIDO(S) DA CARREIRA E DO TRABALHO DOCENTE NA EDUCAÇÃO FÍSICA" – com professores da rede municipal de ensino de Pelotas, a ser desenvolvida pelo acadêmico Ivan Bremm de Oliveira, Doutorando em Educação Física do Curso de Pós Graduação em Educação Física, da Universidade Federal de Pelotas, corrente ano.

Pelotas, 26 de fevereiro de 2019.

Loreni Peverada de Freitas Silva
Diretora de Ensino
SMED - Pelotas/RS

Loreni Peverada de Freitas Silva
Diretora de Ensino

Anexo III- Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Pesquisador responsável:
Auxiliar de pesquisa:
Instituição: Escola Superior de Educação Física – ESEF/UFPEL
Endereço: Rua Luís Camões, 625 – Três Vendas, Pelotas - RS
Telefone: 53 327-32752

Concordo em participar do estudo referente à Tese ***"O(s) sentido(s) da carreira e do trabalho docente na Educação Física"***. Estou ciente de que estou sendo convidado a participar voluntariamente do mesmo.

PROCEDIMENTOS: Fui informado de que o objetivo geral será objetivo geral será *"Compreender o(s) sentido(s) da carreira e do trabalho docente para o professorado de Educação Física da Rede Municipal de Ensino de Pelotas"*, cujos resultados serão mantidos em sigilo e somente serão usadas para fins de pesquisa. Estou ciente de que a minha participação envolverá a escrita de memórias da carreira docente em forma de carta dirigida a um novo docente e de uma entrevista. Os dados serão preservados por meio eletrônico (armazenamento em nuvem) pelo prazo de 5 anos. Estou ciente de que apenas o pesquisador e o entrevistado estarão presentes na entrevista e serão utilizados nomes fictícios das pessoas e das instituições escolares, garantindo assim o sigilo da informação. Igualmente, permito a gravação da entrevista para fins de auxílio na coleta dos dados desta pesquisa, podendo ter acesso apenas os pesquisadores.

RISCOS E POSSÍVEIS REAÇÕES: Fui informado de que a realização da pesquisa pode causar algum tipo de desconforto por parte do respondente na realização das entrevistas e escrita. Em caso de ocorrência de desconforto por parte do entrevistado, a entrevista será imediatamente interrompida e o entrevistado poderá requerer a sua exclusão do estudo

BENEFÍCIOS: O benefício de participar na pesquisa relaciona-se ao fato de que os resultados serão incorporados ao conhecimento científico e na compreensão da carreira e da identidade docente.
PARTICIPAÇÃO VOLUNTÁRIA: Como já me foi dito, minha participação neste estudo será voluntária e poderei interrompê-la a qualquer momento.
DESPESAS: Eu não terei que pagar por nenhum dos procedimentos, nem receberei compensações financeiras.
CONFIDENCIALIDADE: Estou ciente que a minha identidade permanecerá confidencial durante todas as etapas do estudo.

CONSENTIMENTO: Recebi claras explicações sobre o estudo, todas registradas neste formulário de consentimento. Os investigadores do estudo responderam e responderão, em qualquer etapa do estudo, a todas as minhas perguntas, até a minha completa satisfação. Portanto, estou de acordo em participar do estudo. Este Formulário de Consentimento Pré-Informado será assinado por mim e arquivado na instituição responsável pela pesquisa.

Nome do participante/representante legal:_____
Identidade:_____
ASSINATURA:_____ DATA: ____ / ____ / _____
DECLARAÇÃO DE RESPONSABILIDADE DO INVESTIGADOR: Expliquei a natureza, objetivos, riscos e benefícios deste estudo. Coloquei-me à disposição para perguntas e as respondi em sua totalidade. O participante compreendeu minha explicação e aceitou, sem imposições, assinar este consentimento. Tenho como compromisso utilizar os dados e o material coletado para a publicação de relatórios e artigos científicos referentes a essa pesquisa. Se o participante tiver alguma dúvida ou preocupação sobre o estudo pode entrar em contato através do meu endereço acima. Para outras considerações ou dúvidas sobre a ética da pesquisa, entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da ESEF/UFPel – Rua Luís de Camões, 625 – CEP: 96055-630 - Pelotas/RS; Telefone CEP (53)3273-2752.
ASSINATURA DOS PESQUISADORES RESPONSÁVEIS:

_____ _____

Doutorando Ivan Bremm de Oliveira
(53) 98144-0031
(ivanbremmoliveira@gmail.com)

Orientador

Anexo IV- Carta apresentação e autorização pesquisa a SMED, diretores(as) e docentes

Carta de Apresentação e Autorização

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA
Rua Luiz de Camões, 625 • Bairro Tablada • CEP: 96055-630 •Pelotas/RS
Telefones: (53) 32732752/3283 7485 • Fone Fax: (53) 3273 3851

AUTORIZAÇÃO DE PESQUISA

A Secretaria Municipal de Educação e Desporto

Prezado(a) Senhor(a)

Considerando a realização da pesquisa *"**O(s) sentido(s) da carreira e do trabalho docente na Educação Física**"*, a qual tem como objetivo *"Compreender o(s) sentido(s) da carreira docente para o professorado de Educação Física da Rede Municipal de Ensino de Pelotas"*, vimos solicitar AUTORIZAÇÃO desta Secretaria para realizar a coleta de dados junto aos professores da disciplina de Educação Física vinculados a esta rede de ensino. Este apoio é no sentido da autorização do encaminhamento por parte do pesquisador para aplicação de questionários, escrita de memórias referente a aspectos relevantes da carreira docente e de entrevistas com os professores de Educação Física.

Informamos ainda que a realização desta investigação desta foi aprovada pelo Comitê de Ética e Pesquisa da Universidade Federal de Pelotas, via Plataforma Brasil, sob Parecer nº nº 3.118.862 de 23/01/2019, conforme anexo.

Agradecemos a atenção dispensada e colocamo-nos à disposição para quaisquer esclarecimentos.

ASSINATURA DOS PESQUISADORES RESPONSÁVEIS:

_____ _____

Doutorando Ivan Bremm de Oliveira — Orientador

5398144-0031

(ivanbremmoliveira@gmail.com)

Carta apresentação e autorização pesquisa a Diretores(as)

AUTORIZAÇÃO DE PESQUISA

A(o) Senhor(a) Diretor(a)

Prezado(a) Senhor(a)

Considerando a realização da pesquisa de doutorado intitulada *"**O(s) sentido(s) da carreira e do trabalho docente na Educação Física**"*, a qual tem como objetivo *"Compreender o(s) sentido(s) da carreira docente para o professorado de Educação Física da Rede Municipal de Ensino de Pelotas"*, vimos solicitar AUTORIZAÇÃO para realizar a coleta de dados junto aos professores(as) da disciplina de Educação Física vinculados(as) a este Estabelecimento de Ensino. Este apoio é no sentido da autorização do encaminhamento por parte do pesquisador para solicitação de escrita de memórias (carta) referente a aspectos relevantes da carreira docente e de entrevistas com os(as) professores(as) de Educação Física com 20 ou mais anos de docência.

Informamos que a realização desta investigação foi aprovada e autorizada pelo Comitê de Ética e Pesquisa da Universidade Federal de Pelotas, via Plataforma Brasil, sob Parecer nº nº 3.118.862 de 23/01/2019 e pela Secretaria Municipal de Educação e Desporto (SMED) em 26/02/2019,.

Agradecemos a atenção dispensada e colocamo-nos à disposição para quaisquer esclarecimentos.

ASSINATURA DOS PESQUISADORES RESPONSÁVEIS:

_____	_____
Doutorando Ivan Bremm de Oliveira	Orientador
5398144-0031	
(ivanbremmoliveira@gmail.com)	

Carta apresentação aos docentes

Prezado(a) Professor(a)

Como parte integrante da pesquisa de Doutorado em Educação Física intitulada "**O(S) SENTIDO(S) DA CARREIRA E DO TRABALHO DOCENTE NA EDUCAÇÃO FÍSICA"** solicitamos que o(a) prezado(a) professor(a) escreva uma carta em forma de escrita dialogada e dirigida a um novo docente, tendo inspiração outra carta escrita por um professor norte-americano endereçado a um novo docente e presente no livro "Razones del profesorado para seguir con entusiasmo" de Sonia Nieto (2006), que encontra-se em anexo, e que por sua vez foi inspirado no livro de Paulo Freire (1993) "Professora sim, tia não: cartas a quem ousar ensinar".

Simule estar se aposentando e que esta carta será entregue ao novo(a) docente que o substituirá, fale de sua escolha em ser professor(a), suas primeiras aulas, de episódios marcantes da carreira docente, das satisfações e insatisfações e sentimento de estar perto de aposentar-se, no fim reforce a escolha dele em ser docente ou o faça refletir sobre esta escolha, sugerindo se for o caso outra profissão.

Fique a vontade para relatar tudo que achares importante, não há limites de linhas ou de páginas.

Essa carta pode ser escrita em Word e enviada para o email ivanbremmoliveira@gmail.com ou escrita nesse modelo e avisado para o pesquisador buscar pelo email anteriormente citado ou pelo celular/whats (53) 98144-0031. Após será realizada uma entrevista individual.

Informamos que a realização desta investigação foi aprovada e autorizada pelo Comitê de Ética e Pesquisa da Universidade Federal de Pelotas, via Plataforma Brasil, sob Parecer nº nº 3.118.862 de 23/01/2019 e pela Secretaria Municipal de Educação e Desporto (SMED) em 26/02/2019.

Salientamos que em nenhum momento seu nome ou da escola será mencionado na pesquisa e apenas o pesquisador e o docente terão acesso, serão utilizados nomes fictícios das pessoas e das instituições escolares, garantindo assim o sigilo da informação e a sua identidade permanecerá confidencial durante todas as etapas do estudo.

Contamos com sua estimada colaboração.

_____

Doutorando Ivan Bremm de Oliveira

5398144-0031- (ivanbremmoliveira@gmail.com)

Anexo VI- TERMO DE TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE ENTREVISTA E USO DE DEPOIMENTOS

TERMO DE TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE ENTREVISTA E USO DE DEPOIMENTOS

Eu_____,carteira de identidade _____, depois de conhecer e entender os objetivos, procedimentos metodológicos usados na pesquisa, bem como de estar ciente da necessidade do uso de meu depoimento, autorizo, através do presente termo, o pesquisador Ivan Bremm de Oliveira, doutorando do Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Universidade Federal de Pelotas(PPGEF/UFPel), do projeto de pesquisa intitulado *"**O(s) sentido(s) da carreira e do trabalho docente na Educação Física***" e sob orientação do Prof. Giovanni Frizzo, a colher meu depoimento/entrevista que se faz necessário sem quaisquer ônus financeiros a nenhuma das partes. Não obstante, libero a utilização do depoimento/entrevista para fins científicos e de estudos, em favor do pesquisador, acima especificado, obedecendo ao que está previsto na legislação vigente. Fui informado que a minha identidade permanecerá confidencial durante todas as etapas do estudo.

ASSINATURA:_____ DATA: ____ / ____ / _____

Anexo VI- PARECER APROVAÇÃO COMITÊ ÉTICA E PESQUISA

UFPEL - ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE

PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: O(S) SENTIDO(S) DA CARREIRA E DO TRABALHO DOCENTE NA EDUCAÇÃO
Pesquisador: Giovanni Felipe Ernst Frizzo
Área Temática:
Versão: 2
CAAE: 02049018.6.0000.5313
Instituição Proponente: Escola Superior de Educação Física da Universidade Federal de Pelotas
Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 3.118.862

Apresentação do Projeto:
Será solicitada à SMED listagem com professores de EF acima de 20 anos de docência e suas respectivas escolas, o pesquisador fará contato com estes professores e será solicitado para os mesmos que escrevam uma carta em forma de escrita dialogada com o leitor, ou seja,
instigaremos os colaboradores para que escrevam uma carta a um novo docente tendo inspiração uma carta escrita por um professor norteamericano endereçado a um novo docente e está presente no livro "Razones del profesorado para seguir con entusiasmo" de Sonia Nieto (2006). A partir das leituras destas cartas e dos elementos elencados nas mesmas será feita a escolha do professorado colaborador deste estudo para a etapa de entrevistas. Estima-se que em torno de 20 docentes se enquadrarão nos seguintes critérios de inclusão: a) Ser professor (a) de EF e Pertencer ao quadro efetivo da escola; b) Ter acima de 20 anos de docência em EFb) Estar em efetivo exercício da profissão docente; c)
Disponibilidade para participar da pesquisa. Para a melhor compreensão do fenômeno a ser estudado, decidiu-se pela utilização de instrumentos tradicionais das Ciências Sociais e Humanas, como a análise de documentos, entrevista semiestruturada e um estudo piloto.
Após as entrevistas, as mesmas serão transcritas, enviadas para os entrevistados lerem e assinarem como forma de autenticidade e fidedignidade das informações, além da autorização para a sua reprodução. Durante a realização da entrevista pode ocorrer algum tipo de desconforto por parte do entrevistado. Desta maneira, em caso de ocorrência de desconforto por parte do

Endereço: Luis de Camões,625
Bairro: Tablada **CEP:** 96.055-630
UF: RS **Município:** PELOTAS
Telefone: (53)3273-2752 **E-mail:** [illegible]

entrevistado, a entrevista será imediatamente interrompida e o entrevistado poderá requerer a sua exclusão do estudo.

Objetivo da Pesquisa:

Primário: Compreender o(s) sentido(s) da carreira docente para o professorado de EF da Rede Municipal de Ensino de Pelotas.

Secundários:

- Identificar aspectos relevantes referentes à trajetória da carreira do professorado de EF.
- Analisar a trajetória de políticas educacionais brasileiras e de que forma estas políticas interferiram no trabalho docente.
- Aprofundar o conhecimento acerca do período final da carreira e constituição da identidade docente.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Será informado de que a realização da pesquisa pode causar algum tipo de desconforto por parte do respondente na realização das entrevistas e escrita. Em caso de ocorrência de desconforto por parte do entrevistado, a entrevista será imediatamente interrompida e o entrevistado poderá requerer a sua exclusão do estudo.

O benefício de participar na pesquisa relaciona-se ao fato de que os resultados serão incorporados ao conhecimento científico e na compreensão da identidade docente.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

O delineamento experimental está claro, bem descrito e de acordo com o problema de pesquisa. A metodologia apresenta uma descrição adequada de todos os procedimentos experimentais.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Os termos estão adequadamente apresentados. O TCLE está bem escrito e apresenta uma linguagem clara e adequada.

Recomendações:

Aprovado sem pendências.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

O presente estudo está aprovado sem pendências.

Considerações Finais a critério do CEP:

Prezado(a) Pesquisador(a)

O CEP considera o protocolo de pesquisa adequado, conforme parecer APROVADO, emitido pelo

UFPEL - ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE

relator. Solicita-se que o pesquisador responsável retorne com o RELATÓRIO FINAL ao término do estudo, considerando o cronograma estabelecido.

Att,

Airton José Rombaldi
Presidente: CEP/ESEF/UFPEL

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1241710.pdf	07/12/2018 17:47:06		Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	projetov2.pdf	07/12/2018 17:46:45	Giovanni Felipe Ernst Frizzo	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	AnexoIITCLE.pdf	27/10/2018 13:44:56	Giovanni Felipe Ernst Frizzo	Aceito
Folha de Rosto	Folharostoassinada.pdf	27/10/2018 13:44:42	Giovanni Felipe Ernst Frizzo	Aceito

Situação do Parecer:
Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:
Não

PELOTAS, 23 de Janeiro de 2019

Assinado por:
Airton José Rombaldi
(Coordenador(a))

Endereço: Luis de Camões 625
Bairro: Tablada **CEP:** 96.055-630
UF: RS **Município:** PELOTAS
Telefone: (53)3273-2752 **E-mail:** ajrombaldi@gmail.com